NOVOS MODOS DE VIDA, NOVOS ESPAÇOS DE MORAR

uma reflexão sobre a habitação contemporânea

Paris . São Paulo . Tokyo

MARCELO TRAMONTANO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Orientadora
PROFA. DRA. SUZANA PASTERNAK TASCHNER

AGOSTO
1998

Para Alma, Anja,
Áurea Regina, Flair,
Lygia, Marina e Mapi,
fortes mulheres
que compõem
a minha família,
com profundo respeito
e enorme carinho.

Impresso em São Carlos, SP, Brasil, em Agosto de 1998. Impressora Epson Stylus Color, papel Chamex Premium 90g/m², em doze exemplares. Marcelo Tramontano
Universidade de São Paulo Escola de Engenharia de São Carlos
Departamento de Arquitetura e Urbanismo Caixa Postal 359 13560-250
São Carlos, SP, Brasil tramont@sc.usp.br http://members.tripod.com/~tramont/index.html

Tramontano, Marcelo
Novos modos de vida, novos espaços de morar. Paris, São Paulo, Tokyo. Uma reflexão sobre a habitação contemporânea.
Tese de Doutoramento. São Paulo : Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998.

1. Habitação: História 2. Habitação: Projeto 3. Metrópoles 4. Paris 5. São Paulo 6. Tokyo I. Título

NOVOS MODOS DE VIDA, NOVOS ESPAÇOS DE MORAR

uma reflexão sobre a habitação contemporânea

Paris . São Paulo . Tokyo

MARCELO TRAMONTANO

Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Orientadora
PROFA. DRA. SUZANA PASTERNAK TASCHNER

AGOSTO
1998

Às pessoas e instituições que, generosamente, foram preciosas parceiras em alguma parte deste caminho: *merci infiniment*, muito obrigado, *dômo arigatô-gozaimasu*.

Da França: Danièle Voldman, pesquisadora, IHTP-CNRS, Paris/ François D'Arcy, Institut de Sciences Politiques, Grenoble/ Ingrid do Rio Campo, arquiteta, Paris/ Jacques Schombourger, urbanista, Paris/ Maïté Ely, documentalista, INED, Paris/ Monique Eleb-Vidal, psicóloga, Ecole d'Architecture de Belleville, Paris/ Patrick Simon, pesquisador, INED, Paris/ Yankel Fijalkow, professor, Université de Rouen, Rouen.

Do Japão: Akinori Kato, urbanista, Osaka University, Osaka/ Akio Otsu, diretor, Fukuoka Jisho Co., Ltd., Fukuoka/ Akira Koyama, arquiteto, Kôbe Design University, Kôbe/ Atsushi Kitagawara, arquiteto, Tokyo/ Celina Kobayashi, arquiteta, Tokyo Gejitsu University, Tokyo/ Francesco Montagnana, arquiteto, Tokyo-Milano/ Fumiko Perry, arquiteta, Osaka Sangyo University, Osaka/ F. Nishi, Statistical Bureau, Management and Coordination Agency, Tokyo/ Harumasa Ito, arquiteto, Public Housing Construction Division, Osaka/ Hiroshi Hara, arquiteto, University of Tokyo, Tokyo/ Hiroshi Nakao, arquiteto, Tokyo/ Hitomi Hamada, arquiteta, Osaka Sangyo University, Osaka/ Hitoshi Nakagawa, arquiteto, Osaka Sangyo University, Osaka/ Hyoichiro Araki, arquiteto, Kansai University, Osaka/ Ichiro Nishimura, arquiteto, Nara Women's University, Nara/ Ichiro Suzuki, arquiteto, Tokyo/ Katsuhiro Miyamoto, arquiteto, Ashiya/ Kazuhiko Sakakibara, urbanista, Osaka Sangyo University, Osaka/ Kazuyo Sejima, arquiteta, Tokyo/ Kazuyuki Negishi, arquiteto, Osaka/ Kei Adachi, arquiteto, Kansai University, Osaka/ Kiyoshi Sei Takeyama, arquiteto, Tokyo/ Megumu Tsuda, pesquisadora, Osaka Gas Co., Ltd., Osaka/ Osamu Nakasuji, arquiteto, Osaka/ Riken Yamamoto, arquiteto, Yokohama/ Sakae Tsunoyama, historiador, Sakai City Historical Museum, Sakai/ Shigebumi Suzuki, arquiteto, Kôbe Design University, Kôbe/ Takamitsu Azuma, arquiteto, Osaka University, Osaka/ Tatsuo Kawanishi, arquiteto, Kyoto Prefectural University, Kyoto/ Teiji Matsumasa, arquiteto, Osaka University, Osaka/ Teruo Mochida, arquiteto, Osaka Sangyo University, Osaka/ OSU - Osaka Sangyo University.

Do Brasil: Akemi Ino, engenheira, Universidade de São Paulo, São Carlos/ Cibele Saliba Rizek, socióloga, Universidade de São Paulo, São Carlos/ David Sperling, bolsista CNPq-Pibic, Universidade de São Paulo, São Carlos/ Elaine Rabinovitch, psicóloga, São Paulo/ Fernanda Fernandes, arquiteta, Universidade de São Paulo, São Paulo/ Fernando Atique, bolsista FIPAI/FAPESP, Universidade de São Paulo, São Carlos/ Hugo Segawa, arquiteto, Universidade de São Paulo, São Carlos/ Jo Takahashi, arquiteto, The Japan Foundation, São Paulo/ Joubert Lancha, arquiteto, Universidade de São Paulo, São Carlos/ Lúcia Bógus, socióloga, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/ Marco Antônio Reginato Santos, bolsista EESC, Universidade de São Paulo, São Carlos/ Maria Josefina Gabriel Sant'Anna, socióloga, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/ Paulo César Xavier Pereira, sociólogo, Universidade de São Paulo, São Paulo/ Roseli Guilherme, administradora, Universidade de São Paulo, São Carlos/ Roti Nielba Turin, semioticista, Curitiba/ Vlademir Iglesias Filho, bolsista FIPAI, Universidade de São Paulo, São Carlos/ Capes - Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior / CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa Científica, Brasil/ Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo / Fipai - Fundação para o Incremento da Pesquisa e do Aperfeiçoamento Industrial.

Dos Estados Unidos: Jessica Lyons, editora, Santa Clara University/ Dana Polan, historiador, University of Pittsburgh, Pittsburgh.

Muito especialmente, obrigado à professora Suzana Pasternak Taschner, pelo respeito impresso em sua postura de orientadora ao longo dos anos em que durou a pesquisa, e à arquiteta Anja Pratschke, por sua colaboração contínua e seu entusiasmo constante, na França, no Brasil e no Japão.

NEW WAYS OF LIVING, NEW SPACES TO LIVE PARIS . SAO PAULO . TOKYO
A reflexion about contemporary housing Abstract

Considering similarities concerning ways of living, social indicators and the organization of the contemporary housing space in three metropolises – Paris, Sao Paulo and Tokyo – within the westernized world, two main exercises are proposed here. The first one aims the understanding of the way urban areas so distant of each others start to present converging trends through a process launched by the arrival of the British industrial revolution effects in each one of them. The second one wants to analyse the resulting housing, sketching intervention criterion and design mechanisms which could be useful to its necessary redesign, considering the new ways of living for its users. Still introductory and preliminary ideas and thoughts are registered here, which refuse the commodity of *tabula rasa* and archetypical solutions, prefering to scrutinize the infinite and varied universe of Diversity.

NOUVEAUX MODES DE VIE, NOVEAUX ESPACES POUR VIVRE PARIS . SAO PAULO . TOKYO Une réflexion sur l'habitation contemporaine Résumé

Face à des similarités concernant les modes de vie, mais aussi les indicateurs sociaux et l'organization même de l'espace de l'habitation contemporaine dans trois métropoles du monde occidentalisé – Paris, Sao Paulo et Tokyo –, deux exercices principaux sont ici proposés. Pour le premier il s'agit de comprendre le processus selon lequel des agglomérations urbaines si éloignées les unes des autres finissent par présenter des tendences convergentes, un processus qui commence visiblement à l'arrivée locale des premiers effets de la révolution industrielle anglaise. Deuxièmement, l'on propose d'analyser l'habitation qui en résulte, en esquissant des critères d'intervention et des mécanismes de projet pour la révision de sa conception, trouvée nécessaire, tout en considérant les nouveaux modes de vie de ses habitants. Il s'agit, donc, d'enregistrer des idées et des pensées encore introductoires et préliminaires, mais qui rejetent la commodité de la *tabula rasa* et celle des solutions archetypiques, en préférant d'aller chercher avec attention dans l'univers infini et varié de la Diversité.

NOVOS MODOS DE VIDA, NOVOS ESPAÇOS DE MORAR PARIS . SÃO PAULO . TOKYO Uma reflexão sobre a habitação contemporânea Resumo

Diante de similaridades de modos de vida, de indicadores sociais e da própria organização do espaço da habitação contemporânea em tres metrópoles do mundo ocidentalizado – Paris, São Paulo e Tokyo –, dois exercícios principais são aqui propostos. O primeiro consiste em entender o processo através do qual áreas urbanas tão distantes umas das outras vão apresentar estas tendências convergentes, iniciado, visivelmente, a partir da chegada a cada uma delas dos efeitos da revolução industrial inglesa. O segundo, em analisar a habitação daí resultante, esboçando critérios de intervenção e delineando mecanismos projetuais que possam auxiliar o seu, conclui-se, necessário redesenho, levando em conta os novos modos de vida de seus habitantes. Trata-se, portanto, de registrar idéias e pensamentos ainda introdutórios, preliminares, mas que rejeitam a comodidade da *tabula rasa* e a das soluções arquetípicas, preferindo ir esmiuçar o universo infinito e variado da Diversidade.

NEW WAYS OF LIVING, NEW SPACES TO LIVE PARIS . SAO PAULO . TOKYO
A reflexion about contemporary housing Abstract

Considering similarities concerning ways of living, social indicators and the organization of the contemporary housing space in three metropolises – Paris, Sao Paulo and Tokyo – within the westernized world, two main exercises are proposed here. The first one aims the understanding of the way urban areas so distant of each others start to present converging trends through a process launched by the arrival of the British industrial revolution effects in each one of them. The second one wants to analyse the resulting housing, sketching intervention criterion and design mechanisms which could be useful to its necessary redesign, considering the new ways of living for its users. Still introductory and preliminary ideas and thoughts are registered here, which refuse the commodity of *tabula rasa* and archetypical solutions, prefering to scrutinize the infinite and varied universe of Diversity.

NOUVEAUX MODES DE VIE, NOVEAUX ESPACES POUR VIVRE PARIS . SAO PAULO . TOKYO Une réflexion sur l'habitation contemporaine Résumé

Face à des similarités concernant les modes de vie, mais aussi les indicateurs sociaux et l'organization même de l'espace de l'habitation contemporaine dans trois métropoles du monde occidentalisé – Paris, Sao Paulo et Tokyo –, deux exercices principaux sont ici proposés. Pour le premier il s'agit de comprendre le processus selon lequel des agglomérations urbaines si éloignées les unes des autres finissent par présenter des tendences convergentes, un processus qui commence visiblement à l'arrivée locale des premiers effets de la révolution industrielle anglaise. Deuxièmement, l'on propose d'analyser l'habitation qui en résulte, en esquissant des critères d'intervention et des mécanismes de projet pour la révision de sa conception, trouvée nécessaire, tout en considérant les nouveaux modes de vie de ses habitants. Il s'agit, donc, d'enregistrer des idées et des pensées encore introductoires et préliminaires, mais qui rejetent la commodité de la *tabula rasa* et celle des solutions archetypiques, en préférant d'aller chercher avec attention dans l'univers infini et varié de la Diversité.

NOVOS MODOS DE VIDA, NOVOS ESPAÇOS DE MORAR PARIS . SÃO PAULO . TOKYO Uma reflexão sobre a habitação contemporânea Resumo

Diante de similaridades de modos de vida, de indicadores sociais e da própria organização do espaço da habitação contemporânea em tres metrópoles do mundo ocidentalizado – Paris, São Paulo e Tokyo –, dois exercícios principais são aqui propostos. O primeiro consiste em entender o processo através do qual áreas urbanas tão distantes umas das outras vão apresentar estas tendências convergentes, iniciado, visivelmente, a partir da chegada a cada uma delas dos efeitos da revolução industrial inglesa. O segundo, em analisar a habitação daí resultante, esboçando critérios de intervenção e delineando mecanismos projetuais que possam auxiliar o seu, conclui-se, necessário redesenho, levando em conta os novos modos de vida de seus habitantes. Trata-se, portanto, de registrar idéias e pensamentos ainda introdutórios, preliminares, mas que rejeitam a comodidade da *tabula rasa* e a das soluções arquetípicas, preferindo ir esmiuçar o universo infinito e variado da Diversidade.

introdução 3

HABITAR O PRIVADO
Da Industrialização ao Movimento Moderno 9
A construção do conceito moderno de habitação 13 A modernidade segundo Paris 61 Um cafezal chamado São Paulo 97 As urbanidades planejadas de Tokyo 127 Planeta, cidade, privado 167

HABITAR A CIDADE
Do final da Segunda Guerra aos anos 90 185
A americanização das metrópoles e a banalização dos meios de comunicação à distância 189 Paris é de todo mundo 233 São Paulo em trincheiras 263 Tokyo em fragmentos 295

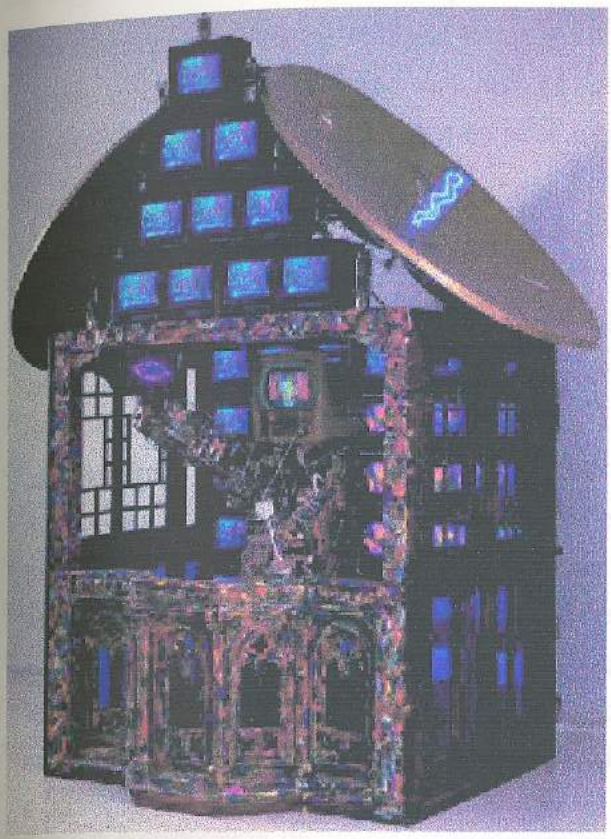
HABITAR O PLANETA
Rumo a novas definições 317
Hoje, modelo convencional, revisões 319

conclusões 367

referências bibliográficas 377

iconografia 393

introdução



Ser moderno é fazer o melhor uso de nossa memória e se arriscar a inventar.

Jean Nouvel

Com freqüência, o processo de industrialização tem-se associado, na história de diversos países do mundo, à concentração de população em polos industriais, e a profundas mudanças na composição do grupo familiar e nas relações entre seus membros. Filhos legítimos destes acontecimentos, o nascimento de um modo de vida metropolitano, nos séculos 18 e 19, e a afirmação da família nuclear como modelo familiar moderno vieram substituir um modo de produção anterior, inserido em um modelo econômico que se baseava, sobretudo, na mão-de-obra da família extensa. Este grupo medieval compunha-se - na França, no Japão e mesmo no Brasil dos primeiros tempos coloniais

- de familiares, empregados e aprendizes sob a tutela de um pai-patrão proprietário dos meios de produção, todos morando na casa onde se sobrepõem, em muitos casos, em um único grande cômodo, habitação, local de trabalho e espaço aberto ao público.

Ao retraçar e comentar, muito resumidamente, aspectos da história da habitação e dos modos de vida correspondentes a este período, privilegiamos os casos francês, brasileiro e japonês, que nos interessam de maneira especial. As grandes etapas de cada um são, em linhas gerais, semelhantes, apesar de terem duração e ocorrerem em momentos, às vezes, bastante distintos. Por exemplo, o grupo familiar extenso, típico da Idade Média, que, no final do século 19, já havia sido substituído, na burguesia parisiense, pela família nuclear, sobreviveu no Japão, na forma do *dozoku*, até o término da Segunda Guerra Mundial. O que torna a história da família nuclear e da habitação ocidentalizada, naquele país, extremamente recente. No Brasil, cujo início da história oficial coincide com as décadas finais da Idade Média européia, a família extensa, responsável pela colonização das áreas rurais, viveu de forma autárquica até ser atraída pelos polos industriais, alguns séculos mais tarde, por razões de trabalho, onde também acabou por nuclearizar-se. De qualquer modo, o que se quer sublinhar é uma clara tendência convergente das maneiras de morar nestas áreas, a partir da chegada dos efeitos da Revolução Industrial inglesa. "A casa medieval", lembra o professor Witold Rybczynski, da *Pennsylvania University*, "era um lugar público e não privado."[1] Contrariamente, a casa da sociedade industrial deixou de abrigar o espaço de trabalho, e passou a ser habitada por pessoas ligadas umas às outras por laços de consangüinidade muito estreitos. O espaço fabril, território masculino por excelência e aberto ao público, diferencia-se do espaço doméstico, feminino e privado por oposição, dividido em cômodos que se organizam em zonas, a exemplo da habitação burguesa.

O que vai acontecer na moradia, no momento em que a informatização passar a dirigir, de maneira definitiva, a economia, e que, segundo o professor Peter Hall, da

1 Rybczynski, W. Home – A short history of an idea. New York: Penguin Books, 1987. p. 26.

Bartlett School of Planning, de Londres, está mais perto do que se imagina? A configuração do espaço doméstico modificou-se entre a Idade Média e o século 18 porque, em suma, alterou-se também o perfil do grupo familiar que o habitava, por conta de mudanças profundas no papel do Estado. A um Estado medieval fraco correspondiam poderosos clãs cuja existência foi perdendo sentido à medida em que o Estado foi assumindo um lugar mais proeminente na cena pública. A burguesia industrial oitocentista européia é poderosa porque os contornos do Estado são claros, o que torna igualmente claros os limites entre os domínios privado e público. Atravessamos todo o século 20 vendo a instituição do Poder Público ser o tempo todo posta em cheque, obrigada a rever continuamente o seu papel, sobretudo ao término de cada uma das duas grandes guerras mundiais. Sob esta ótica, as manifestações de 1968 parecem ser nada mais, nada menos do que uma explosão - ou expressão? - deste conflito contínuo e latente, desta mudança de papéis e de significados do Estado e da Família, intocáveis monstros sagrados até então. O que os conflitos de 1968 afirmavam publicamente, mundialmente, definitivamente, é que estes monstros estavam começando a morrer, ou, no mínimo, a metamorfosear-se, a desdobrar-se em novos seres igualmente possíveis, talvez menos dominantes, em aparência. No momento atual, em que capitais internacionais sem rosto entram e saem de cofres nacionais com a rapidez e a displicência de um *click* em um *mouse*, o ente Estado se vê novamente na berlinda e, preocupado em não se deixar atropelar pelos fatos econômicos, tenta não capitular diante de desenvolvimentos cujo palco é, por excelência, o território da virtualidade. Diante destes atores - Estado, Economia, Família, Transmissão de Informações, ... - não é difícil supor mudanças a acontecer também na Habitação, tanto quanto no Espaço Público, por exemplo. 'Quais mudanças?', não é exatamente o que importa para os objetivos deste trabalho. Porque ele se propõe, apenas, reconhecer este processo, enxergando-o a partir do interior do espaço doméstico, e aventar critérios capazes de contribuir para definir estratégias de intervenção. Não apresenta, com

certeza, respostas projetuais específicas e acabadas, porque considera que aos projetistas cabe procurar estas soluções, caso a caso, a partir de suas próprias reflexões. Até porque a miragem de 'uma única solução ótima para cada problema corretamente formulado', como queriam muitos Modernos[2], parece estar para sempre sepultada sob as novas indagações e a enorme diversidade de tendências arquitetônicas deste atual 'tempo selvagem e incerto', para usar a bonita e precisa expressão do crítico francês Patrice Goulet.[3] O que existe, sim, são infinitas possibilidades esperando para serem materializadas, testadas, verificadas. Às reflexões que nos permitimos fazer, estamos dando, unicamente, a qualidade de balizas, esperando que possam indicar direções nas quais futuras pesquisas poderão caminhar.

Estas reflexões se baseiam em tendências demográficas e comportamentais verificadas, primeiramente, em áreas urbanas, principalmente metropolitanas, em diversos pontos do planeta. É por essa razão que, por Habitação contemporânea metropolitana, entendem-se, aqui, espaços domésticos eventualmente fora dos limites físicos de áreas metropolitanas mas, ainda assim, inseridos em sua esfera de influência cultural. Da mesma forma, consideram-se metropolitanos modos de vida que se originam e se referenciam àqueles identificados em regiões metropolitanas, mesmo que façam parte das opções de indivíduos ou grupos vivendo fora dos seus limites físicos.

Duas precisões são necessárias. Primeira: reconhece-se a predominância da habitação coletiva como futuro mais razoável para a habitação nos terrenos cada vez menores, mais raros e, portanto, mais caros das metrópoles. É a partir desta habitação, desde que ofereça um mínimo de dignidade e de conforto, que seja produto de um projeto arquitetônico, seja ela financiada ou não pelos cofres públicos, que se desenvolve a reflexão aqui proposta. Por isso, apesar de representar um grande e urgente problema cujas soluções incumbem ao Estado, a maneira de habitar das pessoas que vivem, por exemplo, nas caixas

2 Escrita com M maiúsculo, a palavra Moderno refere-se, aqui, ao conjunto de idéias e realizações em Arquitetura que tiveram lugar na Europa do Entre-Guerras e que convencionou-se chamar de Movimento Moderno. Longe de constituir um conjunto homogêneo, as referências às 'idéias Modernas' estarão sempre designando aquelas contidas em documentos importantes, assinados por vários arquitetos, como os derivados dos CIAM, ou então as espacializadas por grandes mestres, como Gropius, Le Corbusier e Mies Van Der Rohe, recorrentes quando se fala em Habitação.

3 Goulet, P. Temps sauvage et incertain. Paris: Institut Français d'Architecture, 1989.

de papelão em torno de *Shinjuku-eki*, em Tokyo, ou das que vivem em casebres mal construídos com tijolo baiano e restos de madeira, nas favelas paulistanas, ou, ainda, das que arriscam a vida em prédios praticamente em ruínas, no *11e arrondissement*, em Paris, situa-se fora dos limites deste trabalho. Segunda: a questão da inserção urbana dos edifícios de habitação é tratada apenas no que concerne deslocamentos funcionais entre as esferas pública, coletiva e privada. Está-se falando, sobretudo, do deslocamento de funções como a preparação e o consumo de alimentos que, devido às atuais grandes distâncias a percorrer entre casa e trabalho, parecem tender a trocar a esfera privada pela pública. Tomando este caso como exemplo, interessa-nos mais discutir o projeto do edifício e da unidade habitacional - o apartamento -, nos quais a função citada tornou-se, eventualmente, minimizada, do que as relações entre o edifício e o bairro ou a cidade, onde se encontram os restaurantes.

Paris, São Paulo e Tokyo foram escolhidas como suporte destas reflexões por várias razões. Primeiro, porque são áreas metropolitanas, situadas em diferentes continentes, com diferente *background* histórico e cultural, mas cujas atuais tendências de mudança, tanto no que se refere ao perfil e aos modos de vida da população quanto à organização, o desenho e o equipamento de seus espaços domésticos, apresentam incríveis similaridades. Além disso, as tres áreas tornaram-se pólos industriais importantes entre a segunda metade do século 19 e a primeira metade do século 20, passando a ser o destino preferencial de cada vez mais pessoas. Paris estava, então, vivendo sua Segunda Revolução Industrial; Tokyo abria-se para o Ocidente e, conseqüentemente, para a indústria; São Paulo convivia com transformações sócio-econômicas de diversas ordens, cujo ponto central era o florescimento da economia cafeeira, marco zero do processo de industrialização local.

Paris, São Paulo e Tokyo são áreas metropolitanas de grande expressão cultural em suas macro-regiões - São Paulo, na América Latina, Paris, na Europa, Tokyo, na Ásia - , com população que as coloca entre as maiores aglomerações urbanas do mundo: Paris tem em torno de 10,9 milhões de pessoas[4], São Paulo, 15,2 milhões[5], e Tokyo, 29,2 milhões[6]. As tres possuem manifestações culturais próprias, reconhecidamente, significativas, e, no que concerne a Arquitetura, exibiam, antes do início do processo de industrialização, tipologias habitacionais bastante distintas. Vale dizer que, tanto em Paris, como em São Paulo, como em Tokyo, as idéias Modernas são recebidas como um desenvolvimento exterior à cultura local. Apesar disso, os projetos Modernos brasileiro e japonês desenvolvem-se graças a uma grande influência de Le Corbusier e do trabalho de seus discípulos locais. Suíço de nascimento, Le Corbusier produzirá sua vasta obra inserido na cultura parisiense. Finalmente, São Paulo também foi escolhida pela riqueza de situações que oferece no campo da habitação, não excluindo a agressividade singular com que o mercado imobiliário local sempre tratou a questão; Paris, por ser, provavelmente, a metrópole em que o assunto Habitação e Modos de Vida mais tem sido objeto de discussões, publicações e realizações experimentais; e Tokyo, porque, devido à maneira como tem procurado agenciar seu espaço urbano e lidar com as mínimas áreas disponíveis para se habitar, tornou-se referência obrigatória em toda discussão sobre futuros possíveis das metrópoles contemporâneas.

São Carlos, inverno de 1998

4 População estimada do Departamento de Ile-de-France em 1º de Janeiro de 1993 (INSEE).

5 População da Região Metropolitana de São Paulo. Resultado preliminar do Censo Demográfico de 1991 (IBGE).

6 População compreendida em um raio de cinqüenta quilômetros a partir do Palácio Imperial, em 31 de Março de 1992, segundo o Ministério Japones de Assuntos Domésticos.

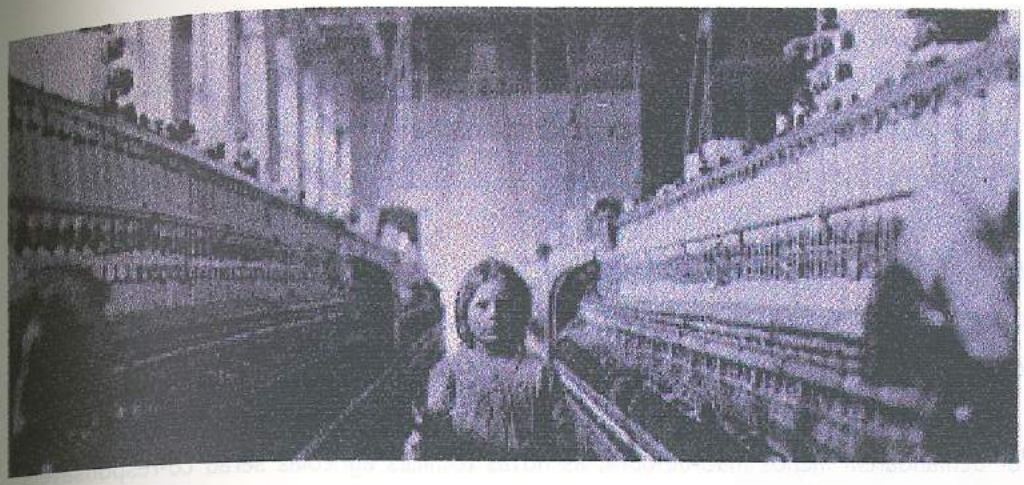
HABITAR O PRIVADO Da Industrialização ao Movimento Moderno

A construção do conceito moderno de habitação
A modernidade segundo Paris
Um cafezal chamado São Paulo
As urbanidades planejadas de Tokyo
Planeta, cidade, privado

HABITAR O PRIVADO Da Industrialização ao Movimento Moderno

A construção do conceito moderno de habitação

As cidades superpovoadas . Uma sociedade desigual . Onde vivem os pobres .
Os reformadores sociais . Sindicatos e partidos . Do ferro fundido ao aço laminado .
Estruturas de concreto . Um programa que se afirma .
Kits de morar para a civilização maquinista .
A Guerra . Qual habitação reconstruir? .
A Alemanha vencida é um solo fértil . A habitação-para-todos é flexível .
Uma síntese possível



AS CIDADES SUPERPOVOADAS

O século 19 vê consolidar-se, na Europa, a tendência – já esboçada uns duzentos anos antes – da nuclearização da família. A noção de clã, forte ainda no século 16, vai progressivamente dando lugar à valorização do grupo familiar restrito que resultará, às portas do século 20, na aceitação da família nuclear como o modelo de família 'moderna'.[1] Estas transformações não estão desligadas do processo de industrialização por que passa o continente - iniciado na Inglaterra e ganhando, em seguida, a França e, mais tarde, a Alemanha -, no qual as novas figuras do Patrão e do Operário vêm substituir um modo de produção anterior baseado, em grande parte, na mão-de-obra da família extensa.

Esta nova configuração familiar, inicialmente característica das classes dominantes, vai conviver com outro fato social de grande importância para o estudo da habitação: o súbito e brutal aumento da população destes países e sua concentração nas regiões fabris. As causas deste aumento são as mais diversas. A queda das taxas de mortalidade[2], graças, principalmente, à melhoria do saneamento básico das cidades, mas também a uma

1 Os limites deste trabalho não permitiriam um detalhamento maior deste percurso. Citaremos apenas as três fases propostas pelo historiador frances Philippe Ariès, que consistiriam nas figuras fundamentais do processo de privatização da família entre os séculos 16 e 18: "Primeiro, a busca de um individualismo de costumes, separando o indivíduo do coletivo; em seguida, a multiplicação dos grupos de convivialidade que permitem escapar tanto à multidão quanto à solidão; (...) por fim, a redução da esfera do privado à célula familiar, que se torna sede privilegiada, senão única, do investimento afetivo e do recolhimento íntimo." (Citado por Chartier, R. **A Comunidade, o Estado e a Família. Trajetórias e Tensões.** *In:* História da Vida Privada - Da Renascença ao século das luzes. Vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 409.

2 Na Inglaterra, a mortalidade passa de 22,4/mil em 1841-1850 a 15,4/mil em 1901-1910. Os dados para a Alemanha no mesmo período são de 26,8/mil e 18,7/mil, respectivamente. (*In:* Annales S.G.F. Paris: 1951. pp. 365-366)

alimentação melhor balanceada, à disseminação de princípios básicos de higiene e ao equipamento médico dos centros onde a população mais cresce. A mortalidade infantil diminui com a supervisão médica dos partos e melhores cuidados dispensados aos recém-nascidos. A queda da natalidade[3] começa a ser verificada algumas décadas mais tarde, obedecendo a motivações mais complexas: elevação do nível de vida, urbanização e descristianização da população, e – já nesta época – propaganda anticonceptional. Às vezes, como na França, preocupação em proteger a pequena propriedade familiar, preservando-a de eventuais partilhas sucessórias.[4]

Por demandarem menos mão-de-obra, as novas técnicas agrícolas serão co-responsáveis por um êxodo rural sem precedentes na História, aumentando incrivelmente a população industrial ativa dos aglomerados urbanos. Às positivas atrações das novas cidades industriais soma-se a pressão negativa das novas propriedades rurais: o empenho em obter um rendimento excepcional na agricultura, como o que revolucionou a indústria, trará consigo a abolição dos direitos comunais sobre terras e seu parcelamento, estendendo o cultivo a terrenos que haviam sido campos abertos. Os pequenos agricultores deixam o campo, incorporando-se às massas de camponeses que se deslocam para os centros recém-industrializados em busca de trabalho. Só a industria têxtil inglesa, que, em 1818, empregava cinqüenta e sete mil trabalhadores, emprega, já em 1840, meio milhão[5]. A imensa maioria dos indivíduos atraídos pelo trabalho industrial migrou para as cidades porque viu nesta mudança uma melhora efetiva com relação à sua condição anterior: a liberação da servidão direta, substituída pela participação em uma economia privada baseada na retribuição monetária – e não mais alimentar -, um trabalho comparativamente melhor remunerado e que também podia ser executado pelas mulheres e crianças. O processo gradual de urbanização, iniciado no século 18, alcançou subitamente proporções assustadoras: na Inglaterra, primeiro país industrializado, as cidades agrupam 78% da população em 1914; na Alemanha, 36% dos habitantes vivem em meio urbano em 1871, e 60% em 1911. A

3 A taxa de natalidade na Inglaterra, que é de 35,4/mil em 1871-1880, cai para 27,2/mil em 1900-1910, enquanto que na Alemanha no mesmo período, estes números variam de 38/mil a 33/mil. A população francesa, entre 1801 e 1901, passa de 28,2 milhões de pessoas para 40,6 milhões; a inglesa no mesmo período, quase quadruplica, variando de 10,2 milhões a 38,7 milhões. Os alemães, que são 24,8 milhões em 1801, chegam a 56,3 milhões em 1901. (*In* Annales S.G.F., *op.cit.*, p. 335)

4 Bouillon, J. et.al., 1848-1914. Paris: Bordas, 1978. p. 32.

5 Pawley, M. **Arquitectura versus vivienda de masas**. Barcelona: Ed. Blume, 1977. p.10.

França tem ainda, em 1914, 55% de sua população vivendo no campo, mas já na segunda metade do século 19, Paris tem uma densidade real próxima dos cem mil habitantes por quilômetro quadrado. Londres, que disputa com Tokyo o título de 'a maior cidade do mundo', tem pouco mais de um milhão de pessoas, em 1801, e essa população quase dobra em apenas quarenta anos.[6] Em 1800, a Europa conta vinte e tres cidades com mais de cem mil habitantes; um século mais tarde, elas são cento e trinta e duas, onde vivem 45 milhões de pessoas[7]. Em 1851, existiam no que, após a unificação da Alemanha, em 1871, constituirá o território do país, apenas cinco cidades deste porte: às vésperas da Primeira Guerra Mundial contam-se já quarenta e cinco.[8]

UMA SOCIEDADE DESIGUAL



A casa burguesa européia oitocentista segue, orgulhosa, as modas, as regras e os modelos ditados por Paris. Tal é sua recorrência que pode-se falar em uma tipologia, própria das intimidades burguesas, que "encadeia", segundo as palavras de Michelle Perrot, "suas variantes com incontáveis detalhes, desde a Londres vitoriana até a Viena fim-de-século e até, mais a leste, o coração de Berlim e São Petersburgo. Pode-se trabalhar com a hipótese de uma relativa unidade do modo de vida burguês no século 19 e das maneiras de morar, reforçada pela circulação européia dos gêneros arquitetônicos".[9] Por seu caráter determinador de outras tipologias mundo afora, a habitação burguesa oitocentista européia será vista, posteriormente, em detalhe.

É verdade que ela espelha a prosperidade de uma sociedade que se alimenta melhor, tem esperança de vida mais longa, compõe-se de indivíduos mais fortes e vigorosos que se vestem melhor e tem acesso mais fácil ao sistema educacional. No entanto, no seio desta

6 Os dados exatos são: 1.088.000 pessoas em 1801, e 2.073.000 pessoas em 1841. (Fonte: **Population census, 1841. Citado por Gauldie, E. Cruel Habitations. Londres: Unwin University Books, 1978. p. 82)**

7 Bouillon, J. et.al., *op.cit.*,p.42

8 Kopp, A. **Quando o Moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Nobel/Edusp, 1990. p. 29.**

9 Perrot, M. **Maneiras de morar.** *In:* **História da Vida Privada, vol.4,** *op.cit.*, **p. 310.**

sociedade as desigualdades ainda são enormes, mesmo se a elevação do nível de vida geral representou uma melhora efetiva das condições em que viviam anteriormente os mais pobres. Para que se tenha uma visão mais nítida destas desigualdades, tome-se o exemplo de Lille, pólo da indústria têxtil francesa. Em 1891, o patrimônio médio de um industrial é mais de vinte mil vezes o de um operário; vinte anos depois, esta relação cai para menos da metade, o que ainda é terrivelmente alto: o industrial ainda possui mais de nove mil vezes o patrimônio do operário.[10] O quadro ingles também se pinta com tons sombrios. Lá, enquanto um operário recebe entre 40 e 60 libras por ano, um comerciante ganha entre 400 e 1000, e um proprietário que alugue seus imóveis poderá receber entre 10 mil a 250 mil libras por ano. Como pano de fundo, metade da renda nacional inglesa concentra-se, em 1903, nas mãos de 12% da população, e dois terços de todos os patrimônios do país encontram-se nas mãos de pouco mais de um centésimo do total de habitantes. Na Paris de 1850, um terço dos patrimonios pertencem a 1% dos habitantes: na segunda metade do século, os ricos vêem sua fortuna dobrar. A esperança de vida é função da condição econômica: em York, em 1841, a duração média da vida de um nobre é de 48,6 anos, a de um comerciante, de 30,8 anos, a de um desempregado, 23,8 anos. No final do século, a taxa de mortalidade nos bairros ricos de Paris é de 14 por mil, enquanto nos bairros pobres ela é de 30 por mil. O acesso à educação também é desigual, mas com uma distorção a mais: aquela entre homens e mulheres. Na França, onde o ensino primário é particularmente eficaz, 15% dos homens – mas 23% das mulheres – são analfabetos em 1881. A escola inglesa é francamente segregadora: apenas sete em cada cem alunos das *grammar schools* são filhos de operários.[11] À medida em que o processo de industrialização se consolida e se define como uma vitória da burguesia, torna-se cada vez mais difícil o acesso a esta classe que, durante a segunda metade do século, assumirá cada vez mais um comportamento de casta. Os estudos garantem mais uma boa posição social do que propriamente a preparação para uma profissão: é o caso das Humanidades Clássicas, na França, ou o espírito anti-científico, na Inglaterra, signos que permitem o reconhecimento

10 Condaccioni, F. **De l'inegalité sociale dans une grande ville industrielle: le drame de Lille de 1850 à 1914.** Citado por Guerrand, R-H., *op.cit.*, p. 325.

11 Todos os dados extraídos de Bouillon, J. *et al.*, *op.cit.*, p. 44-41.

das elites. Delas sairão filósofos, pensadores e arquitetos que, simultaneamente representativos e dependentes de sua classe de origem, irão se preocupar em esboçar os primeiros contornos de uma possível habitação digna para as classes populares, tendo, contudo, como referência, o próprio universo burguês. A tarefa parece coroada de êxito a julgar pelas palavras do historiador francês Jacques Bouillon, segundo o qual "desde o final do século 19, o modelo da família burguesa ganha as famílias modestas." [12]



A pobreza permanece considerável nas cidades industriais. Em 1850, tres em cada quatro parisienses estão isentos do pagamento de impostos territoriais por serem indigentes. Vinte anos mais tarde ainda representam mais de dois terços da população.[13] Na virada do século, quase a metade dos operários de Londres e York vivem abaixo do limiar de miséria, e dois em cada tres alemães são proletários.[14] O número de operários cresce rapidamente em toda a Europa. Ao final do século 19, a Inglaterra conta com 8,3 milhões, a Alemanha 8,6 milhões e a França, em 1911, 7,8 milhões. Uma boa notícia, a duração média diária do trabalho diminui com relativa rapidez. Se em torno de 1850, trabalha-se freqüentemente de quinze a dezesseis horas por dia, às vésperas da Primeira Guerra a grande reivindicação sindical é a jornada de oito horas. No entanto, os direitos trabalhistas ainda nem foram colocados no papel: come-se trabalhando, os feriados são limitados pelos patrões, e o repouso de um dia por semana entrará em vigor, pela primeira vez, na Alemanha, só em 1891. As condições de trabalho são as piores possíveis: *ateliers* mal iluminados, mal ventilados,

12 *op.cit.*, p. 50.

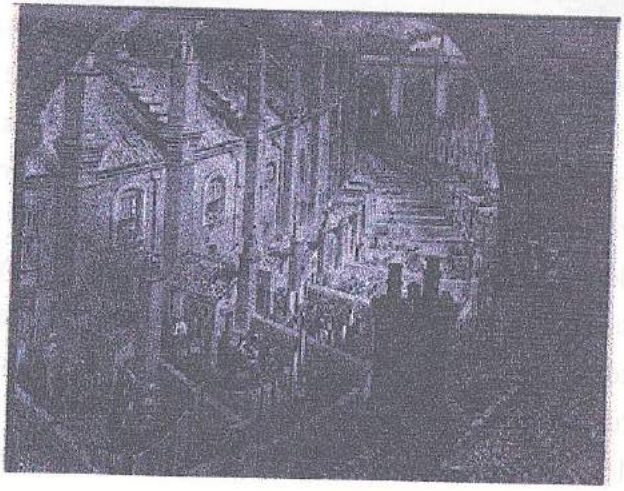
13 Os números exatos são 73% e 67%, respectivamente. (Bouillon, J. *et al.*, *op.cit.*, p. 46).

14 Os números exatos são 40% e 67%, respectivamente. (Bouillon, J. *et al.*, *op.cit.*, p. 46).

úmidos e poeirentos. As máquinas são limpas em movimento, sob o pretexto de não se perder tempo. Com o aumento das cadências de trabalho, a partir de 1880, os acidentes graves são cada vez mais numerosos. Juntamente com as doenças e o desemprego, os acidentes apavoram os operários, já que apenas em 1898 o operário vítima de um acidente de trabalho passará a receber indenizações. Até então, em muitos casos, ele é obrigado a pagar uma multa para o patrão. O primeiro país a adotar uma legislação social cobrindo os riscos de doença é a Alemanha, em 1883. Os riscos de acidente serão incluídos dois anos mais tarde, e um seguro-velhice será pago aos operários com mais de setenta anos a partir de 1889. Os salários são, na maior parte dos casos, irrisórios: encontram-se, ainda, na França, em 1914, remunerações de 1 franco por dia, o que equivale ao preço de dois quilos de pão e um litro de leite.[15] Mulheres e crianças recebem remunerações diferenciadas: na indústria de porcelana alemã, o salário médio para homens qualificados em 1888 é de 1,32 marcos por dia, os homens não qualificados recebem 1,17 marcos por dia, e as mulheres, qualificadas ou não, 39 centavos de marco por dia.[16]

ONDE VIVEM OS POBRES

Concomitantemente ao descontrolado processo de urbanização e de crescimento da população, a especulação imobiliária contribuiu para a produção de muitos milhares de moradias nos grandes centros ao longo de todo o século 19, destinadas a abrigar o operariado. Habitações de aluguel, com grande



15 *Idem*, pp. 46, 50-52

16 Kuczinsky, J. **Geschichte der Lage der Arbeiter in Deutschland von 1871 bis 1900.** Berlin: Akademie Verlag, 1962.

densidade de construção e de ocupação, e o mais baratas possível. Seus construtores eram homens de pouco capital, às vezes grupos de comerciantes reunidos em uma empresa especulativa, não envolvendo grandes desembolsos de nenhum deles.[17] Arranjos deste tipo resultaram, como se pode imaginar, em materiais baratos demais, contribuindo para o freqüente e total colapso das casas, às vezes ainda recém-construídas. As primeiras unidades destinadas aos trabalhadores industriais a surgirem na Inglaterra calcam-se sobre o modelo da casinha camponesa tradicional - o que não parece mau - mas logo são geminadas umas às outras, em longas fileiras paralelas, como parte de estratégias especulativas para aumentar o rendimento do terreno ocupado. Pawley descreve o esquema básico de funcionamento destes agrupamentos: "uma única bomba [levava] água a toda fileira de casas. Nestas condições de congestão, a higiene elementar e o saneamento revelaram circunstâncias inadequadas que anteriormente quase nunca haviam sido notadas: as fossas negras transbordavam, as drenagens ou não existiam ou estavam entupidas, e a água potável se achava contaminada."[18] Sempre no sentido de rentabilizar o uso do solo, o passo seguinte foi a construção de fileiras duplas de casas, situadas de costas umas às outras, e unidas pelo mesmo telhado: o *back-to-back* foi, na primeira metade do século 19, uma das tipologias mais utilizadas nas cidades industriais inglesas. O tamanho dos cômodos girava em torno de 8 pés x 10 pés.[19] Gauldie descreve uma unidade *back-to-back* em Leeds, que mede 15 pés de frente por igualmente 15 pés de fundo.[20] Cada unidade contém um porão para estocagem, uma cozinha no térreo - significativamente chamada de *house* pelos moradores - e um espaço de dormir no sótão. Subtraindo-se do total de 15 pés a espessura das paredes e o espaço para uma pequena caixa de escada, a área do maior cômodo não ultrapassaria os $10m^2$.[21] Unidades deste tipo eram freqüentemente habitadas por várias famílias, algumas tendo, inclusive, que atravessar outras habitações para chegar a seu espaço privado: o acesso individual era um privilégio raro e, na maioria dos casos, a escada interna tornava-se coletiva. A má ventilação e a má iluminação natural acentuavam-se no caso dos cômodos situados abaixo do nível da rua, os quais, no entanto, chegavam a

17 Gauldie, E., *op. cit.*, p. 93.

18 Pawley, M., *op.cit.*, p. 11.

19 2,43m x 3,04m

20 4,56 metros por 4,56 metros.

21 Gauldie, E., *op. cit.*, p. 93. O autor descreve com minúcias o interior de habitações operárias da época em várias cidades da Grã-Bretanha.

agradar mais os usuários por possuírem escada de acesso independente. As piores habitações eram as que ocupavam os cômodos construídos originalmente para estocagem do carvão, portanto sem acesso independente, sem luz e sem ventilação natural. O mobiliário, composto por grande quantidade de objetos encontrados nas ruas, procurava camuflar a imagem da miséria. No entanto, fosse em uma casa antiga, subdividida posteriormente[22], ou em uma recém - e mal - construída, raramente os operários habitavam casas em bom estado de conservação. Esta situação de superpopulação das cidades permitiu que os proprietários alugassem seus imóveis em qualquer estado de conservação, a locatários sem dinheiro para eventuais consertos e reparações: buracos no piso e nas paredes, por exemplo, eram simplesmente cobertos com mantas e tecidos, como se fossem tapetes e cortinas.

Os alojamentos destinados aos operários berlinenses diferiam pouco de seus congêneres ingleses. A *Mietskaserne*[23] é, até a Primeira Guerra, o grande modelo de habitação operária, fruto de esforços especulativos no sentido de baratear as construções e rentabilizar ao máximo o uso do solo, aumentando tanto quanto possível a densidade de sua ocupação. Esta tipologia consiste, basicamente, em uma sucessão de edifícios de habitação com cinco ou seis andares, separados por pequenos pátios onde encontram-se, além das latrinas coletivas e dos pontos de abastecimento de água, os acessos às chamadas habitações 'particularmente baratas': porões inteiramente abaixo do nível da rua ou do pátio, iluminados por grades horizontais embutidas no chão. Em 1861, quase um décimo dos 521.933 habitantes de Berlim viviam nestes porões.[24] Anatole Kopp descreve o alojamento operário berlinense típico às vésperas da Primeira Guerra como sendo composto de "um quarto e de uma cozinha chamada de *Wohnküche*[25], ou seja, na verdade um cômodo para tudo, inclusive o trabalho no domicílio, particularmente comum naquela época". A cozinha também servia de dormitório para alguns membros da família ou para eventuais sublocatários, cuja contribuição ajudava a pagar o aluguel. Em 1880, a metade de todas as habitações da cidade possui apenas um cômodo munido de um duto para evacuação de fumaça, ou seja,

22 Nas grandes cidades inglesas do século 19 tornou-se freqüente a transformação de casas de cinco ou seis cômodos, construídas para a *middle class*, em cortiços ocupados por várias famílias, geralmente uma por cômodo. Os recenseamentos da época consideram que cada cômodo ocupado separadamente constitui uma unidade independente – uma *house* –, o que dificulta a percepção do processo de encortiçamento. O enorme crescimento populacional resultando na ocupação de uma casa de seis cômodos por cinco ou seis famílias diferentes – aparentamente extensas, em sua maioria – representou, para os Censos, um aumento do número de habitações. No entanto, Gauldie cita o exemplo de uma mesma casa constando no Censo de 1801 como uma unidade, e no de 1841 como seis unidades. (Gauldie, E., *op. cit.*, p. 82)

23 O nome alemão *Mietskaserne* (*Miet* = aluguel, *Kaserne* = caserna) torna emprestado do universo militar o ambiente espartano com regras (as *Hausordnung*) que todos os moradores

um único cômodo passível de ser aquecido, e perto de quatro mil habitações não tem qualquer possibilidade de aquecimento. Estes alojamentos, além da má ventilação e má iluminação naturais, não dispõem de electricidade nem de gás - seja para cozinhar, seja para aquecer-se - muito ao contrário das residências burguesas da época.[26]

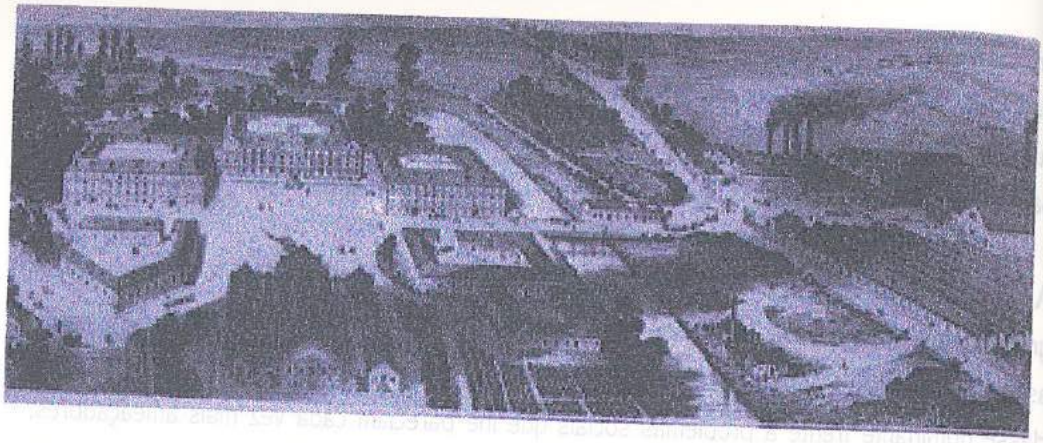
A rápida propagação de epidemias que as cidades industriais conheceram durante o século, graças, sobretudo, ao superpovoamento e às péssimas condições de higiene em que viviam as classes populares, contribuiu de maneira decisiva para o esboço de uma atuação da classe dominante frente a problemas sociais que lhe pareciam cada vez mais ameaçadores. Efetivamente, com exceção do movimento sindical, que se organiza paralelamente à consolidação do capitalismo, são as classes dominantes que produzem os principais atores de uma transformação que se anuncia no campo da habitação. Sanitaristas, reformadores sociais, patrões 'mais esclarecidos', e políticos de diversos horizontes começarão, a partir de meados do século 19, pressionados por greves e rebeliões populares cada vez mais freqüentes e violentas, mas também pela constatação de que a tuberculose, o cólera e a febre tifóide não respeitam classes sociais, a preocupar-se com o saneamento das cidades e a habitação dos proletários.[27] Estas epidemias, que atingiram repetidas vezes as grandes cidades européias da época, sobretudo entre 1830 e 1850, precipitaram as reformas sanitárias e o estabelecimento de legislações regulamentando a construção e o funcionamento das aglomerações densas. A Inglaterra define uma legislação sobre o assunto em 1855, inspirada, em boa parte, no 'Informe sobre o estado sanitário das classes trabalhadoras de Londres', de 1838, de autoria de Edwin Chadwick. Por sua vez, a água que servia as moradias de Paris era, até então, captada do Sena, o grande receptáculo dos esgotos da cidade. O resultado foram duas grandes epidemias de cólera em menos de vinte anos.

eram obrigados a obedecer. Além disso, a sucessão de edifícios paralelos, tão próximos uns dos outros, evoca o espaço físico das casernas militares da época.
24 Kopp, A., *op. cit.*, p. 30.

25 A *wohnküche* (*Wohnen* = habitar, *Küche* = cozinha) é, certamente, uma evolução urbana da *Stube* das casas rurais germânicas, onde encontravam-se desde a lareira, mesas e cadeiras e, claro, utensílios de cozinhar, até camas, por ser o único espaço doméstico aquecido em países com invernos rigorosos, o que lhe garante o papel de espaço da sociabilidade familiar. Nas casas burguesas existia, além da *Wohnküche*, a *Wohnzimmer*, ou *Wohnraum* – espécie de sala de estar representativa – aberta apenas às visitas.

26 Kopp. A., *op. cit.*, p. 30.

27 M. Pawley cita, no entanto, um editorial do *The Times*, de Londres, que, por esta época, declarava: "Preferimos aceitar o risco do cólera e suas conseqüências, a nos embaraçamos em negócios de saneamento". (Pawley, M., *op. cit.*, p. 12)



REFORMADORES SOCIAIS

Por outro lado, ganha terreno entre os humanistas a convicção de que a uma nova sociedade - a industrial - deveria corresponder uma nova posição do homem dentro dela: os chamados reformadores sociais vão preferir inverter esta questão, perguntando-se 'como deve ser a sociedade para que o homem encontre um lugar dentro dela'. É nesta ótica que surgem, em 1822, as propostas do filósofo francês Charles Fourier, cujo principal emblema é o Palácio Societário ou Falanstério, concebido como um grande edifício onde, além de habitações para tres mil e quinhentas pessoas, alguns equipamentos de uso coletivo complementariam a vida doméstica comunitária. Fourier imaginava uma sociedade não-repressiva composta por comunidades ideais - as falanges - alojadas cada uma em um falanstério, cujo funcionamento se basearia em uma economia principalmente agrícola, com alguns trabalhos manufatureiros complementares. O conjunto deveria, portanto, ser construído fora do meio urbano, mesmo que suas funções e sua estruturação se assemelhassem às de uma cidade - ideal - em miniatura. Mas são o engenheiro Victor Considérant, em torno de 1834, e o arquiteto Victor Calland, na década de 1850, que vão divulgar os princípios fourieristas em projetos de falanstérios. Comparados às habitações

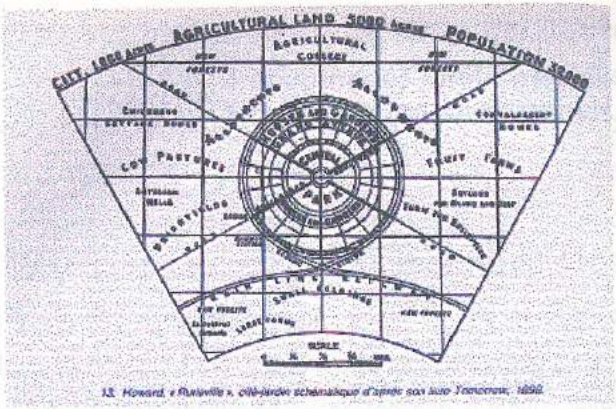
insalubres dos operários da época, estes projetos só podiam ser considerados utópicos: cada apartamento seria abastecido de água quente e fria, todos os espaços seriam aquecidos no inverno, inclusive as galerias de circulação coletiva, e seus ocupantes seriam naturalmente levados a "combinar com inteligência suas forças, suas despesas e mesmo seus prazeres sociais".[28] O Familistério, desenhado e construído pelo industrial Jean-Baptiste Godin, entre 1859 e 1863, na cidade francesa de Guise, foi o primeiro destes palácios familiares, realizado segundo as teorias de Fourier. O conjunto era formado por três edifícios residenciais, uma creche, um jardim de infância, um teatro, escolas, banhos públicos, uma lavanderia, um *atelier* culinário que entregava pratos prontos e uma cooperativa de consumo vendendo grande número de víveres e objetos manufaturados a preços mais em conta.[29]



Os esforços reformadores no sentido de recriar um entorno viável para o homem, a partir dos novos dados fornecidos pela Revolução Industrial, vão originar, na Grã-Bretanha, algumas tentativas de integração entre a indústria e a vida bucólica do vilarejo, com feições ligeiramente distintas, no entanto, das experiências francesas. Certamente aparentados do Falanstério de Guise, vários são os projetos concebidos como protótipos de uma espécie de Estado ideal futuro: já em 1815, Robert Owen propõe New Lamark, na Escócia, como modelo de vilarejo industrial cooperativo. Titus Salt constrói Saltaire, em Yorkshire, na década de 1850, como uma cidade manufatureira paternalista compreendendo instituições urbanas tradicionais: igreja, enfermaria, escola secundária, banhos públicos, asilos de pobres e parque. A estas iniciativas somam-se a de Bournville, construída por Georges Cadbury em

28 Victor Calland, citado por R-H. Guerrand, *op. cit.*, p. 369.

29 Uma descrição detalhada do conjunto é feita por Roger-Henri Guerrand, *op. cit.*, pp. 370-372.



1879, e a de Port Sunlight, de 1888, por Owen Lever. Esta tão sonhada síntese perfeita entre cidade e campo acabou só sendo feita bem no final do século, como nota Pawley, "quando, incorporando esta outra grande inovação do século19, a estrada de ferro, Ebenezer Howard propôs uma cidade-jardim cuja constituição financeira prometia, pela primeira vez, explorar o aumento do valor dos terrenos - que havia até então dificultado a construção de habitações baratas nas cidades - em benefício dos habitantes".[30] As proposições de Howard, publicadas em 1898 no livro *Tomorrow, a peaceful path to real reform*[31], combinavam o próposito simples de levar o homem de volta ao campo com noções sobre a viabilidade econômica de operações como esta. Baseando sua argumentação na hipótese de que o valor do terreno agrícola urbanizado aumenta automaticamente, Howard propunha a formação de companhias que, para o desenvolvimento da cidade-jardim, comprariam terras e alugariam terrenos para quem quisesse construir. O excedente da valorização dos terrenos com as melhorias seria revertido às companhias que estariam, então, aptas a financiar serviços para a comunidade e a garantir a manutenção dos edifícios públicos. Deste modo, Howard pensava evitar os gastos causados pela corrupção e pela busca imediatista de enriquecimento, que, nesta época, pareciam conseqüências tão naturais dos esforços de quem desejasse combinar Filantropia e Lucro. O anel formado pela estrada de ferro limitava a área urbana de Rurisville, a cidade-jardim de Howard, fixando sua população em um tamanho considerado ideal, entre 32 mil e 58 mil habitantes. De New York a São Paulo, de Paris a Tokyo, as idéias de Howard influenciaram profundamente boa parte das concepções urbanísticas durante todo o século 20, ainda que apenas muito raramente tais empreendimentos visassem as camadas

30 Pawley, M., *op. cit.*, p. 14.

31 Em portugues, 'Amanhã, um caminho pacífico para uma reforma verdadeira'.



vez, explorar o
ão de habitações
oward, publicadas
vam o próposito
de econômica de
valor do terreno
o de companhias
gariam terrenos
om as melhorias
serviços para a
Howard pensava
quecimento, que,
sejasse combinar
bana de Rurisville,
nsiderado ideal,
kyo, as idéias de
cas durante todo
ssem as camadas



mais pobres da população. Mas este não é um problema de Howard. Sobre seu magnífico trabalho, apenas se pode lamentar que o caráter inovador e instigante de suas propostas não tenha visitado os espaços internos das casas, constituindo propostas capazes de contribuir para o redesenho dos espaços privados da habitação que se consolidaria logo após a Primeira Guerra.

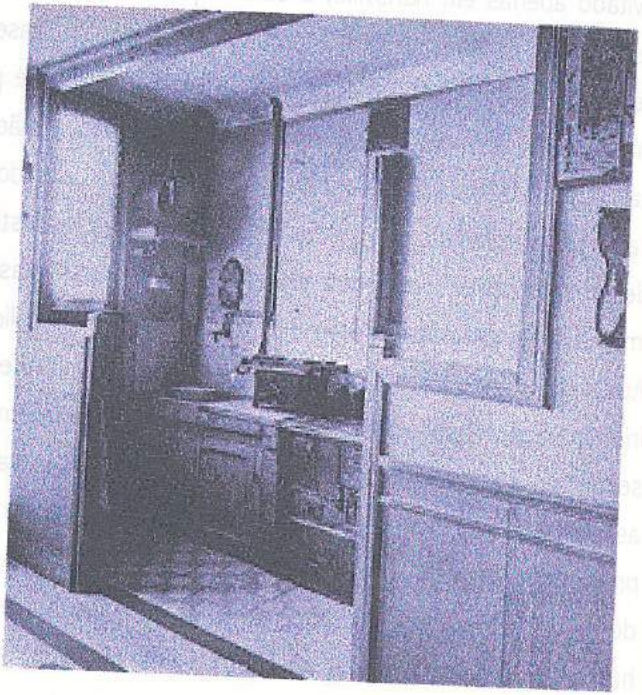
Evitado apenas em Rurisville, o caráter paternalista destes empreendimentos - como, de resto, de qualquer vila operária patronal, por definição - baseia-se, como se sabe, na hipótese de que a casa, como elemento de fixação do operário, é peça-chave na formação de uma mão-de-obra estável, com evidentes vantagens para o patrão. A proliferação de vilas operárias nas regiões fabrís européias durante a segunda metade do século 19 - com sua opção por casinhas isoladas ou geminadas[32] - faz parte desta estratégia, o que não passa desapercebido dos seus moradores: "o projeto das vilas jamais foi popular (...) porque implicava uma regulamentação que prolongava no domicílio a disciplina da fábrica", escreve Audiganne, já em 1860.[33] Apesar disso, mudanças efetivas começavam a operar-se no interior destas habitações, com a inserção de equipamentos - fornos, fogões, lareiras - e serviços - água corrente, aquecimento, e sanitários privativos de cada unidade. Em geral, as casas encontravam-se rodeadas de vegetação, procurando criar um ambiente saudável, protegido contra a tuberculose. A luta contra a tuberculose será, aliás, a principal bandeira dos higienistas, cujos preceitos servirão de guia também para a concepção de qualquer habitação urbana, seja ela vila operária ou residência burguesa, e acabarão por alterar

32 Roger-Henri Guerrand (*op.cit.*, p. 379) cita um certo Dr. Penot que justifica a rejeição do edifício coletivo de habitações em prol das casinhas individuais dizendo que "a aglomeração em um mesmo prédio de um grande número de casais, estranhos entre si, raramente cria uma aprazível harmonia interna e pode dar lugar a graves desordens." Note-se, ainda, que, em grande parte das vilas operárias, os solteiros eram, estes sim, alojados em blocos coletivos, separadamente das famílias. De qualquer modo, o mito das casinhas individuais acabará por seduzir toda a classe média dos países industriais europeus, tornando-se, no início do século 20, a meta suprema de cada família.

33 A. Audiganne **Les populations ouvrières et les industries de la France**. Vol. 2. Paris: 1860. pp. 315-316, citado por M. Perrot, *op. cit.*, p. 317.

bastante o desenho e as funções dos espaços domésticos. Em Paris, sociedades filantrópicas constróem, na virada do século, centenas de apartamentos munidos do que se conhece, então, por conforto moderno. Uma delas, o Grupo das Casas Operárias, chega a preconizar, em 1908, o que seria a *Frankfurter Küche* do pós-guerra alemão, entregando unidades com cozinha equipada, semi-conjugada com a sala de estar.

Na Alemanha, como na maior parte dos países europeus, as teorias de Howard encontraram eco no seio do movimento reformador local, composto por artistas e intelectuais burgueses. Na pauta das discussões do grupo, as questões sobre o 'novo homem', a 'nova sociedade', e a 'cidade do futuro' que os abrigaria são temas centrais. É neste solo fértil que a idéia de uma rede de cidades-jardins autônomas, cobrindo a totalidade do país, ganha força. A Sociedade Alemã de Cidades-Jardim é fundada em Berlim, em 1902, mas apenas em 1908 terá fundos suficientes para a sua primeira realização, a construção de Hellerau, a cidade-jardim perto de Dresden. A concepção de Hellerau é, contudo, norteada pela busca de uma aproximação com a maneira espontânea como as vilas e pequenas cidades desenvolveram-se ao longo dos tempos: casas geminadas - procurando exprimir ideais comunitários -, agrupadas ao longo de ruas sinuosas, indicam, como observa Anatole Kopp, "uma certa hesitação entre a nostalgia do



passado, dos vilarejos, do artesanato, da vida natural, e a pesquisa de novas formas de vida, de habitat, e de relações sociais que uma arquitetura e um urbanismo novos gerariam."[34]

SINDICATOS E PARTIDOS

Será preciso ainda lembrar o papel dos movimentos sindicais do final do século na lenta mas gradual melhoria das condições de vida da população operária. É que, a partir de 1870, o sindicalismo assume uma nova dimensão: de defensor de privilégios corporativos, adquiridos unicamente por trabalhadores qualificados, transforma-se em defensor da classe operária em geral, utilizando o maior número de associados como instrumento de pressão, e recorrendo à greve com freqüência cada vez maior. Os sindicatos dividem-se entre reformistas e revolucionários, ainda que uns e outros abriguem em suas fileiras alas pertencentes às duas tendências. Ambos lutam pela instauração do socialismo, pela apropriação coletiva dos meios de produção e troca. Porém, enquanto os revolucionários acham que a tomada do poder deve ser feita de armas na mão, os reformistas acreditam que o colapso do capitalismo é o final feliz e inevitável de seu desenvolvimento, e que basta esperar para ver. De maneira geral, Alemanha e Inglaterra apresentam movimentos sindicais poderosos mas moderados, reformistas em suas ações. O sindicalismo alemão desenvolve-se tardiamente, em função de uma industrialização igualmente tardia e da ausência de unidade política do país. Na Inglaterra, as primeiras associações datam do século 18 mas só obtêm direito de existência em 1825; na França, a lei de 1791, proibindo associações operárias, só será revogada quase cem anos mais tarde, em 1884. A influência anarquista, sobretudo após 1890, faz com que o sindicato francês não se limite mais à defesa corporativa, mas tenda a transformar-se em um instrumento revolucionário: uma pedagogia de ação prepara o proletariado para a revolução, servindo-se da arma sindical e política da greve geral. Já os alemães e ingleses assinam acordos coletivos a partir de 1893. O perfil do militante se modifica diante da necessidade de discutir de igual para igual com os

34 Kopp, A., *op. cit.*, p. 36.

representantes patronais. Surge, assim o sindicalista remunerado, com formação mais sólida, encarregado de negociações e da gestão sindical, trabalhando para um proletariado que, além de agrupar-se em sindicatos, começa a organizar-se para conquistar poder político. A partir de 1875, nascem partidos socialistas em todos os países europeus: o partido Social-Democrata alemão data deste ano; o italiano, de 1892, mas será preciso esperar 1905 para que os socialistas franceses se unam, e 1906 para que o *Labour Party* nasça na Inglaterra.[35] Dentre eles, o mais poderoso, o que goza de maior prestígio internacional, o que detém maior porcentagem de votos é, sem dúvida, o alemão.

Efetivamente, o partido Social-Democrata alemão é uma potência que congrega, no início do século 20, um milhão e setecentos mil membros, e obtém um terço dos votos, em 1912, o que o torna o primeiro partido do país. Além de formular objetivos a longo prazo para a transformação total da sociedade e ocupar-se das reivindicações mais imediatas dos operários, ligadas às condições de trabalho, foi um dos poucos em todo o mundo a lutar pelas reivindicações ligadas também ao modo de vida dos trabalhadores e, mais particularmente, às suas condições de habitação. Para isto, o partido e os sindicatos dispunham de uma considerável rede social e cultural, baseada no poder dos meios de comunicação de massa: possuem oitenta e nove jornais diários, em 1914, lidos por um milhão e meio de assinantes, e publicam revistas, brochuras e livros tratando de assuntos ligados ao trabalho, mas também à vida familiar e sexual. Sua associação de ginástica conta com cento e noventa mil membros. Seus militantes são educados em suas escolas políticas, técnicas ou artísticas próprias, participando, ainda, de grupos de teatro, balé, corais, orquestras e círculos de poesia. Além disso, o partido dispõe de fundos para assistência médica, para o desemprego e para funerais, visando preencher as lacunas que seus associados encontram nos serviços sociais estatais, e cria em todo o país cooperativas de bens de consumo e de construção de habitações.[36] Esta enorme organização funciona

35 Bouillon J. *et al.*, *op. cit.*, p. 68.

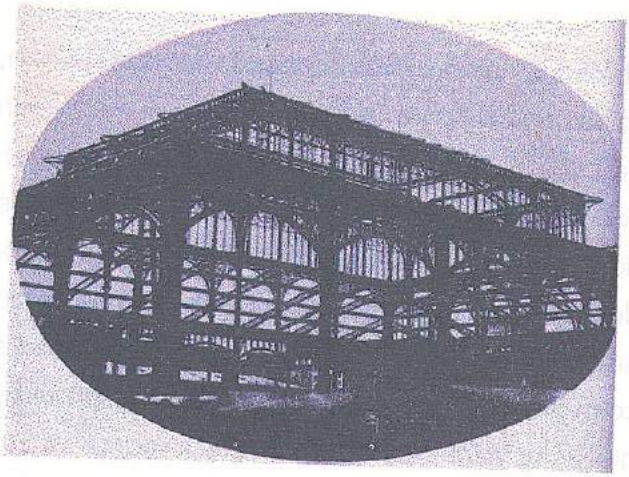
36 Todos os dados extraídos de J. Bouillon *et al.*, *op. cit.*, p. 74, pp. 32–33.

como uma espécie de contra-sociedade, um mundo fechado e protegido onde se pode nascer, viver e morrer. Ou, como preferem os ideólogos do partido, como um esboço da nova sociedade futura, para a qual é necessário ir preparando o novo homem. Mais do que uma reivindicação, neste universo a habitação é - tanto quanto todos os outros serviços - um instrumento de conscientização e de educação do novo homem. Para tanto, ela deverá ter cada um dos seus centímetros cúbicos projetados com critérios claros, a partir de uma análise minuciosa da habitação existente, considerando as necessidades dos futuros habitantes julgadas relevantes pelos planejadores, deverá democratizar privilégios da habitação burguesa - como ar e luz -, e precisará ser produzida com rapidez de maneira a cobrir as imensas demandas dos operários.

O Partido Social-Democrata alemão esboçava, assim, o que seria a extensa política habitacional do governo do país no primeiro pós-guerra. A moradia colocava-se como problema social, cujo objetivo era o de abrigar grandes massas de população, e a sua solução não se encontrava mais na satisfação de necessidades individuais mas no desafio de se construir o maior número possível de unidades para um número sempre crescente de pessoas. O papel do arquiteto-artista, calcado sobre o modelo clássico, concebendo uma arquitetura prestigiosa para as famílias consideradas 'de bem' será posto em cheque, conseqüência inevitável de um processo iniciado pelo menos dois séculos antes, talvez quando os *hôtels particuliers* franceses começaram a dar à articulação de suas funções importância equivalente ao seu tratamento plástico. É que o próprio conceito de função, que ganhara peso durante o século 19, baseado na asserção de que a arquitetura é regulada pelos costumes, evoluiria para um sentido mais amplo - e, aparentemente, irreversível - no qual a função só podia ser compreendida como a resposta a necessidades humanas universais. Esta visão funcionalista do século 19 seria, por sua vez, a afirmação da corrente ideológica humanista do século anterior, a qual convivia, então, com as posturas simbolistas,

que buscavam na forma a prefiguração da função, quem diria. As perspectivas do trabalho do arquiteto anunciavam-se, portanto, completamente transformadas, diante da nova estrutura sócio-econômica das civilizações industriais, mas também de seus novos procedimentos de fabricação e de financiamento. Os progressos técnicos revolucionam os modos de construção, criando e disseminando o uso de novos materiais - como o concreto armado - e, em um momento posterior, tendendo a uma progressiva industrialização das técnicas construtivas.

DO FERRO FUNDIDO AO AÇO LAMINADO



Embora nas catedrais francesas do século 13 já se utilizasse o ferro fundido na amarração das alvenarias, o uso desta técnica só será retomado em 1667, na fachada leste do Louvre, e em 1772, no pórtico de Sainte-Geneviève, ambos em Paris. No entanto, é na Inglaterra recém-industrializada que o ferro fundido ganhará aplicações estruturais de maior vulto, na construção de pontes. A primeira delas, em 1779, vence um vão de 30,5 metros e desperta grande interesse entre os construtores da época, que aperfeiçoarão o sistema buscando suprimir-lhe peso. Sucessivas realizações culminarão com os primeiros edifícios industriais com pilares de ferro fundido suportando vigas de madeira e abobadilhas de tijolos,[37] cujo sistema se tornará menos inflamável em torno do ano de 1800, com a produção

37 Estes edifícios são uma manufatura de seis andares, construída em 1792, e uma filatura de linho, de 1796, ambas nos *Midlands* ingleses.

de perfis em 'T' substituindo as vigas de madeira. O impulso que o emprego das estruturas metálicas na construção de edifícios conheceu então, deveu-se, em grande parte, às exigências de maior altura dos novos edifícios industriais. Por esta época, o recém-instaurado império napoleônico francês esforçava-se por estabelecer uma tecnocracia apropriada às suas realizações: aproveita-se da criação da Escola Politécnica de Paris, de 1794, a qual assumirá a importante função de combinar a ciência teórica com a prática, influenciando direitamente a indústria. Uma postura saint-simonista tão ao gosto de Napoléon I.[38] Já na primeira década do século 19, um de seus professores, Jean-Nicolas Durand, divulga um "sistema pelo qual as formas clássicas, concebidas como elementos modulares, podiam ser organizadas à vontade para a adaptação de programas de construção sem precedentes, como mercados, bibliotecas e casernas" do novo Império.[39] O livro de Durand terá uma nítida influência sobre a produção de Karl Friedrich Schinkel, o mais importante arquiteto berlinense da época, que incorporará elementos de ferro em vários de seus edifícios. A obra de Schinkel será, quase cem anos mais tarde, uma das principais referências do arquiteto Peter Behrens, o qual contribuirá de maneira determinante na formacão do jovem Walter Gropius, o fundador da Bauhaus.

A partir das possibilidades de produção de peças maiores em ferro fundido, os construtores ingleses começaram a fazer uso do perfil 'I'. Inicialmente como componente estrutural de pontes, seu emprego na realização do vigamento do edifício de uma fiação em Manchester, em 1801, constituiu urn acontecimento de grande importância na história da construção moderna. Isto porque esta foi a primeira vez que a estrutura de um edifício de sete andares construiu-se inteiramente em ferro, um assombro para a época. Tanto o projeto quanto a fabricação dos elementos construtivos foram realizados na fundição de Boulton & Watt, sim, aquele mesmo que inventara a máquina a vapor em 1789. A experiência de Watt e seu sócio no projeto de máquinas os levara a um rigor e a uma precisão no desenho da estrutura até

38 Siegfried Giedeon nota que a Escola "chegou a ser o centro de reunião para todos os que se interressavam pelo estudo da economia política e da sociologia e, particularmente, pelo grupo dos Saint-Simonistas, cujos membros foram também os fundadores das grandes indústrias e do sistema ferroviário criado na França em torno de 1851." (Giedeon, S. Espacio, Tiempo y Arquitectura. Barcelona: Hoepli E., 1955. p.217)

39 Frampton, K. L'Architecture Moderne: une histoire critique. Paris: Ph. Sers éd., 1985. P. 27.

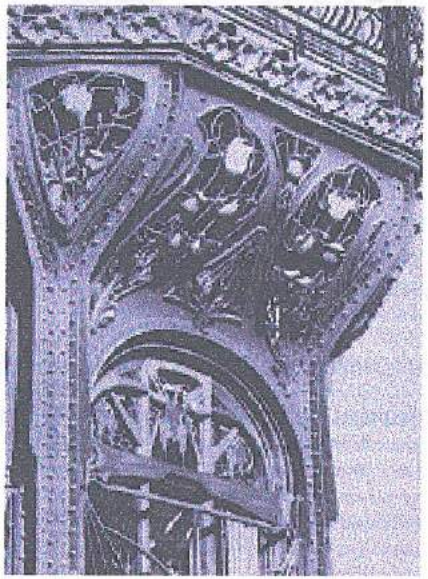
então desconhecidos em arquitetura. Em 1825, circula na Inglaterra a primeira composição de trens com fins comerciais, e sua disseminação é rápida: 9.600 quilômetros de trilhos em funcionamento em 1850, mais de 25.600 quilômetros em 1870. Os 3.500 quilômetros em solo francês em 1851 já são 17.500 quilômetros em 1870, ano em que a Alemanha possui 18.900 quilômetros de estradas de ferro. Os Estados Unidos, que contam 4.600 quilômetros em 1842, vêem as grandes linhas da *Northern Pacific*, da *Union Pacific* e da *Southern Pacific* atravessarem toda a extensão do seu território, ligando a costa lesta à oeste entre 1860 e 1883.[40] O rápido crescimento de tais redes, demandando trilhos e pontes, estimulará a produção do ferro fundido e do ferro laminado, inaugurando um novo campo de ação para os arquitetos: o projeto e a construção de estações ferroviárias com estruturas metálicas vencendo grandes vãos. A natureza pré-fabricada destes conjuntos de peças abria a possibilidade de transportá-los a grandes distâncias, como *kits* de construção, o que permitiria a estes países a exportação de edifícios inteiros para várias partes do mundo, juntamente com os trilhos e os próprios trens, a partir do meio do século.

Iniciativas americanas precederam o surgimento dos primeiros edifícios europeus inteiramente sustentados por elementos metálicos. Eram, na realidade, fachadas em ferro fundido com grandes superfícies envidraçadas, como as de St. Louis, no Missouri, realizadas no período de reconstrução da cidade após o grande incêndio de 1849, como lembra o historiador Siegfried Giedion.[41] Este sistema liberava os edifícios das pesadas e opacas fachadas de alvenaria, apesar de continuar utilizando vigas de madeira na sustentação dos pisos internos. Armazéns, estabelecimentos comerciais e edifícios de escritórios de todas as grandes cidades americanas serviram-se deste sistema, entre 1850 e 1880. O seu inventor, um certo James Bogardus, auto-denominado 'arquiteto do ferro', projetou residências e edifícios de apartamentos com estas estruturas que nunca chegaram a ser construídos. Talvez por seu caráter aparentemente fantástico, ou, quem sabe, por pura casualidade, como ele próprio relata em uma publicação de sua autoria, curiosamente narrada na terceira

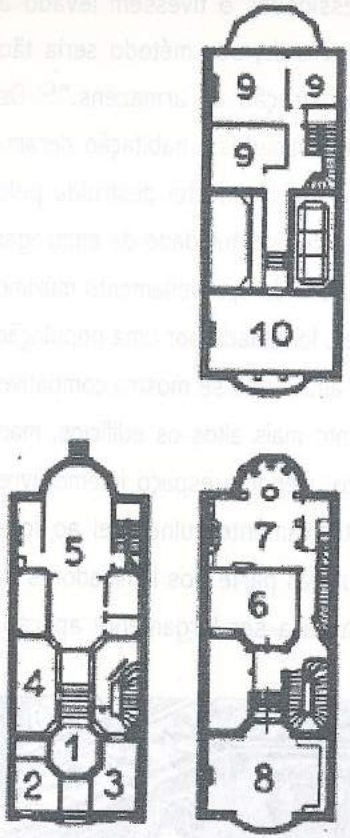
40 Dados extraídos de J. Bouillon *et al.*, *op. cit.*, pp. 154, 214, 293.

41 S. Giedion, *op.cit.*p.199

pessoa: "Mr. Bogardus crê firmemente que, se suas necessidades o tivessem levado à construção de casas residenciais em lugar de edifícios comerciais, seu método seria tão empregado para este especial objeto como o é para a construção de armazéns."[42] Os primórdios da construção de edifícios com estrutura metálica destinados à habitação deram-se nos Estados Unidos, porém em Chicago. Como Saint Louis, a cidade foi destruída pelo fogo em 1871. Sua reconstrução apresentava-se como a grande oportunidade de empregar as novas técnicas construtivas, estimulada ainda pela necessidade de aproveitamento máximo dos terrenos centrais e pela demanda crescente de habitações, formulada por uma população cada vez mais numerosa. A opção por construções de maior altura não se mostra compatível com o uso da alvenaria já que, por razões estruturais, quanto mais altos os edifícios, mais espessas suas paredes nos andares mais baixos e, portanto, menor o espaço interno livre. Descartando o ferro fundido, que havia se mostrado extremamente vulnerável ao fogo durante os incêndios, a idéia de utilização do aço nas estruturas parte dos laminadores da costa leste, acostumados às realizações de pontes, e passa a ser largamente aplicada pelos arquitetos da cidade. A altura dos edifícios, já bem maior depois da invenção do elevador, em 1854, é redobrada com o uso da estrutura de aço. Entre as muitas realizações do período, escritórios em sua maioria, são de particular interesse quarteirões de habitações citados por Kenneth Frampton, que, no entanto, não fornece imagens do empreendimento. Construídas por um certo McCormick, as unidades parecem ter tido vedações internas feitas por divisórias móveis que asseguravam ampla flexibilidade de uso do espaço, tirando partido da liberação da planta pela estrutura.



42 Bogardus, J. **Edifícios de Ferro Fundido: sua construção e vantagens.** New York: 1858. p.14. Citado por Giedion, S., *op. cit.*, p. 201.

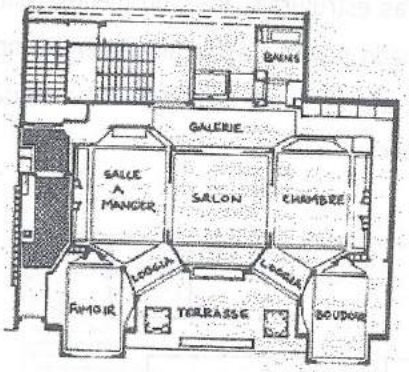


1. Vestíbulo 2. Guarda-roupa 3. Estúdio 4. Saleta 5. Sala de jantar 6. Antecâmara 7. Dormitório 8. Saleta 9. Quartos de serviço 10. Trabalho

Na Europa, o emprego das estruturas metálicas se banaliza, concomitantemente à crescente produção de elementos construtivos decorativos industrializados em ferro: balcões e marquises envidraçadas ocupam as fachadas das grandes cidades e figuram nos catálogos de fabricantes. Em Bruxelas, Victor Horta vai introduzir, em 1893, pela primeira vez no continente, a estrutura de ferro fundido completamente aparente no interior do espaço doméstico burguês. Sua casa da *rue de Turin*, com suas colunas moldadas em forma de 'ornamentos estruturalmente lineares' - expressão de Van de Velde - caractertísticos do *Art Nouveau*, também permitirá uma grande flexibilidade de uso, graças ao uso de divisórias intemas móveis. Dez anos mais tarde, Auguste Perret marcará mais uma etapa em direção à planta livre - como enunciada posteriormente por Le Corbusier[43] - ao construir um edifício de apartamentos de sete andares no elegante 16º *arrondissement* de Paris com o mesmo princípio de divisórias leves, tornando cada planta completamente independente das demais. Mas o edifício de Perret possuía méritos ainda maiores: sua estrutura constituía a primeira aplicação, no campo da habitação coletiva, de um material realmente novo: o concreto armado.

43 É, aliás, interessante lembrar que Le Corbusier trabalhou no escritório de Perret, em Paris, em 1908.

ESTRUTURAS DE CONCRETO

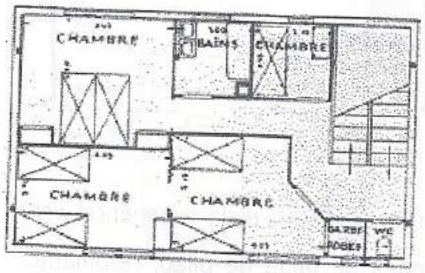


Com origens que remontam aos idos em que construtores do Império Romano misturavam areia, argila e cinza pozolâmica, o concreto parece ter sido usado pela primeira, em tempos modernos, quando um engenheiro inglês, chamado John Smeaton, construiu um farol com uma "mistura de cal, argila, areia e escórias de ferro", em 1774.[44] No entanto, o concreto armado, como o entendemos hoje, desenvolveu-se sobretudo na França, a partir da síntese do cimento hidráulico, feita por Vicat, em torno de 1800, e da experiência vernacular de compactação da terra crua formando paredes de taipa de pilão, retomadas após a revolução de 1789, na região de Lyon e de Grenoble. Por volta de 1825, o cimento hidráulico teve a combinação de seus componentes regulada pelo inglês Joseph Aspdin, industrial de Leeds, e em 1844 será patenteado um sistema onde o material é usado como envolvente de armações de ferro. Apesar de ter de esperar o final do século para que as verdadeiras relações entre os dois materials fossem analisadas cientificamente, este sistema foi usado em todos os grandes armazéns de sete ou oito pisos construídos em Manchester pelo engenheiro Fairbairn. Francois Coignet, um francês de Lyon, arma o concreto com uma estrutura metálica em grelha, em 1861: seu uso, amplamente difundido na Paris de Haussmann, será reservado à realização das novas canalizações de esgoto, ainda que Kenneth Frampton relate a construção, em 1867, pelo próprio Coignet, de "uma notável série de edifícios residenciais de seis andares"[45], sobre a qual, infelizmente, parece difícil encontrar quaisquer informações complementares. O problema que todos estes sistemas tinham em comum era a ausência de ligações monolíticas, que assegurassem a plena

44 Frampton, K., *op.cit.*, p. 32, e Giedion, S., *op. cit.*, p. 334.

45 Frampton, K., *op. cit.*, p. 32.

estabilidade do edifício, e que será solucionado pelo francês Hennebique, por volta de 1890, com o método das amarrações por envergamento da ferragem nos pontos de ligação das peças estruturais, mais ou menos como é conhecido hoje. A partir de então, o concreto armado passava a ser amplamente empregado na construção de edifícios industriais, pontes, silos - estes sobretudo no Canadá e nos Estados Unidos - e de grandes auditórios cobertos.



Perret, tanto quanto Horta, trouxe para a habitação burguesa um material considerado menos nobre do que os convencionalmente aceitos na época. Contudo, seu edifício da rua Franklin tem as paredes recobertas corn cerâmicas decorativas marcando talvez, uma concessão ao gosto *art nouveau* burguês da época. A mesma Paris conheceria, poucos anos mais tarde, os vários edifícios de habitacão social construídos por Henri Sauvage, em bairros certamente menos elegantes que o 16º *arrondissement*, onde a estrutura de concreto e o fechamento de tijolos são totalmente despojados de ornamentos - até por questões econômicas - possibilitando uma clara leitura do processo construtivo. Estas inclusões das novas técnicas construtivas do ferro e do concreto armado no espaço privado da habitação terão certamente contribuído para a legitimação da estrutura como elemento arquitetônico. O projeto da casa Dominó, de Le Corbusier, de 1915, trabalha esta questão de maneira definitiva: não apenas a estrutura é dotada de expressão plástica própria como também torna-se completamente independente tanto das vedações externas como das internas. A diferença deste projeto em relação aos demais é que ele é concebido com vistas à reprodução em série: a estrutura seria pré-fabricada e montada em diversos exemplares idênticos, enquanto que a divisão interna e as fachadas seriam realizadas com painéis leves - opacos

ou transparentes - organizados de acordo com as necessidades dos ocupantes de cada unidade. O leque de possibilidades de organização espacial que o sistema abre é infinito. Não sendo mais portantes, as vedações podem assumir as mais variadas formas evidenciando-se, assim, seu papel estético, além de permitirem soluções mais próximas das necessidades espaciais dos moradores. O conceito de beleza em arquitetura se desloca das dissimulacões burguesas do século 19 em direção à expressão clara da natureza dos materiais.

UM PROGRAMA QUE SE AFIRMA

Nos quatorze anos do século 20 que precederam o início da Primeira Grande Guerra, a habitação em geral ocupará, gradualmente, um lugar privilegiado nas pranchetas dos arquitetos, incorporando avanços técnicos, prescrições higienistas, ideologias reformadoras sociais e demandas sócio-políticas. O *designer* e teórico belga Henri Van de Velde, baseado nas tradições *Arts & Crafts* inglesas, chega a considerar a casa como veículo de transformação social e, preocupado com a influência da estética da habitação burguesa no quotidiano de seus ocupantes, escreve que "a feiúra corrompe não apenas os olhos como também o coração e o espírito."[46] Van de Velde chegará a desenhar móveis e roupas que se harmonizem esteticamente com seus espaços de morar. De outro lado situaram-se, por exemplo, os concursos organizados pela Fundação Rotschild de Paris para a construção de habitações sociais que contribuíram para consolidar este programa arquitetônico como preocupação digna de arquitetos. George Christie, vice-presidente da



46 Van de Velde, H., citado por Frampton, K., *op. cit.*, p. 86.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Sociedade Nacional dos Arquitetos da França às vésperas da Guerra, e autor de um projeto de casinhas térreas denominado vila Dominó - anterior ao uso desta nomenclatura por Le Corbusier - escreve, em 1913, que "a solução do problema das HBM[47] só pode ser encontrada na busca de procedimentos de construção econômica, por materiais catalogados, classificados para adaptação uniforme, permitindo o que chamo de industrialização da casa."[48] Realmente, os progressos técnicos conduzindo à pré-fabricação de elementos construtivos e, posteriormente, a produção industrializada de casas pré-fabricadas, mostram em que sentido pôde se exercer a influência da Revolução Industrial, enquanto fenômeno tecnológico, sobre a arquitetura, renovando os dados do problema do habitat. Além de peças e componentes, a indústria forneceu à arquitetura modelos de edifícios cujas novas formas e nova espacialidade iriam ganhar também a arquitetura doméstica. Esta interação entre produção industrial e concepção arquitetônica seria, neste início do século 20, uma das preocupações centrais do *Werkbund* alemão.

KITS DE MORAR PARA A CIVILIZAÇÃO MAQUINISTA



Até obter sua unidade política em 1871, a Alemanha compunha-se de quase trezentos e cinqüenta Estados de todos os tamanhos, e sua economia ainda achava-se fortemente baseada na agricultura. Sua rápida industrialização deveu-se a fatores como a necessidade de unificação do mercado interno, e a vitória na guerra de 1870 contra a França, a qual foi forçada a ceder-lhe os territórios da Alsace e da Lorraine - com sua poderosa indústria de algodão -, além de pagar-lhe uma indenização de 5 bilhões de marcos-ouro. Um belo insumo para a combalida

47 *Habitations à Bon Marché*. Em portugues, habitações baratas. São as primeiras habitações sociais francesas, criadas pela lei Bonnevay de 1912.

48 Christie, G., *in:* Le Moniteur des Beaux-Arts et de la Constructions. Agosto-setembro 1913. Pp. 1854-1855. Citado por Guerrand, R-H., *op.cit.*, p. 403.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

economia nacional. Nos trinta anos seguintes, o país industrializou-se a uma velocidade tal que, já na virada do século, a Alemanha era uma das grandes potências mundiais. O problema é que os produtos alemães eram de má qualidade e todo mundo sabia disso: todas as grandes exposições internacionais organizadas na Europa e nos Estados Unidos durante a segunda metade do século 19 evidenciavam a má aceitação destes produtos no mercado internacional. Vários críticos alemães da época apontavam a necessidade de formação de uma mão-de-obra melhor qualificada para a execução de projetos melhor concebidos, tanto na indústria como nas manufaturas. Um deles, Friedrich Naumann, defendia a idéia de que produtos de alta qualidade só poderiam ser obtidos se pessoas artisticamente cultas fossem orientadas para a producão mecânica.[49] Inviável? No ano de 1896, o arquiteto Hermann Muthesius era enviado à Inglaterra pelo govemo alemão com a missão de estudar a arquitetura e o *design* ingleses, cujas relações com a produção industrial, fartamente exploradas pelos arquitetos e artistas do movimento *Arts & Crafts*, já haviam atingido certa maturidade.[50] Os resultados das observações de Muthesius, efetuadas durante os oito anos passados em Londres, foram reunidos em seu livro de 1904, *Das Englische Haus*[51], onde o arquiteto considera que a importância da arquitetura e do mobiliário *Arts & Crafts* reside no domínio do ofício e das questões econômicas como base de um bom projeto. Três anos mais tarde, juntamente com Naumann e Karl Schmidt - um dos responsáveis pelo movimento de reforma do ensino das artes aplicadas no país -, Hermann Muthesius fundava o *Deutsche Werkbund* congregando arquitetos, artistas, escritores e críticos, mas também industriais, produtores de objetos utilitários, móveis, etc. Entre os arquitetos, encontram-se Peter Behrens e um de seus colaboradores no escritório, o recém-formado Walter Gropius. O que o *Werkbund* busca, em primeiro lugar, são o refinamento da mão-de-obra, a otimização da produção e a melhoria das qualidades do produto, como questões indissociáveis umas das outras, embora não descarte a idéia de que o uso de melhores produtos poderia contribuir para educar os consumidores, melhorando suas preferências estéticas. A viabilização destes objetivos apóia-se, obviamente, nas possibilidades de produção em larga escala oferecidas

49 De um ensaio de Naumann, *Die Kunst im Maschinenzeitalter*, de 1904, citado por Frampton, K., *op. cit.*, p. 98.

50 Por esta época, aliás, as teorias humanistas de Morris e Ruskin – fundadores do movimento –, elaboradas havia várias décadas, gozavam de grande popularidade entre os intelectuais alemães.

51 Em portugues, A casa inglesa.

pela indústria, o que pressupõe o seriamento e, portanto, a padronização. Muthesius dirá, no congresso do *Werkbund* de 1914, que "apenas a padronização, concebida como resultado de uma concentração salutar, desenvolverá um gosto seguro, de valor geral."[52] E estende esta necessidade de padronização à produção arquitetônica, afirmando, na mesma ocasião, que a Arquitetura, como todos os campos de atividade do *Werkbund*, só recuperará sua importância graças ao desenvovimento e aperfeiçoamento de *standards*, de padrões industrialmente reprodutíveis. Novamente a realização de edifícios industriais constitui o primeiro campo de aplicação dos novos conceitos. Behrens constrói, em 1909, sua famosa fábrica de turbinas para a mundialmente poderosa companhia elétrica de Berlim, a *Allgemeine Elektrizitäts Gesellschaft*, AEG, com grandes planos de aço e vidro, mas mantém a alvenaria nos cantos do edificio, à maneira classica de Schinkel. Dois anos depois, no projeto da fábrica Fagus, Gropius utilizará muitos dos principios aprendidos com Behrens - abandonando, porém, quase todos os seus resquícios clássicos -, e formulará uma nova linguagem arquitetônica: as paredes de aço e vidro unem-se nos cantos, sem necessidade de pilares; a cobertura plana é a face superior de um volume puro, próximo do cubo. Gropius explicaria que "a missão das paredes fica limitada a atuar como simples anteparos, estendidos entre as colunas que sustentam o edifício, a fim de protegê-lo da chuva, do frio e do ruído." E completa dizendo que "o resultado direto do crescente predomínio dos elementos ôcos sobre os maciços é que o vidro vá adquirindo uma importância estrutural cada vez maior."[53] Neste mesmo ano, Gropius elabora com Behrens um estudo sobre a produção racionalizada de moradias, expondo quais seriam, a seu ver, as condições básicas essenciais para o sucesso da pré-fabricação, da montagem e da distribuição de unidades habitacionais padronizadas. Em um texto seu de 1924,[54] estas condições seriam detalhadas, incluindo propostas de políticas econômicas a serem adotadas pelo governo no sentido de contribuir para o barateamento das casas. Gropius defende a idéia de que a moradia, sendo um dos vários elementos que auxiliam o quotidiano do homem - um de seus invólucros -, deveria ser produzida em série assim como já o eram, então, as roupas, os sapatos, as malas e os

52 Muthesius, H. **Thèses de Muthesius au congrès du *werkbund* allemand. Juillet 1914.** Paris: Institut de l'Environnement, 1969-70. Citado por Kopp, A., *op. cit.*, p. 37.

53 Gropius, W. **The New Architecture and the Bauhaus.** Londres: 1937, p.33, citado por Giedion, S. *op.cit.*, p.500

54 **A Indústria de casas pré-fabricadas.** *In:* Bauhausbücher, vol.3 - Ein Versuchshaus des Bauhauses. Munique: e. A. Laneen, 1924.

automóveis. Mas prevê um sistema razoavelmente flexível, que se adapte ao tamanho e às necessidades de cada familia. "A organização [da produção habitacional]", pondera Gropius, "deve ter como alvo produzir não casas inteiras, em primeiro lugar, mas componentes padronizados, fabricados em série, de modo, porém, que permita montar diferentes tipos de casas, assim como na construção de máquinas certas partes normatizadas encontram aplicação internacional em diferentes máquinas."[55] Estão consolidados os fundamentos de uma nova concepção de habitação: o grupo familiar nuclear, considerado ainda como a célula básica da sociedade, passa a ser investigado através de resultados de recenseamentos e de pesquisas sociológicas; a demanda social fornece dados quantitativos mas também qualitativos a um arquiteto que se vê cada vez mais obrigado a dominar processos construtivos, problemas de custo e de administração. A indústria perde gradualmente a sua imagem oitocentista de monstro mecânico que destrói o espírito para converter-se no emblema pujante de uma sociedade que "se sente livre e segura de si (...), que diviniza o 'corpo' social como os antigos gregos divinizavam o corpo físico; o trabalho é o segredo da nova beleza, como o exercício físico era o segredo da antiga", como escreve o italiano Giulio Carlo Argan.[56] Mais de um século de lutas sindicais e de movimentos reformadores levam à recolocação da questão da habitação das massas, agora como problema social e arquitetônico, a ser resolvido pela própria produção mecânica que é, em última instância, uma de suas principais causas. A busca de soluções para necessidades universais do homem - de qualquer classe social - apóia-se, no que concerne o seu espaço doméstico, em um novo pressuposto: para um problema funcional corretamente formulado só pode haver uma solução correta, como em matemática, porque agora a arquitetura é uma ciência. Sendo o problema da função o centro do trabalho projetual, a preocupação formal deve ser desenvolvida no sentido de espelhar claramente este processo racional, dando nova dimensão ao célebre *Form follows Function*, de Sullivan.[57] A abordagem do projeto do espaço urbano tambem se constrói de outra maneira: a morada do homem é, em suma, a própria cidade. O homem habita a paisagem e deve poder usufruir dela. A luz, o ar e o sol são, portanto,

55 Gropius, W. **Bauhaus: novarquitetura.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972. p. 193.

56 Argan, G. Walter **Gropius e a Bauhaus.** Lisboa: Ed. Presença, 1984. P. 57.

57 Louis Sullivan, um dos principais arquitetos de Chicago no período de reconstrução da cidade após o incêndio de 1871, teria grande influência na formação de seu assistente Frank Lloyd Wright, cuja obra posterior seria amplamente divulgada na Alemanha, na primeira década do século 20.

direitos de todos, garantidos por uma orientação correta - a melhor e, portanto, a única aceitável - dos edifícios de habitação. A questão colocada há um século pelos humanistas sobre 'como deve ser a sociedade para que o homem encontre um lugar dentro dela' torna-se, finalmente, um problema social a ser resolvido pelo Estado. E a casa, produzida industrialmente, padronizada, concebida e equipada com o rigor da ciência e a precisão do seriamento mecânico, tenderá, naturalmente, a ser tratada como mais uma máquina: a de morar.

A GUERRA

No dia 28 de junho de 1914, o herdeiro do trono do poderoso império austro-húngaro é assassinado em Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina, recém anexada à coroa austríaca, e tudo indica que oficiais sérvios estão envolvidos no crime. Dia 25 de julho, a Rússia tsarista, apoiada pela França, coloca seu exército à disposição da Sérvia. Tres dias mais tarde, a Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia, com a aprovação da Alemanha. A mobilização das tropas russas, no dia 30 de julho, leva a Alemanha a declarar guerra à Rússia, em 1º de agosto. No mesmo dia, as tropas francesas são mobilizadas. Dois dias depois, os alemães invadem a Bélgica e Luxemburgo, e declaram guerra à França. Os ingleses temem que franceses e russos não sejam capazes de evitar uma hegemonia alemã no continente, além de condenar a violação da neutralidade belga: no dia 4 de agosto, após várias tentativas de negociação, a Inglaterra declara guerra à Alemanha.[58]

Após algumas décadas de tensão crescente, devida, sobretudo, ao problema das nacionalidades nos Bálcans, ao desejo francês de revanche contra os alemães, a uma série de conflitos coloniais e a problemas financeiros generalizados, os países industriais engajam-se, em poucas semanas, em uma Grande Guerra, sem causarem surpresa às suas populações: já era grande o sentimento de que ela seria inevitável. A vontade pacifista

58 Dados extraídos de Bouillon, J. *et. al.*, *op. cit.*, pp. 320 a 330.

de socialistas e sindicalistas se vê anulada pela força dos nacionalismos. O partido Social-democrata alemão, modelo para o conjunto do movimento operário internacional, multiplica marcas de patriotismo apoiando uma guerra que ele sempre disse saber impedir. Os povos aceitam com resignação ou com entusiasmo a guerra geral, certos de que ela será curta. No entanto, o conflito durará quatro anos e consagrará o declínio da Europa.

Poucos meses depois do seu início, as restrições de créditos, a incerteza financeira, a escassez de materiais e o crescimento das exigências bélicas paralizaram a construção de habitações em todas as nações combatentes. Conseqüentemente, o preço venal e, sobretudo, locativo dos imóveis europeus subiu rapidamente, levando os governos a se decidirem por leis de congelamento de aluguéis. Como sói acontecer sempre que leis do gênero são assinadas, esta atitude provocou o quase completo desaparecimento da figura do investidor privado como construtor. Ao mesmo tempo, uma situação de penúria instalou-se de maneira cada vez mais absoluta entre as populações, agravando as já péssimas condições de vida dos mais pobres no inicio do conflito. Pawley relata que "a guerra havia manifestado agudamente o fato de que um número alarmante de recrutas era recusado por razões médicas entre os procedentes das zonas urbanas deprimidas."[59] O sentimento geral era uma convicção crescente de que a economia européia estava indo a falência, prosseguindo numa guerra interminável que destruiu mais de dez milhões de vidas, além de impedir o nascimento de outras tantas. Motins do exercito francês provocaram sua derrota em 1917, o mesmo ano em que o regime tsarista foi derrubado na Rússia, avivando sentimentos revolucionários por todo o continente. O armistício, assinado em novembro de 1918, marcava a derrota de duas grandes potências - Alemanha e Áustria-Hungria -, e o início da reconstrução de países à beira do colapso social, cultural, político e econômico.

A Primeira Guerra modificou profundamente o perfil das populações urbanas européias. O número de pessoas vivendo em cidades aumentou graças, sobretudo, ao desenvolvimento

59 Pawley, M., *op. cit.*, p. 22.

industrial acelerado pelo conflito. A burguesia, sinônimo de prosperidade e de êxito social no pré-guerra, era agora ridicularizada publicamente, portadora dos valores que, aos olhos da maioria, haviam levado a sociedade ao abismo. "Nossos tradicionais conceitos de espaço!, pátria!, estilo!, para o infemo tão odiosos conceitos!", esbraveja Bruno Taut, em 1919. "É preciso destruí-los, quebrá-los!; que nada reste deles!; (...) vomitar as velharias!... Malditos!, malditos! Que o nosso vento do Norte sopre sobre este mundo mofado, desgarrado e esfarrapado!"[60] O operariado sai fortalecido dos anos de guerra, consciente de haver sido a classe que mais contribuiu para o esforço bélico, e também a que mais sofreu suas conseqüências, tornando-se o componente mais forte da comunidade urbana. Inspirada nos bolcheviques, esta classe quer o poder político e sabe que pode conquistá-lo. As cidades são objeto de uma descontrolada especulação imobiliária, muitas vezes envolvendo órgãos governamentais em operações escusas de favorecimento aos proprietários privados. O número de unidades necessárias para compensar a pausa nas construções, entre 1914 e 1917, na Alemanha, ronda o milhão.[61] Na Grã-Bretanha, são em torno de quinhentas mil.[62]

QUAL HABITAÇÃO RECONSTRUIR?

O esforço de reconstrução assume diferentes feições em cada país. Na França, os sindicatos operários e os partidos de esquerda estão mais preocupados com a manutenção dos baixos aluguéis do que com a construção de novas unidades, argumentando, não sem razão, que novas habitações terão forçosamente seus aluguéis

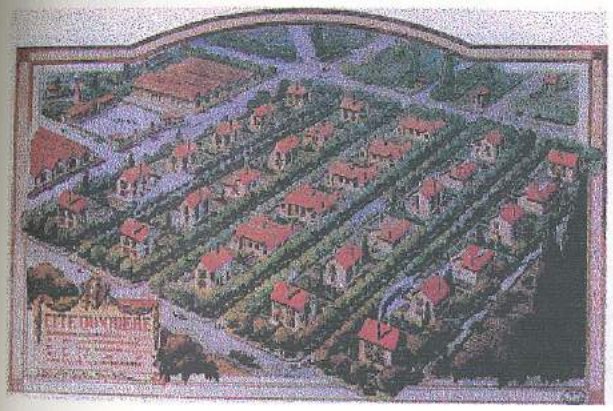


60 Citado por Lane, B. **Architecture and Politics in Germany 1918-1945.** Cambridge: Harvard University Press, 1968.

61 Kopp, A., *op. cit.*, p. 30.

62 Pawley, M. *op. cit.*, p. 22.

aumentados. Esta postura os leva a lutar, inclusive, pela manutenção dos cortiços e barracos, numerosos na maioria das cidades francesas e, sobretudo, em Paris, onde a *Zone*, na área das antigas fortificações, torna-se objeto de uma especulação liderada por particulares mas favorecida pela corrupção no poder público. A própria lei Loucheur, que viria a ser a primeira proteção oficial da habitação dos mais pobres, terá sua aprovação adiada inúmeras vezes, só entrando em vigor em 1928, cinco anos depois de sua redação.[63] Na Inglaterra, o governo aproveita para divulgar amplamente suas intenções de transformar o país em um "lugar adequado para que os heróis [da Guerra] vivam nele", e onde - claro - novas habitações sejam vitas como os lares dos heróis. No entanto, a escassez e conseqüente supervalorização da mão-de-obra - porque a guerra havia impedido de formar novos especialistas - e a inflação elevada, que contribuía para o aumento do custo real dos materiais, faziam com que o aluguel das novas casas fosse muito alto. A lei Addison, que o parlamento britânico aprovou em 1919, estabeleceu o co-financiamento destas habitações pelos governos municipais e central, o que passaria a consumir uma fatia importante dos recursos públicos desde então. No entanto, a lei Addison incorporava as idéias do *Comitee Report* de 1918, segundo as quais, por diversas razões, o modelo de habitação mais indicado para as ilhas britânicas era o da casinha individual, o *self-contained cottage*. Dessa forma a Inglaterra abdicava - por decreto, como se diz - a uma pesquisa mais ampla tanto no campo da habitação coletiva como no do urbanismo: a imensa maioria dos quatro milhões de unidades construídas até 1939 pertenciam a esta tipologia, e a ela se limitaram inclusive os experimentos de pré-fabricação.[64] A Alemanha derrotada vivia um



63 A lei Loucheur previa a construção de 260 mil unidades de habitação em todo o país, financiadas, basicamente, pelo Estado, através da *Caisse des Dêpots et Consignations*. Previa financiamento para construção de casas isoladas na periferia da cidade que abrigariam futuros proprietários, mas também 38 mil unidades de habitação social para alugar, dentro de Paris. Um sistema de pai para filho, que dispensava muitos postulantes de qualquer aporte financeiro pessoal, e até liberava uma boa pensão para as famílias mais carentes! Foi definitivamente dado por encerrado em 1936, quando o escritório parisiense havia já construído 24.899 unidades para aluguel, além dos financiamentos para futuros proprietários. Neste momento, a demanda por habitação na cidade era de 152.325 unidades. (Fonte: Guerrand, R-H. **La loi Loucheur: un engagement chiffré.** *In:* Quilliot, R., Guerrand, R-H. Cents ans d'habitat social: une utopie réaliste. Paris: Editions Albin Michel, 1989. Pp. 90-96.)

64 *Idem*, p. 24.

clima de incertezas e de conflitos de classes, em um cenário de profunda depressão moral e econômica. A burguesia e os militares culpavam o derrotismo da classe operária pelo fracasso, e reivindicavam o rearmamento em vistas de uma nova guerra de revanche. Os intelectuais iniciavam uma rigorosa auto-crítica da sociedade e da cultura alemã, identificando no nacionalismo exacerbado a causa de todos os males, e propondo, em substituição à irracionalidade política que os havia conduzido à guerra, um racionalismo crítico que resolvesse os problemas sociais utilizando a lógica.[65] As classes populares sofrem as conseqüências da derrota e anseiam por melhores condições de vida. Porém, após os duros anos de guerra e a derrota final, não se mostram dispostas a apoiar as tentativas de revolução organizadas pela extrema-esquerda entre 1918 e 1921, que propõem a tomada do poder espelhando-se no exemplo dos bolcheviques russos. A república de Weimar, como ficou conhecida a primeira experiência democrática alemã, marcou a ascenção do partido Social-Democrata ao poder, estabelecendo uma política de transformação gradual e lenta da sociedade através, principalmente, da melhoria de suas condições de vida. Isto sigrificava, prioritariamente, a extensão dos equipamentos sociais ao conjunto da população, e a construção massiva de habitações por todo o país.

A ALEMANHA VENCIDA É UM SOLO FÉRTIL

O *Werkbund* apresentava, já antes da guerra, uma cisão em seu interior, evidenciada no final do conflito. De um lado, o movimento expressionista assumia uma postura quase mística, na ânsia por um renascimento ideal da sociedade, produzindo uma



65 Argan, G. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 269.

arquitetura de formas esculturais como o Teatro de Berlim, de Hans Poelzig, construído em 1919, e a torre Einstein, que Erich Mendelsohn construiu em Potsdam, em 1921. De outro lado, o racionalismo crítico reivindicado pela intelectualidade encontrava sua melhor expressão na *Neue Sachlichkeit*[66] proposta, principalmente, por Walter Gropius: sua postura racional e rigorosa opõe-se claramente à utopia expressionista, como uma "lúcida defesa da consciência a partir da desordem e do desespero da catástrofe histórica."[67] Os expressionistas deram-se rapidamente conta de que, na nova organização política do país, os problemas a serem resolvidos eram de ordem extremamente prática e necessitavam soluções objetivas. Em 1918, um grupo de arquitetos, artistas e mecenas berlinenses criaram um Conselho de Trabalho pela Arte, o *Arbeitsrat für Kunst*, que defendia a partipação do povo na elaboração de uma obra de arte inovadora e total. A uma sociedade de massas deveria corresponder, no entender do grupo, uma socialização da expressão artística. Isso significava, na prática, que todas as artes formariam uma aliança sob a tutela de uma arquitetura engrandecida. Um manifesto-programa era enviado, em março de 1919, ao conjunto dos profissionais relacionados com arte e arquitetura, contendo as principais reivindicações: a arte e a arquitetura deviam ser assunto de todo o povo, e o artista e o arquiteto deviam ser trabalhadores a serviço da comunidade. Esta deveria ser educada, no que se referisse às suas preferências artísticas, por professores, nas Casas do Povo, mas também por um novo urbanismo e uma nova arquitetura que se encarregariam da sua educação arquitetônica quotidiana. O manifesto congregava arquitetos de ambas as tendências do *Werkbund*, em torno de uma noção vaga de socialismo. Entre os seus signatários estavam Mendelsohn, Bruno Taut - que viria a ser um dos principais arquitetos da habitação social na região de Berlim - Walter Gropius, e Adolf Behne - um dos mais importantes teóricos da nova arquitetura alemã dos anos 1920. No mesmo ano, como parte do esforço, iniciado antes da guerra, de se reformar o ensino das artes aplicadas no país, Gropius é nomeado diretor de uma instituição mista agrupando uma escola de arte e uma escola de artes decorativas: a *Bauhaus*. A ilusão inicial de que nela se ergueria uma catedral do cooperativismo para a

66 Em portugues, Nova Objetividade.

67 Argan, G., Arte Moderna, *op. cit.*, p. 269.

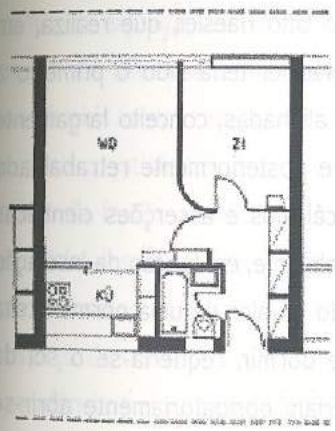
produção artística e arquitetônica desfez-se rapidamente, como constata o artista e professor da *Bauhaus* Oskar Schlemmer, em uma carta de 1922. "A idéia de catedral retornou, por enquanto, ao segundo plano, assim como certas idéias definidas de natureza artística", lamenta Schlemmer. "Hoje devemos pensar mais em termos da casa, talvez mesmo apenas pensar... Diante da situação econômica, nossa tarefa é a de nos tornarmos os pioneiros da simplicidade, de encontrar uma forma simples para todas as necessidades da vida, que seja, ao mesmo tempo, respeitável e verdadeira."[68] A situação econômica seria, porém, bastante modificada dois anos mais tarde, e o 'pensar a casa' passaria a ser a prioridade de muitos arquitetos em todo o país.

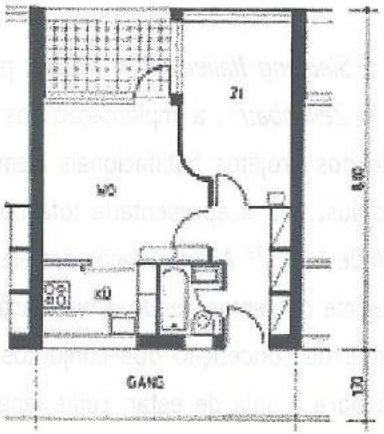
O *status* de perdedora da guerra obrigava a Alemanha a pagar indenizações aos vencedores, o que representava um enorme ônus para os seus cofres públicos e, conseqüentemente, para a população, em uma economia que tentava duramente se reerguer. Os Estados Unidos, ainda perplexos com a revolução russa de 1917, temiam que eventuais agitações sociais e instabilidades políticas na Alemanha desencadeassem um processo de extensão do comunismo em plena Europa ocidental. É essencialmente por isso que, em 1924, rico e bem posicionado no cenário internacional, o governo norte-americano põe em prática o plano Dawes, uma injeção maciça de capitais na economia alemã que permitiria, além de sua estabilização, a retomada do crescimento industrial. Uma nova política habitacional será desenvolvida a partir de então, classificada por Anatole Kopp em tres momentos principais: de 1924 a 1926, quando se retomam as atividades de construção sem inovações tecnológicas marcantes; as casas isoladas ou agrupadas são a tipologia mais privilegiada. Entre 1926 e 1930, produzem-se habitações em massa, segundo métodos industriais; pesquisam-se formas de habitação adaptadas às necessidades das camadas populares; edifícios coletivos configuram as *Siedlungen*. A partir de 1930, até 1933, diminui-se gradualmente a produção de novas habitações pelo Estado, chegando praticamente ao fim das experimentações; vilas semi-rurais são edificadas fora dos limites urbanos.[69]

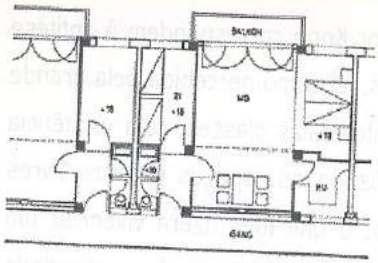
68 Citado por Frampton, K., *op. cit.*, p. 109.

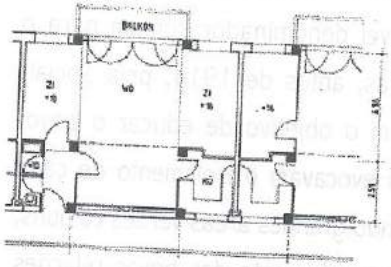
69 Em 1930, a economia alemã começa a ressentir-se do *crash* norte-americano de 1929. O ano de 1933 marca a subida ao poder de Adolf Hitler que, além de inúmeros outros atos contra a produção cultural do país, decreta o fechamento definitivo da *Bauhaus*. A produção total de habitações na Alemanha entre 1918 e 1933 é calculada em 3 milhões de unidades, das quais 1,4 milhões teriam sido construídas entre 1927 e 1931. (Fontes: Kopp, A., *op. cit.*, p. 42; Pawley, M., *op. cit.*, p. 33, e Frampton, K., *op. cit.*, p. 124)

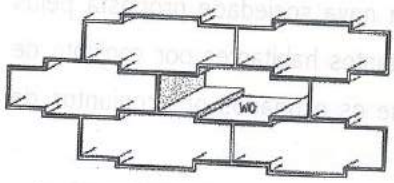
As casinhas construídas no primeiro período identificado por Kopp correspondem à antítese óbvia da cidade superpovoada e de seus cortiços insalubres, tal como percebida pela grande maioria das classes mais pobres da população. No entanto, estas classes, cuja existência tornou-se ainda mais penosa após a guerra, haviam utilizado os espaços urbanos livres para o plantio de legumes e verduras durante o conflito, o que lhes fizera vivenciar um contato bizarro mas estreito com a natureza. Os anos de guerra também haviam estimulado sentimentos de solidariedade e comportamentos mais sociabilizantes, e agora a esperança de uma vida próspera e pacífica surgia como um possível denominador comum para o conjunto da população. Além disso, as sementes lançadas, antes de 1914, pela Social-Democracia deveriam, no presente, ser multiplicadas com o objetivo de educar o povo, preparando-o para a nova sociedade do futuro. Casinhas evocavam o isolamento de cada um em seu terreno. Grandes edifícios agrupados, conformando grandes áreas verdes comuns, pareciam ser cenários muito mais apropriados para o desenvolvimento das novas relações sociais, além de constituírem melhores modelos para a nova sociedade proposta pelos sociais-democratas. Por outro lado, o agrupamento de tantos habitantes por conjunto de prédios de apartamentos, em terrenos menores do que os ocupados por conjuntos de











casas, viabilizava a inclusão nestes programas de equipamentos públicos mais complexos. Gropius se manifestará sobre esta questão, em 1926, observando que "não são mais vilas particulares mas centenas de apartamentos que precisam ser construídos. Não mansões para os ricos, mas boas casas, utilizáveis pelos operários, residências que respondam não a princípios estéticos mas sim a dados objetivos."[70]

A nova tipologia de habitação coletiva começa a ser melhor definida a partir de uma exposição organizada pela *Bauhaus*, em 1922, de projetos de moradias para um terreno que lhe havia sido prometido pelo governo social-democrata da Saxonia-Weimar.[71] Suas novas formas e as vantagens econômicas que o desenho modular e a pré-fabricação deixavam supor, acabaram por convencer o arquiteto Otto Haesler, que realiza, em 1923, a *Siedlung Italienischer Garten*, perto de Hanovre. Haesler teria sido o primeiro a utilizar o *Zeilenbau*[72], a implantação dos edifícios em fileiras alinhadas, conceito largamente aplicado nos projetos habitacionais alemães deste periodo e posteriormente retrabalhado por Gropius, que o apresentaria totalmente embasado em cálculos e asserções científicas no CIAM de 1930.[73] A implantação das fileiras se fazia, principalmente, em função da insolação e do regime de ventos, tendo a orientação norte-sul assumido o valor de uma norma aceita por todos na concepção dos conjuntos. Para o quarto de dormir, requeria-se o sol da manhã; para a sala de estar, cujas janelas e balcões deveriam obrigatoriamente abrir-se

70 Gropius, W. **Beiträge zum Bauen 1924-1928**. Zurich: 1977 (reimpressão) p. 3. Citado por Kopp, A., *op. cit.*, p. 28.

71 Pawley, M., *op. cit.*, p. 28.

72 *Zeile* = fileiras, *Bau* = construção. Este conceito já teria sido aplicado em 1643, na extensão de Aix-en-Provence, França, e nas primeiras propostas de Cerdá para Barcelona, em 1859. (Phillippe Panerai, conferência na EESC-USP, São Carlos, 18 de agosto de 1993)

73 Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna. Realizados a partir de 1928 em diversas cidades européias, contaram com a participação dos grandes nomes da arquitetura Moderna do continente. O último encontro oficial - o 10º CIAM - deu-se em Dubrovnik, em 1956.

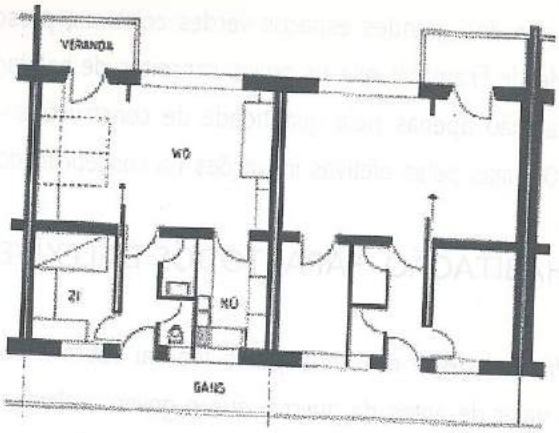
para um dos grandes espaços verdes coletivos, prescrevia-se o sol poente. É, porém, na cidade de Frankfurt que os novos conceitos de habitação seriam espacializados de maneira plena, não apenas pela quantidade de construções - quinze mil unidades, entre 1926 e 1930 - mas pelas efetivas inovações na concepção do espaço de morar.

A HABITAÇÃO-PARA-TODOS É FLEXÍVEL

O *Hauszinsteuer* era um imposto federal sobre a porcentagem do aluguel que excedesse seu valor de antes da guerra, que o governo alemão resolveu implantar, a partir de 1924, como parte de sua política habitacional. As somas de dinheiro assim arrecadadas foram repassadas tanto a sociedades cooperativas de construção de moradias como diretamente a projetos habitacionais do Estado. Em Frankfurt, esta nova fonte de recursos combinou-se com a eleição, em 1925, de um prefeito social-democrata que convidou o arquiteto Ernst May para ocupar o cargo de arquiteto-chefe da municipalidade. May havia trabalhado alguns anos na Inglaterra com Raymond Unwin, grande defensor das teorias de Howard sobre as cidades-jardim, e em Munique com Theodor Fischer, um dos primeiros adeptos alemães da implantação em *Zeilenbau*. O programa apoiava-se nas reivindicações de sempre: fim da coabitação de várias famílias - ou de várias gerações de uma mesma família - sob o mesmo teto, fim da exploração dos trabalhadores nas *Mietskasemen*, fim da alienação e do contrato patronal nas vilas operárias, direito à luz, ao ar e ao sol para todos; os incômodos causados pelos demais ocupantes de uma mesma unidade deveriam ser reduzidos, as necessidades emocionais, satisfeitas, e as tarefas domésticas, facilitadas.[74] Uma maravilha. Assim, cada membro da família deveria, se possível, ocupar um quarto individual, ainda que pequeno. A *Wohnküche* das *Mietskasernen* se viu dividida em uma sala de estar - até então desconhecida nos interiores operários -, o maior espaço da habitação, e uma pequena cozinha contígua ao espaço de convívio, que se tornaria o verdadeiro núcleo de toda a unidade. Ao contrário da residência burguesa, cujo funcionamento supunha a presença de pessoal doméstico, e

74 Dreysse, DW. Les Cités de Ernst May. Frankfurt/ Strasbourg: D. Fricke/Ecole d'Architecture de Strasbourg, 1988. p. 4.

cuja distribuição interna propositalmente separava empregados e patrões em tres áreas estanques, a nova habitação francfortiana considerava que a mãe de família era a encarregada das tarefas da casa[75] e que o lugar onde estas tarefas se desenvolvem deve, portanto, constituir o centro do espaço doméstico.[76] A

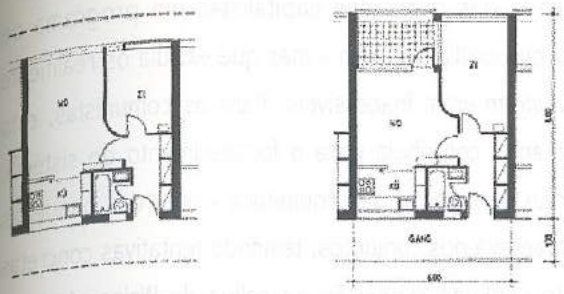


concepção destas cozinhas faz parte de um processo que visava sua otimização, higienização e mecanização, iniciado, como se sabe, já havia alguns séculos. A cozinha asseptizada do final do século 19 pareceria arcaica ao lado das novas 'cozinhas-laboratório' destas habitações, cujas funções foram meticulosamente analisadas pela arquiteta Grete Schütte-Lihotzky no sentido de reduzir sua área ao mínimo necessário, e contribuir para a diminuição do tempo gasto com os serviços domésticos. Esta redução da área ao mínimo necessário, o *Existenzminimum*, ou mínimo necessário à existência, é, aliás, uma preocupação que rege a concepção de toda a habitação: "qualquer fração de espaço que não seja efetivamente 'habitada', dimensionada para um ato humano preciso, só poderá pertubar a percepcão do espaço e a clareza das sensações", escreve Argan.[77] É claro que a busca do *Existenzminimum* deveu-se também a imperativos econômicos, sobretudo a partir de 1929, impostos pela crise mundial. Por esta época, as já pequenas superfícies habitáveis dos novos apartamentos - 65m² para um sala-dois quartos ao invés dos habituais 75m² - reduzem-se ainda mais. O mesmo sala-dois quartos passará a medir entre 40m² e 43m² nos conjuntos da *Frankfurter Küche* - com uma média de 10m² por ocupante - exigindo a produção de vários elementos móveis para as moradias. Portas de correr, camas escamoteáveis, mesas dobráveis ou sobre rodinhas, vêm contribuir para o máximo aproveitamento do espaço, incluindo a

75 Dreysse lembra que os rendimentos da família nuclear operária provinham, sobretudo, do trabalho assalariado do pai. (Dreysse, DW., *op. cit.*, p. 4)

76 A importância que assumiram esta nova localização e o desenho inovador da cozinha nas unidades dos conjuntos de Frankfurt foi tal, que todo o esforço de construção habitacional empreendido pela 'prefeitura local entre 1925 e 1930 se tornaria internacionalmente conhecido como *Frankfurter Küche*, ou a cozinha de Frankfurt'.

77 Argan, G. Walter Gropius e a Bauhaus, *op. cit.*, p. 80.

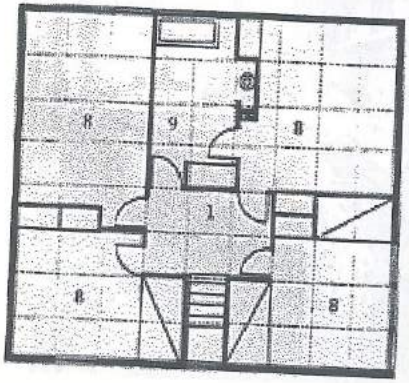


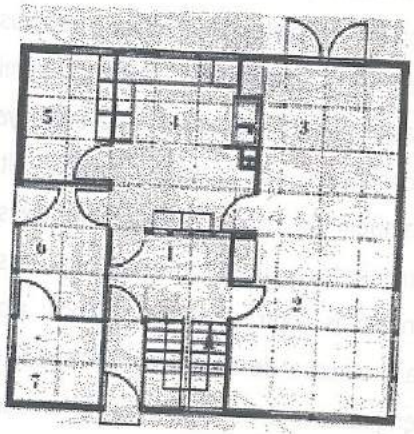
colocação de armários embutidos em todos os cantos disponíveis. A maioria destes elementos, juntamente com portas, janelas, fechaduras, maçanetas e, a partir de 1927, de lajes, paredes, fachadas e vigas de concreto leve, serão normatizados e produzidos em série em oficinas e usinas montadas pela prefeitura.[78] A tipificação dos apartamentos e a maneira como agrupá-los - em faixas ou sobrepostos - passaram a ser objeto de detalhados estudos projetuais, possibilitando, além de uma redução de custos, a produção de habitações idênticas, de igual qualidade, para diferentes camadas da população. A busca de uma moradia-padrão, de uma habitação-para-todos, encontra assim os pressupostos técnicos que a viabilizam. Para todos também são concebidos os espaços externos, com parcelas do jardim central e do terraço sobre as coberturas planas destinadas ao uso individual de cada apartamento. A relação dos homens com a natureza evolui do binômio indivíduo-natureza - como no projeto, de 1928, de Gropius da *Siedlung* de Törten, em Dessau, - para o binômio sociedade-natureza - esboçado nas *Siedlungen* de May e consolidado nos projetos de Casas Altas, de 1930, também de Gropius. Como era de se esperar, a arquitetura dos grandes conjuntos foi alvo de inúmeras controvérsias, na época: alguns louvavam a promessa de uma nova sociedade mais humana, enquanto outros execravam a 'ameaça comunista'.



78 Dreysse, DW., *op. cit.*, p. 4.

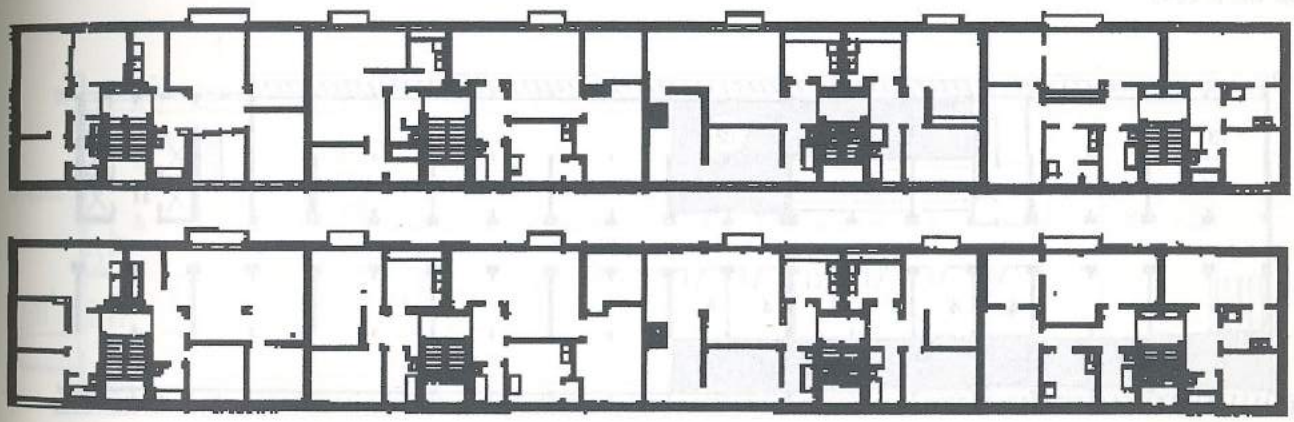
Para os socialistas, o governo havia tirado das mãos dos capitalistas um programa de construção de moradias progressistas - o que podia ser bom - mas que excluía os realmente pobres, para quem os aluguéis nas *Siedlungen* eram inacessíveis. Para os comunistas, esta política habitacional era reformista e, portanto, contribuía para o fortalecimento do sistema. Finalmente, a direita criticava o caráter 'não germânico' da arquitetura - uma das bandeiras do *III Reich* nazista - e o coletivismo que imperava nos conjuntos, temendo tentativas concretas de emancipação política. A construção do conjunto-exposição na colina de Weissenhof, em Stuttgart, em 1927, com projetos de vários membros do *Werkbund*, mas também de Le Corbusier, Oud, Stam e Victor Bourgeois, contará com um protótipo de casa, elaborado por Walter Gropius, montado inteiramente a seco e passível de ser facilmente rearranjado. Nesta casa, a cozinha, no centro da habitação, funciona ainda como ligação entre os espaços de convívio - sala de jantar e zona de refeições - e espaços de estocagem - despensa, depósito e estoque de carvão / caldeira, deslocando a designação de 'espaços de serviço' para espaços que não abrigariam atividades humanas duradouras, mas que proveriam o funcionamento da 'máquina de morar'. O mesmo arquiteto realizaria outro protótipo, em 1932, desta vez de uma casa desmontável e ampliável. A cozinha reduz-se agora a uma simples bancada incluída no espaco de convívio, formando, com os espaços de higiene, um





bloco que permanece fixo, enquanto outros espaços individuais - quartos - são acrescentados durante as diversas possíveis ampliações da casa. Ambos os protótipos foram executados com painéis leves pré-fabricados, o primeiro com estrutura metálica, enchimento de cortiça e revestimento extemo de chapas de cimento amianto, e o segundo com montantes de madeira sustentando internamente placas de cimento amianto e externamente chapas onduladas de cobre. O caráter fixo do bloco que agrupa cozinha e higiene já havia sido formulado por Mies Van der Rohe, a propósito do seu edifício de apartamentos construído na *siedlung* de Weissenhof. Mies trabalha o conceito de flexibilidade do espaço à maneira de Horta e Perret, utilizando, para isso, uma estrutura de aço e divisórias intemas leves. Na ocasião, escreverá que "hoje o fator econômico torna a racionalização e a padronização imperativas para a moradia locativa. Por outro lado, a complexidade cada vez maior de nossas necessidades exige maleabilidade. O futuro deverá considerar ambas as nocões. Para isso, a construção com estrutura independente é o sistema mais adaptado. Ela torna possível os métodos de construção apropriados e permite que o interior seja dividido livremente. Se considerarmos as cozinhas e os banheiros como um núcleo fixo, então todo o resto do espaço pode ser vedado graças a paredes móveis. Na minha opinião, isto deveria satisfazer todas as exigências normais."[79] Tanto nas residências que Mies van der Rohe

79 Citado por Frampton, K., *op. cit.*, p. 114.

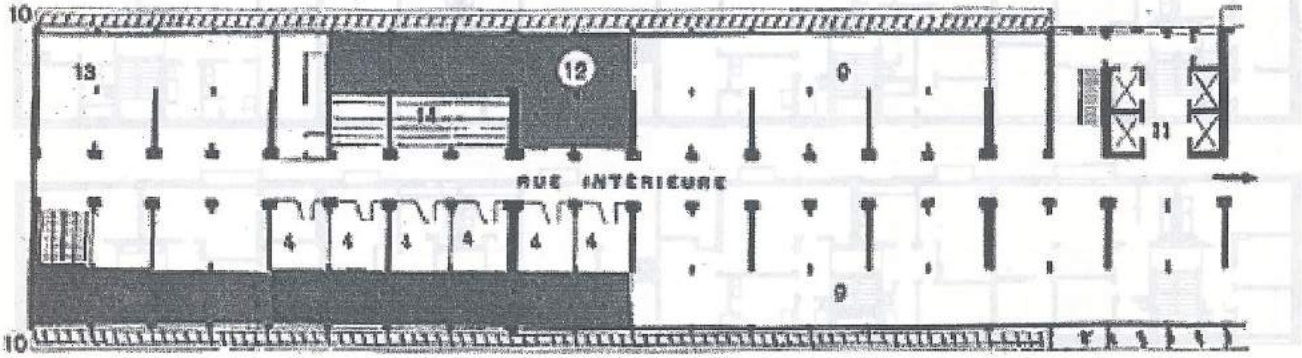


projetou na Europa quanto nos seus projetos de arranha-céus para Berlim e cidades norte-americanas, a questão da flexibilidade do espaço através do uso da estrutura independente e da planta livre seria uma constante. Estes elementos foram essenciais na obra de um certo arquiteto suíço, Charles-Edouard Jeanneret, com quem Mies chegou, possivelmente, a trabalhar, em 1910, no escritório de Peter Behrens, em Berlim.

UMA SÍNTESE POSSÍVEL

Le Corbusier trouxe para os espaços domésticos uma nova força plástica - proveniente do cubismo - que, sem dúvida, faltava às habitações das *siedlungen* da República de Weimar. Argan enquadra suas formulações arquitetônicas em um 'racionalismo formal', contrapondo-se a um 'racionalismo metodológico-didático', de Gropius.[80] Em todos os seus projetos de habitação, esta preocupação formal está intimamente ligada à exploração das possibilidades dos elementos construtivos e ao uso correto dos materiais, sempre buscando novas configurações espaciais capazes de corresponder às novas maneiras de viver e, inclusive, de estimulá-las. Em uma entrevista, já nos anos 1950, Le Corbusier afirmaria que a arquitetura "trata de um sujeito, o homem, que é por definição e fatalidade da natureza cambiável e evolutivo. Ele é primeiro solteiro, depois casal, depois família, com filhos em número

80 Além disso, Argan também identifica um 'racionalismo ideológico' no construtivismo soviético, um 'racionalismo formalista' no néoplasticismo holandês, um 'racionalismo empírico' em Alvar Alto, e um 'racionalismo orgânico' norte-americano em Frank Lloyd Wright. (Argan, G., Arte Moderna, *op. cit.*, p. 264.)

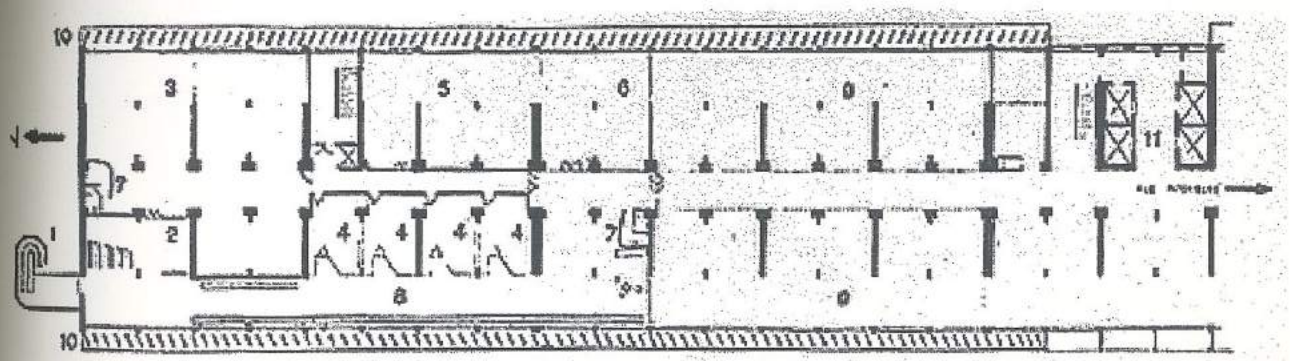


Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

indeterminado, depois dispersão dos filhos através de casamentos... enfim a morte, de tal maneira que a moradia feita para uma família não existe: o que existem são vários tipos de moradia para as sucessivas idades."[81] Os seus diversos projetos de moradias entre as guerras seriam, nas suas próprias palavras, o amadurecimento e a preparação necessários à construção, entre 1947 e 1952, da *Unité d'Habitation de Marseille*. Este período é francamente posterior ao do *Neues Bauen* alemão e ao do *Esprit Nouveau* francês. No entanto, esta obra aparece, certamente, no processo de construção do conceito moderno de Habitação, como uma espécie de síntese de diversas idéias, realizações e reivindicações que vão do domínio técnico-construtivo ao social, do formal ao funcional.

Talvez seja correto considerá-la uma obra anacrônica na medida em que veicula a imagem de uma sociedade harmoniosa, desejada já pelos humanistas do século 19, em um momento histórico particularmente difícil para a sociedade francesa - o segundo pós-guerra - no qual todas as esperanças de um mundo mais justo e de cidades mais humanas pareciam ter sido definitivamente sepultadas. É certo, porém, que ela ainda comporta outras leituras, onde passaria a representar a preconização de possíveis soluções para problemas que apenas agora nos dispomos a enfrentar, sobretudo no que tange aos prolongamentos da habitação: os serviços coletivos, que deveriam incorporar-se à moradia do mesmo modo

81 Chombart de Lauwe, P-H., *et al.* Famille et Habitation. Vol. 1. Paris: CNRS, 1975. p. 197.



que armários e fogões; a existência ou não de espaços para o cuidado com o corpo ou para eventos culturais; ou ainda a possibilidade de estúdios e *ateliers* serem reservados ao trabalho dos habitantes do edifício, situados em algum ponto entre a esfera pública e a esfera privada. A *Unité d'Habitation de Marseille* não é produto de uma iniciativa patronal - como as vilas operárias - nem filantrópica - como os Falanstérios - nem especulativa - como os edifícios de aluguel - mas inscreve-se em uma ação governamental de reconstrução pós-guerra, permanecendo, contudo, uma experiência isolada, assim como as outras poucas *Unités d'Habitation* construídas posteriormente por Le Corbusier. Suas vantagens técnicas e algumas de suas inovações espaciais foram rapidamente incorporadas ao quotidiano do projeto e da construção de habitações em todo o mundo capitalista. Mas as oportunidades de reflexão e pesquisa sobre a adequação de espaços de morar à evolução dos modos de vida de seus ocupantes, que ela claramente aponta, não parecem ter sido suficientemente exploradas pelos freqüentadores do escritório de Le Corbusier, na *rue de Sèvres*, em Paris.

n o corpo ou para
m reservados ao
sfera pública e a
iciativa patronal -
peculativa - como
de reconstrução
as outras poucas
agens técnicas e
o quotidiano do
s oportunidades
o dos modos de
suficientemente
èvres, em Paris.

HABITAR O PRIVADO Da Industrialização ao Movimento Moderno

A modernidade segundo Paris

Privilégio ou martírio . Onde morar na capital .
Indústria, *boulevards*, exclusão .
O excelso modelo: o apartamento burguês .
O que se quer fazer pelos pobres .
Um espírito novo sopra sobre a moradia .
Americanos em Paris



PRIVILÉGIO OU MARTÍRIO

Diferentemente de São Paulo e de Tokyo, que passaram da condição de vilarejo inexpressivo à de grande cidade no espaço de poucas décadas, Paris já era uma capital importante desde os tempos medievais. Ao longo dos séculos seguintes, seu modelo urbano e a beleza de vários de seus edifícios públicos foram imitados, inúmeras vezes, em diversas partes do mundo. No que concerne a habitação, Paris forneceu, igualmente, modelos para o restante do país e para boa parte do mundo sob influência ocidental, quer abrigassem os mais abastados, quer se destinassem às classes populares. Os grandes *hôtels particuliers* pré-Revolução de 1789, a tripartição clara do espaço doméstico em áreas Social, Íntima e de Serviços, no século 19, e a própria noção, amadurecida no início do século 20, de que cabe ao Estado alojar aquela parcela da população incapaz de fazê-lo por si só, já lhe garantiriam um lugar privilegiado no estudo do desenho da Habitação. A França foi um dos primeiros países do mundo a incluir a concepção e a realização de habitações sociais entre as atribuições do arquiteto, estimulada por reflexões do também francês Fourier, que datam já da primeira metade do século passado. Associados a estas realizações estão modos de vida que a cidade soube transformar em mercadoria exportável através dos séculos,

consolidando para si um papel de centro difusor de cultura, referência para todo o mundo civilizado. Foi este mecanismo que assegurou a penetração dos modelos de habitação produzidos por Paris, em diferentes lugares do mundo.

Já em torno do ano 250 a.C., a tribo dos Parisii ocupa a ilhota fluvial que viria a abrigar Lutecia, pequeno burgo sem maior expressão da Gália romana, situado, como tantos outros, no cruzamento de estradas, numa planície de invernos gelados, perto dos limites norte do Império. Mas é na Idade Média que a monarquia francesa aí instalada resolve fazer dela sua jóia mais brilhante, dotando-a de vistosos edifícios públicos - arquivos, bibliotecas, coleções de arte - conferindo-lhe uma vocação que dura até hoje, a de depositária de tesouros culturais de importância planetária. O *status* de centro educacional e intelectual era assegurado pela presença de monastérios e, a partir do século 13, pela fundação do *Collège de Sorbonne*. O de centro de artes, música, dança e teatro, deve-se à feliz combinação entre patrocínio oficial e a presença de um público próspero e educado.[1] Embelezada por sucessivos reis, Paris chega ao século 19 com enormes contradições: a mais linda capital do mundo, como concordam muitos de seus visitantes, é suja, fétida e superpovoada. Nas mesmas ruas sem calçadas, misturam-se a elite elegante - nobres e ricos comerciantes - e as classes populares - todos os outros. O centro institucional da cidade situa-se nas proximidades da mesma ilhota dos Parisii, a atual *île de la Cité*, que recebeu, ao longo dos séculos, algumas das mais importantes obras arquitetônicas do continente: a catedral de *Notre-Dame*, a *Sainte Chapelle*, o Palácio de Justiça e a *Conciègerie*, além do enorme e temido hospital *l'Hôtel-Dieu*. Progressivamente, os edifícios públicos ganham as duas margens do Sena em direção a Oeste: o Louvre e as Tuileries como palácios reais ou imperiais, e os ministérios nos cais de Saint-Germain.

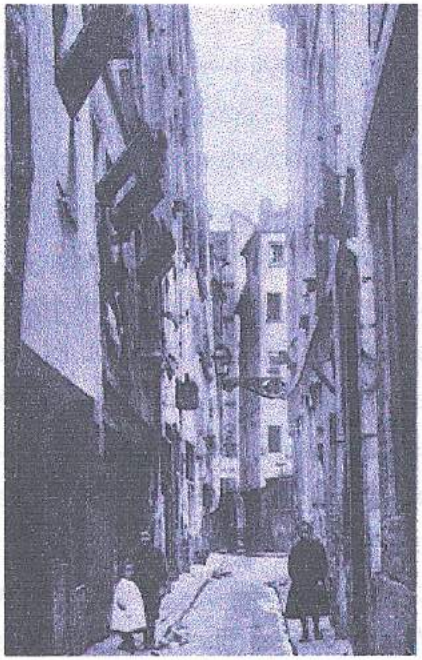
A mescla das diferentes classes marca a espacialidade da cidade. Vários são os relatos de viajantes surpresos com a convivência estreita entre ricos e pobres, tanto ladeando-se nas

1 Evenson, N. **Paris 1890-1940**. *In:* Sutcliffe, A. (org.) Metropolis 1890-1940. Chicago/London: University of Chicago Press/Mansell, 1984. P. 261.

mesmas ruas apinhadas de gente como em relações próximas de vizinhança, na Paris intra-muros.[2] Destinadas à defesa e marcando os limites da área urbana, os quais se alargam de tempos em tempos, empurrados pelo aumento constante da população, as muralhas determinaram, ao longo dos séculos, uma ocupação densa e verticalizada em um território com permanente escassez de áreas livres. Edifícios de cinco ou seis andares ladeavam ruas estreitas, tortuosas e permanentemente fora do alcance dos raios de sol, onde comprimia-se uma multidão de pessoas. Morar em Paris, no início do século 19, podia ser um privilégio ou um martírio, dependendo apenas da classe social a que pertencia o cidadão.

MORAR NA CAPITAL

De maneira geral, morava-se em tres tipos principais de habitação, todos com raízes claramente fincadas na Idade Média: o *hôtel particulier*, e a habitação remanescente do período medieval ocupada de duas maneiras diferentes, de acordo com a renda dos moradores - ricos ou pobres. Nada, portanto, de cômodos monofuncionais. Nem, por conseqüência, de privacidade. Sua referência suprema eram os grandes palácios, onde os cômodos eram uma sucessão de espaços intercomunicantes, abertos ao público, nos quais se dormia à noite, mas também se recebiam pessoas e se faziam reuniões de negócios durante o dia. Sua função representativa opunha-se frontalmente, portanto, à mais leve idéia



2 Roux, S. La maison dans l'histoire. Paris: Albin Michel, 1976. P. 220.

de privacidade. Os *hôtels* eram habitados por grandes aristocratas, grandes comerciantes, oficiais da corte, pessoas do parlamento, e, se por um lado, se mantiveram, até então, bastante fiéis aos seus predecessores medievais, por outro, vão definitivamente modernizar-se durante o século 17 e o início do século 18. Os cômodos multifuncionais *en enfilade*[3] continuarão existindo, mas irão, pouco a pouco, vendo-se atribuídos nomes - *chambre, cabinet, salle* - e, portanto, funções específicas, sempre precedidos de espaços cujo nome deixa supor um uso mais público - *antichambre, anticabinet, antisalle*.[4] As dependências de serviço - cozinhas e seus anexos, incluindo os espaços para os criados -, antes alojadas em edifícios à parte, vão incorporar-se ao edifício principal, ocupando o subsolo, esboçando a primeira idéia de tripartição da casa dos ricos: serviços no sub-solo ou nas alas laterais, recepção no andar nobre[5], quartos e suas dependências no andar superior. Continuavam não possuindo corredores internos nem espaços especificamente destinados a latrinas[6], mas vão escondendo progressivamente seus jardins dos olhos do público, atrás de muros altos, e seus pátios se fecharão atrás de portões absolutamente cegos. Ao espaço público da rua, começa, timidamente, a opor-se o espaço ainda vagamente privado da habitação. É novamente Philippe Ariès que apresenta uma leitura sucinta mas atenta das alterações da casa da época em função da introdução da noção de privacidade. "Desde o século 18, a família começa a guardar suas distâncias em relação à sociedade", escreve o historiador, "limitando-a além de uma zona de vida privada cada vez mais extensa. A organização da casa responde a esta nova inquietação de defesa contra o mundo. Já é a casa moderna que assegura independência aos cômodos, abrindo-os a um corredor de acesso. Mesmo que eles se comuniquem entre si, não se é mais obrigado a atravessá-los todos para passar de um ao outro. Diz-se que o conforto data desta época. Ele nasceu ao mesmo tempo que a intimidade, a discrição, o isolamento, e é uma de suas manifestações."[7] Ariès nota também que as camas não se espalham mais pela casa toda, mas concentram-se no novo quarto de dormir, equipado de armários embutidos e de pequenos nichos dos lados da alcova. O *hôtel* parisiense oitocentista é, obviamente, minoritário no conjunto das moradias da cidade.

3 Esta expressão refere-se tanto à localização dos cômodos, enfileirados ao longo de um dos lados do pátio principal – geralmente aquele oposto ao lado que tangencia a rua –, quanto à circulação entre eles, feita através de portas situadas sobre um mesmo eixo, geralmente próximo às janelas e portas da fachada. A não-existência de uma instância de transição entre um cômodo e outro – um corredor, por exemplo – anularia qualquer reivindicação por privacidade, caso isso existisse neste momento: o único caminho possível para se chegar a um cômodo atravessa os demais.

4 Roux, S., *op. cit.*, p. 204.

5 Aquele que possui acesso principal diretamente do térreo, normalmente através de uma escada com tratamento especial, mais pomposa, chamada de *Grand Escalier*.

6 Por lei, as casas pobres deveriam reservar um espaço, ainda que minúsculo, à instalação de uma

No entanto, ele preconiza uma habitação moderna da elite, difundindo "toda uma cultura, uma maneira de construir e de morar, proposta a toda a população urbana beneficiada pelo progresso", como nota a historiadora Simone Roux.[8] Características que grandes e pequenos burgueses trataram rapidamente de incluir em sua própria habitação, fosse ela qual fosse, no afã de afirmar publicamente sua posição social. Os novos nomes dos cômodos do *hôtel* serão transpostos para os apartamentos burgueses que, poucas décadas mais tarde, já se terão afirmado no cenário habitacional da cidade.

Na casa de claras feições medievais vivem os profissionais liberais, o que significa um grupo doméstico que inclui, além do dono da casa, de sua esposa e de seus filhos, algum parente próximo, aprendizes e empregados. No entanto, se no período medieval ela ainda abriga grupos de mais de vinte pessoas, nos séculos 17 e 18 seus moradores vão se limitar a sete ou oito pessoas.[9] Uma diminuição significativa. Já a casa mudou muito pouco. Encontramos os mesmos grandes espaços, aqueles quase despidos de móveis nos tempos medievais, quando eram usados para diversas funções sobrepostas e alternadas, inclusive as de trabalho, onde todos os membros do grupo dormiam juntos. Estes espaços abrigam, agora, um grupo familiar menor, no caso da pequena burguesia, que, às vezes, aluga partes da própria moradia a terceiros. Os princípios de ocupação são os mesmos de há dois séculos: quanto mais pobre se é, mais alto se mora. O que significa que, no caso de sub-locações, o proprietário fica com o térreo, o pátio interno e eventuais anexos aí construídos, e a antiga casa medieval vai ver seus cômodos espaçosos serem subdivididos por tabiques, armários e cortinas, às vezes vai até ver-se acrescida de outros andares, transformando-se em desajeitados edifícios coletivos de habitação.[10] Os apartamentos resultantes destas subdivisões costumam possuir de um a tres cômodos, onde vai-se dormir, cozinhar, etc, e estão conectados por uma escada em espiral, geralmente estreita demais para o número de moradores - sim, a casa foi construída para uma só familia -, e os cômodos situados no sótão são acessíveis por uma galeria. A menor face do edifício é a que

latrina. A lei nada dizia sobre as casas da elite, que passaram a associar o cômodo da latrina à miséria material. Os ricos usavam uma latrina móvel, uma caixa com uma abertura superior, que lhes era trazida por empregados quando solicitados. (Rybczynski, W. **Home, a short history of an idea**. New York: Penguin Books, 1987. P. 41.)

7 Ariès, Ph. **L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime**. 2ème édition. Paris: Seuil, 1973. Pp. 299-300.

8 Roux, S., *op. cit.*, p. 204

9 Estes grupos domésticos costumavam reunir, na Paris da primeira metade do século 19, uma média de oito pessoas, número já bem menor do que os indicados para os anos finais da Idade Média. (Cf. D'Haucourt, G. **A vida na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. P. 100. Rybczynski, W., *op. cit.*, p. 28.)

10 Roux, S., *op. cit.*, p. 199.

fica voltada para a rua. Na época medieval isso não era um problema muito grave porque os cômodos eram poucos e grandes e, portanto, ainda minimamente insolados e ventilados. Agora que estão subdivididos, é fácil imaginar que muitos deles não possuem sequer janelas. Quando se lêem na literatura especializada as recorrentes descrições destas casas, transformadas à força em habitações coletivas, o que mais impressiona não são as péssimas condições de habitabilidade, como o grande acúmulo de famílias inteiras morando em cubículos situados em sótãos úmidos e gelados, nem mesmo o fato de os cômodos destinados a um mesmo grupo não serem, forçosamente, contíguos - um mesmo 'apartamento' poderia ter a cozinha no térreo e o quarto no terceiro andar. Constrangedor mesmo é saber que, na Cidade Luz, havia pior. Os moradores destes 'apartamentos' nem miseráveis eram, já que tinham profissão e uma renda razoável. Esta era uma habitação coletiva com algum conforto. Havia ainda as outras, aquelas onde viviam os realmente pobres.

Os quartos de percevejos, como são chamados pelos operários os cômodos de aluguel, apresentam paredes imundas, latrinas sempre entupidas, mau cheiro, pessoas amontoadas em espaços minúsculos, sem iluminação nem ventilação naturais, muito menos aquecimento. Michelle Perrot observa que o interior destas habitações superpovoadas abrigava poucos móveis e poucos objetos: apenas cobertas, utensílios de cozinha, uma mesa e algumas cadeiras.[11] Nem era exatamente uma habitação: antes, um abrigo coletivo contra as intempéries, um espaço a ser dividido após as longas horas de trabalho. Estas casas dos mais pobres são exatamente as mesmas casas medievais onde vivem



11 Perrot, M. **Maneiras de Morar.** *In:* História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, *op. cit.*, p. 319.

os remediados. A grande diferença é que já não se trata de sub-locação da casa de um proprietário residente no térreo, mas agora toda a casa é subdividida por especuladores com o único objetivo do lucro. Cortiços, similares aos de Tokyo e de São Paulo. A concentração de pessoas nestas casas beira o absurdo, o que, de resto, apenas reflete uma situação mais ampla, vivida por toda a cidade.

É que, a partir do final do século 18, quando os primeiros efeitos da Revolução Industrial inglesa atravessaram a Mancha, a população de Paris aumentou bastante, sem que se construíssem novas casas. A densidade populacional girava em torno de quatrocentos habitantes por hectare, podendo ter chegado a quinhentos em alguns setores.[12] No início do Segundo Império,[13] o patrimônio construído existente é ainda, com poucas exceções, o mesmo de há tres séculos, com uma população várias vezes maior. Os pátios internos, úmidos e sombrios, receberão construções precaríssimas feitas de tábuas e de refugos, com latrinas coletivas e nenhuma privacidade, em um processo semelhante ao das principais cidades industriais do mundo de então. Enquanto os *hôtels particuliers* exibem uma real modernização na moradia dos ricos a partir de fins do século 17, cujos derivados mais notáveis seriam os novos apartamentos ao longo dos *boulevards* haussmannianos, seria necessário esperar até os limiares do século 20 para que novos espaços domésticos fossem propostos para os operários. E no entanto, mesmo neste momento, àqueles que eram ainda mais pobres, que nem operários eram, só restavam os cortiços da periferia, em condições absolutamente idênticas às medievais.

Louis Lazare escreve, em um número de 1859 da *Revue Municipale*, que "ao percorrer a cidade de Paris até as fortificações, registramos duzentas e sessenta e nove ruas, cortiços, pátios, passagens ou vilas criados fora de qualquer ação, de qualquer controle municipal. Na sua maioria, estas propriedades particulares, arbitrariamente governadas por seus detentores, são horrendas de se ver e confrangem o coração."[14] Em Paris, entretanto, as

12 Roux, S., *op. cit.*, p. 197.

13 De 1852 a 1870, sob Napoléon III.

14 Citado por R-H. Guerrand, *op.cit.*, p. 358.

construções que compõem estes aglomerados de moradias populares utilizam materiais muito mais baratos e precários do que em outras grandes cidades européias: são construções térreas, feitas de tábuas e de refugos, divididas em alojamentos sub-alugados por semana, sobre terrenos arrendados dos locatários principais pelos especuladores. No final do século 19, a zona *non aedificandi* do vazio deixado pela destruição das muralhas da cidade será também ocupada irregularmente por estes casebres, constituindo o que os parisienses 'de bem' conhecerão por *la Zone*.

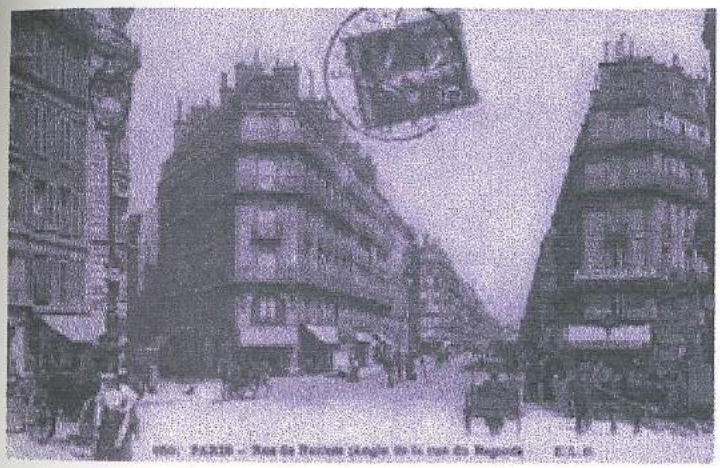
INDÚSTRIA, *BOULEVARDS*, EXCLUSÃO

Em dezembro de 1848, o príncipe Louis-Napoléon Bonaparte, um quase desconhecido para a população francesa, é eleito presidente da recém-proclamada República, à sombra dos feitos do tio famoso. De ascendência nobre graças a casamentos familiares com membros de outras cortes européias, Louis-Napoléon não é outro senão o sobrinho de Napoléon Bonaparte, o mesmo que causou a fuga da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, e, indiretamente, o florescimento da cidade do Rio de Janeiro. Seu sobrinho volta agora a Paris e, munido de algumas alianças com o partido da situação, planeja realizar um dos antigos sonhos do tio: transformar Paris na capital mais importante e mais bela da Europa, senão do mundo. Louis-Napoléon agarra-se ao poder através de uma infinidade de manobras, golpes e medidas repressivas, que vão culminar, em novembro de 1852, com a



restauração do império e - claro - sua proclamação como Imperador.

Napoléon III mostra interesse pelos problemas econômicos e sociais. Escrevia, já em 1839, que "a idéia napoleônica não é uma idéia de guerra, mas uma idéia social, industrial, comercial e humanitária."[15] Vai mais longe quando subscreve posturas saint-simonistas, segundo as quais a livre circulação de capitais e de produtos é condição indispensável para o progresso da sociedade industrial e de sua economia. Os ingleses que o digam. Ávidos por derrubarem as barreiras alfandegárias que ainda protegem a ineficiente indústria francesa, assinarão com o imperador francês, em 1860, um tratado que prevê a drástica redução das tarifas de importação no país para produtos provenientes dos operosos polos industriais britânicos e, em seguida, de diversos outros países europeus. Um pesadelo para os industriais locais.[16] A França entra definitivamente na era industrial. Nos dez anos que sucedem a coroação de Napoléon III, a rede de estradas de ferro passa de 3500 quilômetros para 9000 quilômetros [17], o governo enriquece com os dividendos de suas aplicações no exterior e, recebendo estimados 40% de todo o ouro extraído das minas californianas e australianas, um sistema bancário se estabelece, linhas regulares de transporte marítimo ligam o país ao Oriente, à África e às Américas.[18] Graças aos novos meios de comunicação, novos modos de vida, originários de outras culturas, chegam à França pelos trens e navios, mas também por correio, pelo telégrafo, pelos jornais. O hábito de ver e dar-se a



15 Citado por Bouillon, J. et al., *op. cit.*, p. 152

16 Esta medida será extremamente impopular entre os industriais franceses da época, que temem a invasão do mercado interno por produtos manufaturados de outros países europeus a menor custo. No entanto, o tratado acabou estimulando a indústria nacional, obrigando-a a organizar-se e a modernizar-se. (Bouillon, J. et al, *op. cit.*, p. 152)

17 Valores para os anos de 1851 e 1858, respectivamente. (Bouillon, J. et al, *op. cit.*, p. 154)

18 Todos os dados extraídos de Bouillon, J. et al, *op. cit.*, pp. 152-154.

ser visto nos cafés, já bastante disseminado no século 18 nos clubes restritos à nobreza e à grande burguesia, ganha novo *glamour* com a extensão do hábito à média e à pequena burguesia ascendente e aos estrangeiros ricos que cada vez mais visitam Paris. O movimento também se faz no sentido inverso: tanto os estrangeiros trazem modos de vida de seus países e, com isso, influenciam a sociedade local, como - e principalmente - levam em sua bagagem de volta para casa muito do *train de vie*[19] burgues parisiense, contribuindo para disseminá-lo ao redor do mundo.[20] Produto de exportação brasileiro, principal fonte de renda das classes dominantes paulistanas da época e, por isso mesmo, gerador de uma economia que terá entre seus impactos a completa alteração da habitação, dos modos de vida e da paisagem da cidade de São Paulo, o café era apenas um dos muitos artigos oferecidos nestes estabelecimentos parisienses que passarão a usar o seu nome. Muitos deles ofereciam a seus clientes sala de leitura, sala de bilhar, apresentações musicais, papel e tinta para cartas.[21] Uma herança dos costumes setecentistas, segundo os quais bebidas quentes e frias, entre elas o café, eram servidas aos elegantes e letrados em espaçosos apartamentos ricamente decorados unicamente para este fim, longe dos olhares dos mais pobres e sem o risco de se verem confundidos com freqüentadores de tabernas, relata Daniel Barkey, da *Northwest University* de Chicago.[22] A partir do século 19, os cafés passam a ser palco de boa parte da vida cultural, política e econômica da cidade, sempre protagonizada pelas elites, tendo como um dos eventuais apostos uma xícara de café, proveniente de alguma das muitas colônias européias, de Java à Martinica, do Yemen ao Brasil.[23]

O tamanho dos grupos domésticos diminui ainda mais. Apenas para que não se perca o fio da meada, um brevíssimo resumo do complexo processo de industrialização, que durou quase tres séculos, completa o quadro: pode-se dizer que, ao encerrarem seu próprio negócio, tocado sob responsabilidade familiar, ainda inserido na proto-industrialização do século 17, os antigos artesãos se separam de aprendizes e ajudantes, decretando o fim da

19 Em portugues, conjunto de hábitos que compõem a vida cotidiana.

20 Maria Cecília Naclério Homem reuniu documentação sobre os hábitos dos paulistas ricos – ou, principalmente, de suas esposas – em suas estadias em Paris, que chegavam a durar meses. (Homem, M. C. **O Palacete Paulistano**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Pp. 53-55)

21 Diz-se que um deles possuía uma sala separada para duelos, e em outro podia-se assistir a *premières* de filmes. (*Home page* da Riffel's Coffee. Internet: http://www.riffelscoffee.com/history.htm)

22 Barkey, D. **History of Coffee**. Chicago: Café Press, 1997. P. 11. Internet: http://pubweb.acns.nwu.edu/~dbarkey/café_press/history_of_coffee/

23 Biderman B., **The Black Apollo – The social history of coffee**. Internet: http://www.blackapollo.demon.co.uk/apollo4.html

24 Os dados exatos são: 25,5% em 1851 (considerando-se o território de 1815); 31,1% em 1872 (considerando-se o território de 1871); 40,9% em 1901 (idem); 46,2% em 1921 (considerando-se o

família extensa e o início de uma nova era, dominada pela família nuclear - isto já no século 19. No novo sistema produtivo fabril, tanto o patrão como o operário vão morar, via de regra, apenas com a esposa e os filhos, ambos por questões econômicas: o primeiro, para limitar subdivisões de patrimônio no momento de sua morte; o segundo, por absoluta falta de meios para escolher outra coisa. A urbanização da população do país, já iniciada no final do século 18, se acelera. No início do Segundo Império, apenas um a cada quatro franceses vivia em cidades, o que configurava um país basicamente rural. Este quadro se altera progressivamente. Um ano depois de Napoléon III deixar o poder, após perder a guerra com a Alemanha, mais de um terço dos franceses já haviam sido condenados à vida urbana, e serão mais de 40% na virada do século. Ao final da Primeira Grande Guerra, 46%; às vésperas da Segunda, mais de 50%.[24] Apesar da clara tendência que já deixam entrever, estes números são, na verdade, menos expressivos que os de outros países, na mesma época, como a Alemanha e a Inglaterra.[25] Paris, como era de se esperar, é o principal destino de boa parte dos migrantes franceses. A população da cidade, em 1796, que era de 640 mil habitantes[26], já terá quadruplicado apenas cem anos depois, o que significa 6,6% da população do país.[27] Neste momento, quase dois de cada tres franceses ainda moram no campo. Mas já no recenseamento de 1931, a população urbana ultrapassa a rural, tendência que não sofrerá mais reveses.[28]

O imperador encoraja uma política de grandes obras urbanas em várias cidades da França, mirando-se no exemplo do urbanismo londrino que ele próprio teve a oportunidade de vivenciar durante seus anos de exílio na Inglaterra. Em Paris, o barão Georges Haussmann será o encarregado de executar a tarefa de reestruturar a cidade em vista dos novos tempos. Isto significa que, a partir de 1853, Haussmann deveria, em linhas gerais: criar um sistema de abastecimento de água e de coleta de esgotos, abrir espaços para parques e cemitérios, sanear as enormes extensões de bairros insalubres de habitação, e resolver os problemas de uma congestionada circulação de veículos.[29] O Barão, no entanto, não estava

território atual); 51,9% em 1936 (idem). Fonte: INED, La population en chiffres. Population totale (urbaine et rurale) et densité de la population aux recensements de 1846 à 1990. Paris: INED, 1997. Internet: http://www.ined.fr/populati/france/popu/recensement.html

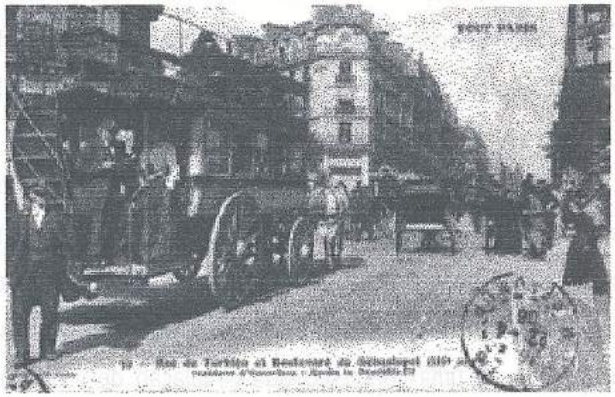
25 73% da população inglesa e 60% da alemã moravam em cidades já em 1911. Fonte: Annuaire SGF, 1951.

26 Fonte: Tudesq, A-J., Rudel, J. 1789-1848. Paris: Bordas, 1979. P. 154.

27 Os números exatos são: 2.536.834 habitantes em 1896 para uma população nacional de 38.517.000 pessoas. Fontes: Fijalkow, Y. Evolution de la population de Paris 1861-1990. Paris/Rouen: INED/Université de Rouen. INSEE La population en chiffres 1846-1990. A população de Paris refere-se a vinte *arrondissements*. A população nacional de 1896 refere-se ao território de 1871.

28 Os números exatos são: em 1896, 39% da população está urbanizada. Em 1931, são 50,8%. O INSEE considera urbana a população de aglomerações com, pelo menos, 2 mil habitantes. Fonte: INSEE La population en chiffres 1846-1990.

partindo do zero. Primeiro, porque Napoléon, o tio, já havia deixado indicações claras sobre como deveriam ser as ruas da sua 'Capital da Europa', no desenho da *rue de Rivoli*, aberta sob seu reinado, com arcadas, lojas e edifícios de apartamentos. Segundo, porque um plano traçado por um grupo de artistas, em 1793, já propunha que uma série de novas avenidas rasgassem o velho tecido medieval parisiense, no sentido de renová-lo. Se, por um lado, o critério dos artistas havia sido a preservação de velhos bairros, bem ao contrário de Napoléon III, cuja intenção quase obsessiva era a construção de uma Paris francamente moderna e, portanto, saneada, por outro lado uma das propostas do antigo plano - o *boulevard planté*[30] - vai tornar-se a principal estratégia da ação haussmanniana, agora embasada pelo discurso saint-simonista sobre a importância de meios de comunicação rápidos e eficazes. Na esteira desta argumentação vem também o trem - e seus aparentados, o *tramway* e o metrô -, ganhando agora a condição de transporte suburbano de massas juntamente com o sistema de ônibus de tração animal, favorecendo, como em tantas outras partes do mundo, o surgimento de novos bairros em torno das novas estações.[31] São estas novas avenidas, acompanhadas do tecido urbano que elas engendram, que irão influenciar tremendamente o desenho do espaço doméstico parisiense neste momento, e que, como mercadoria exportável, serão a característica básica de reestruturações urbanas, a partir de então, em diversos pontos do planeta. Os *boulevards*, como nota o historiador Giulio Carlo Argan, apenas isolam os antigos e insalubres bairros populares, que permanecem, essencialmente, intocados. "Em compensação", escreve Argan, "facilita-se às tropas a repressão dos movimentos operários e aos proprietários de imóveis a especulação dos terrenos."[32]



29 Frampton, K., *op. cit.*, p. 21.

30 Avenida larga, cujas calçadas, igualmente largas e destinadas ao passeio, são sombreadas por uma fileira de árvores e contem diversas peças de mobiliário urbano. Inicialmente, o termo reservava-se apenas às avenidas construídas sobre o terreno ocupado pelas antigas muralhas da cidade, justificando a etimologia do seu nome. Uma das principais inovações do Segundo Império foi a extensão desta nomenclatura e das características do espaço que ela define às novas avenidas, estruturando regiões mais centrais da cidade. (Landau, B. La fabrication des rues de Paris au XIXe siècle. Un territoire d'innovation technique et politique. *In:* Espaces Publics 57-58. Annales de la Recherche Urbaine. Paris: Ministère de l'Equipement, des Transports et du Logement, décembre 1992.)

Especulação cujo limite, como se pode supor, é o céu. A população residente se vê expulsa por causa das obras - bairros inteiros são destruídos - e, ao seu término, a maioria não tem meios suficientes para pagar os altos aluguéis dos novos apartamentos. A costumeira ambigüidade burguesa apóia o barão em sua ação saneadora e modernizante, que vai valorizar propriedades privadas, ao mesmo tempo em que defende os direitos dos proprietários, procurando limitar ou até impedir a intervenção do Estado. Terminados, os edifícios da Paris haussmanniana são o vistoso estandarte da vitória da sociedade burguesa mecanizada da época. Um sem-número de componentes construtivos é produzido industrialmente em larga escala para a realização dos novos bairros. Escolhidos através de catálogos, estes elementos - colunas metálicas, guarda-corpos, *bow-windows*, esquadrias, *verrières*, perfis metálicos, abobadilhas cerâmicas, mas também peças de mobiliário urbano utilizadas nos *boulevards*, praças e parques, indo desde bancos e postes de iluminação até quiosques e mictórios individuais - poderão ser encomendados por arquitetos e construtores de Paris e de cidades do interior do país, mas também de lugares tão distantes quanto Tokyo e São Paulo, para onde serão transportados pelas novas companhias marítimas, dentro de uma absoluta e claramente nova normalidade.

O êxodo forçado para a periferia a que são submetidos os proletários só vem agravar os seus problemas. Não são só os aluguéis que são caros. Todo artigo à venda na capital e que tenha entrado por uma das portas da cidade, vê o seu preço acrescido do imposto cobrado pelo Estado. É natural que a população mais pobre protagonize uma fuga em direção às zonas periféricas da cidade,



31 Paris ainda é uma cidade murada, em cujas portas cobram-se impostos sobre a entrada de mercadorias. Uma das primeiras medidas de Haussmann é a de anexar à cidade o território dos povoados que se situam entre os limites da cidade e a muralha, obtendo assim mais espaço para a sua expansão territorial.

32 Argan, G. C. Arte moderna, *op. cit.*, p. 186.

mas, preferencialmente, para fora dos muros, onde tudo é mais barato, inclusive os terrenos, e a legislação não tem nem sombra do rigor dos códigos urbanísticos de Haussmann. A nova ocupação da cidade intra-muros, que contribuirá para a definição do perfil de seus bairros até a segunda metade do século 20, é clara: o poder público e o comércio no centro, a nobreza a oeste, os poucos pobres a leste, as muralhas em volta, os miseráveis fora delas. Uma lástima, para certos autores,[33] para quem o operário parisiense sempre demonstrou ter gosto mais refinado do que seus congêneres de outras partes do mundo, justamente por causa do convívio estreito com burgueses e nobres nas ruas da cidade, mas também por suas visitas domingueiras aos museus, pelos cursos de desenho no Conservatório. Exilando a imensa maioria do operariado extra-muros e reservando a cidade quase que apenas aos ricos, a reestruturação urbana do Segundo Império terá alterado radicalmente esta situação. Do ponto de vista dos pobres parisienses, esta foi, sem dúvida, uma das grandes mudanças em seu padrão de vida na segunda metade do século 19. Na periferia, as casas reproduzem o desconforto das antigas casas medievais destruídas. São muito simples, construídas de acordo com possibilidades muito imediatas e reduzidas. Agora: diferiam destas em um ponto fundamental. Cada unidade, ainda que mal construída, destinava-se a uma única família, formada por pai, mãe e filhos.

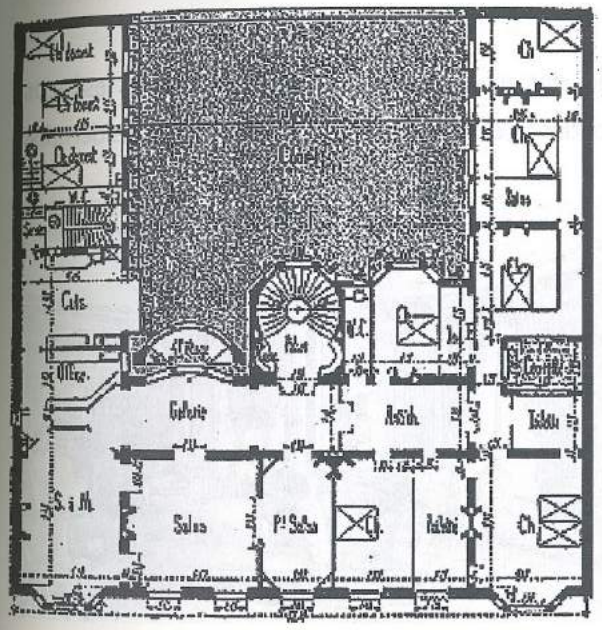
A configuração dos apartamentos burgueses ao longo dos elegantes *boulevards* construídos por Napoléon III parece inscrever-se em um processo de evolução do espaço doméstico dos franceses ricos, no qual os grandes *hôtels* da Renascença já seriam uma espécie de versão reduzida dos palácios de períodos anteriores, herdando-lhes características claras - a sucessão de espaços representativos multiuso *en enfilade*, por exemplo - que serão incluídas nos projetos dos primeiros apartamentos destinados à burguesia, ainda no final do século 18. Estes possuirão, via de regra, cômodos estanques com funções definidas, o que já é uma enorme mudança com relação aos modelos convencionais vigentes, mas estes cômodos ainda articulam-se sem obedecer critérios muito claros. O higienismo oitocentista, as novas

33 Evenson, N., *op. cit.*, p. 261; Roux. S., *op. cit.*, p. 243.

técnicas construtivas e os novos equipamentos para o espaço doméstico irão inserir-se com facilidade na onda de modernização que invade Paris, instigando os arquitetos a produzir uma habitação inovadora sob muitos pontos de vista. Esta habitação, que vai influenciar a constituição de modelos locais mundo ocidentalizado afora, merece uma descrição mais demorada de seus espaços.

O EXCELSO MODELO: O APARTAMENTO BURGUÊS

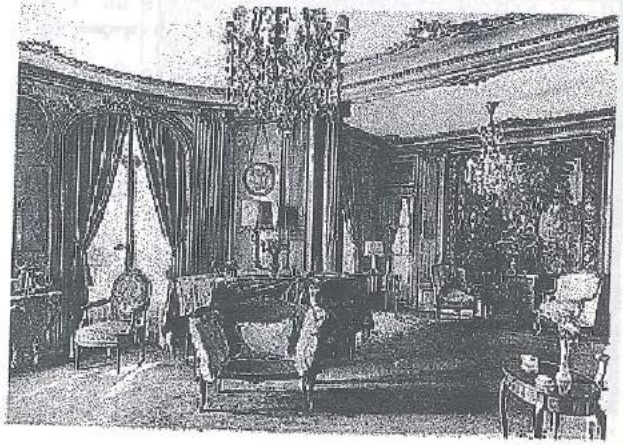
Grande vencedora do processo de industrialização, e fazendo da habitação a vitrine do seu êxito social, a burguesia se reconhece em um sistema de valores, bastante consensual entre seus membros, que prioriza práticas sociais similares, e, sobretudo, a ausência de trabalho manual. Apressa-se, no que concerne a moradia, em assimilar as inovações em uso nos *hôtels particuliers* dos ainda mais ricos, juntamente com seus hábitos de receber, seus cafés-da-manhã em estufas com plantas tropicais, e indispensáveis empregados domésticos, cada vez mais relegados aos fundos e aos cantos sombrios. Tanto quanto os *hôtels*, cujas grandes janelas ou portas abriam-se para grandes pátios ou jardins ensolarados, os novos apartamentos da Paris haussmanniana também abrem generosas janelas sobre ruas



largas e retilíneas para receber sol, ar e luz. Também como nos *hôtels*, as aberturas das dependências de prestígio – salas e, eventualmente, quartos – estão, em geral, situadas na face nobre do edifício, o que no caso dos novos apartamentos significa, sem pestanejar, a que está voltada para a rua, seja lá qual for a sua orientação. Terceira recorrência, as dimensões destas aberturas dependem mais da composição desejada para a fachada do prédio do que da função dos cômodos que elas pretendem ventilar e iluminar. Os apartamentos também herdam dos *hôtels* a setorização em áreas de prestígio, de intimidade e de rejeição, agora aplicada horizontalmente, exceção feita aos quartos de empregada - as *chambres de bonne* - localizadas sempre no último andar, sob o telhado.[34] A esta estanqueidade de áreas soma-se o desejo de separação entre o interior-família-segurança e o exterior-estranho-perigoso: as janelas ganharão pesadas cortinas, as paredes serão revestidas com tecidos e pinturas artísticas, e até os móveis serão recobertos por mantos, tapetes e passamanarias, no sentido de não deixar nuas as paredes, nem o assoalho, nem os ladrilhos, como nas casas dos pobres.

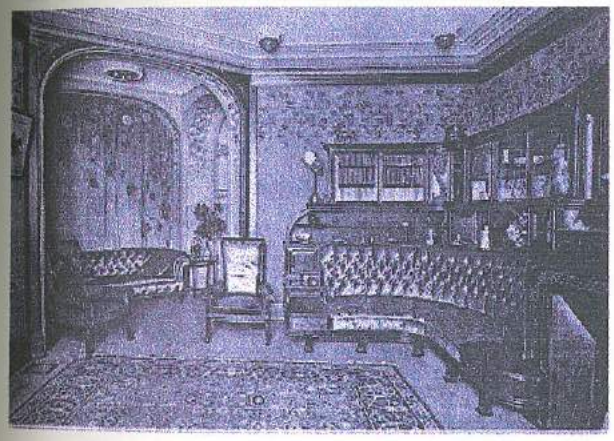
34 Roger-Henri Guerrand distingue três classes de imóveis de aluguel para a burguesia onde, além dos diferentes graus de conforto dos apartamentos, a quantidade e o material de que são feitas as escadas coletivas, assim como o número de unidades servidas por andar, contribuem para atestar o nível social dos habitantes. Todos os edifícios da alta burguesia contam com escada de serviços, reservada ao uso dos empregados. (Espaços privados. *In:* História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, *op. cit.*, p. 330.

As exigências de privacidade escondem dos olhos do visitante e do público os espaços íntimos. Banheiros - quando existem -, cozinhas e quartos de empregados, são considerados espaços *de rejeição*, e terão que esperar o final do século e a ação dos higienistas para merecerem a atenção dos arquitetos, que agruparão os cômodos úmidos ao redor de dutos contendo canalizações, a exemplo das inovações introduzidas nas casas operárias. Enquanto isto não acontece, os espaços de higiene



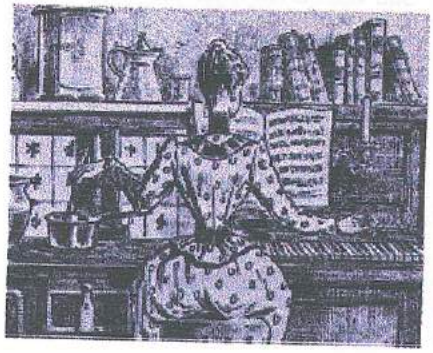
são cômodos pequenos e mal ventilados que abrigam um amontoado de bacias e vasos. De qualquer forma, a lenta implantação da rede de abastecimento de água e a crença no valor do esterco humano para a agricultura retardarão, em Paris, a integração do asseio corporal, à vida quotidiana. A sucessão de diferentes espaços de higiene que vão se substituindo uns aos outros, incluirá, nas últimas décadas do século, os *cabinets de toilette* - com sua rica decoração produzida industrialmente e, portanto, facilmente exportável -, situados ao lado dos quartos principais do apartamento de luxo, atestando o *status* dos donos da casa. Ponto de partida desta evolução, o *appartement de bains* de tempos passados vai ver-se reduzido a um único cômodo, ganhará banheiras provenientes de Londres a partir da década de 1880, e, já no início do nosso século, passará a chamado de *salle des bains*. Este espaço equipado faz sua entrada na área íntima dos apartamentos de luxo por volta do início do século, e sua área não parará mais de diminuir.[35]

A cozinha é o espaço herdeiro de uma infinidade de funções que, até os séculos 17 e 18, desenrolavam-se em cômodos específicos. O estopim das mudanças por que vai passar é o controle do fogo de cozimento através da construção de fornos fechados, que se dá já na segunda metade do século 17. Nos cem anos que se seguiram a este feito, os fornos de tijolos foram substituídos por outros de ferro fundido, que por sua vez deram lugar aos chamados fogões econômicos na primeira metade do século 19. Estes vão disputar com o fogo aberto o acesso aos dutos para evacuação da fumaça, permitindo que, curiosamente, as chaminés sobrevivam à ausência do fogo,



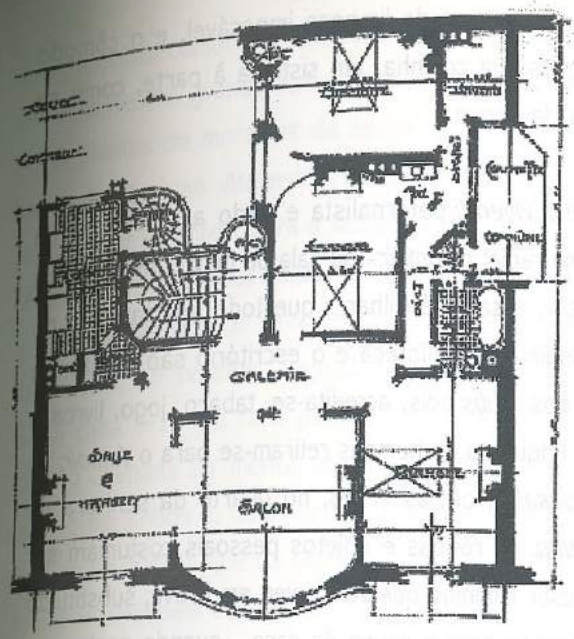
35 Eleb, M. **L'invention de l'habitation moderne – Paris 1880-1914.** Paris: Hazan/Archives de l'Architecture Moderne, 1995. P. 505.

transformadas em coifas.[36] A cozinha urbana burguesa do século 19 vai progressivamente equipar-se com utensílios e móveis, tornando-se o centro nervoso da habitação, sem contudo fazer parte dos seus cômodos representativos. Jules Guadet, um dos famosos autores de tratados de Arquitetura da virada do século, escreve que a cozinha dos ricos, no final do século 19, "deve estar próxima da sala de jantar ser ser-lhe contígua; em todo caso, deve dela estar separada por circulações fáceis e não por longos corredores escuros e tortuosos como vemos em muitos exemplos; ela deve ser acessível pela escada de serviço, e dela próxima o bastante para que os empregados não tenham que atravessar qualquer parte do apartamento; deve estar em comunicação fácil com o *hall* de entrada para atender à porta; enfim, deve estar isolada o suficiente para que os odores de cozinha não se espalhem por todo o apartamento".[37] Ah, a diferença entre teoria e prática...! Localizados via de regra no final de longos corredores, estes cômodos úmidos e mal ventilados serão apontados pelos higienistas como refúgio de moscas e lugares poeirentos onde se ocultam, além do bacilo de Koch, causa da tuberculose, o germe de várias enfermidades. A partir de então, suas paredes deverão ser obrigatoriamente lisas e sem reentrâncias; as fissuras e os buracos de ratos deverão ser fechados. Os pisos de madeira e de pedra serão substituídos, em um primeiro momento, por um cimento liso que acabará dando lugar a ladrilhos. Estes, por sua vez, terminarão por recobrir todas as paredes e até mesmo o teto. Na virada do século, a invenção dos materiais esmaltados e da pintura brilhante e impermeável, além de fogões que já permitem um controle total da intensidade do fogo e que, portanto, permitem estimar o tempo necessário às atividades culinárias, consagrarão a metamorfose da cozinha em laboratório. Acredita-se, como lembra Michel Vernes, que os cuidados com a higiene incitem "a criação de valores estéticos derivando dos valores de salubridade e moralidade que, lhe são próprios.



36 Vernes, M. La cuisine entre le plaisir et le fatal. *In:* Habiter, habité. Série Mutations no 116. Paris: Autrement, setembro 1990. P.62.

37 Guadet, J. Eléments et théorie de l'Architecture. Paris: Librairie de la Construction Moderne, 1902. Tome II, p. 118.



Reluzente e imaculada", conclui Vernes, "a cozinha testemunha solidariamente do gosto e da moralidade da dona da casa"[38], valores caros à burguesia ascendente. Facilitar o serviço da cozinha significa, sobretudo após a Primeira Guerra, otimizar os gestos e os passos necessários às atividades de cozinhar, já que, devido à escassez de pessoal doméstico e ao desenvolvimento de novos equipamentos, a presença da dona da casa será aí mais freqüente.[39] Os arquitetos das HBM são os primeiros a debruçar-se sobre a questão, preparando a formulação de soluções que serão desenvolvidas em escala industrial na Alemanha social-democrata. Facilitar o serviço também vai significar aproximar a cozinha da sala de refeições. Tal conclusão levará à migração da sala de refeições para a parte posterior dos apartamentos, abrindo-se para o pátio interno embelezado com jardins, ou então - caso raro na habitação burguesa mas bastante comum na popular - trará a cozinha para a fachada principal do edifício. De qualquer maneira, todos os tratadistas recomendarão que, entre o espaço sujo da cozinha e o prestigioso da sala de refeições, crie-se a instância limpa e representativa, porém de serviços, do *office* - a copa. O *office* dos apartamentos, diferentemente de seus amplos congêneres dos *hôtels*, é descrito pelo Dr. Rengade como um pequeno local entre a cozinha e a sala de refeições, preenchendo a dupla função de guarda-comida - é, portanto, necessário garantir-lhe boa ventilação - e de espaço de estocagem das baixelas e de diversos produtos de mercearia.[40] Rapidamente suas paredes

38 Vernes, M., *op.cit.*, p.64

39 Eleb, M. **L'invention de l'habitation moderne...**, *op. cit.*, p. 126.

40 Rengade, J. **Les besoins de la vie et les éléments du bien-être.** F. Aureau, Imprimerie de Lagny, vers 1880. Pp. 156-157.

vão cobrir-se de azulejos para assegurar a imagem de limpeza impecável, e o cômodo formará, juntamente com a sala de refeições e a cozinha, um sistema à parte, como se pode notar nas plantas dos apartamentos da época.

Extremamente relacionados com o *modus vivendi* paternalista e dado a recepções da época, outros espaços são concebidos na moradia: o *fumoir* - ou sala de fumar, de pequenas dimensões, para após os jantares sociais -, a sala de bilhar - que todo apartamento ou palacete *haut de gamme*[41] deveria possuir -, a biblioteca e o escritório são territórios masculinos, inspirados pela moda inglesa dos *clubs* pois, acredita-se, tabaco, jogo, livros e negócios são, em geral, coisa de homens. Enquanto os homens retiram-se para o *fumoir*, as mulheres costumam ficar conversando no *salon*, ou, às vezes, no quarto da senhora da casa, normalmente contíguo ao *grand salon*. As roupas e objetos pessoais costumam ser guardados nos *garde-robes* - quarto de vestir feminino que vai se ver, em breve, substituído por armários - e na *lingerie* - pequeno cômodo para a roupa da casa - quando pertencem à familia, e no pequeno cômodo ao lado da galeria de entrada - a *roberie* ou *vestiaire* - onde os convidados guardam seus casacos,[42] ou em armários embutidos. Apenas no final do século 19, os armários deixarão os desvãos e as curvaturas do madeiramento que revestia as paredes para receberem um lugar que lhes tenha sido refletidamente atribuído.

A idéia de que os quartos devem agrupar-se em uma zona específica dentro da moradia burguesa, e de que esta zona será reservada à intimidade da familia, reúne cada vez mais adeptos entre os arquitetos, a partir do último quartel do século 19. No entanto, frente às inovações espaciais propostas por muitos deles, uma grande discussão sobre o papel exato deste cômodo ganha importância: na alta burguesia, o quarto de *Madame*, contíguo ao *grand salon* e aberto aos convidados em dias de festa, é ou não um lugar de intimidade? Antes de mais nada, *Madame* dorme sozinha porque não se casou com *Monsieur* necessariamente por amor. Esta é uma herança de tempos passados, mas que assegura, a

41 Em português, da melhor qualidade.

42 Nos apartamentos mais modestos e naqueles das classes populares, estes cômodos serão simplesmente substituídos por armários na entrada e na *salle de bains*, assim como o *office* vai limitar-se a um armário na cozinha.

43 Hábito das mulheres da burguesia parisiense desde o Segundo Império, de ter um dia na semana, geralmente uma tarde, para receber convidados da alta sociedade para um chá. Conhecido como *le jour de Madame X*, este hábito instalou-se também entre as mulheres da elite paulistana, conforme nota Maria Cecília Naclério Homem. (*op. cit.*, p. 55) Em Paris, durou até após a Primeira Guerra Mundial.

um e a outro, conforto e independência. O quarto conjugal, onde marido e mulher dormem em uma mesma grande cama, ou em duas camas menores separadas, parece ser, a julgar pelas plantas de moradias da época, um fenômeno pequeno-burguês, e bastante raro na habitação de luxo. Até então, *Madame* possui o mais belo quarto da casa, com grandes janelas que se abrem para a fachada principal do edifício, e em comunicação direta com os cômodos de recepção. *Madame* recebe aí suas amigas no 'seu dia' [43], e, sempre com uma grande cama, parece também receber *Monsieur* vez ou outra. Em anexo, uma pequena sala íntima - o *boudoir* -, muitas vezes com entrada independente, um espaço para *toilette*, e um cada vez mais raro *garde-robes*. *Monsieur* dorme em uma cama mais estreita, e seu quarto costuma ter menos anexos: *toilette* e, no máximo, quarto de vestir ou armários. O quarto de ambos é, ou pode ser, ao mesmo tempo, espaço de intimidade e de sociabilidade, apesar do horror que os higienistas e alguns manuais de bem-viver tem a esta idéia: aí as mulheres recebem convidados; aí os homens fumam depois de jantares sociais, no caso de não possuírem um *fumoir*.[44]

O que vai alterar a disposição e as atribuições destes espaços é, precisamente, a mudança de *status* da mulher rica dentro da sociedade e, portanto, também dentro de casa, já a partir da década que precede a Guerra de 1914. Empurrada à força para o papel de Rainha do Lar pela crescente falta de pessoal doméstico qualificado - em número cada vez menor mesmo nas residências das famílias mais abastadas[45] -, a mulher moderna é a responsável pelos cuidados dos filhos, supervisora direta do trabalho na cozinha e administradora das somas que o marido decidir lhe dar para o custeio das despesas da casa. Reinando soberana em seus domínios, que agora estendem-se a toda a casa, ela se vê privada de espaços de intimidade: seu quarto, se ainda o possui, situa-se dentro da área íntima da família, normalmente ligado por uma porta ao quarto dos filhos. O quarto do marido também fica ao lado, mas liga-se por uma porta ao seu escritório. A assimetria de funções se rebate com clareza no espaço de morar: o homem é um profissional, um indivíduo; a mulher é

44 Os manuais e recomendações argumentam que "não é saudável dormir em um quarto onde se ficou com o fogo aceso [o dia todo] e onde várias pessoas respiraram o ar vital que aí se encontrava." Bassanville, Comtesse de L'art de bien tenir une maison. Paris: Librairie A. Broussois, 1878. P. 47.

45 Esta crise de empregados domésticos e a diminuição da área dos apartamentos também causará o desaparecimento dos quartos de empregados, antes situados no último andar dos edifícios - "quanto mais pobre se é, mais alto se mora" - e reduzidos a um ou, no máximo, dois pequenos quartos contíguos à cozinha. Apenas a partir de então, a entrada e a escada de serviço vão começar a desaparecer dos edifícios de apartamentos franceses.

mãe e esposa. Situação comum também no caso dos menos ricos, seus contornos desenham-se de maneira cada vez mais nítida quanto mais pobre se é. Aliás, a palavra *chambre*[46] designa, neste início do século 20, espaços muito distintos, dependendo da classe social de quem a emprega. Para alguns é um simples abrigo, às vezes até referindo-se a toda a habitação; para outros, é o lugar íntimo do casal; para outros ainda, um dos espaços de recepção íntima, ao mesmo tempo que um lugar de repouso.[47] Quando o homem burguês dorme em uma cama colocada em seu escritório, mas procura com alguma freqüência os lençóis da esposa, continuará chamando o que é efetivamente seu quarto, de *cabinet*.[48]

O QUE SE QUER FAZER PELOS POBRES

Correlato da nova habitação dos ricos, situada nas franjas do processo de modernização da cidade burguesa capitalista, a habitação oferecida aos pobres é descendente das utopias humanitárias de Fourier, aparentada da *cité* de Godin, em Guise. Dar cabo da moradia insalubre dos pobres passa a ser um jogo ao qual vão dedicar-se os homens 'de bem', no intuito de educá-los e de prepará-los para viver na nova sociedade. O que, pela primeira vez na história da arquitetura, levará a burguesia, enquanto classe, a conceber, executar e oferecer a operários por ela selecionados uma maneira de viver em sua cidade industrializada, que se baseia na sua própria, é claro, e que inclui a habitação e as instruções sobre como viver nela. Nas décadas situadas na passagem do século 19 para o século 20, em parte como resposta a pressões dos nascentes movimentos sindicais, em parte como estratégias patronais, a casa dos operários receberá a atenção de arquitetos, políticos de todas as colorações, sociedades filantrópicas, investidores privados, patrões industriais, e verá seu espaço ser asseptizado e otimizado através de redimensionamentos espaciais, da criação de mobiliário e produção de equipamentos específicos, de incorporação de serviços coletivos em anexo.[49] Isso será feito de maneira tão privilegiada que o fluxo da criação arquitetônica se inverterá e a casa burguesa vai se tornar - outra *première* na história da habitação - a

46 Em portugues, quarto.

47 Eleb, M., 1995, *op. cit.*, p. 143.

48 Em portugues, escritório.

49 Durante todo o século 19, a participação direta do Estado na produção da habitação social na França pode ser considerada, no máximo, pífia. O ainda presidente Louis-Napoléon Bonaparte subscreve, juntamente com outros homens proeminentes, a lista da Sociedade responsável pela construção da *Cité Napoléon*, em 1851. Só mais de quarenta anos mais tarde uma lei, a lei Siegfried, de 1894, que encoraja a criação de organismos para a promoção e construção de habitações de interesse social, será promulgada. Depois disso, e antes que a Lei Loucheur de 1928 venha a marcar o primeiro engajamento financeiro efetivo do Estado na área, muito pouco se fez: em 1906, as cooperativas recebem autorização para intervir na habitação social, dois anos mais tarde são criadas as sociedades de crédito imobiliário, favorecendo o acesso à 'pequena propriedade', e, em 1912, a Lei Bonnevay autorizará a criação dos escritórios HBM pelas coletividades locais.

receptora de idéias e de dispositivos espaciais já testados nas moradias das classes populares. Os cômodos das habitações sociais, as HBM[50] do início do século, podem parecer pequenos e inóspitos à primeira vista, mas são, nesta época, notavelmente superiores ao nível médio das habitações produzidas por particulares para esta classe social, do ponto de vista do conforto e da higiene. [51]



A inauguração da *Cité Napoléon* na *rue de Rochechouart* deve ter sido um grande acontecimento para a classe operária parisiense no ano de 1851. Provavelmente, todos pensaram que, a partir de então, várias *cités* como esta seriam construídas em Paris. De fato, a intenção comunicada oficialmente era esta - uma *cité* em cada *arrondissement* -, mas, em fim de contas, apenas a do bairro que viria a ser o 9º *arrondissement* foi realizada. Tratava-se de um conjunto de apartamentos organizado em torno de um pátio central, destinado a abrigar seiscentas pessoas em duzentas habitações de dois cômodos e uma cozinha servindo de entrada. Um sanitário e uma pia por andar, uma torneira de água no pátio.[52] A estrutura não diferia muito dos cortiços, sobretudo no que diz respeito ao uso compartilhado do sanitário. Mas as pessoas não se importavam: o que realmente contava é que cada familia tivesse um espaço que a isolasse das outras, e que, nele, pais e filhos pudessem dormir separados.[53] A privacidade tornou-se, decididamente, um valor comum a todas as classes. Chamado de maneira desdenhosa de 'caserna' pelos próprios moradores, este tipo de empreendimento teve pouco sucesso. Se, em um primeiro momento, os moradores das vilas operárias e *cités* mostravam-se satisfeitos com o conforto da nova moradia, também deram-se rapidamente

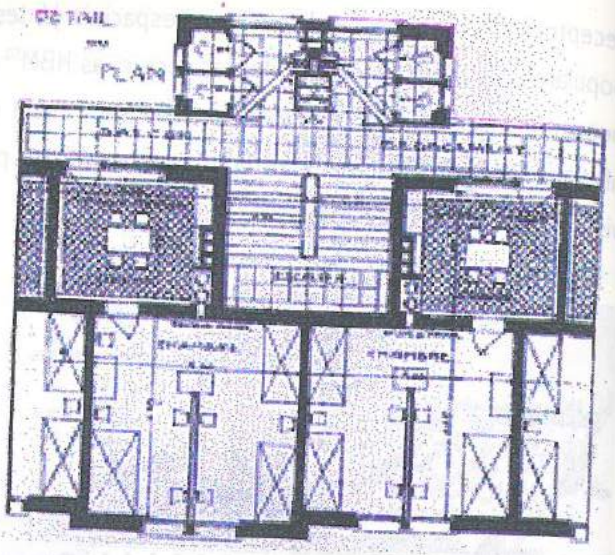
50 *Habitation à Bon Marché*: em portugues, habitação barata.

51 Eleb-Vidal, M. L'Art du Plan et de la Lumière. *In:* revista Techniques et Architectures no 375. Paris: 1987. Pp.138-141.

52 Guerrand, R-H., *op. cit.*, p. 362.

53 Perrot, M. Maneiras de Morar, *op. cit.*, p. 319.

conta de que nem tudo eram flores neste melhor dos mundos: estavam fartos de ter que obedecer regulamentos rígidos até dentro de suas próprias casas e recusavam-se a serem identificados tão facilmente no cenário urbano através de fachadas pobres, repetitivas e sem nenhuma decoração.[54] No entanto, estes edifícios chegaram a possuir vários dos dispositivos comunitários propostos por utopistas e higienistas para as habitações operárias: salas de banho coletiva com duchas, armazém-cooperativa, restaurante popular, jardim suspenso, mas também sala de leitura - onde se pode receber - e sala de café - onde se pode fumar - coletivas. Todas adaptações dos espaços da vida burguesa, com a clara intenção de inculcar seus valores nos operários.



A tripartição é relida na casa popular e resulta, em geral, em uma bipartição entre espaços de sociabilidade e espaços de serviços. A cozinha, por exemplo, é, em muitos casos, o cômodo pelo qual se entra - Jean Nouvel retomará essa idéia quase um século mais tarde, em seu célebre *Némausus* -



54 Sob a batuta de Haussmann criou-se o que será conhecido até os nossos dias como o edifício parisiense típico (*l'immeuble parisien*). Extremamente clássico em sua composição, é formado por embasamento - os primeiros andares, corpo - os andares nobres - e coroamento - em geral alojamentos de empregados agenciados dentro do volume das coberturas. No caso das *cités ouvrières*, em que o programa do edifício não comporta tais diferenciações entre as funções internas, as fachadas abandonam a composição clássica para apresentarem-se desprovidas de quaisquer elementos particularizantes. Até este momento reservada aos operários, esta opção arquitetural já inclui, é preciso notar, a idéia Moderna de que as funções do edifício sobrepõem-se à composição de sua fachada.

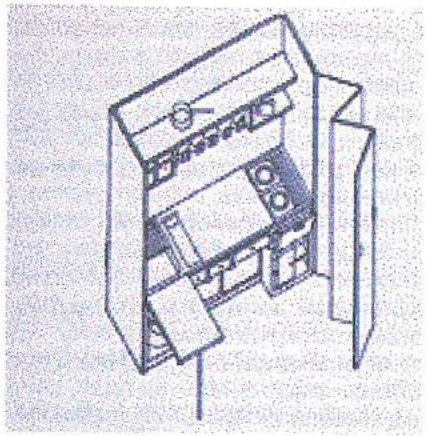
, onde se come e, portanto, onde se reúne o grupo familiar: faz parte da área social e não dos serviços, diferentemente das casas burguesas da época. Também um único dormitório abrigará todo o grupo familiar, não mais configurando, portanto, um espaço de intimidade burgues. A intimidade não existe na casa popular e os serviços foram coletivizados. Esta organização preconiza, em grande medida, a futura centralidade da cozinha dentro do espaço doméstico privado, experimentada pelos alemães nas *siedlungen*, e a bipartição dia/noite proposta por Le Corbusier. A hierarquia destas habitações depende, em grande medida, dos cômodos que possui. No ponto mais baixo da escala está a unidade com uma simples cozinha. Acima dela, a unidade acrescida de uma sala comum, onde a cozinha pode estar em uma alcova ou numa simples bancada, que permite que equipamentos e utensílios sejam guardados fora da vista de visitantes, e que o cômodo possa ser plenamente usado como sala. O ápice da escala é a unidade cujo espaço de sociabilidade dissocia-se do de preparação de alimentos: a sala de refeições separa-se da cozinha.[55] A sala de visitas, o *salon* de recepções do apartamento burgues, espaço de sociabilidade com clara função de representatividade, não está previsto no programa da esfera privada das habitações operárias.

UM ESPÍRITO NOVO SOPRA SOBRE A MORADIA

Na França do primeiro pós-guerra seria impossível encontrar os elementos que possibilitassem o surgimento de algo como a *Neues Bauen*[56] alemã. Como os alemães, neste momento os franceses possuem o conhecimento das novas técnicas construtivas, e a falta de habitações suficientes, bem como as más condições em que se acham as existentes, também são alarmantes. No entanto, a renda nacional diminuiu em um sexto em relação a 1914; 10% da população ativa morreu na guerra e o governo conservador mostra-se cada vez mais compromissado com os especuladores, não conseguindo - nem se empenhando em - articular nenhuma política consistente de reforma social. Os comunistas preparam

55 Em francês *salle à manger*, cujo nome é, ainda hoje, atribuído com freqüência ao espaço de convívio das moradias das classes populares francesas. A pequena burguesia costuma preferir *salle de séjour*, sala de estar em portugues.

56 Em português, Nova Arquitetura (literalmente Nova Construção).



uma revolução que nunca acontecerá, enquanto os socialistas não tem a menor chance de organizar uma contra-sociedade nos moldes do partido Social-Democrata alemão do pré-guerra. Perret havia dado uma contribuição fundamental à elaboração de uma nova habitação, com seu apurado cuidado construtivo, mas permanecia isolado e quase ignorado pelos arquitetos.[57] Assim, a restrita clientela francesa de uma 'nova Arquitetura' limitava-se a alguns artistas vanguardistas parisienses, e ao círculo - ainda mais reduzido - de seus mecenas. Nada comparável à ação estimulante e irradiadora de idéias da Bauhaus. Gropius escreverá que "na França, o movimento [por uma nova Arquitetura] permaneceu um assunto individual e pessoal de poucos, a sociedade ficou indiferente e não tirou as conseqüências necessárias à formação de uma nova escola."[58] É, portanto, à primeira vista surpreendente que, justamente neste país, vá desenvolver-se, no pós-guerra, o trabalho criativo e vigoroso de Le Corbusier, cujo escritório em Paris se tornará a Meca de jovens arquitetos do mundo todo.

Um dos agentes deste vigor seria, certamente, o gosto de Le Corbusier pelas viagens. Sua visita, em 1907, ao monastério da Cartuxa de Ema, na Itália, assim como suas estadias na América e suas longas viagens de navio entre o Velho e o Novo Mundo, contribuíram para a composição de uma idéia de habitação coletiva proxima à de Fourier, que ele veria em parte aplicada nas *Dom Kommuna*[59] soviéticas dos anos 1920. Esquematicamente, esta idéia consistiria na inclusão, em um mesmo edifício, de células de habitação unifamiliares e individuais, e de serviços coletivos como creche e escola, mas também lojas com produtos de primeira necessidade e, eventualmente, cozinhas e lavanderias coletivas. A divulgação das novas concepções de Arquitetura e de Urbanismo através de sua revista *L'Esprit Nouveau*

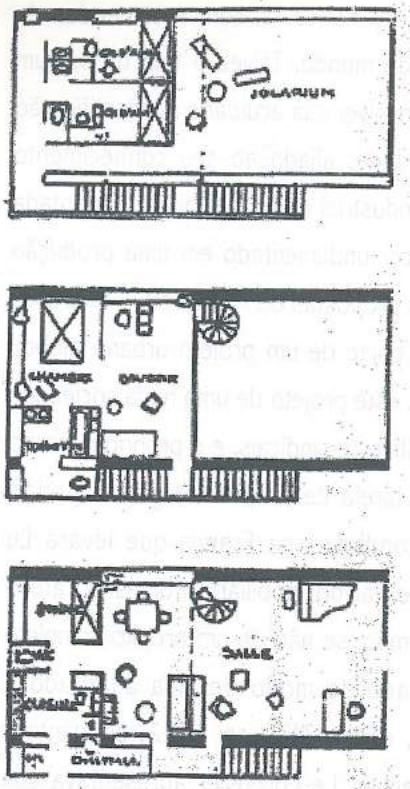
57 Perret era engenheiro e construtor.

58 Gropius, W. Bauhaus: novarquitetura, *op.cit.*, p.106.

59 Em português, residências comunitárias.

já valeu-lhe o reconhecimento internacional - bem antes do francês -, com encomendas de projetos e convites para conferências em várias partes do mundo. Talvez o fato de ser um grande viajante tenha também levado Le Corbusier a desenvolver sua acuidade na identificação das 'necessidades universais' do homem: esta capacidade, aliada ao seu conhecimento técnico, à sua confiança nas possibilidades de produção industrial de uma habitação adaptada às necessidades modernas, e ao seu refinamento estético fundamentado em uma produção pictural sistemática, estaria, sem dúvida, na base de suas propostas de rnoradias. À diferença de Gropius, a habitação corbuseana só existe enquanto parte de um projeto urbano global, motivado por um projeto social mais amplo. Na Alemanha, este projeto de uma nova sociedade era o resultado de reivindicações de diversos grupos políticos e sindicais, e o próprio governo incumbia-se de implantá-lo, delegando aos arquitetos a tarefa de propor soluções espaciais aos problemas apresentados. É a ausência destas condições na França que levará Le Corbusier a ser "o autor de um projeto de habitat que vai do mobiliário doméstico até o ordenamento do território e, além disso, e ao mesmo tempo, se não de um projeto completo de sociedade, ao menos de uma concepção detalhada de modo de vida adaptado à sociedade, a cujo limiar a humanidade, segundo ele, chegou"[60] : em 1922, enquanto a Bauhaus expunha seus projetos para o terreno de Weimar, Le Corbusier apresentava aos parisienses os desenhos da sua Cidade Contemporânea para Três Milhões de Habitantes, com edifícios residenciais de doze andares e torres de escritórios de duzentos metros de altura, circundados pela vegetação de extensos parques que um rigoroso sistema viário de traçado cartesiano limitava. Porém, o primeiro projeto onde transparece uma reflexão efetiva sobre o espaco doméstico é o da casa Citrohan, de 1920. Ao contrário da casa Dominó, que, apesar da flexibilidade permitida pela planta livre, apresenta uma divisão intema muito próxima dos padrões da época, esta casa propõe uma articulação totalmente nova entre os cômodos. A sala de estar possui um pé-direito duplo, o que se tornará uma constante nos projetos seguintes. O quarto do casal possui um *boudoir*, que de sala íntima feminina, passa a abrir-se em mezanino sobre a sala de estar, acessível tanto internamente,

60 Kopp, A., *op.cit.*, p. 124.



por uma escada em caracol como externamente, por uma escada descoberta. É esta escada externa que assegura a ligação do interior da casa com os quartos dos filhos - verdadeiras cabines equipadas com sanitário, lavatórios e armários - que, totalmente independentes, situam-se sobre a cobertura plana: será a primeira casa corbuseana com terraço-jardim. No projeto da Cidade Contemporânea de 1922, as células unifamiliares dos edifícios residenciais retomariam os princípios básicos desta distribuicão: unidades em duplex, estar com pé-direito duplo, e a inédita inclusão de um terraço-jardim privativo em cada apartamento. Esta é a tipologia que ficou conhecida como *immeuble-villas*.[61]

AMERICANOS EM PARIS

Le Corbusier sempre insistiu em que a idéia destes *immeubles* lhe veio assim, de repente, em um restaurante, e que ele a esboçou pela primeira vez ali, sobre a toalha da mesa. Jean-Louis Cohen, especialista em arquitetura do século 20 e um dos mais reputados críticos franceses da atualidade, tem outra versão. Segundo Cohen, por trás de tudo estaria um certo *Groupe de l'Habitation Franco-Américaine*, que também teria patrocinado o *stand* de Corbusier no Salão do Outono de 1922, em Paris. O folheto publicitário do grupo promete aos compradores de seus apartamentos "as vantagens de um hotel de primeira classe,

61 A palavra francesa *villa* designa a casa burguesa unifamiliar isolada. O nome 'edifício-*villas*" (*immeuble-villas*) pressupõe que este é composto por células de habitação cujas dimensões e conforto assemelham-se mais aos da casa isolada do que aos dos apartamentos convencionais.

combinadas com as de um apartamento privado, onde eles se sentirão perfeitamente em casa." Em resumo, o grupo, juntamente com o arquiteto, promete o céu na terra: "unir o bom-gosto francês ao padrão norte-americano de conforto."[62] Há fortes chances de que Cohen esteja correto. O poderio econômico dos Estados Unidos, elevados ao *status* de potência industrial por excelência após a Primeira Guerra Mundial, vai desviar os olhares europeus em direção à América do Norte. Retrilhando um conhecido caminho de transferência cultural e alargamento de mercados, uma idéia claramente norte-americana de habitação coletiva verticalizada é despachada para a Europa e para o resto do mundo, embalada nos papéis da modernidade mecanizada, não dissociada de uma concepção de cidade que se organiza utilizando-se de arranha-céus e da sobreposição de diferentes fluxos de circulação pública. Dentre suas diversas tipologias, Le Corbusier parece ter-se interessado pelos *apartment-hotels*, surgidos em New York em torno dos anos 1870, e que a professora Elizabeth Cromley, da *State University of New York*, define como "um híbrido de duas idéias: a privacidade de uma unidade de moradia unifamiliar e os elaborados serviços de arrumação e de preparação de refeições oferecidos em hotéis."[63]

Tal programa já havia suscitado protestos de alguns críticos novaiorquinos que, além de sentirem falta de uma ambiência caseira, punham em dúvida a seriedade e os princípios morais de pessoas decididas a viver perto das luzes brilhantes da Broadway - porque ali se situavam os edifícios. No entanto, parecia uma solução razoável para aqueles que costumavam viajar muito a trabalho, para jovens casais que não podiam comprar móveis ou pagar empregados, ou simplesmente para jovens solteiros de ambos os sexos. O *The Ansonia* é um bom exemplo da materialização desta idéia. Inaugurado em 1904, possuía desde pequenos apartamentos para solteiros até unidades maiores para famílias completas. Além dos serviços de arrumação e de restauração - este último incluía um restaurante no 17º andar onde uma equipe de cozinheiros também preparava refeições a serem servidas nos apartamentos -, oferecia lavanderia com pessoal treinado, banho turco, lojas diversas no

62 Cohen, J-L. **Scènes de la vie future. L'Architecture européenne et la tentation de l'Amérique 1893-1960.** Paris: Flammarion/ Centre Canadien d'Architecture, 1995. Pp. 57-58

63 Cromley, E., **Apartments and collective life in nineteenth-century New York.** *In* Franck, K., Ahrentzen, S. (Ed.), New households, new housing. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991. P. 22.

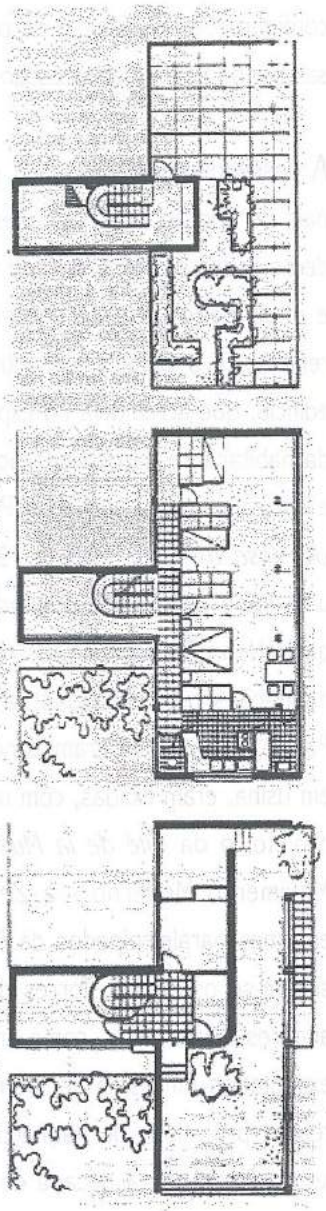
lobby como floricultura e tabacaria, e garagem para automóveis. Em geral, os apartamentos compunham-se de um ou dois quartos, uma sala e um banheiro com banheira de louça, embora alguns ainda oferecessem a opção de uma pequena cozinha com fogão elétrico ou a gás, uma sala de refeições, e um *pantry* - que não é outro senão o *office* parisiense - com estocagem refrigerada embutida "equipada para produzir gelo artificial *in loco*", assegurava a publicidade. Como quartos conjugados em hotéis, alguns apartamentos do *Ansonia* tinham portas abrindo tanto para o corredor do prédio como para quartos adjacentes. Uma flexibilidade que permitia que se ampliasse o apartamento, alugando-se uma unidade complementar de, por exemplo, apenas quarto e banheiro, e que se cancelasse este aluguel quando o complemento não fosse mais necessário.[64]

Junto com os franco-americanos, Le Corbusier propôs a construção de extensos edifícios-*villas* no vazio deixado pela demolição das últimas muralhas de Paris, em sua porção situada a oeste da cidade, acessados por meio de diferentes níveis de avenidas sobrepostos. Só não obedece uma estrutura de todo americana porque, fiel a outras referências, a proposta corbuseana compreenderá, ainda, equipamentos e áreas para cuidados com o corpo no teto-terraço do edifício, como uma pista de mil metros de comprimento "onde se poderá correr ao ar puro", um ginásio onde treinadores "ajudarão pais e filhos a se exercitarem diariamente", e solários, como os usados nos Estados Unidos na "batalha vitoriosa contra a tuberculose". Além disso, salas de festas para que, "em algum momento no ano, cada morador possa receber em grande estilo".[65] Chamada pelo próprio Corbusier de sistema franco-americano, apenas uma única célula destes edifícios foi construída: a que abrigou o pavilhão do *Esprit Nouveau*, nos jardins da Exposição de Artes Decorativas de Paris, em 1925, e cujo programa foi assim resumido pelo arquiteto: "Negar a arte decorativa. Afirmar que a Arquitetura abrange desde o menor objeto de uso até a casa, a rua, a cidade, e ainda mais além. Mostrar que a indústria cria por seleção (pela série de padronização) objetos puros. Mostrar as transformações radicais e as novas liberdades trazidas pelo

64 Cromley, E., *op. cit.*, p. 41.

65 Corbusier, Le **Almanach d'Architecture Moderne**. Paris: G. Crès & Cie., 1926. Pp. 125-126.

concreto armado ou o aço à concepção da moradia na cidade. Mostrar que um apartamento pode ser padronizado para satisfazer as exigências do homem 'de série'."[66] Estes projetos antecipavam o enunciado que o arquiteto faria dos 'Cinco Pontos da Arquitetura Moderna', publicados em 1926. Recapitulando: 1. Os pilotis elevam a casa do solo, tornando-a mais saudável; 2. As coberturas-jardim proporcionam o uso do espaço do antigo telhado; a terra e as plantas protegem o concreto; 3. A planta livre permite que a divisão dos espaços se dissocie da estrutura; 4. As paredes de vidro, ou longas janelas, tornam-se possíveis graças à estrutura independente; e 5. As fachadas livres são leves membranas, eventualmente de vidro, sem compromisso com a estrutura nem com a divisão interna. No ano seguinte, Le Corbusier seria convidado a participar da exposição do *Werkbund* em Stuttgart, construindo duas casas no conjunto de Weissenhof. Uma delas é a casa Citrohan, de 1920, com ligeiras transformações. A outra era a própria ilustração dos 'Cinco Pontos', mas utilizava a flexibilidade da planta de uma maneira nova. Nos projetos anteriores, Le Corbusier libertava-se gradualmente da tripartição burguesa oitocentista, dirigindo-se para uma bipartição centrada nos modos de vida da família moderna - zonas de uso diurno e de uso noturno. Na segunda casa de Weissenhof, esta bipartição continua presente mas,



66 Corbusier, Le Le Corbusier 1910-1965. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1971. P. 28.

graças à mobilidade das divisórias, a totalidade da casa assume rapidamente diferentes configurações em função do período em que está sendo usada: de dia a casa é uma grande sala; à noite é uma sucessão de cabines de dormir.

A descendência francesa do grande mestre suíço é, conhecidamente, vasta. A França, seu país de adoção, continuou nestes anos entre-guerras a abrigar em suas terras a produção de unidades prototípicas e de realizações experimentais, sob a responsabilidade de arquitetos e engenheiros que acabaram legando às gerações futuras vasto material para análise e reflexão. É o caso, entre outros, de Marcel Lods, defensor da pré-fabricação industrial do edifício, que acreditava na experimentação industrial como resposta moderna aos problemas da habitação e da degradação das periferias urbanas. Em associação com Eugène Beaudoin e em colaboração com Jean Prouvé, Lods realizou dois grandes conjuntos: a *Cité du Champ des Oiseaux*, entre 1929 e 1939, e a *Cité de la Muette*, entre 1931 e 1934. Aperfeiçoando uma série de ensaios efetuados dentro do mesmo tema por seus precursores - entre os quais Henri Sauvage - Lods realizou, em *Champ des Oiseaux*, o primeiro grande canteiro de habitações pré-fabricadas da França, sob encomenda da Sociedade Anônima de HBM de Pax. As habitações eram concebidas em peças de concreto; fachadas e pisos, produzidas em usina, eram fixadas, com um mínimo de gestos, sobre uma ossatura metálica. O segundo projeto, o da *Cité de la Muette*, em Drancy, obedece à composição racional clássica do Movimento Moderno - a *Zeilenbau*[67] - em que as habitações estão contidas dentro de enormes paralelepípedos de 60 metros de espessura por 350 de extensão, entre os quais situam-se os jardins. Torres de grande altura coexistem ao lado de barras de dois ou três andares, construídas, como em *Champ des Oiseaux*, a partir de peças de concreto vibrado, executadas em usinas e montadas a seco sobre estrutura metálica. Paralelamente, Lods realiza protótipos de habitações unifamiliares industrializadas, iniciando uma pesquisa que se estenderá até a década de 1970.

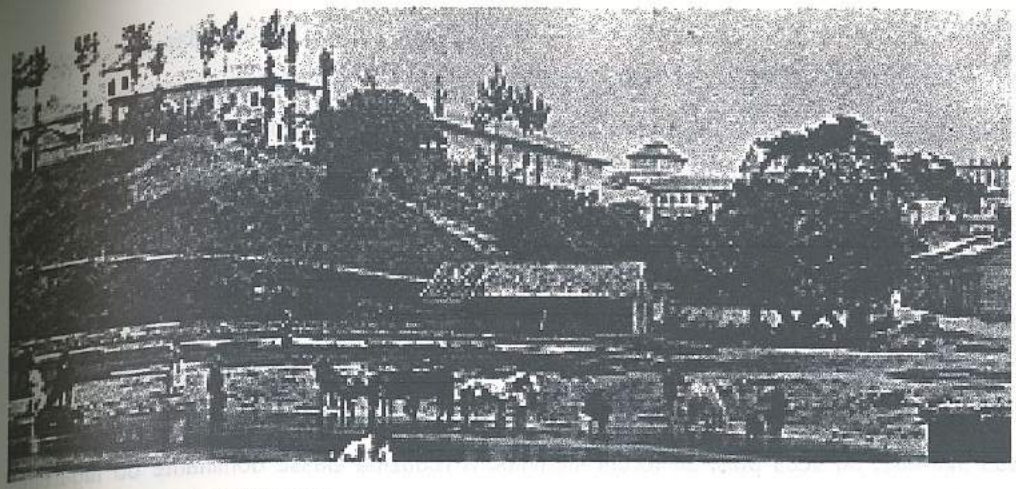
67 Implantação dos edifícios alinhados em fileiras. Ver Tramontano, M., **Habitação Moderna: a construção de um conceito**. São Carlos: EESC/USP, 1993. Pp. 52-57.

Esta efervescência de idéias e de experiências inovadoras torna-se ainda mais sedutora e instigante por ter como pano de fundo a tensão de uma guerra iminente, já fartamente anunciada, ainda que não abertamente, pelas posturas imperialistas assumidas pelo *III Reich* alemão. A idéia de um novo homem, situado no centro de uma nova sociedade, parece, isto sim, prestes a romper-se em estilhaços.

HABITAR O PRIVADO Da Industrialização ao Movimento Moderno

Um cafezal chamado São Paulo

Burgo de tropeiros . Café e palacetes .
A população cresce, a cidade se alastra .
Limpos ou sujos, os explorados .
Brisas modernas sobre o trópico úmido



BURGO DE TROPEIROS

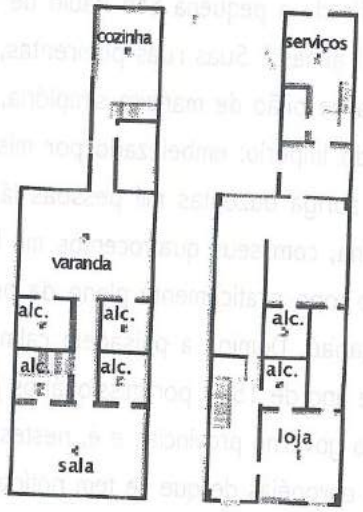
Sozinha no planalto, separada do porto de Santos e das novidades do mundo pela densa mata da Serra de Paranapiacaba que cobre um desnível de oitocentos metros de altura, está edificada a pequena São Paulo de Piratininga, com uma população que não chega a vinte mil almas.[1] Suas ruas poeirentas, suas casas térreas com beiral largo, construídas em taipa de pilão de maneira simplória, conferem-lhe um perfil completamente distinto da capital do Império: embelezado por missões de artistas e arquitetos franceses, o Rio de Janeiro abriga duzentas mil pessoas já em 1840, e é, em 1860, a maior cidade latino-americana, com seus quatrocentos mil habitantes.[2] O centro da vila de Piratininga situa-se sobre o topo praticamente plano da pequena colina delimitada pelos rios Tamanduateí e Anhangabaú. Domina a paisagem calma um longo edifício de taipa de pilão, iniciado no distante ano de 1554 por missionários jesuítas que aí abrigaram um colégio. É onde está a sede do governo provincial, e é, nestes campos pouco habitados, a primeira construção de feições européias de que se tem notícia. Caminhos para o mar e para o interior partem do centro da aglomeração urbana, que estrutura-se sobre um triângulo formado por tres ruas principais,[3] por onde passam carregadores de água, tropeiros, escravos. Máximo índice de

1 Reis Filho, N. G., **Habitação Popular no Brasil 1880-1920. Cadernos de Pesquisa do LAP no 2.** São Paulo: FAUUSP, 1994. P. 17.

2 Melo Franco, A. A. **Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil.** Rio de Janeiro: SPHAN, 1944. Pp. 123-124.

3 A rua Direita de Santo Antônio (atual rua Direita), a rua do Rosário (depois rua da Imperatriz e, desde a proclamação da República, rua 15 de Novembro), e a rua Direita de São Bento (hoje, rua São Bento). Lima de Toledo, B. **São Paulo, tres cidades em um século.** São Paulo: Duas Cidades, 1983. P. 13.

civilidade nestes campos áridos, o povoado conta, desde 1827, com uma das duas Escolas de Ciências Jurídicas do país.[4] Seus cerca de quinhentos estudantes, segundo calcula o viajante James Fletcher,[5] obrigam-se a viver em casas comuns alugadas, já que a cidade não dispõe de hotéis nem de hospedarias. São filhos de famílias tradicionais das ricas cidades mineiras ou do Rio de Janeiro, e, tantos anos após a inauguração da Escola, apenas conseguiram estimular o surgimento de umas poucas e rústicas tabernas, onde procuram diversão. A rua é o território masculino por excelência, incluindo escassas lojas - vinte de tecido, uma de ferragens, uma de louça e uma de vinhos[6] - onde pajens vão às compras. Às mulheres só é permitido deixar o interior sombrio e despojado das casas se acompanhando seus maridos, ou seus pais, se forem meninas. A reduzida classe dominante do lugarejo compõe-se, principalmente, de funcionários do governo, militares, poucos fazendeiros de açúcar que aí mantêm alguma chácara e professores do curso de Direito, seguida de uma classe média, se assim se pode chamá-la, que se confunde com os mais pobres, agrupando prestadores de serviços de toda ordem e pequenos agricultores. Os escravos, que, oficialmente, não são uma classe social, mas propriedades, parecem chegar a um terço da população, se tanto. Os prestadores de serviço são identificados por Nestor Goulart Reis Filho como "um verdadeiro exército de aguadeiros, como de lavadeiras, que retiravam as roupas de cada domicílio e lavavam junto aos rios e ribeirões. (...) Mas também (...) os que transportavam alimentos para a cidade, os



4 A outra situa-se em Olinda, Pernambuco.

5 Número de alunos estimado em 1855. Citado por Lemos, C. Alvenaria Burguesa. São Paulo: Ed. Nobel, 1985. P. 52.

6 Dados referentes à década de 1830. Vieira Bueno, F. A Cidade de São Paulo. Recordações Evocadas de Memória. São Paulo: Biblioteca da Academia Paulista de Letras, Volume 2, 1976. P. 16.

vendedores ambulantes, os responsáveis pelo transporte de objetos pesados e cargas, os que fabricavam embalagens como barris, potes de cerâmica e peças de madeira, os índios ou mestiços que caçavam e pescavam, os remadores, os carregadores e sobretudo os que cuidavam das tropas de muares e asseguravam a circulação de mercadorias."[7]

Em que formatos familiares se agrupavam estas pessoas? Os grupos domésticos tendem a extrapolar os limites da familia nuclear, apresentando configurações variadas. A historiadora Leila Algranti monta um breve mosaico desta pluralidade. Segundo ela, o espaço do domicílio reunia "em certos casos, apenas pessoas de uma mesma familia nuclear e um ou dois escravos; em outros, somavam-se a essa composição agregados e parentes próximos, como mães viúvas ou irmãs solteiras. Por vezes encontramos domicílios compostos de padres com suas escravas, concubinas e afilhadas, ou então comerciantes solteiros com seus caixeiros. Em alguns domicílios verificamos a presença de mulheres com seus filhos, porém sem maridos; também nos deparamos com situações em que um casal de cônjuges e a concubina do marido viviam sob o mesmo teto. Isso sem falar nos filhos naturais e ilegítimos que muitas vezes eram criados com os legítimos."[8] A pequena elite local vive em sobrados situados no triângulo central ou em amplas chácaras que se espalham em torno da cidade; a classe média ocupa as casas térreas, os mais pobres vivem em casas pequenas e toscas nas franjas do povoado, e os escravos habitam os porões dos sobrados ou o fundo das casas térreas. A austeridade e o comportamento arredio dessa população fazem parte de um mesmo perfil em que se inserem a vida simples, os hábitos moralistas, a moradia despojada.



7 Reis Filho, 1994, *op. cit.*, p. 9.

8 Algranti, L. M., **Familias e vida doméstica**. *In:* Mello e Souza, L. (org.) História da vida privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Pp. 86-87.

A casa urbana típica lembra muito a casa rural do período colonial: térrea, com paredes externas de taipa de pilão e divisórias internas de taipa de mão, um corredor central ligando a rua ao espaço de convívio do grupo familiar - a varanda[9], nos fundos. Situadas de ambos os lados deste eixo, duas salas de visitas voltam-se para a rua, e para elas se abrem as alcovas reservadas aos viajantes de passagem, dando as costas às alcovas dos membros da família que se abrem, por sua vez, para a varanda. O estranho era mantido à distância, ainda que bem-vindo, tanto quanto na casa rural bandeirista, na qual o quarto dos hóspedes situa-se no amplo alpendre de entrada. Um puxado lateral nos fundos, distante da rua e dos olhos de estranhos, vai abrigar a cozinha e os demais espaços de serviço. Mas não é raro que a comida seja preparada ao ar livre, com a fumaça do fogo a lenha espalhando-se pelos quintais vizinhos, à moda das mulheres indígenas. A casa se protege sob uma grande cobertura de telhas canal dividida em duas águas, que se unem em uma cumeeira paralela à rua. As casas tocam-se lateralmente: janelas, só as das salas, voltadas para a rua, e as da varanda, abertas para o quintal. Os poucos sobrados, que abrigam as famílias mais abastadas, apresentam, no segundo piso, distribuição interna semelhante a esta e, em geral, uma loja no térreo. O tamanho das casas expressa, com certeza, diferentes *status* sociais no cenário urbano, mas as maiores delas não parecem necessariamente possuir um grau mais elevado de conforto. Todas são construídas com os mesmos materiais, com alguma variação de acabamentos - os sobrados, por exemplo, tem seus pisos assoalhados enquanto as casas térreas costumam tê-los de tijolos ou mesmo de terra batida, no caso das mais humildes[10] - e possuem mobiliário e equipamentos semelhantes, fabricados, muitas vezes, pelos próprios moradores ou por seus serviçais.

A própria disposição dos cômodos da casa não deixa muita escolha aos moradores: os escravos, sejam eles comprados ou alugados - no caso das famílias menos abastadas -, fazem parte do cotidiano do grupo doméstico, deslocando-se livremente por toda a casa,

9 Diferentemente do sentido que damos hoje a esta palavra, a varanda é um espaço confinado situado nos fundos da casa urbana paulistana oitocentista, que ocupa toda a largura do lote urbano, e onde a família costuma reunir-se "em torno da grande mesa de refeições, espreguiçar-se nas redes rangedoras, ao lado de gaiolas de pássaros, do alto relógio de pêndulo e de vasos de plantas", segundo descreve o professor Carlos Lemos. (*Op. Cit.*, p. 35.)

10 Homem, M. C. N., *op. cit.*, p. 31.

presentes, portanto, em todos os momentos da vida quotidiana. A crer nos relatos encontrados na literatura, a noção de privacidade era pouco conhecida por esta sociedade que ainda vivia segundo os costumes dos primeiros tempos da colônia, quando fazendas completamente isoladas da civilização, a muitas centenas de quilômetros dos núcleos urbanos importantes, abrigavam grupos domésticos que incluíam senhores, serviçais e escravos, freqüentemente em relações de intimidade e, não raro, promíscuas.[11]

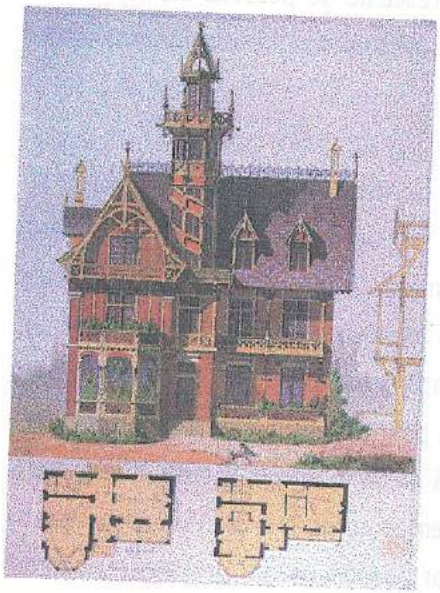
No interior da província, vastas plantações de café, cuidadas por mão-de-obra escrava, sustentam a hegemonia de uma elite rural ainda tacanha e dispersa em um território grande demais, prestes, no entanto, a desempenhar um dos papéis principais no processo de modernização da capital. Porque para facilitar o acesso dos grãos ao porto marítimo, até então transportados em lombo de burro Calçada do Lorena abaixo, é que serão inauguradas, na década de 1870, as primeiras ferrovias, entre elas a *San Paulo Railway*, ligando Jundiaí e São Paulo ao porto de Santos. A partir de então, a pequena cidade do planalto será o destino preferencial de um número crescente de pessoas até tornar-se, pouco mais de um século mais tarde, a terceira mais populosa aglomeração urbana do planeta.

CAFÉ E PALACETES

A transformação da província de São Paulo em um imenso cafezal sulcado por linhas de trem convergindo para a capital e de lá para o mar - que terá sido, sem dúvida, o marco zero do processo de modernização da cidade -, é apenas mais um degrau na escalada capitalista que também alcançaria a economia japonesa poucos anos mais tarde. Os negócios com o café pareciam mobilizar muito dinheiro, e há já bastante tempo. Dizem historiadores que, a partir de sua introdução na Europa Ocidental, em torno do ano de 1600, a planta, à qual se atribuíam qualidades medicinais, era importada de países do Oriente Médio,

11 Sobre este assunto, ver Algranti, L. M., *op. cit.*, p. 88.

principalmente do Iêmem. A alta das taxas nos portos de Alexandria e de Smirna, por onde passavam os grãos a caminho da Europa, levou os principais países comerciantes a procurarem novos campos de cultivo entre o final do século 17 e a primeira metade do século 18. Os holandeses tentaram - com sucesso - em Java, os franceses, na Martinica - um retumbante fracasso -, os espanhóis em toda a América Central e do Sul, os ingleses, na África e na Índia, os portugueses, no Brasil. É como parte desta estratégia que, em 1727, ao que parece, um certo Francisco de Melo Palheta traz para o Brasil as sementes que serão, inicialmente, plantadas no Nordeste, depois no Rio e, sempre à procura de melhores climas, no estado de São Paulo.[12] Com uma produção relativamente próspera mas totalmente artesanal, os portugueses logo vão perder a primazia sobre este gerenciamento. País mais poderoso do mundo de então, a Grã-Bretanha inclui o café paulista no mercado internacional de gêneros, que ela controla, cobrando, porém, aos seus produtores, o preço de organizarem-se em um mercado consumidor de produtos industrializados por ela produzidos ou agenciados. A cidade de São Paulo é, por seu lado, pouso preferencial de viajantes e fazendeiros, além de sede de governo: um mercado potencial e virgem que, à margem dos grandes ciclos econômicos anteriores,[13] vinha mantendo-se bastante fechado ao exterior. Isolado de Lisboa e até mesmo do Rio de Janeiro, baseava sua economia em uma cultura de subsistência ou, no máximo, produzia alguns víveres para o consumo interno nacional. É por isso que, de um ponto de vista estritamente econômico, seria correto dizer que a grande mudança experimentada por São Paulo na segunda metade do século 19 terá sido o abandono de uma economia de subsistência, baseada no trabalho escravo, e a inauguração de uma economia



12 Todos os dados sobre a história do cultivo e do comércio do café no mundo extraídos das seguintes fontes: Home page da Riffel's Coffee. Internet: http://www.riffelscoffee.com/history.htm. Barkey, D. History of Coffee. Chicago: Café Press, 1997. P. 11. Internet: http://pubweb.acns.nwu.edu/~dbarkey/café_press/history_of_coffee/. Biderman B., The Black Apollo - The social history of coffee. Internet: http://www.blackapollo.demon.co.uk/apollo4.html.

13 Ciclos do Açúcar, centrado no Nordeste, e da Mineração, nas Minas Gerais.

capitalista de exportação, baseada na monocultura do café e utilizando-se de mão-de-obra assalariada, sob as bênçãos da Rainha da Inglaterra.[14] Até aí, nenhuma novidade. A antiga dominação britânica sobre a coroa portuguesa consolida-se, sim, a partir de sua vitória sobre Napoléon I, em 1815, mas já vinha de antes de 1808, ano em que Portugal viu-se obrigado a abrir os portos brasileiros 'às nações amigas', o que, na prática, significou 'aos ingleses'. As sucessivas exigências de *Her Majesty* no sentido de que o tráfego de escravos fosse suprimido tinham como objetivo final - alcançado com êxito - a libertação destes trabalhadores negros e a sua imediata integração à massa consumidora, dando à luz uma classe de assalariados. Correlatos de outras ações, impetradas à força em outras partes do mundo, incluindo França e Japão.

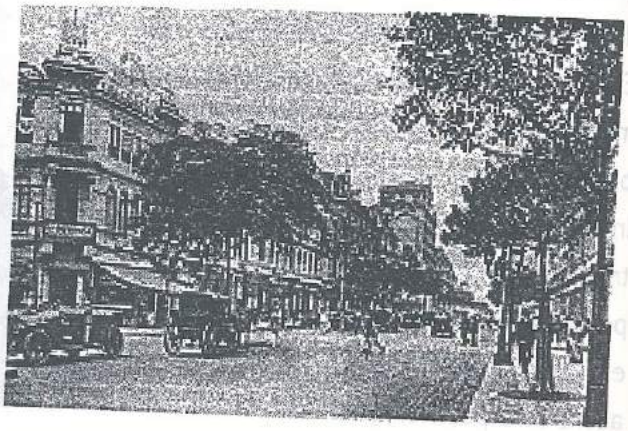
São, portanto, vários os fatores que levam à rápida e profunda transformação dos modos de vida paulistanos, mas também de seus espaços domésticos, tudo tendo como pano de fundo a completa alteração da ordem política do país: o fim do recém-proclamado Império de feições européias e o início de um governo republicano talhado segundo os moldes da democracia norte-americana. A cidade passa a viver um momento único, de grande excitação e de grandes esperanças em um futuro que se anuncia dourado com a chegada das linhas de trem. Enriquecidos e ávidos por consumir produtos bem mais luxuosos do que até então lhes pôde oferecer o acanhado comércio da capital, fazendeiros interioranos e suas familias vão progressivamente trocar o campo por uma vida urbana, abastecida por produtos europeus recebidos através de Santos e trazidos serra acima pelo trem. Mudam-se porque agora será possível viver com conforto na cidade,



14 Ver Mello, Z. M. C. de, Metamorfose da Riqueza. São Paulo 1845-1895. Contribuição ao Estudo da Passagem da Economia Mercantil Escravista à Economia Exportadora Capitalista. São Paulo: Prefeitura do Município/Hucitec, 1985.

morar bem, como na Europa, como na fazenda. Essa classe endinheirada traz, junto com suas exigências de consumo, a possibilidade de trabalho no setor de serviços para levas de imigrantes e de ex-escravos recém-libertos que chegam todos os dias à capital dispostos a tentar a sorte. O número de fortunas aumenta, assim como o seu montante. Com certeza, o café é um dos responsáveis, mas a novidade é que ele deixa de ser a única fonte de renda de fazendeiros que agora também compram ações das ferrovias, de bancos, de fábricas. Esta mesma elite, cuja principal atividade econômica - o cultivo do café - justifica, em grande parte, a implantação da rede ferroviária, adquire algum refinamento através do uso de produtos franceses, em viagens turísticas e estadias mais longas em Paris, demandando serviços antes inexistentes na cidade, trazendo hábitos menos caipiras, mais metropolitanos, contribuindo para a transformação cultural da cidade. O modelo de modernidade da elite paulistana é europeu mas, diferentemente dos japoneses, que espelham-se em Londres, os brasileiros anseiam por Paris.

De fato, o carioca Junius, que havia estudado na Escola de Ciências Jurídicas de São Paulo nos anos 1850, volta à cidade trinta anos mais tarde e espanta-se com o fato de que "grupos de senhoras passeiam desacompanhadas do chefe da familia ou de qualquer outro homem, fazendo compras, ora entrando nas lojas de modas, nas confeitarias, ora parando para ver o que está nas vitrines"[15], o que permite supor uma transformação de costumes, é claro, mas também uma diversificação dos serviços e artigos oferecidos. Além disso, os laços entre pais e seus filhos varões, até então fortalecidos pelo



15 Lemos, C., *op. cit.*, p. 53.

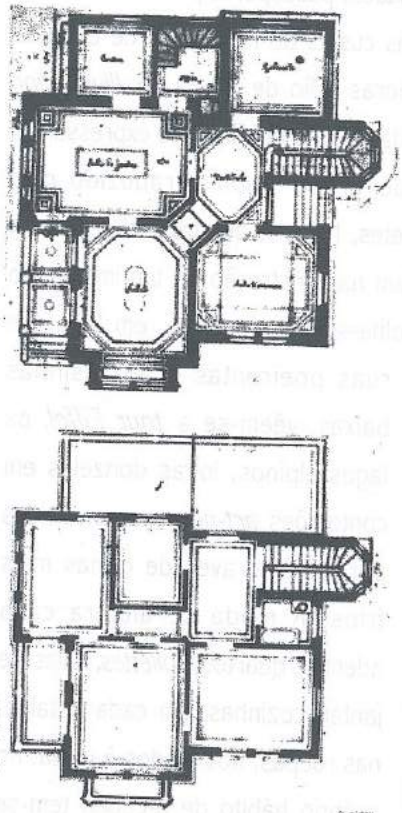
compromisso da obediência absoluta, começam a enfraquecer-se quando os rapazes são levados para a Capital ou para o Exterior pelo estudo ou pela profissionalização, e acabam por adquirir uma nova consciência nacional e até mesmo universal que os opõe ao regionalismo paterno.[16] O Exterior: Paris. Lá se estuda, mas também se vai "às compras, aos museus, aos teatros e aos antiquários". Lá se "aprende canto e dança, pratica-se equitação, e vai-se ao *Bois de Boulogne*", de acordo com a professora arquiteta Maria Cecília Naclério Homem.[17] As mulheres desta burguesia enriquecida pelo café compram na *Samaritaine* o vestido que usarão no *Opéra* como se o comprassem no Mappin para uma *soirée* no Municipal. Na São Paulo da elite, tudo se parece um pouco com a Europa, em cópias mais ou menos assumidas. Até os hábitos afrancesados, passaporte para a relevância social na provinciana capital, são aprendidos na marra, às custas de muita aula de etiqueta e de idiomas com as novas governantas européias, de horas a fio de leitura do *Illustration Française*, de habituar desde pequenininhos os herdeiros da fortuna familiar a se expressarem corretamente na língua de Baudelaire. Os móveis do *grand salon* - traduzido por, simplesmente, salão - assim como cortinas, vasos, tapetes, lustres, quadros, chegam em cargueiros ao porto de Santos. Vitrais importados auxiliam na construção de um imaginário no qual paisagens virtuais evocam lugares distantes: olha-se pela janela e, em lugar de ruas poeirentas e de casinhas baixas, vêem-se a *tour Eiffel*, os lagos alpinos, loiras donzelas em contorções *art-nouveau*, envolvidas por flores e aves de climas mais frios. A moda se alastra casa adentro: quartos, *toilettes*, salas de jantar, cozinhas, em cada detalhe, nas roupas, nos modos à mesa, no próprio hábito de receber, tem-se



16 Freyre, G., citado por Homem, M. C. N., *op. cit.*, p. 51.

17 Homem, M. C. N., *op. cit.*, p. 53.

que seguir um código rigoroso, escrito em manuais de bem-viver, como os da Condessa de Bassanville, trazidos na bagagem de volta da Europa.[18] Não só as mulheres podem sair sozinhas à rua, gozando a legitimidade de nova classe consumidora, como as próprias lojas paulistanas se chamam agora *Notre-Dame de Paris*, *Au Palais Royal*, *Au Boulevard*, e até os primeiros hotéis de luxo, sinal de visitantes endinheirados, são o *Grand Hôtel* e o Hotel de França.[19] Como na Paris de Haussmann, ainda que, evidentemente, em muito menor grau, a burguesia local transforma a própria casa, sim, mas transforma também a cidade, segundo os modelos que lhe são próprios.

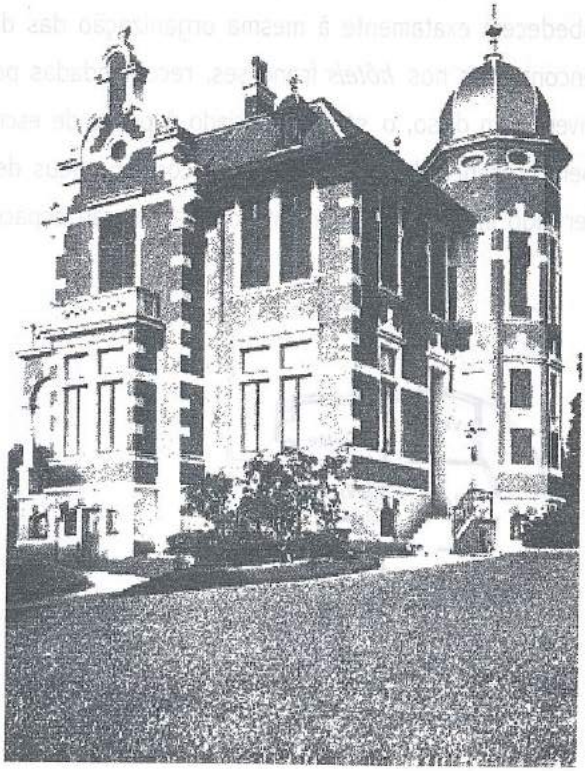


A casa construída no alinhamento da rua, organizando-se ao longo de um eixo de simetria que liga o acesso principal aos serviços, deverá ser praticamente abandonada pelos mais ricos, que preferem edificar seus palacetes de acordo com o modelo das *villas* e dos *hôtels particuliers* franceses, mais adequados a recepções, como ditam as novas regras sociais. A nova casa burguesa paulistana localiza-se em centro de terreno, recuada em relação à calçada, e o acesso a seu interior se faz a partir de um vestíbulo que conduz a zonas distintas de sociabilidade, de repouso e de serviços, situadas em diferentes alas ou em diferentes níveis. Nas plantas, agora desenhadas basicamente por arquitetos, espaços e funções tipicamente franceses aparecem designados pelos seus nomes originais, pouco a pouco traduzidos para o portugues. Os cômodos de prestígio permanecem bastante fiéis

18 Em algumas residências cariocas da época, como lembra Abelardo de Souza, a cópia do modelo europeu incluía até uma enorme lareira no salão principal, simplesmente decorativa dadas as condições climáticas tropicais. (Souza, A. **Arquitetura no Brasil – Depoimentos**. São Paulo: Diadorim/ Edusp,1978. P. 16.)

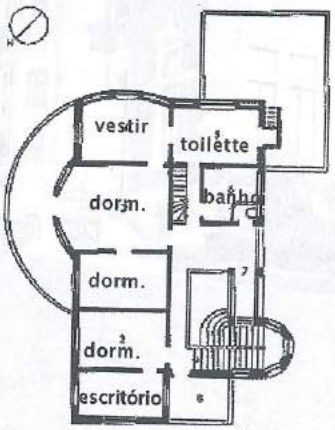
19 Bruno, E. **História e tradições da cidade de São Paulo. Burgo de estudantes (1828–1872)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. P. 1163.

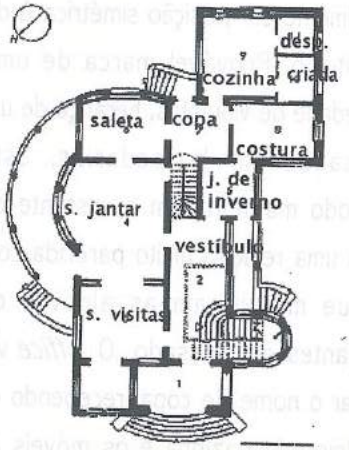
ao modelo europeu. O *grand salon* traduz-se, como se viu, por salão, o *petit-salon* - que tenderá a desaparecer tanto dos programas brasileiros como dos franceses - por saleta, a *salle à manger* por sala de jantar, já que as refeições sociais são mesmo jantares. Aliás, com dimensões bem maiores do que os demais espaços representativos, a sala de jantar parece resultar de um compromisso entre a antiga varanda e suas ascendentes européias, e tenderá a fundir-se com o salão em tipologias posteriores, ou, simplesmente, a desaparecer nas casas menos ricas. Todos estes cômodos continuam sendo acessíveis através de uma *galerie*, aqui chamada de vestíbulo, que também dá acesso ao *cabinet*, ou escritório, curiosamente bem mais presente nas plantas paulistanas do que nas parisienses, e, tanto quanto em Paris, também fazendo as vezes de *fumoir*. Seu equivalente feminino, o *boudoir* aparece em algumas plantas com o nome de sala da senhora, mas também tenderá a ser eliminado. Ainda na esfera pública da moradia, uma novidade local é acrescentada ao programa importado: um quarto de hóspedes, bem ao lado do vestíbulo, geralmente em posição simétrica à do escritório. Provável marca de uma sociedade de viajantes, herança de um passado sem hospedarias, este cômodo mantém com o restante da casa uma relação muito parecida com a que mantinham as alcovas de visitantes do passado. O *office* vai tomar o nome de copa, recebendo os azulejos da cozinha e os móveis da



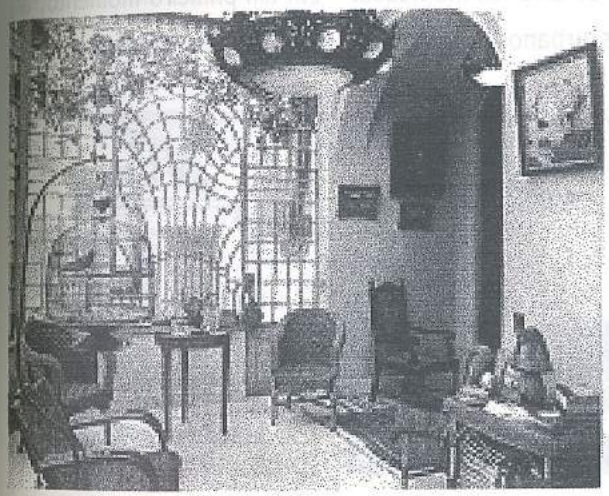
sala de jantar - e, a reboque, sua função de espaço de sociabilidade -, transição que é entre a instância 'de rejeição' e a 'de prestígio'.

A cozinha permanecerá nos fundos da casa, renovada pela série de equipamentos e apetrechos culinários que os primeiros fogões de ferro norte-americanos de várias bocas trouxeram consigo, chegando a São Paulo quase ao mesmo tempo que a Paris. A ela serão agora anexados uma despensa, uma sala de criados, que seria a edição tropical da *salle des gens* temperada, onde criados alimentavam-se e executavam pequenos trabalhos manuais, um quarto de criada contíguo à cozinha, possivelmente para moças e governantas, e um ou dois quartos mais independentes, talvez para jardineiros e cocheiros. Senzala revista e adaptada aos novos tempos? Não é o que parece, uma vez que estes quartos obedecem exatamente à mesma organização das dependências para pessoal doméstico encontradas nos *hôtels* franceses, recomendadas por manuais de construção e de bem-viver. Além disso, o *status* associado à posse de escravos - agora libertos - foi substituído pela presença de empregados brancos, europeus de preferência. O modo de vida parece ter sido importado juntamente com a solução espacial capaz de contê-lo.



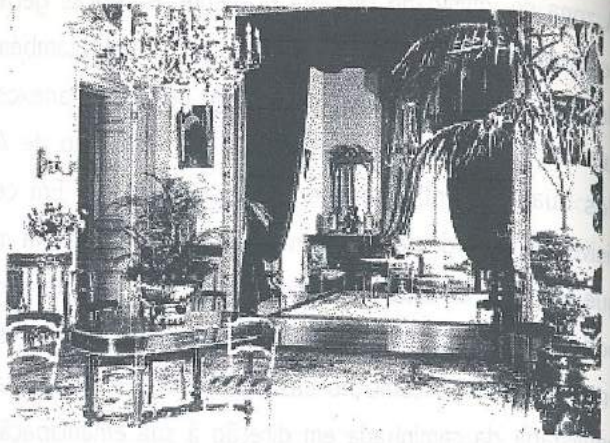


A zona de intimidade respeita piamente as regras gerais do modelo francês. Aos quartos se chega passando-se por um corredor chamado, também pelos paulistanos, de *antichambre*. Um dos quartos, o principal, também possui os anexos de *toilette* e de quarto de vestir, também conhecido como rouparia - clara tradução de *lingerie* - além de conectar-se a um dos quartos contíguos por uma porta interna. Em certos casos, o quarto principal é, visivelmente, o da senhora; em outros, o do casal. Na maioria das vezes não há indicações que levem a uma ou outra conclusão. No caso de ser o da senhora, o quarto contíguo poderia ser o dos filhos, ou o do marido. A resposta a essas perguntas talvez nos permitisse entender melhor, como no caso parisiense, em que etapa se encontrava esta mulher rica paulistana da caminhada em direção à sua emancipação, que apenas iria consumar-se na segunda metade do século 20. Exportadas para Paris e São Paulo na mesma época, as primeiras banheiras - inglesas - foram também instaladas nos quartos ou em pequenos pavilhões nos quintais, conferindo um significado novo a esta tarefa cotidiana.[20] Elas mudaram-se, em seguida, para o térreo das casas, ao lado da cozinha por óbvias razões de proximidade de encanamentos, ocupando espaços que se chamavam apenas 'banho', até irem se fixar em um novo cômodo, dentro da área íntima, que herdaria da *toilette* as funções, os equipamentos e, às vezes, o nome: *toilette*, mas também banho, ou banheiro. Finalmente, resquício da casa de fazenda e testemunho da religiosidade das familias, uma indicação de capela pode ser encontrada em algumas destas plantas, tanto podendo estar junto aos quartos como junto às salas, coisa, de resto, inimaginável em Paris.

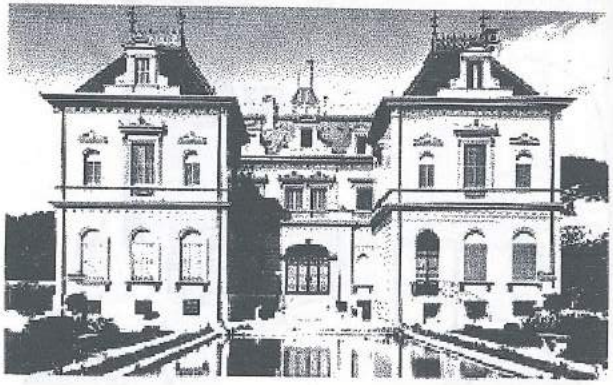


20 Homem, M. C. N., *op. cit.*, p. 56.

A POPULAÇÃO CRESCE, A CIDADE SE ALASTRA



Batalhões de desempregados com pouca ou nenhuma qualificação oferecem sua força de trabalho pelas ruas de São Paulo. Ex-escravos, mas também tropeiros que faziam o transporte de mercadorias entre as fazendas e o porto, e parte dos imigrantes que chegam, com passagem paga pelo Estado, para substituir a mão de obra cativa na lavoura. De fato, o crescimento populacional é, então, assombroso: em 1886, a cidade já abriga mais de 40 mil pessoas; apenas quatro anos mais tarde já são quase 65 mil. Nos tres anos seguintes, a população dobra, chegando a cerca de 130 mil habitantes, para, no último ano do século, - portanto em apenas sete anos - dobrar novamente, atingindo a incrível marca de 240 mil indivíduos.[21] Em um primeiro momento, a população cresce sem que os limites urbanos sejam muito alterados. As áreas centrais abrigam os menos pobres que, percebendo possibilidades de enriquecimento rápido, passam a alojar familias de operários em vilas ou em cortiços construídos às pressas em seus quintais, reverso precário da cidade que se embeleza. Ares europeus vão transformando os velhos edifícios

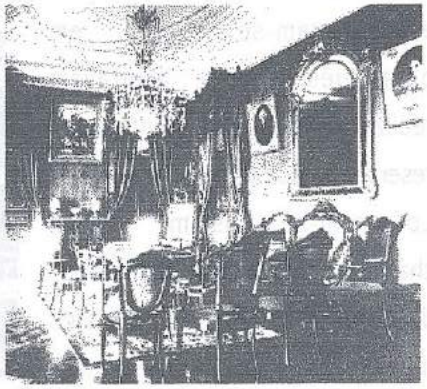


21 Os números exatos são: 44.030 habitantes em 1886; 64.934 habitantes em 1890; 130.775 habitantes em 1893; 239.820 habitantes em 1900. Dados extraídos de Morse, R., Formação Histórica de São Paulo. São Paulo: Difel, 1970.

de taipa, e largos beirais dão lugar a platibandas neoclássicas que buscam expressar a reivindicada modernidade das classes dominantes. A cidade se expande com a criação de novos bairros ao longo dos rios, das linhas de trem, em volta de suas estações. A elite cafeeira constrói suas mansões no recém-criado bairro dos Campos Elíseos, cujo sugestivo nome resume a idéia de modernidade da época. Primeiro loteamento da cidade, localizado a oeste da Estação da Luz, situa-se em frente ao populoso bairro do Bom Retiro, de cujos imigrantes se vê separado, ironicamente, apenas pela linha do trem.



A grande maioria das habitações era construída unicamente com materiais artesanais. A terra crua, largamente empregada até o terceiro quartel do século 19, deu lugar à alvenaria de tijolos, com os quais edificaram-se palacetes e edifícios públicos; a madeira e, nas periferias pobres, ainda a terra crua, levantaram casebres e cortiços: a distância social entre ricos e pobres aumenta rapidamente, expressando-se agora com clareza nos espaços de morar. Além de tudo, as casas dos mais ricos diferenciavam-se pelos elementos industrializados - estruturas metálicas mas também guarda-corpos, janelas, lucarnas, espigões, clarabóias - importados facilmente até a crise de 1929.[22] No entanto, ao invés de liberarem espaço útil com sua pequena secção, as colunas e vigas metálicas eram incorporadas à massa das alvenarias, dotando os edifícios de um aspecto completamente desvinculado

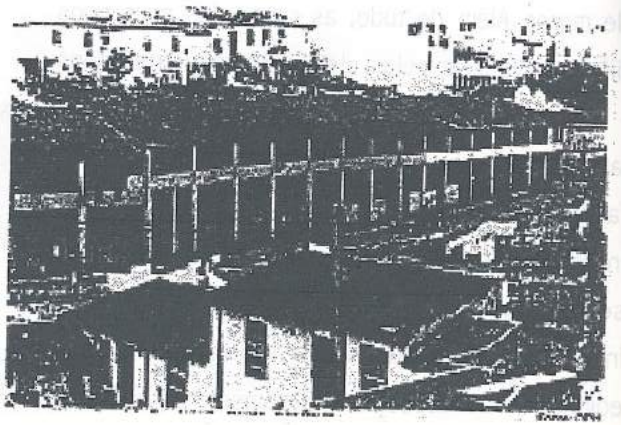


22 Os muitos relatos sobre a compra de componentes construtivos na Europa, escolhidos em catálogo, ajudam a perceber a dimensão da indústria de componentes industrializados produzidos naquele continente, mas também a importância da abertura de novos mercados. Vendia-se para a elite brasileira, mas também para a japonesa, provavelmente para muitas outras mais, exportando-se, ao mesmo tempo, a cultura e o gosto europeus.

de sua composição estrutural e, invariavelmente, ligado a algum estilo histórico.[23] A madeira, apesar de largamente utilizada na construção, era raramente o principal material da estrutura ou da vedação dos novos edifícios paulistanos. Seu uso limitava-se a forros, pisos, caixilhos, portas e janelas, e, no máximo, a vigamentos e tesouras de coberturas. A fabricação do concreto armado, ao que tudo indica, iniciou-se no Brasil por volta do final da Primeira Guerra Mundial, mas seu alto custo não o tornava acessível à maioria dos construtores. Além disso, seu emprego na estrutura dos edifícios da época era cuidadosamente disfarçado por outros materiais, a exemplo das estruturas metálicas. As paredes portantes de alvenaria de tijolos constituíam solução amplamente aceita pelo público e preferida pelos arquitetos, tanto por razões econômicas quanto por não demandar mão-de-obra especializada, e, ainda, por permitir um aspecto final correspondente aos vários estilos em moda na época.

23 Souza, A., *op. cit.*, exemplifica alguns destes artifícios utilizados em residências burguesas cariocas do início do século: alvenaria pintada imitando vigas de madeira sobre vãos de portas, tábuas pregadas sobre fachadas de tijolos imitando uma estrutura aparente de madeira.

Um número cada vez maior de imigrantes decidia ficar na cidade, ou a ela voltar após a expiração de contratos de dois ou tres anos na lavoura. Isto nada tem de surpreendente. O meio urbano era-lhes certamente mais propício à realização do sonho de êxito social que os havia guiado desde seus países de origem, ainda que tivessem que sujeitar-se a difíceis condições iniciais. O problema é que a burguesia dominante, brasileira, via com maus olhos a proximidade destes estrangeiros com espírito aventureiro, que expressavam-se mal em português, e que aceitavam realizar tarefas até recentemente reservadas aos escravos negros.[24] Lotearam-se, assim, velhas chácaras criando-se novos bairros destinados a alojar estes imigrantes, verdadeiros guetos

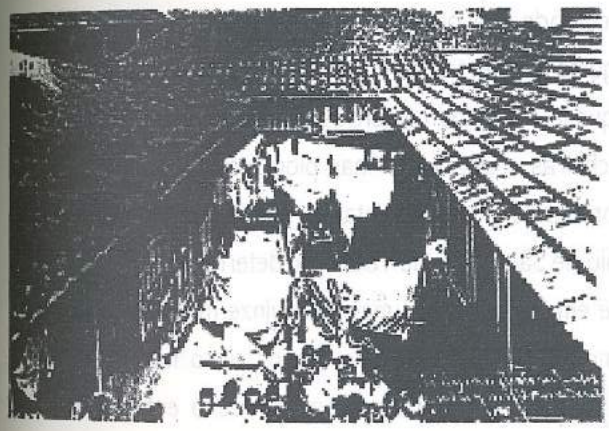


24 Em relatório apresentado ao Governo do Estado em 1894, o médico Evaristo da Veiga expressa com clareza inequívoca a xenofobia burguesa com relação aos imigrantes italianos, dizendo que "basta, como nos tem inúmeras vezes acontecido, penetrar em habitação aglomerada de italianos para se despreender desde logo que o menor preceito de higiene e de moral, que é a base do edifício social, ali não existe." (Veiga, E., Da Prophylazia das Moléstias Infecto-contagiosas e especialmente do Cholera-morbus no Estado de São Paulo. Relatório apresentado à Administração Sanitária do Estado. São Paulo, 1894).

isolados do convívio com a população local de brasileiros, muito freqüentemente sem oferecer aos moradores condições mínimas de higiene. Clássico é o exemplo do bairro do Brás, de ocupação predominantemente italiana, que vê sua população quase triplicar no espaço de quatro anos, passando de cerca de 6 mil pessoas, em 1886, para mais de 16 mil, em 1890. Nos tres anos que se seguiram, o número de habitantes do bairro dobrou, ultrapassando os 32 mil em 1893.[25]

LIMPOS OU SUJOS, OS EXPLORADOS

A habitação urbana das classes populares lembra os primeiros agrupamentos destinados a operários na Inglaterra do início do século 19, como os que aparecem no impressionante *Cruel Habitations*, de Enid Gauldie,[26] ou as *nagaya* japonesas descritas pelos arquitetos Ichiro Suzuki e Scott Gold[27]. A literatura especializada menciona conjuntos de habitação popular paulistanos construídos, sobretudo, a partir dos anos 1870, fruto, tanto quanto seus congêneres ingleses e japoneses, da especulação imobiliária sem controle. As descrições são coincidentes, com poucas variações: em um terreno estreito e profundo, duas fileiras de cômodos minúsculos e mal-ventilados alinham-se frente a frente, abrindo-se para um pátio ou corredor comum com ares de ruela. A cobertura das edificações costuma apoiar-se nos muros de divisa do lote, inclinando-se para a ruela central, onde despeja as águas pluviais. Em geral, as instalações sanitárias e tanques - situados no pátio ou no fundo do terreno, e em número sempre inferior ao necessário - são



25 Os números exatos são: 5.998 habitantes em 1886; 16.807 em 1890, e 32.387 em 1893. Dados extraídos de Morse, R., *op. cit.*

26 Gauldie, E., *op. cit.*, p. 93.

27 Suzuki, I., Gold, S., Collective Housing. Typologies in Evolution. *In:* Casabella 608-609 "Japan: a dis-oriented modernity". Milano, 1994. Pp. 52 e 118.



compartilhados por todos os moradores. Conhecida pelo nome de cortiço, esta tipologia parece ser recorrente em diferentes partes do mundo em momentos em que é preciso abrigar um grande número de pessoas de renda muito baixa em meio urbano e o Estado furta-se ao papel de regular ou, pelo menos, de supervisionar o mercado de habitações. Em São Paulo, estas construções abrigavam tanto pessoas sozinhas quanto familias inteiras, e suas diferentes variantes aparecem descritas em um relatório de 1894, feito pela Comissão de Exame e Inspecção das Habitações Operárias e Cortiços no Distrito de Santa Iphigênia, na área mais atingida pela epidemia de febre amarela de 1893.[28] Segundo o relatório, os cortiços destinados a solteiros oferecia-lhes aposentos de 2,5 metros de frente por 3 metros de fundo, cuja ocupação "excede de muito os limites do razoável." Às familias era proposta uma variante em que as casas mediam em torno de 3 metros de frente por 5 metros de fundo, com um cômodo central hermeticamente fechado à noite, onde costumavam dormir cerca de seis pessoas. Um terço da superfície do cômodo era ocupada por móveis. Estas edificações improvisadas, "feitas de tábuas e algumas cobertas de zinco", podiam ser encontradas para aluguel também nos fundos de quase todos os comércios, fossem vendas, depósitos de material de construção, oficinas, cocheiras e estábulos, "nas piores condições de asseio, posição e capacidade." Apesar de combatido por higienistas e por homens públicos da época, o Código de Posturas do Município de São Paulo, de 1886, vai determinar as dimensões mínimas dos cortiços: deverão situar-se em terrenos com mais de quinze metros de largura, o afastamento entre as fileiras de cômodos deve ser de pelo menos cinco metros, a área mínima de cada unidade deve ser de 5,5 metros quadrados com pé-direito entre 4 metros

28 Motta, C., **Relatório da Comissão de Exame e Inspecção das Habitações Operárias e Cortiços no Distrito de Santa Iphigênia**. São Paulo: Vanorde & Co., 1894.

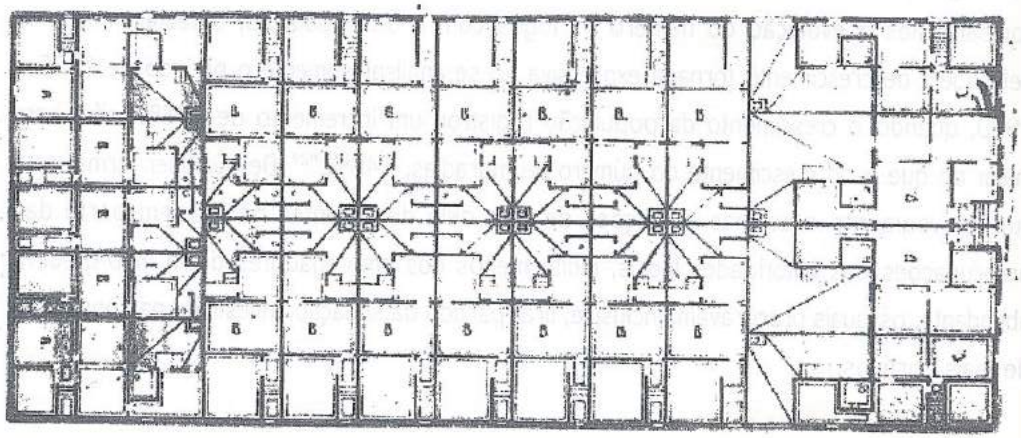


e 4,5 metros, e o assoalho deve estar elevado do solo em, pelo menos, vinte centímetros. Por extensão, o nome cortiço também costumava designar a grande residência burguesa que, abandonada pelos antigos donos, era transformada em casa de cômodos alugados. Esta tipologia ainda é pouco recorrente na São Paulo do final do século passado, apesar de bastante comum em cidades mais antigas, como Salvador e Rio de Janeiro, cujo patrimônio construído já era mais numeroso e alguns ciclos de migração intra-urbana, como o de famílias abastadas deixando as áreas centrais para irem instalar-se em periferias elegantes, já se haviam efetuado.

A alta densidade de ocupação dos agrupamentos oitocentistas ingleses e japoneses pode ser facilmente suposta com relação aos conjuntos paulistanos, a partir da observação do sociólogo Paulo César Xavier Pereira sobre a cidade de São Paulo, segundo a qual "ao compararmos a evolução do número de fogos com o da população, detectaremos uma defasagem de crescimento tornada expressiva ao se analisar somente o período de 1886 a 1900, quando o crescimento da população registrou um incremento de 406%, cifra bem maior do que a do crescimento do número de moradias, 148%."[29] De qualquer forma, este superpovoamento e as más condições de vida dele decorrentes não faziam parte das preocupações das autoridades locais, muito menos dos empregadores desta mão-de-obra abundante, os quais procuravam, inclusive, tirar partido da situação, investindo na construção de mais cortiços.

29 Xavier Pereira, P. C., **Espaço, técnica e construção.** São Paulo, Nobel, 1988. P. 67.

A idéia de cidades-jardim, imaginadas por Howard objetivando oferecer uma moradia mais sã aos operários que se comprimiam nos alojamentos insalubres das cidades industriais inglesas, terá sua versão brasileira defendida não por reformadores sociais mas pela Companhia City, que construirá em São Paulo, a partir de 1912, bairros-jardim para as classes mais abastadas da população. A moda pegou: a partir dos anos 1920, tornam-se obrigatórios os recuos laterais e frontais para todas casas a serem construídas em certas zonas da cidade - as mais elegantes.[30] Também o projeto de vilas operárias, tão caro a higienistas e reformadores sociais europeus, teve seu correlato paulistano com, pelo menos, duas versões distintas, e ambas distantes das intenções fourieristas: o conjunto de casas produzido pelos industriais, visando primeiramente alojar - e controlar - uma parcela de seus empregados, e o conjunto de casas produzido por investidores, cujo principal objetivo era o lucro. Os primeiros ainda continham em seu programa algumas instâncias coletivas, como armazéns e, no melhor dos casos, igrejas, escolas e creches. Já as vilas produzidas pelos especuladores, que proliferaram por toda a cidade, aparentavam ser, antes, uma versão apenas menos cruel dos cortiços de casinhas enfileiradas. Em ambos os casos, as unidades eram pequenas, organizando-se em fileiras sem recuos laterais ou frontais, diferindo dos cortiços, no entanto, em alguns pontos essenciais. Por exemplo, nas vilas, cada unidade



30 Lemos, C., 1985, *op. cit.*, p. 94.

possuía instalações sanitárias e tanques próprios, um alívio para os higienistas. Além disso, nos empreendimentos destinados aos menos pobres, uma clara referência à casa burguesa costumava centralizar a organização geral da casa em um vestíbulo que funcionava como espaço distribuidor, de onde eram acessados, tão separadamente quanto permitiam tão exíguas dimensões, os espaços de sociabilidade, de repouso e de serviços. Nos conjuntos reservados aos mais pobres, a semelhança com os cortiços é constrangedora, mais ou menos como se cada unidade de dois cômodos de um cortiço se visse acrescida de banheiro, cozinha e tanque, sumários. No que concerne sua organização, o que diferencia claramente a vila operária, produzida pelos industriais, do cortiço é o fato de ela ser "um espaço da ordem, sem misturas indesejáveis [i. e. não desejadas pelo patrão] e sob controle", diz a arquiteta Raquel Rolnik, que vê aí "a contra-imagem do cortiço."[31] Houve realizações com apenas algumas poucas casas e outras compreendendo várias quadras e ruas, produzidas tanto por pequenos investidores como por grandes construtoras, industriais e sociedades mutuárias. Tanto quanto em suas congêneres européias, morar nessas vilas não estava ao alcance de qualquer carteira. No caso dos conjuntos ligados às indústrias, os aluguéis costumavam situar-se ligeiramente abaixo dos valores praticados no mercado formal de imóveis, permanecendo, no entanto, inabordáveis para a maioria dos operários, que apenas nos cortiços encontravam aluguéis compatíveis com seus ganhos.

BRISAS MODERNAS SOBRE O TRÓPICO ÚMIDO

Já se disse que os membros do *Werkbund* interrogavam-se, na primeira década de nosso século, sobre o estilo que melhor corresponderia à imagem da nova Alemanha unificada e industrializada, opondo-se a um ecletismo que havia sucedido o néo-classicismo de Schinkel. Na mesma época, arquitetos do Rio de Janeiro e de São Paulo colocavam-se questões parecidas, levantando-se contra o ecletismo dominante - também de origens néo-clássicas - em busca de um estilo capaz de valorizar as tradições históricas do país, cujo perfil via-se

31 Rolnik, R. De como São Paulo virou a capital do Capital. *In:* Valladares, L. P. (coord.) Repensando a habitação no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. P. 124.

progressivamente alterado pela presença dos imigrantes europeus e pela influência cultural e econômica francesa e inglesa.[32] Em ambos os casos, a tendência de buscar soluções na arquitetura vernacular foi esboçada: com o modelo da casinha dos vilarejos germânicos, proposto por Muthesius, com o da casa colonial portuguesa, proposto por Lúcio Costa - no Rio - e por Ricardo Severo - em São Paulo. Não há dúvida de que, também em ambos os casos, esta tendência contribuiu para criar condições favoráveis ao desenvolvimento da arquitetura dita Moderna. Contudo, na Europa, esta se apoiaria nos pressupostos da produção industrial, e a construção de moradias Modernas iria inscrever-se em uma proposta mais ampla de transformação social. Já o Brasil assistia aos tímidos inícios de sua industrialização, dificultada tanto quanto possível por uma classe dominante desejosa de manter o ritmo das exportações de café, ao preço da importação massiva de produtos manufaturados.

Apesar de introduzir programas inovadores e soluções formais e técnicas jamais antes vistas na cidade, a efervescente produção de habitações desta virada de século em São Paulo não reuniu, em si, os elementos necessários para a introdução dos princípios Modernos em Arquitetura, contrariamente à França e ao Japão, que já possuíam uma economia baseada na indústria, já contavam com os pressupostos técnicos necessários e, pelo menos na França, as classes trabalhadoras eram capazes de organizar-se para reivindicar melhores habitações. Em São Paulo, havia apenas uma indústria incipiente que ainda teria de esperar pelos anos da Primeira Guerra Mundial, quando interromperam-se as importações, para conhecer sua primeira expansão. As técnicas construtivas empregadas pela população foram, durante séculos, as mais rudimentares possíveis, produzindo uma arquitetura de paredes espessas e pequenas aberturas, sem nada da tradição nipônica de estruturas independentes, grandes vãos, ou qualquer esmero técnico. No plano das reivindicações sociais e lutas sindicais, São Paulo encontrava-se muito distante dos acontecimentos políticos que haviam contribuído para a formação de uma consciência de cidadania nos operariados parisiense e toquioíta e, de resto, a classe operária era, conseqüência da magra indústria local, quase

32 Bruand, Y., **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1991. 2a. edição. P. 26.

inexistente, neste momento, no Brasil. Tudo indica que, na realidade, o trunfo que São Paulo tinha para aproximar-se do modelo Moderno de habitação era, precisamente, a ínfima parcela de sua elite que, freqüentadora de *ateliers* de artistas de vanguarda em Paris, patrocinaria a primeira visita de Le Corbusier ao Brasil, em 1929. Assim, a introdução da planta livre e da estrutura independente no Brasil não parece ser, como na Europa, a conseqüência natural de uma série de progressos técnicos buscando atender a novas necessidades funcionais e a reivindicações sociais. Antes das visitas de Le Corbusier em 1929 e 1936, nenhum arquiteto brasileiro havia desenvolvido um trabalho com as implicações dos de Horta ou de Perret, e os edifícios industriais, que, na Europa, foram o grande campo de aplicação das novas técnicas de construção ao longo de todo o século 19, eram, aqui, poucos e feitos, em geral, de tijolos e vigamentos de madeira - raramente em metal -, a exemplo das habitações urbanas.[33] Os primeiros edifícios Modernos brasileiros limitaram-se a um arremedo plástico de alguns dos conceitos enunciados pelo Cubismo, sem, contudo, comportarem em seu processo construtivo os indícios da habitação Moderna 'para uma nova sociedade' - a industrial, é bom lembrar - produzida em série e com materiais igualmente padronizados. A casa da rua Santa Cruz, do russo Gregori Warchavchik, construída em São Paulo em 1927, quis ser um manifesto modernista que ilustraria, para o público local, as teorias de Le Corbusier sobre a Nova Arquitetura. Seu sistema construtivo - paredes de tijolos e tesouras de madeira sustentando a cobertura de telhas de barro dissimulada por uma platibanda, e assoalhos sustentados por barroteamento de madeira - nada tinha a ver com o das duas casas que o próprio Le Corbusier construiria, neste mesmo ano, na *Weissenhofsiedlung* de Stuttgart, como "pretexto para o enunciado dos Cinco Pontos de uma Arquitetura Moderna",[34] publicados em Paris, em 1926. Por outro lado, a grande maioria da burguesia brasileira da época espelhava-se no modelo de morar burguês europeu, o qual também rejeitava as proposições da arquitetura Moderna: os trabalhos de Perret e de Horta configuram, lá como aqui, casos isolados.[35]

33 Reis Filho, N. G. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970. Pp.84-86.

34 Corbusier, Le, *op. cit.*, p. 50.

35 Um dos principais porta-vozes da classe burguesa, o escritor francês Paul Iribe, dirá que "apesar da sirene do Professor Gropius de Berlim, continuaremos franceses. Apesar da pequena flauta idílica do senhor Le Corbusier de Genebra, continuaremos franceses. Nossa literatura já conheceu um cidadão de Genebra. Um segundo nos parece supérfluo." (Citado por Kopp, A., *op. cit.*, p. 119.) Uma declaração de Le Corbusier confirmará a existência destes preconceitos: "Só existe uma solução: construir em série. Mas para a maior parte das pessoas, construir em série, em arte ou em arquitetura, é voltar-se contra a arte, a qualidade, a dignidade." (*Idem*, p. 127.)

Também do período que sucedeu a Primeira Guerra Mundial data, segundo Reis Filho, a verticalização dos edifícios nas grandes cidades brasileiras, "aproveitando a grande valorização dos terrenos das áreas centrais, as novas possibilidades das estruturas metálicas, mas, sobretudo, do concreto, e o aparecimento dos elevadores."[36] Os primeiros edifícios de vários andares destinavam-se a abrigar comércios e escritórios mas, já no final dos anos 1920, surgem na paisagem habitacional brasileira os primeiros prédios de apartamentos dirigidos à classe média.[37] Eram construídos para locação - negócio rendoso até a assinatura da Lei do Inquilinato, em 1942 - pelas grandes famílias quatrocentonas endinheiradas, projetados por escritórios famosos como o de Ramos de Azevedo ou o de Jacques Pillon, e destinavam-se a alojar uma classe média que tinha horror à promiscuidade sugerida, em sua opinião, pela habitação coletiva. Resistências como esta a uma maneira de morar tão diversa da costumeira casa térrea, eventualmente sobrado, fizeram com que as unidades fossem concebidas de modo a recriarem, tanto quanto possível, o ambiente de origem de seus habitantes. Ao longo de novas avenidas, tanto os estilos como as plantas dos primeiros apartamentos paulistanos espelharam-se no modelo parisiense, que só viria a ser substituído a partir do surgimento dos edifícios de coloração Modernista. O primeiro deles, afirma o professor arquiteto Carlos Lemos, foi o Columbus, na avenida Brigadeiro Luis Antônio, projetado entre 1930 e 1932, construído nos dois anos seguintes, e demolido em 1971. Seu autor, o arquiteto Rino Levi, dava como intenção principal do projeto a de "examinar, no seu verdadeiro aspecto e sem preconceitos de forma, o problema de abrigar numerosas famílias e de oferecer-lhes o maior conforto possível".[38] O resultado foi um curioso e inusitado compromisso entre o modo de morar francês e o norte-americano. A divisão interna, com sua sucessão de salas e saletas, bem como a indefectível tripartição social-íntimo-serviço, espelhavam-se, voluntariamente, na casa burguesa da época, com, no entanto, evidentes e inevitáveis reduções de área e a supressão de espaços externos privativos de cada unidade. Todos os detalhes eram concebidos com o objetivo de "dar aos habitantes a sensação de

36 Reis Filho, *op. cit.*, p. 82.

37 Lemos, C. **Edifícios residenciais em São Paulo: da sobriedade à personalização.** *In:* revista Projeto n. 133. São Paulo, 1990. Pp. 57-58.

38 Citado por Lemos, C. **Arquitetura Brasileira.** São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1979. P. 133.

segurança e liberdade de uma casa isolada, atenuando-lhes as penas de uma terrível claustrofobia."[39] Não se pode, no entanto, esquecer que os Estados Unidos haviam saído vitoriosos da Primeira Guerra, e que, juntamente com sua superioridade militar, o seu parque fabril em franca expansão os alçava à confortável colocação de principal potência industrial do mundo, destronando a velha Inglaterra. Desde os tempos do edifício Martinelli, construído em São Paulo em 1930, a admiração pelo sucesso econômico norte-americano e pelo seu modelo de cidade simbolizando o progresso e a modernidade de uma sociedade mecanizada parecia fazer brilharem extasiados os tacanhos olhos brasileiros. Os edifícios de apartamentos respondiam, é certo, a uma demanda da parte dos investidores, ávidos por extrair mais lucro da comercialização de construções em áreas cujo preço não parava de subir. Mas, principalmente, só foi possível começar a convencer os paulistanos a deixarem suas casas para irem viver em apartamentos porque, tanto quanto aos japoneses e aos franceses, se lhes fez acreditar que, desta forma, eles estariam sendo irretocavelmente Modernos, em suma. Neste contexto, a construção, entre 1935 e 1938, do edifício Esther, em frente à praça da República, São Paulo, por Álvares Vital-Brazil, é que assume ares de um real manifesto.

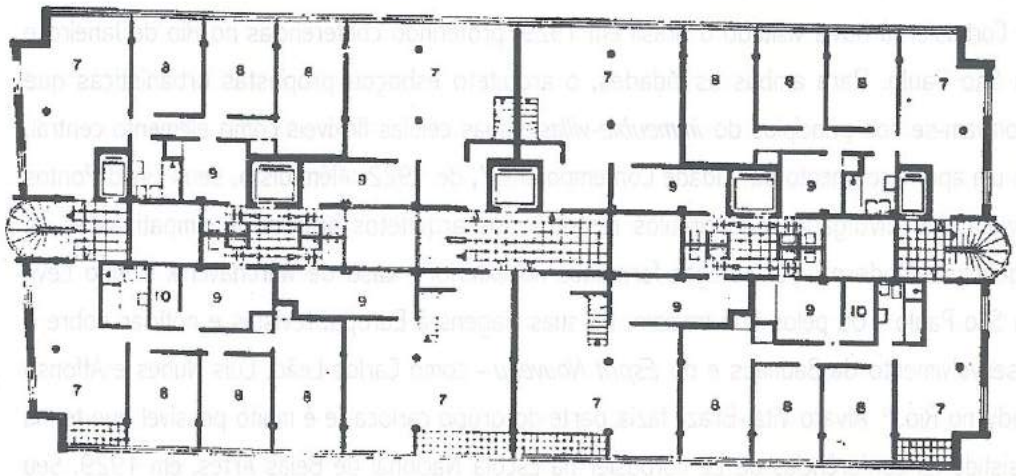
Le Corbusier já havia visitado o Brasil em 1929, proferindo conferências no Rio de Janeiro e em São Paulo. Para ambas as cidades, o arquiteto esboçou propostas urbanísticas que apoiavam-se nos princípios do *immeuble-villas* e suas células flexíveis como elemento central, em um aperfeiçoamento da 'Cidade Contemporânea', de 1922. Além disto, seus Cinco Pontos haviam sido divulgados nos círculos restritos dos arquitetos brasileiros simpatizantes da arquitetura Moderna, por colegas formados no exterior - caso de Warchavchik e Rino Levi, em São Paulo - ou pelos que traziam, de suas viagens à Europa, revistas e notícias sobre o desenvolvimento da Bauhaus e do *Esprit Nouveau* - como Carlos Leão, Luis Nunes e Affonso Reidy, no Rio.[40] Álvaro Vital-Brazil fazia parte do grupo carioca, e é muito possível que tenha assistido às conferências de Le Corbusier na Escola Nacional de Belas Artes, em 1929. Seu

39 *Idem, ibidem.*

40 Souza, A., *op. cit.*, p. 24.

edifício Esther, em São Paulo, é o primeiro grande edifício com estrutura independente de concreto construído no Brasil, destinado ao uso de escritórios, habitações e comércios. As zonas úmidas dos apartamentos, bem como as circulações verticais e horizontais, situam-se no centro da planta retangular, ao longo do seu eixo longitudinal. Esta disposição libera grandes platôs, iluminados por longas faixas horizontais de janelas, para os espaços de dormir e de convívio. A ampla flexibilidade assim obtida limita-se, porém, aos estágios de projeto e construção, visto que as vedações internas acabaram sendo realizadas em alvenaria de tijolos.[41] Em vários casos, estas vedações deixam de acompanhar a rigorosamente regular modulação estrutural, o que situa alguns pilares dentro da área livre dos cômodos, como na Villa Savoy, de Le Corbusier, terminada em 1929, no subúrbio parisiense de Poissy. Henrique Mindlin relata que esta foi uma das causas da reação negativa por parte dos observadores da época, notadamente de muitos locatários do edifício, que teriam pedido permissão para remover os pilares dos seus apartamentos, prometendo recolocá-los no lugar ao final do contrato de locação. Algumas unidades organizavam-se em dois níveis, como as dos *immeubles-villas* de Le Corbusier. Finalmente, as unidades de cobertura

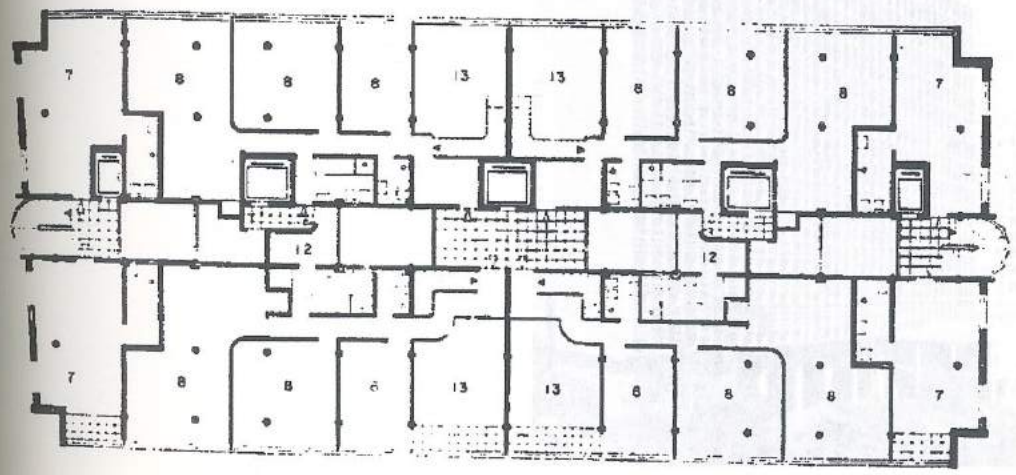
7. Estar-jantar 8. Dorm. 9. Cozinha 10. Despensa 11. Área de serviço/WC empr. 12. Despejo 13. Vazio



41 O desenvolvimento tardio da industrialização de componentes leves e a ausência de mão-de-obra especializada seriam responsáveis pelo fato de apartamentos como os do edifício Esther terem suas vedações internas construídas em tijolos, técnica amplamente conhecida pela mão-de-obra disponível.

dispunham de terraços plantados, tornando o edifício uma ilustração completa dos Cinco Pontos corbuseanos de 1926.

A segunda visita do arquiteto franco-suíço ao Brasil data de 1936, e tem como objetivo mais ou menos confesso a sua participação nos projetos do novo edifício do Ministério da Educação e da nova Cidade Universitária, ambos no Rio de Janeiro. Enquanto sua primeira visita havia sido orquestrada por membros da elite paulistana, que provavelmente o haviam conhecido em *ateliers* de pintores vanguardistas parisienses,[42] a segunda foi fruto de uma sugestão de Lúcio Costa - que havia, desde o final dos anos 1920, abandonado sua luta em prol do néo-colonial para tornar-se ardoroso defensor da arquitetura Moderna[43] - ao então Ministro da Educação, Gustavo Capanema.[44] O projeto do novo ministério foi realizado por uma equipe composta de jovens arquitetos formados pela ENBA, que trabalharam durante seis semanas com Le Corbusier sobre seus riscos preliminares para o edifício. A construção, iniciada em 1937, só seria concluída seis anos mais tarde, e marcaria definitivamente o êxito da Nova Arquitetura no Brasil. O MEC situava-se na capital do país, a dois passos dos



42 Sobre este assunto, ler Durand, J. C., Arte, **Privilégio e Distinção**. São Paulo, Ed. Perspectiva/Edusp, 1989, Capítulo 5: "Riqueza, cosmopolitismo e acesso às vanguardas".

43 As razões deste abandono são expostas por Bruand, *op. cit.*, p. 73. É interessante notar que tanto Costa quanto Muthesius buscavam na arquitetura vernacular de seus países uma franqueza dos processos construtivos e uma pureza de formas. Falseados, porém, pela abordagem estilística, ambos os modelos mostraram-se contraditórios, levando seus defensores iniciais a voltarem-se para a Nova Arquitetura. Muthesius foi claramente influenciado por William Morris e sua *Red House*, de 1856, toda feita de tijolos vermelhos aparentes, mas nada nos permite afirmar que Costa possuísse as mesmas referências.

44 Durand, J. C., **Négociation politique et rénovation de l'architecture**. *In:* Actes de la Recherche en Sciences Sociales no 88. Paris: juin 1991. P. 68.

edifícios afrancesados do Teatro Municipal, da Biblioteca Nacional e da ENBA que, desde os tempos do Império, eram tidos pela burguesia, mas também pela população em geral, como indiscutíveis exemplares de boa arquitetura. Diante do novo edifício concluído, é de se supor que tenha havido, em um primeiro momento, uma reação de estranhamento por parte do público. Mas a proximidade com a Cinelândia, somada à consagração da "nova arquitetura brasileira" pela crítica internacional - o que, segundo Yves Bruand, "sacudia firmemente o sentimento nacional brasileiro" -, provavelmente contribuíram para a aceitação - talvez até a aspiração - por parte da elite, da plástica e da espacialidade Modernas. De fato, o arquivista francês observa que esta nova arquitetura, "até então limitada a edifícios públicos, construídos graças à compreensão manifestada por alguns homens do governo, viu abrir-se perante ela o imenso campo de todos os setores da iniciativa privada, que de imediato colheu todo o proveito prático e publicitário daí resultante." [45]



45 Bruand, Y., *op. cit.*, p. 25.

HABITAR O PRIVADO Da Industrialização ao Movimento Moderno

As urbanidades planejadas de Tokyo

Edo e o ocidente confinado em uma ilhota . A emergência de um contexto industrial . Tokyo, ano zero . Habitação urbana, tradicionalmente falando . Ventos modernos sobre as ilhas japonesas



EDO E O OCIDENTE CONFINADO EM UMA ILHOTA

Os ocidentais podem ter dificuldade para entender o que significou para o povo japones a abertura de seus portos - e de sua cultura - ao contacto com as nações estrangeiras a partir de 1854, data em que, significativamente, a historiografia oficial local encerra o período Edo e inicia o período Moderno. As aproximações e distanciamentos entre o Japão e o resto do mundo compõem uma longa e densa história, às vezes misteriosa, viesada, como não poderia deixar de ser, por enormes diferenças culturais. Certamente mais visíveis em um mundo cujas distâncias foram encurtadas pelos meios de comunicação de massa, estas diferenças também parecem tornar-se menos agudas, no campo da habitação, à medida em que o século 20 avança. Para que se entenda melhor este processo, uma revisão rápida dos principais fatos que levaram ao fechamento do país, em 1639, até a sua reabertura, comercial e cultural em 1854, política a partir de 1868, é essencial.

Muito provavelmente, os primeiros europeus a pisarem em solo japones foram tres navegadores portugueses a bordo de uma embarcação chinesa de junco que, colhida por uma tempestade nos mares de Formosa, acabou atirada à costa da ilha de Tanegashima,

na parte meridional do arquipélago. Corria o ano de 1543. Portugal e Espanha, em sua corrida expansionista das grandes navegações, já haviam chegado às Américas, terras recém-descobertas por Cristóvão Colombo, apenas cinqüenta anos antes; ao Brasil, para onde, por enquanto, apenas jesuítas estavam sendo mandados, enquanto Goa ia se afirmando como porto avançado portugues em mares asiáticos. Desde muito antes, no entanto, o Japão já povoava o imaginário do Ocidente. Os relatos de Marco Polo, recebido pelo Grande Khan chinês em sua corte, davam conta de palácios inteiramente folheados a ouro em cidades impecavelmente limpas, onde um povo civilizado ao extremo não sabia o que fazer com tanta riqueza, já que os mercadores mais próximos encontravam-se a mil e quinhentas milhas, segundo estimativas do próprio Polo.[1] Afora algum entusiasmo além da conta da parte do viajante veneziano, foi a este povo que os portugueses começaram vendendo armas de fogo, dando início a uma indústria local de armamentos que se estendeu por diversas cidades da costa pacífica da ilha de Honshû,[2] e contribuiu para conferir um sentido novo à palavra japonesa *sensô*, que significa 'guerra'. A influência ocidental circunscrevia-se, no entanto, dentro de limites muito claros. Por exemplo, o desenho e a construção da casa japonesa, estreitamente relacionados com tradições e crenças religiosas locais, apenas começariam a ser alterados, em função do contato com o mundo exterior, alguns séculos mais tarde.

Durante os quarenta anos que se seguiram à chegada dos primeiros portugueses, diversos missionários ibéricos - entre eles, São Francisco Xavier em pessoa - foram enviados de Goa ou diretamente da Europa com a missão de evangelizar os japoneses. Tarefa simples, se considerarmos a histórica disponibilidade nipônica em absorver costumes e crenças estrangeiras, mas, por outro lado, árdua, se imaginarmos o que significaria pregar a obediência a um Deus único e supremo, com poderes ilimitados, princípio e fim de todas as coisas, em um país onde estes eram atributos exclusivos do Imperador, o *Tennô*, literalmente 'aquele que vem do céu', a quem povo e senhores feudais - os *daimyô* - devem obediência

1 Dados extraídos de Shimizu, C. **Le Japon du XIXe siècle**. Marseille: Editions AGEP, 1990. P. 11.

2 A maior e principal ilha do arquipélago japones, onde situavam-se, na época, suas cidades mais importantes.

cega. Além disso, o avanço do cristianismo no Japão também contraria interesses das seitas budistas locais, que exercem um enorme poder sobre os hábitos da população, o que contribui para aumentar a tensão em relação à presença estrangeira. *Namban-ji*, o Templo dos Bárbaros do Sul, é fundado em Kyôto, em 1569, pelo jesuíta portugues Luis Frois, com a permissão do xogun Oda Nobunaga, marcando a expansão da fé cristã às classes dominantes. Senhores e suas famílias decidem converter-se, aumentando a irritação dos monges e a desconfiança do novo xogun, Toyotomi Hideyoshi, que acaba decretando a expulsão dos missionários vinte anos mais tarde,[3] preferindo manter relações apenas comerciais com Portugal e Espanha. O que Toyotomi não sabia é que os dois vizinhos ibéricos escondiam dos demais europeus a exata posição geográfica do Japão, o que aguçava a curiosidade de países como Holanda e Inglaterra, que gastavam fortunas procurando o caminho do Cabo da Boa Esperança, a rota das Índias e do Império do Sol Nascente.

Will Adams, o comandante inglês do navio holandês *Liefde*, vence o desafio, e chega à baía de Beppu, na ilha de Kyûshû, sem provisões, após dois anos vagando sem rumo no mar. É o mes de abril de 1600 e a situação política japonesa alterou-se completamente. Toyotomi Hideyoshi morreu em 1598. Seu filho, Hideyori, de apenas quatro anos, foi substituído por uma junta de senhores feudais que não consegue se entender, e que acaba sendo substituída, ela própria, pelo mais hábil de seus membros, Tokugawa Ieyasu, dando início a duzentos e sessenta e oito anos de rígido controle do país por seu clã. A presença de estrangeiros de nacionalidade diferente da dos portugueses e espanhóis interessa Tokugawa. Através deles, o chefe militar informa-se sobre as tensões e rivalidades entre os países europeus, sobre técnicas de combate mais sofisticadas, e Adams torna-se, em pouco tempo, conselheiro de um Tokugawa auto-proclamado xogun, obtendo para seu país, representado pela Companhia Holandesa das Índias Orientais, o direito de comercializar com o Japão. Este mesmo direito será definitivamente suprimido aos portugueses a partir da revolta de Shimabara, em 1637 e 1638, envolvendo camponeses convertidos ao cristianismo. A revolta foi a gota d'água. A

3 Em 1587. Cf. Shimizu, C., *op. cit.*, p. 12.

partir do ano seguinte, todos os portos japoneses serão proibidos de receber qualquer embarcação estrangeira, exceto os de Nagasaki e de Hirado, aos quais se permitirá a manutenção de relações comerciais apenas com a China e a Holanda. Após menos de um século de contatos com o Ocidente, o Japão fecha-se sobre si mesmo, tendo extraído desta aventura apenas uns poucos benefícios comerciais. Acreditando que as atividades dos missionários cristãos europeus escondem uma tentativa de conquista política, o xogunato também obrigará os cidadãos japoneses a renunciarem ao Cristianismo, proibindo-os de sair do país e banindo todos os missionários estrangeiros. Os holandeses são os únicos a receberem permissão para permanecerem durante os mais de dois séculos de fechamento do Japão para o mundo, contanto que confinados na ilhota artificial de Dejima, ao largo do porto de Nagasaki. Contatos, só com intérpretes do governo, em eventuais visitas comerciais, e com prostitutas do porto. Dentro da ilhota.

Muitos são os escritos sobre o país deixados por hóspedes ocidentais em Dejima, a maioria deles assinada por missionários que limitam-se a fazer a apologia da evangelização. Uma feliz exceção é o livro *Histoire Naturelle, Civile et Ecclésiastique de l'Empire du Japon*, publicado em Paris, no ano de 1729, que constitui o primeiro relato mais aprofundado sobre a vida e os costumes dos japoneses dirigido ao público ocidental. Seu autor, o alemão Engelbert Kaempfer, médico da Companhia das Índias, residiu na ilha por dois anos, a partir de 1690. Sobre a capital Edo, o autor dirá que "existe, em Yedo, um grande número de magníficos palácios, como se pode facilmente imaginar em uma cidade que é



residência de um monarca poderoso e morada de todas as famílias dos Príncipes e dos Grandes deste poderoso império. Estão separados e distingüem-se das casas dos plebeus comuns por grandes pátios e por portas magníficas, às quais se sobe por escadas trabalhadas e envernizadas, de poucos degraus. Os palácios são divididos em vários magníficos apartamentos térreos, já que não possuem mais que um único piso, e não são acompanhados de torres, como o são os castelos e palácios onde os Príncipes e os Grandes do Império residem em seus estados de origem."[4] Os palácios a que se refere Kaempfer situam-se, em sua maioria, dentro dos limites definidos pelos muros do palácio imperial, no centro da cidade. São as residências onde todos os senhores feudais são obrigados a passar um ano a cada dois, com o objetivo de não desligar-se dos costumes e posturas ideológicas do governo central, e onde, também por imposição oficial, deixam seus familiares no ano em que voltam para suas províncias, a fim de desencorajar qualquer tentativa de revolta contra o poder xogunal. Este sistema ficou conhecido como *sankin kotai*.

A criação de Edo, quase da noite para o dia, inscreve-se em uma prática comum no Japão feudal, que se estendeu por uma centena de anos a partir de meados do século 16, e que consistia na construção de cidades-fortes por todo o território nacional, sob as ordens dos *daimyô*.[5] Yedo era, até 1590, uma pequena vila de pescadores às margens da atual baía de Tokyo, na desembocadura do rio que lhe emprestava o nome, quando Tokugawa Ieyasu decidiu alí construir seu castelo e estabelecer a sede do seu poderio político. Tal



4 Citado por Shimizu, C., *op. cit.*, p. 21.

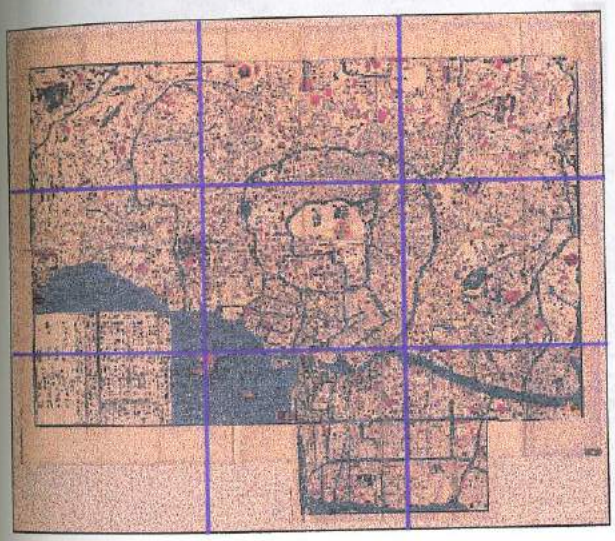
5 As cidades eram erguidas tendo o castelo forte como núcleo, segundo um traçado ditado pelas concepções de defesa da época, o que não deixa de ser paradoxal em um país unificado e pacificado. Na verdade, tais traçados, ainda remanescentes nas principais cidades japonesas de hoje, asseguravam um estreito controle da sociedade.

foi o seu empenho que, em pouco mais de cem anos, a nova estrutura urbana do antigo vilarejo já abrigava cerca de um milhão de pessoas, o que lhe conferia a posição de maior cidade do mundo de então, maior, inclusive, que Londres, a mais populosa cidade ocidental. Um evento sem precedentes na história urbana mundial. Este incrível aumento populacional em tão curto espaço de tempo deveu-se, essencialmente, ao sistema *sankin kotai*, que acabou por atrair também à cidade grande massa de prestadores de serviços, os quais totalizavam mais de metade da população.[6] A cidade tornou-se o centro consumidor e político do Japão pré-moderno, ao lado de Kyôto, capital imperial e centro cultural, e de Ôsaka, o centro comercial e financeiro. Há, inclusive, uma anedota japonesa dos dias de hoje, com claras origens no período Edo, que compara as tres cidades mais importantes do país a tres cidades européias: Tokyo seria o equivalente nipônico de Paris, a cidade do bem-viver, enquanto Ôsaka equivaleria a Londres, a cidade dos negócios, e Kyôto teria seu correlato em Roma, a cidade dos patrimônios artísticos.

Durante o período histórico que se estendeu de 1603 a 1868, e que, mais tarde, convencionou-se chamar de Período Edo, duas autoridades principais dividiam o governo do país: o imperador, chamado de *Tennô* ou *Dairi*, chefe da família imperial e líder espiritual e administrativo da nação; e o chefe militar, chamado de *Cubo-sama* ou *Taiko-sama*. O período Edo é justamente marcado por uma insurreição do *Cubo-sama* contra o *Tennô*. Deus vivo, o imperador é esvaziado de todo poder administrativo e vê-se condenado a uma vida dourada, trancado no seu sagrado palácio de Kyôto, então capital do Império. O novo xogunato transfere a capital administrativa do país para Edo e cria uma regulamentação rígida cobrindo todos os aspectos da vida quotidiana de cada habitante do país. Vale lembrar que, ao contrário de uma Idade das Trevas, como se poderia esperar, o período Edo é um momento de intensa criação artística em todo o Japão, cujo tom é dado, justamente, pela vida da corte, em Kyôto. Todas as artes florescem, da pintura à arquitetura, da música à literatura, passando pelo teatro e pela dança. Além da nobreza, a sociedade divide-se em quatro classes

6 Watanabe, S., **Metropolitanism as a Way of Life: the Case of Tokyo, 1868-1930.** *In:* Sutcliffe, A. (ed.), Metropolis 1890-1940. Chicago/London: The University of Chicago Press/Mansell, 1984. P. 404.

hierarquizadas - os militares, os agricultores, os artesãos e os comerciantes[7] - e as leis dos Tokugawa determinarão, em detalhe, o tipo de casa, seu tamanho, materiais, e localização na cidade de acordo com a classe social a que pertencem seus ocupantes. Também as roupas e a maior parte das expressões do modo de vida obedecem a regulamentações precisas, destinadas a lembrar os comerciantes que eles ocupam o degrau mais baixo da sociedade feudal. A descrição da organização espacial da cidade, feita pela pesquisadora francesa Sylvie Guichard-Anguis, é esclarecedora: "No coração da cidade encontra-se o castelo, cuja torre domina a cidade. A cidadela interior, reservada à administração do feudo e à residência do senhor em períodos de conflito, apenas é acessível a uma minoria de guerreiros de alta linhagem, e depois, progressivamente, durante o século 18, a alguns comerciantes excepcionalmente poderosos. A população não se identifica com este centro destinado a dominá-la e controlá-la. Em torno do castelo, organizadas em sucessivos círculos concêntricos, freqüentemente separados por fossos, estão as residências dos grandes vassalos, as dos guerreiros de posição intermediária e as de alguns comerciantes muito poderosos, e, depois, os bairros burgueses ao longo das vias de comunicação. Os bairros dos soldados e dos artesãos tangenciam os limites da cidade."[8]



Com uma estrutura física cujos princípios básicos vão repetir-se em várias outras cidades-forte, o território de Edo divide-se em áreas destinadas aos samurais - em torno de 70% do total -, aos plebeus, e aos templos e santuários. Os artesãos e os comerciantes ocupam a zona

7 Havia ainda uma parcela da população conhecida como os *Eta*, ou 'intocáveis', que se encontrava formalmente excluída da vida social, confinada em bairros específicos da cidade, de onde não poderiam sair e onde pessoas de outras classes jamais penetravam. Apesar de proibida pela Constituição de 1946, perante a qual todos os japoneses tem direitos e deveres iguais, a marginalização desta população persiste até hoje no Japão, de diversas formas, mais ou menos veladas.

8 Guichard-Anguis, S. Formes urbaines et fonction commerciale au Japon, des origines à l'époque Meiji. Les paradoxes d'une activité dominante toujours dominée. *In:* Cités d Asie. Les Cahiers de la Recherche Architecturale 35/36. Marseille: Editions Parenthèses, 1995. P. 233.

chamada de *shitamachi*, literalmente a 'cidade baixa', tendo *Nihonbashi* - a tradicional Ponte do Japão - como centro e símbolo. Por oposição, a região de *yamanote*, que pode ser traduzida como 'cidade alta'[9], é privilégio dos samurais. O traçado das ruas considerava, primeiramente, questões estratégicas, conforme nota o historiador Shun-ichi Watanabe: na área dos samurais, a circulação se fazia através de ruelas irregulares com inúmeros entrocamentos em 'T', projetados para dificultar qualquer tentativa de invasão. Já em Shitamachi, ruas retas seguindo um desenho em forma de grelha regular estavam equipadas com barreiras de controle a cada cruzamento importante, o que permitia um controle pleno da circulação dos moradores e possibilitava abafar quaisquer eventuais rebeliões.[10] Outra clara diferença entre as tres áreas urbanas era a densidade de ocupação. A área dos templos e santuários era praticamente desabitada, apesar de contar com mais de mil conjuntos, entre templos budistas e santuários xintoístas, espalhados pelo território urbano; Shitamachi acomodava uma média de seiscentas pessoas por hectare, mais de quatro vezes a média de Yamanote, onde cada hectare não abrigava mais do que cento e quarenta pessoas, em média.[11] A alta densidade no bairro plebeu e



9 Literalmente, em portugues, a zona das colinas.

10 Watanabe, S., **Metropolitanism...**, *op. cit.*, p.405.

11 Valores propostos por Ishizuka, H. **Tokyo no Shakai Keizaishi: Shihonshugi to Toshimondai.** [A história econômica e social de Tokyo: seu capitalismo e problemas urbanos]Tokyo: Kinokuniya, 1977. Pp. 37-38.

o fato de as casas serem construídas, basicamente, de madeira, papel, bambu e terra crua, faziam dos incêndios - e da reconstrução a seguir - eventos anuais. Foram mais de duzentos incêndios durante os duzentos e sessenta e cinco anos que durou o período Edo, dos quais o pior ocorreu em 1657, matando mais de cem mil pessoas e destruindo a maior parte da área urbana.

A EMERGÊNCIA DE UM CONTEXTO INDUSTRIAL

Foi também durante o Período Edo que o Japão iniciou um processo de proto-industrialização apontado por muitos estudiosos como um dos fundamentos da Revolução Industrial ocorrida no país após sua reabertura para o mundo, em 1854. Algumas indústrias foram criadas, como as de seda crua, tecidos de seda, açúcar e relógios, visando, sobretudo, substituir artigos até então importados. O caso da produção de relógios é especialmente notável porque incluiu transformações no já complicado mecanismo dos relógios ocidentais ao adaptá-los ao sistema japones de medição do tempo.[12] A sofisticada tecnologia necessária à concepção e à produção de tais relógios seria transferida para o desenvolvimento de máquinas durante a industrialização após a Restauração Meiji,[13] e o povo japones teria, assim - conjectura-se -, desenvolvido o apurado sentido de tempo que lhe seria, mais tarde, precioso no sistema fabril de produção.

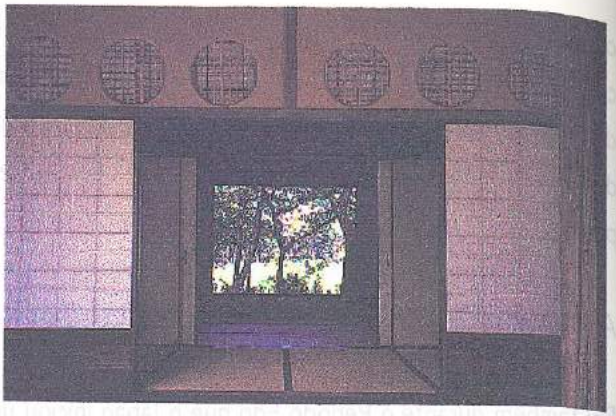
Tais indústrias estabeleciam-se em um ambiente urbano completamente diferente daquele dos países ocidentais em processo de industrialização. Ao contrário das cidades européias, muradas e densamente construídas, as cidades japonesas não tinham limites claros, o que as tornava, em muitos casos, parte da natureza. Esta profunda relação com o ambiente natural é ilustrada pela presença de jardins e canais nas cidades[14], mas também pelo próprio desenho das casas urbanas tradicionais. "No Japão olha-se não *para* mas *dentro de* uma obra de arte", nota Marc Treib. "A extração de significado encontra-se com o

12 O Japão tinha um sistema variável de notação horária que dividia a jornada solar em dia e noite, com a conseqüência de as horas mudarem de acordo com a estação.

13 Restauração Meiji, é como ficou conhecido o ato em que o xogun Tokugawa devolveu, a contragosto, o poder político ao Imperador, em 1868, oficializando o fim do período Edo, sob pressão dos comerciantes que, enriquecidos, queriam negociar com o exterior.

14 Em Edo e em Ôsaka, muitos destes canais compunham o sistema de abastecimento de água construído no final dos séculos 16 e 17.

observador, e não com o objeto observado. A casa ou o templo históricos situados dentro de um sítio murado não eram, em si, o objeto da visão. Eles articulavam o espaço, orquestravam movimentos através dele, e, funcionalmente, protegiam do sol, da neve ou da chuva mas não eram entidades arquiteturais a serem aproximadas e confrontadas dentro da tradição da arquitetura formal ocidental. Os objetos de contemplação, em vez disso, eram os incidentes no espaço: o biombo dobrável, os entalhes, a baixela de cerâmica ou o arranjo de flores e, no final, o jardim. A habitação servia assim como uma espécie de ponte coberta entre espaços exteriores."[15]



O primeiro encontro formal de que se tem notícia entre o Japão xogunal e a modernidade técnica proposta pela Revolução Industrial nascida na Inglaterra deu-se, provavelmente, em uma manhã de julho de 1853, quando pescadores boquiabertos em seus barcos de junco e aldeões divididos entre o medo e o espanto assistiram à entrada da esquadra do Commodore Perry na baía de Tokyo, liderada pelo vapor *Susquehanna*, de acordo com o relator oficial de Perry, Sir Francis Hawks.[16] No ano seguinte, quando Perry voltou ao Japão para buscar uma resposta à carta do Presidente norte-americano, de que fora portador no ano anterior, trouxe nos porões da esquadra, agora toda ela movida a vapor, presentes que fariam ver ao xogun um grau de desenvolvimento técnico ainda ausente em seu país. Além das armas de fogo, ferramentas agrícolas e caixas com garrafas de álcoois diversos - vinhos, *champagnes* e *whiskies* -, causaram sensação um telescópio, um modelo reduzido de locomotiva com vagão e trilhos, e um equipamento de telégrafo.

15 Treib, M. The dicotomies of dwellings: Edo/ Tokyo. Tokyo: s. d. P. 113.

16 Hawks, F. L. Narrative of the expedition of an American squadron to the China seas and Japan. 1856, 1859. Citado por Shimizu, C., *op. cit.*, p. 29.



Na visita de 1854, Perry obrigou Tokugawa a assinar tratados de comércio entre seus países e, o principal, de abertura dos portos japoneses aos navios norte-americanos. Ameaçado pelo ostensivo poder bélico da esquadra visitante, que Perry não se preocupou em disfarçar, um xogun amedrontado acaba assinando acordos em que seu país está em completa desvantagem. Além de Nagasaki, que manteve seu caráter de porto comercial com o exterior, são abertos, inicialmente, aos norte-americanos, os portos de Hakodate, em Hokkaidô, e de Shimoda, em Honshû. Sua bem-sucedida missão encorajou diversos países ocidentais a solicitar as mesmas regalias ao xogun que não tardou a atendê-los, sempre temeroso de conflitos com países visivelmente melhor equipados militarmente. Assim, já em 1859, cidadãos estrangeiros recebem autorização para estabelecer-se nos recém-abertos portos de Edo, Ôsaka, Kôbe, Niigata e Yokohama. Em quatro belos templos de Edo são instaladas as embaixadas da Holanda, da França, dos Estados Unidos e da Inglaterra, as quatro grandes potências ocidentais do momento.[17] A apenas treze quilômetros dalí, Yokohama vai se consolidando como o endereço, por excelência, de estrangeiros ocidentais. Os habitantes do seu bairro europeu, duzentos e cinqüenta em 1861, ingleses em sua maioria, já são mais de tres mil no final dos anos 1870, entre chineses, americanos, ingleses, franceses, russos e alemães, e quase cinco mil vinte anos mais tarde. Mais da metade dos estrangeiros residentes no Japão vivem em Yokohama, circunscritos em uma área bem maior que a ilhota de Dejima - um perímetro de quarenta quilômetros em torno das cidades de Yokohama e Kanagawa -, mas que não inclui a capital, Tokyo. Relatos de G. Bousquet e W. E. Griffis, que visitaram o país na época, indicam que "a colônia ocidental

17 De modo geral, a inserção de representantes ocidentais no seio da sociedade japonesa não se fez sem conflitos. Muitos foram os atentados a cidadãos ocidentais e às suas casas nos anos que se seguiram à abertura dos portos. Alguns deles resultaram em crimes bárbaros, incêndios criminosos, emboscadas, cometidos até por funcionários do governo agindo por conta própria. Acuado por adversários políticos que viam na assinatura do tratado um ato de traição à nação, o xogunato preferia não tomar qualquer atitude em favor dos estrangeiros, com medo de perder definitivamente o poder. A escalada de atentados só se reverteu a partir do bombardeio do porto de Kanagawa pelas potências ocidentais, indignadas com os crimes, e a alteração na legislação proibindo o porte de sabres. No caso da instalação das embaixadas em Edo, optou-se por requisitar templos ao invés de desalojar *daimyôs* de seus luxuosos palácios - únicos edifícios existentes na cidade condizentes com tais necessidades – o que teria sido, politicamente, um desastre.

conta com em torno de mil e duzentos estrangeiros em Yokohama dos dois mil residentes no total no Japão, e pode chegar a ter de tres a seis mil pessoas, dependendendo das chegadas dos navios."[18]

TOKYO, ANO ZERO

Restabelecido no trono, o imperador Mutsuhito instala-se no castelo xogunal de Edo e muda o nome da cidade para Tokyo, literalmente 'a cidade do Leste'. Governante de um país essencialmente agrícola, e que enxerga na industrialização imposta pelos ocidentais a única maneira de ser visto por eles em posição de igualdade, o imperador só tem olhos para a economia e para a capital. O fim do sistema feudal causou imediatamente um êxodo populacional em direção às províncias, fazendo o número de habitantes da cidade cair pela metade e deixando livres as terras antes ocupadas pelos palácios dos samurais.[19] Por outro lado, a nova constituição suprimia os privilégios de certas classes sociais, permitindo, em tese, que qualquer cidadão fixasse residência na parte da cidade que melhor lhe aprouvesse. A história da Tokyo da era Meiji é, como nota Shun-ichi Watanabe, "a história de uma cidade reaproximando-se e, em seguida, ultrapassando a cidade-forte de Edo em termos de população, área e estrutura urbana."[20] A simples menção do nome Tokyo evocava, para a população do país, progresso e modernidade. De todas as províncias saíam jovens que vinham instalar-se na capital, vista como lugar de chegada da civilização ocidental. O crescimento inicial da cidade foi enorme: trinta mil novos habitantes por ano, em média. Em meados da década de 1880, a população passava de um milhão de pessoas, chegando a dois milhões no final da era Meiji.[21] Paradoxalmente, a industrialização parece necessária à independência econômica do país. Herdeiro dos acordos assinados pelo antigo xogun, o imperador tem à sua frente a complicada tarefa de garantir o poderio econômico da nação, livrando-a, ao mesmo tempo, de ter seu mercado interno inundado pelos produtos importados. Um filme, diga-se, bastante conhecido.

18 Citado por Shimizu, C., *op. cit.*, p. 63.

19 É preciso lembrar que, em caso de mudança, os japoneses costumavam desmontar suas casas e remontá-las no lugar dedestino, deixando atrás de si apenas o terreno vazio.

20 Watanabe, S., **Metropolitanism...**, *op. cit.*, p. 407.

21 Watanabe, S., **Metropolitanism...**, *op. cit.*, p. 407.

O ano de 1872 trouxe alguns acontecimentos decisivos para o futuro desenho do espaço urbano de Tokyo. Primeiro porque, quase ao mesmo tempo que São Paulo, era inaugurada a primeira linha de trem do país, ligando a capital a Yokohama.[22] Segundo, por causa do terrível incêndio que destruiu noventa e cinco hectares de casas de madeira na área comercial de Nihonbashi, abrindo um enorme vazio bem no centro da cidade baixa, o que ao mesmo tempo tornava urgentes e abria espaço para as transformações urbanas que o governo estava por realizar. Todos concordavam que o traçado de ruelas e bifurcações herdado do sistema feudal era incompatível com o funcionamento de uma cidade moderna capitalista, mas divergiam quando se começava a falar em soluções. Para alguns, Tokyo deveria parecer-se com as capitais européias, adotando-lhes as soluções monumentais e emblemáticas da modernidade industrial. Seguindo uma lógica mais mercantilista, outros propunham a construção de um grande porto, que transformaria a cidade em um centro comercial internacional no Extremo Oriente. Outros, ainda, os técnicos do governo, propunham que se elaborasse um novo plano urbanístico para a totalidade de seu território, levando em conta as necessidades de uma capital moderna. Cada um dos grupos acabou conseguindo realizar parte do que propunha.

Ginza Renga-gai Kenkaku, o Projeto Edifícios de Tijolos em Ginza, previa a construção de mais de novecentos edifícios de dois andares em tijolos aparentes - ícone de modernidade por remeter aos edifícios da *city* londrina -, em uma área de 9,5 hectares situada estrategicamente entre o palácio imperial, o centro comercial de Nihonbashi, e a estação de trem de Shinbashi - a primeira do Japão. Além de expulsar a população alí encortiçada e diminuir



22 Utilizada principalmente por estrangeiros a trabalho, a linha não representou, em si, nenhum avanço no plano econômico do país, como foi o caso da *Sao Paulo Railway*, em São Paulo. No entanto, a pequena linha inaugurada em 1872 era apenas o primeiro trecho da principal linha ferroviária japonesa, a *Tokaido*, que ligaria Tokyo às cidades de Ôsaka, Kyôto e Kôbe e, mais tarde, à ilha de Kyûshû. Sua importância reside, principalmente, no fato de simbolizar a presença da cultura ocidental e o arrojo mecanicista em um país em vias de modernizar-se à maneira européia.

os riscos de incêndio sugeridos pelo uso da madeira, o objetivo era criar, em pleno centro de Tokyo, um pedaço de Europa, de civilização ocidental. Apenas pouco mais de um terço do total de edifícios previstos foi construído nos anos que se seguiram - fração, aliás, nada desprezível -, ladeando ruas pavimentadas, com calçadas, o que era, por si só, uma grande inovação no país. Bondes puxados a burro, mais tarde elétricos, lampiões a gás também substituídos em breve por lâmpadas, lojas de artigos importados, consolidaram, em poucos anos, a posição de Ginza como o mais importante centro comercial do Japão, em detrimento da popular Nihonbashi.

Já os defensores da construção de um porto internacional em Tokyo tiveram sua sugestão aprovada pelo governo da época e, ainda que o porto nunca tenha sido construído da maneira como propuseram, seus conceitos básicos estiveram presentes em diversos planos posteriores. Homens de negócio, além do porto queriam a cessão de uma área importante do centro - Marunouchi, ao lado do palácio imperial - para a construção de escritórios. Nisto foram atendidos: Marunouchi foi, durante todo o século 20, uma das áreas de escritórios mais requisitadas do Japão, roubando de Nihonbashi mais esta atividade. Em 1890, o projeto ganha força quando a Mitsubishi *Corporation* compra trinta e cinco hectares no bairro para construir edifícios de escritório em tijolos aparentes. *Itchô Rondon*, ou a pequena Londres, como ficou conhecido o lugar, já abrigava, em 1914, mais de vinte edifícios, alojando sedes e representações das mais importantes empresas do país e do mundo.[23]

O terceiro grupo, o dos técnicos do governo, que propunha a elaboração de um plano urbanístico para a cidade, passou doze anos trabalhando e, se por um lado, formulava proposições igualmente megalômanas sem tocar no assunto da habitação nem no do meio ambiente, por outro, procurava repensar o conjunto do território urbano, suas circulações, suas funções e sua infra-estrutura. Aprovado pelo governo em 1889, o plano incluía, segundo cita Watanabe, "a construção ou melhoria de trezentas e quinze ruas, trinta e quatro rios e

23 Watanabe, S., **Metropolitanism...**, *op. cit.*, p. 412.

fossos, uma via expressa elevada, muitas pontes, quarenta e nove parques, oito mercados, cinco crematórios e seis cemitérios."[24] Grandes avenidas abertas no tecido existente traziam intenções higienistas em seu bojo, como a prevenção de epidemias, não sem uma piscada de olhos ao modelo haussmanniano de *grands travaux*.[25] Apesar de também não totalmente aplicado - o plano completo só ficou pronto em 1918 - este parece ter sido o primeiro trabalho de planejamento urbano do Japão e teve enorme importância em todos os planos posteriores. Ao final da era Taishô,[26] as bases da setorização urbana da parte central da Tokyo de hoje já estavam claramente definidas: uma zona de escritórios e de negócios em Marunouchi, uma zona ocupada pela administração da cidade e do país em Kasumigaseki - vizinha à muralha sul do palácio imperial -, as lojas elegantes em Ginza, e os atacadistas e fabriquetas concentrados em Nihonbashi.



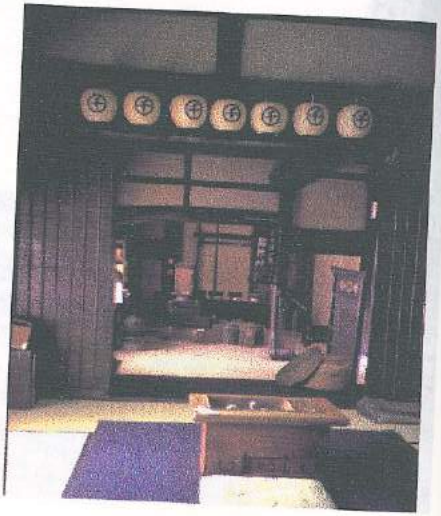
24 Watanabe, S., Metropolitanism..., *op. cit.*, p. 411.

25 Em português, grandes obras.

26 De 1912 a 1926.

HABITAÇÃO URBANA, TRADICIONALMENTE FALANDO

Estas mudanças tão rápidas não foram acompanhadas pela habitação. Ao contrário, é apenas na era Taishô que casas ocidentalizadas começam a aparecer nas cidades japonesas. Na era Meiji[27], tres principais tipos de casa urbana podem ser identificados: o *yashiki*, usualmente traduzido como 'mansão' ou 'residência', a *machiya*, literalmente 'casa urbana', e a *nagaya*, literalmente 'casa longa'. Dentre estas tipologias, apenas a *nagaya* não reflete o conceito de 'ponte coberta' proposto por Treib, apesar de todas elas parecerem encontrar suas origens no desenho das antigas casas rurais *minka*.[28] A casa principal de uma *minka*, em fins do período Edo, era formada, a grosso modo, por uma área com piso de terra batida, o *doma*, que servia de entrada, de espaço de trabalho e de cozinhar, às vezes até de estábulo, e por um piso adjacente em nível elevado, coberto por *tatami* e dividido em cômodos menores, chamados de *zashiki*, literalmente 'piso sobre o qual se senta', os quais abrigavam funções como dormir e estocagem, além de espaços de refeições e de hóspedes. Bem anteriores a esta configuração, há casas *minka* cujo piso de madeira não é coberto por *tatami*, mas por esteiras de palha de arroz, unicamente pousadas sobre o piso. A elas sucedeu o *tatami* móvel, que deu, finalmente, lugar ao *tatami* fixo.[29] A teoria mais aceita entre os estudiosos japoneses do assunto diz que a planta da *minka* originou-se de uma tipologia muito parecida com a das casas mais primitivas de muitas das culturas do mundo, em que, em um único grande espaço, todas as atividades se sobrepunham. Os japoneses não costumam datar com precisão as diversas

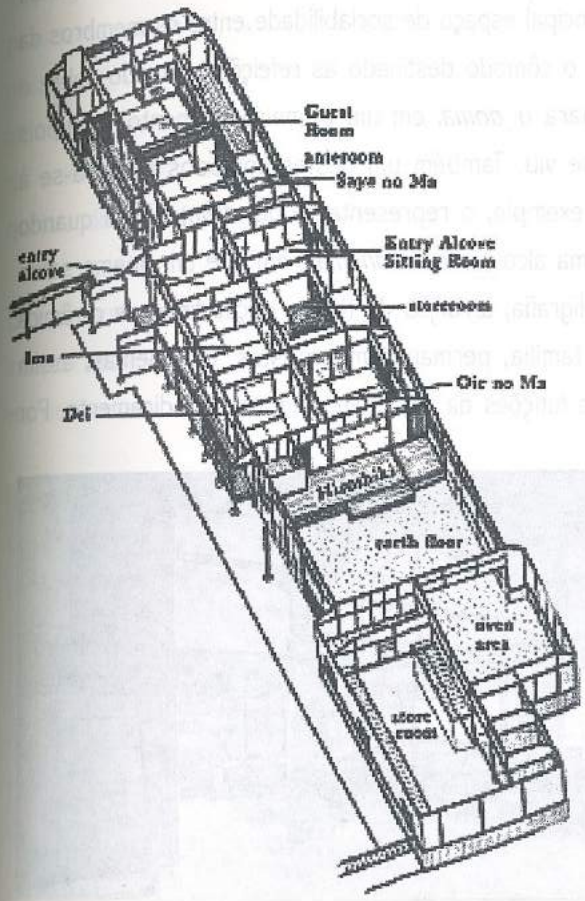


27 De 1868 a 1912.

28 Habitação rural tradicional, composta, em geral, por diferentes edifícios abrigando as várias funções e os vários segmentos que compõem o extenso grupo familiar.

29 Estes tres momentos são datados, na habitação da elite, de acordo com dois estilos principais: o estilo *Shinden*, próprio do período *Heian* (794–1477), quando o piso de madeira ainda permanece descoberto; e o estilo *Shoin*, que se desenvolveu durante o período Muromachi (1338–1573), quando o conforto já é uma exigência mais clara, e os *tatami* passam a ser fixos.

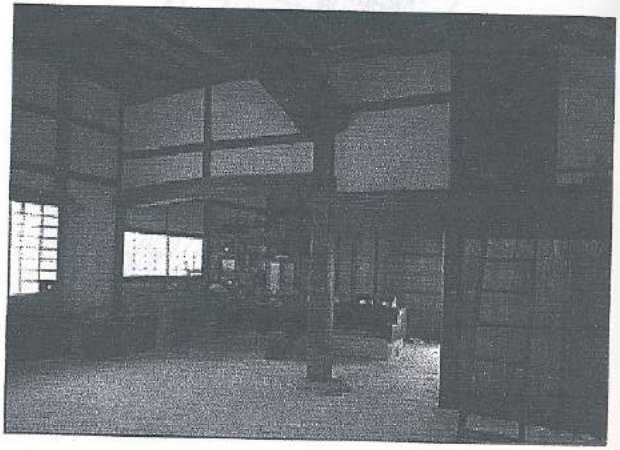
tipologias que se sucederam, mas há uma certa unanimidade com relação à ordem em que as modificações ocorreram. Chuji Kawashima, no seu obrigatório *Minka, traditional houses of rural Japan*, conta que "a primeira divisão *de facto* foi entre as áreas de trabalho e de estar", provavelmente limitando-se a estabelecer dois diferentes níveis: o do *doma*, e o do piso elevado de madeira.[30] A subdivisão do espaço sobre este piso elevado inicia-se, ainda segundo a teoria mais aceita, com a colocação de um paravento preservando a intimidade do canto de dormir dos pais, que acabará se tornando um cômodo fechado na chamada tipologia *hiroma*. *Hiroma* é o nome do espaço central onde a família se reúne, come e recebe visitas, em torno do braseiro - o *ro* -, embutido na parte central do assoalho. A demanda por privacidade de um grupo doméstico com relação aos vizinhos e a visitantes inesperados acrescentará um espaço de transição entre a rua ou o pátio de entrada e o *hiroma*: um vestíbulo, o *genkan*, onde serão recebidas pessoas sem relação direta com o grupo familiar. O curioso é que, a partir de então, o *genkan* aparece na entrada de todas as casas tradicionais



30 Kawashima, C. **Minka, traditional houses of Japan**. Tokyo/New York/San Francisco: Kodansha International Ltd, 1986. Pp. 64-66.

japonesas, das mais luxuosas às mais humildes, seja como uma grande sala podendo comportar reuniões e audiências, seja como um espaço de distribuição entre alas de serviço e de sociabilidade-repouso, seja como um pequeno patamar onde apenas é possível tirar-se os sapatos.

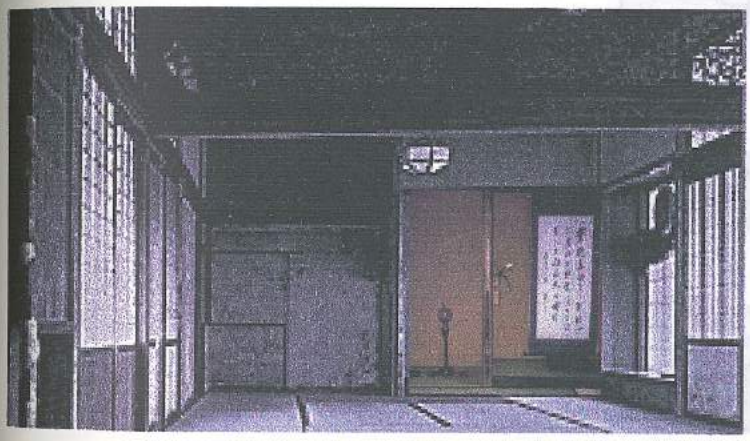
O *doma* é uma área definitivamente de serviços. Nele situa-se a cozinha, cujo fogão será alimentado a lenha até a Segunda Guerra Mundial em todas as casas tradicionais, e onde o trabalho doméstico será realizado exclusivamente pelas mulheres da família, ajoelhadas ou sentadas no chão de terra batida. O principal espaço de sociabilidade entre os membros da família costuma ser, como no Ocidente, o cômodo destinado às refeições, situado sobre o piso elevado, completamente aberto para o *doma*, em um primeiro momento, e depois confinado em um dos *zashiki*, como se viu. Também um destes cômodos reserva-se à recepção de visitas importantes - por exemplo, o representante do *daimyô* local quando vem cobrar impostos -, onde situa-se uma alcova - o *tokonoma* - em que um poema sobre a estação em curso, escrito em bela caligrafia, arranjos de flores, peças finas de cerâmica ou qualquer outro objeto refinado da família, permanecem expostos. Os poemas, assim como as flores, os móveis, e várias das funções da casa, alternam-se periodicamente. Por respeito às rigorosas leis sobre direitos e deveres das castas, nem todos os membros do grupo familiar podiam entrar neste *zashiki* formal. Esta proibição obrigava as famílias - compostas, em geral, por uma média de dez pessoas -, a se apertarem nos poucos cômodos restantes para dormir.[31] Dorme-se em toda a casa, já que utiliza-se



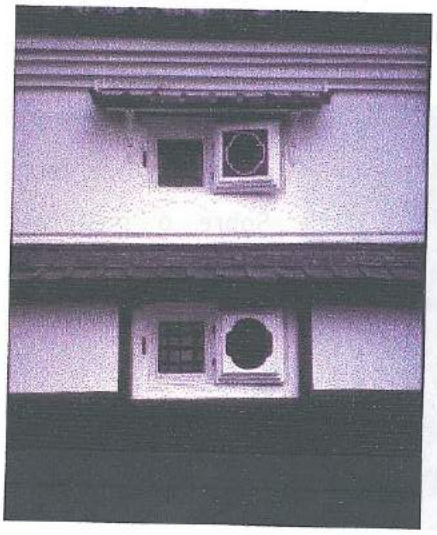
31 Informações fornecidas pelos pesquisadores da *minka* da família Okuda, em Hirano-ku, Ôsaka.

para isso um colchão macio - o *futon* -, desenrolado à noite e enrolado pela manhã antes de ser guardado no *oshiire*, o profundo armário tradicional. Travesseiros são, ao que tudo indica, uma invenção ocidental: até o século 19, o japones repousa a cabeça sobre um pedaço de madeira envernizada para que seus complicados penteados, sobretudo masculinos, não sejam danificados durante o sono. Quanto ao sono dos empregados, é provável que apenas as mulheres dormissem na casa principal. Outros edifícios da propriedade, conhecidos por *monnagaya*, a 'casa longa em fileira com vestíbulo', serviam de dormitório para os empregados do sexo masculino. Sobre as porções do espaço doméstico destinadas à higiene pessoal pouco se tem a dizer por falta de registros, o que leva a crer que, como no Ocidente, não fossem vistas com muito bons olhos nem por conceptores, nem por moradores. A latrina situava-se longe da casa "por razões sanitárias", como explicam os pesquisadores da *minka* Okuda, de Ôsaka, e a água do banho de imersão no *ofurô* era aquecida pela queima de madeira e de folhas secas.

Dentre as características dos espaços sobre o piso elevado, a mais conhecida internacionalmente é, sem dúvida, sua flexibilidade, que pressupõe a sobreposição de funções em um mesmo espaço, assegurada através de diferentes mecanismos. O primeiro deles é a possibilidade de retirar ou acrescentar divisórias internas. Sobre o piso de madeira, os espaços são divididos, em geral, através de portas de correr de madeira e papel, de dois tipos: as *fusuma*,



feitas com papel espesso e opaco sobre um quadro de madeira, e as *shôji* - usadas, principalmente, em aberturas externas - feitas com papel translúcido sobre quadro de madeira. Estas portas de correr são apontadas por alguns autores como um posterior desenvolvimento dos biombos dobráveis e portáteis de tempos mais antigos, que fizeram parte do mobiliário doméstico ao lado dos então também portáteis *tatami*. É o que conta o comentarista de arquitetura Noboru Kawazoe sobre o Palácio Imperial de Kyôto: "Nos limites entre interior e exterior havia cortinas finíssimas de bambú que podiam ser suspensas durante o dia e desenroladas durante a noite. No interior sem partições havia apenas algumas salas enclausuradas usadas como depósito e para dormir. A cada ocasião em que se realizasse alguma cerimônia, a mobília necessária era disposta no local e biombos eram instalados para barrar o vento e a linha de visão. *Tatami* portáteis eram dispostos para as pessoas se sentarem, ficando os *tatami* verdes e ornamentais reservados ao Imperador e seus ministros."[32] Referindo-se a princípios similares, o espaço interior da casa urbana tradicional japonesa também se adapta aos diferentes eventos famíliares e à mudança das estações do ano.[33] O que este sistema de painéis leves não previa era a garantia de privacidade de cada ocupante da casa em relação aos demais: *fusuma* e *shôji* não são, absolutamente, à prova de som, fato que, talvez, não consistisse dificuldade maior para o povo japones daqueles dias, acostumado a dormir com até cinco ou seis pessoas no mesmo cômodo. Nada contraditório em uma sociedade onde o coletivo sempre teve total prioridade sobre o individual. O botanista sueco Charles-Pierre Thunberg, hóspede de Dejima no final do século 18, escrevendo sobre a casa dos japoneses, dirá que "os vizinhos não vêem muito bem o que acontece uns na casa dos outros, mas

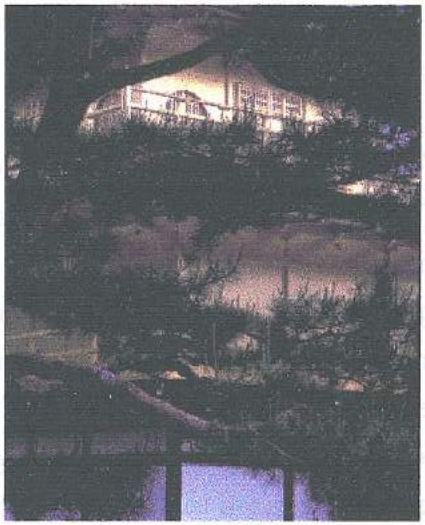


32 Kawazoe, N. Arquitetura Japonesa. Tokyo: International Society for Educational Information, 1992. P. 141.

33 No Japão, observa-se, até os dias de hoje, o costume de utilizar-se baixelas, roupas, arranjos florais, específicos para cada estação do ano.

se ouvem muito claramente."[34] Aliás, a falta de privacidade apenas passará a ser encarada como um problema por volta da metade do século 20, quando aumentará a autonomia de cada membro do grupo doméstico e padrões de moradia importados do Ocidente incluirão paredes fixas à prova de som. A partir de então, e até hoje, portas *fusuma* e *shôji* serão limitadas, nas casas e apartamentos modernos, a um ou dois cômodos em *estilo japones*, como são chamados.

A flexibilização dos usos da casa tradicional japonesa também lança mão de um mecanismo de qualificação do espaço que prevê a introdução de equipamentos ou mobiliário específicos para determinada atividade. Isto é possível graças à possibilidade de se manter todo o mobiliário que não se encontra em uso guardado em um depósito à parte, outra herança do estilo *Shoin*. Este depósito, o *kura*, tinha a função inicial de guardar o arroz, que era o bem mais precioso da família, e que deveria ser mantido fora do alcance das chamas de um eventual incêndio. Por extensão, o *kura* passou a abrigar todos os tesouros da casa, todos os móveis - mesinhas, paraventos, baixelas, vasos - permitindo que apenas os objetos necessários a cada ocasião ocupassem o espaço. As paredes de barro do *kura* tinham em torno de trinta centímetros de espessura, constituindo a única parte realmente à prova de fogo de toda a casa.[35] Conta Kawazoe que, poucos dias após cada um dos muitos incêndios que devastaram importantes partes de Edo, os negócios reiniciavam no mesmo ponto de antes da catástrofe, ajudados, em grande parte, pela existência dos tais depósitos.[36]



O vasto e luxuoso *yashiki* era a casa da elite, localizada em áreas especiais da cidade, separadas

34 Thunberg, C-P. **Voyages de C-P. Thunberg au Japon par le Cap de Bonne Espérance.** Paris: Les îles de la Sonde, 1796. Citado por Shimizu, Ch., *op. cit.*, p. 23.

35 Portas e janelas do *kura* também eram feitas de terra crua ou de ferro. Em caso de incêndio na cidade, os moradores, após aí guardarem o que tinham de mais valioso, selavam externamente as portas e janelas com barro, não sem antes deixar, no interior do depósito, uma vela acesa para consumir o oxigênio restante.

36 O comentarista lembra também que "um interessante efeito secundário dos incêndios era o conseqüente aumento do consumo" e que "realmente, Edo crescia mais próspera a cada ocorrência de um sinistro." Kawazoe, N., *op. cit.*, p. 20.

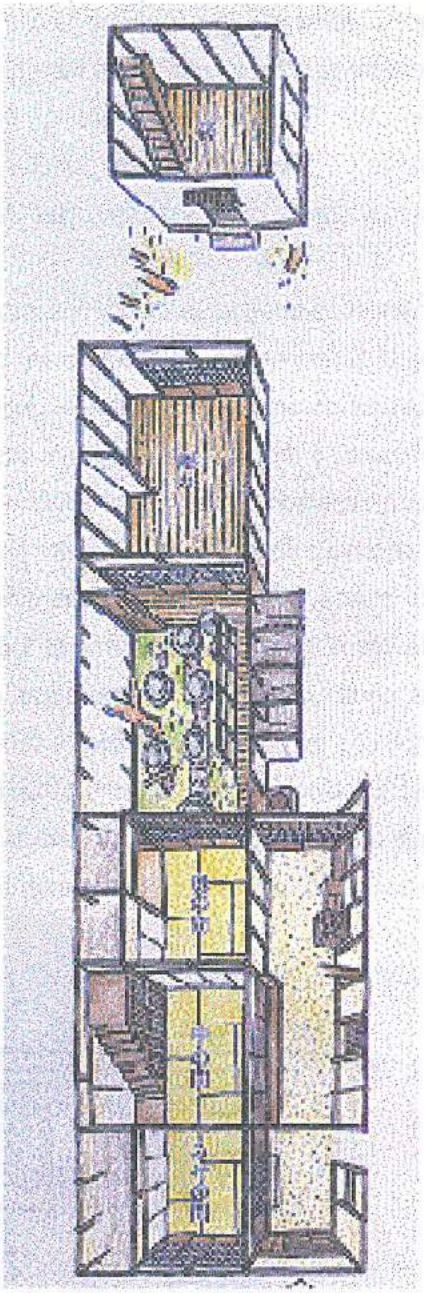
do centro comercial. Parecia-se a uma casa rural muitíssimo elaborada ou a um pequeno palácio rodeado por uma área verde murada que buscava evocar a vida da corte de Kyôto e seus jardins refinados. Como regra geral, o jardim e a casa deveriam ser equivalentes em proeminência, embora, em vários casos, o jardim superasse a casa. O *yashiki* tem muito a ver com o conceito de palácios, considerando tanto sua partição interna quanto sua relação com os jardins ao redor: a bidivisão entre piso de terra - *doma* - e piso elevado permanece, provavelmente, como herança da *minka*, mas a passagem dos *zashiki* para o jardim externo é muito freqüentemente feita através de uma varanda - *engawa* - fechada para o exterior tanto por *shôji* quanto por portas de correr opacas de madeira - chamadas *amado*. A idéia de transparência e de integração entre interior e exterior é, assim, espacializada, reforçando as possibilidades de diferentes utilizações dos espaços: o corredor intermediário melhora a proteção contra o frio e, nos períodos quentes do ano, transforma-se em uma varanda aberta pela supressão dos painéis de fechamento. Um dos *zashiki*, em geral diretamente acessível a partir do *genkan*, era o espaço representativo por excelência para a recepção de hóspedes formais, abrigando o altar budista, a alcova com poemas sazonais e arranjos de flores, ao lado de, eventualmente, uma mesa *tsukeshoin*[37] e de prateleiras *chigaidana*[38]. Herdados da aristocrática casa em estilo *Shoin*, tais elementos caracterizavam este cômodo como o mais prestigioso da casa.

A casa urbana do tipo *machiya*, tal como ainda pode ser encontrada hoje na região de Tokyo, é muito menor do que o *yashiki*. A *machiya* era a casa dos comerciantes, freqüentemente contendo uma loja e, ao contrário do *yashiki*, não era rodeada por um grande jardim mas praticamente organizava-se em torno de uma pequeníssima área verde interna. Possuía a mesma bidivisão entre piso de terra - entrada, preparação de alimentos e outras funções domésticas - e piso elevado - dois ou tres *zashiki* e uma pequena varanda fechada por um ripado vertical, o *engawa*, na fachada sobre a rua. Um segundo andar, quando havia, costumava abrigar mais dois *zashiki*, usados, em muitos casos, como depósito,

37 Mesa embutida na parede, em geral em uma pequena alcova com pé-direito menor, destinada à escrita.

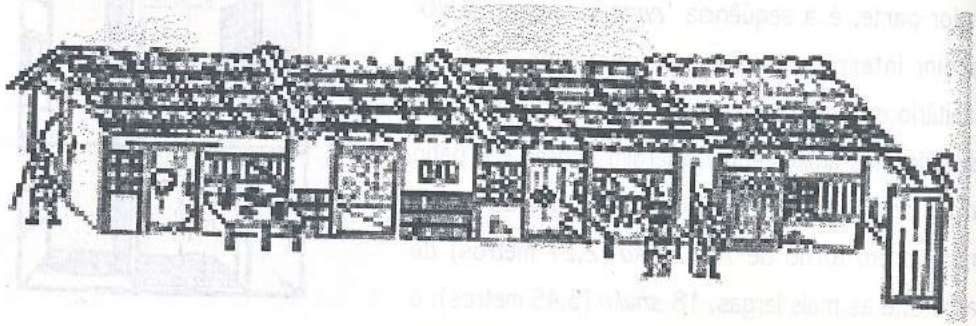
38 Prateleiras decorativas fixas na parede, normalmente dentro do *tokonoma*. Em alguns casos, estas prateleiras também podiam ser fechadas por pequenas portas de correr. O seu desenho, tanto pela modulação rígida a que obedecem, como pela trama ortogonal de suas linhas, evoca, inevitavelmente, armários embutidos propostos pelos primeiros arquitetos modernos europeus do século 20. Como as do *okeshô* do palácio de Katsura, que maravilhou Bruno Taut em 1936, e que datam da primeira metade do século 17.

além de uma espécie de pequeno *engawa* sob o telhado, acima do *engawa* do térreo. Tanto quanto a *minka* e o *yashiki*, a *machiya* sobrepõe funções de sociabilidade e de repouso do grupo doméstico nos espaços situados sobre o piso elevado. No entanto, se a privacidade entre os membros do grupo é coisa secundária, a casa apresenta uma clara hierarquia com relação aos visitantes. Da rua, entra-se diretamente no *genkan*, o vestíbulo a partir do qual pode-se acessar o *doma* ou o piso elevado. O visitante pode ser simplesmente recebido no próprio *genkan*, para assuntos muito rápidos, ou no *omote*, que é o *zashiki* mais próximo da rua, ou ainda, no caso de visitas formais, no cômodo onde encontram-se o *tokonoma* e o altar budista. Pode-se, esquematicamente, desenhar a planta do piso térreo da *machiya* como duas longas faixas paralelas, sucessões de espaços cobertos e descobertos: uma, sobre o piso de terra batida, é a seqüência '*genkan*-*doma*-pátio', e a outra, sobre o piso elevado em sua maior parte, é a seqüência '*engawa*-*omote*-*zashiki*-jardim interno-*zashiki*-pátio posterior'. O vaso sanitário e o *ofurô* estavam localizados sobre o piso elevado, nos limites entre o jardim interno e o pátio atrás do *doma*. As mais estreitas destas casas mediam em torno de 7,5 *shaku* (2,27 metros) de largura, e as mais largas, 18 *shaku* (5,45 metros), o



que significa uma largura média de dez ou onze *shaku* (3,03 ou 3,33 metros).[39] Estes dados referem-se a casas urbanas de Nara às vésperas do período Edo, mas, garante o historiador Teiji Itoh, não são muito diferentes das dimensões das *machiya* remanescentes no atual bairro de Naramachi, ou em partes preservadas de Tokyo, Ôsaka e Kyôto. Mas há ainda outros pontos comuns às tipologias de casas da era Meiji apresentadas até aqui.

Primeiro, a designação de um dos *zashiki* como espaço de recepção de visitas importantes, onde situam-se, se existem, alcova, prateleiras, mesa para escrever e portas de papel *fusuma* decoradas com pinturas. Segundo, a estocagem de comida, baixela sazonal ou preciosa, e de peças de mobiliário, assim como de mercadorias, no caso de lojas, feita no *kura*, separado da casa, cujo tamanho e número de andares - usualmente até dois ou tres - atestava a riqueza da família. Outro ponto comum eram as dimensões de todos os elementos do edifício, que baseavam-se nas dimensões do *tatami,* normalizado na segunda metade do século 19 em aproximadamente 1,81 metro por 0,91 metro[40], o que significa que todas as portas de correr e mesmo peças do mobiliário podiam ser facilmente intercambiáveis incluindo as portas dos *oshiire*[41]. O refinamento passou a ser também um ponto comum a estas tipologias com a suspensão das restrições de construção dos Tokugawa, que permitiu que a enriquecida classe dos comerciantes tivesse pleno acesso a habitações luxuosas. Por esta razão, pode-se, freqüentemente, encontrar, também nas *machiya*, uma refinada



39 Itoh, T. **Traditional Domestic Architecture of Japan.** 4th printing. New York/Tokyo: Weatherhill/Heibonsha, 1982. P. 141.

40 Dois principais sistemas de medição – *kiwari* e *tatamiwari* - já haviam sido definidos no período Edo no sentido de permitir à indústria da construção de unir-se ao recém-estabelecido sistema nacional de distribuição de mercadorias. Com uma simples planta baixa, feita apenas de alguns pontos e linhas, carpinteiros eram capazes de cortar previamente todos os componentes estruturais a serem reunidos posteriormente no canteiro, mas também o edifício poderia ser facilmente desmontado e reconstruído em outro lugar. Kawazoe, N., (*op. cit.*, p. 22) observa que "pelo menos até a Segunda Guerra Mundial o sistema *tatamiwari* permitia aos usuários mudar-se de uma casa para outra levando com eles todos os *tatami, fusuma* e *shôji*.[...] [Eles poderiam estar certos de que] os *tatami* e os outros acessórios seriam perfeitamente adaptados em qualquer parte da nova casa".

41 *Oshiire* é o armário embutido tradicional japones, utilizado para guardar o colchão japones *futon* durante o dia.

manipulação do espaço e da luz, o uso cuidadoso de materiais - principalmente madeira, terra e papel -, e elaborados desenhos de *shôji*.

Apesar de as origens da *nagaya* situarem-se em torno do século 10, este se tornou, durante o período Edo, um padrão muito comum para pessoas de baixos rendimentos, como trabalhadores urbanos ou artesãos vivendo nos pátios dos fundos das *machiya*. No entanto, o início da industrialização após a restauração Meiji teve como efeito associado - como, de resto, em tantos países ocidentais - um rápido acréscimo de população nas maiores e recém-industrializadas áreas urbanas. Milhares de *nagaya* foram, então, construídas como unidades agrupadas em longos conjuntos de casas alinhadas às ruas, de maneira geminada. Os arquitetos e pesquisadores Ichiro Suzuki e Scott Gold as descrevem como "prédios de aluguel, de um único piso e construídos de maneira barata, apoiados uns nos outros à maneira de casas em fileira. Em termos de plantas, estas unidades básicas eram compostas por apenas um cômodo dividido em duas zonas: o *dôma*, funcionando como área de entrada, de cozinha e de trabalho e, na parte posterior, uma plataforma elevada coberta com *tatami* usada para convívio, para comer e para dormir. Invariavelmente, duas fileiras de apartamentos faceavam-se uma à outra formando uma passagem muita estreita na qual estavam localizados alguns equipamentos comuns, incluindo sanitários, e, freqüentemente, pequenos altares. Este espaço central, utilizado como um pátio comum por todos os moradores, era um lugar muito animado".[42] As principais diferenças entre a *machiya* e a *nagaya*: seu tamanho - uma *nagaya* é muito menor -, sua propriedade - a *machiya* pertencia aos seus habitantes enquanto que a *nagaya* era alugada ou emprestada pelo patrão -, e as



42 Suzuki, I. e Gold, S., *op. cit.*, pp. 52 e 118.

condições de vida - os habitantes de uma *nagaya* eram forçados ao intercâmbio social em condições quase miseráveis em um ambiente superpovoado, enquanto que em uma *machiya* vivia quase sempre uma família de tres gerações em ambientes, eventualmente, luxuosos. A *nagaya* é, provavelmente, a primeira tipologia de habitação coletiva japonesa, com seus espaços e equipamentos compartilhados, construídos sobre uma antiga idéia de vida coletiva que existia já desde muito antes da restauração Meiji e que não foi definitivamente banida pela constituição de 1890. O modo de vida camponês, que seria, posteriormente, transferido para as novas periferias industriais urbanas, incluía unidades locais de cinco a dez famílias vizinhas lideradas por um chefe ancião, o qual via-se responsável pelo bom comportamento de seus protegidos, mas também deveria reportar quaisquer atos duvidosos ao governo, entregando-lhe todo indivíduo procurado. A antropóloga americana Ruth Benedict, autora do incontornável clássico *The Chrysanthemum and the Sword*[43], observa que "mesmo nos anos 1920, quando o Japão tinha partidos políticos nacionais, o que em qualquer país significa uma alternância de controle entre 'dentros' e 'foras', a administração local permaneceu geralmente intocada por este processo e era dirigida por anciãos agindo pelo conjunto da comunidade."[44]

VENTOS MODERNOS SOBRE AS ILHAS JAPONESAS

A cidade de Ôsaka, essencialmente comerciante durante o período Edo, tornar-se-ia rapidamente o centro do processo de industrialização do país, iniciado na era Meiji. Além da crescente indústria têxtil do algodão, que lhe valeu o apelido de Manchester do Oriente, a cidade também prosperou com indústrias de mercadoria de estilo ocidental em geral, produzindo uma ampla gama de artigos como fósforos, vidro, baixelas de cobre e de ferro esmaltado, peças de cerâmica, brinquedos, roupas de malha, ácido sulfúrico e guarda-chuvas ocidentais.[45] No princípio deste século, Ôsaka já havia desenvolvido, juntamente com Kôbe e seu porto, a maior base exportadora do Japão. Suas fiações e fábricas leves dos

43 Em português, O Crisântemo e a Espada.

44 Benedict, R. The Chrysanthemum and the Sword. Tokyo: Charles E. Tuttle Co., 1954. 48th printing, 1993. p. 82.

45 Tsunoyama, S. The Age of the City. *In:* Cohen, A., Katsuyoshi, F. (org.) Humanising the City? Social Contexts of Urban Life at the Turn of the Millenium. Edimburgh: Edimburgh University Press, 1993. P. 24.

primeiros anos da mecanização deram lugar à indústria pesada e química a partir da Primeira Guerra Mundial. Já nos anos 1920, Ôsaka era o polo industrial mais importante do Japão, e sua produção correspondia a 12% do total nacional.

Contrariamente, Tokyo não tinha nenhuma tradição industrial, salvo algumas fabriquetas, datando até de antes da era Meiji, que trabalhavam com couro, impressão e produção de máquinas.[46] O já mencionado processo de proto-industrialização referia-se basicamente a Ôsaka, e apenas de maneira indireta havia influenciado a vida econômica da capital. Assim, proprietário das principais indústrias - fábricas-modelo produzindo, entre outras coisas, os tijolos, cimento, vidro e aço necessários aos trabalhos de construção da cidade -, o governo transferiu-as a empresários privados procurando estimular o desenvolvimento industrial.[47] Deu certo. Durante a guerra russo-japonesa de 1904, pequenas indústrias surgiram por toda a cidade, oferecendo ao capitalismo nascente a oportunidade de consolidar-se. Já durante a Primeira Guerra Mundial, a área industrial expandiu-se dentro e fora dos limites da cidade, com indústrias maiores instalando-se em vários pontos do tecido urbano e substituindo plantações e terrenos pantanosos.

Tanto quanto em Paris e São Paulo, foram, sobretudo, as perspectivas de trabalho na indústria ou no setor de serviços por ela engendrado que atraíram para Tokyo massas de trabalhadores que deixavam o campo e os pequenos vilarejos. Eram, em sua maioria, antigos pequenos agricultores que, sem meios de pagar os impostos sobre a propriedade rural implantados pelo novo governo, perdiam suas terras em hipotecas ou vendas e iam tentar vida nova nos grandes núcleos urbanos.[48] Bairros residenciais e cortiços surgiram rapidamente em Tokyo, à proximidade das fábricas mas também em Shitamachi, transformando esta tradicional área comercial de Edo em uma área mista de comércio, indústria e habitação.[49] Ao final da década de 1880, havia já em torno de setenta principais cortiços na cidade, entre os quais o de Samegabashi era o mais populoso, com cinco mil

46 Kurasawa, S. (Ed.) **Social Atlas of Tokyo**. Tokyo: University of Tokyo Press, 1986. P. 31.

47 A maioria destes empresários é composta pelos velhos *daimyô* e samurais do período Edo que, indenizados pelo Estado pela destituição de grande parte de seus bens a partir de 1868, ressurgem na cena nacional com os bolsos cheios, investindo não só nas novas indústrias, mas também em ações de bancos, de ferrovias, etc. Nisto, os historiadores franceses Jacques Bouillon e Anne-Marie Sohn enxergam a gênese de um capitalismo genuinamente japones. (Bouillon, J. et al, *op. cit.*, p. 312.)

48 J. Bouillon et al., *op. cit.*, p. 310.

49 Kurasawa, S., *op. cit.*, p. 31.

pessoas vivendo em mil e quatrocentos barracos.[50] Como em outros países, estas habitações eram superpovoadas, faltavam-lhes preocupações básicas com relação à higiene, e consistiam um alvo fácil para o fogo e as epidemias. No entanto, Shun-ichi Watanabe afirma que apresentavam algumas particularidades: "primeiro, os cortiços de Tokyo eram simples estruturas baixas de madeira, fáceis de substituir, tipificando o conceito tradicional de que casas não eram permanentes. Segundo, os cortiços foram, com freqüência, convertidos para usos mais lucrativos, com o preço da terra subindo, ou em funções melhores ou mais seguras após os freqüentes incêndios. (...) Desalojados, os moradores dos cortiços eram forçados a encontrar terrenos mais baratos, criando novos cortiços espalhados por toda a periferia urbana."[51]

Um marco importante na mudança dos modos de vida ocorreu, já em 1872, quando o Imperador e a Imperatriz decidiram comparecer a uma cerimônia oficial vestindo roupas ocidentais importadas da França, e o Conselho de Ministros aproveitou para suprimir as antigas e tradicionalíssimas vestimentas de corte. A adoção do figurino ocidental ganhou primeiramente as classes oficiais, os militares, os intelectuais e a burguesia citadina. Já o modo de vida tradicional dos agricultores e da população pobre da cidade permaneceu quase inalterado em Shitamachi até a Primeira Grande Guerra. Foi apenas durante a era Taishô[52] que traços de modos de vida ocidentais começaram a estabelecer-se definitivamente, ao lado dos tradicionais, inicialmente entre trabalhadores *de colarinho branco*, incluindo mudanças na habitação, nas roupas, na comida e nas opções de lazer. Neste período, uma das mais importantes alterações no quotidiano urbano foi, certamente, a transformação da lâmpada a gás ou a óleo, que iluminava os interiores domésticos, em luz elétrica. Nas novas áreas suburbanas, um certo estilo semi-ocidental de casas tornou-se moda entre os membros da classe média, com um pequeno jardim frontal - novidade no Japão - e um *living-room* cujo piso era coberto por carpete em lugar dos tradicionais *tatami,* também pela primeira vez na história da habitação do povo.[53] Um sucesso tal que, segundo calcula

50 Ishizuka, H., *op. cit.*, pp. 129-130.

51 Watanabe, S., **Metropolitanism...**, *op. cit.*, p. 413.

52 De 1912 a 1926.

53 Tsunoyama, S., *op. cit.*, pp. 24-25.

Jacques Bouillon, 42% da população toquioíta já havia se mudado para estes bairros ocidentalizados, em 1914.[54] Também as companhias ferroviárias, estabelecidas na região de Tokyo nos primeiros anos da era Taishô, começaram a construir conjuntos residenciais ao longo das estradas de ferro visando aumentar o número de usuários de suas linhas. Entre 1914 e 1927, uma dezena de companhias instalaram em Tokyo os primeiros trechos de um sistema de transporte urbano sobre trilhos, considerado, em nossos dias, como um dos mais abrangentes do mundo. A idéia foi, primeiramente, posta em prática perto de Ôsaka, com o projeto Muromachi, na cidade de Ikeda, lançado pela companhia privada *Hankyu Railway Corporation*, em 1910. O projeto localizava casas e lotes em uma espécie de cidade-jardim inglesa em estilo japones, onde casas isoladas eram construídas em lotes individuais murados, contendo um pequeno jardim dentro de seus limites. O projeto do conjunto incluía, ainda, um avançado sistema de esgotos e uma cooperativa de vendas a varejo - provavelmente por conta da grande distância até o centro da cidade -, equipamentos coletivos absolutamente incomuns naquela época. Todos os lotes foram imediatamente vendidos, enquanto várias outras operações do gênero pipocaram em Ôsaka e Tokyo durante as duas ou tres primeiras décadas deste século. Vale, no entanto, notar que, tanto quanto os bairros-jardim da Companhia City, em São Paulo, o que bairros como o elegante *Den-en-Chôfu*, na periferia oeste de Tokyo, tem em comum com os conceitos básicos da cidade-jardim inglesa são apenas o nome e algo de sua forma. Chamam-se cidades-jardim - *den-en-toshi*, em japones -, situam-se fora da malha urbana, em entorno rural ou quase. No entanto,



54 Bouillon, J. et al., *op. cit.*, p. 312

diferentemente de Letchworth, que distava cinqüenta e dois quilômetros do núcleo urbano mais próximo, as cidades-jardim japonesas situavam-se a, no máximo, quinze quilômetros do centro da cidade. Eram destinadas às classes mais altas da população, cansadas de viver em meio ao barulho, a poluição e a alta densidade de ocupação dos bairros tradicionais, e desejosas de desfrutar de ruas arborizadas e jardins. Tampouco possuíam área rural agregada ao projeto, como seu modelo ingles, e suas unidades deveriam ser vendidas, não alugadas como as de Letchworth.[55] As *den-en-toshi* não negavam nem questionavam o ambiente urbano convencional: como suas primas brasileiras, elas simplesmente o utilizavam e, complementando-o, o aceitavam.

A casa japonesa vinha sendo construída há séculos de maneira pré-fabricada, incluindo sofisticados sistemas de coordenação modular cujos equivalentes europeus apenas começariam a ser desenvolvidos no final do século 19. Além disso, essas casas possuíam aplicações da idéia de flexibilidade espacial que iam desde a flexibilidade interna dos espaços - tanto por remoção de divisórias quanto por multi-utilização de cada espaço - até a desmontagem, transporte e remontagem em outro local de partes ou da totalidade da própria casa.[56] E mais: nas cidades japonesas nunca houve bairros de habitação com ambientes tão insalubres, jamais atingidos pelos raios do sol, fonte de grandes epidemias, como na Europa. Ruelas apertadas e lamacentas e favelas como *La Zone*, na Paris do século 19, ou *Mietskasernen* superpovoadas e densamente agrupadas como as da Berlim oitocentista recém-industrializada, dificilmente seriam encontradas no Japão. Até o modulor, base do trabalho de Le Corbusier, encontrava algum correlato com o secular *tatamiwari*, já que ambos se dispunham a reger o dimensionamento da edificação partindo das medidas do corpo humano. Com a diferença, nada desprezível, diga-se, que o sistema japones já se encontrava implantado em todo o país. Por quê, então, o japones comum aceitaria mudar-se para edifícios apertados de concreto, abandonando a amplidão sugerida pelas possibilidades de uso das flexíveis casas tradicionais de madeira, papel e terra crua? Com

55 Watanabe, S. The Japanese garden-city. *In:* Ward, S. (Ed.) The garden-city. Past, present and future. Oxford: E&FNSon, 1992.

56 A título de ilustração: da antiga capital imperial, em Nara, não restam, na atual cidade de Nara, edifícios públicos, palácios ou residências de notáveis, simplesmente porque, com a mudança da capital do império para a vizinha Kyôto, todos estes edifícios foram desmontados e remontados em suas novas implantações.

certeza, uma das razões seria a assimilação dos sub-produtos da industrialização - em fim de contas, seus símbolos mais evidentes - que toda sociedade Moderna parecia dever conter: roupas, comidas, diversões, meios de transporte, arquitetura, habitação inclusive, etc. Outra, a necessidade de fazer face ao aumento repentino e acentuado de população nas maiores cidades do país, utilizando o conhecimento tradicional da pré-fabricação e a disciplina no trabalho para a produção seriada de unidades habitacionais coletivas. E, provavelmente, ainda, a associação entre Modernismo e Democracia, apontada por Ichiro Suzuki e Scott Gold, feita àquela época pelos movimentos sociais e políticos, o que incluía o desejo de liberação das tarefas domésticas quotidianas e, conseqüentemente, o redesenho do espaço de morar.[57]

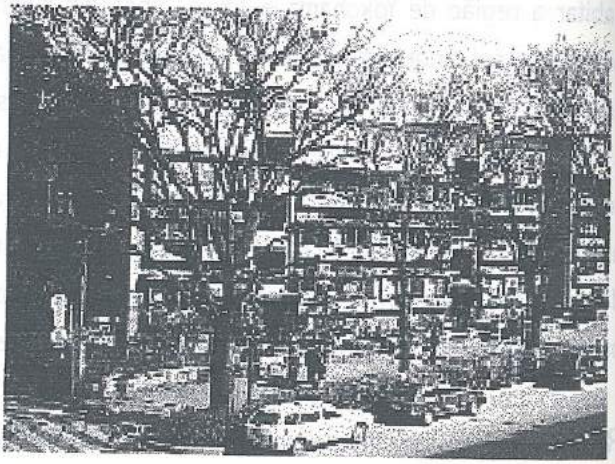
Todo mundo sabe que criar clientes potenciais, como fez, por exemplo, a *Hankyu Railway Corporation* ao lançar sua cidade-jardim em Ikeda, constitui uma das regras mais elementares da expansão capitalista. Esta tarefa viu-se incrivelmente facilitada com o nascimento dos meios de comunicação de massa - inicialmente jornais, revistas, emissões de rádio e cinema - que propagaram ao redor do mundo a nova maneira Moderna e ocidental de viver. O primeiro jornal japones, o *Japan Herald*, foi criado por e para os estrangeiros que vieram habitar a região de Yokohama e Tokyo, ainda em meados do século 19. Aliás, mesmo o primeiro jornal dirigido a japoneses, o *Kaigai Shinbun*, inaugurado em 1865, foi iniciativa do americano Joseph Hiko. De vida curta - apenas vinte e seis números chegaram a circular - , o *Kaigai* prefigura o primeiro grande diário japones, o *Yokohama Mainichi Shinbun*, que começou a circular em 1870, veiculando, em japones, as primeiras informações sobre os acontecimentos internacionais.[58] Cinemas - um dos principais determinantes de costumes da vida urbana moderna - surgiram em torno do ano de 1925, ao mesmo tempo que os programas de rádio e o lançamento da revista de *mass entertainment, The King.*

Reconhecido como a maior autoridade viva em Habitação Coletiva Moderna japonesa, o

57 Suzuki, I., Gold, S. , *op. cit.*, pp. 52 e 119.

58 Shimizu, C., *op. cit.*, p. 63.

Professor Shigebumi Suzuki, da *Kôbe Design University*, afirma que edifícios de habitação coletiva apareceram no Japão já na virada do século 20, mas eram ainda muito raros e pertenciam a dois tipos principais: os de propriedade privada, abrigando artistas e intelectuais, e os subsidiados pelo poder público, para famílias de baixa renda.[59] Em todo caso, os primeiros edifícios modernos de apartamentos - leia-se 'multipisos com estrutura de concreto' - terão sido, provavelmente, os do complexo para empregados da indústria de carvão Mitsubishi, construídos, em 1916, na pequena ilha de Gunkanjima, a oeste de Kyûshû.[60] A consolidação da habitação coletiva Moderna no Japão, como entende-se hoje este conceito, teve que esperar a década seguinte e o programa de reconstrução de Tokyo e Yokohama, arrasadas pelo Grande Terremoto de 1923. A Dôjunkai, uma companhia de capital misto, passou a projetar conjuntos de habitação coletiva, descritos por Suzuki e Gold como "típicas estruturas de concreto armado de tres andares, construídas ao redor de um jardim comum, com *playground*, sala de jogos, pequenas lojas e um espaço coletivo de banhos, de acordo com a tradição japonesa. [...] Os dispositivos para sobrevivência em caso de terremoto e de prevenção contra fogo eram claros. As plantas das unidades eram plantas tradicionais japonesas, mas os equipamentos eram ocidentais e Modernos."[61] Estes conjuntos tinham, é evidente, alguma filiação com as chamadas Vilas Operárias européias do final do século passado, baseadas nas idéias defendidas por Fourier e outros reformadores sociais. É verdade que não estavam atrelados a qualquer unidade produtiva, como no caso do Familistério de Guise, e que se situavam em zonas centrais da cidade. Estas peculiaridades



59 Entrevista a M. Tramontano, em 15 de junho de 1994, na Kôbe Design University, Kôbe.

60 Este complexo foi abandonado há pouco mais de vinte anos, por causa da recessão no mercado do carvão, e encontra-se hoje em ruínas.

61 Suzuki, I., Gold, S., *op. cit.*, p. 118.

retiravam de seu programa ítens como creches para os filhos das trabalhadoras[62] e comércios, mas mantinham, nos conjuntos maiores, um centro comunitário e, mais tarde, às vezes até um ônibus. Cada habitação era equipada com uma pequena cozinha particular, ainda que grandes conjuntos também possuíssem uma cozinha central. A capacidade dos conjuntos variava, mas, em geral, eram pensados para, no mínimo, cinqüenta famílias e, no máximo, para duzentas. O uso coletivo dos diversos equipamentos baseava-se, como para os habitantes das *nagaya*, em uma idéia de vida coletiva profundamente enraizada no espírito do povo japones, e especialmente viva até a Segunda Guerra Mundial.[63] Como diz o historiador Bouillon, mesmo a partir da modernização decretada pela Restauração Meiji, a nação japonesa é uma grande família unida em torno do Imperador e das tradições.[64] Além disso, a verticalização dos conjuntos Dôjunkai expressava outro ponto importante da arquitetura Moderna ocidental até então desconhecido no Extremo-Oriente: o aumento de densidade populacional em uma área urbana limitada, através da verticalização da habitação. Tradicionalmente, reservava-se a arquitetura verticalizada a apenas alguns elementos de templos e santuários, com a conseqüência de se produzir, ao mesmo tempo, um padrão urbano típico de extensas áreas densamente construídas, recobertas por construções baixas.



Também tradicionalmente, as áreas verdes das cidades japonesas limitavam-se às margens dos rios, ao recinto murado de templos e santuários,[65] e às luxuosas residências particulares, já que até as alamedas plantadas - segundo o modelo hausmanniano dos *Grands Boulevards* - somente começariam a ser abertas durante a era Meiji,

62 Na tradição japonesa, a mãe é responsável direta pela educação dos filhos pequenos, chegando a carregá-lo nas costas durante horas enquanto trabalha, para cumprir seu papel.

63 Shigebumi Suzuki, em entrevista de 15 de junho de 1994, já citada.

64 Bouillon, J., et al., *op. cit.*, p. 312.

65 A área dos templos e santuários era, apesar de murada, plenamente franqueada ao público. Marc Treib nota que tais áreas "freqüentemente aceitavam usos sociais, como brincadeiras infantís barulhentas, que estariam fora de questão nos pátios das igrejas ocidentais". Este quadro permanece inalterado até hoje. (Treib, M., *op. cit.*, p. 116).

como um elemento urbano importado. Viver em um conjunto Dôjunkai era viver em um grande parque situado em áreas centrais de Tokyo, como Shibuya e Aoyama, privilégio absolutamente novo para os habitantes metropolitanos de então e, até hoje, raríssimo e absurdamente caro.

Quando do falecimento do Imperador Mutsuhito, em 1912, e do conseqüente fim da era Meiji, por ele fundada, o Japão já havia se tornado um estado moderno com sólida base industrial e um sistema de governo altamente centralizado. O país era a mais poderosa potência militar de toda a Ásia, e o crescimento do Produto Nacional Bruto, entre 1916 e 1920, em média anual de 6,8%, atestava sobre a boa saúde da economia. Em 1914, o arquipélago já é entrecortado por dez mil quilômetros de trilhos, além de possuir várias companhias marítimas, indústrias siderúrgicas e estaleiros.[66] É verdade que, por um lado, o baixo preço dos seus produtos industrializados garante-lhes lugar nos mercados asiáticos, ainda que, por outro, o país continue importando algumas matérias-primas e arroz. Mas há um consenso entre as nações dos dois hemisférios de que agora o Império do Sol Nascente tornou-se uma potência industrial e militar, com quem é necessário tratar, no mínimo, em condições de igualdade.

Das camadas populares emerge um trabalhador pouco qualificado do setor industrial e do de serviços, acrescentando duas novas classes no panorama social toquioíta: o operário fabril e o chamado 'trabalhador de colarinho branco'. O número dos primeiros, que era de 100 mil, em 1914, pulou para 178 mil apenas cinco anos mais tarde.[67] Vivendo, principalmente, em cortiços, quartos e pensões na vizinhança das fábricas, os operários foram gradativamente identificando-se com o discurso socialista, proveniente das nações industriais do Ocidente e introduzido em todo o Japão já nos últimos anos da era Meiji, e participam de manifestações e rebeliões juntamente com a parcela da população situada, como eles, na base da pirâmide social. Já os 'trabalhadores de colarinho-branco', empregados nos escritórios, perfaziam,

66 Bouillon, J. et al, *op. cit.*, p. 312.

67 Watanabe, S., Metropolitanism..., *op. cit.*, p. 415.

segundo o primeiro Censo Nacional, de 1920, 15% do total da população de Tokyo. Ironicamente conhecidos como os *yôfuku saimin* - 'os pobres bem-vestidos', por causa de seus salários modestos -, estes trabalhadores foram viver em pequenas casas alugadas nos novos bairros periféricos da cidade, o que permite imaginar a enorme quantidade de casas construídas alí em curto período de tempo. Projetos de urbanização, muito comuns no Japão daquele tempo, assinados pelos técnicos do governo, foram responsáveis pela reprodução extensiva da trama ortogonal sobre a qual assenta-se, até hoje, toda a periferia de Tokyo e, de resto, tantas cidades japonesas, em que ruas estreitas circundam quadras alongadas. Já as casas nelas construídas são fruto do trabalho intenso dos especuladores. Osamu Nakasuji, arquiteto e estudioso da história da Habitação, descreve-as como casas, em geral, geminadas e no alinhamento da rua, com um ou dois andares, e planta situando-se intermediariamente entre os tipos *nagaya* e *machiya*.[68] Seus materiais, como, aliás, os da imensa maioria das casas japonesas até a Segunda Guerra Mundial, continuarão sendo os mesmos de desde há muitos séculos: madeira, terra, bambu e papel.

No verão de 1918, rebeliões em larga escala desencadeadas pela pesada alta dos preços do arroz espalharam-se rapidamente a muitas diferentes cidades do país.[69] As duras condições de trabalho na indústria fortaleceram os movimentos trabalhistas, encorajados por diversos tipos de ideologias recém-introduzidas no país, incluindo o Marxismo inspirado pela Revolução Russa de 1917. O novo governo de 1918, formado por líderes do partido dominante em oposição aos burocratas do governo precedente, encorajou as atividades econômicas e esboçou um vasto plano para o desenvolvimento de estradas e de linhas de trem em todo o país. Só não conseguiu criar uma situação política estável, e esta fragilidade ficou ainda mais evidente no momento da grande crise internacional iniciada em 1929, o que acabou abrindo espaço para um nacionalismo extremo. A expansão militar sobre os demais países asiáticos foi o principal objetivo dos militares que governaram o país durante a década de 30. Manchúria em 1932, China em 1937 e a Indochina Francesa em 1939 foram

68 Nakasuji, Osamu, em entrevista a M. Tramontano em 27 de julho de 1994, em seu escritório, em Ôsaka.

69 Depois da Revolta do Arroz – como ficou conhecida –, em 1918, experimentou-se, enfrentando-se muita resistência, introduzir o pão nas refeições do cidadão comum como alternativa à refeição tradicional japonesa, composta basicamente de arroz, peixe e sopa de *misô*. Melhor sorte teve a inclusão do uso da carne – caríssima – também por influências ocidentais, em pratos que começaram a ganhar popularidade por conseguirem satisfazer o apetite com pequenas quantidades de carne. (Ver Tsunoyama, S., *op. cit.*, p. 25) Adaptados, portanto, ao gosto e ao bolso dos japoneses, o *karê-raisu* (*curry* com arroz), os *kuroke* (croquetes), os *tonkatsu* (costeletas de porco empanadas), etc, são, ainda hoje, pratos extremamente populares no país.

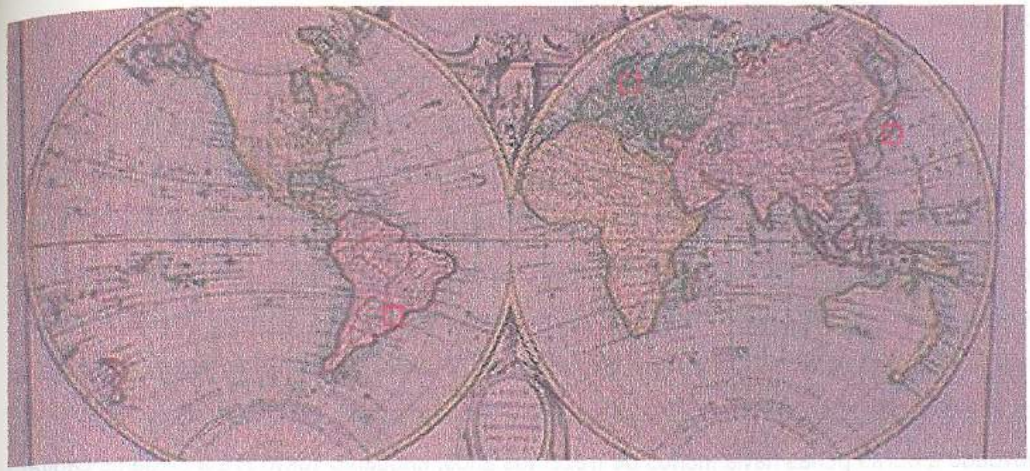
etapas rumo a este objetivo, similarmente às ações, na Europa, da Alemanha e da Itália, os aliados internacionais do país.

Neste clima de tensões e incertezas, as idéias do Movimento Moderno europeu ganhavam mais e mais espaço. Chegavam na bagagem de arquitetos ocidentais em visita ao país mas também, inversamente, na de arquitetos japoneses voltando de viagens à Europa e aos Estados Unidos, ou nas páginas de livros e revistas de arquitetura importados do ocidente. Desde a era Meiji, jovens arquitetos locais costumavam estagiar em escritórios europeus e norte-americanos, voltando para ensinar nas recém-criadas escolas de Arquitetura ou para iniciar suas atividades profissionais em escritórios próprios. O 'estilo Moderno' - porque assim era considerado - reservava-se, principalmente, a edifícios de uso público: prefeituras, hospitais, bancos, escritórios, universidades, além de um pequeníssimo número de casas unifamíliares, contrariamente ao caso europeu onde habitações e edifícios industriais dominaram a produção Modernista inicial. A reversão deste processo vai ocorrer durante a Guerra, quando previsíveis posições nacionalistas contribuirão para disseminar entre os arquitetos e a população em geral uma especial preferência pelo 'estilo japones' em arquitetura.

Diferentemente de São Paulo, e apesar de haver-se mantido isolado do resto do mundo durante séculos, o Japão reúne, no final da era Meiji, quase todos os pressupostos necessários à assimilação do modelo Moderno de habitação tal qual enunciado por arquitetos europeus nas primeiras décadas do nosso século. Sobre o início do processo de industrialização do país, datando de antes da abertura dos portos em 1854, incluídas aí a capacidade de organização e a disciplina da população, apóia-se o rápido desenvolvimento da indústria após a Restauração, que produziu os componentes necessários para a realização daquela arquitetura importada, utilizando-se de técnicas construtivas até então praticamente desconhecidas naquelas paragens. Por outro lado, as sucessivas catástrofes, como incêndios

e terremotos, acostumaram a população à tarefa de construir casas com componentes pré-fabricados e montados com rapidez no canteiro de obras, com rigorosas exigências de qualidade em relação à execução. Um verdadeiro sonho para arquitetos como Gropius e Ernst May. Finalmente, a possibilidade de não-aceitação de casas com estruturas leves e independentes pela população, que constituía uma das grandes dores de cabeça dos arquitetos Modernos em cidades como Paris e São Paulo, não era, em Tokyo, nem mesmo aventada, dada a tradição arquitetônica local.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, o cenário diante do qual se discutia o tema da Habitação havia se alterado fundamentalmente em todo o mundo ocidentalizado. Considerado, alguns séculos atrás, parte do espaço público ou, em todo caso, um de seus prolongamentos, o espaço doméstico é, agora, após transformações decorrentes de ideologias humanistas, atitudes políticas, reivindicações sociais, interesses econômicos e avanços técnicos originados - ou acentuados - a partir da industrialização de diversos países do mundo, um território privado por excelência, em oposição à esfera pública, já mais claramente definida. É um momento em que habitação e modos de vida são, em São Paulo, Paris ou Tokyo, sub-produtos da expansão capitalista orquestrada pela Inglaterra, alimentada, em seguida, pelos países europeus mais industrializados, e, por fim, liderada pelos Estados Unidos. Sobre as mudanças ocorridas nas esferas da moradia e da cidade, sujeitas, em grande parte, aos ventos das relações internacionais que sopraram nestas tres regiões do planeta, alguns pontos principais devem ser enfatizados.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Certas recorrências ilustram a tremenda amplitude desta ofensiva capitalista que buscava abrir, o mais rápido possível e em todo o mundo, novos mercados para seus produtos. Por exemplo, seria pertinente traçar-se um paralelo entre a história de Tokyo e a de São Paulo no momento em que ambas adotam o modelo europeu de modernidade, que se define e se viabiliza através da produção mecanizada e do consumo de bens industrializados. Apesar de imensas diferenças históricas e da própria realidade urbana e cultural de cada uma destas cidades em meados do século 19 - São Paulo era um vilarejo poeirento em um planalto selvagem do Novo Mundo, povoado a duras penas havia menos de trezentos anos, enquanto Tokyo era a elegante capital política imperial de uma civilização cujas origens remontam a 8000 a.C. - há uma coincidência de datas na implantação das inovações técnicas e econômicas provenientes da Europa, bem como na alteração dos seus padrões demográficos, na eclosão dos problemas sociais conseqüentes e na reestruturação do seu tecido urbano. Na mesma época, Paris, um dos centros difusores da chamada cultura ocidental, conhecerá as mesmas transformações profundas decorrentes da industrialização do país e de acordos comerciais com a Inglaterra que, como se viu, tendiam a favorecer os britânicos, significando, na prática, que a França via-se, neste momento, também incluída, mais ou menos a contra-gosto, na nova ordem mundial capitalista desenhada além-Mancha.



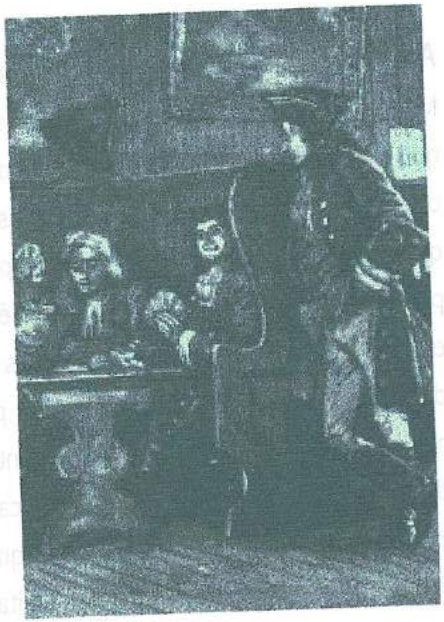
As relações entre Brasil, França e Japão são, entre o final do século 19 e o começo do século 20, bastante assimétricas. Para os parisienses, o Japão é um mundo misterioso recém-recuperado, do qual, há séculos, só

1 Um dos cafés – estabelecimentos comerciais – mais famosos de São Paulo, na época, chamava-se Java (Cf. Homem, M. C. N., *op. cit.*, p. 57), fazendo alusão, como era hábito em seus congêneres parisienses e londrinos, à colônia holandesa no sudeste asiático, tradicional produtora do grão. Trata-se de um detalhe, é verdade, mas que contribui para que se construa uma visão mais nítida do grau de assimilação dos novos modos de vida europeus pelos paulistanos: juntamente com o hábito de usar estes locais como espaços de sociabilidade, importou-se também, ironicamente, a visão européia de que o bom café, ou, em todo caso, aquele capaz de constituir um bom apelo comercial, era o produzido no sudeste asiático.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

se ouvia falar através dos relatos dos holandeses, e de onde chegam, agora, mercadorias refinadas, como a seda, os chás e as cerâmicas, e obras de arte como gravuras, trabalhos de caligrafia, leques e paraventos. Estes produtos relançam o japonismo, moda na elite européia no século 18, agora reexecutado em grande fanfarra com a reabertura do país ao exterior. A nova moda dissemina-se rapidamente entre os mais ricos e os intelectuais, influenciando claramente as artes plásticas. Já o Brasil é uma das longínquas colônias agrícolas de um pequeno e pouco expressivo país europeu - Portugal -, cuja capital, Lisboa, situa-se em posição absolutamente periférica ao eixo de industrialização que se estende de Londres a Berlim, passando por Paris e Bruxelas. O Brasil é apenas um entre os vários fornecedores do café servido em estabelecimentos onde se reúne a burguesia parisiense, e que constitui, visivelmente, apenas um detalhe nos modos de vida locais da época. Melhor situando a presença brasileira na Belle Epoque francesa, é bom lembrar que o cafezinho tampouco foi o único produto vendido nos cafés, e que o Brasil estava longe de ser o seu único produtor.[1]

Em Tokyo, os produtos europeus representam o que havia de Moderno, consumidos tanto por uma elite ansiosa por ser vista de igual para igual por seus pares dos demais países industriais, como pelas classes populares, que contentavam-se, sem outra escolha, com produtos mais baratos.[2] Difícil, no entanto, é encontrar registros sobre relações comerciais e culturais entre Brasil e Japão no século passado, ou referências ao Brasil em escritos japoneses do século 19, ou mesmo indicações sobre um possível consumo, por essa época, de café brasileiro no arquipélago. Parece que o Brasil apenas torna-se visível dentro do universo nipônico a partir dos anos 1890, quando



2 Fósforos, sabão, baixelas de vidro, roupas de algodão de alta qualidade, flanela, guarda-chuvas ocidentais, relógios e bicicletas eram "os objetos da civilização ocidental à venda à gente pobre da Ásia", segundo Sakae Tsunoyama, que vê aí a mesma atitude ufanista em relação ao Ocidente das classes dominantes de "países subdesenvolvidos como Argentina, Chile e Brasil" que consideravam as estradas de ferro um grande símbolo da civilização material.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

navios deixarão os portos de Kôbe e Yokohama abarrotados de famílias empobrecidas que virão tentar a sorte no trópico úmido. Brasil e Eldorado parecem ser, nos dicionários japoneses da época, termos sinônimos.

O mundo visto de São Paulo oferece, neste momento, uma visão parecida com a que se teria de qualquer ponto situado fora do eixo industrializado do planeta: a Europa e os Estados Unidos, origem e destino das principais linhas marítimas, são o centro desenvolvido do mundo, modelo e imagem futura do que todos os outros povos, reduzidos ao exotismo da produção agrícola e, no máximo, artesanal, almejam ser - ou, no discurso de todas as elites -, deveriam almejar. Por estes critérios, apesar da burguesia local ser afeita ao uso de uns poucos produtos japoneses, que lhe conferiam um certo grau de distinção, como, por exemplo, a seda, Paris é tida pelos paulistanos da virada do século, como se sabe, como uma espécie de Meca da modernidade, enquanto Tokyo, em uma recíproca verdadeira, parece encaixar-se melhor no papel de fornecedora de mão-de-obra para os cafezais do interior.

A relação entre habitação, modos de vida e interesses econômicos coloca-se, nas tres áreas, de forma inequívoca. É preciso lembrar que o apartamento burgues parisiense e o *hôtel particulier*, que passam a ser referência para o desenho de espaços domésticos em todo o mundo ocidentalizado, são edificações construídas com uma ampla gama de componentes industrializados que os países industriais europeus, principalmente Inglaterra, França e Alemanha, estavam ávidos por vender. Diga-se de passagem que, além do edifício, a casa européia deveria conter móveis e equipamentos que, por enquanto, apenas europeus e norte-americanos achavam-se em medida de produzir. Provavelmente, em toda a porção do mundo que se viu incluída, sob maior ou menor pressão, no grande mercado inventado pela Grã-Bretanha para estimular a disseminação do capitalismo, poderá ser encontrada a casa tripartida com cômodos estanques, mais ou menos viesada por hábitos locais, mobiliada e equipada à moda européia, cujo programa inclui funções inicialmente estranhas à cultura local, feita para abrigar uma família nuclear que procura fazer

3 Durand, J. C., Arte, privilégio e distinção, *op. cit.*, p. 76.

4 Apenas para que se perceba a reviravolta ocorrida no campo das comunicações à distância internacionais e inter ou intraurbanas nesta virada de século: a partir de 1884, é possível, nos Estados Unidos, fazerem-se chamadas telefônicas à distância; o telefone, inventado em 1876 por Graham Bell, terá sua versão em cabines públicas a partir de 1888, e será automatizado em 1892. Os irmãos Lumière constróem uma câmera portátil de filmagem em 1895, ano em que os parisienses assistirão à primeira sessão de cinema da História. A câmera será motorizada em 1912, e, dez anos mais tarde, o primeiro documentário será exibido nas telas norte-americanas, ampliadas pelos franceses em 1925. O telégrafo sem fio será inventado por Marconi em 1894, que enviará, sete anos

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

seus os modos de vida europeus, e que expressa, portanto, a necessidade de consumir produtos exportados pelos países industriais.

Não só da circulação de produtos industrializados vive a expansão capitalista, mas também da circulação de pessoas e de idéias. Já nas últimas décadas do século 19, linhas marítimas dispondo de navios confortáveis, e que permitem o transporte de mercadorias perecíveis, interligam portos modernos em diferentes partes do mundo. O aumento da mobilidade de pessoas, sobretudo a partir do final da Primeira Guerra Mundial, quando, como assinala Durand,[3] também os menos ricos passarão a viajar mais, favorecerá, principalmente, a circulação de idéias. Além disso, a comunicação de massa e à distância - esta inaugurada pela instalação de cabos interligando, já em 1865, Europa e Estados Unidos - consolida-se como elemento agregador da população, seja a nível planetário, seja na escala urbana, seja no âmbito doméstico, onde a cena da família reunida em torno do grande rádio, na sala de jantar, depois da última refeição do dia, será recorrente em diversas partes do mundo.[4] São Paulo, Paris e Tokyo dispõem de jornais locais, mas regras dos modos de vida modernos também serão veiculadas por almanaques, revistas femininas - como o *l'Illustration Française* - manuais de bem-viver e revistas de construção - como a *L'Esprit Nouveau*, de Le Corbusier - que circularão por todo o mundo ocidentalizado.

depois, sinais de rádio por sobre o Atlântico. O equipamento será aperfeiçoado por DeForest, que iniciará a emissão de músicas em 1907, e, dali a dois anos, uma conversa será transmitida *via* rádio pela primeira vez: diga-se de passagem, trata-se de uma discussão sobre o voto feminino. Japão e Estados Unidos interligam-se por serviço de rádio em 1915. A década de 1930 conhecerá a *Golden Age* do rádio, quando a metade dos lares norte-americanos já possui um aparelho receptor. O desenvolvimento dos jornais escritos data do início do século 19 – o *The Times* é rodado em Londres em 1814 –, e sua distribuição viu-se enormemente auxiliada pela implantação de estradas de ferro e de linhas marítimas, que viabilizaram e consolidaram o serviço postal universal. (Todos os dados extraídos de Fang, I., Ross, K. Media History Timeline. 1995-96. Internet: http://www.mediahistory.com/time)

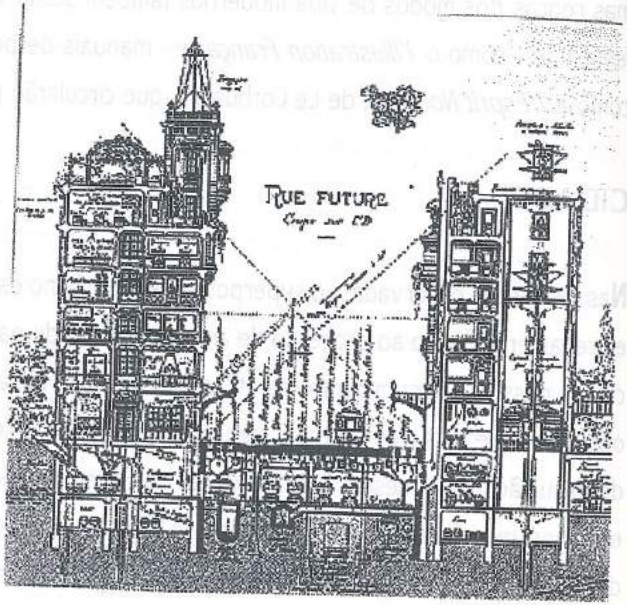
CIDADE

Nas tres áreas observadas, o superpovoamento urbano está, a partir de meados do século 19, estreitamente ligado ao processo de industrialização do país. Por um lado, é verdade, porque a cidade passou a ser um centro de atração de mão-de-obra, necessária às novas indústrias. Por outro, porque, nos tres casos, o campo também tornou-se, de diferentes formas, um território de expulsão desta mesma mão-de-obra. No Brasil, a mão-de-obra rural era formada ou por escravos, que, libertos durante o processo de industrialização, dirigiram-se às cidades em busca de trabalho, ou por imigrantes estrangeiros, que aguardavam com impaciência o final dos contratos

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit
www.foxitsoftware.com/shopping

desvantajosos que tinham sido levados a assinar, para mudar-se para a cidade e iniciar uma vida pretensamente melhor. No Japão, a situação é completamente distinta mas o resultado final é o mesmo. Os agricultores, que pagavam tributos em víveres aos samurais - supostos senhores da terra - até a Restauração Meiji, serão elevados à condição de proprietários e passarão a pagar imposto ao Estado, agora em dinheiro. É a obrigatoriedade de pagar este imposto que vai arruiná-los: após endividarem-se e hipotecarem - e, em muitos casos, perderem - suas terras, os camponeses dirigem-se às cidades para oferecerem-se como operários à porta das fábricas. No caso francês, além das péssimas condições de vida no campo, a nova legislação sobre a atividade agrícola estabeleceu, à semelhança do Japão, taxas que os camponeses deveriam pagar ao Estado em dinheiro, e não mais em víveres ou animais, com conseqüências semelhantes. Além destas razões locais, uma mecanização generalizada e crescente do trabalho no campo substituiu cada vez mais a mão-de-obra humana.

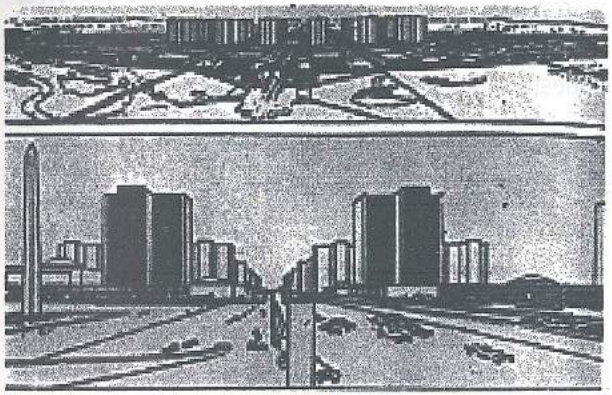
Na setorização do território urbano ver-se-á rebater-se clarissimamente a estratificação da população em diferentes classes sociais durante o processo de industrialização: pobres e ricos, que, antes disso, moravam na mesma rua, freqüentando os mesmos locais públicos e passando cotidianamente pelas mesmas ruas, vão, agora, habitar bairros distintos e, em geral, distantes uns dos outros. Em Paris e em São Paulo, este cenário é uma recorrência, com a curiosa diferença que, no caso de São Paulo, os ricos preferem deixar o centro para irem



Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

instalar-se nos novos bairros periféricos, situados nas terras de antigas chácaras. Já em Paris, são os pobres que, forçados a ceder a cidade aos ricos, irão viver nos novos bairros extra-muros.[5] Tokyo é, como se diz, a exceção que confirma a regra. A antiga Edo já havia sido construída, no longínquo ano de 1590, para abrigar uma sociedade de castas que, de acordo com o código de leis dos Tokugawa, sabiam exatamente qual era a parte da cidade onde cada uma deveria construir sua casa, tendo, invariavelmente, seus iguais como vizinhos. No entanto, apesar de ainda não se tratar de uma cidade capitalista, o caso de Edo exemplifica, à perfeição, justamente por essa setorização extrema, o rebatimento que diferenças de classes podem determinar no espaço urbano.

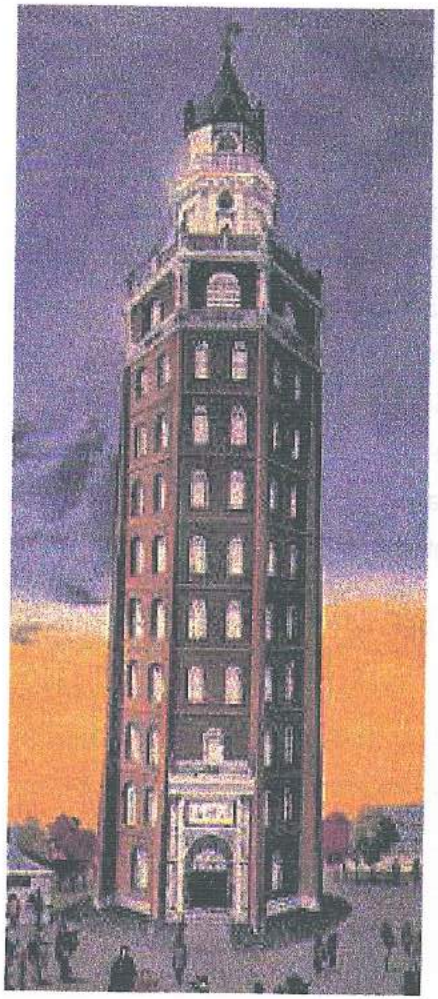
Outro ponto, já assinalado, da conformação da cidade industrial a partir dos exemplos de Paris, São Paulo e Tokyo é a questão da verticalização dos edifícios, particularmente os destinados à habitação. Falar em cidade moderna equivale, na virada do século, a mencionar os Estados Unidos, cujas grandes cidades mostram-se ao mundo como a vitrine da vitória capitalista norte-americana fundamentada no desenvolvimento industrial. Substituindo os *boulevards* arborizados da Paris de Napoléon III, um novo modelo urbano compõe-se, sobretudo após a Primeira Grande Guerra, de imagens emprestadas do quotidiano de cidades como Chicago e New York: altos edifícios margeiam eixos de circulação pública de diferentes níveis. Sua implantação em Paris é controlada, como em Londres, por uma legislação rigorosa que limita a altura das edificações, e que manterá praticamente intacto o gabarito definido por Haussmann e sua equipe até os nossos dias. Não faltou quem tentasse alterá-lo. Basta ver as imagens propostas por Perret para sua *Avenue des Maisons-Tours*, de



5 A razão mais provável parece ser a de que, em Paris, a região central foi objeto de grande reestruturação urbana visando a fixação das residências burguesas. Em São Paulo, encorajou-se a instalação de escritórios na área central, e os grandes canteiros de abertura de novas e elegantes ruas situavam-se na periferia. Uma diferença importante deve ser, contudo, notada: em Paris, as despesas com a reurbanização saíam dos cofres públicos, enquanto que, em São Paulo, eram os investidores privados que pagavam a conta inicial e que também ficavam com os lucros finais.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

1922, que propunha a construção, em plena Paris, de uma longa avenida ladeada por torres de habitação, como nem a América conheceria. As bases teóricas de tal proposta já haviam sido enunciadas pelo próprio Perret dois anos antes, quando, em entrevista ao jornal *L'Intransigeant*, falava de torres ao longo de avenidas de duzentos e cinqüenta metros de largura, interligadas por passarelas, "para que os habitantes do sexagésimo andar possam comunicar-se com os edifícios vizinhos sem descer muito baixo, nem voltar a subir muito alto." A referência principal do arquiteto continuava sendo New York, o que parecia implícito no título da entrevista: "O que eu aprendi a propósito das cidades de amanhã é que dever-se-ia construí-las em países novos".[6] Le Corbusier parte das idéias de Perret para construir sua hipótese de Cidade Contemporânea para Tres Milhões de Habitantes, de 1922, e sua proposta do *Plan Voisin* para Paris, de 1925, e não concorda em chamar de torre estes edifícios tão altos, com planta cruciforme como os propostos por Perret: "arranha-céu é um nome medonho", diz o arquiteto, referindo-se, obviamente, à expressão norte-americana *sky-scraper*, "mas tem um sentido mais exato que torre. Torre é pequeno em nosso espírito" e "modifica a questão original."[7]



No Japão, os prédios na ilhota de Gunkanjima foram o primeiro exemplo de habitação coletiva verticalizada, construídos em 1916 com vários andares, apesar de situarem-se em um contexto absolutamente não-metropolitano. Isso no que se refere ao uso residencial.

6 Perret, A. Ce que j'ai appris à propos des villes de demain, c'est qu'il faudrait les construire dans des pays neufs. *In:* L'Intransigeant. Paris, 25 de novembro de 1920. P. 4.

7 Corbusier, Le Dates. *In:* Almanach d'Architecture Moderne. Paris: G. Crès & Cie., 1925. P. 186.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

No entanto, o país teria conhecido a idéia de torre habitada, um pouco antes, em 1883, com a construção do primeiro *ryounkaku*[8] no apinhado bairro de Asakusa, onde se concentravam opções populares de diversão. Projetada por japoneses sob a orientação de um ingles e conhecida como os Doze Andares de Asakusa, a torre erguia suas paredes de tijolo sobre uma base octogonal, e continha o primeiro elevador do Japão, importado dos Estados Unidos, conforme conta Jilly Traganou, pesquisadora nas Universidades de Westminster e de Kyôto.[9] Para que se possa entender melhor como a população percebia este novo marco na paisagem de Tokyo, vale a pena ler as poéticas palavras do escritor Mantaro Kubota. Ele se lembra que, "em dias passados, um estranho objeto, conhecido como os Doze Andares, erigiu-se sobre Asakusa. De qualquer lugar que você olhasse, lá estava aquela imensa e pesada pilha de tijolos vermelhos. Do telhado de toda casa, da prancha de lavar roupas, da mais estreita janela do segundo andar, lá estava ela, esperando por você. (...) "Olhe, os Doze Andares"... As palavras vinham carregadas de prazer, o prazer de encontrar Asakusa... E de novo como parecia pesada, em guias ilustrados, em impressos da Capital do Leste. (...) Sempre que meus olhos se elevam perseguindo uma libélula indecisa ou um balão errante, lá está ela, os Doze Andares, turva na névoa."[10] A exemplo das grandes e refinadas lojas de departamentos norte-americanas, em sete dos Doze Andares havia lojas com louças de várias partes do mundo; nos andares mais altos organizavam-se exposições de arte, ou então uma *lounge* com cadeiras para contemplar a paisagem, ou ainda telescópios aos quais a cidade se oferecia como espetáculo. Além da torre de Asakusa, os edifícios de tijolos de Ginza - *Ginza Renga-gai Kenkaku* - também eram tidos como sinais de americanização por alguns, apesar de terem na *Regent Street*, em Londres, sua principal referência. O frances Pierre Loti diria que eles guardavam "uma feiúra americana" e a norte-americana Isabella Bird descreveu Tokyo mais parecida com a periferia de Chicago do que com uma cidade oriental.[11]

A paisagem paulistana do final da década de 1920 vai alterar-se bastante com a construção de edifícios mais altos do que o padrão usual até então, entre os quais merecem destaque o Hotel

8 Literalmente, em portugues, arranha-nuvem.

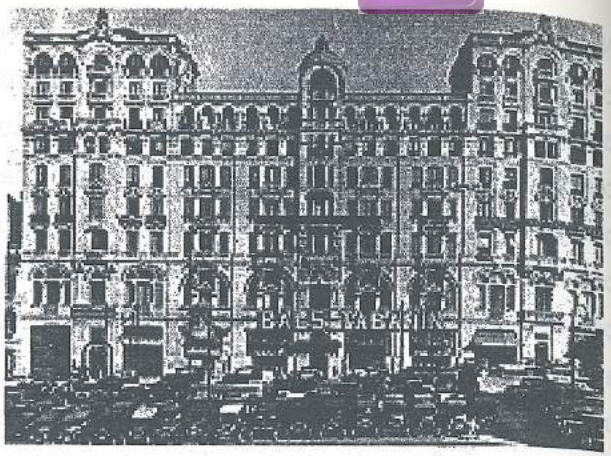
9 Traganou, J. The fireworks of Edo or Japan's early (post?) modern past. *In:* Architronic. Vol. 6, n. 1. Kent State University, may 1997. Internet: http://www.saed.kent.edu/Architronic/

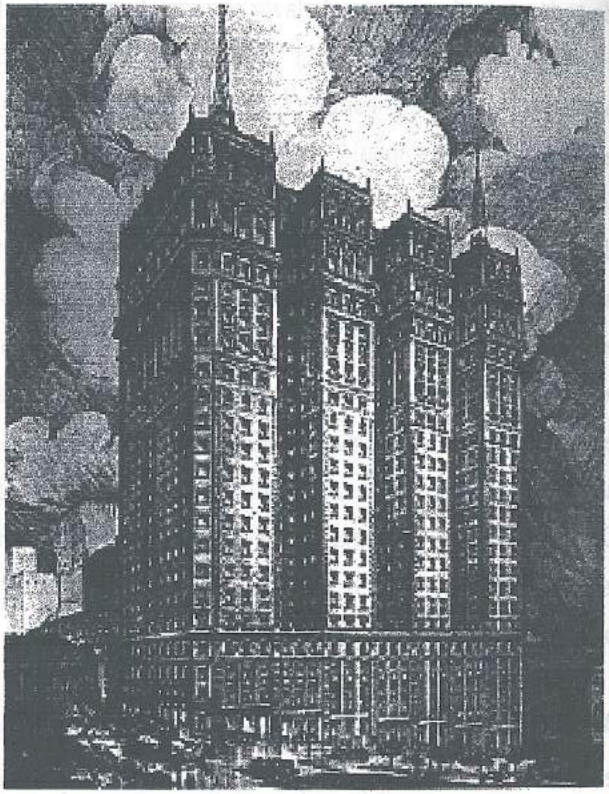
10 Kubota, M. Collected works XII, citado por Traganou, J., *op. cit.*

11 Citados por Seidensticker, E. Low city, high city, Tokyo from Edo to Earthquake. New York: Alfred Knopf, Inc., 1983. Pp. 59-61.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Esplanada, o Santa Helena, o Sampaio Moreira, um pouco mais alto, culminando com o Martinelli, de 1930, os tres últimos edifícios de escritórios, cujas fachadas e volumetria afirmarão com toda clareza sua filiação às novas tendências novaiorquinas. O projeto do edifício Martinelli teria mais razões de interferir na paisagem física e social, já que suas dimensões avantajadas queriam, antes de mais nada, afirmar o poderio de um ex-imigrante italiano tornado rico empresário. A vitrine da vitória capitalista fundamentada no desenvolvimento industrial, como foi dito sobre as cidades americanas, encontra aqui sua materialização mais perfeita nas latitudes Sul do continente, ainda que sem a componente viária - as largas avenidas com diversos níveis sobrepostos - do projeto urbano de modernização. Um manifesto de poder fincado no centro econômico da cidade que mais rapidamente se





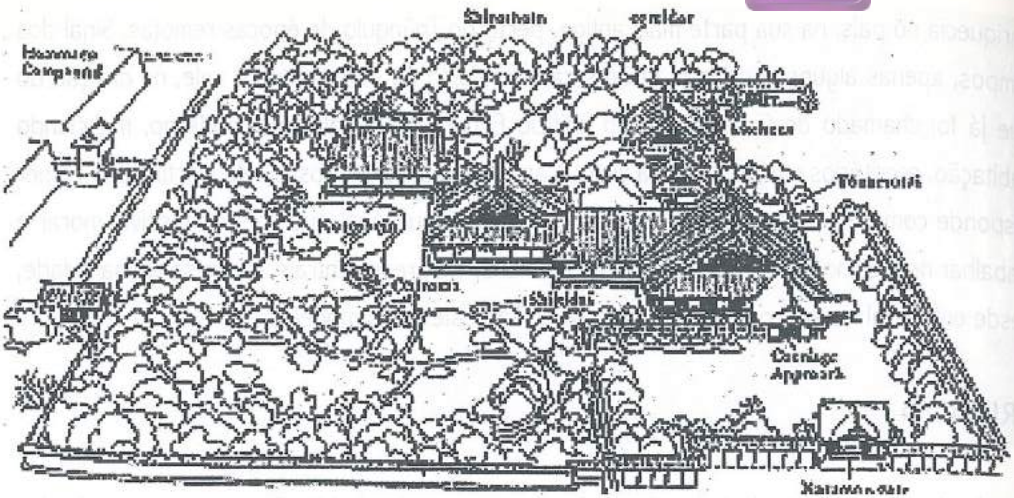
Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

enriquecia no país, na sua parte mais antiga, perto do Triângulo de épocas remotas. Sinal dos tempos, apenas alguns anos mais tarde será construído do outro lado do vale, na direção do que já foi chamado de Cidade Nova, o edifício Esther, essencialmente moderno, mesclando habitação, escritórios e lojas, como já visto. À americanização proposta pelo Martinelli, o Esther responde com uma plasticidade européia, francesa, corbuseana, que crê ser possível morar e trabalhar no mesmo edifício, situado, como em Paris, em áreas centrais. O que se viu na cidade, desde então, talvez seja o resultado de uma fusão destes dois modelos.

PRIVADO

Resultante do processo de industrialização, a estrutura das habitações nas tres metrópoles estudadas apresenta semelhanças, sem que a classe social a que pertencem seus moradores pese muito. Parisienses, paulistanos e toquioítas ricos chegam à primeira metade do século 20 vivendo em espaços domésticos - sejam casas ou apartamentos - que combinam, em diferentes proporções, o apartamento burguês haussmanniano, a habitação moderna européia das primeiras décadas, e, no que concerne São Paulo e Tokyo, alguns traços da cultura local. Por seu lado, o cortiço dos pobres, seja quando ocupa antigas casas subdivididas, seja quando se instala em barracos contíguos construídos de forma precária, mantém características parecidas, como visto, nas tres áreas. Isto também se refere à casa tradicional japonesa, mas de maneira ainda muito sutil: poucos de seus espaços receberão a influência de modelos ocidentais, aí incluídas as casas construídas para famílias ocidentais em território japones, a partir da abertura ao Ocidente, e vai limitar-se às classes mais abastadas até a Segunda Guerra Mundial. Nada comparável com a completa transformação sofrida pela casa paulistana, por exemplo. No entanto, a residência anterior à industrialização do país, que se desenvolve no Japão ao mesmo tempo em que os *hôtels particuliers* se afirmam como moradia da elite parisiense, organizam-se de acordo com uma estrutura parecida à francesa, ainda que o desenho do espaço seja completamente outro. Ambas as casas propõem uma bipartição do espaço: em uma ala, funções privadas e públicas se

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



sobrepõem - dorme-se à noite nos cômodos usados de dia para receber -, e em outra ala, geralmente nos fundos, situam-se a cozinha e os espaços dos criados.[12] Grandes residências de samurais, como o magnífico *Ninomaru*, construído dentro dos jardins do que restou do castelo *Nijô*, em Kyôto, possuíam, já no século 16, uma tripartição composta pelos cômodos reservados a audiências - os mais numerosos -, os aposentos do senhor da casa, e a cozinha e seus anexos.[13] Como no *hôtel* francês, o conjunto de edificações é precedido por um pátio de chegada. As comparações param por aí. Implantação, situação urbana, materiais, e até os critérios de projeto são bastante distintos.

Com relação ao mobiliário, é importante lembrar que as casas medievais, tanto européias como orientais, possuíam pouquíssimos móveis, e que a evolução dos costumes, diferente em cada uma destas regiões, resultou, nos séculos seguintes, em espaços e usos completamente distintos. A ausência ou escassez de mobília na habitação liga-se, inevitavelmente, à idéia de flexibilidade espacial, que se costuma associar mais comumente à casa tradicional japonesa. Seus cômodos já são multifuncionais no momento em que os primeiros portugueses chegam ao arquipélago e iniciam o próspero negócio de venda de armas. Já o eram no século 8, quando costumes, cultura

12 A correlação entre a mulher japonesa e os trabalhos domésticos é clara. O fundo - *oku*, em japones - é, na casa tradicional, o lugar atribuído à mulher, que é, até hoje, chamada de *okusan* - esposa, ou, literalmente, pessoa do fundo, em japones.

13 Esta é, evidentemente, uma leitura viesada pelos interesses desta pesquisa, que querem estabelecer comparações entre as moradias nestas tres áreas metropolitanas. Um estudioso japones, no entanto, diria, muito provavelmente, que a casa da elite seiscentista de seu país é um espaço quadripartido, e acrescentaria o jardim às tres partes já identificadas. Consideramos, no entanto, que o jardim, seja ele de contemplação ou de passeio, desempenha papel muito parecido ao do jardim ocidental dos palacetes burgueses, ainda que com um desenho e critérios de projeto completamente diversos.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

e tecnologia chineses foram adotados como regra no país. Contudo, em ambas as ocasiões, os japoneses continuaram a sentar-se no chão, sobre os *tatami*, ignorando o mobiliário e os hábitos domésticos estrangeiros. Este costume lembra o uso que se fez do espaço na casa medieval francesa, praticamente despida de móveis até as primeiras luzes do século 16. Relata a historiadora francesa Geneviève D'Haucourt que, no século 13, muitos interiores de seu país não tem móveis onde se possa sentar, e que montes de palha recobertos de tecidos "são usados quando se quer honrar um hóspede ou se tem hábitos luxuosos."[14] Os nobres, que deslocam-se com freqüência entre seus vários palácios, preferem móveis desmontáveis e portáteis, que, geralmente, também cumprem a função de estocagem. Cadeiras são raras, e constituem uma marca de distinção ao dono da casa ou ao hóspede ilustre, e são, na maioria das vezes, baús dotados de um encosto.[15] Também as camas, quando existem, são grandes caixas onde as roupas fazem as vezes de colchão. Os menos ricos, no entanto, usarão a palha para todas estas atividades: dormir, sentar-se, só ou com convidados. As tapeçarias completam a construção do espaço das casas mais ricas, tanto recriando rapidamente o lar durante as viagens, como dividindo espaços "a exemplo dos biombos japoneses", compara D'Haucourt.[16] Nas casas urbanas européias menos ricas, os poucos móveis também costumavam ser desmontáveis e portáteis, mas não em razão de deslocamentos do grupo famíliar. As casas, como já se disse, eram compostas por poucos e espaçosos cômodos, habitados por um grande número de pessoas, definindo-se como um espaço francamente aberto ao público, o que lhes exigia extrema versatilidade. Funções como trabalhar, cozinhar, comer, dormir, sobrepunham-se em um único cômodo, cujas mesas, por exemplo, eram pranchas pousadas sobre cavaletes, sobre as quais se comia, se contava dinheiro, e - segundo alguns relatos - podia-se também dormir.[17] Os poucos bancos e cadeiras, já de períodos mais recentes, eram encostados nas paredes à noite dando lugar a camas, o que desencorajava qualquer tentativa de arranjo permanente, mas marcava uma ainda extrema flexibilidade no interior doméstico. Qualificação pela inclusão ou exclusão de diferentes móveis e equipamentos, aumento ou diminuição de área pela colocação ou retirada de divisões móveis, caracterização pela sobreposição de funções em ritmo dado pelas estações do ano, pelos eventos

14 D'Haucourt, G. , *op. cit.*, p. 33.

15 Rybczynski, W., *op. cit.*, p. 26.

16 D'Haucourt, G., *op. cit.*, p. 33.

17 Rybczynski, W., *op. cit.*, p. 27.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

famíliares, ou ainda pela variação de usos diurno e noturno, são prerrogativas dos espaços domésticos medievais europeus e japoneses. Que apenas serão mobiliados de maneira mais definitiva a partir do final da Idade Média, no caso francês, quando a aristocracia se urbaniza, fixando residência nas cidades, e criando o hábito de receber, ou, no caso japones, com a abertura do país para o exterior, em meados do século 19. Nesta comparação fica difícil incluir o caso brasileiro, já que, no final da Idade Média européia, o território que hoje chama-se Brasil ainda nem havia sido anexado pela coroa portuguesa. No entanto, não seria demais lembrar que, nos primeiros séculos da colonização, vários relatos descrevem casas onde o mobiliário está quase ausente, embora não se fale em pessoas desenvolvendo atividades sentadas no chão, exceção feita aos escravos e aos índios. Este quadro de despojamento dos interiores domésticos será notado por vários escritores, em São Paulo, às vésperas da implantação da primeira ferrovia.

O desenho da habitação Moderna proposta nas primeiras décadas do século 20 pelos chamados arquitetos Modernos é, portanto, um modelo em gestação desde o momento em que o *hôtel particulier* começa a tornar-se um espaço privado, em oposição a um espaço público que se povoa com rapidez e passa a ser palco de revoltas populares, foco de doenças, território de prostituição. Além disso, este fechamento em relação ao exterior acrescenta ao projeto do edifícioa noção de funcionalidade, como se viu, determinando diferentes níveis de privacidade em seu interior através da atribuição de funções precisas aos diferentes cômodos. Coincide com os progressos técnicos do final do século 18, início do século 19, que conferem-lhe um grau de conforto até então desconhecido na habitação de quem quer que fosse. Isto inclui lareiras com melhor tiragem, iluminação artificial a gás, janelas maiores - portanto mais luz natural, mais ar, mais sol -, e melhor mobiliário para uso de todos os presentes e não apenas dos convidados de honra. Ao mesmo tempo em que se torna um território privado, a habitação também vê diminuir a quantidade de necessidades a serem supridas dentro do seu espaço. Provável conseqüência da afirmação de uma esfera pública, que se opõe cada vez mais nitidamente a uma nascente

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

instância privada, as funções relativas a estas necessidades vêem-se transferidas para os estabelecimentos comerciais, os prestadores de serviços, a solução dos artigos importados. Todos estes desenvolvimentos serão transpostos e aperfeiçoados nos apartamentos burgueses parisienses da segunda metade do século 19 e, paralelamente, adaptados à exigüidade - de espaço e de orçamento - das primeiras casas populares construídas por iniciativa patronal ou associativa. É claro que, em um primeiro momento, as inovações são introduzidas na casa dos ricos, até que burguesia e Estado percebam algum interesse em investir na moradia dos menos favorecidos, antes disso, simplesmente destruída em benefício da casa - e da cidade - dos ricos, como se viu. Esta nova moradia projetada para o pobre vem a ser o último passo em direção à habitação Moderna, formulada por arquitetos como Gropius, Le Corbusier e outros europeus do início do século, a qual também se endereçava, prioritariamente, aos operários. Mas, se por um lado, ela efetivamente abrigava extratos da população antes completamente desamparados, por outro, ela ainda é, como mostram vários autores[18], cara demais para os realmente pobres, que continuarão a morar nos cortiços das grandes cidades.

A habitação japonesa vai influenciar alguns arquitetos Modernos, mas jamais constituirá um objeto ou uma tipologia exportável, como os modelos francês e Moderno. Entre os assumidos mais ilustres estão o norte-americano Frank Lloyd Wright e o alemão Bruno Taut, mas a enorme coincidência de princípios entre estas arquiteturas levam a inevitáveis dúvidas sobre a possibilidade de vários outros arquitetos do Movimento Moderno ocidental terem sido seduzidos pelos conceitos japoneses de construção do espaço. *Farnsworth House*, a



18 Eleb, M., L'invention de l'habitation moderne..., *op. cit.*, p. 31; DW Dreysse, *op. cit.*, p. 4; Rolnik, R., *op. cit.*, p. 126.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

famosa 'casa de vidro' que Mies Van Der Rohe construiu entre 1946 e 1950 nos Estados Unidos é, por exemplo, tremendamente japonesa em sua concepção. É uma ponte coberta entre jardins que se prestam à contemplação, situada sobre uma plataforma elevada do piso e sustentada por uma série de colunas esbeltas, implantadas segundo uma rígida modulação. Também o vidro transparente se aproxima do vão deixado livre após a retirada dos *shôji* durante o verão. Faltam-lhe, é verdade, a compartimentação interna tradicional japonesa - a sucessão de cômodos multifuncionais fechados por *fusuma* - além da imprescindível penumbra. No entanto, nada autoriza a dizer que Van Der Rohe estivesse, em sua *glass house*, propondo a releitura de um *yashiki*, nem que a ele estivesse fazendo qualquer alusão. Apenas em seu livro *L'Architecture Moderne, une histoire critique*, o historiador Kenneth Frampton diz que, na época da redação do livro, a casa permanecia fechada a maior parte do tempo por ser uma residência secundária, e, curiosamente, Frampton a compara a "um santuário *Shintô* bem cuidado, mas esquecido."[19]

Finalmente, alguma coisa pode ser suposta com relação às reivindicações por privacidade expressas pelos europeus e japoneses mais pobres, atraídos pela cidade industrial, a julgar pelos relatos sobre as condições de vida nas cidades superpovoadas mas também no campo. Na habitação rural, onde todos dormiam no mesmo cômodo - muitas vezes junto com os animais, no caso europeu, por causa do aquecimento no inverno -, compartilhar o mesmo espaço com os demais não chega a ser um problema. Trata-se, em última instância, de um mesmo grupo familiar, ainda que não completamente interligado por laços de consangüinidade, com limites muito claros: "guarda-te dos forasteiros e mais ainda dos vagabundos, sobretudo se são desconhecidos", sugere Michelle Perrot.[20] O compartilhamento do mesmo cômodo por diversas pessoas do mesmo grupo doméstico é perfeitamente normal na época, até por ser ainda uma herança dos tempos medievais. Ao mudar-se para a cidade, o grupo vê-se confrontado a pessoas completamente estranhas, estressadas e humilhadas pelo excesso de trabalho, e se obriga a conviver com situações, muitas vezes, de grande violência e tensão. Difícil seguir a recomendação de Michelle Perrot em tais condições. Esta exposição ao estranho, já inequívoca nos cortiços

19 Frampton, K., *op. cit.*, pp. 204-205.

20 A historiadora lembra ainda que "a terra, no sentido mais forte, é o espaço de um relacionamento radical, partilhado e reconduzido, as histórias de família repisadas e reconduzidas: em suma, um espaço da memória." (Perrot, M. Maneiras de morar, *op. cit.*, p. 312.)

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

paulistanos e toquioítas, extremiza-se no caso dos alojamentos sub-alugados parisienses, onde, tanto quanto nas casas londrinas descritas por Gauldie, os cômodos de antigos apartamentos são alugados separadamente para cada família, forçando-as a atravessar o espaço dos vizinhos para chegar ao seu. Não é difícil imaginar que, dadas estas condições, o desejo de privacidade vá ganhando, rapidamente, as famílias mais pobres. No caso brasileiro, a grande diferença é a procedência destas famílias no momento em que chegam à cidade. Em geral, tanto ex-escravos quanto imigrantes europeus tiveram, nas fazendas de café do interior paulista, uma experiência de vida rural diferente daquela dos japoneses do período Edo ou dos franceses do Segundo Império: as famílias de imigrantes viam-se já confrontadas ao convívio forçado com estranhos; e os escravos, além de não gozarem de nenhuma privacidade, tinham seus laços familiares rompidos ao serem aprisionados, na África, e suas posteriores ligações conjugais no âmbito da senzala podiam ser perfeitamente desrespeitadas pelo patrão, senhor da vida e da sexualidade de seus escravos. Trata-se aqui de reivindicações de privacidade de um grupo familiar em relação aos demais. O desejo de preservação da intimidade individual dentro dos limites do espaço doméstico só se expressará, de forma generalizada, a partir da segunda metade do século 20.

Estas parecem ser as principais relações entre os processos de transformação da habitação e da cidade na passagem do século 19 para o século 20, em Paris, São Paulo e Tokyo. De típicas cidades da Europa, do Novo Mundo e do Extremo-Oriente, estas tres capitais chegarão às vésperas da Segunda Guerra metamorfoseadas em metrópoles modernas, no sentido capitalista do termo. Mas as grandes transformações, sobretudo no que concerne o perfil demográfico de suas populações e as possibilidades de comunicação à distância ainda estariam por vir, a partir do final do conflito armado.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

HABITAR A CIDADE Do final da Segunda Guerra aos anos 90

A americanização das metrópoles e a
banalização dos meios de
comunicação à distância
Paris é de todo mundo
São Paulo em trincheiras
Tokyo em fragmentos

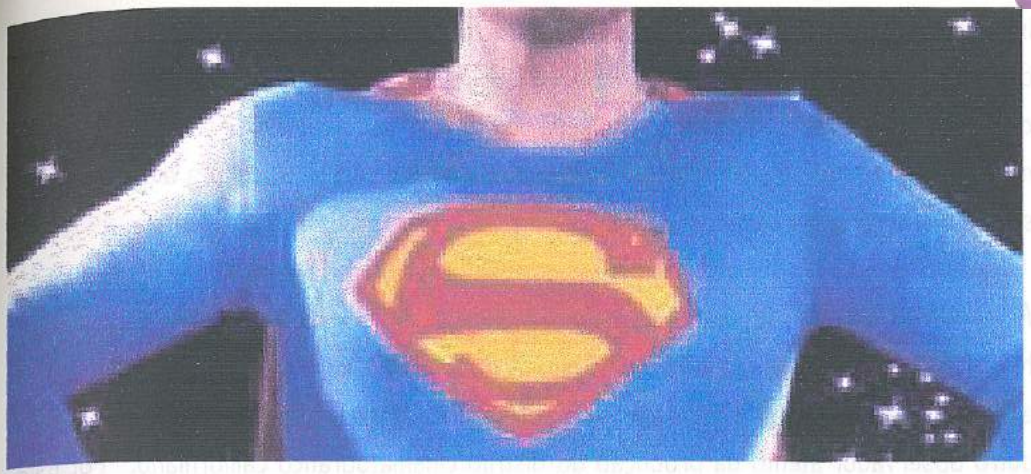
Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

HABITAR A CIDADE Do final da Segunda Guerra aos anos 90

A americanização das metrópoles e a banalização dos meios de comunicação à distância

Lembranças de Hollywood . Menos nascimentos e vida mais longa . Menores e diversos, os novos grupos domésticos . Uniões livres . Vivendo sós . Famílias monoparentais . Uma nova família nuclear . *Everybody wants to live in cities* . Escritório é o lugar onde você está . As delícias do *homeshopping* . Habitação contemporânea, o impasse . *Some things bridge the gap* . *Etat des lieux*

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



Faster than a speeding bullet. More powerful than a locomotive. Able to leap tall buildings in a single bound. Look! Up in the sky! It's a bird. It's a plane. It's Superman!

Yes, it's Superman – strange visitor from another planet who came to Earth with powers and abilities far beyond those of mortal men. Superman – who can change the course of mighty rivers, bend steel with his bare hands, and who, disguised as Clark Kent, mild mannered reporter for a great metropolitan newspaper, fights the never ending battle for Truth, Justice and the American Way.

LEMBRANÇAS DE HOLLYWOOD

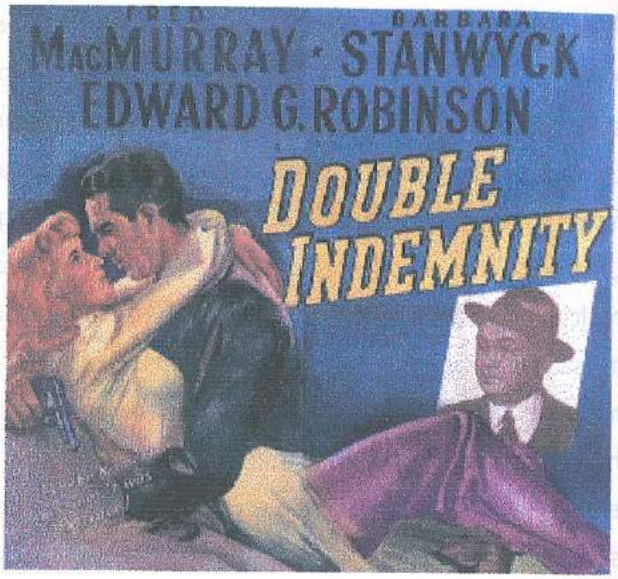
Anos quarenta. O século 20 está praticamente na metade, e a vitória aliada na Segunda Guerra Mundial consolida a cultura norte-americana como novo referencial de costumes para toda sociedade mecanizada que se queira moderna. O Plano Marshall, quem diria, não parece ter-se limitado à Europa falida, nem à ajuda humanitária e financeira mais evidente. De forma subjacente, a difusão do *american way of life*[1] é garantida, dentro e fora dos Estados Unidos, pelo mais poderoso e mais abrangente meio de comunicação de que se havia tido notícia até então: Hollywood. O cinema, que atraía multidões, era a máquina perfeita para a missão de divulgar produtos como eletrodomésticos, cigarros e automóveis, mas também maneiras de viver às quais tais produtos eram imprescindíveis. A quase totalidade de suas histórias apresentava famílias com o marido no papel do forte, inteligente, lógico, consistente e bem-humorado provedor do grupo doméstico, e a esposa, no da intuitiva, dependente, sentimental, auto-sacrificada mas sempre satisfeita gerenciadora de uma habitação

1 Em português, modo de vida americano, referindo-se, porém, apenas aos Estados Unidos.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Ed
To remove this notice, vis
www.foxitsoftware.com/shopping

impecavelmente limpa, agora elevada à categoria de bem de consumo. Qualquer personagem que não exibisse estes traços com clareza, ou que adotasse traços do outro sexo, seria visto como um desequilibrado, se fosse um homem, ou como um ser diabólico, se se tratasse de uma mulher, lembra Nina Leibman, estudiosa do impacto de Hollywood na cultura americana, em seu livro *Living-room lectures: the fifties family in film and television*.[2]

A verdade é que, desde sua *Golden Age*, iniciada durante a década de 1920, o cinema hollywoodiano mostrava a família e a vida doméstica como "um refúgio seguro em oposição ao mundo exterior, e uma aspiração comum a todas as gerações", resume John Blaser, outro observador atento da produção do distrito cinematográfico californiano.[3] Por esta ótica, um final feliz costumava significar que, antes da exibição dos créditos finais, o másculo herói e sua feminina amante estariam, finalmente, unidos pelo casamento ou pareceriam estar em claras vias de fazê-lo. Significava também que a família e a casa familiar eram uma espécie de oásis ou de remédio milagroso capazes de livrar o herói de qualquer problema ou grande perigo que viesse a ameaçá-lo. Basta lembrar-se da pequena Dorothy, que foge de casa em 'O Mágico de Oz', de 1939, mas que conclui, no final, que "não há no mundo lugar como o próprio lar"[4], ou do conturbado George Bailey, em *It's a wonderful world*, de 1946, que quase comete suicídio, apenas para dar-se conta de que vale a pena viver pelos amigos e pela família, apesar de qualquer crise. Até mesmo a



2 Leibman, N. Living-room lectures: the fifties family in film and television. Dallas: University of Texas Press, 1995. Citado por Lyons, J. Leibman's work remembered by colleagues. Santa Clara University. Internet: hhtp://www-tsc.scu.edu/TSC/95_96/news/copy/11_13/Reading.html

3 Blaser, J. No place for a woman: the family in film noir. Internet: http://www.obs.net/Noir

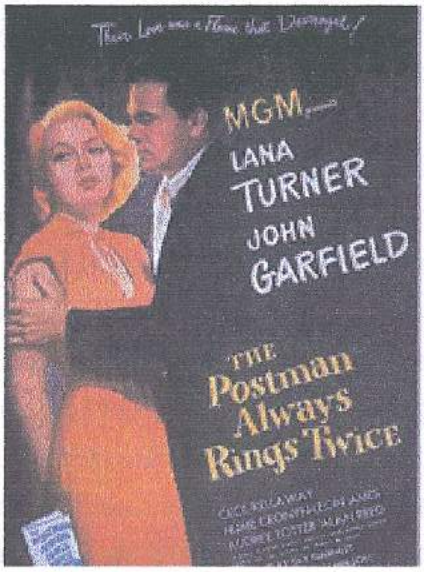
4 Tradução do título da famosa canção *There is no place in the world like home*, cantada por Dorothy no final do filme.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

impetuosa e quase masculina Scarlet O'Hara em "...E o vento levou", de 1939, uma das raras mulheres heroínas, vê em Tara, a casa familiar, a mais elevada razão de lutar.

De certa forma, foi a política norte-americana na Segunda Grande Guerra que levou o cinema e todos os demais meios de comunicação de massa do país, na época, a veicular a idéia de que a promoção de um senso de comunidade e de engajamento coletivo por uma causa comum - 'uma nação e um país trabalhando juntos para vencer a guerra' - ao qual se ligava estreitamente a família, tinha de ser a prioridade máxima de todos. Mais que isso, a família - leia-se família nuclear - era vista, neste momento mais que em outros, como a fundação sobre a qual se construíam tanto a comunidade quanto a motivação que sustentava o próprio esforço bélico. Afinal de contas, conclui Dana Polan, professor de Estudos Culturais e Filme Americano na Universidade de Pittsburgh, era pela paz e a segurança de um lar estruturado segundo este modelo que se estava lutando.[5]

Nem tudo, no entanto, são flores neste confortável consenso. O outro lado da moeda é o *film noir*, que ganhava espaço à medida em que o final da guerra se aproximava, como a maneira politicamente correta encontrada pelo cinema hollywoodiano de voltar a apontar os problemas da sociedade norte-americana. Maneira velada, diga-se, já que a excelência da vida em família acaba sempre sendo a grande mensagem de suas histórias. Senão vejamos. Diferentemente da produção cinematográfica clássica[6], algumas dessas histórias apresentam mulheres fatais, que se sentem prisioneiras dentro da estrutura conjugal e decidem



5 Polan, D. Power and Paranoia: History, Narrative, and the American Cinema, 1940-1950. New York: Columbia University Press, 1986. p. 27.

6 Produção cinematográfica hollywoodiana concebida para o grande público, veiculando as posturas endossadas pelas principais instituições sociais e governamentais.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

trabalhar e ter uma vida própria - o que não costuma acontecer sem alguma violência -, e terminam invariavelmente, de uma forma ou de outra, recolocadas em seu lugar de dona de casa, forçadas a reconhecer a supremacia e as supostamente indiscutíveis vantagens do modelo nuclear. Em outros casos, é a vez de casadouras mocinhas passarem o filme todo tentando convencer rebeldes heróis masculinos de que o melhor que estes tem a fazer é abandonar a vida desregrada que levam, casarem-se com elas e assumirem o pacífico papel de pai e marido que lhes cabe. O que acabam conseguindo, sem falta, na cena final. Um terceiro tipo de mulher típica do *film noir* é a nutriz, de espírito maternal, freqüentemente mostrada como boba, inexpressiva e, de qualquer forma, inatingível. Recorrência caricata de mulher submissa, ela nada mais é do que o mero pivô de uma oportunidade de casamento convencional negada ao herói da trama.

A Guerra acaba, e a produção hollywoodiana clássica faz coro com os meios norte-americanos de divulgação cultural em geral, cuja missão suprema passa a ser a de recolocar as mulheres em seu posto dito natural de supervisoras do espaço doméstico, e em fazer com que ex-soldados de espírito aventureiro transformem-se em trabalhadores confiáveis, dóceis e produtivos. É de novo Nina Leibman que aponta o "imperativo social dominante da América pós-guerra, com sua ênfase na importância da família nuclear, o papel correto dos sexos, a superioridade dos *suburbia*[7]." Claro que esta dupla volta ao lar era necessária para a nação. Se os homens voltavam ao lar-Pátria, necessitavam reaver o trabalho que, em sua ausência, estava sendo realizado por mulheres. A elas, só poderia caber a volta ao lar familiar, e a líder feminista Betty Friedan, em seu livro *A Mística Feminina*, lembra o esforço da propaganda oficial no sentido de convencê-las a ter um terceiro filho após a guerra, como forma de retirá-las de vez, ou, pelo menos, por um bom tempo, do mercado de trabalho.[8] O posto de Rainha do Lar profissionaliza-se com uma infinidade de livros e artigos em revistas femininas enaltecendo as virtudes da vida doméstica e urgindo as mulheres que trabalham fora a abandonarem seus supostamente inexpressivos empregos

7 Expressão que designa os extensos bairros residenciais norte-americanos, periféricos ao centro das cidades, destinados a abrigar uma grande maioria de famílias nucleares. Leibman, N. The family spree of film noir. *In:* Journal of popular film and television, 1989. P. 173.

8 Friedan, B. The feminine mystique. Mass Market Paperback. Reissue edition. Dell Publishing, 1984. Notar que esta política deu sua parcela de contribuição à abrupta elevação da natalidade nos anos que se seguiram ao término da Guerra, a qual ficou conhecida popularmente como *baby boom*.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

para doarem-se às recompensas pouco tangíveis da supervisão da educação dos filhos e dos trabalhos da casa.

Filmes clássicos, *noirs* e seriados, o cinema hollywoodiano difunde-se mundo afora com velocidade e penetração impressionantes. Do Oriente ao Ocidente, a classe média sonha em viver em paz em casas isoladas ajardinadas, em bairros residenciais retirados do burburinho das áreas centrais, tanto quanto almeja-se ser filho do Papai Sabe-Tudo, casar-se com Lucy, ter filhos como os da família perdida no espaço, que terão por companheiros cães fiéis e espertos como Laissie ou Rin-Tin-Tin... Os exemplos são inúmeros. As conseqüências também.

No Brasil, as promissoras companhias do então recém-entronizado cinema nacional - Vera Cruz, Atlântida - espelhavam-se em tudo e por tudo no modelo hollywoodiano clássico. Além do gosto pelos musicais, as chanchadas brasileiras da época primam por ridicularizar maridos traídos, condenar mulheres fatais à regeneração ou à promiscuidade, reforçando a idéia de prevalência moral do modelo nuclear. De seu lado, Hollywood cumpre sua parte no esforço da Casa Branca de envolver politicamente a América Latina, com pelo menos duas atitudes que encheram os olhos de gerações de brasileiros desde então: a criação, na década de 1950, da personagem Zé Carioca, pelos estúdios Disney, e a inclusão da cantora luso-brasileira Carmem Miranda em diversos musicais da época, ambos vestidos com o que, provavelmente, se acreditava ser uma indumentária



Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

tipicamente tropical, confirmando o poder que se atribuía à comunicação através do cinema. Sobre o público japones, o impacto da propaganda veiculada por Hollywood foi maior ainda. O país saía de uma trágica derrota na Segunda Guerra, vencida, principalmente, pelos Estados Unidos. Até 1951, data em que uma nova constituição foi assinada pelo chefe do governo nipônico na cidade norte-americana de San Francisco, o Japão era um país ocupado pelos vencedores - pelas tropas de Washington, em última instância -, mais ou menos como a ex-Alemanha de Hitler, que tinha seu território divido em zonas sob jurisdição dos quatro países aliados vencedores da Guerra. A nova constituição japonesa, que abolia costumes seculares relativos aos clãs e às castas, foi ditada, letra por letra, pela Casa Branca, preocupada em consolidar sua hegemonia na região. O resultado, que não poderia ser mais japones, foi um profundo respeito pelo vencedor, sua língua, seus hábitos, suas roupas, sua música, seu cinema. Para se ter uma idéia do que isso representou na vida cotidiana do país, basta lembrar que vestidos rodados, chapéus, luvas e sapatos forrados com o mesmo tecido da sombrinha, vestindo mulheres que parecem saídas de um filme de Grace Kelly ou de Marylin Monroe, são comuns nas ruas de qualquer grande cidade japonesa até hoje. O modelo de elegância feminina ocidental das décadas de 1950 ou 1960 convive placidamente, no Extremo Oriente, com contemporaneidades mais ousadas. Para que se meça a extensão deste fenômeno, basta lembrar a recente exposição itinerante de fotos da atriz Audrey Hepburn, um dos melhores acabados ícones hollywoodianos de décadas passadas, que atingiu recordes de visitação em todo o país.[9] Já os franceses se mostraram bem mais resistentes. Segundo um senso comum, velho de várias décadas, *les américains* seriam bárbaros sem História, donos de um poderio financeiro ou militar ao qual faltaria refinamento, ricos mas incultos, dominando o futuro mas desprovidos de passado. No papel de alegres libertadores, teriam desembarcado na Normandie, em junho de 1944, distribuindo *chewing gum*, *hamburgers*, Coca-Cola, cigarros e... dólares a europeus exaustos, famintos e maltrapilhos. Para os franceses, o grande problema continuava sendo a perda - para os Estados Unidos - da posição de referência cultural universal, traduzida em valores que lhes

9 Exposição Audrey Hepburn. ***Daimaru Department Store.*** **Japão, 1994.**

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

eram caros, como a língua, a culinária, a moda, a música. Para agravar a rixa, um acordo de 1946 escancara as portas dos cinemas franceses à produção cinematográfica norte-americana: cinemas de bairro, onde se reúnem famílias inteiras nas tardes dos finais de semana, passam a ser o mirante privilegiado da vida quotidiana de uma América desconhecida e, ao mesmo tempo, almejada. Sim, porque por mais que se diga que ao francês comum só interessava o mito americano - e não a sua realidade -, supostamente convencido de que "somente o modo de vida francês possuía a excelência resultante de sua história milenar", na formulação de Sophie Body-Gendrot[10], todas as crianças européias da época brincaram um dia de *cow-boys*, sonhando, na adolescência, com a liberdade representada em histórias atormentadas vividas nas telas por James Dean. Também leram nas páginas de revistas femininas, como Marie Claire, sobre as delícias das maneiras de morar e regras de bem-viver *à l'américaine*, óbvio privilégio das famílias constituídas segundo o modelo nuclear, que enfatizavam a facilidade de se possuir um grande automóvel e de se habitar casas amplas e confortáveis em bairros calmos e arborizados. Ou seja, o oposto do conforto material *à la française*.

Como se vê, as mensagens sobre os modos de vida norte-americanos, difundidas em todo o mundo a partir da consolidação do país como potência econômica e militar, não parecem ter sido obra exclusiva de intelectuais mas fruto do trabalho conjunto de políticos e de especialistas em *marketing* e em comunicação. Sua assimilação tão rápida por povos de culturas tão distintas é explicada por Sophie Body-Gendrot como se tivessem sido "concebidas, fabricadas e distribuídas por excelentes profissionais que sabem que só é possível exportar um produto cultural que não guarde laços demasiado estreitos com o país de origem." Para Body-Gendrot, a abrangência de seu significado é o seu melhor passaporte. "As mensagens dos meios de comunicação americanos", continua, "tiveram uma acolhida tanto mais favorável devido ao seu conteúdo vago: a vitória do bem sobre o mal, o patriotismo, o repouso do guerreiro, a solidão do justo contra a mesquinharia e a

10 Body-Gendrot, S. **Uma vida privada francêsa segundo o modelo americano.** *In:* Prost, A; Vincent, G. (org.) História da vida privada Volume 5: Da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. P. 538.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

astúcia dos bandidos."[11] A vida quotidiana e o espaço doméstico apenas vieram a reboque.

MENOS NASCIMENTOS E VIDA MAIS LONGA

Mal sabia Hollywood que a predominância absoluta do modelo nuclear teria vida relativamente curta. Iniciado lá pelo final da Idade Média européia e estendendo-se por quatro séculos recheados de mudanças sociais, políticas e econômicas profundas, o processo de nuclearização da unidade familiar vê-se sucedido pelo seu próprio estilhaçamento, potencializado, a partir do final dos anos 1960, quando começam a surgir novos formatos de grupos domésticos: famílias monoparentais, casais *DINKs - Double Income No Kids* -, uniões livres - incluindo os já melhor aceitos casais homossexuais -, grupos coabitando sem laços conjugais ou de parentesco entre seus membros, e uma família nuclear renovada, ainda dominante nas estatísticas, mas com um enfraquecimento da autoridade dos pais em benefício de uma maior autonomia de cada um de seus membros. Todos passos em direção a um - aparentemente - novo padrão social: pessoas vivendo sós.[12] As causas desta evolução são inúmeras e, relativamente, recentes.

Um primeiro indicador das mudanças em curso são as flutuações da taxa de fecundidade.[13] Na década de 1960, considerando-se o conjunto da população brasileira, esta taxa foi alta, de 5,8 filhos por mulher, caindo para 4,3 no período entre 1975 e 1980, com uma diminuição de 25,9%.[14] Os dados para 1990 apontam um declínio ainda mais



11 Body-Gendrot, S., *op. cit.*, p. 553.

12 Este processo de 'privatização' da vida familiar é dividido *grosso modo* pelo historiador francês Philippe Ariès em tres 'fases', compreendidas entre os séculos 16 e 18, que consistiriam em suas figuras fundamentais: "Primeiro, a busca de um individualismo de costumes, separando o indivíduo do coletivo; em seguida, a multiplicação dos grupos de convivialidade que permitem escapar tanto à multidão quanto à solidão, mais restritos que a comunidade de existência em seu conjunto, a da vila ou do bairro, da condição ou do ofício, porém mais amplas que a família; por fim, a redução da esfera do privado à célula familiar, que se torna sede privilegiada, senão única, do investimento afetivo e do recolhimento íntimo." (Citado por Chartier, R., em A Comunidade, o Estado e a Família. Trajetórias e Tensões. *In:* Ariès, Ph., Chartier, R. História da Vida Privada - Da Renascença ao século das luzes. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 409.) Supomos, ainda, que tal processo, iniciado durante a Idade Média com as separações preliminares entre, de um lado,

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

marcante, atingindo o valor de 3,5 filhos por mulher, o que significa uma queda de quase 40% em apenas 20 anos. Ainda com grandes variações regionais - em 1990, a taxa nordestina é de 4,9 enquanto que, na região Sudeste, ela já se limita a 2,9 -, a grande variação percentual em todas as regiões faz crer que, a médio prazo, os padrões reprodutivos se homogenizem. No Estado de São Paulo, nota a professora Suzana Pasternak Taschner, o número médio de filhos por mulher em 1970 era de 4,0, caindo dez anos depois para 3,39, e atingindo 2,36 em 1993.[15] A Contagem de População de Meio da Década, feita em 1995 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, também constatou este declínio. Segundo seus dados, a fecundidade foi de apenas 2,05 filhos por mulher nas áreas urbanas paulistas, ligeiramente acima do Rio de Janeiro, onde a taxa foi de apenas 1,9.[16] Ambas situadas abaixo da marca dos 2,1 filhos por mulher, necessária para manter estável o tamanho da população.

Longe de ser um fenômeno unicamente brasileiro, o *turning point* da fecundidade parece situar-se no ano de 1965, como apontam tanto os Censos e Pesquisas Nacionais por Amostras de Domicílios brasileiros, como sociólogos e demógrafos europeus e japoneses. Considerando dados para a França, a Inglaterra, a Suécia, a Itália, a Alemanha e a Holanda, Berquó escreve que "por volta de 1965, a fecundidade destes seis países variava entre 3,2 e 2,5 filhos por mulher. Em 1970, esta variação cai para 2,5 a 2,0; em 1975, a grande maioria tem sua fecundidade entre 2,0 e 1,5. O ano de 1985 registra valores entre 1,8 e 1,3 filhos por mulher."[17] Tampouco o Japão fica à margem destas mudanças. Logo após a derrota na Segunda Grande Guerra, a taxa de fecundidade das mulheres japonesas situava-se, em 1947, em torno de 4,5. Apenas treze anos mais tarde, durante os quais o dispositivo contraceptivo intra-uterino, DIU, parece ter sido inventado pelos próprios japoneses, a fecundidade já havia descido a 2,0 filhos por mulher, abaixo, portanto, da marca de 2,1. Os números japoneses continuarão diminuindo até atingirem 1,5 filhos por mulher, em 1992. Note-se que o aborto é legalizado na maioria destes países, o que contribui para embasar a afirmação da demógrafa francêsa Catherine Bonvalet de que o número médio de filhos por casal diminuiu, mas isto se deve essencialmente ao desaparecimento

membros da família do patrão e, de outro, empregados e aprendizes vivendo sob o mesmo teto, tenha atravessado o século 19, reafirmando a opção burguesa de nuclearização da família, e estenda-se até os nossos dias, em direção à individualização extrema: uma sociedade formada, basicamente, por *singles* vivendo sós. Não se trata, certamente, de uma evolução linear, regular e unívoca. Mas, incontestavelmente, longa e, aparentemente, irreversível.

13 Quociente entre o número de nascidos vivos em população e período dados, e o número de mulheres que já tenham completado o ciclo reprodutivo – entre 15 e 45 anos –, nesta mesma população e período.

14 Patarra, N. Rumo a um novo perfil demográfico. *In:* Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo: outubro/dezembro 1988.

15 Taschner, S. P. Família, habitação e dinâmica populacional no Brasil atual: notas muito preliminares. *In*: Gordilho-Sohza, A. Habitar Contemporâneo. Novas questões no Brasil dos anos 90. Salvador: UFBa,FAUFBa, LAB Habitar, 1997. Pp. 243–254.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

de filhos não desejados. As crianças que nascem hoje na França são, "além de menos numerosas, sobretudo diferentes: pode-se presumir, na imensa maioria dos casos, que elas foram desejadas - até mesmo programadas - fato que ainda não era verdade há vinte anos", acredita Bonvalet.[18] Mas é importante perceber que, por trás da queda da fecundidade, encontra-se uma mulher que reivindica, entre outras coisas, um lugar no mercado de trabalho, a liberdade de ter relações sexuais dissociadas da obrigatoriedade católica de procriação, o direito de escolher quando ter - ou não ter - filhos, o direito de separar-se do parceiro - ou parceira - sem ser, por isso, estigmatizada pela sociedade. Esta nova postura feminina, respaldada pela difusão de métodos contraceptivos mais acessíveis e mais eficazes, vai tornar-se passagem obrigatória de qualquer reflexão sobre as alterações nos padrões de comportamento herdados dos anos 60. Como resume Elza Berquó, "a queda acentuada da fecundidade, o aumento da longevidade, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, a liberação sexual, a fragilidade cada vez maior das uniões, o individualismo acentuado, etc, são tendências que vêm atuando no sentido de alterar o tamanho, a estrutura e a função da família."[19]

Entre as principais razões para esta queda do número de filhos está a disseminação dos métodos contraceptivos que, somada à alta - embora, no caso brasileiro, dificilmente mensurável - incidência de aborto provocado, fortalece a reivindicação, sobretudo feminina, por uma maternidade voluntária à qual se segue a chamada liberação da mulher, fazendo com que a sexualidade se dissocie cada vez mais da procriação. Além disso, a escolarização cada vez mais extensa requisitada socialmente na preparação dos filhos, a integração da mulher na divisão social do trabalho, a dissolução da família como unidade de produção, a crescente probabilidade da separação dos casais e as condições precárias de habitação nas grandes cidades desestimulam, sem dúvida, a geração de grande número de filhos. Todas estas mudanças se referem a diversas áreas do mundo, entre elas São Paulo, Paris e Tokyo, e acham-se estreitamente ligadas à vida urbana, o que explicaria por que as cidades estão sempre na vanguarda do movimento em direção à queda

16 Taschner, S. P. **Política Habitacional no Brasil: retrospectiva e perspectivas.** Trabalho apresentado na International Conference "Housing in the 21st Century: Looking Forward". Alexandria, USA, 11-14 de junho de 1997

17 Berquó, E. **A família no século XXI: um enfoque demográfico.** *In:* Revista Brasileira de Estudos de População. Vol. 6. No 2. Julho/ dezembro 1989.

18 Bonvalet, C. **Transformation de la Famille et Habitat.** Cahier no 120. Paris, INED/PUF, 1988.

19 Berquó, E., *op. cit.*

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

da fecundidade, e deixaria supor que o papel dos meios de comunicação de massa está, também neste caso, longe de ser desprezível.

Por outro lado, os avanços tecnológicos, sobretudo na área das Ciências Médicas, e o grande aumento de domicílios alcançados pelas benfeitorias do saneamento básico tiveram como conseqüência, no Brasil, um rápido declínio da mortalidade - embora, como sempre, com fortes diferenças regionais -, iniciado já nos anos 1940 e acentuando-se a partir da década de 1950. Para se ter uma idéia, em 1980 morriam, no Brasil, 81,53 a cada mil meninos nascidos vivos durante o primeiro ano de vida, 51,21 no estado de São Paulo. Estes números caem, felizmente, chegando a 58,85 por mil em 1985, para todo o Brasil, e a 26,20 para o estado de São Paulo, em 1993.[20] Aliado a uma fecundidade mais estável, este declínio gerou taxas de crescimento populacional relativamente altas, criando a imagem do que acabou conhecido como a explosão demográfica brasileira. O resultado foi a conformação de uma população jovem: durante as tres décadas que separaram os anos 1940 dos anos 1970, mais da metade da população encontrava-se em idades inferiores a vinte anos[21], o que significou altas taxas anuais de inserção no mercado de trabalho e demandas sociais crescentes. No entanto, o início da rápida e acentuada queda da fecundidade, em meados dos anos 1960, vem transformar este quadro, reduzindo as taxas de crescimento populacional, é verdade, mas, sobretudo, contribuindo para a configuração de uma estrutura etária da população bem diferente da prevalecente nas décadas anteriores. Entre 1992 e 1996, a participação dos idosos de sessenta anos ou mais na população brasileira cresceu de 7,9% para 8,6%, ao passo que a de crianças de menos de dez anos de idade caiu de 22,1% para 19,9%. Na região Sudeste, que inclui o estado de São Paulo, praticamente um em cada dez habitantes tinha mais de sessenta anos em 1996. Já as crianças de menos de dez não passavam de 17,7% da população total.[22] O envelhecimento da população é claro, e suas principais causas são a queda da fecundidade e da mortalidade. Esta tendência verifica-se igualmente no Japão, onde a taxa de mortalidade, que era de 25,4 por mil nascidos vivos em 1920, vai diminuindo até atingir 10,9 em 1950, para manter-se estável a partir dos anos 1960, em torno 6,6.[23] Por

20 Taschner, S. P. **Familia, habitação e dinâmica populacional no Brasil atual**, *op. cit.*, p. 2.

21 Patarra, N., *op. cit.*

22 O percentual de idosos em 1996 foi de 9,3%. Dados da PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. IBGE, 1996.

23 Em 1992, a taxa de mortalidade japonesa foi de 6,9. Dados do Ministry of Health and Welfare. *In:* Asahi Shimbun, Japan Almanac 1994. Tokyo: Asahi ShimbunPublishing Company, 1993. P. 53.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

outro lado, a população japonesa tem envelhecido mais rapidamente do que em qualquer outro país industrializado, como mostram os dados do último recenseamento geral: em 1995, a fatia da população situada abaixo da linha dos quinze anos de idade reunia 15,9% do total, enquanto que os idosos de sessenta e cinco anos ou mais representavam 14,8%. É bom lembrar que, com relação ao Censo anterior, o de 1990, esta porcentagem de velhos é 2,8 pontos mais alta, enquanto que a de crianças é 2,3 pontos mais baixa.[24] Comparando dados de censos franceses, o INSEE registrou a mesma tendência: entre 1971 e 1991, tanto o número de jovens com menos de vinte anos diminui - de 32,9% para 27,5% - quanto o de idosos de sessenta e cinco anos ou mais aumentou - de 12,9% para 14,1%. Entre 1991 e 1995, o número de jovens diminuiu mais depressa, passando a 26,1% da população, enquanto que o número de pessoas idosas disparou, chegando a 15%.

Se, por um lado, o número de nascimentos diminui e morrem menos recém-nascidos, por outro, as pessoas idosas vivem mais tempo. É o chamado aumento da esperança de vida ao nascer, cuja tendência crescente faz prever a consolidação do novo perfil etário da população. Em 1940, um brasileiro podia, ao nascer, esperar viver, em média, parcos 41,2 anos. Este número evolui para 53,7 na década de 1960, representando um ganho de doze anos e meio em um período de apenas tres décadas. Em 1980, os brasileiros nascidos no estado de São Paulo já podiam entrever um futuro mais longo: 63 anos para os homens, e 70 para as mulheres.[25] Por conta das ainda grandes diferenças regionais, a esperança de vida dos paulistas foi, em 1995, de 73 para as mulheres contra 65 anos para os homens, ao lado de uma média nacional, no mesmo ano, de 69 para mulheres e 63 para homens.[26] Na França, a esperança de vida passou, segundo Catherine Bonvalet, de 61,6 anos para os homens e 67,2 anos para as mulheres no período entre 1946 e 1949, para 72,7 e 80,9 anos, respectivamente, no ano de 1990.[27] Em 1994, os garotinhos franceses recém-nascidos já podiam esperar viver 73,6 anos, e as garotinhas, 81,8.[28] No Japão, cujos números para a esperança de vida situam-se entre os mais altos do planeta - 76 anos para os homens e 83 para mulheres, em 1991[29] -, o número de pessoas com mais de cem

24 Statistical Bureau **Results of the First Basic Complete Tabulation of the 1995 Population Census.** Tokyo, 1997.

25 Por diversos fatores, a esperança de vida, e, portanto, também a probabilidade de viuvez, são maiores entre as mulheres.

26 Fundação SEADE **Mulher em Dados – Saúde.** Internet: http://www.seade.gov.br/mulher/saude.html

27 Bonvalet, C. **Transformation de l'Habitat: évolution de la structure des ménages en France.** Trabalho apresentado à 5a. Conferência Internacional de Pesquisa em Habitação. Montréal, 7 a 10 de julho, 1992.

28 Dados de Lévy, M-L. **La population de la France en 1994.** *In:* Populations & Sociétés no. 299, mars 1995. Internet: http://www.ined.fr

29 Dados do Banco Mundial, citados em Fundação SEADE, **São Paulo 1996.** São Paulo: Fundação SEADE, 1996. Internet: http://www.seade.gov.

30 Ministry of Health and Welfare, *In:* Asahi Shimbun Japan Almanac 1994. Tokyo, 1993. P. 51.

31 Dados do IBGE, citados em **São Paulo 1994**, *op. cit.*, p. 14., e

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping



anos cresceu vinte e nove vezes em trinta e dois anos, totalizando 4152 pessoas em 1992, segundo dados do Ministério da Saúde e do Bem Estar Social do governo japones.[30]

MENORES E DIVERSOS, OS NOVOS GRUPOS DOMÉSTICOS

Redução da fecundidade e envelhecimento da população tem sido as causas diretas da diminuição de tamanho do grupo familiar em todo o mundo ocidentalizado. A família brasileira, que se compunha por, em média, cinco pessoas em 1960, foi se reduzindo até atingir 4,34 em 1981, 4,2 em 1987, e 3,87 pessoas em 1990.[31] Permaneceu, contudo, maior do que a família paulista média, que, em 1981, compunha-se de 3,98 pessoas e em 1990, de 3,64.[32] Ressalvadas as diferenças de taxas de mortalidade infantil e de condições gerais de subsistência, os números referentes à média brasileira são apenas levemente inferiores aos que caracterizavam a família francesa já no final do século 19: em 1881, o número médio de pessoas por família já se limitava a 3,84. A partir de então, não parou de diminuir. No ano seguinte ao do término da Segunda Guerra, o tamanho médio do grupo familiar francês era de 3,06 pessoas, caindo para 2,7 em 1982 e 2,57 em 1989: uma redução de um terço em pouco mais de cem anos.[33] A média parisiense que era de 2,6 pessoas em 1891, cai para 1,91 pessoas por família em 1982[34] e não passa de 1,80 pessoas em 1990[35], mantendo-se até o final da década.[36] A família japonesa, composta, em média, por 4,14 pessoas no início da década de 1960, também verá este número reduzir-se para 3,41 apenas dez anos mais tarde, para atingir 2,99 em 1990 e 2,82 em 1995.[37] No caso japones, não se deve esquecer de que o extenso *dôzoku*, grupo doméstico semelhante aos encontrados na Europa medieval, persistiu até a Segunda Guerra Mundial. Sua existência fundava-se em uma série de direitos de caráter patriarcal, abolidos pela Constituição de 1951. A partir de então, o *dôzoku* desestruturou-se e a sociedade passou a organizar-se em grupos que

de Castelo Branco, H. Família: indicadores sociais, volume 1 (1981-1987). Rio de Janeiro, IBGE, 1989.

32 Dados do IBGE, citados em São Paulo 1994, *op. cit.*, p. 14.

33 A comparação é, no entanto, delicada, porque, em 1891, o censo francês chamava de família um grupo que incluía também empregados, ainda que não morassem com os patrões. O Censo brasileiro considera que o grupo familiar é aquele que "divide o mesmo fogo", portanto, que vive sob o mesmo teto. Mas como todos os demais dados citados, estes procuram apenas permitir uma melhor compreensão das grandes tendências de comportamento durante o período estudado.

34 Merlin, P. L'évolution du parc de logements 1945-1986, *in:* Bonvalet, C. Transformations de la Famille et Habitat, *op. cit.*

35 Dados gentilmente comunicados pelo professor Yankel Fijalkow, do Institut National d'Etudes Démographiques e da Université de Rouen, França, *via e-mail.*

36 Aulagon, M. Près de six millions de personnes vivent seules, selon l'INSEE. *In:* Jornal Le Monde. Paris, 25 de Abril de 1995, p. 16.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

tendem ao formato nuclear. No entanto, a presença da mulher em casa, cuidando dos filhos e, não raro, de seus próprios pais ou sogros, é ainda fortemente estimulada *de facto* tanto pelos empregadores como pela estrutura de serviços públicos.

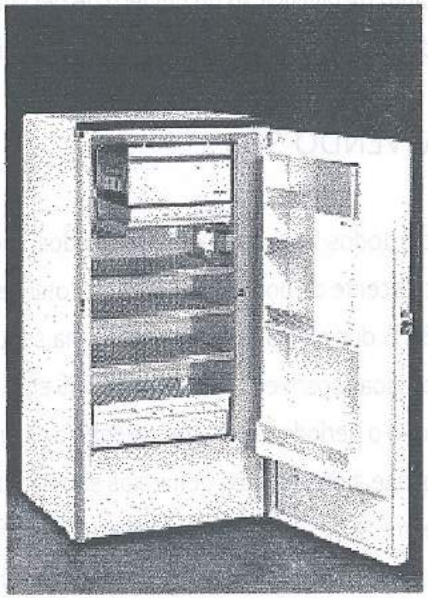
De maneira geral, a imensa maioria das cerimônias de casamento francesas, brasileiras e japonesas equivaleu, até meados deste século, ao lançamento das bases de uma vida conjugal nitidamente definida e claramente visível dentro da coletividade. A profissão, a fortuna e as qualidades morais eram valores mais importantes nesta escolha - geralmente feita pelos pais dos noivos - do que inclinações estéticas, psicológicas ou sentimentais. Com exceção do Japão, onde, até a Segunda Guerra Mundial, a divorcialidade obedeceu a rigorosos e peculiares costumes tradicionais, os casos de divórcio nestes países eram raros e o casamento pautava-se por um contrato de caráter duradouro, senão vitalício. É a partir do meio do século que esta situação começa a mudar, quando Medicina, Psicologia e até a Igreja passam a legitimar os sentimentos na união a dois e os principais conceitos freudianos começam a ser vulgarizados. A sexualidade passa a ser discutida nas escolas e a própria Igreja a considera uma expressão de sentimentos nobres e legítimos entre os cônjuges, ampliando sua secular definição de expediente reprodutor. Já não basta a instituição matrimonial para legitimar a sexualidade: é preciso amor, que, no entanto, permanece associado ao casamento, já que a sexualidade continua vinculada à procriação. Este frágil equilíbrio será definitivamente rompido durante a chamada revolução de costumes nos turbulentos anos 1960. Movimentos feministas e controle eficaz da natalidade - leia-se disseminação da pílula anti-concepcional - dissociarão, finalmente, sexo e reprodução. Gradativamente, o casamento vai deixando de ser uma instituição para tornar-se uma formalidade, uma vez que os jovens também já não precisam casar-se para escapar à autoridade dos pais. Tampouco é preciso casar-se para manter relações sexuais regulares com parceiros do sexo oposto, visto que estas relações só terão alguma conseqüência se o casal assim quiser.

37 Dados de Asahi Shinbum, *op. cit.*, e Statistical Bureau **Results of the First Basic Complete Tabulation of the 1995 Population Census.** Tokyo, 1997.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

UNIÕES LIVRES

Este momento de relativização da importância do casamento vai favorecer o interesse dos jovens pelas chamadas uniões livres ou consensuais. Livre do controle do Estado, mas também de sua proteção, este formato familiar teve um aumento significativo na França dos anos 1980, passando de 3,8% do total de grupos, em 1982, a 6% em 1989. Em seis de cada dez destes casais, a pessoa de referência tem menos de vinte e cinco anos; em 17%, entre 25 e 39 anos.[38] A participação deste formato familiar no conjunto de grupos brasileiros foi ligeiramente crescente durante a década de 1960, e quase dobrou nos anos 1970. Entre as modalidades de união das pessoas casadas com 15 anos ou mais, a união livre representava 6,9% em 1970, subindo para 11,8% em 1980. Mas se forem considerados apenas os adolescentes, aqueles que os Censos classificam na faixa dos 15 aos 19 anos de idade, os resultados são bem mais impressionantes. Em 1970, de cada dez adolescentes casados, apenas um vivia em união livre. Vinte e cinco anos depois, já mais da metade vive assim.[39] Vale notar, como dado indicativo do abandono de valores considerados burgueses - no caso, religiosos - que a preferência por casar-se no civil e no religioso registrou uma queda de 45% para 17% no mesmo período. Os que queriam casar-se só no religioso eram 17% em 1970, e são ínfimos 5% do total em 1995.[40] No Japão, a união livre parece constituir a opção matrimonial de uma parcela ainda infinitamente pequena de uma população que tem se decidido, em geral, ou por não casar-se e viver só, ou por casar-se, mas não gerar filhos.



38 Bonvalet, C. Transformation de l'Habitat:..., *op. cit.*

39 Os números corretos são: 12% do total, em 1970, 63% do total, em 1995. Dados IBGE: Recenseamento de 1970, PNAD de 1995.

40 Dados IBGE: Recenseamento de 1970, PNAD de 1995.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

No Brasil, este tipo de arranjo familiar tem estado associado, historicamente, aos hábitos das classes mais pobres da população, ou constituiu-se na única alternativa de união conjugal para as pessoas separadas judicialmente antes da sanção do divórcio, em 1978. Apesar de a opção pelas uniões livres preceder um bom número de casamentos mundo afora, inclusive de franceses e de brasileiros, ela se difunde sobretudo entre jovens de menos de vinte e cinco anos como parte de um novo modo de vida. Para esta população, casar significa comprometer-se, inscrever a vida em um projeto. Os jovens receiam que, casando-se, o sentimento se transforme em hábito e rotina, o que significaria envelhecer e aburguesar-se. Insistem em preservar o frescor, a intensidade e a espontaneidade da união, e alguns crêem até que a falta de compromisso oficial, a precariedade institucional de sua relação, seja a própria garantia de sua boa qualidade.

O aumento do número de divórcios, a opção pelo celibato, o retardamento do primeiro casamento, o envelhecimento da população e conseqüente aumento do número de viúvos - ou viúvas, predominantemente -, o crescimento do número de mães solteiras, são algumas das determinantes tanto da diminuição do número de pessoas por grupo doméstico como pelo aumento do número de grupos. Destes divorciados, celibatários e viúvos, muitos têm optado por viver sozinhos.

VIVENDO SÓS

Em todos os países ocidentalizados, morar só parece estar sendo a opção de uma parcela crescente da população: 25% do total de grupos domésticos ingleses, 30% dos suíços, mais de 30% dos alemães e dos suecos, na segunda metade dos anos 1980. Na França, os 20,3% de pessoas sós[41] em 1968 são 26,7% em 1989: a predominância feminina, uma constante durante todo o período, tende, atualmente, a diminuir, segundo Catherine Bonvalet.[42] Em Paris, em 1982, quase a metade dos domicílios são habitados por uma só pessoa, enquanto 37% das mulheres entre 30 e 34 anos são solteiras[43]: 16% dos homens e 13% das mulheres nesta faixa etária vivem, então, oficialmente sós. Metade dos franceses sós tem mais de sessenta e dois anos, e

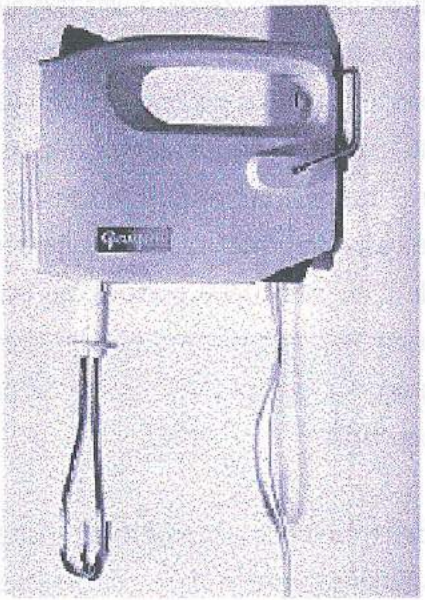
41 Relativos à população total do país.

42 Bonvalet, C. **Transformation de l'Habitat:...**, *op. cit.*

43 Dados de Desplanques, G. e Champion, J-B. **L'évolution des structures familiales réduit la taille des ménages mais nécessite de logements plus grands.** *In:* Bonvalet, C. Transformation de la Famille et Habitat, *op. cit.*

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

70% das mulheres que já passaram dos setenta e cinco anos são viúvas.[44] No que se refere aos divorciados e separados, o aumento de sua participação no total de pessoas vivendo sós é menor mas nada desprezível. Em 1982, 45% dos homens franceses solitários entre 35 e 54 anos viviam sós em conseqüência de uma ruptura conjugal. Entre as mulheres, esta porcentagem cai para 28%, devido à guarda dos filhos que, na maioria dos casos, elas detêm. Em abril de 1995, o respeitado jornal *Le Monde* traz uma matéria com o título: *Près de six millions de personnes vivent seules, selon l'INSEE.*[45] Segundo o artigo, o Instituto Nacional da Estatística e dos Estudos Econômicos, ao terminar a tabulação dos dados do Censo de 1990, constatou que o número de solitários franceses aumentou 21,5% em apenas oito anos, passando a 5,8 milhões de pessoas - ou um décimo da população nacional. Outra novidade, desde o recenseamento anterior, de 1982, foi que o número de homens vivendo sós aumentou duas vezes mais rápido que o de mulheres, contrariando uma tendência de décadas. Isto porque, acredita-se, até os anos 1970, morar sozinho era uma típica opção - ou, antes, falta de opção - de viúvas, e o quadro parece alterar-se na medida em que indivíduos de ambos os sexos escolhem este modo de vida, a partir de critérios diversos. Os *singles* japoneses, que, em 1960, não passavam de 16,5% do total de grupos domésticos, somam 20,25% em 1970, e 23,08% - ou 9.390 mil pessoas - em 1990, de acordo com dados de Recenseamentos Nacionais do Japão.[46] Estes números continuam a aumentar em 1995, pulando para mais de onze milhões de pessoas morando sós em todo o país. Tokyo, como era de se esperar, é a província com a maior porcentagem de solitários: 16%. A capital é também onde os jovens entre 25 e 29 anos menos se casam, e, desde o primeiro Censo, em 1920, seus números nunca foram tão altos: tres a cada quatro



44 Prost, A. Fronteiras e espaços do privado, *In:* História da Vida Privada, vol. 5. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

45 [Quase seis milhões de pessoas vivem sós, de acordo com o INSEE]. Aulagon, M., *op. cit.*

46 Citado em Asahi Shimbun, *op. cit.*, p. 50.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

homens, quase duas a cada tres mulheres.[47]

No que concerne o Brasil, apenas 5,9% de todas as habitações do país eram ocupadas por uma única pessoa em 1981, contra 6,7% em 1987. No estado de São Paulo, em 1994, os grupos domésticos compostos por uma única pessoa já perfazem 7,5% do total de grupos: seriam 7,7%, se considerada toda a região metropolitana, e 8,7% para apenas a cidade de São Paulo.[48] E por que vivem sozinhas estas pessoas? Em 1980, quase a metade de todos os habitantes solitários de todo o Brasil preferiu não casar-se; um a cada tres casou-se mas enviuvou, e um a cada cinco acabou separando-se do companheiro.[49] Já as idades predominantes destes *singles* diferem ligeiramente das de seus congêneres em outros países. A população de jovens brasileiros vivendo sós é relativamente baixa e, sobretudo, masculina: 24% dos homens sós e apenas 9% das mulheres tinham, em 1988, entre 15 e 29 anos. A maior porcentagem de homens sós situa-se entre os 40 e os 59 anos - 29,7% -, enquanto que a maioria das mulheres vivendo sós - provavelmente viúvas, em sua maioria - tem sessenta anos ou mais - 54,6%.[50] Este formato de grupo doméstico cresceu a uma taxa média anual de 5,4% durante a década de 1970. É, de novo, um fenômeno predominantemente urbano, que envolve, sobretudo, trabalhadores com pouca ou nenhuma qualificação. Porém, se este é o perfil majoritário - 46,6% destes trabalhadores de 15 anos ou mais, de todo o Brasil, residem em domicílios unipessoais, em 1987 - não é o que mais cresce. Entre os anos de 1981 e 1987 a maior taxa de crescimento é verificada entre os trabalhadores não manuais de nível superior, cuja proporção nos domicílios unipessoais aumenta de 8,1% para 10,3%, portanto com um crescimento de 27,2%. Esta evolução, comparada ao baixo crescimento entre os trabalhadores não qualificados - 2,4% - indicaria que o aumento dos grupos unipessoais vem ocorrendo, sobretudo, nas camadas de renda mais elevadas da população.[51]

Este crescimento também está estreitamente ligado ao novo modo de vida dos jovens. O celibato, simultâneo ou alternado com uniões livres, difunde-se, principalmente, nas categorias superiores

47 Os números exatos são: 75,8% para os homens e 59,4% para as mulheres. Statistical Bureau Results of the First Basic Complete Tabulation of the 1995 Population Census. Tokyo, 1997.

48 Pesquisa de Condições de Vida. Fundação SEADE, 1994.

49 Os números exatos são: 45% de solteiros, 35% de viúvos, 17% de separados. Berquó, E., A família no século XXI..., *op. cit.*

50 Castelo Branco, H., *op. cit.*

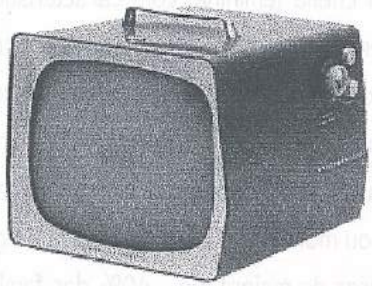
51 *Idem*

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

da sociedade: executivos, profissionais liberais, trabalhadores de escritórios, como nota o historiador francês Antoine Prost.[52] Tanto na Europa como no Japão, trata-se de um modo de vida tipicamente urbano, de pessoas cultas, adotado sobretudo pelos homens, devido, basicamente, à saída da casa dos pais associada, em parte, ao retardamento da idade do primeiro casamento. Cada vez mais, os jovens começam seu percurso no campo da habitação por uma vida solitária, o que não exclui fases de coabitação antes ou depois deste período, ou de coabitação parcial simultâneamente. Este solteiro, produto da dissolução da família, tem tempo livre e, em geral, meios financeiros suficientes para realizar boa parte de suas expectativas materiais. Tempo livre e dinheiro não são, no entanto, suficientes para capacitar pessoas a encontrar sua identidade. Além do seu trabalho, estes indivíduos esperam fazer parte de redes de atividades sociais ou culturais, o que aumenta a demanda por lugares de uso público como "quadras, ginásios esportivos e outros equipamentos sociais, assim como museus, bibliotecas, galerias e outros equipamentos culturais locais", como crê o professor Walmsley.[53]

FAMÍLIAS MONOPARENTAIS

Corolário do aumento do número de pessoas vivendo sós, o crescimento recente do número de famílias monoparentais é atribuído, principalmente, aos divórcios e às rupturas de uniões livres. Em menor número, aos casos de viuvez, e ao crescente número de mães solteiras, que também pode estar refletindo uma nova postura da mulher com relação à reprodução e à estrutura familiar. Na prática, a monoparentalidade significa grupos familiares chefiados predominantemente por mulheres - 85% dos casos franceses, em 1989, 89% das famílias monoparentais brasileiras, em 1987 - e pode ser apenas uma etapa transitória na vida de um grupo familiar, sucedendo uma separação conjugal,



52 Prost, A., *op. cit.*

53 Walmsley, D. J. Urban living: the individual in the city. New York, Long man Scientific and Technical, 1988. P. 63

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

precedendo uma nova união. Ainda na França, as famílias monoparentais compunham, em 1968, 4,2% do conjunto de grupos domésticos. Este número aumenta para 4,3% em 1982, chegando a 6% em 1990. Esta é, também, a média européia, onde uma família a cada oito reúne apenas pai ou mãe e filhos.[54] O número anual de divórcios aumentou em mais de 100%, apenas no período entre 1972 e 1984. Paralelamente, uma fatia crescente do conjunto de famílias monoparentais é chefiada por divorciados: de 1968 a 1981, esta porcentagem passou de 12% para 33% entre as chefiadas por homens, e de 18% para 48% entre as chefiadas por mulheres. Alterações de perfil também são notadas. No ano de 1990, 45% das mães e pais solitários franceses são divorciados ou separados do cônjuge; já em 1968, a grande maioria era formada por viúvos.[55] A participação das famílias monoparentais brasileiras no total de grupos domésticos vem aumentando nas últimas décadas. Em 1970, ela era de 11,5%, passando a 13% em 1980, e 16,4% em 1987, o que significa um crescimento de 42,5% em apenas dezessete anos. Em 1987, quase um de cada cinco[56] grupos domésticos urbanos brasileiros é uma família monoparental: 73,8% deles são compostos de mãe e filhos, 15,5% compostas por mãe, filhos e parentes, e apenas 10,5% tem o pai na posição de chefe.[57] Em 1994, uma em cada dez famílias da região metropolitana de São Paulo é formada apenas pelo chefe e seus filhos. Somando-se aí a porcentagem dos grupos que reúnem um chefe, seus filhos e parentes, o número subiria para 14,7% do total dos grupos.[58]

No Brasil, esta configuração familiar é conhecida, já há algumas décadas, na forma de famílias com chefia feminina, com características bem particulares: são famílias no limiar da miséria, vivendo sobretudo em meio urbano, compostas pela mãe, filhos e, algumas vezes, parentes. O baixo nível de renda explica-se, em geral, pelo fato de os filhos serem ainda pequenos, e os eventuais parentes, velhos demais para trabalhar e contribuir no orçamento familiar. Vivem nas cidades por causa da maior possibilidade de trabalho para a mãe, e o pai ausente abandonou-os, ou morreu, ou nunca fez parte do grupo, ou procura trabalho em outra região. Este modelo, apesar de majoritário - 40% das famílias chefiadas por mulheres na cidade de São Paulo, em

54 Dados de Bonvalet, C., Transformation de l'Habitat:..., *op. cit.*, e de Aulagnon, M., *op. cit.*

55 A rigor, estes resultados subestimam a amplitude do fenômeno, visto que o INSEE apenas considera família monoparental aquela que vive de maneira autônoma, sem a presença de terceiros. Dados de Mermet, J-C. e Buisson, M. Pratiques sociales de l'habitat et dynamique de la divortialité. *In:* Bonvalet, C. Transformations de la Famille et Habitat, *op. cit.* e de Aulagnon, M., *op. cit.*

56 18%. Castelo Branco, H., *op. cit.*

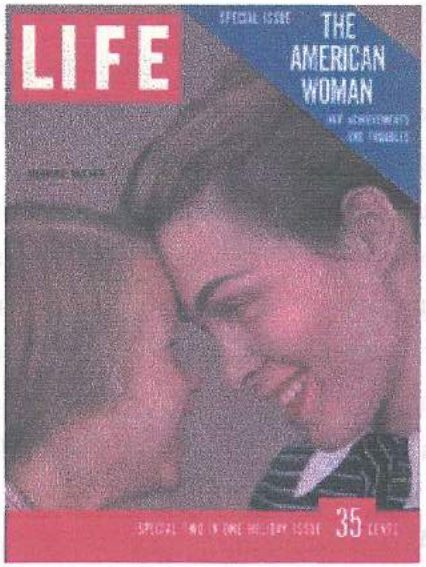
57 Cálculos efetuados a partir de dados do IBGE, Censos de 1970 e 1980, e Castelo Branco, H., *op. cit.*

58 Fundação SEADE Distribuição das Famílias, por Tipo, segundo Região do Estado de São Paulo em 1994. *In*: Pesquisa de Condições de Vida, 1994.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

1981, segundo a pesquisadora Christina Bruschini[59] - vê emergir um outro, ligado aos novos padrões de comportamento, onde a mulher-chefe pertence às faixas mais altas de renda: 31% das famílias chefiadas por mulheres na cidade de São Paulo, em 1981.[60] Trata-se aí de mulheres profissionais das classes médias, que assumem a responsabilidade do trabalho remunerado na família porque são qualificadas para isso, detendo a guarda dos filhos após uma eventual separação conjugal. Já a chefia masculina nas famílias monoparentais brasileiras é muito mais rara, chegando a diminuir nos últimos anos, fruto provável do aumento de recasamentos - mais freqüente entre os homens - após separação conjugal ou viuvez.

Os efeitos destas mudanças no campo da habitação são de diversas ordens. As separações multiplicam o número de grupos domésticos, diminuindo seu tamanho médio. O cônjuge que passa a morar só necessita de espaço para receber os filhos nos finais de semana ou até por mais tempo, no caso de opção pela guarda alternada. Os problemas de visita e guarda dos filhos, assim como a necessidade freqüente da ajuda dos parentes, leva os divorciados e chefes de família monoparental a buscar a proximidade de seus domicílios, quase sempre em meio urbano. Além disso, processa-se uma alteração de papéis no seio destas famílias, devida, muitas vezes, à ausência do chefe - pai ou mãe - por razões de trabalho, e ainda à provável queda do nível de vida após a separação, o que costuma levar ao ingresso de um ou mais filhos no mercado de trabalho. Estes efeitos, ainda pouco estudados, terão certamente grande influência na organização deste grupo doméstico e, conseqüentemente, no agenciamento de seus espaços de habitar.



59 Bruschini, C. **Estrutura familiar e trabalho na Grande São Paulo.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo, fevereiro, 1990.

60 Uma pesquisa da socióloga Maria Josefina Gabriel Sant'Anna, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, indica que 27% das chefes mulheres do bairro de Copacabana ganham acima de 10 salários mínimos.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Mesmo que novos formatos familiares aumentem cada vez mais sua participação no total de grupos, a grande maioria dos habitantes destas tres metrópoles vive ainda o ciclo de vida nuclear, ao qual veio acrescentar-se, como se diz, a etapa do ninho vazio, quando os casais ficam sós após a partida dos filhos. No entanto, o modelo casal-com-filhos passa, em todos os países ocidentalizados, por dois tipos de diminuição: a do número de filhos, contribuindo para a redução do tamanho médio dos grupos familiares, e a de sua participação no total dos grupos domésticos. Na França, esta participação, que já não era predominante em 1968 - apenas 43% do total dos grupos domésticos -, cai para 38% em 1983.[61] No Brasil, apenas pouco mais da metade do total de grupos domésticos configuravam famílias nucleares em 1987.[62] No Japão, onde o grupo familiar é a principal referência do indivíduo na sociedade, as famílias nucleares compunham 83,5% em 1970. Dez anos mais tarde, este número já havia caído para 80,17%, e no recenseamento de 1990 não passava de 76,92%.[63] Além disso, o formato 'casal-sem-filhos' que, em 1970, correspondia a 45% do total de grupos com filhos, já equivale a 62% em 1990. Neste segmento predominam os chamados casais *DINKs - Double Income No Kids*[64] -, outra variação desta tendência de distanciamento do modelo convencional de família e, ao mesmo tempo, de aproximação do modelo 'pessoas sós'. Seu modo de vida baseia-se no desejo de levar uma vida confortável, garantida pela remuneração dos dois componentes do casal, mantendo a liberdade e a sensação de uma vida de solteiro, e pela possibilidade de melhor dispor do próprio tempo livre sem a necessidade de dividí-lo com obrigações domésticas decorrentes, em grande parte, da presença dos filhos. Contudo, interessa-nos aqui reunir algumas das principais características do grupo formado por pais e filhos que, apesar de historicamente majoritário, não deixou de sofrer profundas alterações em suas relações internas, frente às mudanças que afetaram estas sociedades nas últimas décadas.

61 Dados de Roussel, L., citado por Berquó, E., *op. cit.*

62 O número exato é 59,5%. Dado de Castelo Branco, H., *op. cit.*

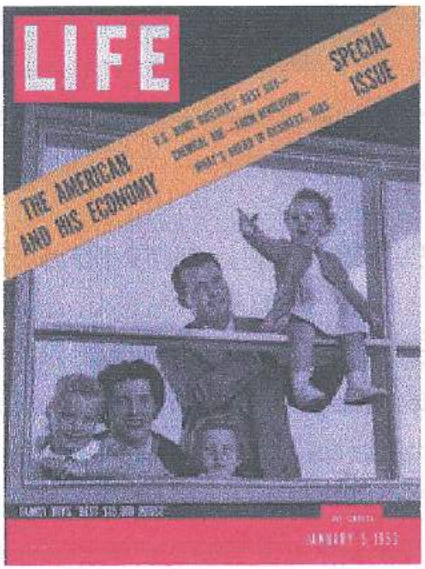
63 Dados de Asahi Shimbun, *op. cit.*, p. 50.

64 Em português, Duplo rendimento, sem filhos.

A redistribuição da autoridade constitui uma destas alterações. A própria terminologia estatística

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

brasileira avalizou-a, mudando o título de 'chefe de família' para 'pessoa de referência'. As razões são das mais diversas, e vão desde o deslocamento da função de provedor para outro membro do grupo, até à falta de consenso entre os membros sobre quem é realmente o chefe. O aumento do número de mães trabalhando fora de casa, contribuindo, às vezes na mesma medida que o pai, para o sustento da família, reforça esta imprecisão, pondo em cheque a própria estrutura da família nuclear, baseada na tradicional divisão sexual do trabalho. Por outro lado, os pais já não são os únicos responsáveis pela formação dos filhos nem pelo seu aprendizado das normas sociais, o que lhes deu, até a primeira metade deste século, o direito de decidir sobre as amizades e a futura profissão dos filhos. Com a escolarização obrigatória, é a escola que passa a desempenhar este papel, substituindo a família cada vez mais cedo. A escola permite que a criança ou o adolescente crie novos grupos de convívio independentes do familiar, preparando-os para a vida pública. E a família, ao tornar-se puramente privada, deixa de ser, portanto, plenamente educativa. "Os pais descarregam sobre a escola a tarefa de ensinar aos filhos as regras da vida em sociedade", constata Antoine Prost. "Cabe-lhes ainda alimentá-los, vestí-los e, principalmente, amá-los, mas sob o controle do poder público que julga, em última instância, se estão se desencumbindo bem da tarefa." Assim, constata Prost, a família deixa de ser uma micro-sociedade. "Deixa de ser uma instituição para tornar-se um simples ponto de encontro de vidas privadas."[65]



A independência de seus membros aumentou, é verdade, o que se traduz pela afirmação do individualismo no conjunto da sociedade. De secundária, e, às vezes, até clandestina, a vida privada dos indivíduos dentro do núcleo familiar passou a ser, nas últimas décadas, reconhecida e respeitada. Os pais já não dão ordens, mas negociam preferências com os

65 Prost, A., *op. cit.*

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

filhos, e o papel destes últimos já não é o da obediência cega mas o do êxito social e profissional. Um dos pouco visíveis responsáveis por essa mudança de comportamento chamava-se Benjamin Spock, autor do célebre livro *Meu filho, meu tesouro*. Publicado pela primeira vez em 1946, o livro, um manual de educação infantil endereçado aos pais, propunha a substituição da severidade na educação dos filhos pela expressão dos sentimentos e o diálogo. Sua vendagem alcançou a marca dos cinqüenta milhões de exemplares[66], um recorde que o torna um campeão em vendas, só perdendo para a Bíblia, e ajudou a moldar o perfil de uma geração. "Ao que tudo indica", escreve Elisabeth Bilac, referindo-se à crescente diversidade de grupos domésticos, "o ponto nodal da questão está nas transformações sofridas pela família nuclear. Tudo se passa como se este modelo não pudesse resistir às pressões resultantes do avanço tecnológico [*que faz cair a mortalidade e permite o controle da fecundidade*] e das modificações nas relações entre os sexos [*que se tornam menos assimétricas*] tornando-se rapidamente anacrônico."[67]

Com a redução do número de filhos, o aumento de seu grau de independência com relação aos pais, e a diversificação das possibilidades de autonomia financeira da mãe, deixam de existir razões para que a família nuclear prolongue-se por toda a vida - cada vez mais longa, diga-se - de seus membros, continuando a existir após o fim do amor conjugal. Assim, tudo leva a crer que este formato familiar torne-se, cada vez mais, apenas um momento transitório - e não mais obrigatório - da trajetória individual de cada vez menos pessoas.

EVERYBODY WANTS TO LIVE IN CITIES

É também por volta das décadas de 1950 e 1960 que a informatização começa a dar sinais de um desenvolvimento capaz de permitir-lhe suceder à mecanização. Apenas trinta anos mais tarde, a comunicação à distância já se encontra completamente modificada, as noções de deslocamento postas em cheque, enriquecidas com a banalização do conceito de realidade virtual. Diferentemente da sociedade industrial, na qual a população agrupa-se em polos

66 Segundo Capriglione, L. 1968. *In:* revista Veja. São Paulo: editora Abril, 6 de maio de 1998. P. 84.

67 Bilac, E. Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil. *In:* Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1991. As observações entre colchetes são nossas.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

onde está a informação, na emergente sociedade pós-industrial, como tem sido chamada, a informação é que seria levada aos indivíduos, e o lugar onde eles efetivamente se encontram importa pouco. O chamado modo de vida metropolitano propaga-se também através dos meios de telecomunicação, o que contribui, sem dúvida, para o movimento de população - em curso - a partir das grandes cidades do mundo em direção a comunidades menores. São Paulo, Paris e Tokyo têm experimentado o chamado efeito *doughnut*, que significa o decréscimo de densidade populacional nas áreas centrais e o aumento de população além de suas fronteiras administrativas. Por exemplo, desde 1980, o crescimento populacional da cidade de São Paulo tem sido muitas vezes menor do que o das demais cidades da Região Metropolitana - 0,3% anuais entre 1991 e 1996 -, e seu saldo migratório é acentuadamente negativo, principalmente, a partir de 1991. Excluída a capital, o conjunto dos demais municípios da Grande São Paulo cresceu a uma taxa anual de 3,2% entre 1980 e 1991, e de 3,08% entre 1991 e 1996[68]. A cidade de Tokyo tem perdido população para toda a sua área metropolitana, principalmente para as cidades de Omiya e Kawasaki. Nos vinte anos que separam 1970 de 1990, a população das províncias de Saitama, Kanagawa e Chiba, que compõem a maior parte da área metropolitana da capital, aumentou em mais de sete milhões e meio de pessoas.[69] No mesmo período, o município de Tokyo apresentou um saldo populacional positivo de meras 447.492 almas, mas até 1995 já havia perdido 81.958 delas. O fenômeno se repete na França: já desde os anos 1960, boa parte dos moradores de Paris tem preferido ir instalar-se nas *villes nouvelles* da Região Parisiense. Aliás, a própria cidade de Paris *intramuros* viu seu centro esvaziar-se de maneira constante desde as primeiras obras do barão Haussmann. Os dados compilados por Yankel Fijalkow, professor da Universidade de Rouen e pesquisador do INED[70], exibem a variação de população de cada *arrondissement* parisiense entre 1861 e 1990. Segundo eles, a população da cidade como um todo começa a decrescer a partir do Censo de 1931, mas *arrondissements* centrais, como o Primeiro, o Segundo, o Terceiro e o Quarto, já vem perdendo população desde as últimas décadas do século passado, ao passo que os

68 Taschner, S. P. **Família, habitação e dinâmica populacional no Brasil atual**, *op. cit.*, p. 3.

69 A cifra exata é 7.632.657 pessoas. Fontes: 1. Population by sex and Prefectures 1884-1985. Tokyo: Statistical Bureau Management and Coordination Agency, 1986 2. Population and households by prefectures. Tokyo: Statistical Bureau Management and Coordination Agency, 1991 ; 3. Population by sex and households by type of households. Tokyo: Statistical Bureau Management and Coordination Agency, 1995.)

70 *Institut National d'Etudes Démographiques.*

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

arrondissements periféricos - sobretudo os Décimo, Décimo-primeiro, Décimo-nono e Vigésimo, situados na parte Leste e menos rica da cidade -, só começaram a esvaziar-se a partir dos anos 1960, quando aumentou consideravelmente a oferta de habitações *extramuros*, nas *villes nouvelles*.[71] Depois de um ligeiro aumento registrado no Censo de 1954, a população parisiense continua em sua curva decrescente iniciada na década de 1930. Entre 1954 e 1975, a cidade perde mais de meio milhão de pessoas[72], e mais 168.930 nos vinte anos seguintes: um quarto da população em quatro décadas. No mesmo período, os demais departamentos da Região Parisiense ganham quase nove milhões de novos habitantes.[73]

Essa migração tem, no entanto, limites claros. Por um lado, ela se apóia nas novas possibilidades de comunicação à distância, que permitem que, mesmo morando em periferias, esteja-se em contato constante com os serviços e instituições situados no núcleo central. Por outro, constata o professor Peter Hall, da *Bartlett School of Planning*, de Londres, toda comunicação tem um custo, e, diferentemente do serviço postal, suas tarifas variam com a distância.[74] Resultado: as preferências acabam recaindo sobre cidades menores, situadas nas franjas da aglomeração principal, a uma distância do núcleo central facilmente percorrível em automóvel ou em transporte coletivo. Além disso, em anos recentes, esta tendência vem sendo acompanhada por uma alteração no perfil dos habitantes das cidades: enquanto casais com filhos parecem mostrar maior interesse por uma vida mais tranqüila na periferia, mais e mais pessoas solteiras, jovens profissionais, trabalhadores de escritório e estudantes preferem gastar maiores somas com o aluguel de um apartamento situado nas áreas centrais das cidades, ao invés de se submeterem a longos deslocamentos diários em transportes coletivos, vivendo em bairros e subúrbios distantes, longe da vida noturna e do lazer urbano.

O habitante das grandes cidades do mundo parece assemelhar-se, cada vez mais, aos seus congêneres de outros países, agrupando-se em formatos familiares parecidos, vestindo

71 Fijalkow, Y. Evolution de la population de Paris 1861-1990. Dados dos recenseamentos de 1861 a 1990.

72 O número exato é de 550.359 pessoas. Ver fonte na nota seguinte.

73 O número exato é de 8.846.870 pessoas. Cálculos efetuados utilizando as seguintes fontes: 1. Population des départements lors des rescensements de 1851 à 1982, in: INSEE, Rétrospectif 1948-1988. 2. Population de la France par région et département. In: INSEE. BMS N°3. 1997. A população do departamento de Seine-et-Marne só foi computada no cálculo para 1995.

74 Hall, P. Megacities, world cities and global cities. Lecture at the Dutch Foundation for Architecture. Rotterdam, february 1997. Internet: http://www.megacities.nl/lectfeb/lecfeb97.HTML

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

roupas de desenho semelhante, divertindo-se das mesmas maneiras, degustando os mesmos pratos, equipando suas casas com os mesmos eletrodomésticos, trabalhando em computadores pessoais que se utilizam dos mesmos programas, capazes de ler, em todo o mundo, as informações contidas em um mesmo disquete. Isto significa que, aparentemente impulsionada pela potencialização dos meios de comunicação de massa, uma enorme transformação de hábitos está em curso, minimizando, inclusive, a influência de culturas locais.

Todos estes fenômenos sugerem a transição do sistema familiar típico da sociedade industrial para o que o historiador japones Sakae Tsunoyama, especialista em História da Economia, chama de "desintegração da família na sociedade pós-industrial". "A história do sistema familiar", diz Tsunoyama, "era uma história da adaptação da família às mudanças da estrutura econômica da sociedade."[75] Segundo ele, na sociedade agrícola, um sistema familiar extenso, baseado em laços de consangüinidade, constituiu unidades auto-suficientes em comunidades rurais, nas quais todos os membros da família estavam engajados na produção agrícola. Quase todas as funções sociais, como produção, consumo, suprimento de comida e de combustível, educação, serviço médico e recreação, estavam integradas na família mas fortemente respaldadas pela comunidade. Na sociedade industrial, a família nuclear tornou-se uma unidade social que, contrariamente à família extensa da sociedade agrícola, constituiu-se em unidade de consumo e não de produção. O processo de produção transferiu-se para a fábrica, e, enquanto o marido deveria deslocar-se até seu local de trabalho para ganhar dinheiro, a esposa ficava encarregada de tomar conta da casa e dos filhos. Desta maneira, tomou forma o que conhecemos como a divisão sexual de trabalho enquanto padrão social atendendo às demandas da sociedade industrial. As várias funções sociais, antes integradas à família extensa e à comunidade, desintegraram-se durante o processo de industrialização para criar séries de sistemas independentes, como escolas, hospitais, etc. É sobretudo neste sentido que as transformações atualmente em curso são profundas: no ponto em

75 Tsunoyama, S. The age of the city. *In:* Cohen, A., Fuku, K. (org.) Humanising the city? Social contexts of urban life at the turn of the millenium. Edimburgh: Edimburgh University Press, 1993. P. 33.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

que, equipado com meios mais performáticos de comunicação à distância, o local de trabalho tende a ocupar novamente o espaço da habitação, que deverá alojar um número mínimo de pessoas, talvez - e com, aparentemente, crescente probabilidade - uma única, criando o cenário que abrigará um novo tipo de força de trabalho, completamente fragmentada.

ESCRITÓRIO É O LUGAR ONDE VOCÊ ESTÁ

Trabalhar em casa é um hábito antigo. Desde tempos medievais, quando as noções de espaço público e privado ainda estavam por serem cunhadas, trabalho e vida doméstica confundiam-se em um mesmo espaço, envolvendo um grupo doméstico igualmente formado por parentes e não-parentes do dono da casa. O século 18 europeu presencia o nascimento da indústria, ao mesmo tempo em que certos segmentos como a fiação, a tecelagem, a confecção ou a relojoaria delegam ao trabalho realizado em casa certas atividades de apoio à produção em usina. O trabalhador situava-se, neste caso, bem próximo ao artesão, uma vez que organizava e realizava suas tarefas de maneira autônoma.

O tele-trabalho, tal qual tem sido entendida hoje esta expressão, é, na definição de Hélène Girard, produto da "aplicação das telecomunicações e da informática permitindo comunicar-se à distância, intercambiando-se informações e dados".[76] A partir daí, o tele-trabalho deixa de equivaler à atividade profissional simplesmente realizada em casa, já que constitui uma ruptura da maneira tradicional de organização do trabalho. Também os meios de comunicação tem usado o termo tele-trabalhador para designar as pessoas que trabalham em casa em lugar de deslocar-se fisicamente a um local de trabalho, o que tampouco estaria totalmente correto. Em nome do rigor acadêmico, é necessário lembrar que alguns deles poderiam deslocar-se a tele-centros nas vizinhanças de suas casas, onde disporiam dos mesmos recursos de informática e de telecomunicações previstos na definição de Hélène Girard. Neste caso, o tele-trabalhador não é um *homeworker*.

76 Girard, H. **Comprendre le télétravail.** Paris: Editions du Téléphone, 1995. P. 23.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Quase desconhecidos no Brasil e ainda pouco disseminados na Europa, estes centros locais de tele-trabalho são muito comuns no Japão, e situam-se nas origens do trabalho à distância das últimas décadas. O primeiro 'escritório satélite', como costumam ser chamados até hoje, data de 1984 e pertencia à gigante das telecomunicações japonesa NEC. Com cara de protótipo, seus descendentes apenas começaram a surgir nos últimos anos da década, recheados de equipamentos caríssimos e, muitas vezes, desnecessários badulaques eletrônicos, cuja função principal era a de realizar algumas proezas tecnológicas. Pouquíssima ou nenhuma atenção era, então, dada aos processos de trabalho, muito menos aos possíveis desdobramentos nos planos humano e social de tal prática. Esta dúzia de unidades, se tanto, situada na região de Tokyo, pertencia a empresas privadas e foi perdendo o interesse à medida em que a *Bubble Economy* foi dando sinais de esvaziamento, a partir do início da década de 1990.[77] O que não significa que o número de pessoas trabalhando em casa, ou, em todo caso, fora dos ambientes convencionais de escritórios tenha diminuído. Pelo contrário.

Andràs November, pesquisador do Instituto Universitário de Estudos do Desenvolvimento, de Genebra, acredita que, em 1997, 7,4% dos empregos britânicos, 7% dos franceses, 5% dos alemães, 3% dos italianos e 2% dos espanhóis estavam nas mãos de tele-trabalhadores.[78] No que concerne os Estados Unidos, o *Olsten Forum on Information Management* realizou enquetes em 1994 e 1995 envolvendo uma amostra de trezentas e cinco empresas no primeiro ano, e outra de quatrocentas e vinte e tres no segundo. Entre os resultados, constatou-se um aumento de 42% para 49% da porcentagem de empresas que ofereciam a seus empregados a possibilidade de se trabalhar à distância.[79] Simplesmente, a metade delas, e isso há já tres anos. Apesar da pouca confiabilidade das estatísticas nessa área, dada a dificuldade de se medir um fenômeno muito recente que ainda ocorre, principalmente, entre as quatro paredes do lar, a tendência destes números

77 Em português, Economia-bolha. No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, enquanto o mundo todo conhecia as agruras da crise econômica, o Japão prosperava de maneira estupenda, vindo a conquistar o cobiçado posto de segunda economia do planeta, atrás apenas dos Estados Unidos. Diferentes datas são apontadas por especialistas para o final do período da *Bubble Economy*, mas a maioria concorda em situá-lo em torno dos anos 1990-92.

78 November, A. Le télé-travail: quels emplois? Quel chômage? Quelles conséquences?. IUED. Genève, 1997.

79 Olsten Forum on Information Management. Internet: http://www.src-mtl.com/tv/branche/v2/arch.html

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

é a de aumentarem rapidamente, acompanhando o próprio aumento do número de computadores pessoais domésticos, por um lado, mas também o ritmo acelerado de informatização das empresas. Por exemplo, o caso japones. De acordo com uma enquete conduzida pela *Satellite Office Association of Japan*, a população de tele-trabalhadores compunha, em 1996, apenas 4% do total dos trabalhadores de escritório, o que dava 960 mil pessoas.[80] No entanto, a maioria das empresas e órgãos do governo com mais de quinhentos empregados já estava usando *e-mail* em 1997, e a média de empregados por computador diminuiu de 6,5, em 1996, para 4,5. Além disso, o número de empresas onde cada empregado tem à sua disposição um computador - razão 1:1 - foi de 5,7% do total de empresas, em 1997, um salto importante em relação aos tímidos 2,1% do ano anterior. Outro dado curioso é o que indica a origem dos acessos à Internet, de acordo com a associação *Access Media International*. Segundo ela, 61,3% dos japoneses que acessam a rede o fazem apenas da escola ou do trabalho; 21,3%, apenas de casa; e 17,4%, dos tres lugares.[81] No que se refere à França, dados do INSEE indicam que, em 1996, 14,7 % dos grupos familiares possuíam un micro-computador em casa, porcentagem que tem aumentado regularmente desde 1989, quando apenas 8,2% dos grupos praticava a micro-informática a domicílio. Previsível efeito colateral, a porcentagem dos grupos servidos pelos pioneiros equipamentos Minitel tem diminuído sensivelmente: de 21,5% do total, em 1995, para 17,7 % en 1996.[82] Andràs November acha que o perfil dos tele-trabalhadores é, em geral, formado por extremos. Um recente recenseamento na França teria mostrado que mais da metade deles são pouco qualificados, a quem se confiam tarefas cansativas, rotineiras e repetitivas e despidas de criatividade. A outra metade, no entanto, seria formada por profissionais intelectuais, cujas atividades podem ser desenvolvidas de maneira independente, como grafistas, jornalistas, professores e pesquisadores, desenhistas, tradutores, consultores em informática e em *marketing*.[83]

Defensores do trabalho à distância proclamam as delícias de poderem desenvolver suas

80 Spinks, W. Telework in Japan: A Status Report. Trabalho apresentado no simpósio Telecommute '97. Orlando, Florida: 2 a 5 de novembro de1997.

81 Dados veiculados por Spinks, W., *op. cit.*

82 INSEE L'essor de la « culture d'appartement ». Paris: INSEE, décembre 1997. Internet: http://www.insee.fr

83 November, A., *op. cit.* Para que se entenda melhor o *status* do teletrabalhador, ele pode pertencer aos quadros da empresa ou ser terceirizado. No primeiro caso, dotado de equipamentos de tele-comunicação – que vão do telefone celular ao *lap-top* plugado na Internet através de contato direto com satélites, passando por micro-computadores pessoais equipados com placa *modem* ou simples aparelhos de fax e de telefone convencionais –, ele pode estar em contínuos deslocamentos físicos na cidade, fixado em casa ou em centros de telecomunicações como os *Satellite Offices* japoneses. A segunda possibilidade abrange novos setores de atividades, que fornecem serviços igualmente novos: tele-secretárias, tele-medicina, tele-segurança, tele-serviços gerais, etc.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

atividades profissionais sem sair de casa, permanecendo ao lado da família, quando têm uma, economizando o dinheiro da gasolina ou do transporte coletivo, trabalhando segundo seu próprio ritmo, sem ter que estar o tempo todo em contato com uma hierarquia funcional. Haveria, ainda, vantagens óbvias para a coletividade: se o deslocamento físico é substituído pelo virtual, o trânsito de automóveis teria conseqüências menos incômodas. Corolário igualmente evidente, os congestionamentos poderiam acabar transferindo-se para a rede telefônica. Seus opositores, no entanto, representantes sindicais em sua maioria, garantem que há mais ameaças do que boas promessas nesta nova forma produtiva. Apontam o isolamento físico e social como causa principal da solidão expressa por grande parte dos tele-trabalhadores e *homeworkers*[84] consultados em diferentes enquetes.[85] Para Andrew Bibby, autor do livro *Home is where the office is*, o problema maior não seria o isolamento em si, mas o fato de que os colegas de empresa não tem necessariamente consciência do trabalho produzido em casa, nem parecem preocupar-se com as eventuais dificuldades enfrentadas para produzí-lo.[86] Além disso, a proximidade com a família seria, antes, um problema, como declaram diversos entrevistados que se queixam da ausência de limites claros entre vida familiar e vida profissional. Alguns sentem que o espaço profissional invade o doméstico, e acabam trabalhando muitas horas mais do que trabalhariam no escritório da empresa.[87]

Tanto o indivíduo que, assalariado de uma empresa, passa a trabalhar em casa conectado à central por meio de equipamentos - telefônicos, informatizados e suas combinações -, quanto aquele trabalhador autônomo ou pequeno empresário que transfere suas atividades profissionais para seu espaço doméstico, ambos parecem ainda um pouco perplexos com os inesperados efeitos deste casamento tecnológico entre territórios público e privado. O fenômeno é tão recente quanto dificilmente mensurável, e diante do vazio de referências claras e de literatura especializada, tele-trabalhadores e trabalhadores a domicílio tem-se organizado em clubes e *chat rooms* na Internet onde falam de suas alegrias e desventuras

84 Em português, trabalhadores a domicílio.

85 Citadas por November, A., *op. cit.*, pela revista norte-americana *Home Office Computing* (dezembro de 1992), e por *Statistiques Canada* (*in*: Tendences sociales canadiennes. Printemps, 1996, no. 11-008F).

86 Bibby, A. Home is where the office is: a practical handbook for teleworking from home. Londres: Hodder, 1991. On-line edition extract: Is telework right for you? Internet: http://www.eclipse.co.uk/pens/bibby/why_twk.html

87 Martin, P-G. Le télé-travail: débat et données. Internet: http://www.src-mtl.com/tv/branche/v2/arch.html

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

e tentam, juntos, encontrar solução para seus novos problemas.

AS DELÍCIAS DO *HOMESHOPPING*

Nestes como em outros casos, tem-se assistido a uma supervalorização do espaço doméstico, ainda que não claramente expressa. Por enquanto, são as novas tecnologias de transmissão de informação à distância que gozam de uma privilegiada visibilidade sob os holofotes da imprensa leiga; logo a seguir, vem as informações que estes meios de comunicação veiculam - serviços bancários, compras de supermercado, de livros -, e até a proliferação, em toda grande cidade do mundo, dos serviços de encomenda por telefone - de comida pronta, em geral. São estes, em linhas gerais, os desdobramentos mais recentes e mais palpáveis do casamento da transmissão de informações com a eletrônica, apontados pelo professor Peter Hall: após os avanços na área da transmissão mecânica da informação - através dos trens -, no século 19, ou da transmissão elétrica - com a invenção do telégrafo e do telefone -, separando efetivamente a mensagem do deslocamento físico humano, ou ainda o cinema e o rádio, na primeira metade do século 20, presenciamos hoje o que o professor Hall acredita ser a primeira vez na História em que a Informação está dirigindo a Economia, "tanto através de inovações na tecnologia de produção (...) como através de desenvolvimentos na tecnologia de consumo."[88] Em outras palavras, o comando da informática se verifica através de seu viés técnico, na sua interferência direta na produção - notadamente a de equipamentos de transmissão à distância -, mas também ao definir padrões de consumo globais. Falta agora lembrar a tendência de que operações como consultas bancárias, encomendas de



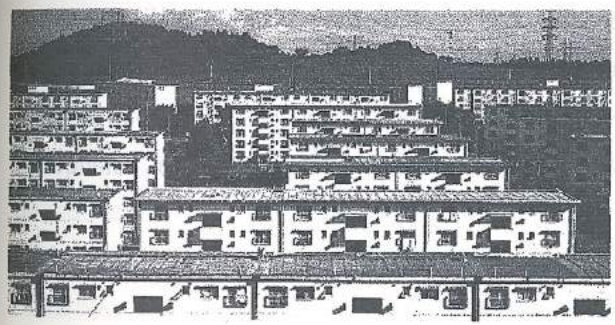
88 Hall, P., *op. cit.* P. 4.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

mercadorias e visualização de filmes e notícias, estejam sendo cada vez mais efetuadas a partir do espaço doméstico, por *nômades-sedentários* - como poderiam ser chamados -, e que algum efeito em seu caráter de espaço privado e, portanto, em sua organização espacial, estas transformações provavelmente terão. Por enquanto, o mais óbvio deles é o uso recorrente dos mesmíssimos equipamentos eletro-eletrônicos em um número cada vez maior de lares por todo o planeta. Os mesmos fornos, televisores, lavadoras, máquinas de fax, ostentando, em muitos casos, as mesmas marcas, equipam casas de São Paulo a Seul, de Paris a Johannesburg, de Tokyo a Montréal. Filme conhecido, esse, em cartaz desde os tempos heróicos do Mercantilismo, quando um vagalhão mais forte jogou em uma praia japonesa os destroços e os tres sobreviventes portugueses de uma embarcação chinesa de junco.

HABITAÇÃO CONTEMPORÂNEA, O IMPASSE

No que concerne o desenho do espaço doméstico para esta população em transformação, o ritmo das inovações tem sido bem mais lento. Paulistanos, parisienses e toquioítas habitam casas e apartamentos cujos espaços tendem a assemelhar-se a tipologias que vão, como se viu, do modelo da habitação burguesa européia do século 19, caracterizado pela trilogia de áreas social, íntima e de serviços, ao arquétipo moderno da habitação-para-todos, com sua uniformidade de soluções em nome de uma suposta democratização das características



gerais dos espaços. Mesmo que agora tendam a habitá-la grupos domésticos cujo perfil difere cada vez mais da família nuclear convencional, e cujos modos de vida apresentam uma diversidade cada vez maior, o desenho dos

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

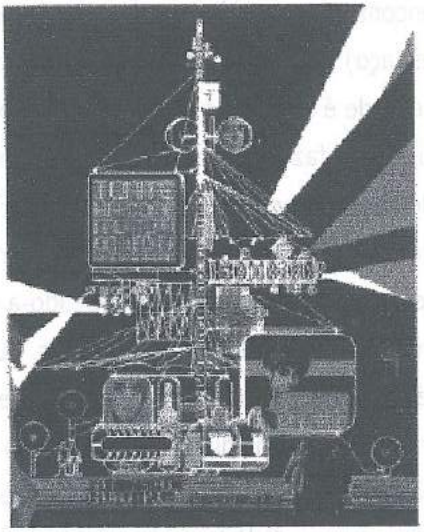
espaços desta habitação permanece intocado, sob a alegação de que se chegou a resultados projetuais economicamente viáveis, que atendem às principais necessidades de seus moradores.

É verdade que as principais tipologias habitacionais, encontráveis, por exemplo, nas periferias das grandes cidades do mundo inteiro, permanecem aproximadamente as mesmas há décadas. O Movimento Moderno europeu do entre-guerras constituiu o primeiro e único momento em toda a história da Arquitetura em que o desenho e a produção de espaços de morar foram integralmente revistos, analisados de acordo com critérios claramente formulados, cujos resultados nortearam - e ainda norteiam - boa parcela dos projetos de Habitação em todo o mundo ocidentalizado. Além disso, tais análises incluíram o projeto da habitação social entre as atribuições do arquiteto, o que, por si, já seria suficiente para assegurar-lhes destaque no cenário arquitetônico. No entanto, os arquitetos modernos previram uma habitação prototípica, que correspondia a um homem, a uma cidade, a uma paisagem igualmente prototípicos em sua formulação. Criaram um arquétipo, o da habitação-para-todos, ainda que a abrangência das proposições que ele continha tenha sido gradativamente desconsiderada pela lógica técnico-financeira dos empresários da construção, que preferiram apropriar-se apenas de elementos e conceituações economicamente rentáveis. Para que se tenha uma idéia mais clara do que isto significou, basta lembrar as experiências relativas à flexibilidade do espaço doméstico, por exemplo, iniciadas na França por Perret e reiteradas, mais tarde, por Le Corbusier e Mies Van Der Rohe. Elas acabaram sendo abortadas até mesmo no Japão onde, a partir da capitulação de 1945, os espaços multi-uso que sempre caracterizaram a habitação tradicional, através do deslocamento de biombos, *shôji* e *fusuma*[89], foram substituídos por cômodos estanques, de função definida.

89 Portas com armação de madeira e fechamento em papel na casa tradicional japonesa. Os *shôji* são translúcidos, enquanto que os *fusuma* são opacos.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

SOME THINGS BRIDGE THE GAP



Nos anos 60, um sopro de ar renovado pareceu reanimar o campo de investigações sobre a Habitação. *Enfant terrible* em uma Inglaterra conservadora, o grupo Archigram deu de beber às suas reflexões nas fontes das então novas tecnologias, da massificação através da imagem mediatizada, da constatação do individualismo crescente. Como os Modernos, os membros do Archigram tampouco dissociavam habitação e cidade. O tema da cápsula de habitação, tão caro ao grupo,[90] traduzia-se em um espaço hiper-tecnológico e mínimo a serviço do indivíduo, e viu-se abordado em projetos que veiculavam conceitos como a cidade nômade ou a imagem como paisagem do movimento urbano. Ao abrigar apenas funções estritamente individuais e solitárias, a habitação - às vezes reduzida às dimensões de uma grande concha ou de uma mochila - pressupunha uma vida social dispersa através da cidade e do território. O espaço privado, produto do esforço de reconstrução do segundo pós-guerra europeu, parecia ser lido como "um espaço transitório, provisório e quase secundário em relação a um espaço exterior supervalorizado", como notam os pesquisadores Loïc Julienne e Jean-Pierre Mandon.[91]

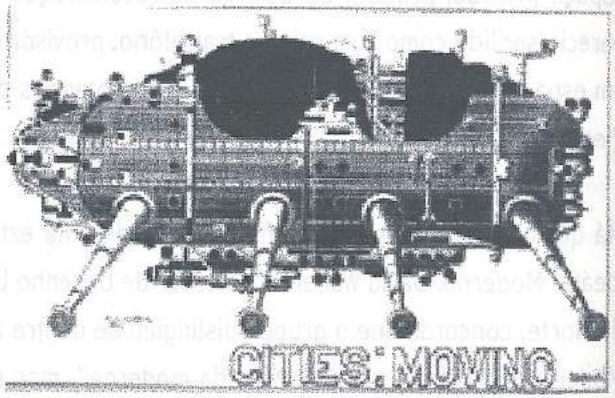
Há quem diga que Archigram não passou de uma extremização dos valores do próprio ideário Moderno. David Walters, professor de Desenho Urbano da Universidade de Carolina do Norte, concorda que o grupo "distingüiu-se dentre a cultura engessada da arquitetura Moderna e a cultura vibrante da vida moderna", mas ressalva que as feições de contra-

90 Projetos como *Plug-in Living Unit*, de W. Chalk, em 1964, *Gasket Capsule*, de Roy Herron e do próprio Chalk, em 1965, e *Cushicle*, de Max Webb, de 1966, este último buscando fundir os conceitos básicos de uma almofada (*Cushion*) e de um veículo (*Vehicle*), discutem o tema do espaço de morar reduzido às dimensões de um único habitante.

91 Julienne, L., Mandon, J-P. **Du logement consolidé à d'autres habitats – une mutation qui tarde.** *In:* L'Architecture D'Aujourd'hui nº 239, juin 1985. pp. 42-47.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

cultura exibidas pelo movimento restringiam-se ao campo da arquitetura. "Em outros campos", argumenta Walters, "ele ampliou tendências e valores cujos fundamentos encontram-se na Modernidade - expansão tecnológica (em ficção científica e exploração do espaço) e cultura popular democrática - associados com movimentos da Pop Art."[92] A verdade é que vários dos assuntos abordados e defendidos pelo grupo na década de 1960 vieram a fazer parte dos grandes temas amplamente discutidos nos anos 1970, alguns deles permanecendo até hoje atuais. É o caso de certas preocupações e certos conceitos defendidos por ambientalistas a partir do final da década de 1970, que propunham uma reflexão sobre a cidade entendendo-a como paisagem, como o polo para onde convergem massas de cidadãos-consumidores, ou ainda a quase obsessiva busca de racionalização técnica. Por outro lado, paradigmas emprestados da literatura e da pintura, como o da fragmentação, da discontinuidade e do comentário irônico, mostravam-se irreverentemente não-Modernos, como mostram as primeiras edições da revista Archigram - antes um panfleto feito em casa.[93] Nelas tratou-se de assuntos que não estavam sendo abordados em nenhum outro lugar, no momento. Temas como a Arquitetura Descartável, em um momento marcado por uma "obsolescência consumista planejada", para usar uma expressão da historiadora de arte Eleonora Louis[94], ou a *Living City*, confluência de pessoas e de tecnologia, onde a situação - baseada nas mudanças de atividade e na participação - era mais importante do que o lugar - baseado na forma arquitetônica estática; ou, ainda, como *Capsule Architecture* ou *Plug-in City*, cuja abrangência estendia-se de edifícios descartáveis a todo um ambiente urbano programado e estruturado para modificar-se continuamente.



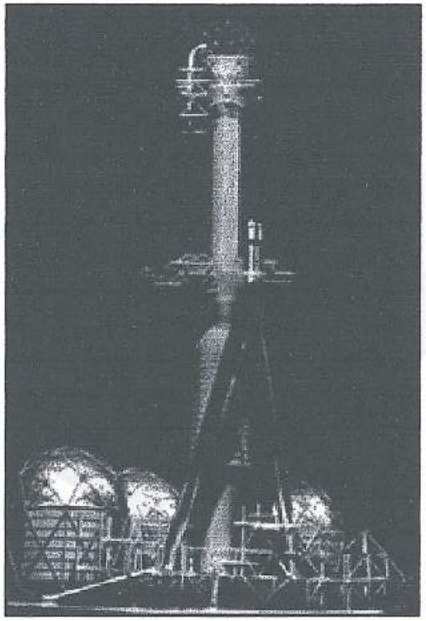
92 Walters, D. The architect as superhero: Archigram and the text of serious comics. *In:* Architronic, vol. 3, no. 2. School of Architecture and Environmental Design, Kent State University. Internet: http://www.saed.kent.edu/Architronic/v3n2/

93 David Walters traça interessantes paralelos entre a exploração destas temáticas e a colagem de imagens coletadas na imprensa, principal técnica de representação utilizada nas ilustrações da revista Archigram. Walters, D., *op. cit.*

94 Louis, E. Archigram. Introduction. *In:* Louis, E., Stooss, Toni (ed.) Archigram. Publicação do Simpósio sobre a exposição Archigram, realizada na Kunsthalle Wien. Viena, 1994.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Os "seis Beatles do mundo arquitetônico", como chamou-os o crítico também austríaco Ira Mazzoni[95], não editaram um jornalzinho estéril nem um manifesto severo, mas uma colagem - em todos os sentidos -, um *cut-and-paste* da realidade urbana, do que significava, na época, habitar a cidade. A mensagem era urgente, comunicada através de rajadas concisas de texto e imagens, em *staccato*, como um aerograma ou um telegrama. Donde, aliás, o nome *Archi(tecture)gram*. Todo o trabalho do grupo teve como Norte o contínuo questionamento da realidade em que se encontrava mergulhada a arquitetura de então, e foi este caráter ebulidor que continuou contagiando arquitetos até os nossos dias. Em resposta à proposta Moderna de barras e torres formadas de células de habitação absolutamente idênticas, habitadas por famílias também supostamente idênticas em sua estrutura e seu modo de vida, Archigram imagina células individuais, estáticas ou não, cujo principal pressuposto é a valorização do indivíduo em seu percurso solitário pela cidade. Para que se entenda melhor essa postura, basta lembrar algumas propostas urbanas anteriores. Por exemplo, a da cidade-jardim, cuja crítica à cidade industrial expressava-se através de uma alternativa - uma cidade no campo -, ou a cidade Moderna, que, mais radical, pretendia sobrepor-se à cidade existente através da célebre *tabula rasa*. Em ambos os casos, estava-se pensando em uma ordenação do espaço urbano, no qual um homem ideal agrupa-se em núcleos familiares igualmente ideais, habitando casas ou apartamentos padronizados - democratizados - e, evidentemente, estáticos. O inovador do discurso de Archigram consiste em pensar a cidade, seus edifícios, e as roupas e objetos que eles encerram, como imagens completamente descartáveis, mutantes, flexíveis, inaugurando uma postura - por incrível que pareça - de valorização do indivíduo. Claro: a pessoa humana é

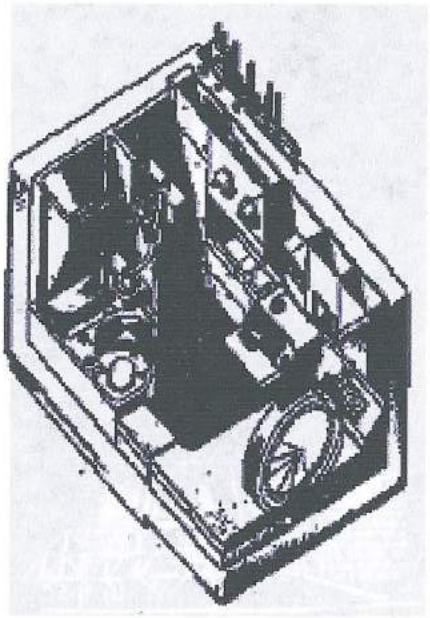


95 Mazzoni, I., Archigram Exhibition. *In*: Süddeutsche Zeitung no. 78, Thursday, April 7. Viena, 1994, p. 12.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



a única constante. No mundo enxergado pelas lentes do grupo, vive-se em cápsulas individuais e não em apartamentos familiares; às vezes, essas cápsulas agarram-se a superestruturas de serviços, outras vezes são leves e compactas ao ponto de poderem ser transportadas nas costas, como casulos de caramujos. David Greene resume a idéia, ao referir-se ao seu projeto *Living Pod*, em uma clara alusão a Le Corbusier e sua idéia de máquina de morar: "Com todas as nossas desculpas ao Mestre, a casa é um aparelho a ser transportado consigo, e a cidade é uma máquina à qual vem-se conectar-se."[96]



Archigram ajudou a acalentar sonhos de toda uma geração de arquitetos, saudosa das grandes utopias modernas. Sua visão por demais universalista, caricaturizando excessivamente as tendências da época, certamente contribuiu para o fracasso de sua tentativa de redefinição da habitação contemporânea. Sua voz, no entanto, foi ouvida além, no Japão, por um grupo de então jovens arquitetos que atraíram os olhares atentos de críticos do mundo todo ao se auto-denominarem Metabolistas, e assimilarem - na melhor tradição nipônica, diga-se - os pressupostos dos ingleses para a rediscussão da cidade japonesa. Das realizações do grupo, o *Nakagin Capsule Tower*,

96 Greene, D. Living-Pod. *In*: Guiheux, A. (Coord.) Archigram. Paris: Editions du Centre Georges Pompidou, 1994. P. 114.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

construído em 1972, por Kisho Kurokawa, em Tokyo, parece ser a única a ter deixado uma descendência extensa, materializada nos singulares *Capsule Hotels*, espalhados por todo o país. Essa influência não para aí. Todos os ingleses, classificados hoje, sem grandes escrúpulos, na categoria dos *high tech*, exibem uma clara filiação com "os seis Beatles", além de conhecidas iniciativas de italianos e de norte-americanos.

ETAT DES LIEUX

Depois de Archigram, resta o silêncio no deserto de novas propostas em que se converteu o outrora fértil campo de pesquisas sobre habitação na maior parte do mundo. Social ou não, coletiva ou não, urbana ou não, projetada ou não por arquitetos, o fato é que seu desenho permanece aproximadamente o mesmo há várias décadas, apenas com alguma variação de superfície e de equipamentos, em função, principalmente, de flutuações na economia dos diversos países. No que concerne a habitação coletiva, seja ela verticalizada ou horizontalizada, tanto os órgãos públicos produtores de conjuntos habitacionais como as construtoras e incorporadoras particulares tem se limitado a elaborar projetos urbanísticos ou a desenhar novas fachadas, adequando a novos terrenos, eventualmente a bolsos mais ou menos fartos, projetos de unidades já anteriormente utilizados. Mesmo quando o projeto é solicitado a escritórios de Arquitetura - o que, no caso da habitação social brasileira, por exemplo, é uma absoluta raridade -, seja por encomendas, seja por meio de concursos, as inovações das propostas limitam-se ao uso de alguma técnica construtiva alternativa ou a novos desenhos de fachada incorporando traços da moda, sem que, contudo, a função, o desenho e a articulação dos espaços de habitar sejam sequer questionados.

O Movimento Moderno, que tinha o habitar como ponto de partida e de sedimentação de sua reflexão, transformou o habitat em um arquétipo universal baseado em uma concepção biológica do indivíduo. É este arquétipo Moderno da 'habitação-para-todos', destinado a

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

abrigar a família nuclear, mesclado, como no Brasil, com os princípios da repartição burguesa oitocentista parisiense, que veio sendo reproduzido *ad infinitum*, em todo o mundo de influência ocidental, durante todo o nosso século, com pequena variação local. As grandes barras e torres de filiação Moderna, erigidas, a partir da reconstrução pós-Segunda Guerra, tanto a Leste como a Oeste da finada Cortina de Ferro, permitiram, a médio prazo, verificar a pertinência ou a inadequação de muitos dos pressupostos dos Grandes Mestres com respeito à Habitação. Permitiram, também, medir com maior acuidade os interesses econômicos de empreendedores da área, naturalmente ávidos por retorno financeiro, e, portanto, seletores de grande parte das propostas Modernas. Às cartilhas que guiaram as realizações posteriores só foram incorporadas idéias que a indústria pudesse comprovadamente produzir em série, que permitissem aproveitamento máximo de áreas urbanas cujo preço não parou de subir, que os operários da construção conseguissem materializar dentro de prazos aceitáveis, que tivessem um custo final compatível com o poder aquisitivo da classe média - novo público-alvo.

Foi assim também com as reconversões de edifícios antigos na Europa e nos Estados Unidos, nas décadas de 1970 e 1980, que pareceram por algum tempo apontar novas direções a serem exploradas. Senão vejamos o *loft* novaiorquino, que chegou a ser símbolo de uma geração de artistas - para tornar-se, em seguida, o lar-doce-lar de *yuppies* -, abrigando modos de vida absolutamente não-convencionais naquele momento, dando nova dimensão à noção de flexibilidade do espaço doméstico. O termo ingles *loft*, que designa espaços livres, elevados e com grande altura interna, como sótãos e celeiros, palheiros de casas rurais, ou a galeria elevada de igrejas e salões,[97] passa também a nomear, a partir do final da década de 1960, o espaço de habitação dos artistas que decidiram instalar-se em galpões da degradada ex-zona industrial do SoHo, acompanhando importantes galerias de arte cansadas do elegante centro de Manhattan. Ilegal em um primeiro momento, ignorando convenções, a iniciativa contribuiu, entre outras coisas, para a preservação do

97 Dicionário Novo Michaelis Ilustrado. São Paulo/Wiesbaden: Melhoramentos/ Brockhaus, 1971. Vol. 1, 10a. Edição. P. 587.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

conjunto arquitetônico do SoHo. Tanto que os primeiros analistas do fenômeno não sabiam dizer se se tratava simplesmente de uma maneira provisória e precária de morar, ou de uma vontade genuína de viver de forma alternativa, em grandes espaços continuamente reorganizáveis. Estes interiores amplos, com grande volume interno e generosas aberturas para o exterior - características remanescentes das antigas funções de fabriqueta, entreposto, armazém, etc -, traziam precisamente na sua escala e na mínima compartimentação os princípios organizativos de uma nova maneira de morar, e foram disseminados por todo o mundo, onde a presença de velhos e subutilizados edifícios industriais ou comerciais permitisse. Uma definição clara e completa dos *lofts* - da qual estamos definitivamente muito longe, dado o seu caráter de mutabilidade - deveria abarcar ainda a sobreposição de espaços abertos ao público e outros estritamente privados, como as conjugações residência-trabalho, atelier-galeria de arte, e também a convivência - até então praticamente inédita - de elementos *high tech* com resquícios de uma época industrial passada, referindo-se a certas tendências da arte contemporânea. No entanto, os *lofts* trouxeram para a cena arquitetônica duas questões principais. Uma, a de que neles estão presentes todos os elementos da habitação convencional, mas como fragmentos, ou, como prefere Piero Nicolin, editor da revista Lotus, como "vestígios dispostos livremente e continuamente capazes de produzir novos significados."[98] A outra, o fato de que sua essência foi imaginada e materializada fora de instituições, sem teorizações particulares, e que apenas em um segundo momento seus espaços internos passaram a ser projetados por arquitetos. Após um hiato de algumas décadas, seguiu-se um terceiro momento, onde o conceito de *loft* extrapolou a carcaça dos antigos edifícios para ver-se aplicado a construções novas, situadas em áreas não necessariamente degradadas das cidades, totalmente planejado por arquitetos e decoradores, visando as parcelas mais endinheiradas da população. A riqueza e o inesperado dos detalhes e da espacialidade dos antigos galpões foram sistematizados em uma espécie de projeto-tipo composto por um grande cômodo com pé-direito maior que o usual - uma sala de estar onde se instalou uma bancada de preparação de alimentos -, dentro do qual vem equilibrar-se um mezanino que abriga, invariavelmente, o espaço de dormir. Em cidades

98 Nicolin, P. I loft americani. *In*: revista Lotus International. No. 66. Milano, 1990.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

como São Paulo, este arremedo é um dos espaços mais cobiçados pelo jovem e bem-sucedido *single* do final dos anos 1990.

Nestes últimos cinqüenta e poucos anos, estes parecem ter sido os principais passos dados em direção a um redesenho do espaço doméstico. Sobre a adequação aos novos hábitos ou até ao formato dos grupos domésticos pouco se fez. Até hoje, com raras e muitíssimo recentes exceções, a família nuclear tem sido apresentada como célula básica da sociedade tanto por democracias como por governos autoritários, em países ricos e menos ricos, constituindo o cliente-tipo seguro, o grande consenso entre construtores privados e públicos.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Paris é de todo mundo

Pós-*tabula rasa*, a reconstrução . O viés da flexibilidade .
Os anos dourados da pesquisa . O que tem o mercado a dizer .
Rumo a novas definições?

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



PÓS-*TABULA RASA*, A RECONSTRUÇÃO

Os bombardeios aéreos de 1944 aniquilaram o sistema urbano de diversas cidades do continente europeu. Base do protocolo de modernidade urbana do pós-guerra, esta trágica e involuntária *tabula rasa* será vista por políticos e planejadores como a oportunidade de ouro de se reconstruir a Europa em moldes eminentemente Modernos. No que toca à França, esta intenção fica mais do que visível no esforço proposto pela nova política habitacional nacional, sacramentado pela criação, em 1944, do Ministério da Reconstrução e do Urbanismo. Apesar disso, o recenseamento geral de 1954 mostra uma imagem impressionante do arcaísmo habitacional no país. Dos 13,4 milhões de domicílios franceses, apenas pouco mais da metade possui água encanada; só uma casa em cada quatro dispõe de banheiro próprio, uma em cada dez possui banheira ou chuveiro e/ou aquecimento central.[1] Não é sem razão que o começo dos anos 1950 marca uma transformação sem precedentes na habitação francesa: segundo o historiador Antoine Prost, a construção de imóveis novos ultrapassa a marca dos cem mil por ano em 1953, dos trezentos mil em 1959 e dos quatrocentos mil em 1965. Sustentado basicamente por dinheiro público desde 1953,

1 Os números exatos são: 58,4% casas com água encanada, 26,6% com banheiro próprio, 10,4% com banheira, chuveiro e/ou aquecimento central. Prost, A., *op. cit.*, p. 69.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit www.foxitsoftware.com/shopping

este esforço passa a contar com crescente aporte de capital privado a partir de 1960, atraído, é claro, pelas excelentes possibilidades de comercialização.[2]

A súbita necessidade de se construir rapidamente um grande número de habitações, conseqüência da guerra mas também do aumento importante de população nos centros urbanos após o final do conflito, parece estimular de maneira especial arquitetos, industriais e planejadores de diversos horizontes. Aqueles que já trabalhavam com protótipos de habitação industrializada antes da Guerra - caso, por exemplo, de Jean Prouvé e de Marcel Lods -, mas também os que já se dedicavam a repensar a cidade no sentido de torná-la um território com o qual todas as parcelas de sua população pudessem identificar-se, procuraram o apoio de políticos, industriais e investidores. Esta espécie de vontade criadora por parte de técnicos parecia ser apenas uma extensão ou, se se preferir, uma das muitas faces do otimismo generalizado que parece tomar conta de povos saídos de grandes conflitos. Razões, neste caso, não faltavam. As coletividades e o próprio Estado estimulavam a construção de novas habitações, sob controle administrativo do segundo. O nível de instrução das massas conhecia uma elevação generalizada, associando-se ao desejo, também geral, de melhorar as qualidades da moradia e de seus equipamentos. A importância dos estudos sistemáticos de racionalização da planta e das técnicas construtivas passava a ser reconhecida no plano da economia nacional. Os modos de vida do homem moderno transformavam-se com rapidez crescente, graças, entre outras coisas, ao ritmo e à intensidade da atividade profissional que, englobando um número cada vez maior de indivíduos, homens e mulheres, tendiam a absorver todas as energias, sem deixar tempo nem reservas físicas para a realização do trabalho doméstico, nota Alexandre Persitz.[3]

Os exemplos então conhecidos de arquitetura Moderna, especialmente aqueles materializados durante o período entre guerras além-Reno, vão agora ser revistos e reproduzidos à exaustão, amplamente aceitos como modelo pelos diversos atores envolvidos

2 Prost, A., *op. cit.*, pp. 62-69

3 Persitz, A. **Notes sur L'Habitation Collective.** *In:* Revista L'Architecture D'Aujourd"Hui no 16-17. Paris: 1948. P. 2.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

na tarefa de reconstrução. Os políticos e os investidores ressaltam seu sistema de produção em série, o que significa muitas unidades construídas em pouco tempo, mas também melhor controle da produção e melhor planejamento de lucros; arquitetos, homens públicos e usuários entusiasmam-se com a boa qualidade espacial que o modelo propõe e com sua democratização. É neste clima de euforia que vai materializar-se e difundir-se, país afora, uma nova configuração espacial, solução híbrida composta de fragmentos do modelo burgues oitocentista combinados com idéias Modernas das primeiras décadas deste século. A resposta à tremenda crise habitacional do segundo pós-guerra foi a construção de grandes conjuntos habitacionais de filiação Moderna que determinavam uma unidade-tipo para um homem-tipo, como resume o arquiteto Bernard Huet, em uma entrevista de 1974. "A partir dos anos 1950 e 1960, com o objetivo de minimizar os efeitos de uma crise cuja gravidade terminou por pesar sobre o desenvolvimento econômico do país", lembra Huet, "lançou-se um programa de construção de habitações sociais sob a forma de grandes conjuntos HLM, verdadeiras usinas de alojar trabalhadores, sempre situadas longe dos centros das cidades no meio de campos de beterrabas, sem meios de transportes públicos nem equipamentos coletivos. (...) Para fazer estas operações, nunca se levou em consideração os efeitos sobre o meio-ambiente e menos ainda o desejo dos habitantes. Tudo foi submetido aos imperativos de rentabilidade dos grupos financeiros onipotentes e dos industriais da pré-fabricação pesada, que pela voz de seus tecnocratas de plantão, funcionários, engenheiros e arquitetos, ditaram, em nome da 'racionalidade' econômica, as normas a cumprir e as prestações (mínimas) oferecidas. Com a ajuda da penúria, cuidadosamente mantida, fez-se crer aos franceses durante anos que nenhuma outra alternativa era possível."[4] Corretas em seu conjunto, é importante, no entanto, relativizar as lembranças de Huet. Afinal, se os conjuntos realmente pareciam-se a "usinas de alojar trabalhadores", também representavam um inegável avanço qualitativo em comparação com os barracos onde se vivia antes. Por outro lado, convicções marxistas, tão disseminadas entre os pesquisadores do espaço urbano da época, leva-o a denunciar os "imperativos de rentabilidade dos grupos financeiros

4 Huet, B. Dossier Recherche Habitat. *In:* revista L'Architecture D'Aujourd'Hui, nº 176, 1974. P. 1.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

onipotentes", esquecendo-se de que a habitação social era financiada, essencialmente, pelos cofres públicos. Mas continua coberto de razão quando aponta que a mesmice dos conjuntos deitava raízes em terrenos que o comum dos mortais desconhecia. O lado bom que a idéia pressupunha era, sem dúvida, o projeto sócio-político que a construção massiva destas habitações representava, propondo a diminuição das diferenças entre as classes sociais através da unificação de modos de vida, induzida, esperava-se, pela uniformização das moradias. Mais, portanto, do que as posturas higienistas da virada do século ou do que a vontade de certos reformadores sociais de levar os homens diretamente para casa, na saída do trabalho, sem passar pelo perigoso *bistrot*.[5] Entre as boas realizações do período, uma das mais emblemáticas é, sem dúvida, o conjunto chamado *Villeneuve de Grenoble*, construído na cidade de Grenoble, em 1970. A concepção da *Villeneuve* baseava-se na singular aposta de que diferentes classes sociais poderiam muito bem viver juntas em um mesmo conjunto, freqüentando a mesma piscina, mandando os filhos para a mesma escola, organizando conjuntamente as mesmas festas. "Encontram-se nesta realização todas as inovações que estavam em discussão na época, notadamente a continuidade entre a cidade e a habitação", lembra o sociólogo François D'Arcy, professor do Instituto de Ciências Políticas da Universidade de Grenoble.[6] O projeto, segundo D'Arcy, foi apoiado, ao mesmo tempo, pelo recém-empossado governo municipal comunista e pelas novas camadas sociais intelectuais da cidade, que se envolveram a ponto de mudar-se para o conjunto. O sonho de *Villeneuve* acabou alguns anos e muitas festas coletivas depois, diante da amarga e previsível constatação de que a burguesia não se interessava em misturar-se com os mais pobres, e deixando os decepcionados intelectuais com um problema a mais na mão: livrar-se dos apartamentos comprados no calor dos projetos iniciais. Mas foi, durante muito tempo, passagem obrigatória para quem quer que se dispusesse a refletir sobre realizações de vanguarda no campo da habitação coletiva.

5 Em português, bar.

6 Comentários enviados *via e-mail*, em 20 de julho de 1998.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

O imediato pós-Guerra é, também, a hora da experimentação técnica e da pré-fabricação em concreto e metal, descendentes diretas dos canteiros de Eugène Beaudoin e Marcel Lods dos anos 1930. O *Centre Scientifique et Technique du Bâtiment*[7], CSTB, é criado para encorajar a banalização e o desenvolvimento da industrialização das construções. Os modelos industrializados à base de placas de concreto sobre ossatura metálica são estudados pelo grupo *Maisons Phoenix*, um dos gigantes franceses da casa pré-fabricada, e expostos no *Salon des Arts Ménagers*[8] de 1949, juntamente com os protótipos de Jean Prouvé, que alia às suas pesquisas sobre a industrialização dos elementos a partir dos materiais escolhidos - aço, alumínio, vidro ou concreto - a realização da primeira aplicação do bloco técnico central agrupando todos os serviços: cozinha, sanitário e aquecimento.[9] Trata-se de uma habitação de montagem rápida, constituída por elementos pré-fabricados em usina, reprodutível em larga escala, concebida em parceria com Lods. A habitação, de dois pavimentos, é dividida em várias zonas: serviços, recepção e zona de habitação para pais e filhos, e, na parte inferior, *atelier*, garagem, lavanderia e maquinário do aquecimento central.[10]



A partir dos anos 1950, esboçam-se com maior nitidez as diretrizes a serem seguidas pelas políticas públicas de habitação. Nada a ver com as claríssimas metas qüinqüenais pós-guerra japonesas, mas serviram, ainda assim, de Norte para bom número de novos projetos: redução dos custos com a manutenção da qualidade,

7 Em português, Centro Científico e Técnico do Edifício.

8 Criado no início dos anos 1920, o *Salon des Arts Ménagers* foi o braço popular da propaganda modernista sobre a habitação, absorvendo os congressos internacionais de urbanismo e habitação. Seus expositores eram, basicamente, os fabricantes de eletrodomésticos e de mobiliário, os construtores de habitações isoladas e órgãos controladores.

9 *In:* revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n.136. Paris: 1968.

10 Nos anos 1970, uma última tentativa de casa pré-fabricada é feita por Lods, com o protótipo RAE, para a Sociedade de HLM *Pax et Progrès*.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

reaproximação progressiva dos aluguéis de imóveis antigos e novos de mesma qualidade, organização dos bairros a serem renovados, e a recomendação de se construir externamente às aglomerações existentes.[11] Em 1955, o *Centre d'Etudes des Groupes Sociaux*[12] realizou uma série de enquetes na Região Parisiense procurando definir as necessidades e os desejos fundamentais expressos pelas famílias em relação à habitação social. Na ordem de importância atribuída pelos entrevistados, foram citadas as necessidades de espaço, de organização e apropriação do espaço, de independência dos grupos de pessoas no interior da habitação, de repouso, de separação das funções, de um ser-estar livre dos serviços cotidianos, de intimidade do grupo familiar, de ser bem considerado socialmente, de adaptação de planta e organização espacial às estruturas familiares, de relações sociais exteriores.[13] Nada de surpreendente, nem que acrescente dados novos ao problema do redesenho da habitação. Esta breve listagem de ítens mostra que, através de suas respostas, os interrogados apenas reafirmaram que seu único modelo era a habitação burguesa.

Mas foi a porção do discurso Moderno relativa à industrialização das construções, à *tabula rasa* e às grandes densidades habitacionais que ganhou maior destaque na França, influenciando durante décadas a produção da habitação de todas as classes sociais. Senão, veja-se o que reivindicava, em 1957, Emile Breithaupt, diretor do Escritório de HLM da Seine. A política de habitação deveria, postula Breihaupt, orientar-se por meios financeiros consideravelmente maiores do que os até então disponibilizados, pela racionalização das plantas e pela industrialização dos canteiros, e somente os grandes conjuntos realizados em regiões ainda rurais ou em periferias de centros urbanos - pela renovação de quadras antigas - poderiam fazer face aos desejos da população, além de permitir uma implantação racional e uma organização industrial do canteiro. No plano social, Breithaupt achava que o grande conjunto deveria conter todos os elementos capazes de garantir a segurança de seus habitantes, de proteger sua saúde, de satisfazer suas necessidades intelectuais ou culturais, de proporcionar-lhes lazer, o que, provavelmente, se traduziria pela presença de

11 Segundo proposta de Yves Salaün, Diretor do *Office Central Interprofessionnel du Logement*. Ver revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 86-87. Paris: 1957. P. 13.

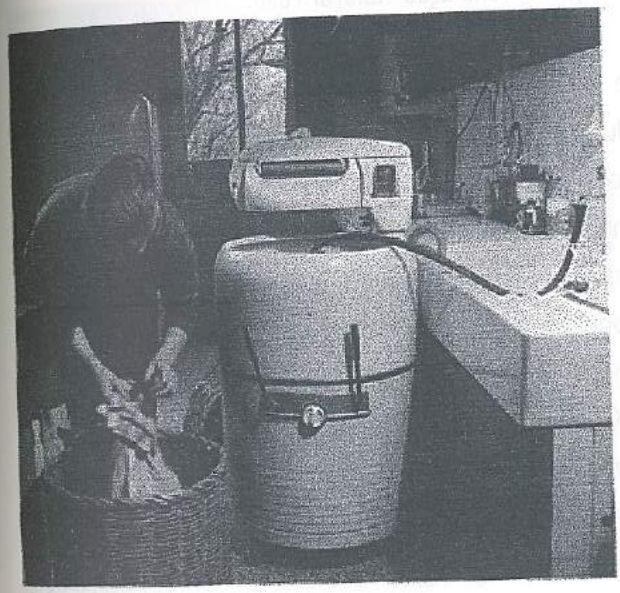
12 Em português, Centro de Estudos de Grupos Sociais

13 Ver revista Techniques & Architecture n.2 (19). Paris: 1959. Pp. 76-77.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

creches, centros de saúde, hospitais, casas para pessoas idosas, escolas, bibliotecas, salas de reuniões e de espetáculos, e terrenos de jogos e esportes. Prevendo críticas, Breithaupt argumentava que a uniformidade dos grandes conjuntos era mais aparente que real, e que os arquitetos procuravam criar uma paisagem variada pela diversidade de volumes, pela fantasia que inspirava a implantação dos edifícios, pela criação de espaços verdes. Por outro lado, admitia a possibilidade da ocorrência de tédio entre os moradores, mas julga-a preferível à revolta - legítima, de resto - "que nasce no coração dos mal-alojados."[14] Uma verdadeira profisão de fé.

Em 1951, no concurso para oitocentas habitações na cidade de Rotterdam, Eugène Beaudoin propõe a implantação de três edifícios em forma de barras horizontais em torno de um grande jardim destinado às crianças. Era o nascimento da grande barra como tipologia privilegiada para a habitação de massa francesa do pós-guerra, que nutria relações estreitas com a necessidade de racionalizar os movimentos lineares da grua no canteiro. As barras eram a primeira composição a antecipar o arquétipo do grande conjunto, o qual iria marcar a grande maioria da produção francesa até meados dos anos 1970, baseando-se nas leis do urbanismo Moderno, resumidas por Le Corbusier na Carta de Atenas.[15] Com relação ao apartamento em si, a célula universal de habitação cristaliza, nos anos 1950, a despeito das normas de superfícies mínimas, um sonho de conforto



14 Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 86-87, Paris: 1957. Pp. 13.

15 Dumont, M-J. Le Logement, une histoire française. *In:* Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui. No 303. Paris: 1996. Pp.75-95.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

familiar exacerbado - um sonho norte-americano? - como se houvesse trocado a superfície pelo conforto. O lugar privilegiado deste esforço de modernização é a cozinha iluminada, com mobiliário em aço inox e plástico, equipada com eletrodomésticos.

A revista *Techniques & Architecture* apresenta, já em 1959, o ponto de vista de vários arquitetos - entre eles Emile Aillaud e Marcel Lods - sobre a necessidade do vestíbulo e do corredor nas habitações, sobre a pertinência e a possibilidade de o projeto de arquitetura influenciar o modo de vida dos habitantes, e sobre a escolha entre uma pequena habitação bem equipada ou uma maior sem equipamentos, deixando clara uma crescente necessidade de reflexão sobre o espaço da moradia. Em seguida, a revista veicula a enquete do Ministério da Construção, em que foram colhidas críticas graves de mais de trezentos moradores de conjuntos HLM da Região Parisiense com relação à sua moradia. As principais: área insuficiente, difícil organização da habitação decorrente do mau posicionamento de portas e janelas, separação insuficiente entre sala e cozinha, e erros de construção e de equipamentos - principalmente, pouquíssima insonorização e ventilação natural ruim.

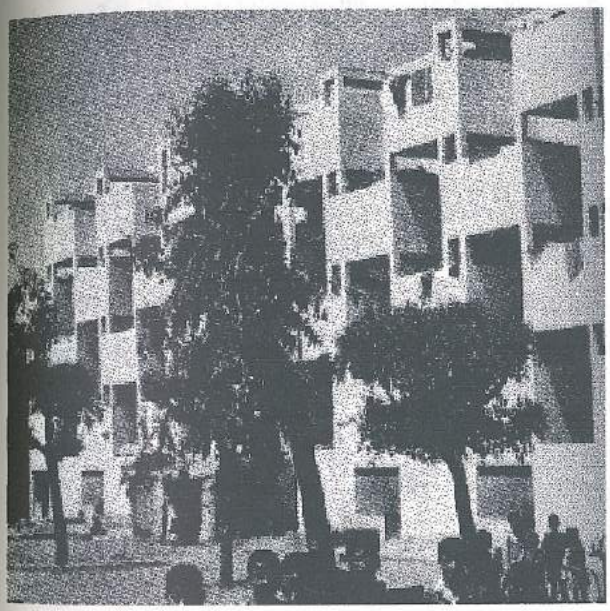
Mantendo a mesma sistemática que levou, no início do século, à revisão da habitação burguesa a partir de inovações introduzidas na moradia econômica, os arquitetos franceses do segundo pós-guerra viram-se concebendo uma habitação para ricos e menos ricos que continha, em sua essência, todos os ingredientes Modernos recomendados para a habitação dos pobres. Esta moradia burguesa do período da Reconstrução tornou-se, até pela sua perfeita viabilidade econômica, o modelo por excelência no qual se espelharam - e se espelham até hoje - todos os envolvidos em sua produção, incluindo os compradores e usuários finais. Equivalentes dos LDK japoneses, desde então as plantas francesas são designadas, até hoje, pelos códigos F*n*, onde *n* é o número de cômodos passíveis de serem usados como dormitórios - o que inclui, por exemplo, salas de estar e de jantar -, e a letra F abrevia a palavra inglesa *flat*, que, neste caso, significa apartamento.[16] Apesar de - justiça

16 Por exemplo, um F3 é um apartamento de sala e dois quartos, um F1 possui uma cozinha separada do cômodo principal, etc. Quando a cozinha resume-se a uma bancada dentro do cômodo único, como as *kitchennetes* brasileiras ou os *one-room* japoneses, usa a designação norte-americana *studio*.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

seja feita - designarem unidades que apresentam maior variedade de plantas que suas congêneres nipônicas, os códigos evocam, à sua simples menção, um grupo familiar preciso tanto no mercado imobiliário como no senso comum. Um F2, por exemplo, é imediatamente associado a um casal sem filhos, assim como um F5 parece ter como sina abrigar casais com tres filhos ou mais. O projeto que vai definir estes milhares de unidades, construídas durante décadas país afora, é forjado já nos anos 1940, talvez até um pouco antes, por arquitetos de clara filiação moderna. Um bom exemplo: o grego radicado na França, Georges Candilis.

Antecipando certos pontos de vista dos arquitetos dos anos 1960, Candilis desenvolve sua obra habitacional por meio de questões claras, e claramente Modernas: as habitações e suas estruturas anexas. As habitações são consideradas espaços servidos, enquanto as estruturas anexas - ruas, vias e serviços, espaços para atividades pedagógicas, culturais, sociais e comerciais -, se consideram espaços ou elementos de serviço. Seu ponto de partida é a organização da planta em função das atividades humanas que se desenvolvem na esfera privada e na pública. Uma vez que estas são apenas parcialmente previsíveis, sua principal atenção se orienta pela distinção entre os elementos que, mesmo temporariamente, são relativamente determináveis, e os que, em um período dado, são sujeitos a transformações. Não há



Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

distinção entre espaços com funções específicas, senão entre dois grupos dados: os que possuem funções relativamente fixas durante um período de tempo, e aqueles cujas funções são transformáveis. Entre os elementos relativamente fixos da habitação estão a circulação coletiva, as escadas e as instalações hidráulicas e sanitárias. Entre os transformáveis estão o que ele chama de funções gerais: as zonas de estar e os dormitórios.[17]

Candilis e seus contemporâneos também trabalharam sobre a disposição dos apartamentos no edifício, traçando os contornos do que viria a ser a solução-tipo de centenas de empreendimentos espalhados pelas periferias francesas a partir dos anos 1970. Tanto nas *villes nouvelles* quanto em operações de revitalização das franjas do tecido urbano, o edifício com um corredor central em cada andar - com apartamentos dos dois lados do corredor, exigindo orientação leste-oeste - ou com corredor a cada dois ou três andares - neste caso, como na *Unité d'Habitation* de Marseille, de Le Corbusier, onde um dos pavimentos do apartamento ocupa toda a profundidade do edifício -, seria uma recorrência. Anos depois, George Candilis ainda faria uma avaliação positiva destes edifícios semi-duplex, reafirmando o que lhe pareciam ser suas principais qualidades: a transparência e a dupla orientação do apartamento, a economia geral pela orientação da habitação em profundidade com um mínimo de fachada, as circulações por ruas interiores servindo vários andares, a necessidade de um mínimo de canalizações graças ao agrupamento dos sanitários e cozinha no centro do imóvel, a separação das funções básicas da vida cotidiana - reunir-se: sala comum; isolar-se: quartos -, o agrupamento das funções ditas secundárias no centro do edifício com conseqüente liberação das fachadas, e um maior aproveitamento de superfícies e volumes internos sobretudo nas soluções duplex.[18] Foi assim que, por exemplo, cozinhas e banheiros deixaram os fundos escuros dos apartamentos oitocentistas para tornarem-se cômodos centrais, sim, mas desprovidos de iluminação e ventilação naturais. Cegos para sempre - à cozinha ainda é dado, às vezes, o direito de esticar-se entre, de um lado, os dutos de canalizações e, de outro, alguma abertura exterior -, continuam a ser classificados

17 Sobre a obra habitacional de Candilis, ver Joedicke, J. et al **Uma década de Arquitetura e Urbanismo.** Barcelona: Gustavo Gilli, 1968.

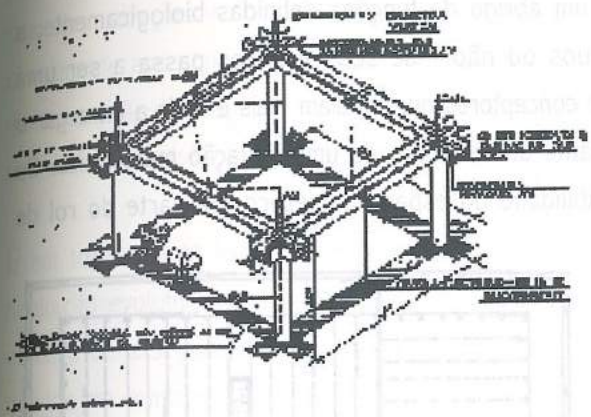
18 Candilis, G. *In:* Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n.46. Paris: 1952. P. 87

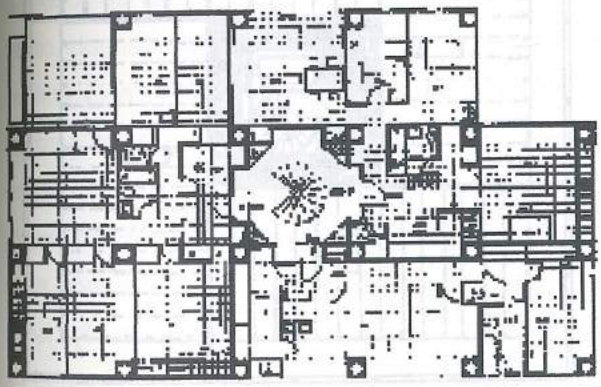
Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

como espaços *de serviço* ou *secundários*, situação reforçada pelos imperativos de economia de canalizações.

O VIÉS DA FLEXIBILIDADE

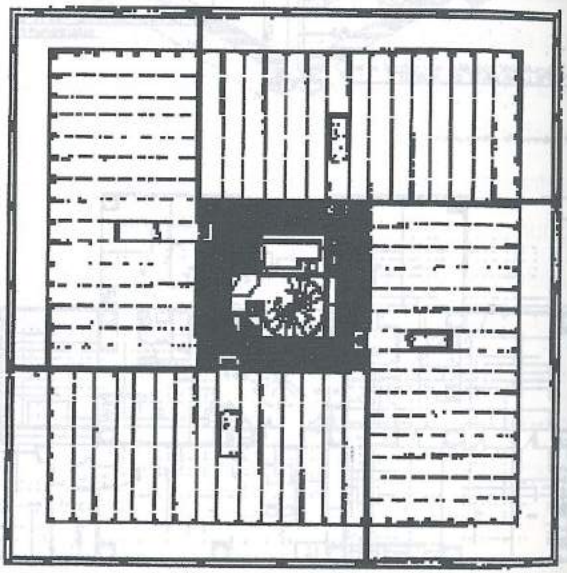
Nos anos 1960, quando o esforço de reconstrução pós-Segunda Guerra já podia permitir-se ser mais brando e a Europa vivia dias de grande prosperidade, experiências no terreno da habitação, priorizando critérios qualitativos, começaram a ganhar espaço no país. Os modelos estabelecidos nas décadas precedentes foram sendo sistematicamente questionados frente, sobretudo, a novas condições sócio-culturais, novas questões tecnológicas e novas modalidades de transmissão de informações. Desta época, datam centenas de propostas de habitação flexível. Ou evolutiva, como preferiam chamá-las seus conceptores, aludindo às necessárias alterações de sua configuração em função da evolução do ciclo de vida do grupo familiar. Algumas viram a luz, a maioria não saiu do papel, o fato é que o assunto vem povoando o imaginário dos arquitetos -





Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

grandes mestres ou ilustres desconhecidos - como se se tratasse de uma missão arriscada essa de permitir que o espaço doméstico mude de feições ao bel-prazer dos usuários, perdendo o caráter imutável, próprio, diga-se, de espaços sacralizados. Efetivamente, pode-se supor, não sem razão, que a um formato familiar que o século 19 acostumou-se a associar à solidez e à estabilidade - falando-se, obviamente, da família nuclear -, o senso comum, arquitetos incluídos, fizesse corresponder modelos arquitetônicos igualmente estáveis, fixos. E que estes mesmos modelos fossem perdendo seu caráter de imutabilidade à medida em que foram sendo percebidas as crescentes possibilidades de alterações nas relações intra-grupo. Por outro lado, a partir do momento em que a casa deixa de ser o altar da vida familiar para tornar-se um abrigo de funções definidas biologicamente, a possibilidade de rearranjos - contínuos ou não - de seus espaços passa a ser uma prerrogativa essencial, reivindicada por conceptores que tendiam mais e mais a enxergar o resultado projetual como algo semelhante ao resultado de uma equação matemática. De qualquer forma, esta questão da flexibilidade do espaço doméstico faz parte do rol de propostas Modernas deixadas de lado por investidores desconfiados do seu alto custo e das dificuldades técnicas a serem vencidas para sua implantação.



Melhor definindo: de acordo com um documento do *Plan Construction* francês de 1973, a noção de flexibilidade, aplicada à concepção e ao uso dos espaços domésticos, poderia ser resumida como "a possibilidade de

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

reordenar o espaço das habitações de superfície não-variável".[19] Esta é uma definição que não leva em conta uma certa idéia de flexibilidade inicial, muito discutida na França nos anos 1960 e 1970, segundo a qual a distribuição interna dos vários apartamentos de um mesmo edifício poderia assumir configurações diversas na fase de projeto mas, uma vez construídas, só poderia ser alterada mediante reformas de maior porte.[20] A esta flexibilidade inicial opunha-se uma flexibilidade permanente, compreendendo as possibilidades de reordenação do espaço durante toda a sua vida útil, a qualquer momento e sem necessidade de reformas, através de mecanismos previstos na fase de projeto e acessíveis em permanência. Para viabilizar a flexibilidade permanente, pode-se pensar em dispositivos como as vedações móveis - internas ou externas, verticais ou horizontais -, que se filiam diretamente aos conceitos Modernos de planta livre e de estrutura independente, ou ainda na concepção de espaços multi-uso - eventualmente qualificados por equipamentos - e, neste caso, também no desenho de equipamentos dotados de mobilidade.

É em torno desta idéia de flexibilidade permanente que se estrutura uma proposta de habitação evolutiva vinda do Sindicato dos Arquitetos da Seine em 1960, que tem o duplo objetivo de assegurar, dentro do lar, a independência de cada um associada a meios fáceis de vida em comum, mas também de permitir que a habitação responda, por sua flexibilidade, a modos de vida variados e à evolução de uma família dentro do seu ciclo de vida.[21] Para tanto, dispositivos projetuais são sugeridos pelo Sindicato e publicados em um número da revista *L'Architecture D'Aujourd'Hui*: dupla orientação dos volumes internos; separação máxima entre zonas diurna e noturna e zonas dos filhos e dos pais; fragmentação do espaço convencional de estar em várias zonas; multiplicação das funções sanitárias por tantos pontos de água quantos forem os moradores da unidade; vedação vertical interna feita com elementos desmontáveis que permitam ao morador modificar facilmente a repartição e a dimensão dos quartos e da área de estar; criação de um espaço reservado às brincadeiras e tarefas das crianças; criação de um espaço independente e bem iluminado

19 Citado por Merlin, P. **Le logement évolutif et la restructuration des logements.** *In:* Bonvalet, C. et al. Transformation de la Famille et Habitat. Paris: INED/DREIF/ IDEFF, 1988. P. 354.

20 Ver o número 292 da revista *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, intitulado **Architecture évolutive: habitation**, Paris, 1972, um verdadeiro *Who's who* da época, sobre este assunto.

21 Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 89. Paris: 1960.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

servindo aos trabalhos de manutenção, limpeza, consertos, em uma revisão das *caves* escuras, apertadas e cegas que até hoje equipam muitos dos edifícios franceses; dispositivos de estocagem integrados ao apartamento, incluindo armários de secar com ventilação mecânica, próximos à máquina de lavar roupas. Sua superfície útil de 82 m² correspondia à superfície máxima do padrão HLM para um F5. Se por um lado a proposta procurava atender à maioria das reivindicações de usuários e arquitetos, o preço final continuava salgado, dificilmente viável em grandes projetos de habitação. Os exemplos que se conhecem, com configuração semelhante àquela proposta pelo Sindicato, restringem-se, em geral, a edificações experimentais, bastante comuns na época, financiadas basicamente pelos cofres públicos. Mesmo a questão da flexibilidade através do deslocamento de divisórias internas, tão presente nos apartamentos das *villes nouvelles* dos anos 1960 e 1970, limita-se a uma ou outra parede ou armário que se pode desaparafusar e deslocar, sem, no entanto, dar origem a tipologias habitacionais realmente flexíveis. De qualquer forma, o mercado da construção civil jamais comprou a idéia da habitação evolutiva, nem na França nem em lugar nenhum. As realizações conhecidas costumaram ser, antes, fruto da insistência de arquitetos, às vezes de grupos organizados de futuros moradores, mas raramente da iniciativa de construtores ou de investidores.

Data de 1961 o 22º Congresso dos HLM, que já ressaltava a importância de uma política de elevação da qualidade espacial da habitação, acompanhada de uma melhor adaptação do esforço de construção às necessidades diversificadas e às realidades sociais. Em particular, o congresso chamava a atenção de seus escritórios regionais para uma necessária diferenciação dos produtos em função das demandas diversas de usuários cujo perfil reunia famílias numerosas, idosos, jovens trabalhadores e pessoas sós, por exemplo. Por outro lado, o vice-presidente da *Union des Fédérations d'Organismes d'HLM*,[22] Guy Houist, nota, na mesma época, que, no que diz respeito às obras construídas, um terço das habitações ainda se situavam nos grandes conjuntos em torno de Paris e das grandes cidades do país,

22 Em português, União das Federações de Organizações de HLM.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

os quais podiam ser considerados equipados nos quesitos escolar, cultural e religioso, social e sanitário, comercial, vegetação, equipamentos administrativos e meios de transporte comunitários.[23] A própria definição de ZUP[24], *status* administrativo das áreas onde primeiramente se situavam estes conjuntos, indicava a necessidade de que a habitação estivesse próxima a outros serviços urbanos. Assim, o conjunto de habitação coletiva deveria abrigar ou estar em proximidade de creches, mas possuir garagem para motos, bicicletas e carros, lavanderia e secagem coletiva por cooperativa comercial ou por iniciativa de uma associação, um salão de festas comunitário, *ateliers* para consertos, oficinas, uma sala para assistente social, cabines telefônicas e agência de correio, uma antena comum de televisão, áreas esportivas, e, naturalmente, jardins com bancos e brinquedos infantis.

Apesar de muitas destas resoluções terem sido efetivamente implantadas em inúmeras realizações, o fato é que, trinta anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, uma parcela razoável dos franceses ainda era mal alojada e necessitava de conforto ou de espaço, como nota a pesquisadora Michelle Champenois.[25] Segundo suas investigações, os próprios escritórios HLM não se abriam a todos os necessitados, fazendo com que a verdadeira habitação social fosse, em meados dos anos 1970, aquela edificação muito antiga que não recebeu os cuidados de manutenção necessários, e, portanto, vetusta e sem conforto. No outro prato da balança, muitas das famílias que viviam em apartamentos HLM não tinham mais este direito, teoricamente, por terem visto seus ganhos aumentarem consideravelmente desde que ali se instalaram, enquanto o valor dos aluguéis permaneceu inalterado. Ainda assim, alguns resultados impressionam. Em 1973, portanto menos de vinte anos após o péssimo balanço do recenseamento de 1954, as moradias francesas tem em torno de 3,5 cômodos, praticamente todos os domicílios são servidos por água encanada, sete a cada dez têm banheiros internos, dois terços possuem uma banheira ou um chuveiro, e praticamente a metade já dispõe de aquecimento central.[26]

23 Houist, G. Les Facilités Collectives Résidentielles. *In*: Revista Techniques & Architecture n.1 (21). Paris: 1960-61.

24 *Zone à urbaniser en priorité.* Em português, Zona de Urbanização Prioritária.

25 Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 183-184. Paris: 1975.

26 Os números exatos são: 97% das casas são servidas por água encanada, 70% têm banheiros internos, 65% possuem uma banheira ou um chuveiro, 49% dispõem de aquecimento central. Prost, A., *op. cit.*, pp. 69-72.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

OS ANOS DOURADOS DA PESQUISA

Após ter alimentado teoria e práticas da era da produção em massa, e fadado a ser apenas tolerado como uma medíocre fatalidade causada pela superdeterminação técnico-econômica e regulamentar, o habitat coletivo, sobretudo o social, recupera sua importância na cena arquitetônica dos anos 1970. Sua renovação arquitetural expressa-se tanto em concursos de idéias como em realizações, e duas questões permanecem, por muito tempo, recorrentes: a abertura da célula à evolução do grupo familiar e as articulações entre individualidade e coletividade. Paralelamente, os grandes conjuntos, construídos nas décadas anteriores, transformam-se em guetos que concentram uma população marginalizada. O fato, ao qual nem políticos nem planejadores podem mais fechar os olhos, introduz de maneira clara a escolha entre a reabilitação pesada e a demolição nas discussões sobre a habitação existente. A construção de grandes conjuntos será, em conseqüência, definitivamente abandonada, já a partir de 1973.

Mas a década de 1970 é um período fértil para novas pesquisas, muitas delas descendentes, em maior ou menor grau, das idéias do grupo inglês Archigram. Até mesmo um novo organismo, o *Plan Construction*, cuja finalidade específica é a de financiar canteiros experimentais que precederam a normalização homologada pelo CSTB, é criado em 1972. Sua segunda função seria a de organizar os concursos bienais PAN, ou *Programme d'Architecture Nouvelle*[27], palco por excelência da demonstração de novas idéias, tendo, no entanto, permitido até mesmo a concretização de um certo número de pequenas operações experimentais, realizadas por então jovens arquitetos como Christian De Portzamparc e Dominique Perrault. De todas estas operações emerge uma preocupação recorrente: a flexibilidade do espaço, que pressupõe uma capacidade de adaptação da geometria e da distribuição interior às demandas personalizadas e em constante mutação.

27 Em português, Programa de Nova Arquitetura.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Dentre as pesquisas francesas realizadas nesta década estão as do *Centre de Recherche d'Architectures Modulaires*[28], CRAM, espelho hexagonal[29] das proposições metabolistas japonesas da mesma época. Os técnicos do CRAM partiam da consideração de alguns pontos que eles consideravam chave para a arquitetura do momento. Falavam de planejamento participativo, pregando o fim da arquitetura produzida unicamente na prancheta e a necessária aproximação entre projetista e usuários. Culpavam o trabalho de criação projetual, realizado isoladamente dos problemas colocados pela sociedade de massas, pelo fracasso de várias tentativas anteriores de renovação arquitetônica, tanto ao nível do objeto quanto da cidade, e por suas repercussões psico-fisiológicas sobre os usuários. Reivindicavam, por fim, a urgente definição de uma política industrial como forma de paliar os efeitos das transformações irreversíveis provocadas por meio século de industrialização pesada. O CRAM considerava que a pesquisa de novos processos análogos a certos mecanismos naturais, como a semiologia e a linguagem semântica, deveriam permitir que o usuário interviesse diretamente sobre a organização espacial de seu próprio espaço, auxiliado pela compreensão dos órgãos constituintes deste espaço. Tais processos conduziriam a formas mais livres de criação coletiva que levariam, por sua vez, a uma total reconsideração dos modos de construção e do próprio entorno. Pelo menos, é o que esperava o pessoal do CRAM.

As realizações do Centro baseavam-se em uma abordagem tecnológica e estrutural direcionada à descoberta de ferramentas rigorosamente otimizadas, permitindo livremente a elaboração de combinações estruturais ou modulares, grelhas espaciais articuladas, de escalas variadas e variáveis, acolhendo e misturando as funções, levando a uma imensa variedade de possibilidades espaciais em um conjunto orgânico. Assim, tanto quanto para os Metabolistas, sua referência principal é o organismo vivo: as habitações seriam as células que permitiriam o crescimento e a evolução do organismo urbano.[30]

28 Em português, Centro de Pesquisa de Arquiteturas Modulares.

29 Adjetivo comumente utilizado pelo povo francês para designar aspectos inerentes ao seu país, derivando do hábito de referir-se ao país como "o Hexágono", em alusão à forma de seu mapa.

30 Revista Techniques & Architecture n.6(34), 1973.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Apesar da política exclusivamente voltada para a habitação coletiva, os arquitetos da década de 1970 mostravam grande interesse pelo tema da habitação individual. A indústria petrolífera, em franca expansão, sobretudo até a grande crise de 1973, cujos derivados favoreciam a produção de pequenos sistemas em plástico, parecia ter lá seus interessses nesta divisão. Sim, porque do outro lado, situava-se a indústria do cimento, incentivando a realização de grandes conjuntos. São deste período as pesquisas através das quais Olivier Mourgue concebeu o sistema *Visiona 3* e seus desdobramentos, baseado na possibilidade de extensão e de contínua modificação do espaço habitável. Mourgue acreditava que, enquanto espaço coletivo, a habitação deveria ser sensível às modificações do círculo familiar. Sobre uma superfície livre, de extensão qualquer, as necessidades consideradas como sendo as de uma família nuclear típica da época são satisfeitas: dormir, conversar, brincar, relaxar, informar-se, hospedar, alimentar-se, realizar higiene pessoal. O programa, estudado a partir da planta de uma habitação HLM do tipo F4, com 80m², se desenvolve em unidades independentes que correspondem a cada uma das necessidades mencionadas, e que se justapõem livremente no espaço segundo a escolha do morador ou de acordo com critérios estritamente funcionais. O bloco Cozinha compreende uma parte de estocagem, equipamentos para preparação de refeições, uma mesa articulável podendo descrever um semicírculo em torno de um eixo centrado no bloco, e dois *containers*-mesa móveis que permitem que as refeições sejam tomadas em qualquer parte da habitação. Instalações audiovisuais fazem parte do equipamento, interligando alimentação, relaxamento, entretenimento e informação. O bloco hidráulico possui uma grande banheira, permitindo um banho coletivo e relaxamento, lavabos e vasos sanitários, com eventual uso simultâneo. O repouso suprime os sofás e cadeiras e os substitui por uma superfície flexível, móvel e rente ao chão: tapetes-sofás. A fusão do *tatami* com o *futon*? As unidades de sono são iglus totalmente móveis, sobre rodas. As divisórias-estocagem móveis podem variar em comprimento e desenho, e abrigam os livros, as roupas e todos os utensílios. Protótipo realizado pela Bayer, o sistema tem como matérias-primas básicas PVC e tecidos.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

O *Visiona 3* subscreve e ilustra a idéia, comum nos anos 1970, de que a habitação deveria ser uma espécie de 'lugar de todos os possíveis', um espaço polivalente com grande versatilidade de uso, em que os objetos e móveis tivessem o mesmo papel que os painéis conversíveis ou as portas corrediças. Naturalmente não faltou quem aventasse a possibilidade extrema - furor entre os jovens arquitetos pós-68, ávidos por novas experiências participativas - do espaço 'em branco', caso em que não se propunha nenhuma partição interna, para que a liberdade dos moradores na criação do interior de suas habitações fosse, dizia-se, total. Engano. A experiência demonstrou a ingenuidade contida no método. Diante do espaço vazio, os futuros moradores, sem outra referência além da habitação convencional em que sempre viveram, passavam imediata e sistematicamente a compartimentá-lo, tendo a busca de verossimilhança com o modelo convencional como único critério. Por outro lado, uma flexibilidade talvez mais realista, desenvolvida ao redor de alguns elementos fixos - sanitários, cozinha e instalações, paredes-armários, reagrupamento dos serviços - não seria, no entender da pesquisadora Monique Eleb-Vidal, nenhuma grande revolução, mas já permitiria ganhar área dentro da habitação. "Trabalhar com habitação", resume Eleb-Vidal, para justificar suas posturas, "implica repensar, sem grandiloqüências, a articulação entre usos, técnicas e distribuição."[31]

Depois das decepções, das polêmicas e das duras críticas geradas pelos 'anos flexíveis', em que qualquer discurso sobre o desenho de espaços domésticos parecia obrigado a remeter-se à questão da flexibilidade, poderia ter-se pensado que a flexibilidade deixaria de ser um tema da atualidade. "A teoria da flexibilidade", lembram os arquitetos Milatovic e Bédarida, participantes do concurso de idéias PAN, *Programme d'Architecture Nouvelle*, "com o habitante como *bricoleur* dedicado a transformar constantemente o interior da sua habitação segundo seus gostos e necessidades, é um engodo. Todos os sistemas polivalentes e intercambiáveis revelam-se a termo pouco móveis, caros e muito complexos."[32] Há

31 Eleb-Vidal, M. et al **Penser l'habité. Le logement en questions.** Liège: Pierre Mardaga éditeur, 1988. P. 102.

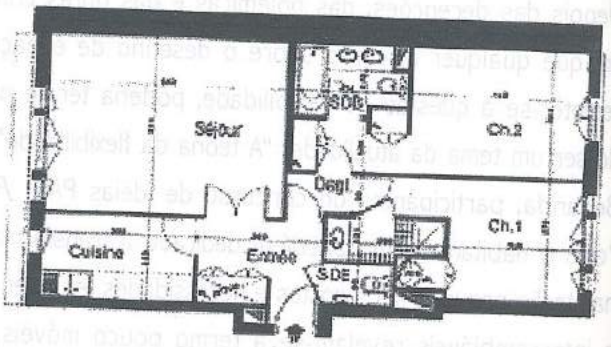
32 Citado por Eleb-Vidal, M. et al **Penser l'habité...**, *op. cit.*, pp. 102.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

quem discorde frontalmente. Alguns arquitetos famosos, como Steven Holl, Riken Yamamoto e Jean Nouvel, ou teóricos da estatura do crítico e historiador Alan Colquhoun, cujas palavras chegam a por em questão a própria formação do arquiteto. As exigências da vida moderna parecem a Colquhoun "tão complexas e mutantes, que todas as intenções de antecipá-las por parte do arquiteto conduzem a edifícios inadequados para sua função".[33]

O QUE TEM O MERCADO A DIZER

Longe das solenidades de premiação dos concursos de idéias, e fora das realizações experimentais bancadas pelos escritórios de HLM ou pelo *Plan Construction*, a moradia do parisiense comum continua, hoje, a ser produzida segundo critérios principalmente especulativos, como de resto em qualquer região minimamente urbanizada do planeta. A legislação em vigor no país, que proíbe demolições desnecessárias do parque habitacional existente, sobretudo nas partes mais antigas das cidades, encoraja a reabilitação de edifícios, colocando os arquitetos diante de um problema mais do que recorrente: adaptar aos modos de vida contemporâneos espaços de habitação cuja concepção reflete costumes de épocas passadas. Como exercício em escolas de Arquitetura, a proposta seria interessantíssima, já que lida com conceitos e dados relativos a diferentes momentos históricos, instigando à leitura atenta de diversos desenvolvimentos durante o período e à tomada de decisões projetuais baseadas nos resultados desta reflexão. Mas os construtores, incorporadores e arquitetos que enfrentam quotidianamente estas problemáticas - o que, na França,

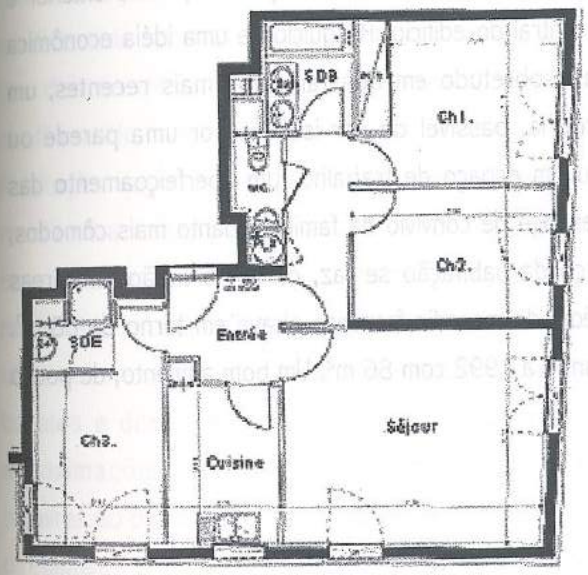


33 Colquhoun, A. Le plateau Beaubourg. Recueil d'essais critiques. Bruxelles: Mardaga, 1981. Citado por Eleb-Vidal, M. et al Penser l'habité..., *op. cit.*, p. 102.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

equivale a uma parcela bem significativa de profissionais, dada a grande extensão do patrimônio construído - não parecem cultivar estes hábitos saudáveis. Ou porque não tem tempo para isso, ou porque não se interessam pela questão, ou porque, às vezes, simplesmente não podem dar-se ao luxo de dedicar-se a pesquisas diante do ritmo de trabalho e das exigências normais de escritórios e empresas com fins lucrativos. Edifícios novos são construídos todos os dias em Paris, misturando-se à preservada massa criada por Haussmann há cento e tantos anos, de acordo com critérios nem sempre muito convincentes. Em todo caso, a construção de grandes torres, tão em voga nos anos 1970, como as do boulevard Davout, no leste, as do denso e popular *Chinatown*, no 13º *arrondissement*, ou ainda alguns horrores em torno da *rue de Flandre*, em direção a *La Villette*, ou mesmo de barras gigantescas como as de *La Courneuve* foram, felizmente, abandonadas em definitivo.

Seja em edifícios novos ou antigos, a cultura imobiliária francesa, no que se refere a edifícios de habitação, estrutura-se em torno de modelos simples, sem nada a ver com o estardalhaço da nebulosa de serviços coletivos de edifícios de alto padrão paulistanos, por exemplo. A esfera coletiva dos edifícios parisienses, incluindo-se aí os novos lançamentos, costuma ter, no máximo, um *play-ground* para as crianças e um jardim para os adultos descansarem, além, é claro, de corredores, vestíbulos e



Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

depósitos de lixo. Nas brochuras de divulgação dos edifícios, é comum encontrar referências a parques, museus, teatros e piscinas públicas do bairro, no quesito onde, em São Paulo, por exemplo, estariam listados os equipamentos e serviços privativos do prédio ou condomínio. Enquanto o edifício francês insere-se em uma cidade com infra-estrutura de serviços bastante completa e nela se apóia, os lançamentos paulistanos, imersos em uma aglomeração com serviços ruins e insuficientes, tentam paliar o problema com equipamentos, serviços, às vezes até comércio próprios.[34] Nos casos em que as dimensões do terreno permitem, até as garagens são individuais, em geral uma por apartamento.[35] Com relação ao interior dos apartamentos, não há muitas surpresas. A entrada se faz por um vestíbulo, no qual encontram-se, em geral, uma série de portas que dão acesso: ao *toilette* - pequena cabine com iluminação e ventilação artificiais, abrigando unicamente o vaso sanitário -, à sala de estar, cuja porta é normalmente envidraçada e, não raro, de duas folhas; à cozinha, fechada, na grande maioria dos casos, mas anexa às áreas de convívio; e ao indefectível corredor - de uma tortuosidade inexplicável - que serve dormitórios e sala de banhos.[36] Como desde a primeira metade do século, a sala de banhos tampouco possui janelas para o exterior e situa-se, invariavelmente, na área mais central do edifício. Resquício de uma idéia econômica de flexibilidade, é freqüente encontrar, sobretudo em apartamentos mais recentes, um canto da sala de estar com janela própria, passível de ser isolado por uma parede ou divisória e transformado em quarto ou em espaço de trabalho. Um aperfeiçoamento das alcovas que se abriam outrora para o espaço de convívio da família. Quanto mais cômodos, mais área. Este retalhamento do espaço da habitação se faz, como no Japão, em áreas cada vez maiores. Em 1970, a área média da moradia francesa girava em torno de 68 m². Oito anos depois, já media 77 m², chegando a 1992 com 86 m². Um bom aumento, de pouco mais de 26%, em vinte e dois anos.[37]

34 Apenas para que a comparação seja completa: os *folders* publicitários de edifícios japoneses costumam mencionar, como chamativos para compra, a proximidade com estações de trem e de metrô, e com supermercados e grandes lojas.

35 Normalmente os edifícios parisienses não possuem garagem privativa e os carros são deixados em áreas públicas.

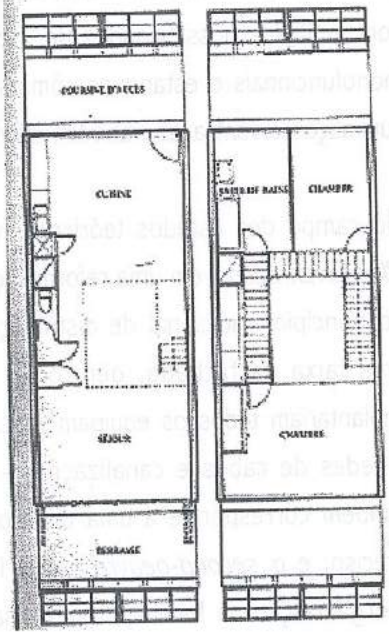
36 Traduzido aqui como sala de banhos, este cômodo é conhecido em francês como *salle de bains* e corresponde ao banheiro brasileiro sem o vaso sanitário, que se encontra isolado na *toilette*.

37 Dados de INSEE La France en Bref. Paris: INSEE, 1996. P. 7.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

RUMO A NOVAS DEFINIÇÕES?

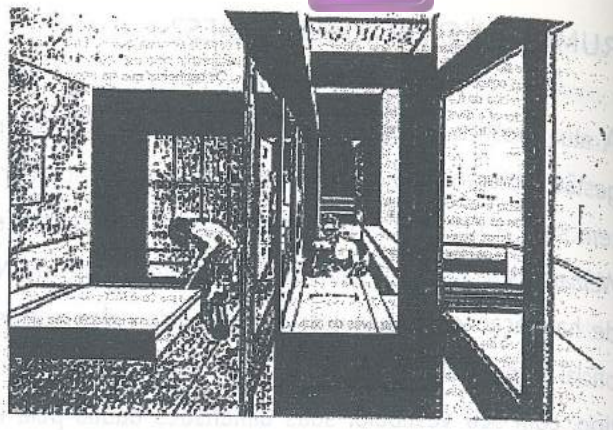
A atual política de habitação do Plan Construction, impulsionada pelos quatorze anos de gestão mitterandista, quando abundaram concursos para a realização de projetos na área, tem sido a de utilizar procedimentos variados em pequenas operações experimentais. *Némausus*, construído por Jean Nouvel na cidade de Nîmes, é um exemplo paradigmático de habitação cuja pesquisa foi financiada pelos cofres públicos, explicitando o interesse oficial pelo assunto. Jean Nouvel dispunha-se a escapar da aparente fatalidade do programa-tipo, com seu vestíbulo, suas dimensões dadas pela largura das portas, seu espaço de banho completamente cego e dimensionado em função do mínimo necessário para conter as peças sanitárias. Mais: segundo um célebre aforismo do arquiteto - "um belo apartamento é um grande apartamento" -, fazia parte do desafio oferecer 35% a mais de área pelo mesmo preço de referência de um apartamento HLM equivalente, além de um grande terraço externo como prolongamento da esfera privada. Os cento e quatorze apartamentos distribuem-se dezessete alternativas de plantas, em tipologias de um, dois ou tres pisos, com dois a cinco cômodos[38], confirmando a tese de que o edifício coletivo de habitação social pode ser barato sem limitar-se a repetir uma única tipologia. Duas idéias principais são espacializadas no conjunto. A primeira diz respeito aos materiais, escolhidos dentre aqueles normalmente utilizados na construção de edifícios industriais - mais baratos e donos de uma estética capaz de "certas aproximações com a arte contemporânea", nas palavras do próprio Nouvel.[39] A segunda concerne mais diretamente o interior dos apartamentos, onde Nouvel



38 A tipologia de dois cômodos é a F2, equivalente, no Brasil, a um quarto-e-sala ou, no Japão, a 1DK.

39 Nouvel, J., Ibos, J-M. **Némausus 1 - 114 appartements à Nîmes**. Seyssel: Editions du Champ Vallon, 1986. P. 6.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



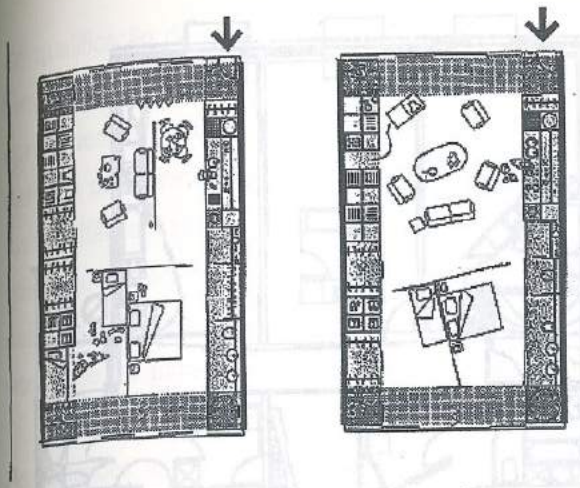
volta a perseguir um de seus temas mais recorrentes: a busca da imaterialidade, com transparências e translucidezes a serviço de uma cenografia privilegiada do espaço arquitetônico. Escadas e passarelas de aço com piso de chapas metálicas perfuradas, divisórias envidraçadas de escritório reforçam esta idéia, além de porem em questão noções elementares de privacidade. Ainda como resultado de uma reflexão sobre a habitação francesa convencional, todos os espaços do apartamento tem janelas ou, em todo caso, iluminação natural, única exceção feita à *toilette*, e os vestíbulos e corredores tortuosos foram, aqui, completamente suprimidos. O resultado são espaços com múltiplas possibilidades de uso - estar-cozinha, quarto-sala -, em contraposição aos monofuncionais e estanques cômodos convencionais. A sala de banhos ganha superfície e iluminação e ventilação naturais, abandonando seu papel secundário na hierarquia doméstica.

No campo dos estudos teóricos, Yves Lion e François Leclercq pensam, também para o *Plan Construction*, em uma reformulação radical da habitação. O trabalho propõe o abandono do princípio tradicional de distribuição técnica no centro do edifício, para substituí-lo por uma faixa na fachada, dentro de uma espessura denominada 'faixa ativa', onde se implantariam todos os equipamentos. Esta faixa seria considerada *servente* - contendo luz e redes de cabos e canalizações - de uma *zona passiva*, mais inerte e neutra. O que também corresponde a uma divisão do canteiro entre o *gros-oeuvre*[40], pesado e menos preciso, e o *second-oeuvre*[41] leve, industrial e de uma precisão esmerada, sugerindo uma reorganização da habitação sob uma lógica construtiva, técnica e funcional, propondo um

40 Trabalhos de infra-estrutura, estrutura principal e vedações.

41 Trabalhos de montagem, conexões e instalações leves.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



lugar para o permanente e outro para o efêmero, em mais uma tentativa de se responder à questão da temporalidade ligada ao habitar.[42]

Com o avanço das técnicas estruturais e de instalações, a habitação pode, agora, ser definida como um espaço absolutamente aberto, um plano horizontal formado por um piso de dutos que permitem a passagem de redes, e paredes concebidas como espaços técnicos, onde podem concentrar-se os serviços e os equipamentos. A construção e os serviços formam o quadro fixo da habitação, enquanto as divisórias deslizam no âmbito do móvel, do que é temporal: de um lado, as paredes técnicas de duração ilimitada, e, de outro, as divisões leves de duração variável e curta. Esta é uma descrição fiel de *HOSI, Habitat Ouvert à Services Intégres*[43], projeto de Jean-Baptiste Lacoudre e Jean-François Delsalle vencedor do PAN 14, na sessão de 1986-87.

"O projeto parte do interior do habitat para o exterior", explica Lacoudre. O programa é definido a partir de uma análise do que os autores consideram "as necessidades reais dos habitantes".[44] Um aumento de 25% em relação às superfícies atuais permite oferecer uma superfície de base de 90 m² que tem tudo para aceitar uma grande diversidade de situações familiares. Com dupla orientação, o apartamento abre-se ao exterior em suas fachadas menores e opostas, e os serviços concentram-se nas paredes portantes perpendiculares à fachada. Isto permite liberar um espaço aberto, adaptável, apropriável, e oferece uma habitabilidade bem maior do que quando os serviços são espalhados nos diferentes cômodos. As paredes técnicas abrigam serviços e equipamentos divididos entre Serviços Integrados

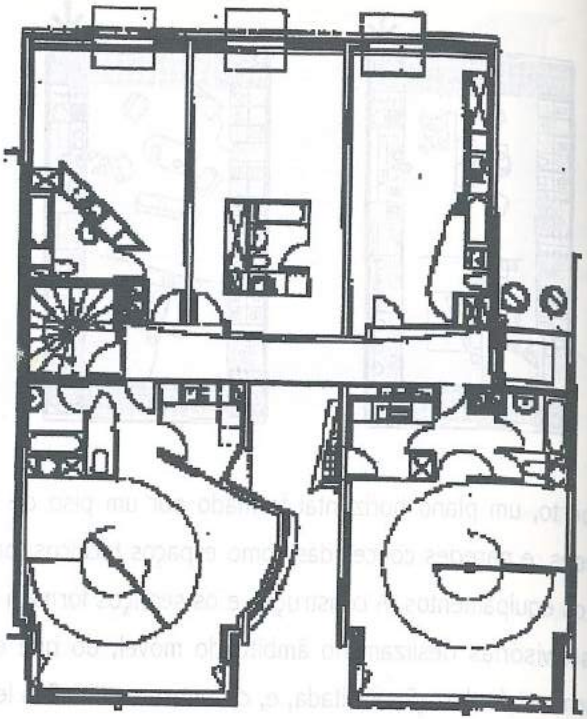
42 Lyon, Y. **Domus Demain, La Bande Active.** *In:* Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 252, p. 20.

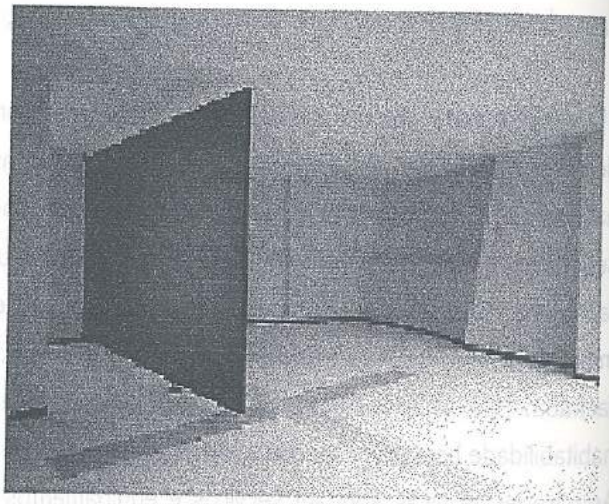
43 Em português, Habitat Aberto com Serviços Integrados.

44 Lacoudre, J-B. **Album de la Jeune Architecture.** Paris: Ministère de l'Équipement et du Logement, 1988. P. 5.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Úmidos e Serviços Integrados Secos. Os úmidos referem-se às funções de preparação de alimentos, limpeza de roupas e higiene pessoal, e incluem, ao lado de eletro-domésticos mais usuais, uma passadeira de roupas, uma ducha circular, escovas de dentes elétricas e compactador de lixo. Os Serviços Integrados Secos atendem a funções de comunicação e de estocagem, e incluem desde equipamentos de comunicação à distância como fax, televisão e Minitel - um ícone de modernidade na época -, até os armários de roupas, geladeiras, e discoteca. Se fosse concebido hoje, dez anos depois, possivelmente Lacoudre e Delsalle incluiriam o CPU do micro-computador entre os equipamentos de estocagem - de informações, neste caso -, ou talvez previssem um dispositivo para guardar e organizar os disquetes. Em todo caso, depreende-se desta proposta uma maneira alternativa





Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

de qualificação do espaço. Apesar de utilizar-se dos nomes convencionais de cômodos com função determinada (por exemplo, cozinha, banheiro, etc), estas funções em *HOSI* não constituem cômodos. A especificidade de cada porção do grande espaço livre central é definida pela presença de equipamentos, e esta presença pode dar-se de forma alternada ou simultânea, fixa ou com diferentes graus de mobilidade. A noção de cômodo é ultrapassada, coisa que o projeto de escritórios já propõe desde a primeira metade do século. Esta multifuncionalidade é o grande mérito deste estudo, com todas as boas conseqüências que isto pode ter para a reflexão sobre a organização do espaço doméstico.

As reflexões atuais sobre a célula da habitação fogem à tipologia convencional dos HBM e dos HLM, tentando articular o pensamento construtivo, o trabalho sobre o interior da habitação e a estética do edifício. É nesta direção que se situa a produção das 1500 habitações patrocinadas pelo correio francês - a popular *La Poste* -, uma das principais realizações habitacionais destes últimos anos, iniciada em 1993. Dona de vários terrenos e edifícios na cidade de Paris, a instituição decidiu confiar a diversas equipes de jovens arquitetos um programa de reabilitação e construção de habitações destinadas aos seus funcionários. A intenção de se pesquisar e repensar o espaço da habitação em função de novos modos de vida foi claramente explicitada no programa. Apesar das esperadas e bem-vindas diferenças formais e de escala de cada intervenção, o ponto fundamental que parece ser comum a várias delas é a possibilidade de absorção de uma evolução familiar provável, através de, por exemplo, um espaço capaz de assegurar várias funções - escritório, dormitório, etc.-, de vedações verticais móveis, da criação de unidades com mais de um pavimento. Sim, de novo a questão da flexibilidade em um evento que se notabiliza tanto pela participação de um número representativo de jovens arquitetos - muitos deles premiados em concursos PAN -, quanto pela busca de novos desenhos para o espaço de morar e pela quantidade de realizações envolvidas - mil e quinhentas habitações de uma só vez, em uma só cidade. Vale a pena destacar o apartamento desenhado pelo escritório Canale 3.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Organizadas em torno de um poço de luz, as habitações desenhadas pelos arquitetos do Canale 3 tem somente uma orientação - seja para a rua, para o poço ou para os fundos do edifício - privilegiando o espaço de estar, espaço servido, multiuso, ou como mais se queira chamá-lo, como o lugar por excelência da luz natural, restando à cozinha uma pequena janela, e à sala de banhos, a iluminação e a ventilação artificiais. Este grande espaço servido ganha importância no projeto pois, além das janelas extensas, funcionando como *bow-windows*, ele se articula através de uma divisória central giratória que pretende conferir-lhe diferentres usos. Permite, ocasionalmente, a definição de uma área de refeições ou de trabalho, mas não o isolamento total de nenhuma função. Em certa medida, o projeto dialoga com os conceitos enunciados por Yves Lion e François Leclerq em seu projeto da *Bande Active*[45], ao dividir a habitação em uma zona de serviços - cozinha, sala de banhos e espaço de trabalho - , materializada em um bloco técnico que se atravessa ao entrar na habitação, e uma zona servida, o grande espaço de vivência e relação com o exterior não-adjacente.

Esta já antiga tradição de inovar a concepção dos espaços domésticos coloca a França em uma posição privilegiada na discussão sobre habitação e modos de vida. É verdade que a inovação sempre demora para sair da esfera da pesquisa e disseminar-se nas pranchetas e computadores dos projetistas. Mas, felizmente, poderiam ainda ser citadas aqui diversas iniciativas de arquitetos franceses, jovens em sua maioria, que, estimulados por concursos e operações como a da *La Poste*, tem introduzido em seu trabalho a preocupação de produzirem moradias cuja estrutura funcional auxilie os grupos domésticos emergentes, e em cujos conceitos básicos estes novos usuários se reconheçam.

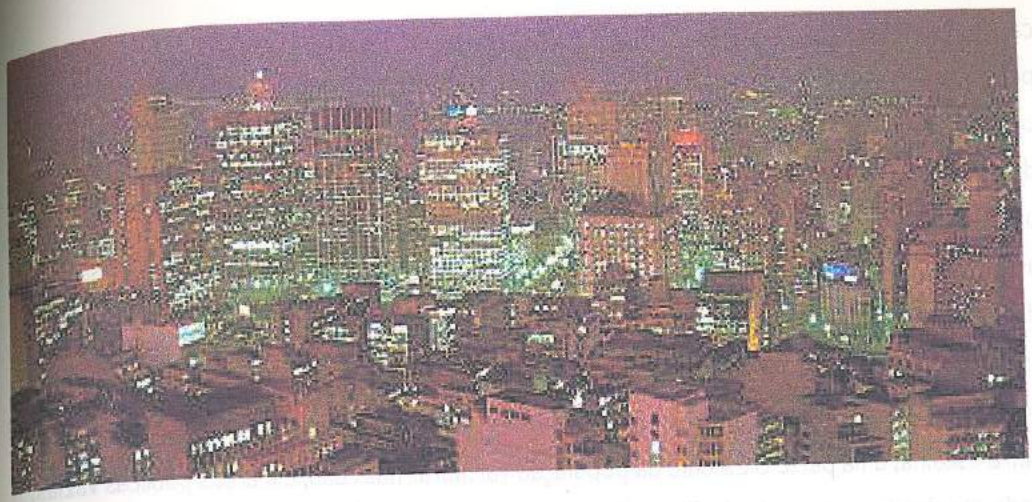
45 Em português, faixa ativa.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

São Paulo em trincheiras

Ricos, pobres e as idéias modernas . Duas realizações exemplares e o fim do sonho . O afrancesamento se americaniza . Quem se lembra de Narandiba? . Mais clientes, mas com menores bolsos . Edifícios, condomínios, conjuntos, flats: ilhas no mar urbano

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



RICOS, POBRES E AS IDÉIAS MODERNAS

Diferentemente da França e do Japão, o território brasileiro não foi palco das horríveis batalhas da Segunda Guerra Mundial. Além das já conhecidas implicações nos planos humano, econômico, político, etc, isso significou, por um lado, que a arquitetura brasileira não se veria confrontada aos grandes esforços de reconstrução que, naqueles países, ajudaram a disseminar a habitação Moderna. Tampouco conheceria a involuntária *tabula rasa* que o conflito produziu em outras paragens, quer fossem - reconstrução e *tabula rasa* - um problemão ou a sorte grande dos arquitetos locais. Da segunda, a arquitetura brasileira conhecerá uma face menos destruidora com a construção de Brasília: sozinha no meio do cerrado, iniciada a partir do traçado de uma cruz, em um "gesto primário de quem assinala um lugar" no meio do nada, como diria o autor do seu Plano Piloto, Lucio Costa. Mas verá uma *tabula rasa* a conta-gotas ir depredando todas as demais cidades do país, através de um trabalho contínuo e sistemático de especuladores que reconstruirão, sim, muitas e muitas vezes, as cidades sobre o entulho da demolição delas próprias. Por outro lado, anunciada pela ditadura populista de Vargas como um inevitável efeito da Guerra, a Lei do Inquilinato, de 1942, congelou aluguéis durante mais de duas décadas e afugentou o

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

capital privado do até então fértil terreno dos investimentos no setor da construção de habitações para aluguel. Junte-se a isso a escassez de materiais durante os anos em que durou o conflito, com a conseqüente diminuição no ritmo de produção de novas unidades, e os preços altíssimos dos aluguéis de imóveis novos, não abrangidos pela lei varguista. Pronto. Estes fatos bastaram para transformar a questão da habitação na cidade de São Paulo - sobretudo aquela destinada aos mais pobres - em um pesadelo do qual os paulistanos nunca mais despertariam. Por volta do final da Guerra, o rápido aumento do número de pessoas a alojar[1] é motivado tanto por um crescimento industrial que atrai, como sempre, mão-de-obra de comunidades menores e da zona rural, quanto pelos despejos que se fizeram comuns, por aquela época, na cidade.[2] Sem outra escolha, uma parte crescente da população vai morar nas ruas, em áreas públicas vazias, onde constróem, a exemplo do Rio de Janeiro, o que passa a ser um território privilegiado da especulação imobiliária sobre as classes populares: favelas novas em folha.[3] Da parte dos governos populistas da época, as respostas foram bem pouco contundentes. Criaram-se, por exemplo, os Institutos de Aposentadorias e Pensões, em 1937, que financiaram 124 mil unidades habitacionais entre 1937 e 1945. Com uma população urbana estimada em 14,31 milhões de pessoas, em 1945, o Brasil teve, neste momento, 5,2% de sua população morando em casas ou apartamentos construídos pelos IAPs.[4] O outro braço governamental no campo habitacional foi a Fundação da Casa Popular, criada em 1946, já no governo de Eurico Gaspar Dutra. Era um embrião do que viria a ser o Banco Nacional da Habitação, mas realizou muito pouco: em dezoito anos de existência, construiu apenas 143 conjuntos, com um total de pouco mais de 18 mil unidades.[5] As bases do desenho desta habitação alimentavam-se nas mesmas fontes Modernas que nutriram a reconstrução pós-guerra nos países sinistrados: blocos coletivos de apartamentos pequenos, destinados a famílias nucleares de trabalhadores, implantados em *zeilenbau* entre áreas ajardinadas, produzidos em série em um país cuja indústria da construção, no entanto, praticamente inexistia. Não é, com certeza, uma produção tão expressiva como a que se registrou na Alemanha de Gropius, na França de Lods, no Japão de Sakakura. Vários dos famosos Cinco Pontos da Arquitetura Moderna de Le Corbusier estavam, verdade seja dita, ausentes da maioria

1 A população paulistana passa de 1,3 milhões em 1940 para 2,2 milhões em 1950. (Dados dos Recenceamentos Gerais de 1940 e 1950, IBGE) Entre 1940 e 1970, as taxas decenais de crescimento populacional chegam a ultrapassar 5% ao ano. (Taschner, S. São Paulo 90: em busca de local onde morar. *In:* Anais do VI Encontro Nacional da ANPUR. Brasília: ANPUR, 1995. P. 509.)

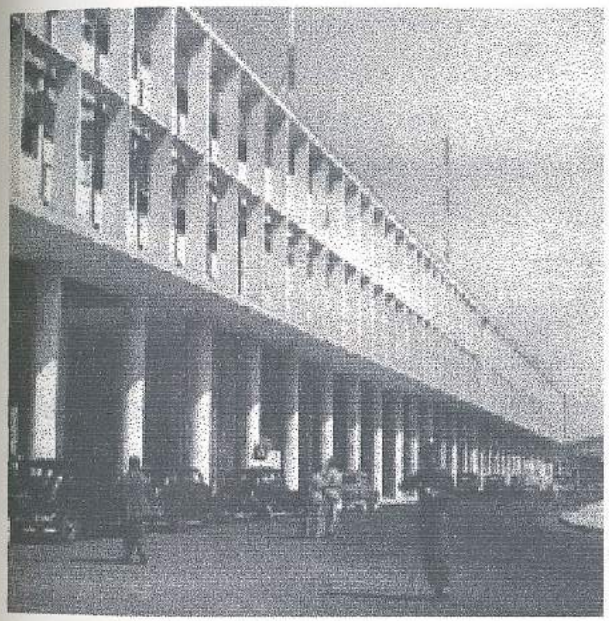
2 Buscando atualizar os valores dos aluguéis, burlando, portanto, a lei, muitos proprietários acabavam despejando seus inquilinos sob pretextos vários, estes sim legais, ainda que falsos. Em seguida, reajustavam os aluguéis a preços exorbitantes, procurando repor as perdas causadas pelo congelamento prolongado, e prevenir-se contra eventuais novas leis restritivas. Convém lembrar que a retomada legal do imóvel não era uma empreitada fácil. As únicas razões aceitas eram: querer o imóvel para moradia própria, para moradia de um ascendente ou descendente, ou para reforma e ampliação.

3 Por exemplo, uma matéria no jornal Diário de São Paulo dirá, sobre a hoje extinta favela do Ibirapuera, que "não se

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

destas realizações brasileiras. Eram Modernas em sua estética, em sua intenção de 'uma nova habitação para um novo homem', em sua proposta - mas quase nunca posta em prática - de serem produzidas industrialmente e, vez ou outra, na maneira de basear a elaboração de seu programa em dados sociológicos e demográficos. E só.

Mas é também a partir da década de 1940 que se acelera o processo de industrialização do país. A tecnologia do concreto armado, banalizada pelo seu emprego generalizado, sobretudo na construção de grandes edifícios, ganha espaço também nos programas residenciais. A produção nacional de perfis metálicos em aço também começaria a tomar vulto em 1946, com o início do funcionamento da usina de Volta Redonda, ainda que o primeiro edifício brasileiro com estrutura de aço só tenha sido construído em 1954, em São Paulo, segundo projeto de Rino Levi.[6] Marcelo e Milton Roberto, autores dos projetos da Associação Brasileira de Imprensa, de 1935, e do Aeroporto Santos Dumont, de 1937, ambos no Rio de Janeiro, constróem em São Paulo, em 1941, o edifício Anchieta sem, desta vez, tirarem partido da flexibilidade permitida pela estrutura independente de concreto, como haviam feito nos projetos precedentes. Edifícios residenciais posteriores, assinados pelos mesmos irmãos, revelarão que a distribuição Moderna de funções limitou-se, no seu caso, a alguns detalhes, exibindo ainda claras referências burguesas oitocentistas européias. Já Carlos Frederico Ferreira, um dos mais produtivos arquitetos desta fase da



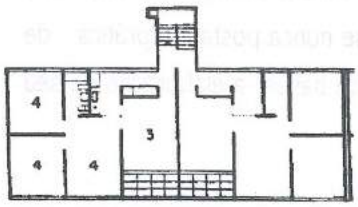
trata de um aglomerado de vadios, mas de trabalhadores pobres." (Edição de 6 de agosto de 1950, citada por Taschner, S. P. em Notas sobre a origem e a evolução das favelas paulistanas. *In:* Sinopsis 19. São Paulo: FAUUSP, 1993. P.43.)

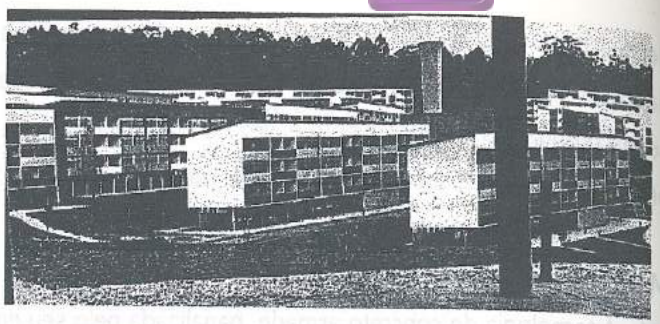
4 Considerando-se uma média de seis pessoas por domicílio, em um total de 744.150 pessoas. Dados de Taschner, S. P. Política habitacional no Brasil: retrospectiva e perspectivas. Cadernos do LAP no. 21 (em impressão). São Paulo: FAUUSP, 1998.

5 O número exato é 18.132 unidades habitacionais, o que significa uma média de pouco mais de mil unidades por ano. Número baixo, se comparado com as 13.777 unidades anuais dos IAPs. Dados de Taschner, S. P., Política..., *op. cit.*

6 Bruand, Y. Arquitetura Contemporânea no Brasil. 2a. edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991. P. 17. O autor cita, ainda, os edifícios dos ministérios de Brasília, construídos em 1959, como a primeira 'obra importante' com estrutura de aço, utilizando material importado dos Estados Unidos.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

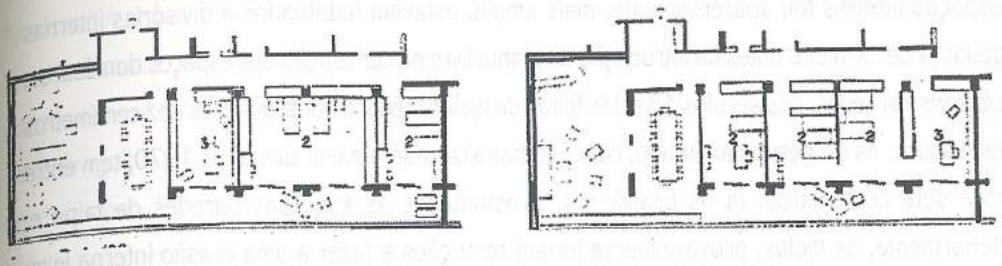




habitação Moderna no Brasil, constrói, em 1949, em Santo André, na Grande São Paulo, um conjunto de habitação social para o IAPI[7] que, apesar de apresentar apenas um dos tais cinco pontos de Le Corbusier - os edifícios apóiam-se sobre pilotis - obedece a uma estética, a uma implantação e, seus apartamentos, a uma distribuição interna - a cozinha, por exemplo, é, praticamente, um prolongamento da sala de estar - claramente Modernas. Enquanto os irmãos Roberto erguem o Anchieta, Rino Levi constrói na cidade o Instituto *Sedes Sapientiae*, adicionando à estrutura de pilares de concreto um sistema de elementos pré-moldados, também em concreto, substituindo a cara caixilharia metálica importada inicialmente prevista. Levi projetará, em 1944, o edifício Prudência, na elegante avenida Higienópolis, onde o conceito de espaço doméstico flexível será desenvolvido de maneira inédita no país. A área de 400m² de cada apartamento é, praticamente, dividida em duas grandes zonas: em uma concentram-se os espaços úmidos e os quartos de empregada; a outra, pontuada pelos pilares de sustentação, destina-se aos espaços de convívio e aos quartos principais, delimitados por divisórias leves e armários. Apesar de menos radical que o edifício Esther, de Vital-Brazil - apenas pouco mais da metade da área total da unidade é passível de ser rearranjada -, o uso de armários e de divisórias leves é inovador por permitir uma flexibilidade permanente no uso de alguns espaços. Este mesmo sistema seria usado pelo arquiteto em várias residências construídas posteriormente na cidade. Deve ser destacado, por outro lado, o fato de os apartamentos de Levi serem destinados a famílias de nível econômico superior às moradoras do edifício Esther: Enquanto este último havia sido construído pela Usina Esther para locação, o edifício Prudência destinava-se à venda em sistema

7 Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



de condomínio.

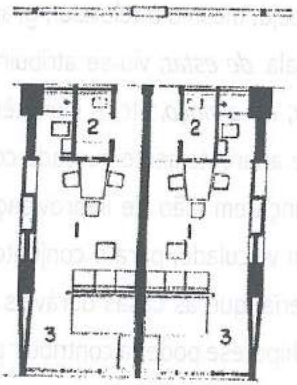
Esta concepção espacial dos apartamentos chocava-se com certos consensos da elite brasileira da época. Um deles - e que parece estar em vigência até hoje - era o de que a residência de prestígio devia caracterizar-se por uma sucessão de cômodos com finalidades específicas, o que excluía qualquer possibilidade de sobreposição de funções. Ou seja, mesmo o televisor, grande evento da habitação dos anos 1960, inicialmente situado na sala *de estar*, viu-se atribuir-se, mais tarde, uma sala *de televisão*, diferente das salas *de jantar*, *de almoço*, etc. A inexistência desta estanqueidade na casa das classes populares - apesar de aparentemente buscada como símbolo de êxito social - associada ao fato de muitas delas lançarem mão de improvisações como divisórias feitas com tapumes, cortinas e armários, teriam veiculado, para o conjunto da sociedade, uma imagem de precariedade ligada à miséria material que as casas duráveis das pessoas com algum êxito social jamais deveriam expressar. Esta hipótese poderia contribuir para justificar o fato de que a totalidade dos apartamentos do edifício Prudência, de Rino Levi, teve suas vedações internas leves substituídas por paredes de tijolos nos anos posteriores à sua conclusão. Poderia, também, ajudar a explicar a resistência, por parte das classes abastadas, a morar em casas cujas salas de estar, de jantar, de televisão e a cozinha configurassem, por exemplo, um cômodo único. O Professor Nestor Goulart Reis Filho lembra que a cozinha e as áreas de serviço seriam, sobretudo até 1945, "locais de completa desvalorização social, verdadeiro desprestígio, quase tabu herdado dos tempos em que ali estariam os escravos e, agora, acomodando os filhos daqueles."[8] Seria importante notar ainda que os europeus, cuja aceitação

8 Reis Filho, N. G. **Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970. P. 72. O autor lembra ainda que "algumas senhoras mais ricas, podendo manter governanta, geralmente alemã ou francesa, lá não apareciam, quando muito deixando-se chegar à copa em busca de água."**

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit www.foxitsoftware.com/shopping

de espaços flexíveis foi, aparentemente, mais ampla, estavam habituados a divisórias internas delgadas já desde muito antes da introdução da planta livre na concepção dos espaços domésticos: as *cloisons* francesas, dos séculos 18 e 19, feitas de tijolos, não ultrapassavam os dez centímetros de espessura. As de gesso cartonado, cujo uso banalizou-se a partir dos anos 1970, tem entre cinco e sete centímetros. Já os brasileiros, acostumados às espessas paredes de taipa e, posteriormente, de tijolos, provavelmente teriam restrições a fazer a uma divisão interna leve, cujos problemas acústicos seriam, ou insolúveis, dado o estágio primitivo ou a inexistência de soluções técnicas eficientes, ou resolvidos mediante um custo elevado demais.

DUAS REALIZAÇÕES EXEMPLARES E O FIM DO SONHO



9 O conjunto destinava-se a abrigar ex-moradores do Parque Proletário 1, favelados da Praia do Pinto e da Lagoa. Os parques proletários foram uma experiência de desfavelamento semelhante à Vila de Habitação Provisória, construída, na época, em São Paulo, composta de moradias que abrigavam provisoriamente o favelado em seu percurso em direção à inserção social monitorada pelo governo. Pedregulho foi construído pelo Departamento de Habitação Popular do Distrito Federal, com 382 unidades, destinadas a 1.700 pessoas. (Taschner, S. P. Política habitacional no Brasil..., *op. cit.*)

Da equipe que trabalhara com Le Corbusier, em 1935, no projeto do Ministério da Educação, fazia parte o arquiteto Affonso Reidy, que seria o autor de uma das mais importantes realizações Modernas da época: o conjunto habitacional do Pedregulho, no Rio de Janeiro.[9] Além de uma certa aplicação da noção de flexibilidade ao desenho dos espaços domésticos, este projeto reflete preocupações muito próximas das expressas pelos alemães da *Neues Baue* e pelo próprio Le Corbusier com relação à habitação coletiva: rua-corredor, estrutura independente das vedações, pilotis, alguns apartamentos duplex, aberturas mais generosas do que de costume para ventilação e iluminação artificiais, padronização de boa parte dos elementos construtivos. Além disso, Pedregulho é contemporâneo da *Unité d'Habitation de Marseille*, projetada e construída entre 1947 e 1952, que seria, no processo de construção do conceito moderno de habitação na Europa, uma espécie de síntese de diversas idéias, realizações e reivindicações, que vão do domínio técnico-construtivo ao social, do formal ao

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

funcional. A arquitetura Moderna brasileira vai enfrentar aqui um programa novo no país, e que foi, paradoxalmente, um dos principais catalizadores dos esforços dos Modernos europeus do entre-guerras: a habitação coletiva e os serviços coletivizados que lhe são anexos. O programa de Pedregulho foi definido com base em uma pesquisa detalhada das condições de vida e das necessidades de seus futuros usuários, permitindo que os arquitetos trabalhassem com dados objetivos, nos moldes da concepção das *siedlungen* alemãs do primeiro pós-guerra, dos *grands ensembles*[10] franceses da metade do século, do *51-C* japones.[11] A questão do aproveitamento do espaço interno das habitações também se coloca de maneira parecida às demais, por dispor de uma reduzidíssima área útil. No entanto, as semelhanças terminam na porta de entrada dos apartamentos: sua disposição interna parece muito mais guiada pelas limitações econômicas do que pela busca de novas concepções do espaço de morar. A minúscula área de cada unidade é totalmente compartimentada, o que restringe ainda mais suas possibilidades de uso. Uma exceção talvez possa ser feita aos apartamentos de um só nível. Neles, divisórias leves e um armário limitam o espaço de dormir, situado próximo à janela, na área liberada pela colocação da zona úmida junto ao acesso à circulação coletiva externa. É curioso que, em uma entrevista de 1961, Reidy afirme que, na planta livre, "placas de pouca espessura, planas, curvas ou onduladas, de materiais da mais variada natureza, definem o espaço interior dando-lhe um sentido dinâmico de continuidade, em lugar de confiná-lo dentro dos limites de compartimentos estanques."[12] Seria legítimo perguntar-se quais as razões pelas quais estes princípios aplicam-se de maneira tão acanhada nas unidades de Pedregulho. Ainda que nunca seja demais lembrar que o alto custo dos produtos industrializados, mesmo quando se fizeram mais disponíveis no mercado, sempre constituiu um obstáculo à aceitação de componentes leves por parte dos especuladores, cujos limites econômicos, nos dizeres de Reidy, "aviltaram a qualidade da construção e habituaram a maior parte das firmas construtoras a trabalhar dentro de um padrão muito baixo."[13] Pareciam muito mais interessantes aos incorporadores a técnica convencional da alvenaria de tijolos e mesmo a técnica do concreto armado, que não demandavam mão-de-obra especializada nem grandes investimentos, e absorviam as imprecisões de edifícios construídos artesanalmente.

10 Em português, grandes conjuntos [habitacionais Modernos].

11 Bruand, Y., *op. cit.*, p. 225, nota que o edifício residencial principal só foi concluído e habitado já nos anos 1960, quando a situação familiar e as necessidades dos recenseados haviam se modificado bastante. Além disso, razões diversas, entre elas este intervalo de mais de uma década entre as enquetes e a conclusão do edifício, fizeram com que poucos recenseados se tornassem efetivamente moradores dos apartamentos que lhes eram originalmente destinados.

12 Reidy, A. Inquérito nacional de arquitetura. *In:* Xavier, A. (org) Arquitetura Moderna Brasileira: depoimento de uma geração. São Paulo: ABEA/FVA/Pini, 1987. Pp. 181-182.

13 Citado por Souza, A. Arquitetura no Brasil - Depoimentos. São Paulo: Diadorim/ Edusp, 1978. P. 116.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Nem tudo era Moderno na habitação social carioca da época, e convém não esquecer que boa parte da habitação popular, sobretudo aquela inserida em projetos de destruição de favelas, foram do tipo Cidade de Deus, Vila Kennedy, Vila Aliança. Ou seja, tristes conjuntos de pequenas casas, situados em distantes periferias, sem nenhum equipamento coletivo nem serviços públicos, construídos de acordo com projeto arquitetônico e critérios construtivos de uma banalidade constrangedora, e que rapidamente se transformaram em guetos pobres, violentos e perigosos. Até parece uma descrição do modelo que o BNH espalharia Brasil afora a partir de 1964, e que sobreviveria, inclusive, à extinção do Banco, em 1986. Os conjuntos cariocas mencionados datam de 1960, e foram financiados pela *United States Agency for International Development*[14], a USAID, preocupada com a repercussão que poderiam vir a ter as medidas recém-implantadas em Cuba, por Fidel Castro, nas massas empobrecidas das metrópoles latino-americanas. Esta razão política, que fez com que o governo norte-americano sacasse com tanta rapidez o talão de cheques para vir em socorro de seus protegidos do hemisfério sul, é endossada pelo Congresso daquele país que, em 1962, reconheceu "a correlação entre moradia e estabilidade das nações livres desenvolvidas no mundo", conforme lembra um estudo financiado pela FINEP, de 1985.[15]

Mas a produção habitacional em São Paulo não se restringiu à atuação dos IAPs. O governo paulista também criou, posteriormente, órgãos encarregados do projeto e da construção de moradias populares: a Caixa Econômica Estadual, o IPESP - Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, a CECAP - Caixa Estadual de Casas para o Povo. É da CECAP o conjunto cujos princípios mais se aproximaram das posturas Modernas européias, construído no final da década de 1960 pelos arquitetos Vilanova Artigas, Fábio Penteado e Paulo Mendes da Rocha: o conjunto Zezinho de Magalhães, em Guarulhos. Zezinho era enorme, o primeiro conjunto construído pelo governo estadual, abrigando cinqüenta e cinco mil pessoas distribuídas em núcleos menores e autônomos onde, além da habitação, estariam locados comércios, escolas, pontos de ônibus, centro de saúde, etc, em uma clara alusão ao princípio das unidades de vizinhança corbuseanas.

14 Em português, Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional.

15 FINEP-GAP Habitação popular, inventário da ação governamental. Projeto 6. Rio de Janeiro: FINEP/GAP, 1985. P. 67.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Além dos pilares, apenas as paredes externas das extremidades dos blocos de apartamentos eram portantes, de concreto. As demais divisórias eram todas leves: de painéis de madeira compensada, no interior, e módulos de armários pré-fabricados em argamassa armada, nas fachadas externas. Aqui, não apenas o interior era reorganizável mas, a rigor, também a fachada. Zezinho é filho prematuro, mas perfeitamente saudável, das grandes discussões sobre a racionalização, a pré-fabricação e a industrialização das construções que permearam o debate arquitetônico brasileiro durante toda a década de 1970.

O AFRANCESAMENTO SE AMERICANIZA

O arquivista francês Yves Bruand, em seu incontornável *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, dá uma visão bastante clara, ainda que bem resumida, de duas das principais tipologias habitacionais no país, nos anos finais da década de 1960. Ele menciona a residência particular de alto padrão, que mistura equipamentos típicos do então considerado conforto moderno com a presença de várias empregadas domésticas. Sua organização interna, no entanto, separa sistematicamente as áreas de serviços - voltadas para os fundos do lote - da área social - voltada para a rua, seja qual for a orientação da casa. Resquícios da casa colonial paulistana? Quase. Bruand sublinha que "é sempre total a independência entre as circulações social e de serviço". E que estes princípios também são encontrados nas residências destinadas à classe média e até mesmo nas casas populares.[16] A segunda tipologia descrita no *Arquitetura Contemporânea* são os edifícios de apartamentos, construídos, na época, diz Bruand, única e exclusivamente pela iniciativa privada. Sua condição de símbolo incontestável de modernidade e sucesso social perpetuou-se na famosa marchinha de carnaval de Braguinha, segundo a qual sua musa, Aurora, provavelmente originária das classes populares, via-se prometer, em troca de sua sinceridade, um "lindo apartamento com porteiro e elevador, e ar condicionado para os dias de calor". A elevação do *status* social da pobre e, pelo visto, insincera Aurora eram, segundo o apaixonado autor do texto, favas contadas: "*Madame* antes do nome", diz ele, "você teria agora".

16 Bruand, Y., *op. cit.*, pp. 20-21.

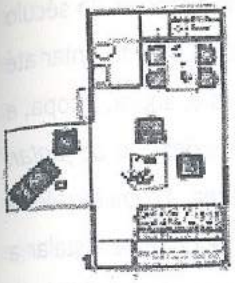
Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

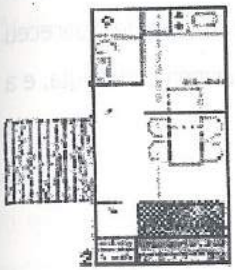
De novo, uma influência francesa... Os apartamentos visavam abrigar as famílias mais ricas porque, ao que parece, seu custo era elevado; e seu custo era elevado porque visavam abrigar as famílias mais ricas. Faltava, isso sim, vontade política e interesse de investidores para produzir habitação coletiva verticalizada e econômica, destinada às classes populares. Bruand cita os conjuntos de Pedregulho e Gávea como honrosas exceções, parecendo ter-se esquecido de contabilizar os outros diversos edifícios realizados por todo o país, durante a década de 1940, pelos IAPs e pela Fundação da Casa Própria. No que concerne os interiores destes apartamentos caros, repetem-se os princípios de organização da casa isolada: estanqueidade entre cômodos, entre áreas, entre circulações. "Em geral", comenta Bruand, "não há pesquisas novas como, por exemplo, na unidade habitacional de Le Corbusier, em Marselha; trata-se simplesmente de uma superposição de residências, numa versão desmesuradamente ampliada do prédio para aluguel que esteve muito em voga na Europa do século 19." Nada de surpreendente, conclui o arquivista, já que ambos os modelos tinham "exatamente o mesmo fim especulativo, com a diferença de que, agora, a propriedade é condominial ao invés de concentrar-se nas mãos de um só dono."[17]

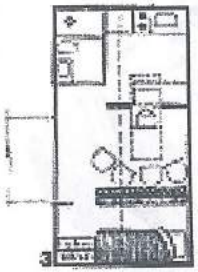
Nenhum trabalho sistemático e organizado, no campo da industrialização da habitação, de dimensões equivalentes aos estudos de Lods ou Prouvé, seria encontrado no país do concreto e da alvenaria de tijolos, neste momento. Aqui e acolá, iniciativas como as de um Oswaldo Bratke, um Rino Levi, ou um Vital-Brazil são vistas quase unicamente como traços e interesses pessoais. Bratke foi um dos poucos de sua geração a desenvolver um pensamento sistemático sobre o que poderia, enfim, vir a ser a pré-fabricação e a industrialização da construção em um país quente, úmido e pobre como o Brasil. Além de usar intensamente materiais industrializados, como peças de cimento amianto e elementos vazados, e isso já desde os anos 1940, este arquiteto tem como meta quase confessa a concepção de sistemas construtivos industrializáveis. A professora arquiteta Dalva Thomaz vai mais longe, e lembra que a preocupação de Bratke em "conceber e detalhar peças de caixilharia, divisórias internas, portas, armários, está muito mais próxima do desenho industrial em sua concepção mais plena, isto é, o desenho para produção em escala

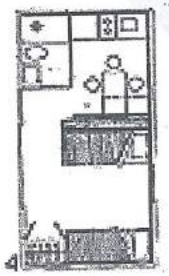
17 *Idem*, p. 21.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping









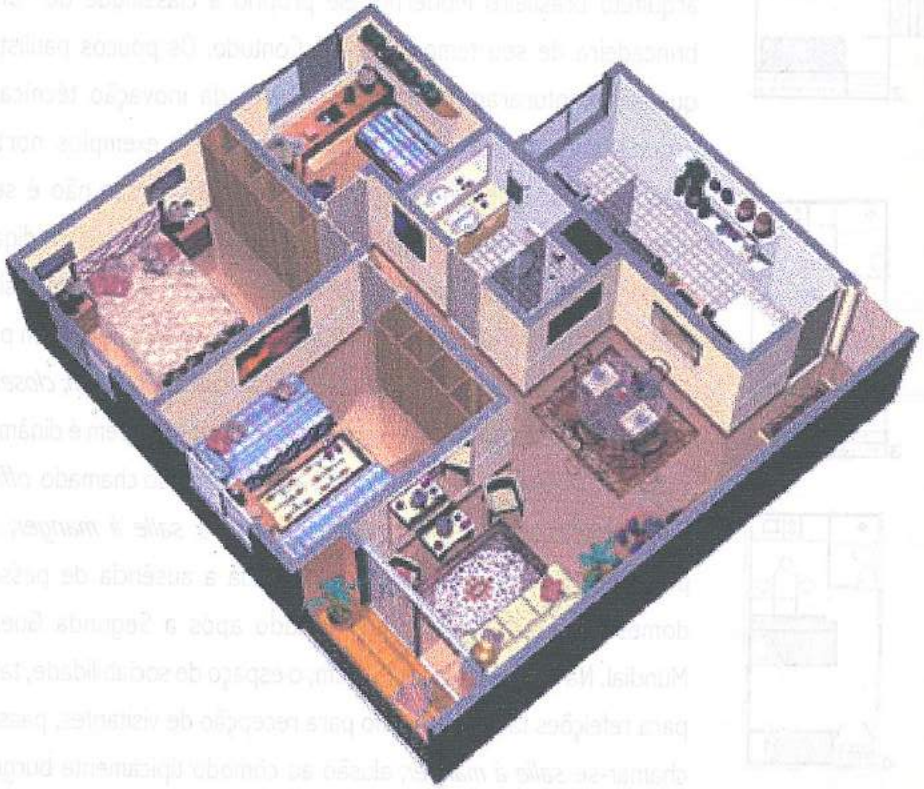
industrial."[18] Seu legado mais interessante, no que concerne a pesquisa de novas possibilidades para o desenho do espaço de morar, é uma unidadezinha de dezoito metros quadrados, totalmente industrializável, cuja concepção do espaço interno baseia-se em conhecidas idéias de flexibilidade: bloco hidráulico fixo, mobiliário e divisórias móveis. É verdade que a casa se parece a um *trailler*, mas o que é, enfim, um *trailler* senão mais uma possibilidade para essa tão buscada habitação mínima industrializada? O que mais chama a atenção é que, apesar de esta ser um dos raros exercícios de pesquisa sobre soluções habitacionais industrializáveis, de autoria de um arquiteto brasileiro Moderno, ele próprio a classifique de "uma brincadeira de seu tempo livre".[19] Contudo. Os poucos paulistas que se aventuraram no terreno incerto da inovação técnica e arquitetônica parecem ter-se mirado mais em exemplos norte-americanos do que em experiências européias. O que não é sem conseqüências para o projeto da habitação convencional. Que o digam os nomes dos cômodos da casa brasileira que, após terem sido traduzidos do francês para o português, são abandonados em prol de seus sinônimos em língua hollywoodiana: *hall*, *living-room*, *closet*,... A evolução do desenho e da função dos cômodos também é dinâmica e revela diferenças locais. Em Paris, aquele cômodo chamado *office*, por exemplo, intermediário entre cozinha e *salle à manger*, vai perdendo o sentido conforme se acentua a ausência de pessoal doméstico nas residências, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Na casa do francês comum, o espaço de sociabilidade, tanto para refeições familiares como para recepção de visitantes, passa a chamar-se *salle à manger*, alusão ao cômodo tipicamente burguês

18 Thomaz, D. **Entre a idealização e a realidade.** *In:* revista AU n. 43. São Paulo, agosto/setembro 1992. P. 78.

19 *Idem*, p. 79.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit
www.foxitsoftware.com/shopping

que a maioria nunca conheceu. Já em São Paulo, o *office* transforma-se, no decorrer do século 20, em copa, azulejada como a cozinha, e passa a receber diversos móveis da sala de jantar até substituí-la completamente na maioria das habitações: o espaço de refeições é, agora, a copa, e somente os mais abastados dão-se ao luxo de dispor de uma sala de refeições. Ou *de jantar*, conforme a tradução do inglês *dinning room*. Em uma posterior redução de área, a copa brasileira se funde com a cozinha, e a conseqüente copa-cozinha, onde supostamente pode-se instalar a mesa de refeições, passa a ser o principal - mas não o mais prestigioso - espaço de sociabilidade da casa. Atualmente, nos pequenos e numerosos apartamentos da cidade, a copa desapareceu de vez. Reduzidos, seus armários revestem as paredes de uma cozinha igualmente diminuta, e a



Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

outrora central e generosa mesa de refeições é, com freqüência, apenas uma prancha escamoteável aparafusada na parede, com alguns banquinhos empilháveis à sua volta. Refeições com amigos, só na mesa da sala, também pequena, ou pelo sistema dito americano: sem mesa. Por sua recorrência, a configuração resultante destes desenvolvimentos pode, sem dúvida, ser considerada uma tipologia, visto que disseminou-se por grande parte do país e definiu a organização do que hoje entendemos como a casa brasileira. Ou, em todo caso, paulista.

QUEM SE LEMBRA DE NARANDIBA?

Se vários de seus indicadores sociais e demográficos comportaram-se de maneira parecida já nas décadas de 1960 e 1970, Paris, São Paulo e Tokyo também exibiram uma enorme diferença no que se refere às principais problemáticas a serem enfrentadas pelos seus arquitetos no terreno do projeto da habitação. De seu lado, Paris e Tokyo descobriam as delícias do consumo, endinheirados que estavam em plenas *Trente Glorieuses*[20], que é como os franceses chamam os trinta anos ininterruptos de crescimento econômico, inflação baixa e emprego para todos, a partir do término da Segunda Guerra, e que só terminaram mesmo depois dos dois grandes choques econômicos que abalaram o mundo nos anos 1970 - as crises petrolíferas de 1973 e 1979. Em 1968, a Europa, "deitava-se em berço esplêndido", lembra a jornalista Laura Capriglione, "com as mais baixas taxas de desemprego de toda a história do trabalho assalariado - 2,8% de sua população economicamente ativa, contra os 12% atuais."[21] As estrondosas manifestações de 1968 nas ruas de Paris, tinham como pano de fundo a garantia das liberdades individuais, o que ajudava a situar suas reivindicações no patamar dos sonhos realizáveis. "Com a abundância, era mais fácil e mais adequado sonhar", escreve Capriglione. "E não precisava ser um sonho impossível sobre um lugar inexistente e feliz. Para a maioria, a utopia dos rebeldes estava aqui e agora, ao alcance da mão."[22] Estudos como os de Archigram, dos Metabolistas, do CRAM e tantos outros, vinham permeados de um certo otimismo, de uma confiança no futuro que permitia pensar em megaestruturas caras erguendo-se na baía de Tokyo, por exemplo, e

20 Em português, Trinta Gloriosos.

21 Capriglione, L., *op. cit.*, pp. 83-84.

22 *Idem, ibidem.*

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

dedicavam-se a refletir - reflexão, aliás, totalmente legítima - sobre as possíveis relações entre cidade, imagem, consumo e arquitetura, sempre com a onipresença do todo-poderoso poderio industrial.

O arquiteto brasileiro, com sua imprensa censurada, seus contatos com o exterior dificultados, debatia-se com problemas de outra ordem. Uma diferença de renda enorme e crescente entre ricos e pobres e entre o Norte e o Sul do país legava à cidade de São Paulo um saldo migratório positivo nunca visto antes. 'A cidade que mais cresce no mundo', na ufanista propaganda oficial, via sua população favelada de pouco mais de setenta mil pessoas, em 1973, já passar dos cento e dezessete mil, apenas dois anos depois, indo beirar os quatrocentos e quarenta mil em 1980.[23] O próprio ano de 1968, que em tantas partes do mundo evoca idéias de libertação, ficaria para sempre marcado nos calendários brasileiros como o ano da violência chamada AI-5, o ato institucional que amordaçou a imprensa e intimidou políticos, sacramentando de vez o terror de Estado nestas terras. Ser arquiteto no Brasil, naqueles anos, pressupunha dedicar-se à busca de soluções para o monstruoso déficit habitacional - falava-se em trinta e dois milhões de moradias! -, até como parte de uma atitude política contra o governo central.[24] Isto se explica: a concepção arquitetônica das habitações de interesse social era praticamente a mesma em todo o país, com mínima variação local. Vai daí que, aos arquitetos de empresas públicas, como as COHABs, cabia quase unicamente a elaboração de planos urbanísticos, distribuindo as casinhas ou os predinhos nas glebas. O curioso é que a constrangedora pobreza arquitetônica das unidades produzidas pelo Estado, que pipocaram em periferias de todo o país, não parecia causar muito incômodo a profissionais muito mais ocupados em lutar politicamente pela realização dos conjuntos, de preferência com a participação dos futuros moradores organizados em associações. "Os anos 1960 foram os anos dourados da utopia arquitetônica", lembra a professora Suzana Pasternak Taschner.[25] "Ensinava-se nas escolas de arquitetura que a manipulação do espaço conduziria à manipulação social; opor-se ao governo parecia ser mais importante do que adquirir formação profissional, e os trabalhos escolares acabavam sendo avaliados a partir das posições políticas

23 Os números exatos são: 71.840 pessoas em 1973, 117.237 em 1975, e 439.721 em 1980. Dados de Taschner, S. P. Notas sobre a origem..., *op. cit.*, p. 40.

24 Largamente divulgado na época, este número é um contrasenso. Uma conta simples: a população, em 1970, beirava os noventa milhões de pessoas. Trinta e dois milhões de habitações para grupos cujo tamanho médio era de 4,5 pessoas, abrigariam um total de cento e quarenta e quatro milhões de pessoas, mais de uma vez e meia a população total do país.

25 Comentários *via e-mail*, em 11 de julho de 1988.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

defendidas pelos autores." Era também a época áurea do Planejamento Urbano, com todos os seus planos mirabolantes, onde se tinha certeza de que, através da simples ação profissional, estaria assegurada uma distribuição regional mais equilibrada. Hoje se sabe que o período era de um estranho otimismo oficial, imposto, que vinha no mesmo pacote do propagandeado Milagre Brasileiro e da conquista da Copa do Mundo de Futebol, em 1970, para ficar em apenas dois grandes alardes internacionais. Neste contexto, a questão da moradia dos mais pobres ganhou tanta importância dentro do campo de atuação profissional do arquiteto da época, que a própria palavra Habitação, constante no Novo Dicionário da Língua Portuguesa como "lugar ou casa onde se habita; morada; vivenda; residência"[26], passou a designar, entre políticos e colegas da profissão, exclusivamente a destinada a abrigar população de baixa renda. A importância do tema é completamente justificada; a redução de significado do termo que o designa, não.

Os pressupostos políticos da questão colocavam, ainda, um problema técnico. Só seria possível alcançar as astronômicas quantidades de unidades supostamente necessárias se fosse levada a sério a recomendação Moderna de produzí-las em série e, se possível, através de métodos industriais. Franceses e japoneses contavam com um parque industrial maduro, que já havia incluído em seus catálogos vários dos sistemas outrora experimentais, concebidos há décadas por arquitetos e acadêmicos, principalmente. Já os brasileiros falavam, no máximo, em racionalização da construção, o que já era muito em um país onde a artesanalidade e o conseqüente desperdício reinavam - e reinam ainda, aliás - em canteiros do Oiapoque ao Chuí. Tocavam também no assunto da pré-fabricação de componentes construtivos, dentro ou fora do canteiro, mas não se aventuravam a propor métodos caros que demandassem o uso de grandes gruas, por exemplo, como era de praxe nos países ricos. Pesquisas sobre novas possibilidades técnicas para a produção de moradias foram desenvolvidas, tanto por pesquisadores acadêmicos como por fabricantes de sistemas construtivos, e seus resultados foram verificados em *campi* experimentais, fórmula muito bem vista na época. De todos estes *campi*, Narandiba, na periferia de Salvador, foi, sem dúvida, o mais célebre. Precursor, de alguma maneira, das vilas tecnológicas

26 *In:* Holanda Ferreira, A. B. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 1a. edição, 15a. impressão. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, s. d. P. 712.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

dos anos 1990, Narandiba foi implantado, em 1978, como conseqüência das idéias expostas durante um certo Simpósio sobre o Barateamento da Construção Habitacional, organizado pelo BNH.[27] Barateamento era, diga-se, a estrela-guia de todo o processo. Convencionalmente, as unidades eram concebidas como a justaposição de diversos componentes construtivos, cujo preço deveria ser muito baixo - a janela mais barata, a telha mais barata, a alvenaria mais barata, e assim por diante -, segundo uma planta de dimensões reduzidíssimas mas que, ainda assim, deixava entrever os critérios de organização da casa burguesa. O resultado, esperava-se, seria uma moradia com boas qualidades espaciais. Em diferentes graus, tanto moradias populares como muitas destinadas à venda para classes mais abastadas vêm sendo produzidas, até hoje, desta maneira. O *campus* experimental de Narandiba reuniu sessenta e duas unidades habitacionais construídas por trinta e quatro empresas, e, além do seu papel de verificação do desempenho técnico dos diferentes sistemas construtivos, acabou transformando-se em uma comunidade onde conviviam sessenta e duas famílias.[28] O resultado final, e, provavelmente, não totalmente planejado, foi um conjunto habitacional único no país, com uma grande diversidade de tipos de unidades, cuja implantação entremeia pracinhas de convivência entre vizinhos, diferentemente do costumeiro parcelário em lotes. Se a distribuição interna das casas não é nada inovadora, pelo menos Narandiba diz, em poucas linhas, que faz sentido pesquisar-se materiais e sistemas construtivos adequados às realidades brasileiras, e que os conjuntos daí decorrentes não precisam, necessariamente, expressar a monotonia, o simplismo e a mesmice da maioria dos conjuntos convencionais.

Em um contexto desses, onde o universo reduzido e tenso da pesquisa sobre o assunto Habitação era dominado por apenas dois grandes temas - as políticas de sua viabilização, visando a organização popular, e a busca de soluções técnicas, visando o barateamento do produto final -, é fácil supor que preocupações com a qualidade espacial das unidades em função dos modos de vida de seus ocupantes só podiam ser vistas como, no máximo, veleidades burguesas.

27 Banco Nacional da Habitação, criado em 1964 e extinto em 1986.

28 **Narandiba: os novos sistemas para a nova política do BNH.** *In:* revista Projeto n. 19. São Paulo: Março/Abril 1980. P. 32.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

MAIS CLIENTES, MAS COM MENORES BOLSOS

Por um lado, é verdade, um empobrecimento generalizado da população após tantas crises, pacotes e planos econômicos. Por outro, um real e constante aumento do número de consumidores que não possuem as mesmas fortunas da elite de antão, mas que dispõem-se a empenhar-se financeiramente para obter a tão sonhada casa própria, abrindo, para isso, magras carteiras. O mercado imobiliário - tanto o de unidades particulares quanto o de unidades públicas - reagiu oferecendo casas e apartamentos cada vez menores e desprovidos de equipamentos, na esperança de chegar a um produto pelo qual o consumidor-alvo pudesse pagar. Basta ler matérias especializadas e anúncios nos jornais da época para dar-se conta destas mudanças. Os bairros das grandes cidades foram inundados por lançamentos de apartamentos pequenos que insistiam em abrigar famílias nucleares inteiras em áreas cada vez menores. O quarto de empregada desapareceu, ou, em casos menos extremos, passou a constituir uma terceira - e minúscula - opção de dormitório, dando origem a uma tipologia hesitante, na qual possuía duas portas: uma para o corredor dos quartos, outra para a área de serviço. Podia-se bloquear uma ou outra porta e, com isso, supostamente, alterar a função e o *status* do cômodo, apesar de suas dimensões não pararem de diminuir. A tipologia do 'terceiro opcional', como ficou conhecida, começava a garantir, no mercado imobiliário, o lugar de destaque absoluto que ocuparia ao longo de toda a década de 1980, em apartamentos para todos os bolsos. Um ou outro lançamento, na década, arriscou-se a oferecer dependências de empregada externas ao apartamento dos patrões, ao lado das garagens. A empregada doméstica, enfim tratada como uma profissional? A fórmula não pegou, e Franco Ogassawara, então diretor de uma das construtoras que lançaram a idéia, acha que o problema ainda é a mentalidade da classe média alta brasileira, a qual, segundo ele, prefere apartamentos com quartos para empregada pois acha que estas dependências contam pontos para a valorização do imóvel.[29] Por sua vez, a cozinha foi ficando cada vez mais retangular e menor, limitando-se, via de regra, a uma parede com todos os equipamentos e uma passagem permitindo o acesso a eles: um novo corredor, ligando o *hall* de entrada à área de serviço.

29 Teixeira, Y. **Edifícios tem dependências comuns para as domésticas.** *In:* jornal Folha de São Paulo. São Paulo: 12 de outubro de 1986. P. 68.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Ganhou, no entanto, tomadas suplementares, em vista da invasão dos novos eletrodomésticos. A sala de estar, no singular ou no plural, foi o único cômodo que teve sua área francamente aumentada, às vezes prolongada pelo acréscimo de varandas, em uma tendência que se verificou em apartamentos de qualquer área e preço. Os banheiros diminuíram mas permanecem em número de, pelo menos, tres: um na suíte do casal, outro destinado aos filhos, o terceiro, à empregada - diarista, claro. Como se vê, a atenção à família nuclear ainda é clara.[30]

A redução de áreas do espaço doméstico é um fenômeno relativamente recente. Com todos os esforços pós-Segunda Guerra Mundial, o que se viu, nos países que receberam o grosso da ajuda norte-americana para a reconstrução, foi um ligeiro aumento das habitações menores e a acentuada diminuição das maiores. Países como a França e o Japão pareceram caminhar, nestas últimas décadas, para uma aproximação de metragens entre a moradia dos mais ricos e a dos mais pobres. O Brasil não foge muito à regra. Em geral, todos os imóveis tem diminuído de tamanho, mas os apartamentos maiores tem se reduzido mais, segundo pesquisas do SECOVI, o Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis. Em 1981, um apartamento de luxo, com mais de tres dormitórios tinha em torno de 509 m². Quinze anos mais tarde, o mesmo programa cabia em 407 m², com uma perda de 20% da área anterior. No caso do de tres dormitórios, as reduções foram ainda maiores, da ordem de 25%. Os apartamentos menores encolheram menos: o de dois dormitórios perdeu apenas 11% da área, e os de um quarto ou *kitchennetes* ficaram 17% menores.[31] Os resultados de uma pesquisa Datafolha, do jornal Folha de São Paulo, referente ao período entre 1992 e 1994, são ainda mais surpreendentes. Eles dizem que, enquanto a área do apartamento de um dormitório ficou apenas 1,7% menor e a do de dois dormitórios chegou a aumentar 1,8%, a área do apartamento de tres dormitórios diminuiu 7,2%, a do de quatro dormitórios diminuiu 11,5%, e a do de cinco dormitórios, 31,1%. Isso em dois anos. Muitos dos apartamentos de um ou dois quartos, outrora reservados às carteiras menos recheadas, viram sua área aumentar por deverem abrigar, com freqüência cada vez maior, *singles*, casais sem filhos ou com um único filho, de poder aquisitivo

30 Comportamentos verificados através de anúncios publicitários e matérias nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, de diversas datas, publicados no período entre 31 de maio de 1981 e 7 de junho de 1998.

31 Os apartamentos de tres dormitórios tinham, em média, 183m2 em 1981 e 137m2 em 1996; os de dois dormitórios tinham 118m2 em 1981 e 104m2 em 1996;os de um quarto e as kitchennetes misturados mediam 87m2 em 1981 e 72m2 em 1996. Dados do SECOVI-SP, citados em Bidê desaparece e vira peça em extinção. *in:* Jornal Folha de São Paulo. São Paulo: 26 de janeiro de 1997. P. 7-3.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

alto, que preferem não ter muito trabalho com a casa mas que querem, por exemplo, poder receber amigos em salas amplas. Em muitos destes casos, a sala e a cozinha fundiram-se em um único cômodo, um pouco maior do que as antigas salas de estar, o que terminou por influenciar os hábitos culinários dos moradores, desencorajando-os, por exemplo, a prepararem frituras e pratos de longo cozimento. Descongelar algo no micro-ondas seria mais adequado? O mercado também estava atento. Menores as unidades, a divisão interna permaneceu repetitiva, e o saguão no térreo continuou repleto de plantas por trás de vidros laminados, para dar aos moradores a sensação de que não, não se tinham equivocado, de que realmente moravam naquele edifício rodeado de verde que haviam visto nos prospectos do *stand* de vendas da construtora. No que tange a habitação social, a tendência dos anos 1970 materializava-se, principalmente, nas casas-embrião, cuja reduzida metragem quadrada apostava em futuras e essenciais ampliações executadas por conta e risco dos compradores. Seu cúmulo eram, com certeza, certos programas que ofereciam unicamente uma unidade sanitária no terreno - parede hidráulica, caixa d'água e canalizações para cozinha e banheiro - em uma espécie de versão em clima quente e pobre do 'apartamento em branco' francês. Não é preciso dizer que a inovação não foi alcançada, nem lá, nem aqui. Sem outro modelo a não ser o da habitação convencional, os usuários sempre se esforçaram para reproduzir a moradia convencional burguesa, espremida nas sérias limitações de volume próprias da habitação de baixo custo, fosse com os painéis internos, na França, ou com alvenarias e painéis, no Brasil. Uma tarefa, aliás, talvez tão difícil quanto a de inovar.

EDIFÍCIOS, CONDOMÍNIOS, CONJUNTOS, FLATS: ILHAS NO MAR URBANO

Para compensar estas perdas de área das unidades, começaram a surgir, inicialmente nos edifícios de alto luxo, equipamentos de uso coletivo como *play-grounds* e piscinas para crianças, seguidos de quadras de esporte e de piscinas maiores, para adultos. O que passou a fazer, segundo os corretores de imóveis, com que a balança pendesse para o lado destes edifícios-com-ares-de-

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Edi
To remove this notice, visi
www.foxitsoftware.com/shopping

clube quando a dúvida confrontava o comprador a apartamentos com acomodações e dimensões semelhantes - o que não era difícil, dada a uniformidade das plantas.[32] Duas razões importantes parecem estar por trás destas escolhas, como apontam desdobramentos das décadas seguintes. Uma, a extrema preocupação com o próprio corpo, sub-produto do individualismo que se acentuava à medida em que o grupo familiar perdia importância social.[33] No entender dos incorporadores de imóveis, os cuidados que os moradores destes edifícios gostariam de ter com o corpo estavam associados ao lazer, notadamente ao lazer coletivo. Cuidados individuais, como o proporcionado por longos banhos de banheira, andavam em desuso. Banidas dos cômodos de higiene por restrições econômicas e de área, as banheiras terão que esperar a segunda metade da década para, vestidas com a nova e sedutora roupagem dos primeiros *jacuzzi*, fazerem sua volta triunfal ao espaço doméstico de alto luxo, ainda que confinadas dentro da suíte do casal. Aliás: dentro da suíte de *Madame*, que tem também seu *closet* separado do *closet* de *Monsieur*. Uma tendência de supervalorização da esfera coletiva do edifício já estava em curso. Além de tudo, piscinas e quadras não custavam muito caro e davam *status* aos moradores. A outra razão para estes serviços foi, com certeza, a chamada escalada da violência, agravada, por sua vez, pelo empobrecimento da população. Ao invés de ir para o trabalho deixando os filhos pequenos serem levados para uma pracinha da vizinhança pelas mãos de uma babá que é, no fundo, uma desconhecida, os pais mais ricos passaram a preferir que a pracinha viesse fazer parte dos domínios protegidos do edifício. Foi o que bastou para que tais empreendimentos se armassem não só de espaços para crianças, mas também de grades, muros, guaritas, câmeras, agentes de seguranças, em uma espiral que não parou mais de subir, e cuja próxima novidade beira, quase sempre, o delírio. Boa parte destes atributos de distinção, típicos dos condôminos abastados dos anos 1970, disseminaram-se com rapidez nos anos seguintes, estendendo-se à população de menor renda. Suas piscinas eram, talvez, um pouco menores, a área do *play-ground* também, mas a maioria dos condomínios verticais chegará ao final da década de 1980 com pelo menos alguns dos serviços que, inclusive, lhes serviriam de passaporte para a comercialização em um patamar mais vantajoso. O professor arquiteto Silvio Macedo enxerga esta questão pelo prisma

32 Houve exageros, hoje mais raros, como os prédios que possuíam uma piscina na varanda de cada apartamento, por exemplo.

33 Este processo, como já foi visto, não é circunscrito aos anos 1970, nem mesmo ao século 20.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

das alterações das exigências e necessidades do consumidor em função das ofertas do mercado. Segundo o professor, quase todos os novos prédios de apartamentos de São Paulo, lançados entre 1980 e 1986, continham, "pelo menos, um reduzido *play-ground*, condição não exigida a alguns anos atrás, o mesmo podendo se dizer de muros, recuos laterais e até piscinas". Macedo acredita que estas alterações se processam "à medida em que novos produtos surgem no mercado, fazendo com que soluções aceitáveis a dez anos atrás ou menos sejam inaceitáveis ou pouco vendáveis em um momento mais recente."[34] Hoje, os novos lançamentos de prédios de apartamentos médios em São Paulo costumam ter também saunas, ducha e a indefectível sala de musculação, cujos aparelhos ajudam a sugerir a profundidade do bolso dos condôminos. Para diferenciar-se, os conceptores de edifícios de alto luxo estão tendo que suar a camisa. Não bastou acrescentar uma sala de massagem e outra de repouso às saunas, criar um salão de festas adultas separado do das infantis, equipar com um *deck* de madeira as piscinas, agora semi-olímpicas e aquecidas: hoje, muitos destes imóveis contam também com um salão de jogos para crianças e outro para adultos, uma confortável sala com *home theater*, churrasqueiras e fornos de *pizza* - às vezes coletivizados, às vezes na varanda de cada apartamento -, conexão para televisão a cabo, e já se fala em equipar as áreas de jogos infantis com micro-computadores e reunir, em um andar, escritórios recheados com recursos informatizados para uso dos moradores que preferem sair de casa para trabalhar sem ter que pegar trânsito.[35] Esta última é uma das poucas propostas que não visam incrementar o lazer, mas o trabalho. Não deixa de ser interessante como busca de relocação de certas atividades produtivas, situadas, neste caso, em uma inovadora posição entre os domínios privado e público. Mas não altera o fato de que todos estes serviços e



34 Macedo, S. O processo de verticalização e a paisagem da cidade. *In:* Sinopses 15. São Paulo: FAUUSP, junho 1991. P. 70.

35 O Caderno Imóveis do jornal O Estado de São Paulo, de 3 de agosto de 1997, noticiou resultados de uma pesquisa da Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio – Embraesp, segundo a qual crescia, naquele momento, o número de edifícios com pequenos conjuntos para escritórios, construídos em bairros com grande número de residências, onde este programa era menos usual, como Vila Madalena, Jardins, Aclimação e Santana.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

apostos ajudam a tornar bem mais nítidas as fronteiras entre estes dois domínios.

Usando as mesmas tintas e os mesmos pincéis, pode-se também retratar os condomínios horizontais, cuja construção na cidade ganha expressão a partir do final da década de 1970.[36] São, antes de tudo, porções de tecido urbano, supostamente melhor protegidas contra a violência da cidade porque esta proteção não depende das escassas disponibilidades do Poder Público. São ilhas dentro da metrópole, cujo projeto, na maioria dos casos, perde a oportunidade de estabelecer relações privilegiadas de vizinhança em seu interior, como as antigas vilas, ou mesmo de propor novas concepções de arruamento e de implantação. Condomínios horizontais, formados de casas isoladas, tiveram seu desenvolvimento limitado por fatores óbvios, tipicamente metropolitanos, como o preço sempre ascendente do solo e a crescente dificuldade em se encontrar áreas disponíveis. Acabaram indo espalhar-se nas terras dos municípios vizinhos a São Paulo, o que se tornou uma verdadeira coqueluche para a classe média alta durante as décadas seguintes. Tanto que muitas ruas e bairros de São Paulo e de outras grandes cidades brasileiras já foram fechados, desde então, por iniciativa dos próprios moradores, que passam a dividir os custos da segurança particular, da limpeza e do jardineiro. O melhor exemplo, o mais clássico, é, sem dúvida o condomínio Alphaville, na Grande São Paulo, com sua escala impressionante. Criado nos anos 1970, a vinte e cinco quilômetros de São Paulo, o conjunto deveria reunir as vantagens da cidade às do campo, evitando seus inconvenientes. Antigo ideal. Cúmulo do refinamento, o nome do lugar: *Alphaville*, como o filme de Godard.[37] Alphaville é um paraíso para, pelo menos, dois profissionais: o incorporador, que lucra com o medo da população rica, e o agente particular de segurança, que, aí, encontra-se em seu reino encantado. Patrulhas percorrem permanentemente as alamedas floridas, câmeras vigiam noite e dia os principais locais, enquanto guardas postados na única entrada - funil causador de enormes engarrafamentos ao fim do dia - controlam a identidade de moradores e de visitantes, estes últimos sempre encarados como intrusos indesejados, até prova em contrário. Tudo mais ou menos como em qualquer condomínio fechado do país. Sua população aproxima-se hoje de trinta mil pessoas,

36 Alphaville, em Barueri, foi o primeiro de todos os condomínios paulistanos, cuja implantação iniciou-se no final dos anos 1970.

37 No filme, de 1965, Alphaville é uma cidade futurista situada em um planeta distante.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

ocupando sete mil residências - entre casas e apartamentos -, nem todos muito contentes com a vida que levam no bairro, aliás. "Ao contrário do lugar ideal para viver que imaginavam, depararam-se com problemas de infra-estrutura, de trânsito, ambientais e de convivência muito semelhantes aos da cidade", constata o professor de Geografia Auro Moreno Romero, autor do estudo *Alphaville: ilusão de paraíso*.[38] Em geral, os serviços e equipamentos oferecidos pelos condomínios aproveitam-se das dimensões da gleba e, por conseqüência, do maior número de moradores. Além dos dispositivos existentes nos edifícios isolados e que os assemelham a *spas* - termo, aliás, explorado nas publicidades - os novos condomínios costumam prever pista de *cooper* e de *bicycross*, salão de beleza, serviço de babás e de restauração para crianças, e há quem pense, para áreas maiores, em transporte especial para locomover-se dentro do conjunto, espaço para lavar carros, serviço de *homeshopping* do tipo disk-drogaria, disk-*pizza*, entre outros. O grande problema que a fórmula coloca é, sem dúvida, o seu aspecto de cidadela, de gueto de pessoas ricas que desconhece a diferenciação social, divorciando-se da vida urbana no que ela tem de melhor: sua diversidade, que, em princípio, conduz à aceitação e à tolerância. A lógica mercadológica, no entanto, não parece preocupar-se com estes aspectos sociológicos, e parece tender a limitar mais ainda a diversidade de perfis dentro dos conjuntos. É o que aponta uma tendência do mercado de condomínios, também encontrável em edifícios isolados, a uma especialização dos serviços oferecidos visando atender um perfil específico. Por exemplo, foi lançado recentemente em São Paulo, com grande alarde publicitário, um condomínio para pais descasados, com restaurante e ênfase nas áreas de brinquedos, de jogos e de ginástica. As unidades, todas térreas, contêm um *mezzanino* abrindo-se para a sala de estar, o que basta para que recebam o nome de *loft*, como, segundo o raciocínio mais ou menos expresso pelos incorporadores, parece melhor convir a pais divorciados modernos. No que se refere às moradias, as novidades são, basicamente, duas. Primeira, um espaço dentro da unidade para alojar os filhos nos finais de semana. Segunda, este espaço não é o escritório, que também existe, mas constitui outro cômodo.

38 Citado por Zakabi, R. Condomínios informais. *In:* revista Veja São Paulo. São Paulo: 20 de maio de 1998. P. 13.

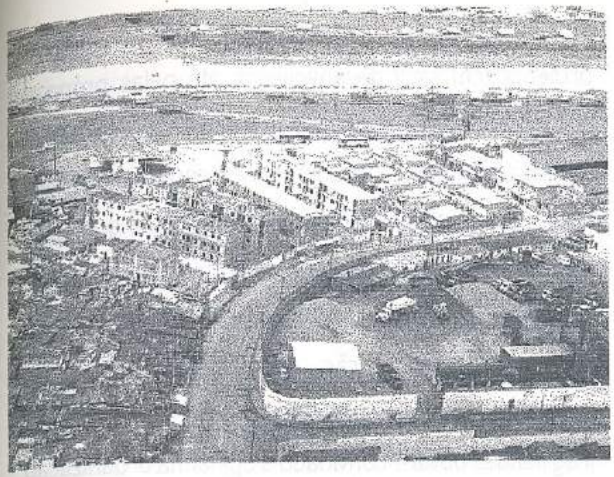
Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit
www.foxitsoftware.com/shopping

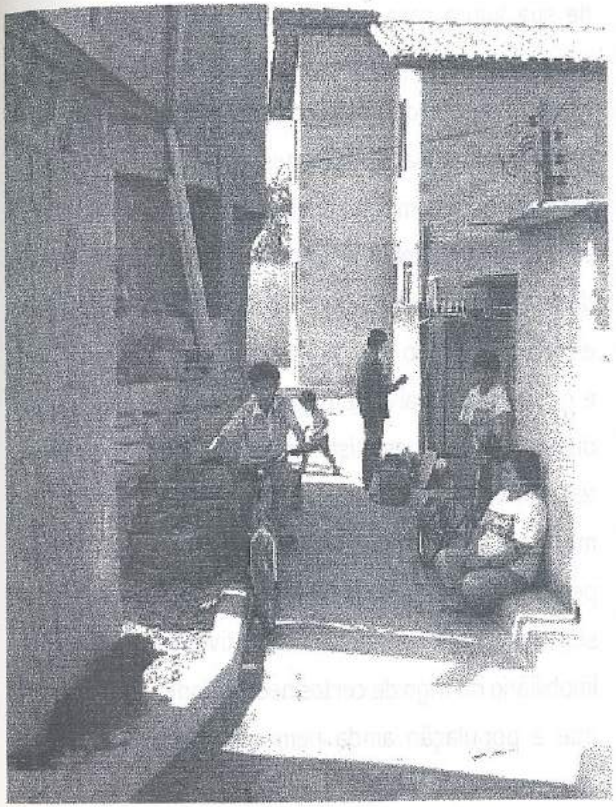
Em geral, as disposições relativas à segurança dos condomínios também sofisticaram-se inacreditavelmente, estimuladas pela informatização - sensores de guarda eletrônica, patrulhas 24-horas, câmeras de televisão em circuito fechado em todas as áreas comuns, identificação na portaria por cartão magnético, por exemplo. Os incorporadores argumentam que só se encontram terrenos suficientemente grandes e a preços convenientes em regiões periféricas da cidade, desprovidas de serviços, e que é esta a principal lacuna que os empreendimentos procuram suprir no cotidiano dos moradores. Seduções publicitárias à parte, seria bom que os futuros moradores pesassem seriamente os prós e contras desta escolha. Como se isso fosse possível. A verdade é que todos estes desenvolvimentos - desde o predinho de apartamentos de sala-e-quarto, com uma pequena piscina e uma gangorra no térreo, até o luxuoso condomínio de vários edifícios espaçosos com seus clubes e vastos gramados - tem em comum o fato de reforçarem a idéia, cara aos corretores de imóveis, de que o espaço doméstico deve assemelhar-se a uma promessa de felicidade, de repouso, de divertimento permanente e, se possível, de refinamento, opondo-se a um espaço público estressante, caótico, perigoso e pobre. Ou, relembrando Hollywood, a idéia de que a casa contém o antídoto a qualquer mal que o exterior possa causar ao homem. "*There is no place like home*"[39], já cantava a pequena Dorothy, de 'O Mágico de Oz'. Algo assim como o que se pensava também na Paris do começo do século 19, quando os páteos dos festivos *hôtels particuliers* começaram a ganhar muros altos e portões pesados.

No outro prato da balança situam-se os pobres conjuntos de habitação social, construídos no país todo ao longo das últimas décadas, para ficar apenas nas realizações recentes. Seria redundante requentar discussões, até certo ponto já bastante esgotadas, sobre a falta de qualidade espacial destes pedaços de cidade produzidos na marra, seja no que se refere às suas esferas pública e coletiva, seja no que concerne o espaço privado das unidades. Vale a pena, no entanto, deter-se, ainda que rapidamente, diante do que foi, recentemente, a única tentativa legítima de revisão do projeto habitacional de interesse social em São Paulo: as moradias construídas pela Prefeitura da cidade entre os anos de 1989 e 1992. Por que legítima? Primeiro, porque dispôs-

39 Em português, "Não há lugar como o lar."

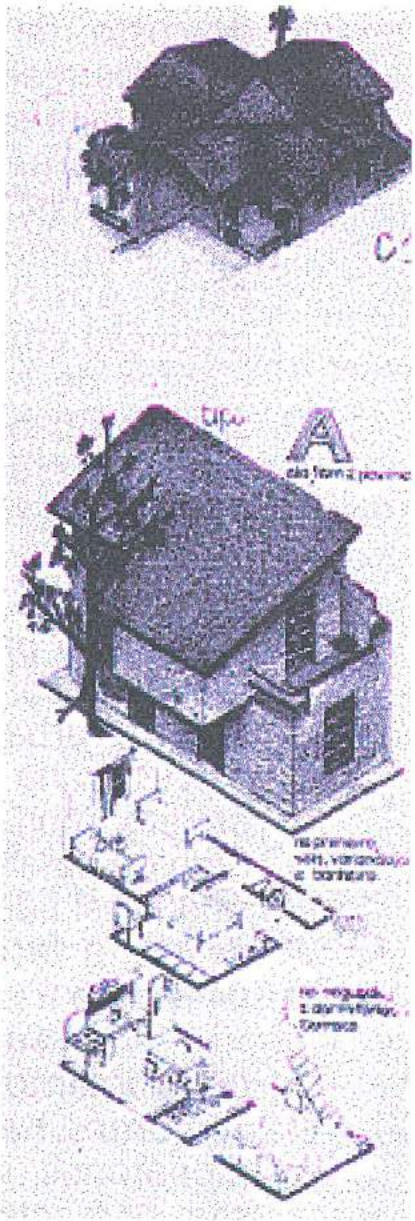
Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping





se a repensar praticamente todas as etapas da produção das habitações, começando pela escolha do terreno, recusando os padrões que até então vinham vigorando com as bênçãos de construtores, proprietários de terra e poder público. Segundo, porque mostrou vontade política para implementar mudanças, e sabe-se através de realizações em várias partes do mundo, em diferentes momentos históricos, que, nestas questões, vontade política é mais importante do que vultosos recursos financeiros. E terceiro, porque quase cinqüenta e cinco mil unidades foram produzidas, sem o aposto vulnerabilizante das 'experiências-piloto', mostrando que não é impossível inovar neste terreno quando se constrói prá valer, e por um custo equivalente ao custo da moradia convencional. Um dos grandes méritos da iniciativa foi o de trazer o arquiteto de volta ao cenário da produção da habitação social, cuja saída parecia, aliás, absolutamente

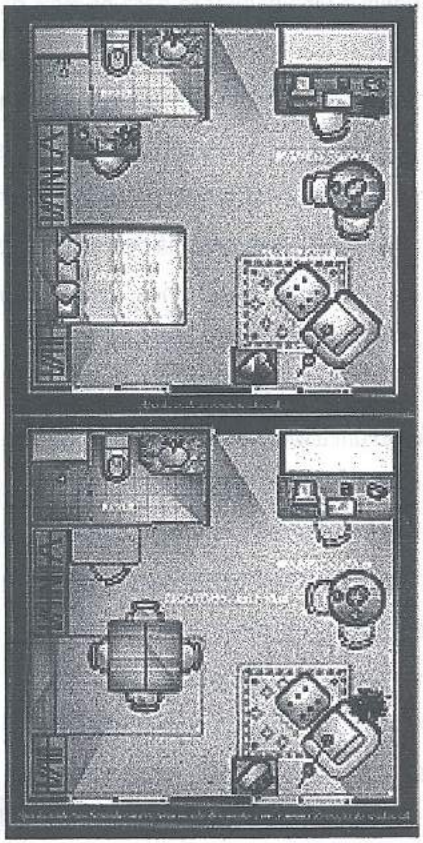
Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



inexplicável - na construção convencional, muitos projetos tem sido desenvolvidos até pelas próprias construtoras, submetendo a qualidade espacial a critérios meramente produtivos e econômicos. Outro bom filho que à produção da casa torna é o próprio morador, chamado pelo programa tanto para decidir sobre soluções espaciais quanto para participar da construção em mutirão, em certos casos. Estes inegáveis méritos constituem, ao mesmo tempo, fragilidades óbvias. Convidado a opinar na organização de sua futura casa, e sem outra referência além da casa convencional - tanto a de ricos como a de menos ricos -, é natural que o futuro usuário limite-se a propor mecanismos espaciais capazes, a seu ver, de resultar em espaços que, mesmo de maneira tímida, aproximem-se dos seus modelos. É natural, porque quem deveria debruçar-se sobre a questão das relações entre o espaço doméstico e o modo de vida de seus usuários é o profissional arquiteto, que, pelo menos em tese, dispõe de dados estatísticos sobre a população-alvo, tem em mente os desenvolvimentos históricos destes modelos, consegue relativizar a importância atribuída pelos futuros moradores a certas reivindicações, e separar o joio de falsos imperativos do *marketing* imobiliário do trigo de certas necessidades emergentes que a população ainda nem saberia formular com clareza. Nestes projetos feitos para a Prefeitura de

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

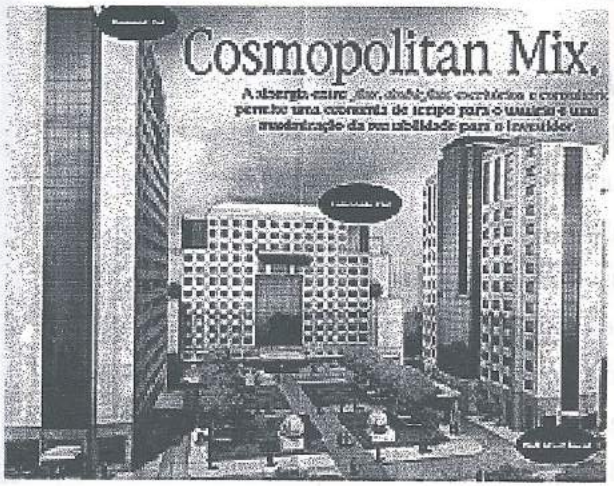
São Paulo no começo da década, arquitetos, políticos e moradores priorizaram a revisão do espaço público, introduzindo, em alguns casos, a riqueza da esfera coletiva. É coerente, dentro dos objetivos maiores da administração petista da época, que visavam contribuir para o desenvolvimento, no povo, de uma consciência de cidadania que teria nas áreas comuns do próprio bairro o cenário mais imediato para suas primeiras manifestações. Nada, no entanto, impediria que esta discussão se estendesse ao interior das unidades, sobretudo no que se refere a assuntos como o trabalho a domicílio, bastante comum nesta parcela da população, às crescentes reivindicações por autonomia e privacidade dos membros do grupo doméstico, ou mesmo à própria diversidade dos formatos familiares - a imensa maioria das unidades destinam-se apenas a famílias nucleares. Se certos dispositivos, como a previsão de ampliação de algumas unidades, amplos terraços em outras, ou um cuidado generalizado e bem-vindo com a expressão plástica dos conjuntos, são dignos de nota, prevalece, no geral, uma organização interna do espaço doméstico cujas soluções recorrentes são velhas conhecidas.



No entanto, novas fórmulas de habitação tem-se delineado por iniciativa do mercado imobiliário que, juntamente com os profissionais de *marketing*, está atento às transformações em curso do perfil dos usuários. *Flats*, apart-hotéis, residenciais com serviços, residências de conveniência, vários nomes para a fórmula norte-americana que encantou Le Corbusier, na primeira metade do século, e que, para retomar a definição da professora arquiteta Elizabeth Cromley,

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

autora do livro *Alone together: New York's early apartment houses*, reúne "um híbrido de duas idéias: a privacidade de uma unidade de moradia unifamiliar e os elaborados serviços de arrumação e de preparação de refeições oferecidos em hotéis."[40] O curioso é que o conceito novaiorquino de *apartment-hotel*, surgido na década de 1870, tenha tido desdobramentos tão distintos - mas, em fim de contas, parecidos - como as *Unités d'Habitation* corbuseanas e os *flats* e apart-hotéis paulistanos. Na França, a tradição fourierista e de inovação no campo da habitação social conduziu a soluções habitacionais para os mais pobres, financiadas pelo governo. No Brasil, a centenária exclusão das classes pobres de qualquer iniciativa que visasse a melhoria de qualidade da moradia, associada a uma especulação imobiliária às vezes até incentivada pelo governo, deu origem a uma habitação para os mais ricos. Em 1975, surgiu o primeiro edifício de *flats* de São Paulo, trombeteado por campanhas publicitárias que desafiavam o público a conhecer o 'jeito moderno de morar' e vendiam o apart-hotel como a 'casa do futuro', lembra a jornalista Maria Edicy Moreira.[41] Hoje, são muitas as pessoas que tem sua moradia permanente nestes edifícios, mas a maioria das unidades acaba servindo mesmo a pessoas de passagem. Entre hóspedes e moradores pemanentes há de tudo, desde executivos de passagem até idosos solitários, passando por casais jovens sem filhos, solteiros começando a vida, descasados recomeçando, e, por que não?, famílias formadas por pai, mãe e filhos. Os serviços típicos de hotel já são um alívio para quem não quer, ou não tem tempo para, dedicar-se a tarefas domésticas. Mas, como se trata de um edifício residencial com serviços, estes últimos tem conhecido um grau crescente de especialização. Os serviços tem sido continuamente revistos: o espaço, não. Ainda assim: para idosos, por exemplo, o mais



40 Cromley, E. Apartments and collective life in nineteenth-century New York. *In:* Franck, K., Ahrentzen, S. (Ed.), New households, new housing. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991. P. 22.

41 Moreira, M. E. Caro para morar, bom para investir. *In:* jornal Folha de São Paulo. São Paulo, 6 de setembro de 1987. P. C-10.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

conhecido é o *Plaza 50* - o número no nome indica a idade mínima que os candidatos a moradores devem ter para serem aceitos - construído em 1987. Propriedade da Liga das Senhoras Católicas, o prédio tem enfermeiros de plantão para emergências, além de restaurante e de facilidades para pessoas com mobilidade reduzida. Os edifícios para solteiros, que passaram também a ser a moradia clássica e temporária dos recém-descasados, possui salas mais amplas do que normalmente, para pessoas que parecem especialmente gostar de receber amigos. Já um edifício prioritariamente para fanáticos por esporte tem, em suas áreas comuns, quadras de tênis, de *squash*, pistas de *cooper* e de *skate*, além das habituais salas para ginástica, jogos, saunas e duchas. Mas as novidades mesmo ficam por conta de lançamentos bem recentes, que aproximam o mundo do trabalho do espaço residencial. Um deles propõe prédios vizinhos em um mesmo terreno, o primeiro abrigando apartamentos, o outro escritórios, um terceiro, cinemas, lojas e restaurantes. Com isso cria-se um pequeno núcleo de suficiência para o executivo em viagem de trabalho, mas que se estende ao eventual morador permanente. O trânsito difícil e o medo gerado pela insegurança desaparecem do caminho entre casa, trabalho e lazer, é verdade. A solução, no entanto, prega uma artificialidade flagrante, por apoiar-se, justamente, em uma clara tentativa de anulação dos efeitos próprios à vivência urbana, com seus parques, suas velhas ruas, seus bairros feios que suscitam reflexões sobre o verdadeiro papel dos diferentes atores no cenário social, etc. Tanto quanto condomínios fechados, clubes, *shopping centers*, e quaisquer empreendimentos que reúnam pelo menos duas destas fórmulas, morar neste conjunto de prédios é morar em uma bolha asseptizada. Mais radical ainda é o *flat* flexível, cujas dimensões equivalem às de um quarto de hotel, onde móveis e equipamentos multiuso ou transformáveis, permitem que, de dia, trate-se de um escritório, e à noite, de um quarto de dormir. Ou o espaço é um escritório, ou é um dormitório. Resta saber se uma flexibilidade baseada na sobreposição excludente de funções não acaba criando, para o morador, mais problemas de agenciamento do espaço do que um *flat* convencional com apenas um canto destinado ao trabalho.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Para a população de baixa renda há uma 'experiência' em curso, como gostam de chamá-la os técnicos da Prefeitura da cidade: cinco unidades no conjunto Cingapura da Água Branca, todas térreas e com algumas facilidades como alças no banheiro e portas mais largas, povoam o triste e breve relato sobre o que se fez, nas últimas décadas, no sentido de se repensar a habitação social em função das novas necessidades de seus ocupantes. Comparadas ao que a iniciativa privada tem feito para os ricos, que já não é muito, as unidades da Água Branca não significam nada, além de evidenciar a centenária despreocupação que o poder público brasileiro demonstra em relação à qualidade espacial da habitação dos mais pobres, com raríssimas e honrosas exceções. Também reafirmam o expediente da 'experiência piloto' como mecanismo usado para fazer crer à população que o governo sabe muito bem o que deve ser feito e que está, com tais experimentos, preparando-se séria e sabiamente para fazê-lo. Em um futuro que só Deus sabe quando será.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Tokyo em fragmentos

Anos pós-guerra: todo mundo quer viver em cidades. Um atravancado espaço de morar. O fenômeno *mansion*. A casa unifamiliar entre sonho e realidade. No que se refere ao governo. Sozinho na cidade, ou vivendo em cápsulas. Rumo a novas definições?

Edited with the trial version of
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



ANOS PÓS-GUERRA: TODO MUNDO QUER VIVER EM CIDADES

A guerra desferiu um golpe fatal sobre a indústria japonesa, cuja produtividade cairá para um terço do que era às vésperas do conflito. Em 1945, a capital do país conta com 2,7 milhões de habitantes, bem menos da metade de sua população de antes da Guerra, e cuja densidade por quilômetro quadrado é a mais baixa desde o início da era Meiji.[1] A cidade estava em ruínas e o país, na miséria. Toda a área central havia sido destruída por bombardeios, e centenas de casas acabaram sendo demolidas em seguida para prevenir incêndios. A recuperação dos estragos causados pelo conflito foi, no entanto, mais rápida do que se esperava. Industrialização e crescimento populacional retomados, em 1953 a região de Tokyo já havia restaurado seus níveis populacionais pré-guerra. O principal objetivo no campo da construção civil era o de produzir moradias o mais barato possível, cujas dimensões e equipamentos não atendiam - e, compreensivelmente, não se preocupavam em atender -, em sua extensa maioria, a todas as necessidades da vida quotidiana. Os primeiros conjuntos habitacionais do pós-guerra, mais parecidos a barracos pré-fabricados de madeira[2], eram, em geral, formados por, no máximo, cem a duzentas unidades, mas

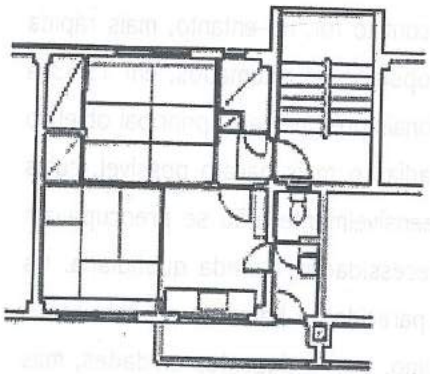
1 A população da cidade em 1940 era de 6.780.000 pessoas. Dados de Kurasawa, S. **Social Atlas of Tokyo.** Tokyo: University of Tokyo Press, 1986. P. 33.

2 A produção destes conjuntos era mista: o projeto era assinado por arquitetos do governo, mas a execução ficava por conta de construtoras particulares.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit
www.foxitsoftware.com/shopping

nunca menos de vinte ou trinta.[3] Compunham-se de casas térreas de madeira produzidas em pequena escala, com área variando entre vinte e trinta metros quadrados. Dois cômodos com área medindo entre 4,5 e 6 *tatami*[4] costumavam abrigar tres gerações de um mesmo grupo familiar com cinco ou seis membros, o que se situava a anos-luz do ideal Moderno de 'uma pessoa por cômodo'.

O ano de 1947 pode ser visto como o verdadeiro início da construção de apartamentos Modernos no Japão, porque é quando grupos de pesquisa e associações locais começam a trabalhar na definição dos espaços mínimos necessários para as unidades de moradia. Qualquer semelhança com seus congêneres europeus dos anos 1920 não é mera coincidência. Começam a tornar-se populares os estudos sociológicos sobre maneiras de morar, como os de Uzo Nishiyama, que concluíram que o projeto da unidade de habitação deveria prever espaços separados para comer e para dormir, além de quartos igualmente separados para pais e filhos. Era uma proposta Moderna e radical, já que o cômodo tradicional japonês era multifuncional. Com base nesta pesquisa, uma certa Comissão Governamental para Padrões de Habitação escolheu, em 1951, o projeto de uma unidade prototípica conhecida como '51-C', elaborada pelo estúdio de projeto do arquiteto Yoshitake, professor da Universidade de Tokyo, visando padronizar a habitação Moderna. Além disso, os edifícios de apartamentos, construídos já a partir de 1947, geralmente alinhavam-se segundo os princípios do *Zeilenbau*[5], e tinham, na maioria dos casos, tres ou quatro andares. Espaços abertos coletivos não recebiam nenhum tratamento especial, e a implantação geral era a mais simples e econômica possível. Um resultado final que se aproximava bastante das primeiras *siedlungen* alemãs.



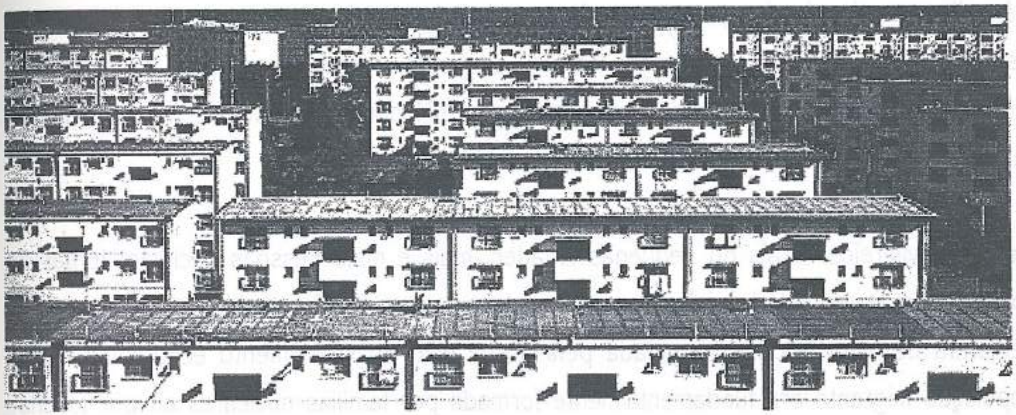
3 Prof. Shigebumi Suzuki, em entrevista a M. Tramontano, em 15 de junho de 1994, na Kôbe Design University, Kôbe.

4 7,29 e 9,72 metros quadrados, respectivamente.

5 Em alemão, *Zeile*=fileira, *bau*=construção. As longas barras Modernas eram assim implantadas paralelamente no sítio, já que apenas uma orientação em relação ao sol era aceita como a melhor.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

A fundação da estatal Companhia de Habitação do Japão e das divisões provinciais de Construção de Habitações em 1955 é um evento importante na evolução da habitação coletiva japonesa porque marca o início da construção maciça de edifícios de apartamentos modernos por todo o país. Seu modelo absoluto era o '51-C', que originou os tipos 2DK e 3DK, estes sim os verdadeiros protótipos dos apartamentos padronizados de hoje.[6] Dois cômodos com piso de *tatami* - para dormir - e um espaço de cozinha-refeições, com piso de madeira, compunham o espaço de morar que incluía ainda um pequeno compartimento para o vaso sanitário e outro para o *ofurô*[7], além de alguns reduzidos *oshiire*[8] nos cômodos com *tatami*. As modificações mais importantes efetuadas pela Companhia de Habitação do Japão no espaço interno da moradia foram a separação entre o espaço de refeições e os quartos de dormir - através do uso do sistema DK como principal dispositivo de projeto -, os equipamentos privados de banho ao lado da adoção de vasos sanitários do tipo ocidental, e a introdução de pias de aço inoxidável nas cozinhas que auxiliou na combinação 'espaço de cozinhar-espaço de refeições'. Esta empresa governamental tinha que suprir um enorme volume de moradias, ao mesmo tempo em que procurava distanciar-se do antigo - e agora assumidamente insuficiente - padrão das casas de madeira do imediato pós-guerra. Seus apartamentos representavam um estilo de vida novo, moderno, e exerciam, na época, tanta atração sobre a população, que durante muitos anos, as companhias públicas de



6 Até hoje, a abreviatura "n-LDK" (n=número de quartos de dormir, L=*living room*, D= *dining room*, K=*kitchen*) é extremamente popular no Japão, e expressa, muito acuradamente, até mesmo a divisão interna da habitação. Como a cozinha limita-se, geralmente, a uma bancada, o 'L' é acrescentado à sigla quando o apartamento possui uma sala de estar em cômodo à parte, o que é bem raro. Assim, um apartamento de dois quartos-sala-cozinha-banheiro, que na França seria um F3, no Japão é um 2LDK.

7 *Ofurô* é a banheira tradicional japonesa.

8 *Oshiire* é o armário embutido tradicional japonês.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

habitação fizeram fortuna com esta tipologia. E como vendiam sem fazer o menor esforço, a iniciativa privada seguiu o exemplo do setor público passando a comercializar o mesmo tipo de residência. O resultado foi fantástico: de Hokkaidô a Okinawa, todo o arquipélago viu-se coberto de edifícios como caixas de fósforos - popularmente chamados de *Danchi* - os quais tinham a mesma aparência impessoal que exibiam seus congêneres em outros costados mundo afora, invariavelmente blocos paralelepipédicos de quatro ou cinco andares de concreto, abrigando principalmente - e em proporção crescente - famílias nucleares de trabalhadores.

A transformação da família extensa patriarcal resultando neste novo modelo familiar situa-se entre as numerosas mudanças pós-guerra nos estilos de vida, com ênfase na privacidade individual. As alterações que estas mudanças causaram no espaço da habitação eram mais ou menos as mesmas daquelas veiculadas pelas idéias do Movimento Moderno, nos países ocidentais: a cozinha assume uma importância vital na vida cotidiana do grupo e vê-se combinada com o espaço de comer, compondo o que se conhece hoje, no Japão, como *dainingu-kichin*[9] ou o espaço onde se cozinha, se come, e, muitas vezes, também se dorme. Já o velho costume segundo o qual várias pessoas dormiam em um mesmo cômodo foi sendo gradualmente substituído por quartos individuais com paredes fixas à prova de som. Além disso, o desejo dos pais, em todas as classes sociais, de colocar seus filhos em instituições de educação e empregos de elite demandava mais espaço para o estudo no reduzido lar japones. O confronto com estes novos - e Modernos - modos de vida foi a pá de cal definitiva sobre a flexibilidade das casas urbanas tradicionais.

Deixando vilarejos rurais ou pequenas cidades, mais e mais pessoas decidiam tentar a sorte nas maiores cidades japonesas, durante os anos 1950, atraídos pela crescente demanda de mão-de-obra formulada pela aceleração do crescimento econômico. Esta população migrante era fundamentalmente formada por famílias nucleares ou por jovens

9 Do inglês *dining-kitchen.*

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

celibatários, o que significa que, também aqui, a quantidade de grupos domésticos aumentou enquanto o número de seus membros diminuiu: mais moradias urbanas eram requeridas por grupos familiares menores, de baixa renda. Edifícios coletivos de dois andares de madeira, chamados ironicamente de *bunka jutaku*, ou 'casas cultas', proliferaram nas áreas suburbanas dos pólos industriais da época. "A maioria destes edifícios eram caracterizados por paredes construídas pobremente e portas abrindo-se para longos corredores", descreve o professor Uzo Nishiyama. "Freqüentemente, sanitários e cozinhas eram compartilhados por todos os locatários. Em um dado momento, unidades deste tipo chegaram a compor um terço do total de moradias construídas e contribuíram grandemente para o aumento do número de casas dilapidadas."[10] Lavar-se, só nos famosos *sentô*, os banhos públicos presentes na maioria das cidades japonesas da época à razão média de um para cada trezentos a quinhentos habitantes. Usualmente, as unidades, que acomodavam uma média de cinco pessoas, organizavam-se em uma faixa de tres metros de largura composta por uma seqüência de cômodos: cozinha, banho e sanitário, quando havia, sobre piso de madeira - uma espécie de evolução do *doma* -, seguido por dois cômodos com piso de *tatami* medindo 4,5 e 6 *tatami*, respectivamente. Tais edifícios coletivos com estrutura de madeira podem ser facilmente encontrados até hoje em qualquer cidade japonesa, abrigando população de baixa renda, com a diferença que, atualmente, cada apartamento contém seu próprio sanitário e banho, obedecendo à legislação que estipula os padrões mínimos de conforto.

UM ATRAVANCADO ESPAÇO DE MORAR

No final dos anos 1950, começa a esboçar-se com maior nitidez o que será o grande problema dos espaços domésticos japoneses durante as décadas seguintes e até hoje: a redução de área útil na habitação dada a falta de espaço de estocagem. As casas urbanas tradicionais - *machiya* e *yashiki* - tinham, como se viu, um edifício de estocagem separado, o *kura*, que se encarregava de acomodar parte dos bens mais preciosos da família. Além

10 Nishiyama, U. **Changes in Japanese Lifestyle and Housing in the Past Thirty-Five Years.** *In:* The Japan Architect 8110. Tokyo, 1981. P. 63.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit www.foxitsoftware.com/shopping

do *kura*, os armários embutidos *oshiire* ocupavam, geralmente, em torno de quinze por cento da área interna da casa, e estes dispositivos permitiam à casa tradicional ter cômodos espaçosos e praticamente vazios, com pisos recobertos por *tatami*, nos quais mesas baixas rodeadas de *zabuton*[11], ou substituídas pelos *futon*, à noite, podiam ser introduzidas ou removidas de acordo com as funções desejadas. Com as mudanças pós-guerra e a diminuição das superfícies médias, os armários *oshiire* foram reduzidos ao mínimo estritamente necessário, procurando dar a falsa impressão de mais espaço disponível, ao mesmo tempo em que os depósitos *kura* foram definitivamente banidos do programa residencial. Além destas mudanças espaciais, o advento da televisão, na segunda metade da década de 1950, começou a despejar dentro de casa imagens de novos equipamentos domésticos, cuja compra generalizada alterou radicalmente tanto os modos de vida quanto os espaços de morar japoneses.[12] Os tres equipamentos que tomaram a dianteira nesta revolução foram a televisão, a geladeira e a máquina de lavar roupas, liderados pela televisão, que desempenhava, ao mesmo tempo, os papéis de mercadoria e de veículo de intensas campanhas de promoção de vendas. Vitória dos publicitários, tais equipamentos passaram a ser vistos pela população como uma necessidade imperativa, mesmo nas casas mais pobres. Mais tarde, um novo trio assumiu importância nos lares que já possuíam o trio anterior: chamado de *os tres Cs*, era composto pela televisão colorida, o aparelho de ar condicionado, e o automóvel.[13]

Quando de seu lançamento, estes artigos, considerados bens de consumo duráveis, foram comprados por apenas um de cada dez grupos domésticos japoneses. No entanto, no que concerne especificamente os televisores em preto e branco, este número sobe para 90% entre 1958 e 1963, atingindo um pico de 96% cinco anos mais tarde, decrescendo a seguir por causa das vendas dos televisores coloridos, que subiram de 10% em 1969 para 90% em 1972, servindo 99% dos grupos familiares em 1992. O número de lavadoras de roupas também aumentou gradualmente a partir de 1955, atingindo a marca dos 91% em 1970 e

11 Pequenas almofadas para sentar-se.

12 Ao contrário do que se costuma dizer, os hábitos consumistas do japones parecem ser antigos. Por exemplo, um viajante ocidental comenta, no final do século 17, o grande número de lojas da cidade de Kyoto: "Há poucas casas onde não haja alguma coisa para vender, e confesso que não consegui entender de onde podem vir compradores em número suficiente para uma quantidade tão grande de mercadorias." Esta observação permanece pertinente ao longo dos tres séculos seguintes, até os nossos dias, aplicando-se a, praticamente, todos os núcleos urbanos japoneses. (Citado por Shimizu, C. Le Japon du XIXe siècle. Marseille: Editions AGEP, 1990. P. 21)

13 A expressão 'os tres Cs' deriva-se dos nomes em ingles destes equipamentos – *Color TV, Cooler, Car* – utilizados pelos japoneses para identificá-los (Em japones, *kara-terebi, kuura, kaa*). O uso da palavra *cooler* para designar o aparelho de ar condicionado parece ser restrito ao Japão, contrariamente aos Estados Unidos, onde prefere-se a forma *air conditionner*.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

99,2% em 1992. As geladeiras, já presentes em 89% das moradias japonesas em 1970, tornaram-se, praticamente, onipresentes em 1992, equipando 98% dos lares. A porcentagem de grupos possuidores de aparelhos de ar condicionado passou de meros 6% em 1970 para 70% em 1992, e enquanto apenas uma em cada dez familias possuía um carro em 1966, já eram mais da metade dos grupos em 1980, subindo para quase oito em cada dez, em 1992.[14]

Por outro lado, mesmo que as habitações japonesas ainda figurem entre as menores do mundo industrializado, a sua área média aumentou notavelmente desde o final da Segunda Grande Guerra. Em 1963, a família média japonesa vivia em 35,84m², alcançando 51,73m² em 1993.[15] Em termos de área *per capita*, a mudança também é grande: entre 1968 e 1973 a relação 'pessoas por cômodo' inverte-se, passando a registrar o número de 'cômodos por pessoa': 1,16 pessoas ocupam, em média, cada cômodo das casas japonesas em 1963, mas, em 1990, são 1,52 cômodos disponíveis para cada habitante. No entanto, devido ao alto preço da terra e à grande densidade populacional, os valores para as maiores áreas metropolitanas do país são um pouco diferentes. Os 25,41m² que abrigavam os toquioítas em 1963 passam para 36,28m² tres décadas depois - pouco mais de quinze metros quadrados a menos que a média nacional -, enquanto cada habitante da cidade dispõe de apenas 1,33 cômodos em 1990.[16]



Nesta área limitada, os membros do grupo familiar tem de encontrar lugar para sua crescente quantidade de pertences e, se possível, para eles mesmos. Uzo Nishiyama fala de uma enquete sobre estes pertences dos grupos

14 Os números exatos são: 10% em 1966, 57% em 1980 e 78% em 1992. Todos os dados de Nishiyama, U., *op. cit.*, pp. 63-64, e Economy Planning Agency **Durable Consummer Goods**, *In:* Asahi Shinbum **Japan Almanac 1994**. Tokyo, 1994. p. 197.

15 Dados de Management and Coordination Agency **Rooms per home and size**. *In:* Asahi Shinbum, *op. cit.*, p. 203, e Management and Coordination Agency **Housing Survey of Japan – Prompt Report**. Tokyo, 1994. pp. 80-81.

16 Todos os dados de Management and Coordination Agency **Housing Survey of Japan – Prompt Report**. Tokyo, 1994. pp. 80-81; Management and Coordination Agency **Total Number and Size of Homes**, *In:* Asahi Shinbum, *op. cit.*, pp. 203-204.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

domésticos de todo o país, feita com uma amostragem de cento e quarenta grupos, em 1975, revelando que "mais da metade das casas visitadas tinham guarda-roupas e mesas baixas tradicionais japoneses, mesas de estudo, guarda-louças, conjuntos de sala de jantar, espelhos trípticos, máquinas de costura elétricas e aparelhos de som. Ainda que alguns destes bens estejam na cozinha, no *hall* de entrada ou no corredor, a maioria deles ocupa o espaço da sala de estar. Além disso, muitas pessoas possuem camas ou beliches para seus filhos". Mobiliário do tipo ocidental, "junto com objetos tradicionais japoneses como guarda-roupas, caixas de bonecas, vasos com arranjos florais, cabides de parede, etc, atravancam a maioria das casas." Em um país onde se otimiza cada centímetro quadrado, este acúmulo de pertences pessoais em unidades tão reduzidas faz com que as casas comuns se pareçam "com cápsulas espaciais", compara Nishiyama.[17]

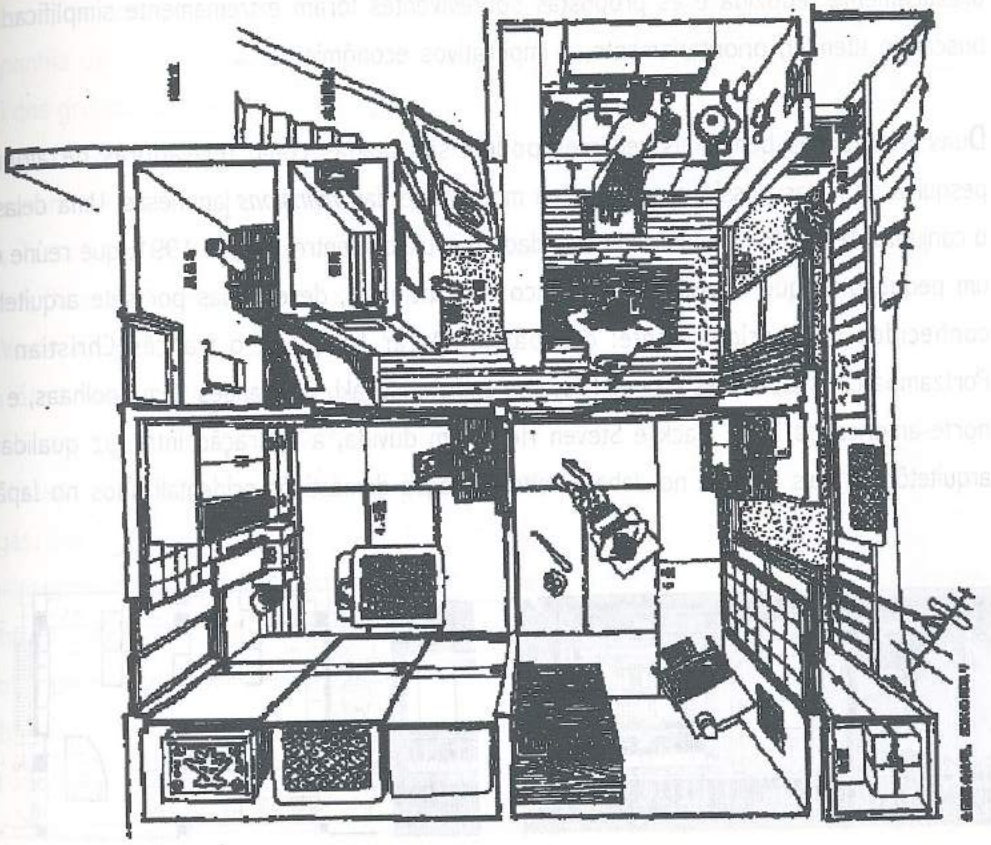
O FENÔMENO *MANSION*

Edifícios de apartamentos para venda e não para alugar começaram a ser construídos em torno de 1955, com o pomposo nome de *mansion*, emprestado do inglês 'mansão', e já a partir do início dos anos 1960 adquiriram a imagem de moradias de alto nível nos centros urbanos. Duas leis vieram reforçar este novo e promissor mercado: a primeira, de 1962, permitiu a divisão da posse dos imóveis, tornando possíveis os condomínios. A segunda, de 1963, revisou os códigos arquitetônicos japoneses autorizando um grande aumento tanto da altura total dos edifícios quanto de seu quociente de área construída. Desde então, altos edifícios de apartamentos passaram a ser comuns na paisagem metropolitana japonesa, mesmo que o início da atual explosão nas vendas das *mansions*, date da primavera de 1986. Foi quando seu preço nas regiões de Tokyo e Osaka dobraram ou triplicaram, acompanhando os primeiros sinais do período chamado de *Bubble Economy*. *Mansions* eram, em última instância, e desde os seus primórdios, simples edifícios de apartamentos de grande altura, de ocupação muito densa, oferecendo condições de vida sem nenhuma

17 Nishiyama, U., *op. cit.*, pp. 65–66.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

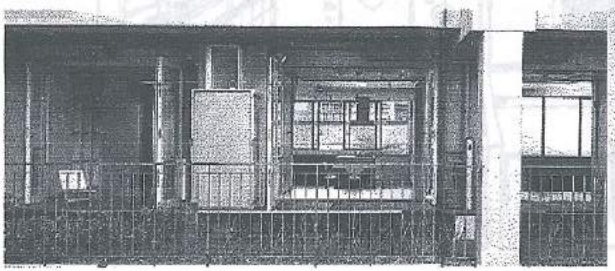
riqueza espacial em particular: a planta das unidades apresentava, de novo, uma variação do padrão do 51-C acrescida de alguns metros quadrados, e o intercâmbio social entre os habitantes do edifício não estava, absolutamente, entre os principais objetivos do projeto. Colocando-se contra este estado de coisas, algumas novas soluções habitacionais foram experimentadas durante os dez anos de grande crescimento econômico entre 1964 e 1974, incluindo propostas do grupo dos Metabolistas, cujo exemplo melhor conhecido é, talvez, o *Nakagin Capsule Tower*, construído em Ginza, Tokyo, em 1972, segundo projeto de Kisho Kurokawa. Primos por afinidade dos ingleses do Archigram, os Metabolistas argumentavam que a construção deveria espelhar, em certa medida, o processo metabólico da vida, visando,

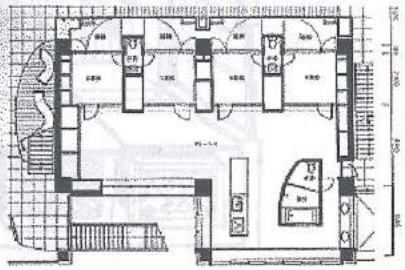


Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

principalmente, incrementar as relações sociais. As teorias sociais da época baseavam-se em um princípio otimista que supunha que uma proximidade maior entre edifícios de habitação agiria como um catalizador no processo de desenvolvimento de um senso de comunidade. De alguma maneira, estes projetos dos anos 1970 revelavam uma espécie de nostalgia dos espaços comunais das *nagaya* e das *machiya*, representando, ao mesmo tempo, uma libertação dos estereótipos que haviam dominado as duas décadas precedentes. A pá de cal no projeto metabolista ocorreu em 1973, quando o início da crise mundial do petróleo teve efeitos nefastos e previsíveis sobre a economia do país e, por tabela, sobre a situação da habitação coletiva: a variedade de tipos que começava a florescer foi drasticamente reduzida e as propostas sobreviventes foram extremamente simplificadas, buscando atender, prioritariamente, a imperativos econômicos.

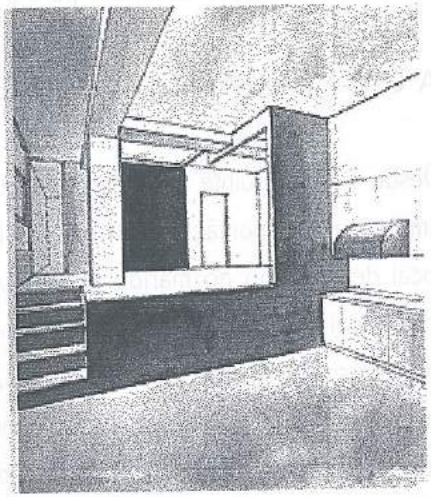
Duas realizações bem mais recentes podem ser citadas como reveladoras de alguma pesquisa de novas possíveis soluções na modalidade das *mansions* japonesas. Uma delas é o conjunto *Nexus World*, construído na cidade de Fukuoka entre 1989 e 1991, que reúne em um pequeno parque *mansions* bem pouco convencionais, desenhadas por sete arquitetos conhecidos internacionalmente: o espanhol Oscar Tusquets, o francês Christian De Portzamparc, os japoneses Osamu Ishiyama e Arata Isozaki, o holandês Rem Koolhaas, e os norte-americanos Mark Mack e Steven Holl. Sem dúvida, a operação introduz qualidade arquitetônica mais elevada no debate sobre espaços domésticos ocidentalizados no Japão,

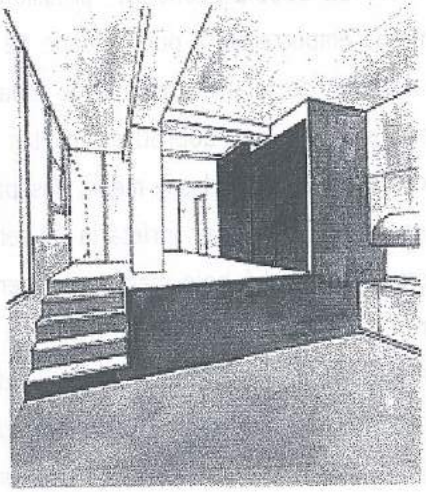




Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

ao considerar os emergentes modos de vida urbanos e novos formatos de grupos domésticos. Destacam-se o edifício projetado por Steven Holl, que trabalha a justaposição de funções utilizando-se de painéis flexíveis de madeira que ajudam a rapidamente reorganizar o espaço, e o conjunto assinado por Rem Koolhaas, que prevê a inclusão de áreas de trabalho anexas às destinadas ao convívio familiar. Estes aspectos concernentes aos modos de vida emergentes e aos novos formatos familiares foram também o ponto focal do *Next 21 Experimental Building*, construído em 1993, na cidade de Osaka. Um edifício único de seis pisos contendo apenas dezesseis apartamentos, abriga empregados da Companhia de Gás de Osaka, no qual o requerido perfil dos grupos domésticos serviu de critério básico para a concepção das unidades, cujos nomes já expressam esta intenção: '*DINKS Apartment*', 'Casa para Tres Gerações', 'Família *Fitness*', '*Single's House*', 'Casa para tres coabitantes'. Contrariamente ao *Nexus World* de Fukuoka, o *Next 21* situa-se em uma área densamente construída, no centro da região metropolitana de Osaka, e foi concebido como um *showroom* de novas possibilidades de utilização do gás, buscando, entre outras coisas, uma relação não-agressiva com o meio-ambiente. Tanto um quanto outro projeto de habitação são, obviamente, caros demais para serem considerados modelos acabados para futuras operações. O *Nexus World* visa uma elite de compradores formada por altos executivos e suas famílias, e o custo do *Next 21*





Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

ficou em torno de 2,5 bilhões de ienes[18], incluídos aí todos os equipamentos de alta tecnologia, ainda que o aluguel médio mensal das unidades não exceda meros 20 mil ienes.[19] No entanto, alguns de seus princípios, como espaços flexíveis, entradas individuais para cada membro do grupo doméstico, novas relações entre interior e exterior e a consideração geral de uma diversidade maior de estilos de vida, poderiam grandemente contribuir para a pesquisa de novos desenhos para a habitação da sociedade pós-industrial.

A CASA UNIFAMILIAR ENTRE SONHO E REALIDADE

Desde o dia seguinte ao do final da Guerra, o sonho da família média japonesa é possuir uma casa com portão de entrada, fachada bonita e jardim, a uma distância razoável do local de trabalho do marido, uma espécie de composição híbrida formada pelo *yashiki* tradicional e a casa da *suburbia* norte-americana. É um sonho cuja concretização parece, ano após ano, mais e mais improvável, a crermos nas palavras de William Coaldrake, ex-professor de História da Arquitetura Japonesa em Harvard e na prestigiosa Universidade de Tokyo. "Os preços do solo urbano subindo em espiral", diz Coaldrake, referindo-se aos efeitos da *Bubble Economy*, "pressionados pela valorização do iene e pela alta liquidez interna empurraram a possibilidade de possuir até mesmo um modesto terreno de 100m² para além do total de ganhos de toda a vida do típico diligente *sarariman*.[20] O preço da terra mais do que dobrou em muitas áreas das maiores cidades. Parece que a relativa homogeneidade da classe média desapareceu, e o Japão de hoje abriga uma sociedade de duas classes: uma proprietária de terra e outra que nunca possuirá terra. [...] Como conseqüência, há hoje mais casas sendo construídas para alugar do que para uso do proprietário."[21] Na realidade, dentre o número de obras de habitação iniciadas em todo o país em 1960 - exatas 453.000 unidades -, 53% referiam-se a casas próprias[22] enquanto apenas 35% referiam-se a casas alugadas.[23] O pico de 1.665.000 unidades construídas em 1990 incluía, inversamente, 767.000 unidades para aluguel - 46% do total - mas apenas

18 Aproximadamente 25 milhões de dólares, em valores de outubro de 1994.

19 Aproximadamente 200 dólares, em valores de outubro de 1994.

20 Expressão extremamente popular no Japão, é uma adaptação japonesa da palavra inglesa *salaryman* (=assalariado), designando trabalhadores urbanos de escritório em geral.

21 Coaldrake, W. The Architecture of Reality: Trends in Japanese Housing 1985-89. *In:* The Japan Architect 8910. Tokyo, 1989. p. 10.

22 Ou 241.000 unidades.

23 Ou 163.000 unidades.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

474.000 unidades próprias - 28% do total. Além disso, uma comparação entre alguns países industrializados mostra que o custo médio de uma residência no Japão equivale a 5,7 vezes a renda anual do cidadão médio - 8,7 vezes na região de Tokyo - muito acima das 3,4 vezes nos Estados Unidos ou 4,4 vezes na Inglaterra.[24] Pequenas casas unifamiliares pré-fabricadas de dois pavimentos, a maioria com estrutura de madeira, cobrem os subúrbios japoneses de hoje como a única habitação possível para uma parte crescente da população, diariamente forçada a passar longas horas em trens lotados no trajeto entre casa e trabalho, e a viver



24 Ministry of Construction Number of Housing Starts e Cost of Home as Multiple of Annual Income. *In:* Asahi Shinbum, *op. cit.*, pp. 203-204.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit
www.foxitsoftware.com/shopping

em bairros residenciais congestionados e sem encantos. A casa em si não tem nada a ver com o sonho de casa unifamiliar: cômodos pequenos e atulhados de móveis e objetos, sem jardim, com a construção ocupando a área total do lote e as casas separadas, freqüentemente, por apenas uns poucos centímetros.

Apenas um restritíssimo número de pessoas ricas pode pagar por casas pré-fabricadas maiores, em estilo ocidental. Desde o fim da Segunda Guerra, quando a habitação começou a ser vista como um bem de consumo, os construtores japoneses estabeleceram uma gama de possibilidades de desenho, ligada às suas próprias marcas comerciais. Por um lado, os compradores acostumaram-se a estes estereótipos e querem possuí-los. Por outro, tornou-se muito arriscado para o promotor - tanto o destas casas como o das *mansions* - tentar vender projetos não-usuais cuja aceitação imediata por parte da população é mais do que incerta. Estas casas de dois ou tres andares, freqüentemente alojando tres gerações de uma mesma família, corresponderia melhor à tal casa sonhada, que a maioria jamais possuirá. Além disso, tanto a casa para tres gerações como a casa de uso misto e múltiplas unidades - para duas ou tres famílias além de, às vezes, uma loja ou um escritório - são programas habitacionais recentes cada vez mais enfrentados pelos arquitetos, em resposta à escassez de terra e aos problemas de uma sociedade formada por um número cada vez maior de idosos.[25] Seu terreno é entre cinco e seis vezes maior do que o lote médio de 100m², usualmente disponível nos bairros periféricos das maiores áreas metropolitanas. Um verdadeiro luxo dentro do reduzido parcelário local.



25 Uma pesquisa feita pelo Ministério da Saúde e do Bem-estar em 1986 na região metropolitana de Osaka mostrou que 32% das famílias entrevistadas viviam com seus pais idosos, enquanto que 53% responderam que gostariam de fazê-lo se isto fosse possível. (Reportagem do jornal **Asahi Shinbum** de 3 de Janeiro de 1987, citada por Nishiyama, U., *op. cit.*, p. 66).

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Isto significa que, apesar da grande beleza e das soluções interessantes de boa parte destas casas, elas continuam constituindo, por enquanto, exercícios projetuais isolados.

NO QUE SE REFERE AO GOVERNO

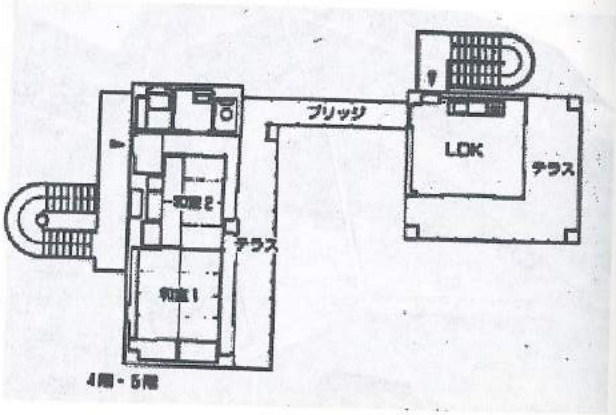
A evolução da habitação coletiva pública tampouco exibe um quadro mais promissor. A partir da construção da *Senri New Town*, no início dos anos 1960 - a primeira *new town* japonesa financiada com dinheiro público - a Divisão de Construção de Habitação da Província de Osaka seguiu os passos definidos pelos sucessivos Planos Qüinqüenais de Habitação, os quais estabeleciam objetivos a serem atingidos durante o período de cinco anos seguintes à elaboração de cada plano. Resumidamente, seus alvos foram, até hoje, os seguintes: o Primeiro Programa (1966-70) tinha que alcançar a meta de *uma unidade habitacional por grupo doméstico*, atingida em 1968 quando, pela primeira vez depois do final da Segunda Guerra, o total nacional de unidades excedeu o total de grupos domésticos. No Segundo Programa (1971-75), este objetivo foi substituído por *uma pessoa por cômodo*, e o número de unidades habitacionais excedeu o número de grupos domésticos em todas as províncias. O terceiro Plano Qüinqüenal (1976-80) estabeleceu dois padrões básicos de habitação: um *padrão mínimo*, a ser atingido até 1980 pela metade das unidades situadas abaixo dele, e pelo total de unidades até 1985; por outro lado, o plano também definiu um *padrão médio* a ser atingido pela metade de todas as unidades até 1985. O Quarto Programa (1981-85) introduziu o *padrão de ambiente residencial*, além de



Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit
www.foxitsoftware.com/shopping

manter a busca dos padrões mínimo e médio. Os objetivos do Quinto Plano (1986-90) incluíram uma opção mais clara pela habitação coletiva em regiões metropolitanas e por casas unifamiliares em províncias. Implementado em um período de altíssimo crescimento econômico, este plano teve, entre seus resultados, um excedente de mais de 1,5 milhões de unidades em todo o país, e os fundos públicos financiaram quase a metade[26] do total de 8,2 milhões de unidades construídas. A área da moradia ficou maior e recentemente passaram a ser empreendidos esforços visando adaptar as habitações situadas abaixo do padrão aos novos níveis mínimos exigidos por lei, referindo-se basicamente a defeituosos físicos e pessoas idosas. Contudo, as inscrições de novos formatos familiares como jovens solteiros e a configuração pai com filhos para a obtenção de moradia pública continuam não sendo aceitas, e a planta do apartamento permanece praticamente inalterada desde a adoção do tipo 51-C, nos anos 1950. As baixas remunerações oferecidas e a miríade de regras limitando o trabalho de projeto a uma cópia de modelos padronizados não atraem muitos arquitetos a operações de habitação social. Propostas de inclusão de equipamentos públicos e de espaços coletivos melhor concebidos em tais projetos são, às vezes, benvindos pelos representantes do governo, mas o interior das unidades é invariavelmente construído através de um sistema de painéis pré-fabricados, segundo padrões inexplicavelmente inalteráveis.

Contam-se nos dedos os projetos de habitação social cuja solução arquitetônica considere os novos arranjos familiares e seus novos estilos de vida. Entre eles estão, com certeza, alguns dos envolvidos no *Kumamoto Artpolis Program*, financiado pelo governo da Província de Kumamoto, cuja



26 Em torno de 40% do total.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

primeira fase foi iniciada em 1988 e completada quatro anos mais tarde. É verdade que foram desenvolvidos em condições muito especiais: custos de construção em torno de 10% acima do usual em orçamentos de Habitações Sociais, e honorários dos arquitetos alcançando, em média, o dobro do que recomendam as tabelas. Projetado por Riken Yamamoto, certamente o arquiteto japones contemporâneo mais conhecido por sua preocupação com os novos modos de vida dos grupos domésticos emergentes, o conjunto habitacional de Hotakubo é, muito provavelmente, o mais inovador de todos. Sua organização procura estabelecer novas relações entre as habitações por meio de um amplo pátio central acessível apenas através das unidades e não diretamente a partir da rua. Encontram-se aí misturados o modelo europeu de habitação com pátio, não sem um leve aceno aos espaços coletivos das casas urbanas tradicionais japonesas. "Os membros de uma família já tem uma razão forte para viver juntos - os laços familiares -, enquanto que para diferentes grupos domésticos vivendo no mesmo conjunto é preciso criar tais razões", argumenta Yamamoto.[27] O interior das unidades é organizado em duas alas separadas: uma, abrigando espaços privados, tais como quartos de dormir com piso de *tatami*, espaço de banho e sanitário, e a outra contendo a área de convívio do grupo doméstico, que se compõe de uma *dining-kitchen* e de um pequeno cômodo vedado com portas de papel removíveis e piso de *tatami*. Em todos os casos, estas duas alas estão conectadas por uma passagem coberta cruzando, às vezes, um pátio interno, recordando a organização da *machiya* em que vários *zashiki* abrem-se para um jardim interno. Tais dispositivos permitem que a unidade seja também ocupada por grupos diferentes da família nuclear



27 Entrevista a M. Tramontano em 7 de Julho de 1994, em seu escritório em Yokohama.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit www.foxitsoftware.com/shopping

convencional, já que os cômodos individuais estão não apenas completamente separados dos espaços comuns, mas também estrategicamente localizados ao lado da porta de entrada. As indiscutíveis qualidades arquitetônicas deste conjunto, a riqueza de novas soluções que ele aponta, têm como calcanhar de Aquiles sua baixa densidade. Cento e um apartamentos em um terreno de 11.184 m², totalizando 8.753 m² de área construída, ou 78% de taxa de ocupação, ainda é uma proposta que teria de ser revista antes de ser aceita como razoável para as extremamente populosas áreas metropolitanas contemporâneas.

SOZINHO NA CIDADE, OU VIVENDO EM CÁPSULAS

O efeito *doughnut*, isto é, a redução de densidades na área central e o crescimento populacional além das fronteiras administrativas, associado ao rejuvenescimento da população que prefere habitar as áreas centrais da cidade, tem incentivado a proliferação das chamadas *one-room mansions*[28], as quais oferecem a possibilidade da almejada vida anônima dentro de um perímetro bem reduzido. Em aproximadamente 18m², atulhado por um sem-número de bens de consumo, roupas e móveis, o ocupante dispõe de um cômodo, uma pequena bancada de cozinha, um espaço compacto reunindo banho e sanitário, e, algumas vezes, um pequeno armário embutido. As refeições são freqüentemente tomadas no escritório ao meio-dia, entregues por serviços particulares, ou com colegas de trabalho em zonas gastronômicas da cidade. Espaços coletivos dentro do edifício limitam-se ao mínimo estritamente



28 Equivalente aos edifícios de *kitchenettes* das grandes cidades brasileiras.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

necessário, incluindo, no máximo, uma sala com máquinas de lavar roupas e um local para se guardar bicicletas.[29] Como diz Riken Yamamoto, "não há regras para estas unidades: as pessoas podem viver exatamente como lhes agrada. Ninguém se importa se você chega roncando sua motocicleta à noite. Você também pode usar sua máquina de lavar roupas à noite, viver sem nenhuma conexão com as pessoas que vivem à sua volta. Este anonimato, ou lassidão, é um enorme atrativo para pessoas que querem vir viver na metrópole".[30] Dois produtos comerciais tornaram-se indispensáveis para esta população de jovens *singles*, como suporte da vida diária: a onipresença de máquinas distribuidoras automáticas, as quais fornecem, no Japão, desde cigarros e bebidas até macarrão quente e roupas íntimas femininas como *fétiches* sexuais; e a recente explosão, nos primeiros cinco anos desta década, das lojas de conveniência, abertas 24 horas por dia, onde se faz compra de supermercado a qualquer hora, mas também se pode pagar contas de água, luz e telefone. Estes serviços situam-se agora fora da esfera doméstica, tanto por causa da falta, nela, de espaço suficiente para estocagem ou para cozinhar, quanto pelo horário denso de seus usuários. As máquinas automáticas e as lojas de conveniência são tão essenciais a estes novos solteiros urbanos como o são os *Capsule Hotels*[31] e os *Love Hotels*[32] ao *sarariman* que vive com sua família em algum subúrbio metropolitano mas cujo local de trabalho está no centro da cidade. Operações de habitação que incluam equipamentos de uso coletivo são consideradas arriscadas demais por investidores acostumados a trabalhar com o modelo da família nuclear ou, mais recentemente, o dos solteiros urbanos. De qualquer forma, o alto preço da terra nas grandes cidades não lhes permitiria propor baixas densidades para operações minimamente lucrativas, empurrando para níveis



29 Local de grande importância nos edifícios japoneses, visto que a bicicleta é, combinado com trens e metrô, o principal meio de transporte de uma parcela significativa da população, independentemente de classes sociais.

30 Yamamoto, R. Living in the City. *In:* Fukuoka International Architects' Conference '89, Comunicações. Fukuoka Jisho: Fukuoka, 1989. P. 93.

31 Hotéis baratos nos quais os quartos foram substituídos por cápsulas individuais, em cujo interior há apenas lugar para um colchão, além de alguns aparelhos como telefone, TV, rádio, etc. O apelo de *marketing* destes hotéis é custarem menos do que o táxi que um *sarariman* teria de pagar até sua casa, na periferia, depois de ter perdido o último trem, por ter ficado trabalhando até mais tarde. Situação, no Japão, extremamente corriqueira.

32 Destinam-se a encontros amorosos, de maneira semelhante aos motéis brasileiros. Muitos oferecem também acompanhantes.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

ainda mais altos o quociente de ocupação do solo nas áreas urbanas centrais.

RUMO A NOVAS DEFINIÇÕES?

A habitação média das metrópoles japonesas, atravancada e apertada, tanto a localizada no centro da cidade como a suburbana, parece-se cada vez mais a uma cápsula superequipada cuja imagem extrema já existe, expressa pelos compartimentos minúsculos dos *Capsule Hotels*.

A produção dos conjuntos de habitação social como um todo é de longe insuficiente, e indiferente à evolução do perfil dos grupos domésticos e de seus modos de vida, assim como às novas expressões arquitetônicas.

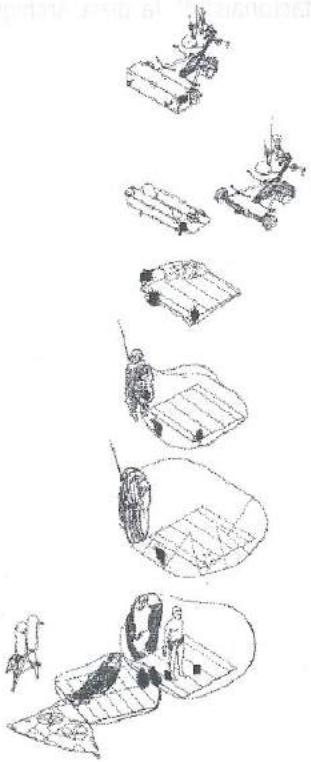
As *mansions*, e sua versão mais recente - os condomínios de grande altura como, por exemplo, os que se alinham à beira da baía de Tokyo, os quais praticamente substituíram o sonho de casa unifamiliar da maioria dos trabalhadores urbanos dos anos 1980 - apenas provêm um simulacro dos modelos ocidentais, encontrados principalmente em grandes cidades norte-americanas, mas oferecendo apartamentos muito menores.

A flexibilidade, seja a oferecida por espaços multifuncionais, seja aquela obtida pela remoção de vedações verticais leves, essencial nas casas urbanas tradicionais para se obter melhor uso de suas reduzidas superfícies, foi praticamente abandonada após a Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que começaram a ganhar fôlego as exigências por privacidade. Alguns arquitetos contemporâneos japoneses tem incluído o conceito de flexibilidade em projetos de habitação mas, apesar de sua grande beleza e funcionalidade, estas propostas permanecem restritas ao círculo das encomendas particulares ou dos trabalhos prototípicos, desconsiderados por investidores de larga escala e pelos responsáveis pela construção de

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

habitações sociais.

Presos neste impasse, alguns arquitetos japoneses, acostumados a fazer projetos de habitação em áreas metropolitanas, hesitam em esboçar possíveis soluções e preferem, antes, falar sobre seus próprios desejos e expectativas. Vencedor do Grande Prêmio do *Architectural Institute of Japan* de 1994 por seus projetos de residências entre 1966 e 1993, Takamitsu Azuma acredita que o projeto de habitação coletiva deveria procurar encorajar novas relações sociais misturando diferentes tipos de grupos domésticos de diferentes idades em pequenos edifícios com cinco ou seis unidades e alguns espaços coletivos compartilhados.[33] Riken Yamamoto gostaria de concentrar seus esforços na concepção de novas soluções para a habitação coletiva dos solteiros, incluindo idosos e defeituosos físicos que, segundo ele, não conseguem viver em *one-room mansions* convencionais.[34] Para Osamu Nakasuji, o problema situa-se principalmente no campo da Economia: "Arquitetos", diz ele, "são forçados pelos investidores a trabalhar com altíssimos quocientes de ocupação do solo, além do maior número possível de unidades por edifício, o que limita a área interna dos apartamentos e exclui qualquer equipamento ou serviço coletivo adicional."[35] Um dos poucos a esboçar uma proposta é Hiroshi Hara, referência teórica maior para muitos colegas mais jovens, cujo currículo inclui habitações projetadas na Lua, uma encomenda da Agência Espacial Japonesa. Seu *500 x 500 x 500 Residential Cube - 1992* parece ser um descendente direto do conceito



33 Entrevista a M. Tramontano em 30 de junho de 1994, na Osaka University, Osaka.

34 Entrevista a M. Tramontano, *op. cit.*

35 Entrevista a M. Tramontano, *op. cit.*

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

corbuseano de *Cité Radieuse*, espacializado dentro de um cubo virtual com as dimensões descritas, em metros. Ele acomodaria cem mil residentes em sub-volumes de $50m^3$ os quais abrigariam cem pessoas cada um, em lugar dos mil e quinhentos residentes das atuais habitações convencionais de mesmo volume. De acordo com Hara, este é um estudo em evolução e as características das células de habitação ainda não foram abordadas.[36] Uma visão ainda mais extrema é expressa por Atsushi Kitagawara, *l'enfant terrible* da arquitetura japonesa contemporânea, que acredita que a mobilidade crescente da população metropolitana associada à desintegração da família produzirá uma versão contemporânea e urbana de nomadismo. "Voltar para casa", diz, "perderá provavelmente o sentido no futuro, o que decretará - mais cedo ou mais tarde - o fim definitivo dos programas habitacionais".[37] Já dizia Archigram.

36 Entrevista a A. Pratschke e M. Tramontano em 3 de Outubro de 1994, em seu escritório em Tokyo.

37 Entrevista a M. Tramontano em 8 de Julho de 1994, em seu escritório, em Tokyo.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

HABITAR O PLANETA Rumo a novas definições

Hoje, modelo convencional, revisões

Preparar alimentos . Comer . Entreter-se .
Dormir . Defecar, urinar . Lavar-se . Trabalhar .
Receber . Exercitar-se . Estocar

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



Em uma entrevista de 1992 a Gilles de Bure, o arquiteto francês Jean Nouvel, para quem o espaço arquitetônico é, antes de mais nada, um espaço cenográfico, declarava que, a seu ver, a arquitetura é ciência do comportamento. Cenografia e comportamento combinados, na opinião de Nouvel, levariam à elaboração de *scenarii*, que ajudariam a imaginar ou a pressupor o que se vive dentro do espaço arquitetônico. Ele dá um exemplo, interrogando-se sobre como seria a vivência cotidiana no interior de um apartamento. "Perseguir-se de um cômodo ao outro, como aconteceria um assassinato neste lugar, como fazer amor na sala de estar, como comer no quarto... Tantos acontecimentos que não podem ser expressos em termos de funcionalismo, mas que são verdadeiras aberturas para o imaginário."[1] O que Nouvel estava dizendo é que o racionalismo das fórmulas Modernas, preocupado em abranger, da maneira mais completa e esquemática possível, a totalidade das questões capazes de influenciar o desenho dos espaços domésticos, acabou deixando de lado, justamente, o que este espaço tem de mais cotidiano, as coisas corriqueiras que, por diversas razões, dificilmente se enquadrariam em uma categoria funcional clara.

1 Blazwick, I. et al. (ed.) **Nouvel Jean Nouvel, Emmanuel cattani et associés**. Londres/ Bordeaux: Artemis/Arc en Rêve Centre d'Architecture, 1992. P. 29.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

De posse de algumas conclusões sobre as origens e a evolução recente dos atuais modelos parisienses, paulistanos e toquioítas de habitação, trata-se agora de esboçar critérios de intervenção, delinear mecanismos projetuais que possam auxiliar o, conclui-se, necessário redesenho da habitação contemporânea, levando em conta os novos modos de vida de seus habitantes. Ou seja, trata-se de registrar idéias e pensamentos ainda introdutórios, preliminares, mas que rejeitem a comodidade da *tabula rasa* e a das soluções arquetípicas, preferindo ir esmiuçar o universo infinito e variado da Diversidade. As observações contidas neste capítulo referem-se, é claro, aos modos de vida emergentes de que se falou até aqui, mas não se imagina que maneiras de morar mais tradicionais vão desaparecer em um apertar de botão de controle remoto. Acreditar que sim, seria um enorme equívoco, para o qual alerta o urbanista e ex-diretor do *Deutsches Architekturmuseum*, de Frankfurt, Vittorio Lampugnani. Ele chama a atenção para o fato de que certas cidades imaginadas ao longo da história recente da arquitetura Moderna, seja a *Ville Contemporaine* corbuseana ou a *Plug-in-city* do grupo Archigram, por exemplo, eram irrealizáveis simplesmente porque pressupunham mudanças radicais e completas na vida da totalidade da população que pretendiam abrigar. Assim como "o rádio não substituiu o concerto; a televisão não substituiu nem o teatro, nem o cinema, e o telefone e o fax de modo algum tornaram antiquada a conversa pessoal", pondera Lampugnani, assim "tampouco as tantas vezes prognosticadas transformações radicais da vida urbana apoderaram-se por completo de nós: (...) passamos uma parte do nosso tempo livre entre as quatro paredes de casa mas é claro que também saímos. Em nossas casas se dão as novas formas de vida em comum, ao mesmo tempo que a vida tradicional. Em nossas cidades coexistem, não poucas vezes em igual medida, os tipos mais diferentes - subversivos e ortodoxos - da vida social."[2]

Para que estas idéias deixem o campo vasto das divagações e passem a deixar-se entrever através da palavra escrita, é preciso concentrar-se, pelo menos por ora, nas questões espaciais e funcionais, dois dos grandes temas abordados ao longo de todo este trabalho,

2 Lampugnani, V. **Notas sobre el urbanismo de la actualidad.** *In:* Barcelona, arquitectura y ciudad. 1980-1992. Barcelona: Gustavo Gilli, 1990. P. 9.

Edited with the trial version
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

em detrimento de outros aspectos projetuais igualmente importantes. Custo e soluções técnicas, por exemplo. É claro que, diante de uma redução sistemática de áreas, pode-se pensar em otimizar o espaço interno das unidades através da reorganização de suas funções, mas pode-se também rever os materiais e o detalhamento técnico no sentido de remanejar custos: ou seja, gastar menos com o que é matéria e mais com o redimensionamento do espaço que ela define. Por enquanto, porém, o momento é de se formular idéias, perguntas, estimar tendências, buscando estimular a reflexão, o surgimento de novas e sucessivas indagações, e, a partir delas, quem sabe, propostas arquitetônicas concretas. As razões para tal recorte são puramente didáticas, apenas por se querer manter a discussão circunscrita nos limites definidos inicialmente. Se, no entanto, não se estivesse analisando habitações, mas projetando-as, tal descolamento seria, obviamente, inaceitável.

Deixando de lado caminhos conhecidos - os velhos manuais com modelos de programas arquitetônicos detalhados -, preferiu-se uma leitura atenta das atuais tipologias familiares e suas tendências comportamentais, que, associadas às demandas físicas e fisiológicas de qualquer ser humano, produziram um breve conjunto de necessidades que os usuários da habitação contemporânea estariam expressando. Comer, defecar e urinar, dormir, entreter-se, estocar, exercitar-se, lavar-se, preparar alimentos, receber, trabalhar-em-casa, em ordem alfabética. Com tão poucos ítens, esta pequena listagem não tem, é claro, a menor pretensão de ser exaustiva. Propositalmente, ficaram de fora certas atividades como os diversos níveis, formatos e naturezas das relações entre os membros do grupo: uma conversa entre pai e filho, o namoro dos adolescentes, as confissões entre irmãs, a atividade sexual de todos, das relações sexuais entre os pais aos momentos solitários dos filhos de exploração do próprio corpo, as longas conversas entre coabitantes,... A tentação de inseri-las na esfera do entretenimento é grande, mas seria reduzir sua importância no próprio cotidiano das pessoas. Por outro lado, não são atividades que demandem especificidades espaciais, pelo menos da maneira como se realizam hoje. Por estas razões, elas aparecem citadas aqui e

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

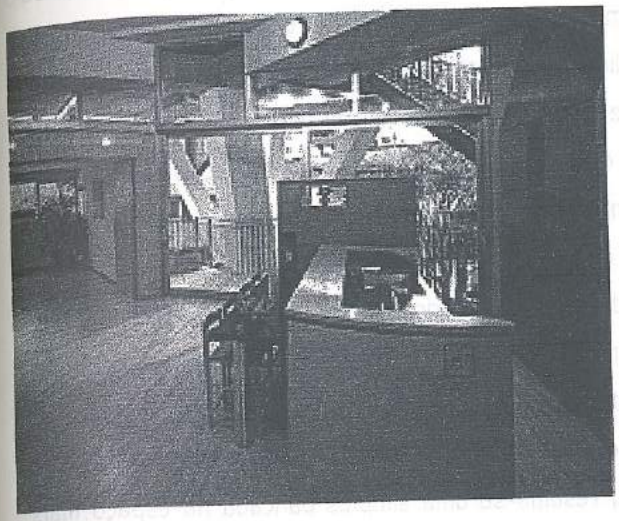
ali, viesadas por discussões sobre as demais atividades e sobre o conjunto dos espaços.

Em seguida, procurou-se entender a abrangência, hoje, de cada um destes verbos, tanto em função dos atuais formatos familiares como das novas tendências comportamentais. Colocar em palavras atividades repetidas continuamente dia após dia parece-se, às vezes, a uma repetição de obviedades, mas que se justifica ao estabelecer um distanciamento mínimo necessário à análise. Reconhecidas tres instâncias dentro do espaço doméstico - uma em que o indivíduo se relaciona com os demais membros do grupo, outra em que ele se retira do convívio com os companheiros, e outra em que o grupo se relaciona com o exterior -, o passo seguinte foi o de examinar o modelo convencional de moradia, delineado anteriormente, procurando identificar de que maneiras nele estão espacializados mecanismos de satisfação destas necessidades. Este exame se realizou, tanto quanto possível, em dois níveis: o da unidade - casa ou apartamento - e o do edifício. Onde pareceu pertinente, fez-se uma comparação com dados anteriormente levantados sobre trabalhos de arquitetos. Finalmente, em função dos resultados desta análise, imaginou-se possíveis alterações no espaço doméstico convencional, que compreendem também a possível supressão de dispositivos existentes ou a inclusão de novos mecanismos. Nunca, no entanto, estas reflexões terão a linearidade sugerida por esta exposição metodológica. Talvez tivessem, se se estivesse analisando cômodos funcionalmente estanques, e se fosse possível restringir a discussão aos limites das atividades neles desenvolvidas. Por exemplo, se uma cozinha apenas servisse para cozinhar, como a cozinha-laboratório Moderna, então nem seria preciso preocupar-se com questões como a convivialidade que ela permitiria - ou não permitiria -, ou se seria possível comer também neste espaço, se se receberiam visitantes nele, ou ainda se todas estas coisas estariam acontecendo em espaços contíguos, demandando-nos o estabelecimento de relações entre eles e a cozinha. No entanto, se se parte do princípio de que tudo pode ser revisto, inclusive a sobreposição de diferentes funções, sua fragmentação, sua alteração, ou sua supressão pura e simples, o raciocínio é seguramente tortuoso,

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

lidando com várias possibilidades de relações entre diferentes atividades domésticas ao mesmo tempo. A seguir, os resultados desta tarefa difícil.

PREPARAR ALIMENTOS



Preparar alimentos, hoje

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, responsável por diferentes recenseamentos no país, o lugar onde se prepara a própria refeição ajuda a definir o lugar onde se habita. Segundo a terminologia do instituto, o domicílio abriga o grupo doméstico que, por sua vez, compõe-se de "pessoas ligadas por laços de parentesco ou de dependência doméstica". A instrução do IBGE para verificação da tal dependência doméstica é a existência de um fogão comum, ou seja: os que comem e cozinham juntos, repartem o orçamento doméstico. No entanto, se o grupo doméstico come sistematicamente em restaurantes ou no local de trabalho, ou compra em lojas, pelo telefone ou pelo computador os pratos que comerá em casa, ou, ainda, habita um edifício que oferece algum tipo de serviço de restauração, então um espaço destinado à preparação de alimentos dentro da unidade habitacional torna-se supérfluo, pondo em questão a definição ibgeana. Será?

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit www.foxitsoftware.com/shopping

As atividades de preparação de alimentos, realizadas no interior do espaço doméstico, parecem estar migrando da esfera dos serviços para a do convívio. Parecem, também, estar ganhando novas nuances: enquanto a cozinha de todo dia tende a ser otimizada no sentido de poupar tempo a pessoas que, de uma forma ou de outra, vivem no ritmo marcado pelo relógio, permanece o hábito de se servir pratos mais elaborados em dias escolhidos, muitas vezes preparados e degustados em companhia de convidados, o que acaba se tornando uma atividade de entretenimento, de relaxamento. Nos dois casos, imperam, de maneira cada vez mais absoluta, os alimentos congelados, os desidratados, os pré-cozidos, pré-cortados, pré-lavados, e outros de mesmo naipe, ao mesmo tempo em que se banaliza o uso de fornos de cozimento rápido, de eletrodomésticos de todo tipo, inclusive para lavar e secar louça. O ato de preparar uma refeição, que já chegou a ocupar, na história da culinária, dias inteiros, utilizando-se de diversos cômodos, tende a realizar-se em uns poucos minutos, em apertados mas otimizados metros quadrados. No dia-a-dia, para diminuir também o trabalho de limpeza pós-preparação, as frituras e os cozimentos complicados tem sido evitados em benefício de pratos que sujem menos o espaço, o que vai acabando com o estigma de que a cozinha é, necessaria e permanentemente, um lugar sujo. Não é mais. E por isso mesmo pode, agora, resumir-se uma simples bancada no espaço mais nobre da habitação, como já acontece, com muita freqüência, em países como Estados Unidos e Japão, por exemplo.[3]

3 No caso brasileiro, como já se mencionou, esboça-se uma tendência cada vez mais nítida: a redução da área da cozinha convencional e a supressão progressiva dos seus anexos – quarto e banheiro de empregada, despensa, área de lavagem e de secagem de roupas – ao mesmo tempo em que a empregada doméstica mensalista, que já há muito tempo deixou de morar na casa dos patrões, vai sendo substituída pela diarista e, em um momento posterior mas aparentemente inevitável, pelos cada vez mais performantes e acessíveis equipamentos eletro-eletrônicos. Estes desdobramentos fazem com que, atualmente, as cozinhas paulistanas assumam configurações cada vez mais próximas das de suas congêneres parisienses e toquioítas.

Preparar alimentos, modelo convencional

O que de mais imediato se pode dizer sobre o espaço físico normalmente ocupado pelas atividades de preparação de alimentos é que ele costuma, nas tres metrópoles estudadas, restringir-se às proximidades dos equipamentos de cozimento, eventualmente também dos de estocagem fria, e de instalações hidráulicas específicas, estas sim, em geral, fixas ou com pouca mobilidade. Isto já diferencia estas atividades de outras que não dependem de

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

lugar específico para ocorrer, ou que podem desenvolver-se em vários espaços ao mesmo tempo: o preparo de refeições, pelo menos como o conhecemos hoje, parece exigir um espaço físico definido. A otimizada bancada japonesa inclui equipamentos nela embutidos, como fogão e forno para assar peixe, e está em uso desde os anos 1950, situada em uma cozinha fechada ou, como costuma acontecer nos reduzidos apartamentos metropolitanos, dentro do espaço de estar. Já os franceses parecem preferir um cômodo à parte. Geralmente fechada, abrindo-se por uma porta envidraçada diretamente para o espaço de estar ou para o *hall* de entrada, a cozinha parisiense é, talvez, a menos equipada das tres metrópoles. É verdade que quase todas as cozinhas do país possuem geladeira, freqüentemente do modelo pequeno, que o Brasil chama de frigobar, mas, em 1990, menos de 40% possuíam lava-louças e o *freezer* era uma raridade.[4] Também é recorrente a sua situação no centro do edifício, o que torna imprescindível o sistema de ventilação forçada, dada a ausência de janelas, e ancora o cômodo ao duto vertical de canalizações. A cozinha paulistana também se localiza ao lado da entrada da unidade, ou então possui sua própria entrada, a de Serviço. Ainda não perdeu seu apêndice, a 'área de serviço' contígua, destinada, principalmente, à lavagem e à secagem de roupas através de insolação e ventilação naturais, possíveis nestas condições climáticas. Uma clara tendência de futura e, aparentemente, próxima anexação desta área pela cozinha toma forma, contudo: o tanque, cada vez menor, assemelha-se mais e mais a uma pia de louça, e as lavadoras de roupas, menos barulhentas que as do passado, exibem *design* mais próximo ao de geladeiras e fogões.

Preparar alimentos, revisões

Uma primeira questão já pode ser colocada sobre o formato do espaço onde os alimentos seriam preparados. Um cômodo fechado ou aberto? E no caso de ser fechado, o que exatamente deve ser ocultado: o cômodo todo, ou apenas os equipamentos, eventualmente agrupados em uma única parede? Este seria o caso da bancada com prateleiras, situada

4 Dados de INSEE La France en Bref, *op. cit.*, p. 6.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

em uma espécie de grande armário, a exemplo das cozinhas compactas que equiparam certas *Domkommuna* soviéticas do final dos anos 1920.[5] Uma vez aberto, ele qualifica o espaço contíguo com o seu uso; fechado, permite que em tal espaço sejam realizadas outras funções. Se isto parece razoável, resta pensar sobre as partes da habitação nas quais este armário poderá localizar-se. O que seria o mesmo que perguntar: a quais outras funções pode a preparação de alimentos sobrepor-se?

A sobreposição mais comum, nas tres áreas metropolitanas, tem sido às funções de recepção, de estar, de refeições, quer elas ocupem um único ou vários diferentes espaços. No caso mais simples, o da pessoa morando só, onde é menos provável que atividades excludentes ocorram simultâneamente, funções sobrepostas correspondem a um modo de vida onde o espaço individual estende-se pela totalidade da unidade. É comum o apartamento de um único cômodo, não necessariamente pequeno, não necessariamente pobre, no qual se dorme, se cozinha, se recebe amigos. Tradicionalmente contada entre os serviços da moradia, a área de preparação de alimentos é, geralmente, única para todos os habitantes da unidade, e seu uso é compartilhado. Nesta ótica, pode-se pensar em utilizá-la para configurar um espaço comum ou 'cômodo de vida'[6], segundo a bonita maneira de dizer dos franceses, que agrupe não só as funções de preparo de alimentos, mas também de convívio entre os membros do grupo doméstico, de recepção a visitantes, de refeições. Corriqueira na moradia das famílias nucleares, esta possibilidade pode interessar de perto a coabitantes não ligados por laços de parentesco, que podem economizar custos, compartilhando serviços, ao mesmo tempo em que isolam-se em espaços individuais maiores.

Pode-se também recusar a idéia de que trata-se de um serviço, até mesmo de que trata-se de uma atividade convivial, e preferir associá-la à cada vez mais reivindicada privacidade individual. Neste caso, conjuntos como o proposto pelos arquitetos austríacos do escritório Coop Himmelb[l]au, confessamente influenciados pelos ingleses do Archigram, poderiam

5 Citadas por Frampton, K. **Histoire Critique de l'Architecture Moderne**, *op. cit.*, p. 153.

6 Do francês *pièce de vie*.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

funcionar como blocos móveis de cozinhar, sobre rodízios, a serem levados para o espaço individual - provavelmente aumentado - de cada membro do grupo, apenas quando necessário - por exemplo, nos tais dias escolhidos em que se quer cozinhar por deleite. Os pressupostos técnicos já existem: além de bancadas como a austríaca, conexões para alimentação e evacuação de água e gás, permitindo o deslocamento dos equipamentos, foram executadas, por exemplo, em um dos apartamentos do *Next 21 Experimental Building*, da japonesa *Osaka Gas Company*. Na proposta que os arquitetos franceses Loïc Julienne e Jean-Marie Mandon apresentaram ao PAN de 1987, carrinhos culinários como estes são equipados apenas com um *réchaud*, forno micro-ondas, e um pequeno refrigerador.[7]

Ainda considerando a tendência de individualização crescente dos interiores domésticos, a partir das reivindicações por privacidade, pode-se também pensar em instalar blocos de alimentação fixos de apoio nos espaços individuais, imaginando que eles possam ser usados para preparar pequenas e rápidas refeições, bebidas quentes, etc. E por que não? Afinal o quarto de dormir, atual espaço individual nas habitações das tres áreas em questão, tem recebido uma autonomia crescente, através de diversos dispositivos: a inclusão de uma pia, em casos franceses, a inclusão de um banheiro completo, em casos brasileiros - transformando-o em suíte -, de equipamentos de comunicação à distância - telefone, fax, micro-computadores com *modem* -, de entretenimento individualizado - aparelhos de som, e televisores com *vídeo cassette recorder*, por exemplo -, e até de alimentação, no caso da inserção de pequenos frigobares, precisamente. Diversos expedientes que visam, voluntariamente ou não, aumentar a autonomia do morador deste espaço. O objetivo final? A independência total, provavelmente. Moradia dentro da moradia, caso típico daquelas que abrigam famílias nucleares com filhos adolescentes, como ilustram, há já alguns anos, diversas matérias em jornais e revistas de grande circulação dos tres países estudados, mas cuja fórmula pode também convir a coabitantes sem vínculo familiar, por exemplo. De qualquer forma, sempre é bom lembrar que estas reflexões sobre a evolução do espaço de

7 Citado por Eleb-Vidal, M. **Penser l'habité. Le logement en questions.** Liège: Pierre Mardaga éditeur, 1988. P. 95.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

preparação de alimentos tem como pano de fundo dados estatísticos japoneses e franceses mostrando que tem aumentado a parcela gasta pelos grupos domésticos em refeições fora de casa, e dados brasileiros revelando o aumento de restaurantes nas maiores cidades do país, o que significa um deslocamento desta atividade para a esfera pública.[8] Em breve, talvez a própria maneira de se alimentar estará sendo revista.

COMER



Comer, hoje

Já foi dito que o ato de comer significou, a partir da mudança da corte francesa para a capital do país, em fins do século 18, o nascimento de uma vida de recepções gastronômicas, da própria etiqueta, uma vez que à sociedade da época pareceu necessário que esta atividade, quando realizada socialmente, obedecesse a algumas regras. Por constituirem o palco privilegiado dos encontros familiares, o ato de comer, e, por extensão, o cômodo onde normalmente se comia e seus móveis, chegaram a ser o símbolo da própria união do grupo familiar, assim como a sala de visitas constituía a sua face pública.

Visto pelo prisma da atual postura de culto ao corpo, comer hoje significa preocupar-se com a qualidade do que se come, com a sua procedência, mas também com a qualidade do momento de comer. Busca-se a calma e a pausa no *stress* cotidiano por razões terapêuticas, mas também por prazer.[9] É este ritmo intenso que, somado às grandes distâncias físicas metropolitanas, tem empurrado a atividade de comer para mais e mais longe do espaço

8 Em 1965, a família média japonesa gastava 6% da renda familiar comendo fora de casa, e 2,9% comprando comida pronta, comprometendo aí apenas 8,9% da renda. Em 1992, já se gastava 14,9% comendo fora, e 8,7% com comida pronta, o que comprometia quase um quarto da renda familiar (23,6%). (Asahi Shinbum, *op. cit.*, p. 194). Os gastos da família média francesa com compras de alimento caíram de 36% em 1960 para 18,5% em 1994. A crescente participação da mulher no mercado de trabalho parece ser a principal razão do sucesso de pratos rápidos, priorizando menus simples compostos de congelados e conservas. (Relatório Les modes de vie. Ministère des Affaires Etrangères, setembro 1995.) Segundo levantamento da revista Veja, uma em cada quatro refeições dos brasileiros é feita fora de casa, em 756 mil restaurantes espalhados pelo país: eram 400 mil em 1991. Se esta porcentagem fosse medida apenas na cidade de São Paulo, seria, provavelmente, mais alta. (Veiga , A. Bye, bye fogão. *In*.Revista Veja, 24 de junho de 1998, p. 76)

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

privado. Almoça-se em restaurantes por quilo paulistanos, em restaurantes da própria empresa ou em *fast-foods* parisienses, ou come-se um *obentô*[10] em uma praça pública de Tokyo. O outro lado da moeda, o ato de comer acompanhado, como um pequeno evento social, também tem sido deslocado para restaurantes das tres metrópoles estudadas, em vista da redução de área do espaço doméstico. O caso extremo, como se viu, é o dos japoneses que tem de limitar-se a restaurantes ao convidar alguém para jantar, e onde 'jantar fora' está em primeiríssimo lugar dentre as opções de lazer da população, há anos.[11] As refeições em família, cotidianas, aqueles momentos privilegiados de convívio do grupo, também estão, em toda parte, tornando-se um retrato na parede. Primeiro, porque as pessoas, quando comem em casa, chegam, comem, e saem em horários nem sempre coincidentes. Em muitos casos, os pais comem no trabalho, e os filhos, sozinhos diante do televisor ligado. À noite, a possibilidade de encontro parece ser maior, é verdade, mas, também aí, a televisão porta-se como mediador das relações familiares, nas tres áreas.

Comer, modelo convencional

O cômodo específico para refeições, sejam as do grupo consigo próprio, sejam as que o grupo oferece aos seus convidados, tem tido dificuldade para encontrar lugar na unidade habitacional atual. O mais comum é vê-lo abandonar suas paredes, juntar seus móveis, e fusionar-se com o espaço de preparação de alimentos - a mesa de refeições na cozinha - ou com o espaço de estar - a mesa de refeições na sala. Esta descrição simples, que corresponde à realidade da maior parte das habitações parisienses, paulistanas e toquioítas, deixa de valer quando se fala dos mais ricos. Como um remanescente de modelos passados, nestas casas o cômodo costuma existir, à parte ou como prolongamento da sala de estar. Aliás, na categoria, merece destaque a habitação burguesa japonesa, que costuma exibir duas salas de jantar contíguas: uma, à maneira tradicional, com a mesa baixa rodeada de almofadas sobre um piso de *tatami*, a outra, acarpetada, com mesa e cadeiras ocidentalizadas.

9 No Japão e na França, dados os antigos hábitos locais relacionados com a alimentação, esta ordem estaria, possivelmente, invertida: o tradicional momento de prazer passa, mais recentemente, a ser um auxílio no combate ao *stress*.

10 O *obentô* é uma refeição japonesa completa, individual, acondicionada em uma pequena caixa, largamente consumida pelos japoneses em geral, e notadamente por trabalhadores que comem fora de casa, viajantes, estudantes.

11 Segundo dados do Japanese Leisure Development Center. *In:* Asahi Shinbum, *op. cit.*, p. 262.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

Mas comum mesmo, em qualquer um dos tres países e em qualquer classe social, é que se coma assistindo televisão, e isso não depende muito do cômodo: pode até ser no próprio quarto, como reivindicam adolescentes brasileiros entrevistados pela revista Veja.[12] A única sobreposição funcional não desejada parece ser com as *toilettes*, o que é, de resto, compreensível.

Uma última consideração é necessária: nas tres áreas, o espaço de comer nutre uma relação estreita com os espaços abertos, não confinados. No Japão, isto não passa de uma imensa obviedade. Além dos *obentôs* comidos às pressas em praças públicas, os *pic-nics* são uma fórmula extremamente apreciada pela população, e não se restringem aos parques: basta uma árvore, ou alguns metros quadrados de grama, ou, simplesmente, um banco na calçada de uma avenida movimentada. Não parece nada, mas já o fato de se insistir em fazer *pic-nics* em meio a uma metrópole tão densamente construída e povoada como Tokyo é digno de nota. Esta espécie de obstinação pelo ar livre repete a relação tão clara e direta entre homem e natureza recriada, cuja ilustração clássica continua sendo a relação entre a mesa de refeições e o jardim-artefato interno da *machiya*, a casa urbana tradicional. E no entanto, apesar das tradições, se se quiser ter certeza de encontrar lugares para comer em Tokyo, basta ir ao sub-solo de qualquer dos grandes edifícios, ou das *department stores*, ou das estações de trem. Aí, come-se longe de qualquer possibilidade de contato com a natureza, como, aliás, em qualquer apartamento metropolitano comum. Talvez em menor grau do que os japoneses, os franceses também adoram comer ao ar livre, nos períodos do ano em que isso é possível, climaticamente falando. Diferentemente dos toquioítas, os restaurantes parisienses quase nunca se situam em sub-solos escuros. Ao invés disso, Paris tem o agradável e histórico costume de degustar refeições, lanches ou um simples café em mesas na calçada de ruas arborizadas. Talvez a exemplo disso, o lugar onde se come, dentro da moradia, costuma merecer algum cuidado: costuma ter janelas, quando não generosas, pelo menos próximas da mesa, iluminando-a e, se possível, com alguma

12 Guia para pais aflitos. *In* Revista Veja, 21 de Fevereiro de 1996. Pp. 46-51.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

vista para o exterior. Em São Paulo, as mesas ao ar livre são privilégio de umas poucas praças em uns poucos bairros. Provavelmente o sol tão forte e o calor tão intenso, em boa parte do ano, afugentem o paulistano para interiores com temperatura mais amena, onde há menos barulho, menos poluição, menos olhares de mendigos. O procurado espaço idílico, ou suas representações, costuma estar nas protegidas praças de alimentação de certos *shopping centers*, que chegam a recriar simulacros desta natureza perdida sem visão de nenhum fragmento do exterior além do céu. Nos apartamentos comuns, a tipologia mais recorrente é a da pequena sala com planta em forma de 'L'. Uma das pontas do 'L', geralmente a mais afastada da janela principal, destina-se à mesa de refeições. A outra, mais iluminada naturalmente, costuma abrigar a zona de estar.[13] Resta o churrasco como momento privilegiado de refeição ao ar livre, modalidade tão apreciada pela população que muitos edifícios e condomínios colocam à disposição dos moradores churrasqueiras nas áreas comuns externas. Enquanto o *pic-nic* é visto como popularesco e as refeições em restaurantes ao ar livre como elitizadas, o churrasco, pelo menos no que tange seu formato e não seu conteúdo, é, sem dúvida, o denominador comum de todas as classes sociais no Brasil de hoje.

Comer, revisões

Como e onde comeriam *singles* morando sós ou em grupo? Uma primeira resposta já é dada, hoje, pelo *design* de móveis e de objetos. Módulos móveis, como propõem os arquitetos citados Julienne e Mandon, levam as refeições ao estar individual de quem não quer deixar a TV para ir sentar-se à mesa. Aliás, mesa, só para quando houver convidados. Pouco utilizada, ela até pode tornar-se escamoteável, dobrável, liberando alternadamente o espaço para outras funções. Caminho diferente é o apontado pelo *designer* francês Philippe Starck, que pensou em mesas altas com cadeiras igualmente altas, como as de balcões de bares, destinadas a refeições rápidas, de quem não muito tempo. É também em parte graças aos

13 O formato em 'L' decorre, na verdade, de um problema mal resolvido de projeto, uma sobra de área no centro do apartamento, e que os incorporadores conseguiram vender apelando para o suposto luxo de uma sala de dois ambientes: um em cada ponta do 'L'.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

designers que os equipamentos de preparação de alimentos tem se tornado tão pequenos e plasticamente tão expressivos, a ponto de poder-se muito bem prever uma consolidação da atual proximidade espacial entre as atividades de preparar e consumir alimentos, otimizando deslocamentos dentro da unidade, concentrando tarefas a fins.

Por outro lado, é razoável imaginar, como já se disse, que pessoas cada vez mais preocupadas em encontrar na boa alimentação um antídoto para as conseqüências das tensões cotidianas comecem a levar em conta as qualidades espaciais do lugar da casa onde consomem estes alimentos. A relação com o exterior, ainda que descartando bucolismos desnecessários, tende, neste caso, a tornar-se uma premissa reivindicada: luz natural e farta, aberturas externas apenas protegidas de olhares curiosos, possibilidade de alguma vegetação, visões escolhidas do entorno imediato, o que inclui o céu que, como lembra o arquiteto japones Tadao Ando, conhecido pelos seus pátios internos e suas aberturas zenitais, "também faz parte da natureza".[14]

Diante da maneira ambígua segundo a qual os limites entre os espaços de recepção, de estar, de cozinhar e de comer são percebidos, mas também diante de áreas pequenas demais para recepção de convidados ou para uma preparação prazeirosa de alimentos - a preparação como lazer -, diante, ainda, da ociosidade a que seria possivelmente condenado, como se viu, um espaço exclusivamente consagrado à recepção de convidados, pode-se de novo lançar mão de dispositivos que confiram flexibilidade a estes limites. Painéis móveis, se se pensa em cômodos relativamente opacos, ou equipamentos móveis, se se prefere incentivar a justaposição de funções, permitem ora reduzir a cozinha ao mínimo, ora ampliá-la para que contenha a mesa de refeições, ora contar com tres cômodos fechados e distintos, um para preparação de alimentos, outro para seu consumo, outro para convívio. Divisões mais ou menos opacas ou absolutas, como sugere, por exemplo, a elegância da solução em policarbonato translúcido, realizada por Kazuyo Sejima para a sua *Y-House*, em Chiba,

14 Palestra para arquitetos em Osaka, Japão, em 11 de março de 1994.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Japão.

Revista sua localização em áreas de acesso público ou na esfera privada, resta imaginá-la transferida para a instância coletiva, onde poderá interessar, por exemplo, moradores com mobilidade reduzida, pessoas idosas, ou os novos *singles* trabalhando à distância a partir de suas casas que, de uma certa maneira, também se enquadram nesta categoria. Quanto ao formato desta alternativa, poderá incluir restaurantes e refeitórios, é claro, mas também serviços mais simples como os de entrega a domicílio de pratos rápidos elaborados em uma cozinha central - mais ou menos o que imaginou Le Corbusier nas suas *Unités d'Habitation* -, ou então limitar-se a centrais de estocagem e preparação de congelados. Também na esfera coletiva situam-se locais ao ar livre onde, a exemplo das churrasqueiras da burguesia brasileira, se possa fazer uma refeição, quando o tempo livre permitir. Nos pátios abertos situados no interior das quadras parisienses - algumas tentativas como as dos arquitetos Frédéric Borel e Jacques Ripault, em Belleville, permitem entrever a viabilidade da idéia -; ou no topo dos edifícios toquioítas, lugar privilegiadíssimo em um entorno tão densamente construído e povoado, por estar ao ar livre; ou ainda dentro de conjuntos habitacionais, em geral.

ENTRETER-SE



Entreter-se, hoje

As profundas alterações que esta função veio sofrendo durante este século acentuaram-se nitidamente nas últimas décadas com a supervalorização do espaço doméstico e o conseqüente consumo de equipamentos diversos. Passa-se cada vez mais tempo em casa, nas tres

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

áreas metropolitanas em estudo. A idéia de que o lazer doméstico se valoriza, principalmente, com o uso de produtos eletrônicos e tendo como pivô a televisão é reforçada, claro, pela própria midia, e impulsionada pelas relativamente recentes possibilidades de acesso às imagens da televisão internacional via satélite, por cabos ou por antenas, em Paris, São Paulo e Tokyo. O que vem resultar no consumo crescente de novos aparelhos eletrônicos - televisores, mas também leitores de discos, de vídeos, aparelhos telefônicos, etc - com cada vez mais recursos. Aparelhos de fax domiciliar e a conexão à Internet *via modem* permitem, juntamente com o telefone convencional, a utilização de serviços de *homebanking* e *homeshopping*, tornando mais confortável o lazer em casa. Este traduz-se, também, por mais tempo com os filhos que, em menor número, são encarados com maior respeito do que há algumas décadas. Aliás, em muitos casos, são eles os que mais usam o micro-computador que equipa um número crescente de lares, e que, mesmo não conectados à Internet, oferecem possibilidades de jogos, por exemplo. Maravilhas eletrônicas à parte, os mercados editorial e fonográfico também têm aumentado o número de seus títulos: nunca se viu uma tamanha profusão de jornais, revistas, livros e discos.

Entreter-se, modelo convencional

Contudo, além da instalação deste ou daquele aparelho, estas transformações no campo do entretenimento doméstico, se se pode chamá-lo assim, não implicaram em modificações substanciais na organização do espaço, nem em Paris, nem em São Paulo, nem em Tokyo. Nas tres áreas, entreter-se em casa significa, basicamente, ler, assistir televisão ou a filmes em VCR[15], escutar música, tudo isso sozinho ou acompanhado. Em geral, estas atividades tem sido realizadas em todos os cômodos da casa, incluindo aqueles que alguns autores insistem em chamar de espaços de curta permanência. A prioridade, quando se pode escolher, parece ser dada aos que oferecem maior conforto - quartos e salas, com suas camas e sofás - já que aí costumam situar-se leituras e equipamentos, mas os critérios

15 *Video cassette recorder*, leitor e gravador de fitas de vídeo, popularmente conhecido no Brasil por Vídeo Cassete.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

também parecem incluir o nível de concentração ou de privacidade desejados: lê-se um livro no terraço, assiste-se televisão na cozinha, conversa-se em particular no quarto, brinca-se no chão da sala, joga-se bola no corredor...

Finalmente, também é importante lembrar que o entretenimento externo à habitação ocupa, nas tres metrópoles, um lugar bastante importante na vida cotidiana dos grupos domésticos. Passa-se muito do tempo livre em espaços de acesso público - cinemas, teatros, bares, casas noturnas, parques -, mas também nos serviços oferecidos pelas habitações coletivas - piscinas, quadras, *play-grounds* - que, curiosamente, são burguesas em São Paulo e de interesse social em Paris e em Tokyo.

Entreter-se, revisões

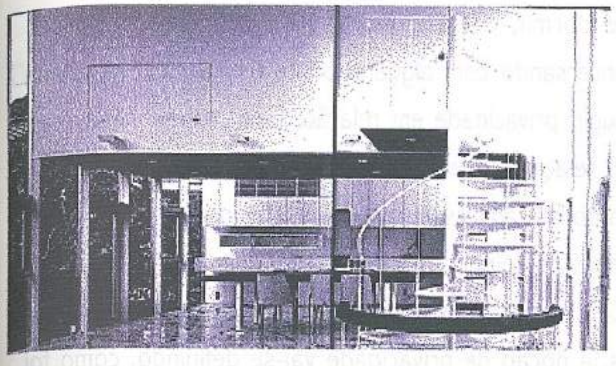
Antes de mais nada: se o tamanho das habitações diminui e o tempo livre passado nelas aumenta, todos os seus espaços tornam-se, potencialmente, espaços de lazer. Sobretudo no que se refere às unidades menores, já salta aos olhos que, para que seus moradores se entretenham sem sair de casa, de maneira confortável e com um mínimo de escolha entre diferentes atividades, eles vão precisar de mais área. Até porque o divertimento em casa, tanto sozinho como com a família ou amigos, costuma vir acompanhado de outras atividades afins - refeições mais ou menos rápidas, por exemplo - que também demandam espaço. Isto não significa - nem exclui - que a área total da habitação deva, necessariamente, aumentar, mas que sua distribuição entre as várias necessidades deverá ser, de qualquer forma, revista. Uma possibilidade de rearranjo é a compartimentação móvel do espaço, de modo que se possa reorganizá-lo facil e continuamente: ler o jornal, brincar de *video game* ou montar um autorama demandam espaços e assessórios nitidamente distintos. Outra alternativa é rever o desenho de equipamentos e mobiliário - eventualmente também flexíveis? - no sentido de otimizar as áreas agora reduzidas, mantendo a possibilidade de

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

uma grande variedade de atividades de entretenimento: lê-se sobre um pequeno mezanino, embaixo do qual navega-se na Internet.

A questão, no entanto, que se coloca mais centralmente sobre o tema é a da sobreposição de usos de equipamentos - por exemplo, o micro-computador - para atividades de entretenimento mas também de trabalho, de estudo, de controle das finanças domésticas, etc. Um desenvolvimento que se anuncia é a união entre micro-computador e televisor em um único aparelho comandado por uma espécie de '*mouse*-remoto'. Um novo equipamento, transitando por diferentes territórios funcionais, mais ou menos como o telefone que auxilia trabalho, amizades e compras. O telefone multiplicou-se dentro do espaço doméstico, perdeu o fio que o fixava a certos pontos da casa, até tornar-se móvel, celular, transportado no cinto ou na bolsa. Mas talvez ainda seja cedo para que se comece a instalar micros e televisores pela casa toda. Anunciam especialistas da estatura de Nicholas Negroponte, diretor do *Massachussets Institut of Technology*, em Boston, que o futuro próximo trará a fusão, em um único aparelho, do computador, do televisor e do telefone. Nam June Paik, o coreano artista plástico novaiorquino, guru dos conceituais dos anos 1980, já cantou esta pedra faz tempo. Para ele, não está longe o dia em que a lista telefônica e a revista de programação da TV serão um mesmo e único livro. Um livro impresso, Paik? Controvérsias à parte, pode-se muito bem supor que esta multifuncionalidade dos equipamentos causará, senão uma sobreposição, pelo menos uma alternância de atividades nos espaços da habitação onde eles venham a ser situados.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



Dormir, hoje

Desde tempos em que nem casa existia, a habitação sempre foi o abrigo noturno de seus moradores, protegendo-os em seu período cotidiano de maior vulnerabilidade. Sempre, até recentemente. É verdade que a definição, endossada pelo senso comum, de que o domicílio é o local onde se dorme e onde se estocam objetos pessoais também vem deixando de ser suficiente, diante do aumento do número de pessoas dormindo fora de casa, levadas a viajar freqüentemente a trabalho, ou passando cada vez mais noites em casa de amigos ou com namorados e namoradas. Na falta de hábitos mais regulares com relação ao sono, sua principal referência fica sendo a estocagem de objetos pessoais: moro onde guardo meus pertences. O que parece estar acontecendo, à primeira vista, é uma migração, ou, em todo caso, uma extensão da atividade de dormir para além dos limites privados da habitação, para pontos situados, inclusive, fora da esfera coletiva. Diante destas tendências, o arquiteto japonês Atsushi Kitagawara fala em nomadismo urbano - "Voltar para casa perderá, provavelmente, o sentido, no futuro"[16], disse. Um nômade, sim, mas diferente do modelo viriliano, aquele desesperançado em uma sociedade sedentária, na qual as relações se pautam pela mediação eletrônica e pelo deslocamento virtual.[17] Um nômade mais próximo da compreensão do também arquiteto e também japonês Toyo Ito, que vê as pessoas como "nômades em uma floresta que nós chamamos de cidade, onde cada um define seu território pelos caminhos que trilha."[18] Um habitante de não-lugares e, por estranha conseqüência, da própria cidade.

16 Entrevista a M. Tramontano, *op. cit.*

17 Ver Virilio, P. **L'inertie polaire.** Paris: Christian Bourgeois Editeur, 1990.

18 Ito, T. *in* Goulet, P. **Temps sauvage et incertain.** Paris: Les Éditions du Demi-Cercle, 1989. P. 26.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Dormir não admite sobreposições com outras atividades: quando se dorme, é óbvio, não se faz, em princípio, mais nada além de dormir, diferentemente de trabalhar e comer ao mesmo tempo, ou de tomar banho conversando com alguém, por exemplo. Um estado de extrema vulnerabilidade que sempre exigiu privacidade em relação, pelo menos, a pessoas externas ao grupo doméstico. Já com relação ao próprio grupo, esta reivindicação nem sempre foi central. Resumidamente, tanto as famílias européias de tempos pré-industriais quanto as *dôzoku*[19] japonesas e os primeiros colonos brasileiros costumavam dormir, todos juntos, em um mesmo e grande cômodo, e não raro - caso dos países frios - na mesma cama.[20] Durante os séculos seguintes, a noção de privacidade vai-se definindo, como foi visto, a partir da consolidação do espaço público. Se a população pobre nas tres áreas continuou passando as noites em cômodos compartilhados com outros membros do grupo, os casais da burguesia parisiense e paulistana vão dormir em quartos separados até que as reduções de área da virada do século os coloquem de volta, juntos, na mesma cama. No Japão, onde sempre se passou a noite com pouca privacidade em cômodos fechados por *shôji* e por *fusuma*[21], as crianças com menos de sete anos de idade costumam, até hoje, dormir com os mais velhos, o que é considerado um privilégio, uma pequena honra dentro do grupo. Defendendo a idéia de 'uma pessoa por cômodo', os bem-intencionados Modernos transformaram de vez o sono em um assunto de foro íntimo, associando-o a um espaço individual. Não havia por que não colocar aí os seus pertences pessoais, resultando no quarto como conhecido atualmente. Esta reivindicação por privacidade, ou até por individualidade, parece ser um consenso nas tres áreas em estudo. Irmãos apenas dormem no mesmo espaço quando não podem ter cada um o seu. Casais dividem o mesmo quarto e, em muitos casos, a mesma cama, obedecendo a tradições e valores sociais relacionados à vida familiar ainda pouco questionados. Na falta de pesquisas que avaliem o grau de satisfação de maridos e esposas com relação ao fato de dormirem juntos, verificando se eles aspiram ou não a espaços individuais, desconfia-se que o cerne do problema se esconda

19 Família extensa japonesa que, de maneira mais ou menos semelhante à família francesa pré-industrial, incluía empregados e aprendizes. O chefe da *dôzoku* possuía grandes poderes sobre os demais membros, e em grande parte por esta razão, a nova Constituição pós-Segunda Guerra Mundial decretou seu fim.

20 Está-se aqui chamando de cama um dispositivo eventualmente bastante distinto do móvel que conhecemos hoje por este nome. A historiadora Geneviève D'Haucourt não é a única a descrever o lugar onde se dormia como "uma caixa que se enche de feno, com um saco cheio de palha servindo de travesseiro", resultando em uma superfície possivelmente maior do que os 3 m2 atuais.

21 Portas de correr tradicionais japonesas de madeira e papel. As *fusuma* são feitas com papel espesso e opaco sobre um quadro de madeira, e as *shôji* - usadas, principalmente, em aberturas externas - são feitas com papel translúcido sobre quadro de madeira.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

por trás da questão financeira. Nas tres áreas, quanto mais pobre se é, de menos espaço individual se dispõe e menor o grau de privacidade.

Dormir, modelo convencional

A fórmula espacial mais comum é o quarto de dormir, nas tres áreas. Como já se disse, difere muito pouco de país para país, tanto em área como em equipamentos, e normalmente é preciso atravessar o espaço de convívio do grupo para se chegar a ele. Seu caráter de lugar de isolamento último, apartado do convívio com o mundo exterior, caiu por terra a partir de quando o rádio, o telefone, e, mais tarde, a televisão, o invadiram definitivamente, dividindo espaço com livros, aparelhos de som, de ginástica. Sim, o espaço se presta a sobreposições de função, visto que sua atividade principal costuma ocupá-lo apenas durante parte da noite. Na moradia da classe média francesa, o lugar onde se realizam pequenos trabalhos durante o dia torna-se território de convívio do grupo, ao anoitecer, e abriga, em permanência, o sono de algum deles, durante a noite. Situação que a classe média paulistana talvez relutasse em aceitar, mas que as classes populares da cidade conhecem bem. É o que mostra uma pesquisa coordenada pelo grupo Morada Evolutiva, no conjunto Nossa Senhora da Penha, em São Paulo. Segundo o grupo, as casas foram ocupadas por um número de pessoas bem acima do previsto, e os moradores admitiram dormir em todos os cômodos da casa, inclusive na cozinha e no corredor de circulação, mas de jeito nenhum no banheiro.[22]

Dormir, revisões

Dormir: sozinho ou acompanhado? Não seria surpreendente se os indivíduos que formam o casal começassem a reivindicar espaços privativos, onde pudessem encontrar-se consigo próprios antes do encontro com o outro. Dormiriam em um mesmo quarto, mas em camas

22 Citado em Atique, F., Tramontano, M. **Reflexão sobre a evolução recente do espaço da habitação para população de baixa renda na região da cidade de São Paulo.** Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica. São Carlos: FIPAI-USP/GHab, 1996.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

separadas, como fazem, faz tempo, muitos norte-americanos e norte-europeus? Ou em simples e convencionais quartos contíguos? Grandes camas em espaços individuais permitem que os encontros aconteçam, podendo estender-se a noite toda, no espaço de um ou do outro. Divisórias móveis entre estes espaços permitem a fusão ou a separação dos territórios, segundo humores e conveniências. Dormir, em qual quarto? Se até o armário de roupas pode ter-lhe sido retirado, levado para mais perto do espaço de banhos, restam neste quarto, hoje repleto, apenas alguns elementos *sine qua non*: um plano horizontal, macio, estável, onde se possa deitar, talvez alguma leitura para o início do sono, certamente um despertador para o seu final. Aí está, a função dormir quase completamente isolada das demais. Ou o quarto de dormir destina-se também a receber amigos, a exercitar-se fisicamente, a entreter-se, a comer, a trabalhar ou a fazer tarefas escolares. Já que, de qualquer forma, o morador não realiza a função dormir concomitantemente com as demais, a área de sono é separada. Mezanino, plataforma suspensa, cabine, alcova, ainda dentro do espaço de estar individual, reforçando a idéia de 'moradia dentro da moradia'. O mezanino cria um piso elevado, à parte, onde se organiza a atividade; a plataforma de dormir é um mezanino cujas dimensões teriam sido reduzidas ao mínimo estritamente necessário, onde cabem a pessoa lendo, a pessoa dormindo, a pessoa com mais uma ou duas pessoas, e só. Fechada, esta plataforma se converte em cabine, equipada com janela para o exterior ou com ventilação mecânica, isolada acusticamente para extremizar e conferir profundidade à experiência do sono. Finalmente, a cabine situada em posição contígua a um espaço maior, abrindo-se totalmente para ele pela ausência de um de seus lados, dele fazendo parte em momentos escolhidos, configura o que está-se chamando de alcova. Velha conhecida das habitações européias, proscrita pelos higienistas que a achavam difícil de arejar, pode agora retomar sua importância no espaço doméstico graças a novos e simples dispositivos de ventilação mecânica, quando necessários. Se a área de sono se desmembra das demais atividades individualizadas no estar privativo, ela já nem precisa manter com ele uma relação de proximidade. Os dispositivos imaginados - mezanino, plataforma, cabine, alcova,... - vão

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

localizar-se em outros pontos da unidade, estabelecendo novas relações funcionais com outros espaços. Ou, talvez, não estabelecendo relação nenhuma, no caso da cabine fechada. Esvaziado de sua função inicial, o quarto transforma-se agora em uma espécie de sala individual destinada a outras atividades do indivíduo. E o sono, que necessita, em princípio, de silêncio e de obscuridade para efetivar-se, transfere-se, na versão mais radical, para cabines completamente fechadas, talvez com sanitário privativo: um bloco agrupando isolamentos. Cabines, uma idéia absurda? Nem tanto. No Japão, uma espacialização parecida com esta já existe e tem nome - os *Capsule Hotels* -, ainda que constitua, é verdade, apenas uma cama de passagem, para uma noite esporádica longe de casa. A maioria dos habitantes das metrópoles talvez não tenha ainda aventado a possibilidade de passar a dormir em permanência dentro de cápsulas como estas, com exceção do grupo Archigram e de Kurokawa, autor da célebre *Nakagin Capsule Tower*. De qualquer forma, a diminuição da área dos quartos nos apartamentos contemporâneos tem sido constante, obedecendo critérios principalmente econômicos. Se a área dos dormitórios dos novos lançamentos ainda não caiu abaixo dos 9m², na França e no Brasil, e dos 4,5 *tatami*, no Japão, é porque há dispositivos legais estipulando valores mínimos, ainda que alegremente burlados, por exemplo, na época áurea do 'terceiro quarto opcional' - o minúsculo quarto de empregada já mencionado, com uma porta ligando-o ao corredor interno -, no Brasil dos anos 1980. No que concerne especificamente o espaço de dormir, a tendência atual é, de um lado, de diminuição de áreas por pressão das construtoras e incorporadoras, e vale lembrar que, no passado, muita legislação já foi revista por pressão de construtores; de outro lado, de produção de equipamentos eletrônicos cada vez mais miniaturizados, desenhados para formarem conjunto com um mobiliário também sempre mais otimizado, com peças de dimensões menores, que atendem a funções justapostas ou sobrepostas. Como se vê, por outros caminhos chega-se a *Nakagin*, e, desta vez, o arquiteto está, praticamente, fora do processo.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping



Defecar, urinar, hoje

Estas palavras pouco glamurosas são tão incontornáveis quanto as necessidades que elas nomeiam. Preferiu-se separá-las do ato de lavar-se porque em Paris e em Tokyo tais atividades se realizam em espaços distintos, diferentemente de São Paulo onde, em geral, um cômodo único, o banheiro, reúne todas as funções de higiene. São atividades bastante individualizadas, que costumam estar estreitamente ligadas à noção de privacidade, ainda que isto também tenha fortes chances de estar mudando. Não é de se espantar que, em portugues, a própria palavra 'privada' ache-se associada ao assunto. Mas esta privacidade reivindicada não busca exatamente ocultar dejetos pessoais de olhos alheios, já que deles pouco se vê, desaparecidos rapidamente em vasos de louça ou de fibra sintética, encanamentos adentro. Oculta-se, isto sim, a pessoa que atende a estas necessidades fisiológicas, mesmo que o ato de urinar em público seja, em geral, socialmente tolerado. Efetivamente, sobretudo em Paris e em Tokyo, é bastante comum que homens de todas as classes sociais e de todas as idades urinem nas ruas - em cantos, em árvores -, o que, se, por um lado, incomoda quem vê, por outro, não os manda para a cadeia.[23] Já defecar em público é bem mais raro nas tres áreas e, provavelmente, suscitaria reações menos indulgentes.

A regulamentação da privada londrina por ação da água, por volta de 1855, e sua disseminação na Europa continental nas décadas que se seguiram, delimita com clareza o

23 Vale lembrar que a França dispõe de curiosos mictórios individuais nas ruas, muito populares em todo o país desde o século passado. Trata-se de uma espécie de pequeníssimo quiosque com espaço para uma única pessoa - um homem, em geral - de pé, protegida visualmente por um anteparo que apenas lhe esconde o corpo da altura dos ombros aos joelhos.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

curto período, vigente ainda hoje, marcado pelo distanciamento definitivo entre o homem e seus dejetos pessoais. Na otimista Europa dos anos 1960, chegou-se a pensar em equipar as residências com sanitários automáticos auto-limpantes na implacável cruzada da época contra a invisível mas ameaçadora entidade chamada germe. Mas além de formas mais ergonômicas, variadas, e recorrentes em todas as partes do mundo, e de aperfeiçoamentos nos sistemas de evacuação dos dejetos por ação da água, dos quais o mais eficaz parece continuar a ser o que no Brasil se conhece por 'caixa acoplada', o máximo que se fez sobre o uso destes equipamentos foi o *washlet*[24] japonês, que não passa, no fundo, de um *gadget*. Agradável, mas um *gadget*.

Defecar, urinar, modelo convencional

Tanto França quanto Japão chamam pelo mesmo nome - *toilette*[25] - um espaço que se parece muito nos dois países: um compartimento minúsculo de paredes não impermeabilizadas, contendo apenas o vaso sanitário, localizado à entrada da unidade ou diretamente acessível a partir da entrada, dotado de ventilação mecânica e iluminação exclusivamente artificial, portanto sem janelas externas, em grande parte dos casos. Os franceses vão além e mantêm, em muitos dos edifícios parisienses remanescentes de antes da Primeira Guerra Mundial, sanitários no corredor coletivo do prédio servindo ora um único apartamento, ora vários. O exemplo clássico desta situação, mas não único, é a utilização contemporânea das *chambres de bonne*[26] dos últimos andares dos edifícios haussmanianos. Já o brasileiro costuma fundir *toilette* e espaço de banhos, como se viu, ou às vezes apenas acrescentar-lhe uma pia - chamando-a então de lavabo -, assemelhando-a ao modelo japones cuja caixa acoplada possui um pequeno lavatório para as mãos. O brasileiro, aliás, costuma ser o mais generoso dos tres, multiplicando pela casa o número de vasos sanitários: em geral um para uso da família - podendo haver mais de um se houver suíte -, um para a empregada doméstica, nas proximidades da cozinha, e um eventual

24 O *washlet* – corruptela de *washing toilet* – é um assento sanitário lançado no Japão em 1994, com um pequeno painel de controle eletrônico acoplado que, além de aquecê-lo, vaporiza, seca e perfuma as nádegas do usuário.

25 A palavra japonesa é *toirê*, ou *toilet* pronunciada à japonesa.

26 Em português, quartos de empregada. São os quartos normalmente situados dentro do volume da cobertura dos prédios antigos, que abrigavam o pessoal doméstico dos apartamentos dos demais andares. Hoje são ocupados em separado dos apartamentos e, em geral, um único *toilette* é agenciado para todo o andar.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

terceiro, para as visitas, próximo à área de refeições, o lavabo. A suíte francesa, normalmente oferecida em apartamentos caros, costuma colocar o vaso sanitário na *salle de bains* apenas quando se trata do único quarto da unidade. Dispondo-se de mais de um quarto, o que se costuma encontrar é uma *salle de bains* privativa de um dos quartos - às vezes a única do apartamento - e a *toilette* próxima à entrada, como sempre. O que importa é que, por ser um dos cômodos caros de qualquer unidade habitacional, acabou tornando-se um atestado inoficial de saúde financeira, mais ou menos como o número de chaminés na cozinha dos castelos do século 16. A burguesia brasileira que o diga, em cujas casas pode-se encontrar inacreditáveis e inexplicáveis quantidades de banheiros. Mas, a julgar por hábitos de países mais contidos, França e Japão, por exemplo, parece ser consenso que possuir um banheiro em seu quarto - morar em uma suíte, ainda que compartilhando uma única *toilette* comum - é sinônimo de um almejado conforto e de uma compreensível independência em relação ao grupo. Novas maneiras de se relacionar com o próprio corpo, menos púdicas, largamente estimuladas pela mídia, contribuem para diminuir as reservas que historicamente cercam estas atividades. Passa a ser normal falar do assunto em família ou entre amigos, coisa impensável há algumas décadas.

Defecar, urinar, revisões

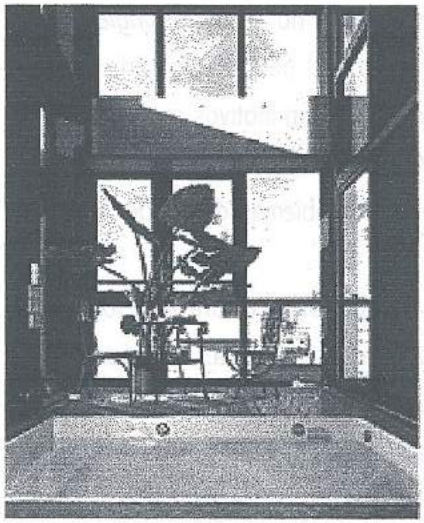
Não há indícios de que se queira fazer migrar a *toilette* para outra esfera, confinando-a novamente nas instâncias pública e coletiva, até porque dispor deste conforto no espaço privado é uma reivindicação de mais de um século, e ainda não conquistada por todos. À pergunta sobre se a privacidade deveria ou não continuar protegendo a realização destas atividades dentro do espaço doméstico, a resposta parece ser um sonoro 'sim'. Em nenhuma das tres áreas, em nenhuma classe social, em nenhuma proposta de nenhum arquiteto ou agente imobiliário foi encontrada uma única *toilette* sem portas, que permitisse pensar que os moradores gostariam, eventualmente, de abrir este espaço ao convívio dos demais

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

coabitantes. Mesmo no caso dos realmente ricos, onde banheiros feitos sob encomenda para casais que trabalham fora possuem dois vasos sanitários, cada um deles situa-se em um compartimento fechado, isolado. No entanto, especialmente no caso de *singles*, mas também de casais sem filhos, sejam jovens ou idosos, é razoável pensar que seria melhor consultá-los caso se necessite ter certeza absoluta: uns e outros tem motivos para quererem livrar-se das portas e até mesmo das paredes das *toilettes*: os jovens, explorando os limites do pudor convencional, e os idosos, pensando em eventuais problemas de saúde.

No entanto, quando não se situa dentro do espaço de banho, como no Brasil, a *toilette* é, geralmente, cega - sem janelas para o exterior e com ventilação mecânica. A pergunta que se pode fazer é: uma vez que as relações com o corpo tornam-se menos púdicas, ou se esta realização pode ser prazeirosa quando acompanhada por leitura ou por ouvir música, pode-se achar que este espaço, tradicionalmente classificado entre os tais de curta permanência, transforme-se em mais um espaço de relaxamento, de entretenimento, etc? Se, neste caso, a resposta for sim, então este espaço com certeza mereceria melhor tratamento do que o que tem recebido. Talvez janelas, quem sabe vista para o exterior, luz e ventilação naturais,... Música e livros já são comuns. O próximo passo? Talvez receber imagens externas da televisão.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



Lavar-se, hoje

Não seria possível falar de banhos considerando apenas sua função higienizadora. Lavar-se, hoje, em Paris, em São Paulo ou em Tokyo, significa mais do que simplesmente limpar-se. Primeiro, por razões climáticas: o banho refresca nos trópicos e aquece em climas mais temperados. Segundo, por ser usado como ítem sensual em motéis brasileiros, hotéis de encontros franceses, *love hotels* japoneses. Terceiro, por estar-se tratando de modos de vida metropolitanos: o momento do banho, essa pausa mais ou menos diária, dependendo de costumes locais, para cuidar de si mesmo, ajuda a relaxar. O cuidado consigo mesmo e a busca de relaxamento trazem a reboque, de novo, a questão do culto ao corpo: o banho, seja de chuveiro ou na banheira, vem associado ao prazer, à saúde, à sensualidade, dizem os publicitários através de suas campanhas. Banhos de imersão fazem parte, em maior ou menor grau, das culturas nipônica e gaulesa. O *ofurô* equipa a imensa maioria das habitações toquioítas - por menor que sejam um e outras -, assim como a banheira européia está presente em grande número de lares parisienses. Há aí, com certeza, uma questão cultural, talvez climática, já que na São Paulo de hoje as poucas banheiras encontram-se, como se viu, nas suítes de apartamentos e casas das classes mais abastadas.[27] No entanto, em Paris, o banho de imersão é, ao mesmo tempo, higienizador e relaxante; em Tokyo, única e exclusivamente relaxante, mas com um forte viés convivial.[28] Em São Paulo, onde o *stress* sofrido pelos habitantes atinge níveis, no mínimo, equivalentes aos atingidos nas duas outras cidades, e onde os preços da água

27 Basta uma breve consulta aos principais fabricantes e distribuidores de banheiras da cidade de São Paulo: raras são as unidades vendidas sem aquecimento e motor para hidromassagem, equipamentos que tornam o preço final proibitivo para as classes populares.

28 O momento de limpeza com sabonete, no banho japones, se faz com o uso de uma torneira e um banquinho, situados ao lado do *ofurô*, ou, nos apartamentos modernos, através de um chuveiro de mão acoplado à mesma torneira. Entra-se no *ofurô* já limpo, apenas para relaxar, eventualmente acompanhado de algum outro membro da família.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

tratada são bem mais camaradas, o banho se faz, normalmente, com auxílio de chuveiro, e é visto, principalmente, como um expediente higienizador.

Lavar-se, modelo convencional

É de novo o Japão que propõe o banho mais sedutor. O espaço destinado a abrigar o *ofurô* é, no apartamento metropolitano típico, um cubículo sem janelas, em geral feito de fibra sintética termo-formada. Banheira e revestimento de piso e de paredes costumam ter o aspecto de uma *toilette* de avião. A grande vantagem, no entanto, é que este pequeno cômodo funciona como um box de chuveiro funcionaria em outras paragens, e pode ser inteiramente molhado. Uma torneira baixa compõe os elementos necessários para a lavagem corporal típica japonesa, na qual a ducha manual não passa de um adendo ocidental. A mesma ducha é encontrada em Paris, tanto em boxes quanto em banheiras que, nitidamente maiores do que as japonesas, costumam confinar-se, no entanto, em espaços igualmente desprovidos de janelas externas. Fora o box da ducha, quando existe, a impermeabilização das paredes da *salle de bains* francesa não é uma condição essencial, visto que o banho é, em geral, tomado sentado, e a ducha usada manualmente, fora do seu suporte na parede. Além destes cuidados, uma potente ventilação mecânica permite, inclusive, que muitas *salles des bains* recubram seu piso com carpete, sem medo de umidades inconvenientes. A *salle de bains* costuma também abrigar a pia, elemento utilizado na higiene corporal diária, onde partes do corpo são lavadas nos dias em que não se toma banho *à grand eau*.[29] Em São Paulo, a fórmula mais empregada é, sem dúvida, o chuveiro em seu box, situado, por sua vez, em um cômodo que abriga, além da pia, o vaso sanitário e, às vezes, um *bidet*. Costuma contar com janelas externas, ventilando e iluminando naturalmente, ainda que se situem, em geral, na parte alta das paredes buscando preservar privacidades. Nos tres casos, trata-se de um cômodo funcionalmente estanque e cuja opacidade só é quebrada pela janela externa brasileira e pelas portas translúcidas francesa e japonesa.[30] Enquanto

29 Em português, literalmente, banho com grande água. Designa banhos em que o corpo todo é molhado, por imersão ou sob água corrente.

30 Na França, é costume que a *salle de bains* seja fechada por uma porta de madeira e vdro translúcido. No Japão, o *kit* do espaço de banho compreende uma porta de alumínio e acrílico, do tipo das encontradas nos boxes de chuveiro brasileiros.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

todos os membros da família toquioíta tem que compartilhar um único *ofurô*, o paulistano médio, morador de um sala-tres-quartos bastante comum, por exemplo, costuma dispor de um chuveiro para os filhos, outro chuveiro para a empregada doméstica, e mais um chuveiro - ou banheira - para os pais, mais ou menos como fazem os franceses mais ricos. Um espaço privilegiado de convívio, ainda que restrito ao casal, ou dispositivo para ajudar os provedores do grupo a desempenhar bem suas funções profissionais, o que inclui pontualidade matinal. Por fim, o espaço de lavar-se parece ser, nas tres metrópoles, uma questão prioritariamente privada, situada, portanto, dentro do espaço doméstico. Localizações na esfera coletiva limitam-se a residências estudantis e a outras habitações coletivas do gênero, mas nunca nas tipologias aqui abordadas. Na esfera pública, os *sentô*[31], no Japão, ou as piscinas públicas, na França, que, junto com os *bains-douches*, já foram espaços de primeira grandeza do convívio social, são, hoje, paliativos de poucos, que almejam ainda vir a morar como a maioria, em unidades equipadas com chuveiro ou banheira.

Lavar-se, revisões

Abandonando práticas de pudor e de separação sexual, o ato de lavar-se inclui agora uma única ou diversas pessoas. No primeiro caso, a privacidade: associado aos espaços de isolamento da unidade, os equipamentos de banho vem ligados às *toilettes*, reiterando o banheiro brasileiro. No entanto, dadas as áreas cada vez menores já hoje atribuídas ao banho, e dado o pouco tempo disponível para a higiene matinal, é razoável prever-se, dentro de um pensamento eminentemente funcionalista, que o espaço de banhos restrinja-se a uma cabine - mais ou menos com as do Japão - que, por estar isolada, permite o uso concomitante do vaso sanitário. Uma cabine, onde? Agrupada aos espaços de isolamento, à - também cabine - de dormir? Neste caso, o espaço de banho torna-se individual, o que pressupõe uma revisão cuidadosa de seus equipamentos e acabamentos no sentido de viabilizá-lo economicamente. Mas esta cabine não significa, forçosamente, o isolamento. De

31 Local aberto ao público onde se pode tomar banho, mediante pagamento pelo serviço.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

uso comum, ela pode localizar-se em diferentes pontos do espaço doméstico, em função do *status* que se espera dar-lhe, podendo, inclusive, abrir-se - ou fechar-se - para os espaços adjacentes. Algo como a grande banheira familiar situada em uma alcova nas cozinhas da França mais antiga, das quais se separava, quando se separava, por uma simples cortina. Tornando-se convivial por abrir-se a zonas de convívio do interior doméstico, nada impede que esta cabine contenha um dispositivo parecido com um *ofurô* com capacidade para mais de uma pessoa, como o Ocidente tem-se também acostumado a conhecer. Também a expressão 'abrir-se' pode assumir, aqui, diferentes significados, compreendendo desde uma simples porta convencional até painéis que, ao serem movidos, suprimam completamente a vedação entre os espaços, fusionando suas funções. A banheira passa a situar-se no estar individual, mas também no estar coletivo, na área de preparação ou de consumo de alimentos, ao lado de um terraço externo, fechando-se, abrind-se, integrando-se em função das pessoas presentes, da relação entre elas, do conceito de pudor do grupo, etc. A idéia de um cômodo fechado e escuro vai, de qualquer forma, em sentido contrário às aspirações identificadas por fabricantes de equipamentos e especialistas. Como bem resume Antoine Prost, a partir do momento em que "o prazer se une à higiene, ele não é só legítimo, como também necessário".[32] Ou seja, se a eficiência do espaço de banhos e de seus equipamentos em atender as necessidades de higiene não precisa mais ser questionada, as luzes voltam-se para a questão do relaxamento. É, sobretudo, neste campo que o desenho atual destes espaços deve ser revisto, procurando prover luz natural e alguma relação, ainda que unicamente visual, com o exterior - respeitando, obviamente, a privacidade de quem quer lavar-se sem ser visto. Finalmente, é importante notar que, assim como em diversas outras funções, o mercado procura convencer seus clientes potenciais de que um relaxamento perfeito no momento do banho só pode ser conseguido através do uso de equipamentos sofisticados - banheiras com jatos motorizados, duchas possantes, aquecedores especiais, etc -, o que, evidentemente, não é verdade. Este, como tantos outros, é um problema a ser resolvido pelo projeto de arquitetura, e cabe ao projetista desenhar soluções criativas que

32 Prost, A. **A família e o indivíduo**. *In:* Prost, A., Vincent, G. (org) História da Vida Privada – Da primeira Guerra aos Nossos Dias. Volume 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. P. 102.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit www.foxitsoftware.com/shopping

apresentem alternativas ao espaço convencional - no que concerne sua função - mas também, em certos casos, ao que é proposto pelos fabricantes - no que concerne, sobretudo, o custo.

TRABALHAR



Trabalhar em casa, hoje

Na atualidade, as atividades de trabalho desenvolvidas dentro do espaço doméstico assumem, como se viu, feições bastante diferentes entre si. Desde o trabalho manual mais simples, mas que exige, eventualmente, mais espaço, até o trabalho intelectual que demanda, possivelmente, menos espaço mas muita concentração, sua inserção na habitação admite um grande leque de opções. Alguns pontos já mencionados sobre o assunto podem ser reafirmados.

Primeiro, é sempre bom lembrar que o tele-trabalho, isto é, aquele realizado à distância da empresa ou dos clientes, tem se viabilizado, fundamentalmente, através de equipamentos mais possantes de comunicação à distância, o que pode significar a entrada deles no espaço e na vida domésticos com passaporte de *white-collar workers*.[33] Isto pressupõe também que contatos humanos que digam respeito à profissão continuem a ser cada vez mais mediados pelos equipamentos, mas não exclui, de maneira alguma, que o espaço de trabalho, esteja ele onde estiver, possivelmente continuará recebendo pessoas por razões profissionais. Outra questão é o delicado balanço entre vantagens e inconvenientes de se trabalhar em relação de proximidade com a própria moradia e os familiares. Se, por um lado, é saudável não ter que enfrentar o deslocamento físico entre trabalho e casa a cada

33 Em português, trabalhadores de colarinho branco. Expressão inglesa que designa trabalhadores de escritórios em geral.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

começo e final de expediente, momentos em que atravessar qualquer uma das tres áreas estudadas pode, por diversas razões, beirar o pesadelo, é bom também não subestimar o *stress* causado pelas pequenas mas constantes mazelas da vida doméstica. Pode não parecer, mas, em certos casos, estas pressões familiares chegam a atingir níveis inacreditáveis, avisam os novos especialistas em tele-trabalho.[34] Poder isolar-se para trabalhar tranqüilo é, dizem, fundamental. Finalmente, há que considerar que isolamento demais também pode acabar atrapalhando. Longe da empresa, sem o convívio e os olhares dos colegas, o tele-trabalhador e o *homeworker* podem, com o tempo, experimentar um profundo sentimento de solidão profissional, correndo o risco de ver afetado o seu rendimento. O que só complicaria mais ainda as coisas, para todos.

Trabalhar-em-casa, modelo convencional

Normalmente localizado na esfera que aqui está sendo chamada de pública, o programa habitacional convencional não costuma incluir atividades de trabalho, ainda zeloso da idéia mecanicista industrial de separação entre espaço doméstico e espaço produtivo. Tais atividades estiveram em voga na habitação dos ricos, vide os escritórios domiciliares burgueses da virada do século, e de certa forma também na *tsukeshoin*[35] japonesa, que, é verdade, não se destinava forçosamente a uma atividade produtiva ou remunerada. Resistiram o quanto puderam na casa dos mais abastados ou dos intelectuais, mas foram desaparecendo em sucessivas reduções de área, até sumir por completo dos espaços onde os cortes foram mais drásticos. Permaneceram, contudo, heroicamente ao longo do século na moradia pobre dos que tinham que desenvolver alguma atividade em casa para sobreviver: no Brasil adquiriram, hoje, uma conotação, ora burguesa, quando se referem ao trabalho intelectual - o escritório -, ora popularesca, quando ali tratam de atividades manuais - a oficina. Já a tradição francesa e japonesa de valorização do trabalho manual artesanal coloca, provavelmente, ambos os espaços em um mesmo nível de valores. A reafirmação mais

34 November, A. Le télé-travail: quels emplois? Quel chômage? Quelles conséquences?. IUED. Genève, 1997.

35 Mesa embutida na parede da casa tradicional, em geral em uma pequena alcova com pé-direito menor, destinada à escrita.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

recente destas funções, nas tres metrópoles, se deve, sem dúvida, ao advento dos novos aparelhos de comunicação à distância, que tendem a equipar, aliás, também as oficinas.

Quando situado dentro da esfera privada da moradia, o espaço de trabalho tem se caracterizado pela definição de sua localização ou pela ausência dela. Localização definida significa uma área de trabalho fixa, em geral traduzida espacialmente por um cômodo fechado, isolado, ou por um espaço aberto - como um canto da sala de estar, um mezanino, uma mesa com estantes no quarto. Indefinido é aquele escritório ou oficina móvel, por aparente falta de escolha. Trabalha-se na mesa da sala de jantar, em um canto da cozinha, ou então leva-se o computador pela casa toda sobre uma mesinha com rodas. Na sobreposição de funções é, em geral, o trabalho que acaba levando a pior: para-se o trabalho para que a família possa jantar, ou na hora de preparar refeições, quando um dos ocupantes do quarto quer dormir, e por aí vai. Pode-se, no entanto, afirmar, e com enorme possibilidade de acerto, que a demanda por espaços de trabalho definidos e situados fora do espaço físico do empregador continuará a aumentar, ainda, e por um bom tempo.

Trabalho-em-casa, revisões

Situar esta função na esfera privada supõe questões específicas que serão vistas em detalhe, em seguida. Trabalhar na esfera pública, sem, no entanto, voltar para dentro da empresa, supõe algum lugar nas vizinhanças da moradia do trabalhador ou, em todo caso, em um ponto intermediário entre ela e a empresa. Algo como os escritórios-satélite japoneses. Uma situação na esfera coletiva quereria dizer fora da unidade habitacional mas dentro do edifício de apartamentos, ou do conjunto de edifícios ou de casas. No primeiro caso, pensa-se em um andar do prédio residencial concentrando espaços de trabalho para uso de todos os moradores-trabalhadores - os *tele* e os *homeworkers* -, ou em espaços distribuídos por todos os andares. Esta mesma idéia, aplicada a um conjunto, equivale, talvez, a um edifício

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

à parte concentrando todas as atividades de trabalho dos moradores, monofuncional ou complementado por outras atividades - pequenos comércios, restauração, serviços comunitários, por exemplo. Ao propor o reagrupamento de diversos trabalhadores em instâncias coletivas ou públicas está-se também pensando no problema da solidão e da necessidade de uma ambiência de produção profissional, no qual a produção individual seja, ao menos, notada.

Com relação ao seu formato, as estações de trabalho podem constituir pequenos cômodos funcionalmente estanques, com plano de trabalho, equipamentos de uso pessoal, dispositivos de estocagem para papéis e livros, por exemplo, apoiados por serviços comuns como secretaria e equipamentos que valham a pena ser compartilhados: os muito caros e os pouco usados individualmente. Reduzidos ao mínimo, estes cômodos são cabines cujas vedações espessas já contêm dispositivos de estocagem. Um simples terminal de micro-computador trabalha com programas armazenados em um servidor central, o que permite a compra de programas em comum, o que é sempre bem-vindo no caso de profissionais autônomos. Quanto menor a cabine, maior, talvez, a necessidade de espaços mais generosos, também de uso comum, para reuniões e sessões de trabalho em grupo. Esta possibilidade de arranjo, esboçada em rápidas pinceladas, baseia-se em uma visão bastante funcionalista do trabalho, conjugando eficiência e demanda por privacidade.

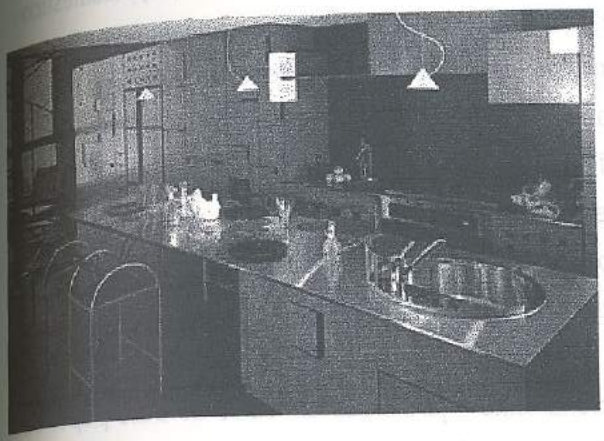
Outra alternativa, no entanto, deriva-se do conceito de escritório-paisagem: um grande espaço sem a delimitação de cômodos fechados, onde as estações de trabalho organizam-se mais livremente, eventualmente protegidas por pequenas divisórias móveis e elementos para estocagem. Consagrada em empresas que queriam aumentar a rapidez da comunicação entre seus funcionários e, assim, sua produtividade, aqui a fórmula é proposta pensando em criar um ambiente comum de trabalho, ainda que se trabalhe, eventualmente, para empresas distintas. A privacidade e a segurança necessárias em determinados momentos

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

justificam o uso de divisórias, portas e anteparos móveis, deixando aos usuários a possibilidade de manter fechados ou abertos seus postos de trabalho. Ainda sobre a questão da flexibilidade, pode-se imaginar configurações mistas que reúnam, em um mesmo grande espaço, cabines fechadas para uns e estações abertas para outros.

Alguns dos princípios de ocupação sugeridos para as instâncias pública e coletiva aplicam-se, sem problemas, à esfera privada. Por exemplo, pessoas trabalhando cada uma em seu apartamento ou em sua casa compartilham serviços de secretaria, espaços para reuniões e alguns equipamentos concentrados em algum ponto do edifício ou do conjunto. É uma idéia razoável: aos serviços que os edifícios já oferecem como apoio às necessidades habitacionais dos moradores está-se apenas acrescentando outros, que auxiliam uma nova necessidade acrescentada ao programa. A idéia de cabine de trabalho pode reduzir-se ainda mais dentro da esfera privada, transformando-se em algo como um 'armário de trabalho' que contenha, basicamente, a mesma coisa que as cabines, mas em dimensões reduzidas. Armário aberto, o escritório toma forma. Fechado, desaparece. Ainda que sua justaposição com outras funções pareça difícil por causa da suposta necessidade de concentração, pode-se ao menos imaginar o uso alternado de alguns espaços da moradia. Por exemplo, o armário situado no espaço de reunião do grupo. Apesar de pressupor uma grande rigidez e sincronização de horários, é aberto nos momentos em que o grupo está ausente, supostamente de dia, e fechado nos momentos de convívio, possivelmente à noite e nos finais de semana. Em outro caso, o mesmo armário situa-se em um espaço de dormir, em que a cama embute-se na parede ou em um desnível do piso no momento em que a estação de trabalho é configurada. Soluções próximas a esta tem sido usadas em novos apart-hotéis paulistanos e em pequenos apartamentos toquioítas. Armário ou não, a estação de trabalho, se for de uso individual, pode ainda situar-se dentro dos 'estares individuais' já mencionados, as tais 'moradias dentro da moradia', por serem locais de isolamento, propícios à concentração.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



Receber, hoje

O tema da recepção, que não inclui, aqui, a recepção de pessoas por razões de trabalho, envolve um pequeno impasse. De um lado, tem-se uma sociedade formada, em grande parte, por *singles*, ou, em todo caso, apresentando um perfil marcadamente individualista, para quem o contato pessoal passa a ter importância cada vez maior. De outro lado, tem-se espaços domésticos cada vez mais reduzidos, inviabilizando a realização de encontros sociais dentro da unidade. A vontade de receber, contudo, existe, aparentemente, nas tres áreas. No Japão, recebe-se em restaurantes, no *lobby* de hotéis caros quando se tem um pouco mais de meios, no aperto das diminutas *coffee-houses*[36], quando não se tem, encontra-se com amigos em parques quando o dia está bonito. A própria casa tradicional japonesa se caracterizava, como já foi visto, por um cômodo especialmente destinado à recepção de visitantes, hábito mantido em muitas das habitações atuais. Na França, convida-se para refeições, em casa. Conversa-se em torno da mesa, enquanto se come, e o número de convidados é função estrita das capacidades da moradia. O brasileiro recebe em casa, dificilmente em hotéis ou restaurantes. Recebe também no salão de festas do edifício ou do condomínio em que mora, ou do clube de que é sócio, ou de um *buffet* especialmente alugado - há de todos os preços e prestações, em São Paulo -, quando o número de convidados é grande, a data é especial, e a dimensão das despesas cabe no bolso do

36 Pequenos estabelecimentos comerciais com mesas e cadeiras, funcionando basicamente da mesma forma que os *salons de thé* franceses, existentes no país todo.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

anfitrião.

Mas a que importa mais no processo de se repensar a estruturação do espaço doméstico é aquela recepção quase cotidiana de pessoas, que ajuda a delinear os contornos da face pública de um espaço privado, que constitui a interface mais palpável entre estas instâncias. Recebe-se colegas de escola, de trabalho, parentes, amigos, relações que repousam sobre diferentes níveis de intimidade, de afinidade, e cujos contatos pressupõem, igualmente, diferentes níveis de privacidade. Pode-se também tocar no assunto da vídeo-conferência que, além de reuniões de trabalho, permite a realização de encontros entre amigos, de membros de clubes com interesses comuns, e que, se por um lado, de acordo com as atuais definições da palavra recepção, pode até significar a 'não-recepção' destas pessoas, também indica novas formas de relacionamento - já em uso em salas de bate-papo da Internet, nos ICQ[37], por exemplo -, e talvez sugerindo novas configurações dentro do espaço doméstico. Não que se acredite que a vídeo-conferência ou o bate-papo puro e simples *via* Internet vá substituir, em um futuro próximo, as reuniões sociais realizadas no plano concreto. De maneira alguma, até porque os equipamentos necessários para isto ainda estão longe de ser considerados banalizados, apesar do entusiasmo de autores como William Mitchell, ex-diretor da *School of Architecture* da Universidade de Harvard, ao referir-se à verdadeira face pública da casa do futuro como sendo um mero endereço eletrônico, em seu excelente e instigante *City of Bits*.[38] Mas tampouco se pode fechar os olhos para o rápido aumento de lugares e de salas disponíveis nos *sites* de bate-papo da *World Wide Web*, as preocupações da medicina com 'batedores-de-papo' compulsivos e o surgimento de terapias - algumas, curiosamente, incluem sessões de tele-medicina *via* Internet - contra os males da rede. Está-se lidando com uma sociedade que tende a mediar suas relações através do uso de equipamentos de transmissão de informação à distância. Muito cedo para se falar em tendência? Trata-se, sim, de uma tendência, que acompanha outros comportamentos já mencionados, e que, por enquanto, não conheceu revezes. E mais - sejamos honestos: visto

37 Programa de bate-papo *via* Internet cujo nome grafa a sonorização da expressão inglesa *I seek you*, que significa 'Eu procuro você'.

38 Mitchell, W. City of Bits. Cambridge: MIT Press, 1995. P. 99.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

os enormes interesses econômicos em jogo, dificilmente conhecerá. Como disse Vittorio Lampugnani, a manutenção de modos de vida mais tradicionais, convivendo com outros, mais novos, parece ser dada como certa. Mas também parece que, em um futuro não tão próximo, mas também não muito distante, receber pessoas, para uma parcela da população, possivelmente passará a ser uma atividade realizada, principalmente, no plano virtual.

Receber, modelo convencional

A chamada sala de visitas já foi o palco por excelência destes encontros, como seu próprio nome, sintomaticamente em desuso, já diz. Hoje, conversa-se com amigos íntimos, nos quartos, assuntos íntimos que prefere-se ocultar de outros moradores da unidade. Conversa-se na cozinha enquanto se prepara o lanche ou a refeição a tomar juntos - ah, o gradual e certeiro desaparecimento do pessoal doméstico. Conversa-se no espaço de banhos quando o grau de intimidade é maior ainda. Ou conversa-se no saguão do prédio quando o assunto é menos pessoal, mais rápido, quando não se faz questão de muita privacidade.[39]

Receber, revisões

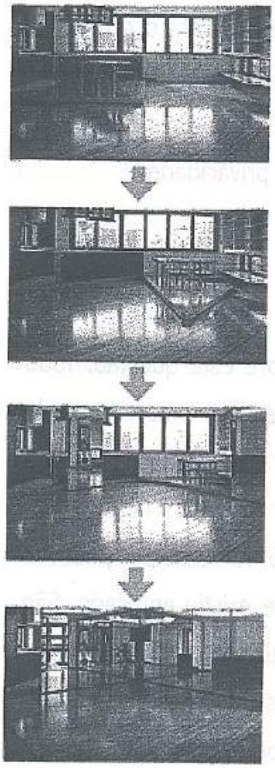
Pouca coisa parece poder ser dita com um mínimo de segurança sobre esta questão. Tudo aponta em direção ao provável desaparecimento de um cômodo especificamente reservado a receber visitas dentro do espaço doméstico. Basta rever o que eram estes espaços nas casas pré-industriais parisiense, paulistana e toquioíta, e a que estão reduzidos hoje, pouco mais de duzentos anos depois. A pomposa sala de visitas, onde só se recebiam pessoas especiais em dias especiais, que, com pequena variação local, sempre existiu em Paris, São Paulo e Tokyo, também parece estar com os dias contados. Ruidosos equipamentos quebraram para sempre a solenidade do cômodo, impondo-lhe novos hábitos e espalhando os visitantes, definitivamente, pela casa toda. A atividade de receber não parece querer

39 Hábito unicamente paulistano dentre as tres áreas, restrito aos edifícios que dispõem de espaço agenciado para este fim – que não são poucos –, geralmente situado no andar térreo, ao lado da portaria.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Ed
To remove this notice, vis
www.foxitsoftware.com/shopping

definir novos desenhos para um espaço que seja só seu, como outrora, mas, antes, parece sugerir que todos os outros são, agora, espaços de recepção potenciais. E que, por tabela, trabalhar, entreter-se, exercitar-se, lavar-se, preparar alimentos, e comer, pelo menos, são atividades, provavelmente, cada vez menos individuais. Encontros especiais, como se viu, migram para outras esferas, onde as áreas sejam mais generosas. Falta apenas que os edifícios de apartamentos brasileiros encontrem uma maneira de garantir privacidade tanto para conversas profissionais como para as festas no salão coletivo, ambas inexplicavelmente expostas aos olhares dos passantes, no térreo.

EXERCITAR-SE



Exercitar-se, hoje

O exercício físico está - já foi dito - diretamente associado à secular tendência de culto ao corpo. Exercitar-se, hoje, significa, antes de mais nada, preocupar-se com o próprio corpo, ainda que com pensamentos nem sempre muito próximos do ideal grego de *mens sana in corpore sano*. Muitos preocupam-se com a aparência do próprio corpo, empenham-se para que ele permaneça desejável, o que, em outras palavras, implica em fazê-lo parecer-se aos modelos de beleza física estipulados pelos meios de comunicação de massa. Outros exercitam-se por uma questão de saúde, por recomendações médicas, pensando mais no bom funcionamento do corpo do que forçosamente em sua aparência externa. Quando realizado fora do espaço privado, o momento de realização do exercício físico acaba sendo, para ambos os perfís, um momento de encontro com outras pessoas. Os primeiros, geralmente mais

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

jovens, querem ver e ser vistos, o que lhes acentua os traços da vaidade. Os últimos, mais idosos, costumam usar estes encontros para preencher um cotidiano eventualmente solitário. E os de meia-idade, bem, ainda falam em vaidade mas já se preocupam com questões de saúde. Longe de serem absolutas, estas generalizações ajudam a melhor entender o assunto.

Além disso, o exercício físico, tal qual tem sido encarado por essa população urbana metropolitana, pode ou não necessitar de equipamentos e de locais específicos. Sem entrar no mérito de suas modalidades, isto apenas quer dizer o que, a rigor, todo mundo sabe: que tanto há a possibilidade de alguém exercitar-se fisicamente em espaços reduzidos, banais e sem nenhum equipamento especial, bem como seu oposto, participando de sessões em grandes centros de cultura física.

Exercitar-se, modelo convencional

Caros a Le Corbusier, que aplicava-se a coroar seus edifícios com pistas de corrida e salas de ginástica, exercícios físicos são, nas tres metrópoles, praticados em espaços públicos ou de acesso público - academias, *fitness clubs*, piscinas, ginásios e parques públicos -, em espaços de uso restrito a um coletivo de moradores - como os condomínios e edifícios paulistanos ou muitos dos conjuntos de habitação social das tres áreas -, ou no recôndito do espaço privado da unidade habitacional. Neste último caso, à parte alguns paulistanos mais privilegiados que dispõem de equipamentos e instalações especiais dentro da própria esfera privada - piscinas, saunas, etc -, a grande maioria possui, quando possui, pequenos e simples aparelhos de ginástica, no máximo. Baratos e simples de instalar, estes aparelhos tem estado presentes em um número cada vez maior de lares.

Surge aí uma outra questão. Se esta atividade constitui um dos desdobramentos mais óbvios da tendência de culto ao corpo, portanto praticado por pessoas que, em princípio,

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

dedicam sistematicamente algum período do seu tempo à sua realização, é curioso que o espaço a ela destinado seja, quase sempre, desprovido de confortos simples, como visão para o exterior e, não raro, de iluminação e de ventilação naturais. Este quadro inclui desde salões de academias a banheiros domésticos, passando pelas, em geral, tristonhas salas de musculação e ginástica dos edifícios e condomínios paulistanos. Uma hipótese seria que, ao exercitar-se no espaço privado, o indivíduo se isola de seus pares, deixados nas esferas coletiva e pública, e passa a sentir-se constrangido diante de eventuais olhares de pessoas ocupadas com outras atividades do cotidiano. Exercitar-se, neste caso, assumiria feições parecidas com o ato de lavar-se, por exemplo, que, ao ser encarado como uma atividade puramente funcional, constitui apenas uma etapa transitória de preparação da pessoa para sua exibição aos olhos do público. Quer-se mostrar-se limpo, e não limpando-se; mostrar-se *malhado*, e não *malhando*. Se isto for verdade, ajuda a explicar por que uma reivindicação por privacidade não faria sentido em locais específicos como as academias, ou por que tem-se prazer em tomar sol na praia, em companhia de centenas de outros banhistas, mas sente-se pouco à vontade em colocar um maiô e submeter-se a sessões de bronzeamento - e aos olhares curiosos de vizinhos -, sozinho, no terraço do próprio apartamento, na cidade. De resto, esta necessidade não costuma fazer parte de programas habitacionais.

Exercitar-se, revisões

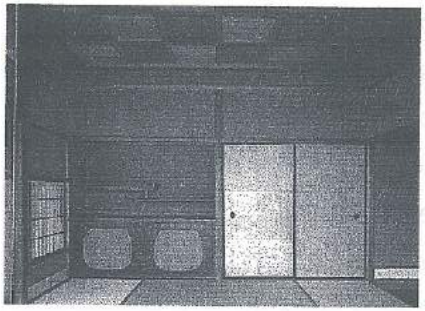
É dado como certo que uma população de *singles* sedentários, trabalhando e passando parte de seu tempo livre em casa, e limitando tanto quanto possível seus deslocamentos à uma cômoda virtualidade, acabará obrigada por seus médicos a exercitar-se, a pelo menos caminhar, como terapia e não como prerrogativa da condição humana. Neste caso, é legítimo supor que, diante da falta de tempo e, se tudo continuar como se anuncia, da falta de hábito, as pessoas terminem preferindo mesmo exercitar-se em casa, auxiliadas por aparelhos, o que acabará por incluir, nem que seja à força - força da medicina - esta

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

necessidade nos programas habitacionais. Virá, possivelmente, junto com um aumento da importância dada à alimentação natural, os hábitos saudáveis, a valorização de materiais de construção considerados sadios. Também pode muito bem ser que tais atividades físicas passem a fazer parte das demandas de um número crescente de indivíduos, espalhados por todas as classes sociais, nas tres regiões metropolitanas, só que preocupados em exibir corpos conforme os padrões do momento, vestidos, aliás, pelos *designers* de moda da hora. Mas também pode ser que uns e outros prefiram continuar exercitando-se em público, no coletivo, para continuarem a ver e a ser vistos, ou seja, não fazendo nada além do que o ser humano já vem fazendo há séculos.

Mantidos os exercícios na esfera privada, não seria absurdo imaginar que seriam associados a certos hábitos adquiridos em outras esferas e trazidos para o lar. Ouvir música, conversar, representariam conjugações com atividades de entretenimento, conviviais, que autorizam uma revisão do local onde vai, preferencialmente, realizar-se a ginástica. Junto ao espaço de banho revisto, por exemplo, com mais luz natural, mais ar circulando, e, por que não?, mais aberto ao convívio. Quem sabe vai-se preferir suar a camisa em áreas já hoje conviviais, auxiliado por equipamentos de uso comum como alguns destinados ao entretenimento - televisor, leitores de discos, etc -, sendo até possível que a atividade física dê novo significado ao momento em que os membros do grupo se encontram.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



Estocar, hoje

Para qualquer usuário de espaço doméstico, guardar coisas é uma necessidade tão legítima quanto qualquer outra. Estocar dá suporte às demais funções da habitação porque todas elas pressupõem o uso de algum material de apoio que, por sua vez, deverá ser guardado em algum lugar. Um material tão variado quanto as diversas possíveis maneiras de estocá-lo: de livros e discos a produtos de limpeza; de disquetes e documentos de trabalho a brinquedos infantis; de roupas limpas e sujas a comida fria e material de ginástica. A rigor, todo o espaço doméstico é, potencialmente, um grande e único espaço de armazenagem de bens pertencentes ao grupo doméstico, o que inclui até os próprios móveis que contêm todo o material de que se falou acima. Estocar, hoje, pode ser uma tarefa ingrata para, por exemplo, muitos japoneses, dadas as altas porcentagens de despesas de consumo e os baixos valores para a superfície média da habitação que o país apresenta. Em outras palavras, compra-se muita coisa sem dispor de muito lugar para guardá-las. Resultado: em certos dias durante o ano, toda a população tem o direito de livrar-se de seus excessos, colocando-os na rua para que a prefeitura recolha-os e incinere ou transforme em sucata. Um sistema parecido funciona em Paris. Em São Paulo, a precariedade sobre a qual ainda se estrutura a vida de grande parte da população acaba absorvendo estes excedentes, que cada classe repassa às classes inferiores a ela mediante algum pagamento ou não. Seja como for, algum tipo de escape existe em cada uma das tres áreas para que a quantidade de material estocado não ultrapasse a capacidade dos dispositivos da unidade, mas também para que os usuários possam seguir comprando as novidades do mercado.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Estocagem, modelo convencional

Extrema e curiosa recorrência, os dispositivos de estocagem encontrados na habitação média das tres áreas são, rigorosamente, os mesmos. É claro que as origens nem sempre coincidem. Os *oshiire*, armários embutidos japoneses, por exemplo, tem suas origens na concepção da própria casa tradicional, devendo suas dimensões à claríssima lógica estrutural do próprio edifício, enquanto que os *placards* franceses, armários igualmente embutidos, assim como seus congêneres brasileiros, tem, antes, um compromisso com o tamanho dos cômodos, a posição das aberturas e a função dos espaços, questões abordadas de maneira completamente diferente pelos tradicionais construtores japoneses. Enfim, as formas de armazenar coisas em casa, os lugares escolhidos, e até o desenho deles são tão parecidos nas tres áreas, que um suposto habitante de uma delas tendo, hipoteticamente, que procurar um objeto guardado em moradias das outras duas, não teria o menor problema para identificar o conteúdo de cada armário ou prateleira, antes mesmo de vasculhá-los. Sua única e grande hesitação seria com relação a tudo que se relaciona com a lavagem de roupas, visto que a própria lavadora situa-se em espaços distintos de acordo com a cidade: na área de serviço paulistana, na cozinha ou na *salle de bains* francesa, no *hall* de entrada, às vezes até no corredor do prédio ou mesmo na rua, no caso dos japoneses. Fora isso, tanta semelhança tem lá suas razões. A casa japonesa exibe, desde tempos imemoriais, dispositivos de estocagem cujo conceito e o próprio *design* são inacreditavelmente parecidos com o que apenas começou-se a fazer no Ocidente às portas do nosso século, quando a arquitetura da era da máquina, digamos assim, passa a produzir desenhos adequados a uma pré-fabricação já velha conhecida dos construtores nipônicos. Armários embutidos, prateleiras, gavetas em escadas, cômodas, mesmo a idéia de divisória espessa que só foi ser efetivamente explorada pelos Modernos, já mobiliavam a despida casa tradicional japonesa, que, como se viu, tinha no depósito externo *kura*, seu apoio mais importante.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit www.foxitsoftware.com/shopping

Quem estoca o que? A observação, nas tres áreas, nos leva a esboçar algumas conclusões. Os campeões parecem ser, compreensivelmente, os mais idosos, com uma vida inteira de consumo de que se lembrar. Crianças, apesar da pouca idade, já guardam armários cheios de brinquedos, brinquedos, brinquedos e roupas. O quarto de adolescentes, sobretudo quando pertencem a classes mais afortunadas, são, em si, verdadeiros *bunkers* de estocagem de tudo: de aparelhagem de som - ainda que seja um pequeno gravador - a material esportivo, escolar, roupas, brinquedos remanescentes da infância. Os quartos de casal são igualmente solicitados, visto que guardam pertences de dois indivíduos em uma área que não para de diminuir. *Closets* e armários abarrotados são uma visão comum nestes casos, problema que a grande burguesia resolve atribuindo um *closet* a cada um, a pequena burguesia, um armário para cada um, as classes populares, com caixas e sacolas: de papelão, no Brasil e na França, e de plástico, na França e no Japão. Aliás, mesmo nas mais pobres favelas paulistanas, a quantidade de objetos estocados na área privada do espaço doméstico é grande, como lembra a professora Suzana Pasternak Taschner, coordenadora de diversos recenseamentos nas favelas da cidade.[40] Finalmente, digna de nota é a drástica diminuição do espaço usado para a estocagem de certas informações e de certos documentos de uso profissional, que abandonaram o papel e transformaram-se em *bytes*. Vale, no entanto, lembrar, que, se por um lado estoca-se muito em disquetes, discos compactos e nos próprios computadores, por outro, ainda imprime-se muito durante a elaboração de documentos, 'para se ter uma idéia mais clara do resultado', diz-se, o que não parece fazer diminuir o consumo de papel.

Estocar, revisões

Já que servem de apoio a outras atividades, não se pode falar em revisões nos equipamentos de estocagem sem supor mudanças no restante da habitação. Se se imagina, por exemplo,

40 Comunicação *via e-mail*, em 21 de julho de 1988.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

que, dentro de uma certa lógica de organização do espaço, as roupas podem deixar a privacidade dos quartos para irem instalar-se junto à área de banhos, conformando, eventualmente, divisórias espessas que podem até ajudar a configurar um novo espaço para lavar-se, vestir-se, cuidar da aparência, é porque se admite que a questão do culto ao corpo pode estar viesando diversos dispositivos domésticos, agrupando-os. Também ao tentar esvaziar um pouco o quarto das crianças, levando os brinquedos para, por exemplo, uma área de jogos, a primeira pergunta seria, evidentemente, que área é essa que não existe hoje no programa habitacional. Seria situada na esfera coletiva do edifício, onde crianças brincariam seguras e felizes como nos sonhos de Fourier, Le Corbusier e de incorporadores paulistanos? Ou, permanecendo na esfera privada, disputariam espaço com o lazer adulto? Mas há questões talvez mais prementes. A estocagem de víveres na área de preparação de alimentos tende a diminuir, no Brasil, com o fim da inflação mensal, que obrigava a enormes compras de mês antes que o salário se evaporasse no banco, associada ao surgimento de supermercados abertos durante as vinte e quatro horas do dia, e ao fim do medo da escassez de produtos. Em princípio, não há mais razão para grandes estoques. Com ou sem inflação, esta área de estocagem parece tender, hoje, a diminuir nas tres metrópoles em estudo, também porque, como se viu, aumenta o consumo de pratos pré-preparados que demandam simplesmente estocagem fria, em detrimento de víveres de cozimento mais trabalhoso. A estocagem fria, sim, parece estar conquistando mais espaço, com *freezers* e geladeiras cada vez maiores, o que permite imaginar a construção de câmaras refrigeradas no lugar de alguns armários, por preços eventualmente mais baixos do que os eletro-eletrônicos que eles também substituiriam. No mesmo raciocínio, se a comida se prepara, basicamente, em tigelas próprias para os novos fornos e em pequenas porções para poucas pessoas, o que demanda panelas igualmente menores e menos numerosas, os guarda-panelas - que, em Paris, São Paulo e Tokyo, se situam embaixo da pia -, tenderiam também a sofrer reduções de áreas, cedendo espaço, por exemplo, para a estocagem fria.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

O que, no entanto, parece ser certo e seguro, é que a quantidade de pertences a serem estocados dentro de casa tende a continuar aumentando, impulsionada pelas mesmas tendências de consumo que se consolidaram após o final da Segunda Guerra, e cujo comportamento ascendente apenas sofreu pequenos, pontuais e passageiros reveses. A idéia das divisórias espessas não é má. Aliás, é o que já está sendo testado em um ou outro apartamento experimental de Tokyo, deixando-os ainda mais parecidos com as cabines de avião. No forro falso, foram instalados grandes compartimentos, à imagem e semelhança dos bagageiros aéreos, e o piso também recebeu desníveis que escondem gavetões e alçapões. Vedações verticais podem ainda constituir dispositivos de armazenagem, mais ou menos como pensaram Artigas, Mendes da Rocha e seus colegas nos prédios do conjunto Zezinho de Magalhães, em Guarulhos. Uma conseqüência benvinda destas medidas é a dissociação entre atividades realizadas e material estocado. A estocagem se faz por toda a unidade, concentrada em todas as suas vedações verticais e horizontais, e, graças às reduções de área, os deslocamentos físicos dentro deste espaço são, também, menores. Uma última questão que esta possível evolução coloca: equipando-se a totalidade dos espaços da habitação com dispositivos de estocagem, no caso, em todas as suas vedações, obtém-se um espaço potencialmente flexível, capaz de absorver com rapidez e desenvoltura eventuais alterações de função. Pode-se pensar que, nesta ótica, os próprios dispositivos de estocagem deveriam ser revistos, no sentido de poderem ser facil e continuamente transformados de simples prateleiras a gaveteiros espaçosos, e assim por diante, o que concerne, principalmente, o trabalho de *designers* de objetos. Mas se algumas destas divisórias espessas são móveis, reorganizáveis em partes, e se, além disso, contêm elementos do mobiliário - por exemplo, camas - retráteis, escamoteáveis, etc, então começa-se a chegar mais próximo de uma sonhada flexibilidade de funções dentro do espaço doméstico em que, com um mesmo e único gesto, altera-se a posição das vedações, dos equipamentos e do mobiliário, já que os tres conformam um único elemento. Gropius, Prouvé e Rietveld certamente adorariam.

conclusões

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping



A modernidade
é ousar
a invenção
- utilizar todo
o potencial
do tempo
presente
- e fazer
da imaginação
um instrumento
para talhar
o real.

Jean Nouvel

POR QUE NÃO AGORA?

O redesenho dos espaços de morar parece estar sempre fadado a acompanhar, com atraso - dado o óbvio caráter predominantemente estático do espaço físico do habitat - as mudanças da sociedade e dos modos de vida, cuja essência é eminentemente dinâmica. Ocorre, no entanto, que a pesquisa habitacional sobre este redesenho caminha, felizmente, não rumo à proposição de novos modelos espaciais, mas à solução de questões diversas entre o indivíduo e seu espaço,

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit
www.foxitsoftware.com/shopping

entre os membros do grupo doméstico, entre os vários grupos emergentes, intermediadas, em boa medida, pelos novos meios de transmissão e tratamento da informação. Se a arquitetura se apresenta, cada vez mais, como uma atividade multidisciplinar e coletiva, a habitação, enquanto um de seus principais objetos de estudo, pode derivar, finalmente!, para zonas mais e mais incertas, turbulentas e plenas de dinamismo, sujeita que está às mais diversas mudanças trazidas por novas variáveis. Sinal de tempos selvagens e incertos, o futuro pode ser um conciso *multi-programming building*, como imaginado por Bernard Tschumi, em seu delicioso *Architecture and Disjunction*.[1]

Mas pode também não ser. Está aberto diante do pesquisador e do conceptor o leque amplo da Diversidade que caracterizou as últimas décadas deste século e que vai, se tudo correr bem, permear as relações humanas e o pensamento arquitetônico dos tempos por vir. Tudo depende do que se poderá projetar e construir e, por conseqüência, experimentar, verificar, analisar, criticar. Depende das sínteses que poderão ser feitas, mas também, e principalmente, da disposição que terão todos os atores envolvidos na produção da habitação de se abrirem à pluridisciplinaridade que o tema reivindica. Seja como for, a espacialização de reflexões como as aqui propostas, ou de outras tantas que levem em conta os dados do problema colocado, permanece uma condição *sine qua non* para que se avance nesta discussão. Isto se conseguirá com iniciativas governamentais corajosas, com o aval de clientes esclarecidos, com investidores prontos a 'correr o risco', com verbas de agências de fomento à pesquisa, mas tem que ser conseguido, e, preferentemente, evitando produzir calcanhares de Aquiles que tragam aposta a menção 'experimental'. Para isso é preciso sensibilizar construtores e investidores, indicando-lhes a existência desta enorme demanda potencial de uma população em acelerada transformação. Também, lembrar os arquitetos de que a última revisão séria, sistemática e conseqüente do desenho dos espaços domésticos foi feita há quase um século, quando o mundo era outro, e que, diante de todas as transformações ocorridas desde então, em diversos campos, novas e contínuas revisões fazem-se mais do que necessárias. E, ainda, informar à população, razão de

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

ser de toda pesquisa acadêmica, que é seu direito habitar espaços que reflitam e abriguem seus novos hábitos, lugares de vida com os quais ela possa, sinceramente, identificar-se.

Entreabrir a porta desta nova habitação, utilizando-se de algumas das reflexões propostas neste trabalho, permite espiar, em *flashes*, o cotidiano dos seus moradores. Algo semelhante ao ato de olhar pelo visor de um caleidoscópio, onde os diferentes fragmentos se unem e se separam randomicamente entre si, configurando novos motivos, sem nunca repetí-los. O número de possibilidades de arranjos dos fragmentos aventados, assim como o número de novos fragmentos possíveis, simplesmente não tem fim. Dos milhões de tipologias que poderiam ser imaginados, estão, a seguir, apenas sete, propositalmente extremizadas, porque se quer caracterizar com clareza algumas das diversas posturas diante do problema. O leitor está agora convidado a participar deste exercício, espera-se, tonificador.

IDOSOS: A HABITAÇÃO SAUDÁVEL

As funções básicas do corpo polarizam toda a atenção. O espaço de banho e a *toilette*, devidamente equipados com alças, pisos anti-derrapantes, corrimãos, portas vai-e-vem, ganham área, luminosidade, ventilação e vista para o exterior, além de receberem uma balança e um ou outro aparelho de ginástica leve. Não são lugares de convívio, mas é aí que se passa agora boa parte da vida. Exercitar-se mesmo, só junto com os companheiros, seja no clube, seja fazendo *tai-shi* em grupo no jardim do edifício, seja em caminhadas matinais pelas ruas do bairro. A preparação de alimentos foi definitivamente delegada a terceiros. O edifício oferece não só os serviços de restauração, mas também enfermeiros de plantão e uma pequena farmácia. Come-se no refeitório, situado na cobertura do prédio, ou em casa, pedindo-se pelo interfone. As atividades de receber e de entretenimento ocorrem, principalmente, no grande espaço aberto e iluminado da unidade, onde também ficam a televisão, companheira de todas as horas, o fax e o telefone, que garantem a comunicação rápida com os filhos, e o computador conectado à

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Internet, através do qual se viaja pelo mundo mas também se comparece à reunião de *Tupperware*, uma vez por semana, em vídeo-conferência. Dorme-se em um quarto isolado, fechado. Uma privacidade requerida, sobretudo, quando vêm filhos e netos, em visita, e painéis deslizantes fecham uma parte da sala para abrigá-los. O trabalho é beneficente, realizado em grupo, no salão do prédio. De resto, em rigorosamente todas as paredes da casa, armários e prateleiras escondem ou exibem fragmentos do que foi a vida.

JUNTOS MAS SEPARADOS: A HABITAÇÃO FRAGMENTADA

A unidade existe como tal unicamente na compreensão que seus moradores tem dela. Um núcleo central abriga uma área de preparação de alimentos completa, onde se pode rapidamente produzir refeição para várias pessoas, consistindo o lugar privilegiado de encontro do grupo, em torno da grande mesa. Reforçando sua nuclearidade, o ou os pais tem aí também seu espaço privativo para dormir, para lavar-se, e sua toilette, mas trabalham, como os filhos, nas células de trabalho espalhadas pelo prédio, equipadas com uma estação informatizada e dispositivos de estocagem. O conceito de estar individual dos filhos amplia-se e dá origem a verdadeiros pequenos apartamentos-satélites situados em diferentes pontos do edifício ou do conjunto, a meio caminho entre a cabine individual de dormir super-equipada e o estar privativo. Os satélites contam com uma pequena bancada de apoio para preparação de alimentos, um espaço de lavar-se e uma *toilette*, mas também com dispositivos de estocagem para objetos pessoais. Os amigos são recebidos de maneira mais íntima, nos estares individuais, ou mais convivial, na unidade-núcleo, ou, ainda, no espaço coletivo do prédio, onde ficam os equipamentos de ginástica, piscina, além de dispositivos para refeições festivas. Os diversos fragmentos da unidade conectam-se por interfone e, quando a discrição permite, por videofone.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

OS CONVIVIAIS: A HABITAÇÃO COLETIVIZADA

O espaço onde lavar-se e o de preparar alimentos se ampliam, tornando-se os maiores locais de estar e de convívio, recuperando a iluminação e a ventilação naturais nos países onde não tinham acesso a elas. Os próprios equipamentos de banho e de cozinhar rendem-se à convivialidade: enorme banheira para lavar-se, bancada de cozinhar em posição central, permitindo a circulação à sua volta. O lugar onde dormir, ainda que permanecendo um espaço individual, vê-se aberto ao acesso de todos os membros do grupo, além de acrescido de várias outras atividades relacionadas ao seu ocupante, inclusive a de exercitar-se e a de receber amigos. Trabalha-se e estuda-se no escritório-paisagem coletivo do edifício, em estações abertas, e recebem-se colegas para estudo em grupo nas salas de reuniões. Comer é uma atividade livremente realizada em qualquer dos espaços privados, sozinho ou acompanhado, dependendo apenas de encontros ou desencontros de horários dos diversos membros do grupo. O estar perde o *status* de espaço de convívio por excelência, visto que apenas agrupa os moradores em torno de aparelhos de comunicação à distância, mas mantém o de território privilegiado do entretenimento. Já não acolhe somente o televisor mas também outros equipamentos de informática que possibilitam jogos em grupo, e necessita, portanto, de uma luminosidade controlada. Ao mesmo tempo em que cozinha e banheiro aproximam-se da fachada, abrindo-se à luz natural e à visão do exterior, o estar afasta-se dela. Como possibilidade última de isolamento, a *toilette* instala-se confortavelmente em meio a estantes de livros e revistas, plantas, quadros e telefone, de onde, solitário, tem-se, ainda, uma vista escolhida da cidade.

OS NOVOS JETSONS: A HABITAÇÃO SUPER-EQUIPADA

Integrados aos espaços de receber, sofisticados equipamentos de preparação de alimentos fazem da antiga cozinha um altar à tecnologia. Em lugar de arcaicos fornos, fogões e pia, apenas uma discreta parede com grandes portas opacas. Abertas, exibem, em um grande painel,

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

aparelhos para tudo - cocção, congelamento, descongelamento, lavagem e secagem de louça, de roupas -, dotados de micro-câmeras que permitem que se acompanhe o trabalho destes pequenos *robots* pelos monitores instalados em diversas partes da casa.[2] Um terminal de micro-computador, ligado ao servidor central da unidade, permite compras de supermercado e encomendas de comida pronta *via* Internet, armazena receitas culinárias, recorda as entregas agendadas, a data de vencimento das contas a pagar. Recebe-se nos estares individuais, cujas divisórias móveis permitem, se necessário, sua transformação, a alguns toques de controle remoto, em um único e espaçoso salão. Por isso mesmo, dorme-se em cabines à parte, que, mesmo em dias de festa, permanecem intocáveis e acusticamente isoladas. *Cocoons* equipados, do qual se assiste, confortável, o que se passa no mundo. Sua temperatura, como a de toda a unidade, é controlada pelo sistema central de climatização. A iluminação artificial é acionada automaticamente por células fotoelétricas em função da presença de pessoas e de uma intensidade lumínica mínima, e a música ambiente funciona por sistema semelhante.[3] No amplo espaço de banho, banheira com jatos massageadores, cabine com sauna, ducha circular e televisor embutidos, além de comunicadores como interfone e telefone, em rede, inclusive, dentro da unidade. Um frigobar acentua o caráter de relaxamento e de lazer. A *toilette*, ainda separada, equipa-se com um *washlet* e televisor: todos os espaços da casa pressupõem o entretenimento. Come-se separadamente em cada estar individual, auxiliado por um carrinho equipado com *réchaud*, geladeira e forno micro-ondas, mas também em grupo, na área onde se situam, além dos equipamentos de cozinhar, o *home theater* que transmite, também, imagens da Internet. Trabalha-se nos estares individuais, quando não se quer ser incomodado, utilizando-se os equipamentos de informática instalados em rede interna, mas também em conexão com o serviço de secretaria e de recebimento de correio postal, oferecido pelo edifício. Os numerosos, caros e volumosos aparelhos necessários para o exercício físico situam-se na sala de ginástica e musculação do edifício.

1 Tschumi, B. Architecture and Disjunction. Cambridge/London: The MIT Press, 1994. P. 256.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

OS *SUPER-FITNESS*: A HABITAÇÃO-ACADEMIA

Com um apertar de controle remoto, todos os móveis e equipamentos desaparecem por trás de grandes espelhos deslizantes, que passam a refletir por todos os lados o corpo dos moradores exercitando-se.[4] Ampla alcova envidraçada, o espaço de banho exibe a banheira com jatos, que, junto com a cabine de sauna e a ducha circular, garante o relaxamento para depois da ginástica, e divide espaço com halteres, barras fixas, bicicleta ergométrica, esteira de corrida, balança, além de uma *chaise-longue* onde se pode descansar e apreciar a paisagem. A preparação de refeições de baixo teor calórico utiliza-se de poucos equipamentos e pouquíssimos ingredientes, e expõe-se, generosamente, tanto quanto o ato de comer, à luz e à ventilação naturais, certa de que o corpo sadio tem que estar em simbiose com o meio, seja ele o metropolitano. O momento do sono é sagrado: dorme-se no escuro e no silêncio absolutos das cabines, diferentemente da *toilette*, que exibe a pouca exigência por privacidade expressa por usuários tão atentos e familiarizados ao funcionamento do próprio corpo. Quando não utilizado para ginástica, o grande vazio espelhado se desfaz: os painéis retornam aos seus depósitos embutidos, revelando armários, prateleiras e bancadas. A mesa se desdobra, as cadeiras se desempilham. Neste grande e único espaço central, amigos são recebidos para assistir a jogos esportivos na televisão ou então descansa-se diante de filmes de ação alugados na vídeo-locadora. Conquista suada, longamente reivindicada, para evitar de vez o *stress* cotidiano, vai-se a pé até o local de trabalho, situado em uma unidade-satélite da vizinhança.

OS COABITANTES: A HABITAÇÃO COMPARTILHADA

Cada unidade tem várias portas de acesso, por onde se entra, primeiro, em seus espaços principais, os estares individuais. Nestes grandes cômodos bem iluminados, faz-se de tudo: dorme-se, recebe-se amigos, trabalha-se, entretem-se com a televisão, a música, as leituras, navega-se na Internet, e chega-se ao espaço comum da unidade. Aí situam-se a bancada de preparação

2 Sistema semelhante foi desenvolvido pela *Osaka Gas Company* e instalado em um dos apartamentos do *Next 21 Experimental Building*, em Osaka, em 1994.

3 Sistema veiculado pela revista Veja de 22 de julho de 1998. P. 73.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

de alimentos, a grande mesa de refeições, em torno da qual se conversa e se usufrui do lado bom da coabitação. Aí, também, a cabine de banho abre-se à intimidade dos habitantes ou fecha-se à presença de visitantes, sem perder de vista a cidade lá fora. Apenas a *toilette* não é compartilhada, pequeno conforto de cada estar individual. Já o momento do exercício físico é uma extensão da relação de cumplicidade: corre-se juntos no parque próximo, falando do amor de sua vida, planejando pedir comida chinesa, por telefone, para o jantar.

O *SINGLE*: A HABITAÇÃO EMBUTIDA

À primeira vista, um *closet* do qual uma das faces abriu-se para a paisagem. O piso em dois níveis, separados por um degrau, tem sua razão de ser: dorme-se em uma grande cama que, de dia, esconde-se dentro deste desvão, e que, à noite, desliza preenchendo o nível mais baixo. Roupas e objetos pessoais escondem-se em compartimentos de estocagem dissimulados no forro falso, ou agenciados no piso. Sobre ele se trabalha e se estuda, abrindo-se o armário no qual embute-se a estação de trabalho. Aí também se preparam alimentos, abrindo-se o armário ao lado, tendo-se, então, acesso à pequena mas otimizada bancada de equipamentos. Aí se come, sozinho ou com amigos, sobre a mesa escamoteável que, fechada, desaparece em um baixo-relevo na parede, em frente ao televisor, inserido em um terceiro armário, o do entretenimento, juntamente com aparelhos de som, VCR, livros, discos e filmes. Duas pequenas cabines, ventiladas e iluminadas mecanicamente, das quais se vêem apenas as portas, contêm, uma, o chuveiro, e a outra, o conjunto vaso sanitário e pia. Quando cabines e armários estão fechados, resta um espaço central, absolutamente vazio, rodeado de portas, onde abdominais e flexões tem vista para o por do sol. De tão equipada, esta unidade não permite que seu morador nela crie raízes. Nada ali lhe pertence. Assim, mudar-se não é difícil: basta levar, praticamente, a roupa do corpo.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

referências bibliográficas

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Algranti, L. M. Famílias e vida doméstica. *In:* Mello e Souza, L. (org.) História da vida privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Argan, G. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Argan, G. Walter Gropius e a Bauhaus. Lisboa: Ed. Presença, 1984.

Ariès, Ph. L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime. 2ème édition. Paris: Seuil, 1973.

Barkey, D. History of Coffee. Chicago: Café Press, 1997. P. 11. Internet: http://pubweb.acns.nwu.edu/~dbarkey/café_press/history_of_coffee/

Benedict, R. The Chrysanthemum and the Sword. Tokyo: Charles E. Tuttle Co., 1954. 48th printing, 1993.

Biderman B. The Black Apollo - The social history of coffee. Internet: http://www.blackapollo.demon.co.uk/apollo4.html

Bouillon, J. et.al. 1848-1914. Paris: Bordas, 1978.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Bruand, Y. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1991. 2a. edição.

Bruno, E. História e tradições da cidade de São Paulo. Burgo de estudantes (1828-1872). Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

Chandler, T., Fox, G. 3000 years of urban growth. New York/London: Academic Press, 1974.

Chartier, R. A Comunidade, o Estado e a Familia. Trajetórias e Tensões. *In:* História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Chombart de Lauwe, P-H. *et al* Famille et Habitation. Vol. 1. Paris: CNRS, 1975.

Cohen, J-L. Scènes de la vie future. L'Architecture européenne et la tentation de l'Amérique 1893-1960. Paris/Montréal: Flammarion/ Centre Canadien d'Architecture, 1995.

Corbusier, Le Almanach d'Architecture Moderne. Paris: G. Crès & Cie., 1926.

Corbusier, Le Le Corbusier 1910-1965. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1971.

Cromley, E. Apartments and collective life in nineteenth-century New York. *In:* Franck, K., Ahrentzen, S. (Ed.), New households, new housing. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.

Dreysse, DW. Les Cités de Ernst May. Frankfurt/ Strasbourg: D. Fricke/Ecole d'Architecture de Strasbourg, 1988.

Durand, J. C. Arte, Privilégio e Distinção. São Paulo: Ed. Perspectiva/Edusp, 1989

Durand, J. C. Négociation politique et rénovation de l'architecture. *In:* Actes de la Recherche en Sciences Sociales nº 88. Paris: juin 1991.

Eleb, M. L'invention de l'habitation moderne - Paris 1880-1914. Paris: Hazan/ Archives de l'Architecture Moderne, 1995.

Eleb-Vidal, M. L'Art du Plan et de la Lumière. *In:* Revista Techniques et Architectures nº 375. Paris: 1987. Pp.138-141

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Eleb-Vidal, M. *et al* Penser l'habité. Le logement en questions. Liège: Pierre Mardaga éditeur, 1988.

Evenson, N. Paris 1890-1940. *In:* Sutcliffe, A. (org.) Metropolis 1890-1940. Chicago/ London: University of Chicago Press/Mansell, 1984.

Fang, I., Ross, K. Media History Timeline. 1995-96. Internet: http:// www.mediahistory.com/time)

Frampton, K. L'Architecture Moderne: une histoire critique. Paris: Ph. Sers éd., 1985.

Gauldie, E. Cruel Habitations. Londres: Unwin University Books, 1978.

Giedeon, S. Espacio, Tiempo y Arquitectura. Barcelona: Hoepli E., 1955.

Gropius, W. Bauhaus: novarquitetura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

Guadet, J. Eléments et théorie de l'Architecture. Tome II. Paris: Librairie de la Construction Moderne, 1902.

Guerrand, R-H. Espaços privados. *In:* História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Guerrand, R-H. La loi Loucheur: un engagement chiffré. *In:* Quilliot, R., Guerrand, R-H. Cents ans d'habitat social: une utopie réaliste. Paris: Editions Albin Michel, 1989.

Guichard-Anguis, S. Formes urbaines et fonction commerciale au Japon, des origines à l'époque Meiji. Les paradoxes d'une activité dominante toujours dominée. *In:* Cités d Asie. Les Cahiers de la Recherche Architecturale 35/36. Marseille: Editions Parenthèses, 1995.

Homem, M. C. O Palacete Paulistano. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Ishizuka, H. Tokyo no Shakai Keizaishi: Shihonshugi to Toshimondai. [A história econômica e social de Tokyo: seu capitalismo e problemas urbanos]Tokyo: Kinokuniya, 1977.

Itoh, T. Traditional Domestic Architecture of Japan. 4th printing. New York/Tokyo: Weatherhill/Heibonsha, 1982.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Kawashima, C. Minka, traditional houses of Japan. Tokyo/New York/San Francisco: Kodansha International Ltd, 1986.

Kawazoe, N. Arquitetura Japonesa. Tokyo: International Society for Educational Information, 1992.

Kopp, A. Quando o Moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Nobel/Edusp, 1990.

Kurasawa, S. (Ed.) Social Atlas of Tokyo. Tokyo: University of Tokyo Press, 1986.

Landau, B. La fabrication des rues de Paris au XIXe siècle. Un territoire d'innovation technique et politique. *In:* Espaces Publics 57-58. Annales de la Recherche Urbaine. Paris: Ministère de l'Equipement, des Transports et du Logement, décembre 1992.

Lane, B. Architecture and Politics in Germany 1918-1945. Cambridge: Harvard University Press, 1968.

Lemos, C. Alvenaria Burguesa. São Paulo: Ed. Nobel, 1985.

Lemos, C. Edifícios residenciais em São Paulo: da sobriedade à personalização. *In:* revista Projeto n. 133. São Paulo, 1990.

Lemos, C. Arquitetura Brasileira. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1979.

Lima de Toledo, B. São Paulo, tres cidades em um século. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

Mello, Z. M. C. de Metamorfose da Riqueza. São Paulo 1845-1895. Contribuição ao Estudo da Passagem da Economia Mercantil Escravista à Economia Exportadora Capitalista. São Paulo: Prefeitura do Município/Hucitec, 1985.

Melo Franco, A. A. Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil. Rio de Janeiro: SPHAN, 1944.

Morse, R. Formação Histórica de São Paulo. São Paulo: Difel, 1970.

Motta, C. Relatório da Comissão de Exame e Inspecção das Habitações Operárias e Cortiços no Distrito de Santa Iphigênia. São Paulo: Vanorde & Co., 1894.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Pawley, M. Arquitectura versus vivienda de masas. Barcelona: Ed. Blume, 1977.

Perret, A. Ce que j'ai appris à propos des villes de demain, c'est qu'il faudrait les construire dans des pays neufs. *In:* L'Intransigeant. Paris: 25 de novembro de 1920.

Perrot, M. Maneiras de morar. *In:* História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, Vol.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Perrot, M. Figuras e papéis. *In:* História da Vida Privada - Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Reis Filho, N. G. Habitação Popular no Brasil 1880-1920. Cadernos de Pesquisa do LAP nº 2. São Paulo: FAUUSP, 1994.

Reis Filho, N. G. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970.

Rengade, J. Les besoins de la vie et les éléments du bien-être. F. Aureau, Imprimerie de Lagny, vers 1880.

Rolnik, R. De como São Paulo virou a capital do Capital. *In:* Valladares, L. P. (coord.) Repensando a habitação no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

Roux, S. La maison dans l'histoire. Paris: Albin Michel, 1976.

Rybczynski, W. Home, a short history of an idea. New York: Penguin Books, 1987.

Seidensticker, E. Low city, high city, Tokyo from Edo to Earthquake. New York: Alfred Knopf, Inc., 1983.

Shimizu, C. Le Japon du XIXe siècle. Marseille: Editions AGEP, 1990.

Souza, A. Arquitetura no Brasil - Depoimentos. São Paulo: Diadorim/Edusp,1978.

Suzuki, I., Gold, S. Collective Housing. Typologies in Evolution. *In:* Casabella 608-609 "Japan: a dis-oriented modernity". Milano, 1994.

Traganou, J. The fireworks of Edo or Japan's early (post?) modern past. *In:* Architronic. Vol. 6, n. 1. Kent State University, may 1997. Internet: http://www.saed.kent.edu/Architronic/

Tramontano, M. Habitação Moderna - A construção de um conceito. São Carlos:

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF
To remove this notice, visit www.foxitsoftware.com/shopping

EESC/USP, 1993.

Treib, M. The dicotomies of dwellings: Edo/Tokyo. Tokyo: s. d.

Tsunoyama, S. The Age of the City, *In:* Cohen, A., Fuku, K. (org.) Humanising the City? Social Contexts of Urban Life at the Turn of the Millenium. Edimburgh: Edimburgh University Press, 1993.

Tudesq, A-J., Rudel, J. 1789-1848. Paris: Bordas, 1979.

Veiga, E. Da Prophylazia das Moléstias Infecto-contagiosas e especialmente do Cholera-morbus no Estado de São Paulo. Relatório apresentado à Administração Sanitária do Estado. São Paulo: 1894

Vernes, M. La cuisine entre le plaisir et le fatal. *In:* Habiter, habité. Série Mutations nº 116. Paris: Autrement, setembro 1990.

Vieira Bueno, F. A Cidade de São Paulo. Recordações Evocadas de Memória. São Paulo: Biblioteca da Academia Paulista de Letras, Volume 2, 1976.

Watanabe, S. Metropolitanism as a Way of Life: the Case of Tokyo, 1868-1930. *In:* Sutcliffe, A. (ed.), Metropolis 1890-1940. Chicago/London: The University of Chicago Press/Mansell, 1984.

Watanabe, S. The Japanese garden-city. *In:* Ward, S. (Ed.) The garden-city. Past, present and future. Oxford: E&FNSon, 1992.

Xavier Pereira, P. C. Espaço, técnica e construção. São Paulo: Nobel, 1988.

HABITAR A CIDADE

Do final da Segunda Guerra aos anos 1990

Asahi Shimbun Japan Almanac 1994. Tokyo: Asahi Shimbun Publishing Company, 1993.

Aulagon, M. Près de six millions de personnes vivent seules, selon l'INSEE. *In:* Jornal Le Monde . Paris: 25 de Abril de 1995, p. 16.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Berquó, E. A família no século XXI: um enfoque demográfico. *In:* Revista Brasileira de Estudos de População. Vol. 6. Nº 2. São Paulo: Julho/dezembro 1989.

Bibby, A. Home is where the office is: a practical handbook for teleworking from home. Londres: Hodder, 1991.

Bilac, E. Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil. *In:* Revista Ciências Sociais Hoje. São Paulo: ANPOCS, 1991.

Blaser, J. No place for a woman: the family in film noir. Internet: http://www.obs.net/Noir

Body-Gendrot, S. Uma vida privada francesa segundo o modelo americano. *In:* Prost, A; Vincent, G. (org.) História da vida privada Volume 5: Da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Bonvalet, C. Transformation de la Famille et Habitat. Cahier nº 120. Paris: INED/PUF, 1988.

Bonvalet, C. Transformation de l'Habitat: évolution de la structure des ménages en France. Trabalho apresentado à 5a. Conferência Internacional de Pesquisa em Habitação. Montréal, 7 a 10 de julho, 1992.

Bruand, Y. Arquitetura Contemporânea no Brasil. 2a. edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

Bruschini, C. Estrutura familiar e trabalho na Grande São Paulo. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: fevereiro, 1990.

Capriglione, L. 1968. *In:* revista Veja. São Paulo: Editora Abril, 6 de maio de 1998.

Castelo Branco, H. Família: indicadores sociais, volume 1 (1981-1987). Rio de Janeiro, IBGE, 1989.

Chartier, R. A Comunidade, o Estado e a Familia. Trajetórias e Tensões. *In:* Ariès, Ph., Chartier, R. História da Vida Privada - Da Renascença ao século das luzes. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Coaldrake, W. The Architecture of Reality: Trends in Japanese Housing 1985-89. *In:* The Japan Architect 8910. Tokyo, 1989.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

Colquhoun, A. Le plateau Beaubourg. Recueil d'essais critiques. Bruxelles: Pierre Mardaga Editeur, 1981.

Cromley, E. Apartments and collective life in nineteenth-century New York. *In:* Franck, K., Ahrentzen, S. (Ed.), New households, new housing. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.

Dumont, M-J. Le Logement, une histoire française. *In:* Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui. Nº 303. Paris: 1996.

Eleb-Vidal, M. *et al* Penser l'habité. Le logement en questions. Liège: Pierre Mardaga éditeur, 1988.

FINEP-GAP Habitação popular, inventário da ação governamental. Projeto 6. Rio de Janeiro: FINEP/GAP, 1985.

Folha de São Paulo Bidê desaparece e vira peça em extinção. *In:* Jornal Folha de São Paulo. São Paulo: 26 de janeiro de 1997. P. 7-3.

Friedan, B. The feminine mystique. Mass Market Paperback. Reissue edition. Dell Publishing, 1984.

Fundação SEADE Mulher em Dados - Saúde. São Paulo: Fundação SEADE, 1997. Internet: http://www.seade.gov.br/mulher/saude.html

Fundação SEADE São Paulo 1996. São Paulo: Fundação SEADE, 1996. Internet: http://www.seade.gov

Fundação SEADE Pesquisa de Condições de Vida. São Paulo: Fundação SEADE, 1994.

Girard, H. Comprendre le télétravail. Paris: Editions du Téléphone, 1995.

Guiheux, A. (coord.) Archigram. Paris: Editions du Centre Georges Pompidou, 1994.

Hall, P. Megacities, world cities and global cities. Lecture at the Dutch Foundation for Architecture. Rotterdam, february 1997. Internet: http://www.megacities.nl/lectfeb/lecfeb97.HTML

Holanda Ferreira, A. B. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1a. edição, 15a. impressão. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, s. d.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

Houist, G. Les Facilités Collectives Résidentielles. *In*: Revista Techniques & Architecture n.1 (21). Paris: 1960-61.

Huet, B. Dossier Recherche Habitat. *In:* Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui, nº-176. Paris: 1974.

INSEE L'essor de la "culture d'appartement". Paris: INSEE, décembre 1997. Internet: http://www.insee.fr

INSEE La France en Bref. Paris: INSEE, 1996.

Julienne, L., Mandon, J-P. Du logement consolidé à d'autres habitats - une mutation qui tarde. *In:* L'Architecture D'Aujourd'hui nº 239, juin 1985.

Kurasawa, S. Social Atlas of Tokyo. Tokyo: University of Tokyo Press, 1986.

Lacoudre, J-B. Album de la Jeune Architecture. Paris: Ministère de l'Équipement et du Logement, 1988.

Leibman, N. Living-room lectures: the fifties family in film and television. Dallas: University of Texas Press, 1995.

Leibman, N. The family spree of film noir. *In:* Journal of popular film and television, 1989.

Lévy, M-L. La population de la France en 1994. *In*: Populations & Sociétés nº 299. Paris: mars 1995. Internet: http://www.ined.fr

Louis, E. Archigram. Introduction. *In*: Louis, E., Stooss, Toni (ed.) Archigram. Publicação do Simpósio sobre a exposição Archigram, realizada na Kunsthalle Wien. Viena, 1994.

Lyon, Y. Domus Demain, La Bande Active. *In:* Revista L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 252.

Macedo, S. O processo de verticalização e a paisagem da cidade. *In:* Sinopses 15. São Paulo: FAUUSP, junho 1991.

Martin, P-G. Le télé-travail: débat et données. Internet: http://www.src-mtl.com/tv/branche/v2/arch.html

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

Mazzoni, I. Archigram Exhibition. *In:* Süddeutsche Zeitung no. 78, Thursday, April 7. Viena, 1994.

Merlin, P. Le logement évolutif et la restructuration des logements. *In:* Bonvalet, C. et al. Transformation de la Famille et Habitat. Paris: INED/ DREIF/ IDEFF, 1988.

Moreira, M. E. Caro para morar, bom para investir. *In:* jornal Folha de São Paulo. São Paulo: 6 de setembro de 1987. P. C-10.

Nicolin, P. I loft americani. *In:* revista Lotus International. Nº 66. Milano, 1990.

Nishiyama, U. Changes in Japanese Lifestyle and Housing in the Past Thirty-Five Years. *In:* The Japan Architect 8110. Tokyo, 1981.

Nouvel, J., Ibos, J-M. Némausus 1 - 114 appartements à Nîmes. Seyssel: Editions du Champ Vallon, 1986.

November, A. Le télé-travail: quels emplois? Quel chômage? Quelles conséquences?. IUED. Genève, 1997.

Patarra, N. Rumo a um novo perfil demográfico. *In:* Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo: outubro/dezembro 1988.

Persitz, A. Notes sur L'Habitation Collective. *In:* Revista L'Architecture D'Aujourd"Hui nº 16-17. Paris: 1948.

Pietzschke, F. (org.) Dicionário Novo Michaelis Ilustrado. São Paulo/Wiesbaden: Melhoramentos/Brockhaus, 1971. Vol. 1, 10a. Edição.

Polan, D. Power and Paranoia: History, Narrative, and the American Cinema, 1940-1950. New York: Columbia University Press, 1986.

Projeto Narandiba: os novos sistemas para a nova política do BNH. *In:* revista Projeto nº 19. São Paulo: Março/Abril 1980.

Prost, A. Fronteiras e espaços do privado, *In:* História da Vida Privada - Da Primeira Guerra aos nossos dias. Vol. 5. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

Reidy, A. Inquérito nacional de arquitetura. *In:* Xavier, A. (org) Arquitetura Moderna Brasileira: depoimento de uma geração. São Paulo: ABEA/FVA/Pini, 1987.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Reis Filho, N. G. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970.

Shimizu, C. Le Japon du XIXe siècle. Marseille: Editions AGEP, 1990.

Souza, A. Arquitetura no Brasil - Depoimentos. São Paulo: Diadorim/Edusp,1978.

Spinks, W. Telework in Japan: A Status Report. Trabalho apresentado no simpósio Telecommute '97. Orlando, Florida: 2 a 5 de novembro de1997.

Statistical Bureau Results of the First Basic Complete Tabulation of the 1995 Population Census. Tokyo: Statistical Bureau, 1997.

Taschner, S. P. Política Habitacional no Brasil: retrospectiva e perspectivas. Trabalho apresentado na International Conference *Housing in the 21st Century: Looking Forward*. Alexandria, USA, 11-14 de junho de 1997

Taschner, S. P. Família, habitação e dinâmica populacional no Brasil atual: notas muito preliminares. *In*: Gordilho-Sohza, A. Habitar Contemporâneo. Novas questões no Brasil dos anos 90. Salvador: UFBa, FAUFBa, LAB Habitar, 1997.

Taschner, S. P. São Paulo 90: em busca de local onde morar. *In:* Anais do VI Encontro Nacional da ANPUR. Brasília: ANPUR, 1995.

Taschner, S. P. Notas sobre a origem e a evolução das favelas paulistanas. *In:* Sinopsis 19. São Paulo: FAUUSP, 1993.

Teixeira, Y. Edifícios tem dependências comuns para as domésticas. *In:* jornal Folha de São Paulo. São Paulo: 12 de outubro de 1986.

Thomaz, D. Entre a idealização e a realidade. *In:* revista AU n. 43. São Paulo, agosto/setembro 1992.

Tramontano, M. Novos modos de vida, novos espaços de morar. São Carlos: EESC/USP, 1993.

Tsunoyama, S. The age of the city. *In:* Cohen, A., Fuku, K. (org.) Humanising the city? Social contexts of urban life at the turn of the millenium. Edimburgh: Edimburgh University Press, 1993.

Walmsley, D. J. Urban living: the individual in the city. New York, Long man Scientific and Technical, 1988.

Edited with the trial version of Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit: www.foxitsoftware.com/shopping

Walters, D. The architect as superhero: Archigram and the text of serious comics. *In:* Architronic, vol. 3, no. 2. School of Architecture and Environmental Design, Kent State University. Internet: http://www.saed.kent.edu/Architronic/v3n2/

Yamamoto, R. Living in the City. *In:* Fukuoka International Architects' Conference '89, Comunicações. Fukuoka Jisho. Fukuoka, 1989.

Zakabi, R. Condomínios informais. *In:* revista Veja São Paulo. São Paulo: 20 de maio de 1998.

HABITAR O PLANETA

Rumo a novas definições

Atique, F., Tramontano, M. Reflexão sobre a evolução recente do espaço da habitação para população de baixa renda na região da cidade de São Paulo. Relatório final de pesquisa. São Carlos: FIPAI-USP/GHab, 1996.

Blazwick, I. et al. (ed.) Nouvel - Jean Nouvel, Emmanuel cattani et associés. Londres/Bordeaux: Artemis/Arc en Rêve Centre d'Architecture, 1992.

Eleb-Vidal, M. et al Penser l'habité. Le logement en questions. Liège: Pierre Mardaga éditeur, 1988.

Frampton, K. L'Architecture Moderne: une histoire critique. Paris: Ph. Sers éditeur, 1985.

Goulet, P. Temps sauvage et incertain. Paris: Les Éditions du Demi-Cercle, 1989.

Lampugnani, V. Notas sobre el urbanismo de la actualidad. *In:* Barcelona, arquitectura y ciudad. 1980-1992. Barcelona: Gustavo Gilli, 1990.

Mitchell, W. City of Bits. Cambridge: MIT Press, 1995.

November, A. Le télé-travail: quels emplois? Quel chômage? Quelles conséquences?. Genève: IUED, 1997.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Prost, A. A família e o indivíduo. *In:* Prost, A., Vincent, G. (org) História da Vida Privada - Da primeira Guerra aos Nossos Dias. Volume 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Tramontano, M. Habitação contemporânea - riscos preliminares. São Carlos: EESC-USP, 1995.

Veiga , A. Bye, bye fogão. *In:* Revista Veja. São Paulo: 24 de junho de 1998.

Veja Guia para pais aflitos. *In:* Revista Veja. São Paulo: 21 de Fevereiro de 1996.

Virilio, P. L'inertie polaire. Paris: Christian Bourgeois Editeur, 1990.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

iconografia

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

Introdução

03 Nam June Paik, House I.

HABITAR O PRIVADO
Da Industrialização ao Movimento Moderno

A construção do conceito Moderno de habitação

13 Criança em fiação norte-americana.
15 Habitantes da *Zone*, Paris.
17 Alojamentos para operários em Londres, 1908.
18 Alojamentos para operários em Londres. Gravura de 1870, G. Doré.
22 Familistério de Guise.
23 *Hall* central do familistério de Guise.
24 Esquema de Rurisville, cidade-jardim imaginada por Howard.
25 Projeto de vila operária. M. Bourniquel, Paris, 1919.
26 Cozinha em alcova. Groupe des Maisons Ouvrières. Paris, 1908.
30 Estrutura metálica do mercado central de Paris, 1856.
33 *Bow-window* metálica em Nancy.
34 Plantas da casa Tassel, de V. Horta, em Bruxelas.
35 Planta de apartamento da rua Franklin, de Perret, em Paris.
36 Possibilidade de planta da casa Domino, Le Corbusier.
37 Edifício no Bd. de l'Hôpital, de Henri Sauvage, Paris, 1909.
38 Fábrica Fagus, de Walter Gropius.
44 Barracos na *Zone*, Paris.
45 Projeto de vila operária. M. Bourniquel, Paris, 1919.
46 Canteiro de *Siedlungen*, em Frankfurt am Main.
49 Plantas de apartamentos em Hellerhof, Frankfurt am Main.
50 Plantas e corte de apartamentos em Praunheim, Frankfurt am Main.
52 Planta de apartamento em Praunheim, Frankfurt am Main.
53 Plantas de apartamentos em Hellerhof, Frankfurt am Main.
53 Cozinha equipada das *Siedlungen*. Frankfurt am Main.
54 Plantas da casa experimental de Gropius em Weissenhofsiedlung. Sttutgart, 1927.
55 Andar-tipo do edifício de Mies Van Der Rohe, em Weissenhofsiedlung. Sttutgart, 1927.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

56-57 Plantas da *Unité d'Habitation de Marseille*, de Le Corbusier, 1952.

A modernidade segundo Paris

61 Vista parcial de Paris a partir do alto da Catedral de *Notre Dame de Paris*.
63 Remanescente da Paris medieval em um bolsão classificado como insalubre, em 1939.
66 Rue Médard, Paris, 1900.
68 Boulevard parisiense haussmanniano. Litografia de E. Guérard, 1856.
69 Rue de Rennes, Paris, 1890.
72 Rue de Turbigo, Paris, 1890.
73 Construção de um trecho do metrô. Paris, 1900.
75 Planta de apartamento na rue Le Tasse, 1906.
76 *Grand salon* e *petit salon*. Paris, rue Ampère.
77 *Bureau-fumoir* de G. Berger, 1910.
78 "A educação da jovem burguesa". Caricatura. Paris, séc. 19.
79 Apartamento na avenue Frémiet, Paris.
83 Vista da *Cité Napoléon*, Paris.
84 Planta de apartamento popular com cozinha e toilettes externos. Bd. Bessières, 1911.
84 Vista da cozinha e *toilettes* do mesmo apartamento.
86 Armário-cozinha em *Domkommuna* soviéticas, 1928.
88 Plantas da casa Citrohan, Le Corbusier, 1920.
91 Plantas de uma das casas em Weissenhofsiedlung, de Le Corbusier. Stuttgart, 1927.

Um cafezal chamado São Paulo

97 Vista da colina histórica paulistana em 1860.
98 Plantas de sobrado típico paulistano, primeira metade do século 19.
99 Ladeira de São Francisco com vista para a cidade nova.
102 *Hôtel particulier* parisiense, 1864.
103 *Hôtel particulier* paulistano, 1884.
104 Avenida Central (atual avenida Rio Branco), Rio de Janeiro.
105 Avenida Central (atual avenida Rio Branco), Rio de Janeiro.
106 Plantas de *hôtel particulier*, São Paulo, 1892.
107 Vista do mesmo *hôtel*.
108 Plantas de *villa* na avenida Paulista, São Paulo, 1903.
109 *Hall* da mesma *villa*.
110 *Hôtel particulier* em chácara. São Paulo, 1920.
110 Fachada posterior do Palácio dos Campos Elíseos.
111 Sala de visitas, palacete em São Paulo, 1895.
111 Sala de estar, palacete em São Paulo, 1876.
112 Cortiço Navio Parado, São Paulo, s. d.
113 Estalagem nos fundos de prédios do centro. Rio de Janeiro, s. d.
114 Vila Economisadora. São Paulo, 1914/1915.
115 Vila Economisadora. São Paulo, 1914/1915.
116 Plantas de uma quadra. Vila Economisadora. São Paulo, 1914/1915.
122 Edifício Esther, São Paulo. Planta do 10º andar.
123 Edifício Esther, São Paulo. Planta do 11º andar.
124 Ministério da Educação, Rio de Janeiro.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

As urbanidades planejadas de Tokyo

127 Vista aérea de Tokyo em 1850.
130 *Kasuga Grand Shrine*, Nara.
131 *Shimokamo Jinja*, Kyôto.
133 Mapa de Edo.
134 Vista de Surugachô, Edo.
136 Casa de chá do palácio Katsura, Kyôto.
137 *Minka* Okuda, Ôsaka.
139 Vista de Tokyo em 1902.
141 *Ichirondon, Ginza*, Tokyo, fins do século 19.
142 *Minka* Okuda. *Zashiki* com cozinha ao fundo.
143 Axonometria de uma *minka*.
144 *Minka* Okuda, área de trabalho do *doma*.
145 *Zashiki* de recepção de hóspedes com alcova *tokonoma*.
146 Vista externa de um depósito *kura*.
147 Templo Kinkaku-ji, antigo *yashiki*.
149 Axonometria de uma machiya da região de Nara, período Edo.
150 Desenho de *nagaya* de Edo.
151 *Nagaya* em Kyôto.
155 Cartaz publicitário da loja de departamentos Mitsukoshi, 1912.
158 Conjunto Dôjunkai, Aoyama, Tokyo, em 1930.
159 Conjunto Dôjunkai, Aoyama, Tokyo, em 1994.

Planeta, cidade, privado

167 Mapa-mundi, 1776.
168 Paravento francês com claras influências da arte japonesa. E. Vouillard, 1894.
169 Café londrino, meados do século 19.
172 Projeto urbano à moda norte-americana. Paris, 1910.
173 Le Corbusier, Cidade de Tres Milhões de Habitantes, 1922.
174 Os Doze Andares de Asakusa, Tokyo, 1893.
176 Edifício Santa Helena, São Paulo.
176 Edifício Martinelli, São Paulo.
178 Vista aérea do palácio Ninomaru, em Kyôto.
181 Farnsworth House, Mies Van Der Rohe, 1950.

HABITAR A CIDADE
Do final da Segunda Guerra aos anos 1990

A americanização das metrópoles e a banalização dos meios de comunicação à distância

189 Super-homem, anos 1950.
190 Cartaz publicitário do filme *Double Indemnity*.
191 Cartaz publicitário do filme *The postman always rings twice*.
193 Lucille Ball em cena do seriado *I love Lucy*.
196 Sala de jantar burguesa na França, em 1958.
201 Carro Citroën, anos 1950.
203 Geladeira, França, anos 1950.
205 Batedeira, França, anos 1950.
207 Televisor portátil, França, anos 1950.
209 Capa da revista Life, de 24 de dezembro de 1956.
211 Capa da revista Life, de 5 de janeiro de 1953.
220 Edifícios de habitação, Bronx, New York.
221 Edifícios de habitação *danchi*, Tokyo.
223 A cidade contemporânea, Archigram.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

224 *Walking City*, Archigram.
225 *Plug-in city*, Archigram.
226 Vista. Nakagin Capsule Tower, Tokyo.
226 Axonometria de uma cápsula. Nakagin Capsule Tower, Tokyo.

Paris é de todo mundo

233 Habitação, Paris.
237 Fachada industrializada em alumínio. Jean Prouvé.
239 Máquina de lavar roupas francesa, anos 1950.
241 Edifício de habitação, G. Candilis.
243 Sistema estrutural. Conjunto habitacional em Yerres Marelles.
244 Planta de andar 'em branco' em Montereau Surville.
252 Planta de apartamento F3 na allée du Bourdonnais. Paris, 1997.
253 Planta de apartamento F4 em Saint Placide. Paris, 1998.
255 Plantas de duplex em Némausus. Jean Nouvel, 1987.
256 *La bande active*, proposta de Yves Lion.
257 Possibilidades de plantas, HOSI. J. B. Lacoudre, 1987.
258 Plantas e vista apartamento flexível. Canale 3.

São Paulo em trincheiras

263 São Paulo, vista noturna.
265 Aeroporto Santos Dumont. A. Reidy, Rio de Janeiro.
266 Conjunto IAPI, Carlos Frederico Ferreira. Santo André, 1949. Planta de andar e vista geral.
267 Edifício Prudência, Rino Levi. São Paulo, 1944. Possibilidades de plantas.
268 Apartamento no conjunto Pedregulho, Rio de Janeiro. A. Reidy.
273 Plantas da casa flexível de Oswaldo Bratke.
274 Axonometria de apartamento Plano 100. São Paulo, 1998.
283 Cartaz publicitário de edifício em São Paulo, 1998.
287 Conjunto na favela Minas Gás reurbanizada.
287 Ruela na favela Autódromo reurbanizada.
288 Conjunto São Francisco setor 8. Co-opera-ativa de Arquitetos.
289 Possibilidades de agenciamento de flat residencial transformável em escritório. São paulo, 1998.
290 Cartaz publicitário de conjunto de edifícios para flats e escritórios.

Tokyo em fragmentos

295 Egg of winds, Toyo Ito. Tokyo, 1990.
296 Planta do apartamento 51-C. Yoshitake, 1951.
297 Edifícios de habitação *danchi*, Tokyo.
301 Casa urbana, Osaka.
303 Axonometria de um apartamento do tipo 2DK.
304 Planta e vista do apartamento 'Família Independente'. *Next 21 Experimental Bdg.*, Osaka, 1994.
305 Possibilidades de agenciamento de apartamento de Steven Holl, no Nexus World, em Fukuoka.
307 Cartaz publicitário de casas unifamiliares norte-americanas, 1949.
308 Vista de conjunto de habitação social, Kumamoto.
309 Balcões de apartamentos de habitação social, Kumamoto.

Edited with the trial version of
Foxit Advanced PDF Editor
To remove this notice, visit:
www.foxitsoftware.com/shopping

310 Planta de apartamento do conjunto de habitação social Hotakubo, Riken Yamamoto. Kumamoto, 1992.
311 Vista do conjunto de habitação social Hotakubo, Riken Yamamoto. Kumamoto, 1992.
312 *Vending machine* japonesa.
313 *Love hotel*, Osaka.
315 *Cushicle*, Archigram.

HABITAR O PLANETA
Hoje, modelo convencional, revisões

319 Nam June Paik, House II.
323 Bancada de cozinhar, apartamento *Teepee. Next 21 Experimental Bdg.*, Osaka.
328 Pic-nic de executivos em jardim público. Osaka, 1994.
333 Instalação video, Toyo Ito. Londres, 1991.
337 Cabine suspensa de dormir, *Y-house*, K. Sejima. Chiba.
342 Urinal público. Marville, 1873.
346 Espaço de banhos, *Party House. Next 21 Experimental Bdg.*, Osaka.
350 Estação de trabalho com realidade virtual.
355 Bancada de cozinhar e refeições, *Party House. Next 21 Experimental Bdg.*, Osaka.
358 Espelhos deslizantes no apartamento para esportistas. *Next 21 Experimental Bdg.*, Osaka.
362 *Oshiire* e *chigaidana*, armários e prateleiras tradicionais japoneses.

Conclusões

369 Nam June Paik, Nomad.